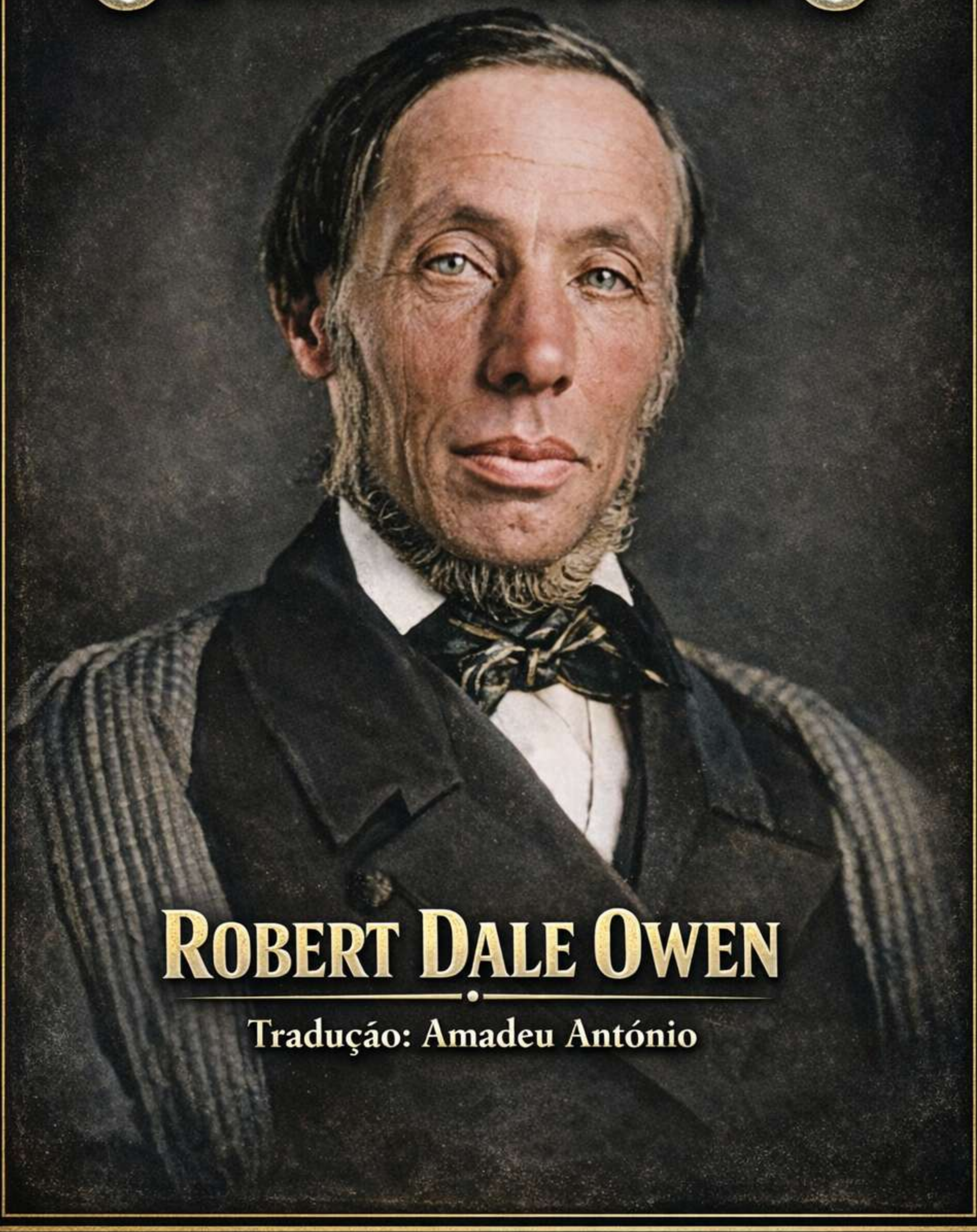
# PASSOS NO LIMIAR DE OUTRO MUNDO



ROBERT DALE OWEN

Tradução: Amadeu António

# PASSOS NO LIMIAR DE OUTRO MUNDO

COM ILUSTRAÇÕES NARRATIVAS

POR

ROBERT DALE OWEN 1860

ANTERIORMENTE MEMBRO DO CONGRESSO E MINISTRO AMERICANO EM NÁPOLES.

"Como é o método peculiar da Academia não interpor nenhum juízo pessoal, mas admitir aquelas opiniões que parecem mais prováveis, comparar argumentos, e expor tudo o que possa ser razoavelmente declarado em favor de cada proposição, e assim, sem impingir qualquer autoridade própria, deixar livre e sem preconceitos o juízo dos ouvintes, reteremos este costume que nos foi legado por Sócrates; e este método, caro irmão Quinto, se te agradar, adotaremos, tão frequentemente quanto possível, em todos os nossos diálogos comuns." — Cícero, *De Divin.* Lib. ii. §72.

## PREFÁCIO

Poderá interessar ao leitor, antes de perlustrar este volume, conhecer algumas das circunstâncias que o precederam e produziram.

Os assuntos de que trata chegaram originalmente ao meu conhecimento numa terra onde, exceto para o estrangeiro privilegiado, tais temas são interditados, — em Nápoles, no Outono de 1855. Até esse período, eu considerara tudo isto como uma desilusão que nenhum preconceito, de facto, me impediria de examinar com cuidado, mas na qual, carecendo de tal exame, não tinha fé alguma.

A um excelente amigo e antigo colega, o Visconde de Santo Amaro, Ministro Brasileiro em Nápoles, permanecerei para sempre devedor por ter conquistado pela primeira vez a minha séria atenção para fenómenos de carácter magneto-psicológico e para o estudo de temas análogos. Foi nos seus aposentos, a 4 de Março de 1856, e na presença dele e da sua senhora, juntamente com um membro da família real de Nápoles, que presenciei pela primeira vez, com sentimentos mistos de surpresa e incredulidade, certos movimentos físicos aparentemente sem agência material.

Três semanas mais tarde, durante uma noite em casa do Ministro Russo, ocorreu um incidente, como dizemos, fortuitamente, o qual, após o mais rigoroso escrutínio, me vi incapaz de explicar sem o referir a alguma agência inteligente

estranha aos espectadores presentes, — nenhum dos quais, pode acrescentar-se, conhecia ou praticara qualquer coisa ligada ao que se chama Espiritualismo ou mediunidade. A partir desse dia, determinei testar o assunto minuciosamente.

Os meus deveres públicos deixavam-me, no Inverno, poucas horas de lazer, mas muitas durante os meses de Verão e Outono: e esse lazer, ao longo de mais de dois anos, dediquei-o a uma investigação (conduzida em parte por observações pessoais feitas em privacidade doméstica, em parte por meio de livros) da grande questão de saber se agências de uma outra fase de existência alguma vez intervêm aqui, e operam, para o bem ou para o mal, sobre a humanidade.

Por um tempo, as observações que fiz foram semelhantes àquelas que durante os últimos dez anos tantos milhares instituíram no nosso país e na Europa, e a minha leitura restringiu-se a obras a favor e contra o Magnetismo Animal e a favor e contra a moderna teoria Espiritual. Mas, à medida que o campo se abria diante de mim, considerei conveniente alargar a minha esfera de pesquisa, — consultar as melhores obras profissionais sobre Fisiologia, especialmente na sua ligação com fenómenos mentais, sobre Psicologia em geral, sobre o Sono, sobre a Alucinação, sobre a Insanidade, sobre as grandes Epidemias Mentais da Europa e América, juntamente com tratados sobre os Imponderáveis, — incluindo as curiosas observações de Reichenbach e os registos de interessantes pesquisas recentemente feitas na Prússia, na Itália, na Inglaterra e noutros lugares, sobre o tema da Eletricidade Humana em ligação com a sua influência no sistema nervoso e nos tecidos musculares.

Colecionei, também, as mais notadas obras antigas contendo coleções narrativas de aparições, assombrações, pressentimentos e afins, acompanhadas de dissertações sobre o Mundo Invisível, e mourejei através de formidáveis pilhas de palha para alcançar algumas respigas de grão são.

Gradualmente, convenci-me de que o que por muitos tem sido considerado como fenómenos novos e sem exemplo são apenas fases modernas do que sempre existiu. E alcancei ultimamente a conclusão de que, para uma compreensão adequada de muito do que tem excitado e perplexo a mente pública sob o nome de Manifestações Espirituais, a pesquisa histórica deveria preceder qualquer outra investigação, — que deveríamos olhar através do passado para classes de fenómenos e procurar arranjar estes, cada um no seu nicho próprio.

Fiquei finalmente satisfeito, também, de que competia ao estudante neste campo (numa primeira instância, pelo menos) dedicar a sua atenção a fenómenos *espontâneos*, em vez de àqueles que são evocados, — a aparições e perturbações que se apresentam apenas ocasionalmente, é verdade, mas nem buscadas nem

esperadas; como o arco-íris, ou a Aurora Boreal, ou o vento que sopra onde quer, descontrolado pelos desejos ou pela agência do homem. Ao restringir a investigação a estes, toda a suspeita de ser induzido em erro por excitação epidémica ou atenção expectante é completamente afastada.

Um registo de tais fenómenos, cuidadosamente selecionado e autenticado, constitui o elemento principal do presente volume. Ao publicá-lo, não devo ser sujeito, tal como não o são o naturalista ou o astrónomo, à imputação de estar a adulterar coisas sagradas. No que diz respeito ao propósito especial desta obra, nenhuma acusação de esforços nigromânticos ou busca ilícita precisa de ser enfrentada, visto que não pode possivelmente aplicar-se. A acusação, se alguma for trazida, será de carácter diferente. Se incorrer em suspeita, não será de feitiçaria, mas de superstição, — de um esforço, talvez, para reviver desilusões populares que as luzes da ciência moderna há muito dissiparam, ou de me baixar a apresentar como graves relações de facto o que não passa de contos infantis vãos.

Aceitando esta questão, contento-me em submeter-me ao julgamento do país. Exijo um julgamento justo perante um júri que não tenha prejulgado a causa. Peço para as minhas testemunhas uma audição paciente, bem seguro de que o veredicto final, seja ele qual for, estará em conformidade com a razão e a justiça.

Não aspiro a construir uma teoria. Duvido, quanto a este assunto, se algum homem vivo está ainda preparado para o fazer. O meu esforço menos ambicioso é coligir pedras de construção sólidas e fidedignas que possam servir a algum futuro arquiteto. Já além da meia-idade, não é provável que continue aqui tempo suficiente para ver o edifício erguido. Mas outros poderão fazê-lo. A raça perdura, embora o indivíduo passe para outro estágio de existência.

Se eu não estimasse o meu assunto como sendo de vasta importância, seria indigno de abordar o seu tratamento. Tivesse eu encontrado outros escritores dedicando-lhe a atenção que essa importância merece, teria permanecido em silêncio. Sendo assim, senti, com um autor moderno, que "a retenção de grandes verdades perante o mundo pode ser uma traição da maior confiança".*

Sou consciente, por outro lado, de que se é sempre apto a sobrestimar a importância dos próprios trabalhos.

---

- *"Friends in Council", Art. Verdade.*

---

Contudo, mesmo um esforço como este pode bastar para dar à opinião pública uma direção verdadeira ou falsa. Grandes resultados são por vezes determinados por agências humildes. "Uma telha de cumeeira de uma cabana em Derbyshire", diz Gisborne, "decide se a chuva que cai do céu será dirigida para o Oceano Germânico ou para o Atlântico."

Permita-me o leitor, antes de entrar na investigação sobre se a interferência ultramundana é uma grande realidade ou uma desilusão portentosa, uma observação adicional. Verificará que, ao tratar essa hipótese, deixei muitas coisas obscuras e não interpretadas. Onde nenhuma teoria era claramente indicada, preferi declarar os factos e renunciar a toda a explicação, tendo atingido aquele período da vida em que, se bom uso se fez dos anos passados, não se tem vergonha de dizer "não sei", em qualquer caso em que essa seja a simples verdade. Fazemos bem, no entanto, em ter em mente que uma dificuldade não resolvida não equivale a um argumento em oposição.*

Aos muitos amigos cuja amabilidade auxiliou o meu empreendimento, estas páginas devem o seu principal valor. A alguns nela nomeados é-me possível aqui apresentar os meus agradecimentos gratos. A outros que assistiram em privado não estou menos profundamente devedor.

Não duvido que, se eu adiasse a publicação deste livro por alguns anos, encontraria muito a modificar, algo a retratar. Mas se, neste mundo, adiarmos o nosso trabalho até o considerarmos perfeito, a morte colhe-nos na nossa hesitação, e nada efetuamos, por uma ansiedade inútil de efetuar demasiado.

E. D. O.

---

• *"Onde não podemos responder a todas as objeções, somos obrigados, em razão e em candura, a adotar a hipótese que padece de menos." — "Elements of Logic" pelo Arcebispo Whateley.*

---

# ÍNDICE

LIVRO I PRELIMINAR

CAPÍTULO I

Exposição do Assunto Será a interferência ultramundana realidade ou desilusão? — A investigação prática, mas até agora desencorajada — O tempo, um elemento essencial — Isaac Taylor — Jung Stilling — Swedenborg — Magnetismo Animal — Opinião de Arago — Admissões do Dr. Carpenter — A epidemia americana — Fenómenos independentes de opiniões — Sentimento ligado à ação — O lar do outro lado — Hades — Opiniões de Johnson, Byron, Addison e Steele — Verdade em todos os estratos — O Clube dos Fantasmas — O desprezo não corrige — O Espiritualismo, um elemento influente — Perigos da credulidade excessiva — Manifestações demoníacas — A razão, o piloto designado — Dever de investigar — Como dispor dos fenómenos espontâneos? — Martin Korky — Coragem e imparcialidade exigidas — Uma tentação persistente — Crença ténue — Ceticismo — Conversão de Georget — Evidência dos sentidos — Algumas verdades apelam à consciência — Teste severo aplicado ao assunto selecionado.

CAPÍTULO II

O Impossível Colombo em Barcelona — O prodígio dos prodígios — Presunção — Poderão existir leis ainda não em operação — Estudo moderno dos imponderáveis — Admissões de Arago e Cuvier — O que pode ser.

CAPÍTULO III

O Miraculoso Milagres modernos rejeitados — Hume — O príncipe indiano — Definição de milagre — Leis portadoras de mudança — Ilustração a partir da máquina de calcular de Babbage — O que foi pode nem sempre ser — Um erro de duas fases — Alegados milagres — Convulsionários de St. Médard — Agência espiritual, se existir, não é miraculosa — Ideias de Butler e Tillotson sobre milagres.

CAPÍTULO IV

O Improvável Dois modos de buscar a verdade — Circulação do sangue — Aerólitos — O poeta Rogers e o matemático La Place — Improbabilidades antigas — Argumento quanto à concordância no testemunho — O amor pelo maravilhoso induz em erro — Casas assombradas — Os monges de Chantilly — Epidemias mentais da Europa — A modéstia angaria confiança — Um sucesso não é refutado por vinte falhas — Alucinação — Segunda vista — Diágoras em Samotrácia — Faraday sobre o movimento das mesas — Consequências de duvidar dos nossos sentidos — As probabilidades em conflito devem ser pesadas.

LIVRO II

RELATIVAMENTE A CERTAS FASES DO SONO

## CAPÍTULO I

O Sono em geral Um prodígio familiar — Um mundo inescrutável — Sono sem sonhos — Observação de Perquin — Dormirá a alma? — Uma observação pessoal — Fases do sono que têm muito em comum — Poderes adormecidos que ocasionalmente transcendem a vigília — Cabanis — Condorcet — Condillac — Gregory — Franklin — Parecer jurídico redigido durante o sono — Hipnotismo — Observações de Carpenter — Teoria de Darwin sobre a suspensão da volição — Fenómenos espirituais e mesméricos de natureza hipnótica — Como é suprido o reservatório nervoso? — A bateria cerebral, e como poderá possivelmente ser carregada — Uma hipótese.

## CAPÍTULO II

Os Sonhos Opiniões antigas — Sonhos e insanidade — Sonhos da porta de marfim — Credulidade fatal — Os sonhos podem ser sugeridos por causas ligeiras — Os sonhos podem ser intencionalmente sugeridos — Uma visão extática — O passado recordado em sonho — Sonhos que se verificam a si mesmos — O aprendiz de serralheiro — Como um editor de Paris obteve a sua esposa — Morte da filha de Sir Charles Lee — Calpúrnia — A partida de pesca — A história do Signor Romano — Sonhos indicando uma morte distante — O sonho de Macnish — Um naufrágio prefigurado — Sonhos envolvendo duplas coincidências — A aparição do amante em sonho — Influência enganadora de um incidente romântico — O sonho do Vereador Clay — O sonho de um caixa de Glasgow — Os Atrasos de Dízima — O mesmo erro pode resultar em ceticismo e em superstição — O sonho de William Howitt — O sonho de Mary Howitt — O assassinato perto de Wadebridge — Os dois ratos-do-campo — O assassinato de Percival visto em sonho — Os sonhos podem revelar eventos triviais — Um sonho que é a contrapartida de outro — O sonho de Joseph Wilkins — Um milagre sem motivo? — O caso de Mary Goffe — O Clube de Plymouth alarmado — Devemos dar-nos ao trabalho, se quisermos chegar à verdade — Uma explicação obscura — Representação da ação cerebral? — Presciência nos sonhos — O avô de Goethe — A visita vaticinada — A revolta indiana prefigurada — Bell e Stephenson — Assassinato por um negro evitado — Inferências deste caso — Sonhos registados na Escritura — Serão todos os sonhos pouco fiáveis?

# LIVRO III

# PERTURBAÇÕES POPULARMENTE DESIGNADAS COMO ASSOMBRAÇÕES

## CAPÍTULO I

Carácter Geral dos Fenómenos Nenhuma prova de um sobrenaturalismo berrante — Apresenta-se um elemento sobressaltante — Poltergeister — O que encontramos, não o que poderíamos esperar encontrar — Casas assombradas antigas.

## CAPÍTULO II

Narrativas Perturbações em Tedworth — Primeiro exemplo de resposta dos sons — Observações de Glanvil — Atestação do Sr. Mompesson — As perturbações dos Wesley — Narrativa de John Wesley — Narrativa de Emily Wesley e a sua experiência trinta e quatro anos mais tarde — Opiniões do Dr. Clarke, Dr. Priestley, Southey e Coleridge — O caso de New Havensack — A Sra. Golding e a sua criada — O Castelo de Slawensik — Perturbações na Silésia — Investigações do Dr. Kerner — Atestação do Conselheiro Hahn — Vinte e cinco anos depois — Perturbações na habitação da Vidente de Prevorst — Deslocação de vigas da casa — O processo judicial — Perturbações legalmente atestadas — A quinta de Baldarroch — Uma alegada descoberta — A credulidade da incredulidade — Narrativa de Spicer sobre uma perturbação de quatro anos — O cemitério de Ahrensburg — Efeitos produzidos em animais — Uma investigação oficial — O seu relatório — A casa paroquial de Cideville — Perturbações no norte de França — Depoimentos legais — Veredicto do tribunal — Provas adicionais — As pancadas de Rochester — Perturbações em Hydesville — Kate Fox — Alegações dos sons — Perturbações anteriores na mesma casa — Ossos humanos encontrados — Dois vendedores ambulantes desaparecem — Um reaparece — O outro não pode ser rastreado — As perturbações de Stratford.

## CAPÍTULO III

Resumo Carácter do testemunho — Fenómenos longamente continuados, e tais que não poderiam ser meras imaginações — Nenhuma expectativa para influenciar — Nenhum motivo para simulação — Para onde conduz o ultra-cepticismo — Terá Napoleão Bonaparte alguma vez existido?

# LIVRO IV

# DE APARIÇÕES COMUMMENTE CHAMADAS FANTASMAS

## CAPÍTULO I

Tocante à Alucinação Difícil determinar o que é alucinação — A imagem na retina — Opiniões de Burdach, Müller, Baillarger, Dechambre e De Boismont — Efeitos da imaginação — Exemplos de diferentes fases de alucinação — Ilusão e alucinação — Inexistência de alucinações coletivas — Experiências biológicas — Observações de Reichenbach — Casos excecionais de perceção — O surdo-mudo na minoria — Efeito da medicina nas perceções — Haverá evidência para a alucinação epidémica? — O argumento de De Gasparin — O fantasioso e o real.

## CAPÍTULO II

Aparições dos Vivos História de Jung Stilling — Aparição a um clérigo — Duas aparições do vivo no mesmo dia — O terror da noiva — Sugestão quanto às regras de evidência — O assistente do cirurgião de Glasgow — Visão e som — Aparição do vivo vista por mãe e filha — Seria isto alucinação? — A esposa do Dr. Donne — Aparição no mar — O resgate — Aparição do vivo no mar e o seu resultado prático — A mãe moribunda e o seu bebé — Carácter dos fenómenos precedentes até que ponto indicado — A excursão visionária — Por que uma professora primária livoniana perdeu o seu

posto — Aparição habitual de uma pessoa viva — Aparece a contrapartida onde os pensamentos ou afetos se encontram?

CAPÍTULO III

Aparições dos Mortos O corpo espiritual — Não poderá ele ocasionalmente mostrar-se? — Uma questão que não deve ser decidida por teóricos de gabinete — Oberlin — A sua crença quanto a aparições — Lourenço o Magnífico e o Improvisador — O Sr. Grose e o cardeal cético — O visitante de Anna Maria Porter — O corpo morto e o capote de bordo — Aparição na Índia — Teoria de um ateu examinada — A aparição do irmão à irmã — Aparição no momento da morte — O nobre e o seu criado — Aparição presenciada por dois observadores independentes — Louise — A aparição de Wynyard, com testemunho corroborativo — Aparição de um estranho — O fogão de ferro — Vislumbre de uma espécie de castigo futuro? — Encontrados os ossos da criança — Haverá arrependimento e progresso além do túmulo? — Opinião de um dos Padres Cristãos — A dívida de três xelins e dez dinheiros — Carácter humano pouco alterado pela mudança da morte? — As manchas de sangue — A vítima atraída para a terra? — O catorze de Novembro — Através de um (assim chamado) fantasma corrige-se uma imprecisão num certificado do Ministério da Guerra — O antigo solar de Kent — A família Children — Informação correta a respeito deles obtida através de uma aparição — O autor de Robinson Crusoé num dilema — Hades.

LIVRO V

INDICAÇÕES DE INTERFERÊNCIAS PESSOAIS

CAPÍTULO I. Retribuição As fúrias dos antigos não implacáveis — Exemplos modernos do que parece retribuição — A bela rapariga quarteirona — Poderão os sonhos encarnar desforras? — O que uma atriz francesa sofreu — Maquinações continuadas ao longo de dois anos e meio — Uma ameaça de morte aparentemente cumprida — O que um oficial inglês sofreu — Seria retribuição?

CAPÍTULO II. Tutela Como a vida do Senador Linn foi salva — Seria clarividência ou presciência? — Ajuda entre as tempestades de neve — Consolação inesperada — Gaspar — O pretendente rejeitado — Será a tutela espiritual uma hipótese ímpia ou incrível?

LIVRO VI

OS RESULTADOS SUGERIDOS

CAPÍTULO I

A Mudança na Morte Uma teoria não deve envolver resultados absurdos — De onde podem os mortos regressar? — Carácter apenas ligeiramente alterado na morte — A teoria espiritual envolve dois postulados — O Hades varrido juntamente com o purgatório — Como a questão se apresenta historicamente — O Hades grego — O Sheol judaico — O que acontece à alma imediatamente após a morte? — Uma metamorfose abrupta? — Um destino final ou um estado de progresso? — Como o carácter humano é formado aqui — Os postulados racionais — O que resultou de descartar o Hades — Efeito debilitante da distância — A perda de identidade — A conceção de duas vidas — O homem não pode simpatizar com aquilo para que não está preparado — Os virtuosos desejam e esperam razoavelmente outro estágio de ação — Instintos humanos demasiado pouco estudados — A natureza do homem e a sua situação — O Ideal — As proferições da voz vaticinadora — O homem permanece, após a morte, uma criatura humana — Passos — Uma influência mestra noutro mundo — Estamos a caminhar para uma terra de amor e verdade — O que a morte é — O que obtém os ritos de sepultura.

CAPÍTULO II

Conclusão Admissões exigidas pela razão — O mundo invisível e inaudível — Podemos esperar esboços em vez de preenchimento — A escolha do homem torna-se o seu juiz — Pneumatologia da Bíblia — Mais luz futuramente.

Apêndice — Nota A. Circular do Clube dos Fantasmas de Cambridge. Nota B. Testemunho: Visão adotada por dois opostos.

## LIVRO I

## PRELIMINAR

## CAPÍTULO I

## EXPOSIÇÃO DO ASSUNTO

*"Como sempre sustentei, mui grande vaidade poderá haver tanto em retirar e subtrair os conceitos dos homens (a menos que sejam de certa natureza) do mundo, como em impingi-los; assim, nestes particulares, fiz eu próprio o papel de Inquisidor, e nada encontro neles, segundo o meu entendimento, que seja*

*contrário ou infecioso para o estado da Religião ou dos costumes, mas antes, como suponho, medicinal." — Bacon: Dedicatória aos Ensaios, 1597.*

Numa era tão essencialmente utilitária como a presente, nenhuma investigação é suscetível de cativar a atenção permanente do público, a menos que seja de carácter prático. Mesmo então, se o curso de tal investigação conduzir ao exame de fenómenos extraordinários, verificar-se-á que a evidência mais direta, aparentemente suficiente para provar a realidade destes, deixará usualmente as mentes dos homens incrédulas, ou em dúvida, se as aparições forem de carácter isolado, desprovidas de precedente autêntico no passado, e incapazes de classificação, no nicho adequado, entre resultados análogos; muito mais, caso envolvam uma suspensão das leis da natureza.

Se nutro a esperança de conquistar o ouvido do público, enquanto abordo, ampla e francamente, a questão de saber se as interferências ocasionais de outro mundo neste são realidade ou desilusão, é, primeiro, porque me sinto confiante em poder mostrar que a investigação é de natureza prática; e, segundo, porque os fenómenos que pretendo examinar em ligação com ela não são de carácter isolado, e muito menos miraculoso. No sentido etimológico do termo, não são improváveis, encontrando-se muitos do seu género adequadamente atestados ao longo da história. Aparecem em grupos, e emprestam-se, como todos os outros fenómenos naturais, à classificação.

Extraordinários, até assombrosos, serão usualmente considerados; e isso, não tanto por serem realmente incomuns, mas porque têm sido, de certa forma, mantidos fora de vista. E isto, por sua vez, deriva, em parte, de poucos observadores desapaixonados os terem examinado pacientemente; em parte, porque o preconceito, que os desacredita, tem impedido milhares de pessoas a quem eles se apresentaram de prestarem testemunho público ou mesmo privado do que presenciaram; em parte, ainda, porque, embora estes fenómenos não sejam de modo algum de origem moderna, nem determinados por leis que operam apenas recentemente, parecem ter aumentado muito em frequência e variedade, e ter atingido um novo estágio de desenvolvimento, nos últimos anos; e, finalmente, porque são de molde a despertar prontamente em mentes fracas uma cega credulidade ou um terror supersticioso, fontes prolíficas de extravagância e exagero. Assim, os inteligentes ocultam-nos e os ignorantes relatam-nos erradamente. Esta condição de coisas complica o assunto e aumenta muito a dificuldade de o tratar.

Novamente: embora nenhum artigo da fé humana esteja melhor fundamentado do que a crença na prevalência final da verdade, contudo, em tudo o que se refere ao progresso terreno, o tempo entra como um elemento essencial.

O fruto não cai enquanto não amadurece: se picado por uma praga precoce ou colhido por mão prematura, é imperfeito e sem valor. E o mundo da mente, tal como o da natureza física, tem as suas estações: a sua Primavera, quando a seiva sobe e os gomos incham; o seu Verão, de flor e rebento abertos; o seu Outono, de grão amarelo. Não devemos esperar colher, em campo algum, até ao tempo da colheita.

Contudo, por mais graduais que sejam as inovações do tempo e o progresso correspondente da mente humana, existem certas épocas em que, por aquilo que a nossa curta visão chama de acaso, temas particulares saltam para o primeiro plano, por assim dizer, por um impulso súbito, atraindo a atenção geral, e predispondo assim as mentes dos homens a empenharem-se na sua investigação. Em tais épocas, palavras que noutras ocasiões cairiam ignoradas podem penetrar profundamente e dar bons frutos.

Raramente acontece, contudo, no primeiro surto de qualquer grande excitação, quando alguma estranha novidade parece irromper sobre o mundo, que as mentes dos homens, sejam de apoiantes ou de opositores, mantenham a devida moderação, tanto no assentimento como na negação. O ardor apressado do zelo recém-nascido, e o sentido, pronto para a ofensa quando atingido pela primeira vez, de um preconceito há muito dominante, indispõem igualmente à investigação calma, sendo igualmente desfavoráveis ao juízo crítico.

E assim, nos dias de hoje, talvez (quando o ruído da investida inicial amainou e a "voz mansa e delicada" pode ser ouvida), mais do que em qualquer período dos últimos dez anos, durante os quais o nosso país testemunhou a ascensão e o progresso do que se pode chamar um reavivamento da Pneumatologia, possa o assunto ser discutido com menos paixão e recebido com menor preconceito. E se um escritor, ao tratar dele nesta conjuntura, escapar a alguns desses escolhos nos quais investigadores anteriores naufragaram, poderá dever-se tanto a uma feliz seleção do momento, como a qualquer mérito especial ou discernimento superior.

Além disso, quanto à grande questão cujas probabilidades pretendo examinar, eventos recentes não só cativaram a atenção da audiência: também, de certa forma, abriram caminho para o orador. O rigor do tabu está relaxado. E isto era grandemente de desejar. Pois a investigação tocante à probabilidade de intervenção ultramundana — embora não se possa dizer que tenha sido perdida de vista em momento algum desde o alvorecer da civilização, embora a Escritura a afirme quanto a eras passadas, e embora, ao longo de tempos posteriores, frequentemente sob várias formas supersticiosas, tenha desafiado os terrores dos ignorantes — parecera, no último século, estar a perder gradualmente crédito e

estatuto respeitável, e estar condenada à exclusão da sociedade distinta ou dos círculos filosóficos. Homens capazes não cuidavam de arriscar uma reputação de senso comum ao imiscuírem-se de todo no assunto.

Com honrosas exceções, no entanto. De entre estas, não encontrei nenhuma tão original no pensamento, tão filosófica no espírito, como Isaac Taylor. Contudo, ele tratou, com mão de mestre, apenas um ramo do assunto — o analógico.*

Outra porção deste campo de pesquisa tem sido parcialmente ocupada, de tempos a tempos, por uma classe de escritores, frequentemente alemães, usualmente classificados como sonhadores supersticiosos; dos quais Jung Stilling, talvez, é um dos exemplos mais honestos.†

---

• *"Physical Theory of Another Life", pelo Autor da "Natural History of Enthusiasm", (Isaac Taylor,) 1 vol. 12mo, pp. 336. Londres, 1839.* † *"Theorie der Geisterkunde", ("Teoria do Espiritualismo", ou, literalmente, do Conhecimento dos Espíritos,) por Jung Stilling, originalmente publicada em 1809. Johann Heinrich Jung, mais conhecido pelo seu nome adjunto de Stilling, nascido no Ducado de Nassau em 1740, elevou-se da pobreza e da posição mais humilde até ser, primeiro, Professor de Economia Política em Heidelberg, e depois membro do Conselho Áulico do Grão-Duque de Baden.*

---

Pio, fervoroso, capaz, de uma probidade acima de suspeita, mas algo místico com tudo isto, o Conselheiro Áulico de Baden procurou provas das suas especulações em alegadas ocorrências reais (como aparições, assombrações de casas e afins), cujos registos adotou, e sobre os quais ergueu a sua teoria espiritual com uma facilidade de crença para a qual a evidência aparente parece, em muitos dos exemplos citados, ser garantia insuficiente. No nosso tempo, outros têm prosseguido uma linha de argumento semelhante; num caso, pelo menos, se dezasseis edições em seis anos podem atestar o facto, atraindo a simpatia do público.*

*Jacob Boehme é por alguns exaltado ao mais alto posto entre os pneumatologistas; mas confesso a incapacidade de descobrir muito que seja prático, ou mesmo inteligível, nas efusões místicas do digno sapateiro de Görlitz. A falha, porém, poderá estar em mim próprio; pois, como alguém disse, "é sempre o místico quem vive no mundo mais afastado do nosso." Swedenborg, o grande espiritualista do século dezoito, é um escritor quanto cujas volumosas obras seria presunçoso oferecer uma opinião sem um estudo cuidadoso das*

*mesmas; e a isso ainda não me foi possível dedicar-me. Isto, contudo, pode-se afirmar com segurança — que qualquer que seja o juízo que possamos emitir sobre o que o vidente sueco chama a sua experiência espiritual, e por menos que possamos estar preparados para subscrever as reivindicações exclusivas insensatamente estabelecidas para ele por alguns dos seus discípulos, um espírito e poder eminentes falam dos seus escritos, os quais, mesmo num olhar superficial, devem deter a atenção de quem tenha a mente reta.*

*A sua ideia de Graus e Progressão, estendendo-se da terra ao céu; a sua doutrina dos Usos, igualmente afastada do sonho ascético e do Utilitarismo no seu sentido duro e moderno; a sua alegação de Influxo, ou, por outras palavras, de influência constante exercida do mundo espiritual sobre o material; até a sua estranha teoria das Correspondências; mas, por último e principalmente, a sua brilhante apreciação desse princípio de Amor que é o cumprimento da Lei; estas e outras características afins do sistema swedenborguiano são de importância demasiado profunda e genuína para serem passadas de leve.*

*Para não reivindicar para elas mais nada, são pelo menos maravilhosamente sugestivas, e portanto altamente valiosas. Quanto ao resto, pode-se apreciar Swedenborg fora do Swedenborguianismo. "Para nós próprios", disse Margaret Fuller, "não é como um vidente de Fantasmas, mas como um vidente de Verdades, que Swedenborg nos interessa."*

---

• *"Night Side of Nature", por Catherine Crowe, Londres, 1 vol. 12mo, pp. 602. A obra, originalmente publicada em 1848, atingiu o seu décimo sexto milhar em 1854. Em comum com as coleções narrativas mais antigas de Glanvil, Mather, Baxter, Beaumont, Sinclair, De Foe e outros de estampa semelhante, é passível da mesma crítica que a de Stilling; contudo, qualquer pessoa que se sinta disposta a lançar o volume para o lado como um mero e vão inventar de histórias de fantasmas, faria bem primeiro em ler a sua Introdução, e o seu Décimo Capítulo sobre "o futuro que nos espera".* Um volume recente da mesma autora ("Ghosts and Family Legends", 1859) não faz pretensão de autenticidade, nem de qualquer propósito mais elevado do que ajudar a passar uma noite de Inverno.*

• *Feita ao Rei de França, a 11 de Agosto de 1784. Foi assinada, entre outros membros da comissão, por Franklin e Lavoisier. Deve-se ter*

*especialmente em mente que, enquanto os comissários, nesse relatório, falam em termos fortes contra o magnetismo de 1784, com os seus baquets, os seus crimes e as suas convulsões, — contra a teoria de Mesmer, também, de um fluido universal com fluxo e refluxo, o meio de influência dos corpos celestes no sistema humano, e um agente curativo universal, — eles não expressam opinião alguma, favorável ou desfavorável, em relação ao sonambulismo propriamente dito.*

*É usualmente admitido que o sonambulismo, com os seus fenómenos acompanhantes, na forma agora conhecida por nós, foi observado, pela primeira vez, pelo Marquês de Puységur, na sua propriedade de Buzancy, perto de Soissons, a 4 de Março de 1784; mas Puységur tornou públicas as suas observações apenas no final desse ano, quatro meses após o relatório dos comissários ter sido feito. Bailly e os seus associados, doutos e cândidos como eram, não devem ser citados como condenando aquilo que nunca tinham visto nem ouvido falar. Disto Arago, um homem que se elevou acima dos preconceitos comuns dos seus associados, honestamente testemunha. Traduzo da sua nota sobre a vida e carreira do desafortunado Bailly, publicada no "Annuaire du Bureau des Longitudes" para 1853. "O relatório de Bailly", diz ele, "derrubou dos seus alicerces as ideias, o sistema, a prática de Mesmer e dos seus discípulos: acrescentemos, com toda a sinceridade, que não temos o direito de evocar a sua autoridade contra o sonambulismo moderno. A maioria dos fenómenos agora agrupados sob esse nome não eram conhecidos nem anunciados em 1783. Um magnetizador diz sem dúvida uma das coisas menos prováveis do mundo, quando nos conta que tal indivíduo, num estado de sonambulismo, pode ver tudo em perfeita escuridão, ou ler através de uma parede, ou mesmo sem o auxílio dos olhos.*

- *Mas a improbabilidade de tais afirmações não resulta do célebre relatório. Bailly não nota tais prodígios, quer para os afirmar quer para os negar. O naturalista, o médico, ou o mero investigador curioso, que se empenha em experiências sonambúlicas, que considera seu dever inquirir se, em certos estados de excitação nervosa, os indivíduos são realmente dotados de faculdades extraordinárias, — aquela, por exemplo, de ler através do epigástrio ou do calcanhar, — que deseja averiguar positivamente até que ponto os fenómenos anunciados com tanta segurança pelos magnetizadores modernos pertencem apenas ao domínio do velhaco ou do prestidigitador, — todos esses investigadores, dizemos, não estão neste caso a correr contra um juízo proferido; não se estão realmente a opor a um Lavoisier, a um Franklin, a um Bailly. Estão a entrar num mundo inteiramente novo, cuja própria existência estes ilustres sábios não suspeitavam." — (pp. 444-445.)*

** Um pouco mais adiante, no mesmo artigo, Arago acrescenta: "O meu objeto foi mostrar que o sonambulismo não deve ser rejeitado a priori, especialmente por aqueles que se mantiveram a par do progresso da ciência física moderna." E, em repreensão dessa presunção que tantas vezes nega sem examinar, cita estes excelentes versos, que, diz ele, os verdadeiramente instruídos devem ter constantemente em mente: — "Croire tout découvert est une erreur profonde; C'est prendre l'horizon pour les bornes du monde."*

---

Pode conceder-se, contudo, que estas narrativas têm sido comummente lidas antes para entreter uma hora ociosa do que para propósito mais grave. Têm frequentemente excitado espanto, raramente produzido convicção. Mas isto, a meu ver, deve-se, não à insuficiência real neste campo, mas antes, primeiro, a uma maneira pouco filosófica de apresentar o assunto — um falar de prodígios e milagres, quando se tratava apenas de fenómenos naturais, ainda que ultramundanos; e, segundo, a uma mistura indiscriminada do fiável com o apócrifo, à falta de juízo na seleção e de indústria na verificação. Não me escusei a colher livremente deste departamento; procurando, contudo, separar o trigo da palha, e contente, ao fazê-lo, mesmo que o material disponível que reste se tenha reduzido a dimensões algo exíguas.

Essencialmente ligados a esta investigação, e a serem estudados por todos os que nela se empenham, estão os fenómenos abrangidos no que se costuma chamar Magnetismo Animal. Mostrando-se pela primeira vez em França, há três quartos de século, o seu progresso detido logo no início, quando as suas reivindicações eram vagas e os seus principais fenómenos ainda não observados, pelo célebre relatório de Bailly,* caindo frequentemente nas mãos de observadores destreinados e superficiais, por vezes de charlatães consumados, as suas pretensões extravagantemente declaradas por uns e arrogantemente negadas por outros, o Magnetismo Animal conquistou o seu caminho através dos erros dos seus amigos e das denúncias dos seus inimigos, e (o que é ainda mais difícil de combater) através de frequentes mistificações por impostores e ocasional abuso grosseiro dos seus poderes, até à atenção e às pesquisas de homens de inquestionável talento e prestígio — entre eles, eminentes membros da profissão médica — e obteve por fim um lugar modesto até em tratados acreditados e populares sobre ciência fisiológica.*

As alegadas provas e argumentos analógicos acima aludidos em favor do intercurso ultramundano, juntamente com tal corroboração como os fenómenos do sonambulismo proporcionam, foram todos dados ao mundo antes do tempo em que, na obscura aldeia de Hydesville, uma rapariga,† respondendo às

persistentes pancadas que durante várias noites tinham quebrado o descanso da sua mãe e irmãs, deparou com a descoberta de que estes sons pareciam exibir características de inteligência.

---

• *Um exemplo pode ser encontrado em "Principles of Human Physiology", por William B. Carpenter, M.D., F.R.S. e F.G.S., 5.ª edição, Londres, 1855, § 696, (nas páginas 647 et seq.,) sob o título "Mesmerism". O Dr. Carpenter desacredita os fenómenos mais elevados da Clarividência, mas admite: 1.º Um estado de completa insensibilidade, durante o qual operações cirúrgicas severas podem ser realizadas sem a consciência do paciente. 2.º Sonambulismo artificial, com manifestação do poder comum da mente, mas sem recordação, no estado de vigília, do que se passou. 3.º Exaltação dos sentidos durante tal sonambulismo, de modo que o sonâmbulo percebe o que na sua condição natural não poderia. 4.º Ação, durante tal sonambulismo, no aparelho muscular, de modo a produzir, por exemplo, catalepsia artificial; e, 5.º Talvez efeitos curativos. O Dr. Carpenter diz que a sua mente está decidida quanto à realidade destes fenómenos, e que "não vê por que qualquer descrédito deva ser-lhes atribuído", (Nota à página 649.) O carácter e prestígio das numerosas obras deste cavalheiro sobre fisiologia e ciência médica são demasiado conhecidos para necessitarem de aval. † Kate, filha mais nova do Sr. e Sra. John D. Fox, e então com nove anos de idade. Foi na noite de 31 de Março de 1848. Isto foi, no entanto, como se verá na sequência, de modo algum a primeira vez que se fizera a observação de que sons semelhantes mostravam aparência de inteligência. Para os particulares da história de Hydesville, ver a última narrativa no Livro III.*

---

A partir desse dia, uma nova e importante fase ofereceu-se à atenção do estudante em pneumatologia, e com ela um novo dever; o de determinar o verdadeiro carácter do que por vezes se designa como a Epidemia Americana; mais maravilhosa nas suas manifestações, de alcance muito mais vasto, do que qualquer uma das epidemias mentais, maravilhosas nos seus fenómenos como algumas delas têm sido, registadas por médicos e psicólogos da Europa continental.

A partir desse dia, também, emergiu gradualmente para a ribalta um novo departamento na ciência da alma — o positivo e experimental. Até agora, o maior número das obras acreditadas sobre psicologia ou pneumatologia fora composto exclusivamente de especulações extraídas ou da analogia ou da história, sagrada ou profana — fontes eminentes, mas não as únicas. Nenhuma

obra desse tipo deve agora ser considerada completa sem um exame de fenómenos, bem como uma citação de autoridades. E assim, embora uma porção do presente volume consista em recordações históricas, visto que os prodígios do presente raramente podem ser devidamente julgados sem o auxílio do passado, outra e maior porção abrange narrativas de data moderna, fenómenos de ocorrência comparativamente recente, cuja evidência foi coligida com o mesmo cuidado com que um membro da profissão jurídica costuma examinar as suas testemunhas e preparar o seu caso para julgamento.

Ao perlustrar uma obra deste carácter, o leitor fará bem em ter em mente que os fenómenos existem independentemente de todas as opiniões tocantes à sua natureza ou origem. Um facto não deve ser menosprezado ou desacreditado porque uma falsa teoria possa ter sido apresentada para o explicar. Ele tem a sua importância, se for de todo importante, independentemente de todas as teorias.

E se se alegasse, quanto a esta classe de factos, que eles não têm importância intrínseca, a resposta é, primeiro, que embora a presente era, como logo à partida admiti, seja utilitária — embora procure o positivo e se prenda ao prático — contudo o positivo e o prático podem ser entendidos num sentido falsamente restritivo. O homem não vive apenas de pão. Vive para desenvolver e para melhorar, tanto quanto para existir. E desenvolvimento e melhoria são coisas tão reais como a própria existência.

Aquilo que traz à nossa consciência ideias nobres, prazer refinado, aquilo que dá bons frutos na mente, mesmo que não o percebamos com os nossos olhos nem lhe toquemos com as nossas mãos, é algo mais do que um sonho vão. A poesia da vida é mais do que uma metáfora. O sentimento está ligado à ação. Nem o mundo, com todo o seu duro materialismo, está morto para estas verdades. Existe um canto, mesmo nas nossas almas de labor quotidiano, onde o ideal espreita, e de onde pode ser chamado, para se tornar, não uma mera fantasia estéril, mas o progenitor prolífico do progresso. E de tempos a tempos é assim chamado, para enobrecer e elevar. Não é apenas o entusiasta quem aspira. O que é a civilização senão uma realização de aspirações humanas?

Contudo, não baseio a questão aqui, em generalidades. Quando me dizem que estudos como os que formam a base desta obra são apenas curiosos, e de carácter especulativo, não levando a nada de valor sólido, e sendo portanto indignos de cativar a atenção séria de um mundo de negócios, a minha resposta adicional é que tal alegação é um virtual dar por provado o que se quer provar na própria questão que neste volume pretendo discutir. É um assumir da negativa antecipadamente; é dar por assente que os fenómenos em questão não podem possivelmente estabelecer a realidade da interferência ultramundana.

Pois, se assim for, há de ser um homem temerário ou imprudente aquele que perguntará: "Para que serve isto?" Este não é o nosso lugar de permanência; e embora, durante o nosso usufruto de sessenta ou setenta anos, nos compita incumbir as nossas melhores energias à causa do melhoramento e da felicidade terrena, — embora seja nosso dever imperioso, enquanto aqui, zelar, em certa medida, pelo bem-estar mundano de todos, mais especialmente pelas necessidades e confortos do nosso próprio lar doméstico, e embora, como trabalhadores humanos, a maior parte dos nossos pensamentos e tempo deva ser, ou devesse ser, assim empregada, — contudo, se a nossa morada permanente deve em breve ser estabelecida noutro lugar; se, à medida que os anos passam, os nossos afetos se escapam para lá antes de nós; se o círculo familiar, dissolvendo-se gradualmente aqui, deve ser reconstituído, fresco e duradouro, noutras regiões,* consideraremos matéria de mera curiosidade ociosa, fantástica e indiferente, averiguar se, em boa verdade, uma intimação desse lar futuro é alguma vez permitida chegar até nós, aqui na nossa peregrinação, antes de partirmos?

Não podemos resolver sumariamente esta questão, como alguns pretendem fazer, através de um argumento *a priori* contra a possibilidade do intercurso humano com os habitantes de outro mundo. Especialmente o Cristão Bíblico está impedido de empregar qualquer argumento desse género.

---

• *"Começamos a vida como uma companhia intacta: irmãos e irmãs, amigos e amantes, vizinhos e camaradas, estão connosco: há círculo dentro de círculo, e cada um de nós está no centro encantado, onde os afetos do coração ardem e de onde irradiam para a sociedade. A juventude é exuberante de alegria e esperança; a terra parece bela, pois cintila molhada com os orvalhos de Maio, e nenhuma sombra caiu sobre ela. Estamos todos aqui, e poderíamos viver aqui para sempre. O centro do lar está no lado de cá do rio; e por que haveríamos de forçar os olhos para olhar além? Mas este estado de coisas não dura muito. O nosso círculo torna-se cada vez menor. É quebrado e reatado, e depois fechado novamente; mas cada quebra e fecho torna-o mais estreito e pequeno. Talvez antes de o sol estar no seu meridiano a maioria esteja no outro lado; o círculo ali é tão grande como o de cá; e somos atraídos em sentido contrário e vibramos entre os dois. Um pouco mais, e quase todos atravessaram; a balança assenta no lado espiritual, e o centro do lar é removido para a esfera superior. Por fim, não se vê nada senão um peregrino idoso parado sozinho na margem do rio e olhando ansiosamente para o país do outro lado." — "Foregleams of Immortality", por Edmund H. Sears, 4.ª ed., Boston, 1858: cap. xvi., "Home", p. 136.*

Aquilo que foi, pode ser.* As Escrituras ensinam que tal intercurso existiu em dias remotos; e em parte alguma declaram que ele cessaria doravante para sempre.

E quando, antecipadamente a qualquer exame cuidadoso desta questão, decidimos que, no nosso dia pelo menos, nenhuma intervenção desse tipo é possível, seria bom que considerássemos se o nosso Saduceísmo não vai mais longe do que pensamos; se, sem a nossa consciência talvez, ele não atinge algo mais profundo do que a mera descrença em agências espirituais modernas. Olhemos por nós para que, ao descartarmos levianamente o que é moda considerar superstição, não estejamos virtualmente a desautorizar também um essencial da fé.† A existência presente de outro mundo chega-nos como uma verdade viva? Acreditamos verdadeiramente que seres de outra esfera estão ao nosso redor, vigiando, cuidando, amando?

---

• *"Por que não vêm espíritos dos reinos da glória, / Visitar a terra, como nos dias de antanho, — / Os tempos da escrita antiga e da história sagrada? / Estará o céu mais distante? Ou terá a terra arrefecido? . . . / "Foi aos ares de Belém que deram o seu último hino / Quando outras estrelas perante a Única se desvaneceram? / Foi a sua última presença conhecida na prisão de Pedro, / Ou onde mártires exultantes ergueram o hino?" — Julia Wallice.*

*† *Donde extraem raciocinadores tão hábeis como o Dr. Strauss as suas armas mais eficazes no assalto à fé existente? Da moda moderna de negar toda a intrusão ultramundana. Aquilo que rejeitamos como incrível se alegado ter acontecido hoje, por que processo se torna credível ao ser recuado dois mil anos no passado? "A totalidade das coisas finitas", diz Strauss, "forma um vasto círculo que, exceto pelo facto de dever a sua existência e leis a um poder superior, não sofre intrusão do exterior. Esta convicção é de tal modo um hábito de pensamento com o mundo moderno que, na vida real, a crença numa manifestação sobrenatural, uma agência divina imediata, é de pronto atribuída à ignorância ou à impostura." — "Life of Jesus", vol. i. p. 71.*

---

É com os nossos corações, ou apenas com os nossos lábios, que assentimos, se é que de facto assentimos,* à doutrina contida nos versos de Milton? —

*"Milhões de criaturas espirituais caminham sobre a terra, / Invisíveis, tanto quando acordamos como quando dormimos."*

Se tudo isto for para nós mais do que um mero som vão, com que aparência de razão podemos dar por assente, como um ponto resolvido previamente a toda a discussão sobre o mesmo, que o intercurso com outro mundo já não nos é concedido neste?

Todo o raciocínio *a priori*, se a ele se recorrer de todo, depõe a favor de tal intervenção. Um dos mais fortes argumentos naturais em prova da imortalidade da alma tem sido sempre considerado a universalidade da crença do homem numa vida futura; um sentimento tão comum a todas as eras e nações que pode reivindicar o carácter de um instinto.† Mas a crença na aparição ocasional, ou influência nos assuntos humanos, de espíritos desencarnados,* é escassamente menos geral ou menos instintiva; embora se deva admitir que na Idade das Trevas ela degenerou comummente em demonologia.‡

---

• *"Os homens estiveram sempre familiarizados com a ideia de que o espírito não descansa com o corpo na sepultura, mas passa de imediato para novas condições de ser. A opinião ganhou aderência, e disputa o terreno com a mais material de que ele repousa em sono com o corpo para aguardar um dia comum de despertar e juízo; e tão confusas são as impressões comuns sobre o assunto que se pode ouvir um clérigo, no seu sermão fúnebre, dar deliberadamente expressão a ambas num só discurso, dizendo-vos, no mesmo fôlego, que a senhora falecida recentemente é uma habitante paciente do túmulo e um membro da companhia angélica. Mas a ideia de vida ininterrupta tem um domínio tão forte sobre os afetos, que não suportam a ideia da extinção sequer temporária daquilo a que se apegam, que tem a aderência instintiva de quase toda a gente que sentiu profundamente e esteve face a face com a morte." — (London) National Review de Julho de 1858, p. 32. A questão de um estado de existência mediato começando no momento da morte, o Hades tanto dos antigos como do cristianismo primitivo, será tocada mais adiante neste volume. Há quem admita a realidade objetiva das aparições, contudo, negando a existência de qualquer estado mediato após a morte, adote a teoria de que são anjos de uma ordem inferior criados como tal que, para bons propósitos, ocasionalmente personificam pessoas falecidas, e que os que partiram nunca regressam. Esta é a hipótese de De Foe, e é habilmente defendida por ele na sua "Universal History of Apparitions", Londres, 1727. A questão ampla é se "criaturas espirituais", sejam elas anjos ou almas que partiram, estão presentes ao nosso redor.*

† *O melhor argumento analógico que me recordo de ter encontrado a favor da imortalidade da alma está contido na obra de Isaac Taylor já referida, a "Physical Theory of Another Life", às pp. 64 a 69. Este argumento da analogia*

*deve, creio, ser considerado muito mais forte do que a lógica abstrata pela qual os filósofos antigos procuraram estabelecer a verdade em questão. Quando Cícero, seguindo Sócrates e Platão, diz da alma, "Nee discerpi, nee distrahi potest, nee igitur interire", a ingenuidade do raciocínio é mais aparente do que a sua conclusão.*

• *Desencarnados, desligados deste corpo natural; não sem corpo; pois de modo algum impugno a hipótese de um corpo espiritual. — 1 Cor. xv. 44.*

‡ *"Negar a possibilidade, ou antes, a existência real de bruxaria e feitiçaria, é de pronto contradizer categoricamente a palavra revelada de Deus, em várias passagens tanto do Antigo como do Novo Testamento; e a coisa em si é uma verdade à qual cada nação do mundo prestou, por sua vez, testemunho, quer por exemplos aparentemente bem atestados, quer por leis proibitivas, que pelo menos supõem a possibilidade de comércio com espíritos malignos." — Blackstone's Commentaries, b. 4, c. 4, § 6. Aduzo o que precede de fonte tão distinta por conta do seu alcance sobre a universalidade da crença do homem no intercurso ultramundano, e para refutar uma presunção contra esse intercurso, agora em voga; não como prova da realidade de tal intercurso.*

‡ *Poderá não ser descabido aqui lembrar ao leitor que por homens como Johnson e Byron a crença universal do homem no intercurso com os espíritos dos que partiram era considerada como prova provável da sua realidade ocasional. Recordar-se-á que o primeiro, no seu "Rasselas", põe na boca do sábio Imlac este sentimento: — "Que os mortos não são vistos mais não me comprometerei a sustentar contra o testemunho concordante de todas as eras e todas as nações. Não há povo, rude ou inculto, entre o qual aparições dos mortos não sejam relatadas e acreditadas.*

*Esta opinião, que prevalece tanto quanto a natureza humana está difundida, só poderia tornar-se universal pela sua verdade: aqueles que nunca ouviram falar uns dos outros não teriam concordado numa narrativa que nada senão a experiência poderia tornar credível. O facto de ser duvidado por caviladores isolados muito pouco pode enfraquecer a evidência geral; e alguns que o negam com as suas línguas confessam-no com os seus medos." A esta passagem Byron alude no seguinte: — "Apenas pretendo dizer o que Johnson disse, / Que, no decurso de cerca de seis mil anos, / Todas as nações acreditaram que dos mortos / Um visitante em intervalos aparece. / E o que é mais estranho sobre este estranho ponto, / É que, qualquer que seja a barreira que a razão erga / Contra tal crença, há algo mais forte ainda / Em seu favor, neguem-no aqueles que quiserem."*

*A opinião de Addison sobre o mesmo assunto é bem conhecida. Está contida num dos números de The Spectator apurados como sendo da sua autoria, — nomeadamente, o N.º 110, publicado na sexta-feira, 6 de Julho de 1711, — e é nestas palavras: — "Considero uma pessoa que é assim aterrorizada com a imaginação de fantasmas e espectros muito mais razoável do que uma que, contrariamente aos relatos de todos os historiadores, sagrados e profanos, antigos e modernos, e às tradições de todas as nações, considera a aparição de espíritos fabulosa e sem fundamento. Não pudesse eu entregar-me a este testemunho geral da humanidade, entregar-me-ia aos relatos de pessoas particulares que agora vivem, e das quais não posso desconfiar noutras matérias de facto." Outro distinto colaborador de The Spectator parece ter partilhado a mesma opinião. O autor de "A Treatise on Second-Sight, Dreams, and Apparitions", um clérigo das Terras Altas, creio eu, chamado Macleod, mas escrevendo sob a assinatura de Theophilus Insulanus, diz: — "O que me fez inquirir mais estreitamente sobre o assunto, foi em consequência de uma conversa que tive com Sir Richard Steele, que me incumbiu de procurar instâncias do mesmo bem atestadas." — Treatise on Second-Sight, &c., Edimburgo, 1763, p. 97.*

---

O princípio, contudo, poderá ser verdadeiro e a forma errónea; uma contingência de recorrência constante ao longo da história da mente humana, como quando a religião, por exemplo, assumiu e manteve durante eras a forma pagã.

A matéria em questão deve, então, ser agarrada mais de perto. Não temos o direito de a considerar como uma questão encerrada, de a rejeitar bruscamente como envolvendo pressupostos incrédulos, ou de a dispensar com conclusões precipitadas sob termos de negação geral.‡ Não é lógico nem decoroso que os homens decidam, antecipadamente à investigação, que é contrário à economia divina que haja interferência ultramundana. É nossa tarefa examinar as obras do Criador, e daí, se for necessário, derivar conclusões quanto às Suas intenções. É nossa província procurar e estabelecer factos, e depois construir sobre eles —; não erguer na areia do preconceito teorias arriscadas da nossa autoria, que a Ciência, na sua marcha progressiva, poderá assaltar e derrubar, tal como fez o sistema de Galileu com a teologia dos inquisidores romanos.*

Tão pouco defensável é, caso nos calhe na busca das suas provas deparar com o testemunho dos humildes e dos iletrados, que recusemos audiência a qualquer facto bem atestado porque possamos não considerar a sua origem suficientemente respeitável. Podemos aprender com todas as classes.

Encontraremos a verdade em todos os estratos. Coisas que escapam aos reputados sábios e prudentes podem ser percebidas por aqueles que em conhecimento técnico não passam de crianças em comparação. A mera aprendizagem nem sempre ilumina: poderá apenas distorcer e obscurecer.

---

• *Taylor tem uma passagem sobre este assunto bem merecedora da nossa atenção. Falando da crença em "interferências ocasionais dos mortos com os vivos", a qual, diz ele, "não deve ser sumariamente dispensada como uma mera loucura do vulgo", acrescenta: — "Ao considerar questões desta sorte, não devemos escutar, por um momento, aquelas frequentes mas impertinentes perguntas que são trazidas a público com vista a suplantar a investigação; tais como, por exemplo, estas: — 'Que bem é servido pelas alegadas ocorrências extra-naturais?' ou, 'Será digno da Sabedoria Suprema permiti-las?' e assim por diante. A questão é uma questão, primeiro, de testemunho, a ser julgada segundo os princípios estabelecidos da evidência, e depois de fisiologia; mas nem de teologia nem de moral. Alguns seres humanos costumam caminhar durante o sono; e durante a continuidade de um sono profundo desempenham, com precisão e segurança, os ofícios da vida comum, e regressam às suas camas, contudo, estão totalmente inconscientes quando acordam do que fizeram.*

• *Ora, ao considerar esta ou qualquer outra classe extraordinária de factos, a nossa tarefa é, em primeiro lugar, obter um número de instâncias apoiadas pelo testemunho distinto e inatacável de testemunhas inteligentes; e depois, estando assim na posse dos factos, ajustá-los, tão bem quanto pudermos, a outras partes da nossa filosofia da natureza humana. Permitiremos que um objetor ponha um travão à nossa curiosidade científica sobre o assunto, por exemplo, do sonambulismo, dizendo: 'Dezenas destes relatos revelaram-se exagerados ou totalmente falsos', ou: 'Este caminhar durante o sono não deve ser pensado como possível, ou como provável de ser permitido pelo Benevolente Guardião do bem-estar humano'?" — "Physical Theory of Another Life", p. 27.*

---

É um astuto toque de sátira, frequentemente aplicável na vida prática, aquele que Goethe põe na boca daquele da Mão de Ferro, o robusto "Götz de Berlichingen". Quando o seu filhinho, após repetir a sua lição bem decorada de geografia sobre a aldeia e o castelo de Jaxthausen — o solar da família Berlichingen, nas margens do rio Jaxt —, não pôde responder à pergunta do seu progenitor sobre de que castelo estava a falar, o velho guerreiro exclama: "Pobre criança! ele não conhece, de tanto aprender, a casa do seu próprio pai!"

A maioria dos homens instruídos põe de lado, com pouco pensamento ou escrúpulo, todas as histórias de casas assombradas, todas as narrativas de aparições, todas as alegações tocantes a sonhos proféticos ou de clarividência, e pretensões semelhantes, como os rebentos ignóbeis da superstição vulgar. Contudo, tem havido ultimamente uma reação nesta matéria. Aqui e ali deparamos com indicações disso.

É do meu conhecimento que, há poucos anos, numa das principais universidades inglesas, se formou uma sociedade composta por alguns dos seus mais distintos membros, com o propósito de instituir, como expressa a sua circular impressa, "uma investigação séria e fervorosa sobre a natureza dos fenómenos que são vagamente chamados sobrenaturais". Sujeitaram estes a uma classificação cuidadosa, e apelaram aos seus amigos fora da sociedade para que os ajudassem a formar uma coleção extensa de casos autenticados, tanto de sonhos notáveis como de aparições, quer de pessoas vivas quer de falecidas; o uso a ser feito destes seria um assunto para consideração futura.*

Deve conceder-se, contudo, que exemplos como estes, significativos embora sejam, não passam de exceções.

---

• *A sociedade referida foi formada na última parte do ano de 1851, em Cambridge, por certos membros da Universidade, alguns deles agora à frente de instituições bem conhecidas, a maioria deles clérigos e fellows do Trinity College, e quase todos eles homens que se graduaram com as mais altas honras. Os nomes dos mais ativos entre eles foram-me gentilmente fornecidos pelo filho de um par britânico, ele próprio um dos membros principais. A ele, também, estou devedor de uma cópia da circular impressa da sociedade, um documento hábil e moderado, que se encontrará por extenso no Apêndice, (Nota A.) O mesmo cavalheiro informou-me de que as pesquisas da sociedade resultaram numa convicção, partilhada, acreditava ele, por todos os seus membros, de que existe testemunho suficiente para a aparição, por volta da hora da morte ou após ela, das aparições de pessoas falecidas; enquanto em relação a outras classes de aparições a evidência, tanto quanto obtida, foi considerada demasiado ténue para provar a sua realidade.*

*A um cavalheiro que fora um dos membros mais ativos da sociedade, o Rev. Sr. W——, escrevi, dando-lhe o título da presente obra, e declarando em termos gerais o espírito e a maneira em que me propunha escrevê-la. Na sua resposta ele diz: "Quem me dera ser capaz de dar qualquer contribuição para a sua obra proposta, de todo proporcional ao interesse que sinto pelo assunto da mesma." . . . "Regozijo-me extremamente ao saber que o assunto é suscetível de receber um*

*tratamento calmo e filosófico. Isto, pelo menos, ele exige; e, pela minha parte, sinto pouca dúvida de que grande bem resultará da publicação da obra que está a preparar.*

*A minha própria experiência levou-me a formar uma conclusão semelhante à que o senhor expressa, — que a possibilidade de interferência supramundana é uma questão que está gradualmente a atrair mais e mais atenção, especialmente entre homens instruídos. Esta circunstância torna-me tanto mais ansioso por que uma seleção de factos seja justamente apresentada perante eles." A sociedade, popularmente conhecida como o "Ghost Club", atraiu bastante atenção fora do seu próprio círculo. A sua natureza e objetivos chegaram pela primeira vez ao meu conhecimento através do Bispo de ——, que se interessou pelos seus procedimentos e se esforçou por obter contribuições para os seus registos.*

---

A regra é tratar todas as alegadas evidências de revelações em sonhos, ou do carácter objetivo das aparições, ou da realidade daquelas perturbações que atendem pelo nome de assombrações, como devidas ou a coincidência acidental, ou a doença, ou a desilusão, ou a deceção deliberada. Um dos objetivos do presente volume é inquirir se ao fazê-lo estamos a negligenciar quaisquer fenómenos reais. Além disto, sobre um assunto conexo, não me proponho entrar. Não pretendo, nesta obra, investigar o que atende pelo nome de manifestações espirituais — tais como o movimento das mesas, pancadas, mediunidade e afins.

Tal como o geólogo prefere primeiro inspecionar a rocha *in situ*, assim considero melhor, nesta altura e nesta ligação, examinar os fenómenos espontâneos, em vez daqueles que são evocados; os fenómenos que parecem vir sem serem buscados, ou, como costumamos dizer, pela visitação de Deus, em vez daqueles que parecem ser invocados através dos esforços deliberados do homem. Estudei os primeiros muito mais cuidadosamente do que os segundos; e o espaço faltar-me-ia num único volume para dispor de ambos.

Mas, se tivesse espaço, e me sentisse competente para a tarefa, tal não me deteria pelo facto de o assunto estar ainda em mau odor e por vezes em mãos sem garbo. Bem sei que é moda — e uma moda mui repreensível o é — passar com ridículo ou desprezo pelos resultados extraordinários que parecem apresentar-se nesta ligação. Sejam os factos quais forem, tal curso é impolítico e imprudente. Não é desprezando o erro que o corrigimos.

Nenhum homem sensato bem informado quanto aos factos nega que, como qualquer outro assunto que professa alcançar além do túmulo, este tem os seus fanáticos, iludidos por fantasias, lidando com caprichos da imaginação. Mas não estamos justificados em colocar sumariamente de parte, sem testar, qualquer

classe de alegações porque possamos ter detetado entre os seus apoiantes observação frouxa e falsa lógica. Opiniões racionais podem ser irracionalmente defendidas. Um credo pode ser verdadeiro embora alguns dos seus advogados não possam dar razão suficiente para a fé que neles reside. Origanus, o instrutor astronómico do famoso assistente de Wallenstein, Seni, foi um dos primeiros defensores do sistema copernicano; contudo, os seus argumentos para provar o movimento da terra estão perfeitamente a par, quanto ao absurdo do seu carácter, com aqueles avançados no lado oposto a favor da sua imobilidade.

Não há, pois, nada de conclusivo no facto de o investigador de tal assunto ser confrontado com mil exageros. Não resolve a questão o facto de a cada passo detetarmos erros e absurdos. O problema principal jaz mais fundo do que estes. "Existem erros", diz Coleridge, "que nenhum homem sábio tratará com grosseria enquanto houver a probabilidade de poderem ser a refração de alguma grande verdade ainda abaixo do horizonte."* E deve ser um cético além de toda a salvação aquele que examinou criticamente os fenómenos em questão sem chegar à conclusão de que, por mais imprecisamente que possam ter sido interpretados até agora, as nossas melhores faculdades de razão são dignamente incumbidas de determinar o seu carácter exato.

Alguns prodígios existem, nesta ligação, que se abrem à visão humana. Poderão ser puramente científicos no seu alcance, mas, se assim for, nem por isso menos merecedores de um lugar ao lado das maravilhas da eletricidade nas suas várias fases. Nem, mesmo que finalmente se provem ser fenómenos exclusivamente físicos, deveriam ser intimidados ou desencorajados, entretanto, aqueles que procuram detetar neles agências ultramundanas.

Existem investigações nas quais, se nenhuns esforços e indústria forem poupados, falhar honestamente é tão respeitável como ter sucesso noutras. E algumas das mais importantes descobertas foram feitas durante uma busca pelo impossível. Muschenbroeck deparou-se com a invenção da garrafa de Leyden enquanto se esforçava, diz-se, por colher e confinar o eflúvio elétrico de Tales.

Moralistas e estadistas, também, deveriam ter em mente que têm aqui de lidar com um elemento que já influencia seriamente a opinião humana. Os fenómenos por vezes chamados espirituais, sejam genuínos ou espúrios, atraíram a atenção e conquistaram mais ou menos a crença, não de milhares apenas — já de milhões.†

---

• *No seu primeiro "Lay Sermon".* † *O meu amigo William Howitt, o bem conhecido autor que, com a sua amável esposa, dedicou muito tempo e pensamento a este assunto, diz, numa resposta recente aos discursos do Rev.*

*Edward White, proferidos na Capela de St. Paul, Kentish Town, em Outubro, Novembro e Dezembro de 1858: "Diz-se que o Espiritualismo convenceu três milhões de pessoas apenas na América. Na Europa, acredito, existem não menos de outro milhão; e a rapidez com que se está a difundir através de todos os estratos e classes, literalmente do mais alto ao mais baixo, deveria pôr os homens a pensar.*

*Assustaria algumas pessoas descobrir em quantos palácios reais da Europa ele está firmemente instalado, e com que vigor se está a difundir através de todos os estratos e profissões de homens, que não cuidam de fazer muito alarido sobre isso; homens e mulheres de fama literária, religiosa e científica." Não tenho meios de julgar quanto à exatidão da estimativa total do Sr. Howitt. Deve ser necessariamente incerta. Mas quanto à última porção das observações desse cavalheiro, posso subscrevê-la por conhecimento pessoal.*

*Encontrei, na Europa, investigadores interessados e fervorosos neste assunto em cada estrato, da realeza para baixo; príncipes, e outros nobres, estadistas, diplomatas, oficiais do exército e da armada, professores doutos, autores, advogados, mercadores, cavalheiros particulares, damas elegantes, mães de família domésticas. A maioria destes, é verdade, prossegue as suas investigações em privado, e revela as suas opiniões apenas a amigos íntimos ou simpáticos. Mas nem por isso esta classe de opiniões deixa de se espalhar, e o círculo que as recebe de se alargar diariamente. Se for necessária prova adicional destas alegações, no que se refere a Inglaterra, encontra-se num número recente de uma bem conhecida publicação trimestral de Londres, do que a qual seria difícil nomear um periódico mais oposto a este movimento. Na Westminster Review de Janeiro de 1858, num elaborado artigo dedicado ao assunto, o escritor diz: "Estaríamos em muito erro se supuséssemos que o movimento das mesas, ou esse grupo de alegados fenómenos que neste país se consubstancia sob esse nome, e que na América assume o título mais elevado de Espiritualismo, ao cessar de ocupar a atenção do público em geral, cessou também de ocupar a atenção de cada parte dele. O facto é muito diverso.*

*Os nossos leitores ficariam atónitos se lhes apresentássemos os nomes de vários daqueles que são crentes inabaláveis no mesmo, ou que se estão a dedicar ao estudo ou reprodução dos seus prodígios. Não só sobrevive, mas sobrevive com todo o charme e toda a estimulante atratividade de uma ciência secreta. Até que a mente pública em Inglaterra esteja preparada para o receber, ou até que a evidência seja colocada numa forma que imponha a convicção geral, a política atual é de o acalentar em quietude e alargar o círculo da sua influência por um sistema de extensão silenciosa. Se esta política será bem-sucedida, resta saber; mas não pode haver dúvida de que, se alguma vez chegar o tempo para o*

*reavivamento deste movimento, as pessoas à sua cabeça seriam homens e mulheres cujas qualificações intelectuais são conhecidas do público e que possuem a sua confiança e estima." — p. 32.*

---

E se estas assombrosas novidades são permitidas espalharem-se entre nós sem carta náutica ou bússola com que dirigir o nosso curso através de um oceano inexplorado de mistério, poderemos encontrar-nos à mercê de influências mui sinistras. Entre as comunicações comummente obtidas até aqui, alegadas como ultramundanas, existem muitas que parecem justificar aquele velho dito de Pitágoras: "Não é de cada pedaço de madeira que se pode fazer um Mercúrio." Quer nos cheguem de outro mundo ou deste, não poucas delas contêm uma grande mistura de falsidade com verdade, e uma massa de puerilidades alternando com razão. Por vezes revelam paixões malignas; ocasionalmente caracterizam-se por profanidade; e algumas delas, mesmo onde nenhuma fraude ou agência consciente é presumível, exibem evidência inequívoca de uma origem ou influência mundana; como todos os defensores cândidos e sensatos da teoria espiritual, após experiência suficiente, livremente admitem.*

---

• *De Gasparin considera um argumento conclusivo contra a teoria espiritual que "as opiniões particulares de cada médium podem ser reconhecidas nos dogmas que ele promulga em nome dos espíritos." ("Des Tables Tournantes, du Surnaturel en Général, et des Esprits," par le Comte Agénor de Gasparin, Paris, 1855, vol. ii. p. 497.) Ele é apenas parcialmente acurado quanto ao facto. É o questionador tão frequentemente talvez como o médium quem recebe de volta as suas próprias opiniões. Mas isto é apenas por vezes verdade para qualquer um deles.*

• *É, contudo, para além de toda a dúvida, por vezes verdade; e o facto, seja como for explicado, aponta, com muitos outros, para a premente necessidade, por parte daqueles que adotam a hipótese espiritual, de receberem com o máximo cuidado, e apenas após o mais rigoroso escrutínio, quaisquer comunicações, não importa quais sejam as suas pretensões. Até que os Espiritualistas tomem tais precauções, — até que se sentem em juízo sobre o que recebem, e separem a palha do trigo, — não podem razoavelmente queixar-se se a maioria dos homens inteligentes rejeitar tudo porque uma parte é claramente sem valor.*

*Nem, entretanto, embora um pasquim espirituoso nada prove, se pode negar o ponto daquilo que Saxe lança contra alguns alegados comunicadores espirituais dos nossos dias modernos: — "Se no vosso novo estado não podeis descansar, /*

*Mas deveis regressar, oh, concedei-nos este pedido: / Vinde com um ar nobre e celestial, / E provai os vossos títulos aos nomes que ostentais; / Dai algum sinal claro do vosso nascimento divino; / Escrevei tão bom Inglês como escrevíeis na terra: / E, o que outrora seria supérfluo aconselhar, / Não digais, peço-vos, tão flagrantes mentiras."*

• *Ver, para um exemplo, "Experimental Examination of the Spirit Manifestations," por Robert Hare, M.D., Professor Emérito de Química na Universidade da Pensilvânia, 4.ª ed., 1856, pp. 14, 15. Quando o venerável autor obteve, como ele expressou, "a sanção dos espíritos sob condições de teste," isto é, por meios mui engenhosamente engendrados por ele para prevenir a deceção humana, ou (novamente para usar as suas próprias palavras) "de modo que estivesse totalmente fora do poder de qualquer mortal perverter o resultado de ser uma pura emanação dos espíritos cujos nomes eram dados," ele recebeu como autênticas, sem mais dúvida ou questionamento, certas credenciais extraordinárias pretendendo vir de outro mundo. O Professor Hare é agora ele próprio um habitante desse mundo onde erros honestos encontram correção, e onde à retidão é medida a sua recompensa.*

‡ *Como pelo Rev. Charles Beecher, no seu "Review of Spiritual Manifestations," cap. vii., onde se encontrará a citação dada no texto. De Mirville ("Des Esprits et de leurs Manifestations fluidiques" par le Marquis de Mirville, Paris, 3.ª ed., 1854) é o mais hábil expoente moderno da doutrina Católica da Demonologia. A 4.ª edição da sua obra, segundo me informam os seus editores, está (Maio de 1859) quase esgotada. A Igreja de Roma, é bem sabido, reconhece a doutrina da possessão por espíritos malignos como um artigo de fé: — "Quod daemon corpora hominum possidere et obsidere possit, certum de fide est" — Theologia Mystica, ad usum Directorum Animarum, Paris, 1848, vol. i. p. 376. O Ritual Romano (Cap. De exorcizandis obsessis a daemonio) fornece, em detalhe, as regras para exorcizar o Demónio; e, de facto, exorcismos, em Roma e noutros lugares por todos os países Católicos, são nesta altura de ocorrência diária, embora usualmente conduzidos em privado, e pouco comentados fora do grémio da Igreja.*

---

Daí, sob qualquer hipótese, grande perigo para os de mente fraca e para os excessivamente crédulos.

Este perigo é tanto maior porque os homens costumam dar por assente que, quando tivermos demonstrado (se pudermos demonstrar) o carácter espiritual de uma comunicação, não é necessária mais demonstração quanto à verdade dos factos alegados e das opiniões nela expressas. Esta é uma conclusão mui ilógica,

embora homens distintos tenham por vezes chegado a ela.* Uma coisa é determinar a origem ultramundana de uma comunicação, e outra bem diferente é provar a sua infalibilidade, ou mesmo a sua autenticidade. Na verdade, existem razões mais plausíveis do que muitos imaginam para a opinião perfilhada por alguns homens capazes, tanto Protestantes como Católicos,‡ de que as comunicações em questão provêm dos Poderes das Trevas, e de que "estamos a entrar nos primeiros passos de uma carreira de manifestação demoníaca, cujos desfechos o homem não pode conjeturar."

Mas não vejo causa justa alguma para tal opinião. As razões para este reavivamento de uma crença antiquada parecem-me apenas plausíveis. Deus permitiu que o mal existisse neste mundo; contudo não concluímos, por essa razão, que o inferno reine sobre a terra. Refletimos que talvez através deste mesmo antagonismo possa jazer o caminho do progresso. Ou, pelo menos, pesamos o bem contra o mal, e acreditamos na beneficência do Criador. Mas o Seu poder não se limita a este lado da sepultura. E se Ele permite a comunicação do outro lado, será de acordo com os Seus atributos que tal comunicação se resolva em mera obsessão demoníaca?

As razões para uma crença tão sombria e desencorajadora parecem-me repousar principalmente, entre os Protestantes pelo menos, sobre um erro de influência mui perniciosa, e ao qual, num capítulo subsequente, sobre a Mudança na Morte, terei ocasião de aludir amplamente. Refiro-me à opinião, perfilhada por muitos, de que o carácter do homem sofre, após a morte, uma súbita transformação; e de que as peculiaridades e preconceitos que distinguem o indivíduo neste mundo não passam com ele para outro. Se passam, o carácter heterogéneo das comunicações dali obtidas (se tais comunicações existem) não pode excitar surpresa. É precisamente o que podemos razoavelmente esperar. Deus permite que dos nossos semelhantes de muitos caracteres deste mundo nos cheguem misturadas verdade e falsidade: por que não também dos nossos semelhantes de outro mundo, se a mesma variedade de sentimento e opinião ali prevalecer? Somos constantemente chamados, pelo exercício da nossa razão, a separar o genuíno do espúrio num dos casos. Onde encontramos garantia para a opinião de que estamos desobrigados de tal dever no outro? Para que não imaginemos que, quando nos é ordenado que provemos todas as coisas, a injunção se refere apenas a agências mundanas, um texto expresso é adicionado, declarando que os espíritos também devem ser testados.*

Um mundo no qual os homens devessem ser exonerados do dever, ou proibidos do direito, de pôr o julgamento em jogo, — de crivar, pelos ditames rigorosos da consciência, o bem do mal, o certo do errado, — seria um mundo desonrado e degradado. Se tal princípio fosse plenamente levado a cabo, tornar-

se-ia por fim um mundo carente não apenas do exercício da razão, mas da própria razão. O uso, numa extensão que é difícil de determinar, é essencial à existência continuada. Aquilo que cessa de cumprir o seu propósito acaba por cessar de ser. Os olhos dos peixes encontrados nas profundezas do interior da *Mammoth Cave* de Kentucky, excluídos para sempre da luz do dia, são apenas rudimentares.†

Mas não é concebível que, sob a Economia Divina, uma ordem de coisas fosse alguma vez permitida na qual o homem devesse ser despojado do seu mais nobre atributo; aquele que, mais do que qualquer outro, sela a sua superioridade, nesta terra, sobre as raças animais inferiores que partilham com ele a sua ocupação e os seus prazeres.

---

• *1 João iv. 1. † Este facto foi verificado por dissecção. O peixe em questão (a única espécie conhecida do género Amblyopsis Speloeus) é, contudo, creio eu, encontrado apenas em localidades semelhantes. Nem é certo que este peixe seja desprovido do poder de distinguir a luz das trevas; pois o lobo ótico permanece. Os Drs. Telkampf, de Nova Iorque, e Wyman, de Boston, publicaram artigos sobre o assunto. Seria uma experiência interessante trazer alguns destes peixes para a luz, e averiguar se, no decurso de gerações, os seus olhos se tornariam gradualmente perfeitos.*

---

A razão humana é o piloto designado da civilização humana; falível, na verdade, como qualquer outro timoneiro, mas ainda assim essencial ao progresso e à segurança. Uma vez dispensado esse piloto do leme, a barca irá à deriva ao acaso, abandonada à influência vagabunda de cada corrente fortuita ou brisa passageira.

Concebamos um caso em ilustração. Suponhamos que, de alguma fonte inegavelmente espiritual, como através da fala de uma aparição, ou por uma voz soando dos ares superiores, nos chegasse a injunção de adotar o princípio da poligamia, quer como esse sistema é legalmente reconhecido na Turquia, quer na sua forma não declarada, como aparece nas grandes cidades do mundo civilizado. Num tal caso, o que deve ser feito? O mundo é obra de Deus.

A experiência do mundo é a voz de Deus. Devemos nós colocar de parte essa experiência, proclamando-nos ela, como faz, que sob o princípio da

monogamia apenas as faculdades físicas e os atributos morais do homem mantiveram sempre a sua ascendência, enquanto a fraqueza e a decadência nacional seguem no rasto da poligamia, quer abertamente praticada, como em Deseret e Constantinopla, quer secretamente exercida, como em Londres e Nova Iorque? Devemos nós renunciar ao certo pelo incerto? — os ensinamentos de Deus, através das Suas obras, pelas ordens de não sabemos quem?

A loucura e o perigo de assim proceder são aparentes. Intimações de outro mundo (supondo a sua realidade) podem ser úteis; podem ser altamente sugestivas; podem fornecer materiais inestimáveis para o pensamento: tal como as opiniões de algum homem sábio ou o conselho de algum amigo criterioso, aqui na terra, poderiam fazer. Mas nenhuma opinião, nenhum conselho, de amigo ou estranho, deveria ser recebido como infalível, ou aceite como regra de ação, até que a Razão se tenha sentado em juízo sobre o mesmo e decidido, o melhor que puder, a sua verdade e valor.

Não existem, nem podem surgir, quaisquer circunstâncias que justifiquem a receção pelo homem, como infalível e mandatória, de qualquer comunicação dessa natureza. Suponhamos o caso extremo. Imaginemos que, de alguma inteligência claramente ultramundana, nos chegasse uma certa comunicação que, devidamente testada pela razão, decidíssemos que excede, em profundidade e sabedoria, tudo o que essa razão sem auxílio poderia originar. Devemos nós, por causa da evidente excelência dessa comunicação, receber com aquiescência inquestionável todas as suas congéneres vindas aparentemente da mesma fonte? No capítulo sobre o Sono serão aduzidos casos em prova de que os nossos poderes intelectuais durante o sono por vezes superam qualquer esforço de vigília. Contudo, que homem racional daí inferiria que deveríamos ser governados pelos nossos sonhos?

Se me detive longamente, e insisti com alguma iteração, nesta matéria, é por causa do dano generalizado a que, nesta ligação, a credulidade de assentimento cego deu origem, especialmente nestes tempos mais recentes; é por causa da premente necessidade de julgamento para discriminar, de cautela para escrutinar. Mas a necessidade é tão premente de ter em mente que julgamento e cautela são os exatos opostos de proscrição e preconceito.

Na suposição de que os espíritos comunicam realmente, se aqueles que deveriam dar o tom e a direção à opinião pública se contentarem em denunciar arrogantemente tudo como uma impostura portentosa, perdem todo o poder ou oportunidade de regular uma realidade cuja existência negam.* E no caso aqui suposto, os nossos guias morais e religiosos correm o risco de perder influência e

posição ao colocarem de parte uma investigação de suma importância, — uma contingência que, como corpo, parecem ter negligenciado.

---

• *Jantando, em Fevereiro de 1859, com um rico e bem conhecido capitalista londrino, e sentando-me à mesa ao lado da senhora da casa, esta abordou o assunto do Espiritualismo. Perguntei-lhe se tinha visto algum dos seus alegados fenómenos. Respondeu que não; que, pelo que ouvira, estava convencida de que havia alguma realidade nisso; mas, sendo de um temperamento nervoso e não estando segura do seu próprio autocontrolo, abstivera-se de examinar as suas manifestações. "Depois, sei", acrescentou ela, "que tem feito tanto mal. Não tem?" (apelando a um cavalheiro sentado perto de nós). Ele assentiu em termos fortes. Roguei-lhe que me desse um exemplo. "Poderia dar-lhe muitos", replicou ele, "no círculo dos meus conhecidos; mas um em particular ocorre-me. A filha de um amigo meu, numa família da maior respeitabilidade, e ela própria amável e inteligente, está, neste preciso momento, completamente levada pelas suas desilusões. Ela recebia pancadas da mesa, e tem o hábito de se fechar, dia após dia, no sótão da casa de seu pai, decifrando comunicações que imagina virem de espíritos falecidos. Não faz sequer o exercício necessário à sua saúde; alegando que, enquanto estiver fora, poderá perder a oportunidade de receber alguma mensagem divina. As admoestações dos seus pais, que não são de todo afetados pela mania, são inúteis; e isso causa-lhes muito desgosto."*

---

Ponhamos a interpretação que pusermos naquilo que tem sido chamado a pancada espiritual e nas comunicações assim obtidas, é evidente que um caso como o anterior sabe a fanatismo e exige urgentemente regulação. Nenhuma condição de espírito pode ser saudável — mal se pode dizer sã — a qual retira todos os pensamentos dos deveres da vida terrena, até do cuidado com a saúde corporal, e permite que sejam inteiramente absorvidos por tais comunicações; acima de tudo, quando estas são recebidas, sem questionamento, como revelação divina e infalível. Mas negar fenómenos reais não é o modo adequado de conquistar uma mente enganada ou doente.

As reivindicações do assunto à atenção do clero e de outros educadores públicos não se fundam apenas no facto de esta heresia (se heresia for) ter penetrado em cada estrato e classe da sociedade, e influenciar agora, mais ou menos, as opiniões e a conduta de milhões por todo o mundo civilizado. Estas reivindicações chegam ainda mais longe. Derivam da necessidade do caso. A questão quanto a haver investigação ou não investigação é apenas uma questão

de tempo. Uma vez suscitada e agarrada pela simpatia popular, uma matéria como esta deve ser sondada até ao fundo.

Não há outra alternativa. Não nos podemos livrar dela por nenhuns outros termos. Não podemos abafá-la se o quiséssemos; não o deveríamos se o pudéssemos. Considerada no seu aspeto científico, poderíamos tão razoavelmente interditar o estudo da eletricidade ou o emprego dos fios magnéticos. E no que respeita às suas pretensões espirituais, ou estas são uma desilusão perigosa, a ser detetada e explodida, como por pesquisas cuidadosamente prosseguidas toda a desilusão pode ser, ou então uma realidade importante além de qualquer outra que se cruze no nosso caminho diário. Se forem uma desilusão, desviando o rebanho, sobre quem recai tão estritamente como sobre o seu pastor a tarefa da exposição? — mas da exposição após investigação; visto que, nas palavras de um sábio de outrora, "O que responde antes de ouvir, estultícia lhe é e vergonha."*

Se, por outro lado, vier a provar-se uma realidade, quão grave a responsabilidade daqueles que cegamente a opõem! Num tal caso, a pesquisa por parte dos educadores públicos ascende à categoria de um dever sagrado, para que não suceda, talvez, que, como os descrentes do tempo de Gamaliel, sejam encontrados a lutar contra Deus.

E este dever é imperioso, antes por causa de uma grande dificuldade, sugerida pelas narrativas que formam o elemento principal deste volume, que necessariamente acompanha a política da não-investigação. Há a questão de saber até onde devemos levar essa política. Os homens, durante os últimos dez anos, e no nosso país especialmente, têm tido, nesta ligação, a sua atenção dirigida principalmente para o que, num sentido, pode ser chamada a fase artificial do assunto. Têm-se ocupado principalmente em examinar fenómenos que ocorrem como resultado de intenção expressa e método calculado; que são eliciados, não meramente presenciados: tais como as manifestações que vêm a lume através do que se chama mediunidade, em círculos espirituais, através da escrita por impressão, durante o sonambulismo artificial, e afins.

---

• *Provérbios xviii. 13.*

---

Estes constituem apenas uma pequena fração de um grande assunto. Foram, na sua maior parte, chamados à tona durante alguns anos apenas; enquanto a vasta massa de fenómenos evidentemente aliados a eles, mas puramente espontâneos no seu carácter, estão espalhados por eras e chegam até nós através

de toda a história passada. Estes últimos apresentam-se não meramente inesperados, não apenas não buscados, mas frequentemente indesejados, deprecados, ocasionalmente até apesar de súplicas e preces. Muitas vezes, na verdade, assumem o carácter de ministração por espíritos amorosos e gentis; mas noutras alturas revestem a aparência de perseguição, retributiva e terrível.*

Os primeiros parecem confirmar a doutrina da guarda celestial, enquanto os últimos parecem enviados por Deus como Ele envia ao mundo material o furacão e o terramoto. Mas ambos são independentes da vontade ou agência do homem. Vêm como a chuva cai ou como o relâmpago brilha. Isto complica o caso. Podemos condenar como Pitonismo, ou denunciar como nigromância ilícita, a busca de fenómenos espirituais.† Mas ao fazê-lo dispomos apenas de um pequeno ramo do assunto. Como havemos de lidar com manifestações ultramundanas, no caso de se vir a provar que elas ocorrem frequentemente não só sem a nossa agência mas apesar da nossa conjuração? Conceda-se que fosse insensato, até pecaminoso, ir em busca de intervenção espiritual: o que diremos dela se esta nos vencer súbita e não solicitada, e, seja para o bem ou para o mal, como um intruso comissionado no nosso caminho terreno?

---

• *Ver, como exemplo do primeiro, a narrativa intitulada "O Pretendente Rejeitado", e, como espécime do segundo, aquela chamada "O que um Oficial Inglês sofreu": ambas dadas em capítulos subsequentes desta obra.*

† *Nos registos do passado deparamos, de tempos a tempos, com a prova de que os homens têm estado dispostos a considerar aquilo que imperfeitamente compreendiam como sabendo a mistério não sagrado. No conto do Chanon Yeman de Chaucer, a química é referida como uma arte élfica; isto é, ensinada ou conduzida por espíritos. Isto, diz Warton, é uma ideia árabe. Ver "Warton's History of English Poetry", vol. i. p. 169.*

---

Sob essa fase também (se sob tal se verificar que ela realmente se apresenta) devemos ignorar a sua existência? Deveríamos nós, sem qualquer inquérito sobre o carácter da sua influência, prejulgar e repulsá-la? Assuma ela a forma que assumir, devemos nós ainda, como a Princesa Parizade do conto árabe, tapar os ouvidos com algodão contra as vozes ao nosso redor?

O direito abstrato de investigar a questão ampla quanto à realidade da interferência ultramundana não será, nestes Estados Unidos, seriamente questionado. Nunca houve um período na história do mundo em que a tirania humana pudesse fechar, exceto por uma temporada, a avenida para qualquer

departamento do conhecimento que o Criador colocou ao alcance do homem; menos que tudo, um que envolva interesses tão vitais como este. Nem existe qualquer país no mundo civilizado onde a tentativa pudesse ser feita com menos hipóteses de sucesso do que no nosso.

Muitos, contudo, que concedem o direito, consideram o seu exercício como sendo eivado de perigo para o bem-estar e felicidade humana. Algum perigo, para além de qualquer dúvida, existe. Que coisa na natureza é unilateral? Qual dos nossos estudos não poderá ser judiciosamente empreendido ou imprudentemente prosseguido? Algo, em todos os esforços humanos, devemos arriscar; e esse risco é o maior, usualmente, para os objetos mais importantes. As pesquisas religiosas envolvem mais risco do que as seculares: exigem, portanto, maior cautela e um espírito mais desapaixonado. Devemos evitá-las por essa razão? Iria a sua interdição servir o bem-estar e a felicidade do homem?

Aquela teoria do sistema solar que é hoje admitida por cada astrónomo e ensinada a cada rapaz de escola foi outrora alegada como estando eivada de perigo para o bem-estar e felicidade da humanidade, e o seu autor foi compelido de joelhos a empenhar o seu juramento de que nunca mais a propagaria, por palavra ou escrita. Contudo, que hipótese científica se escusam os homens, nos dias de hoje, de examinar? E, se científica, por que não espiritual também? Estamos nós preparados para confiar na nossa razão num caso mas rejeitar as suas conclusões no outro? — para declarar dessa nobre faculdade, como um cavilador alemão fez do telescópio que primeiro revelou à visão humana os satélites de Júpiter, que "ele faz prodígios na terra, mas representa falsamente os objetos celestes"*?

Tenhamos coragem, e confiemos nos sentidos que Deus nos deu. Não há segurança na cobardia, nem conveniência, mesmo que houvesse possibilidade, na evasão. Se à investigação destas matérias temos de chegar mais cedo ou mais tarde, é parte da sabedoria e da hombridade empreendê-la de imediato.

Uma grande porção dos periódicos da atualidade tem até agora ou ignorado totalmente o assunto da interferência ultramundana, ou então passado por ele com uma nota superficial e depreciativa. Passado algum tempo haverá uma mudança nisto.† O assunto está gradualmente a atingir uma amplitude e importância e a conquistar um grau de atenção que será sentido pela melhor porção da imprensa como conferindo-lhe direito àquela nota respeitosa que é o devido de um oponente respeitável. E certamente isto é como deve ser.

---

• *Martin Korky, numa das "Kepleri Epistolae". Foi ele quem declarou ao seu mestre Kepler: "Nunca concederei os seus quatro planetas àquele Italiano de*

*Pádua, ainda que morra por isso", e de quem, quando mais tarde pediu para ser perdoado pelo seu ceticismo presunçoso, Kepler escreveu a Galileu: "Tomei-o de novo em favor sob esta condição expressa, com a qual ele concordou, de que lhe hei de mostrar os satélites de Júpiter, e ele há de vê-los e confessar que eles lá estão." Existem muitos Martin Korkys nos dias de hoje, com os quais, quanto a alguns dos fenómenos a serem notados neste volume, o mesmo acordo deveria ser feito.*

*† Periódicos respeitáveis, não tingidos por peculiaridades de opinião, já começaram a tratar o assunto geral com mais deferência do que outrora. Por exemplo, num longo artigo, intitulado "Ghosts of the Old and New School", numa das publicações trimestrais de Londres, embora os principais fenómenos chamados espirituais sejam desacreditados, ocorrem admissões tais como a seguinte: — "Existem conjuntos de factos que exigem uma investigação mais minuciosa e perseverante do que a que têm recebido até agora, — quer para que possam ser finalmente dispostos como falsos, ou reduzidos a ordem científica.*

*Tais são a aparição de fantasmas, o poder da segunda-vista, da clarividência, e outros fenómenos do magnetismo e mesmerismo; a natureza do sono e dos sonhos, das ilusões espectrais, (em si mesmas uma prova decisiva de que o sentido da visão pode ser plenamente experienciado independentemente do olho;) os limites e o funcionamento da desilusão mental e da excitação entusiasta." — National Review de Julho de 1858, p. 13.*

- *"Esclareçamo-nos sobre as verdades, quais que elas sejam, que se apresentam à nossa observação; e longe de temer favorecer a superstição ao admitir novos fenómenos, quando são bem provados, estejamos persuadidos de que o único meio de impedir os abusos que se podem fazer deles é espalhar o seu conhecimento." — Bertrand.*

---

Sejam os factos quais forem, o dever da imprensa e do púlpito é melhor cumprido, e os perigos incidentes ao assunto são melhor evitados, promovendo, não desencorajando, a investigação;* mas investigação profunda, perscrutadora, sedulamente acurada, e no sentido mais estrito do termo imparcial.

O primeiro requisito naquele que empreende tal investigação — mais importante, mesmo, do que o treino científico para a pesquisa acurada — é que ele a aborde sem preconceitos e sem compromissos, trazendo consigo nenhuma teoria favorita para ser construída, nenhumas opiniões preconcebidas para serem gratificadas ou ofendidas, nem um desejo de que os resultados se venham a revelar deste ou daquele carácter, mas um único e fervoroso desejo de descobrir de *qual* carácter eles são.

Até que ponto possuo tais qualificações para a tarefa, caberá melhor decidir àqueles que lerem estas páginas. Homem algum é um juiz imparcial da sua própria imparcialidade. Desconfio da minha. Sou consciente de um elemento perturbador; uma inclinação na minha mente, para além do simples desejo de detetar o que realmente é. *Não que*, após o mais rigoroso autoexame, me possa acusar de um desejo de impor nesta investigação quaisquer preconceções, científicas ou teológicas, nem sequer da menor relutância em aceitar ou renunciar a quaisquer opiniões, ortodoxas ou heterodoxas, que o progresso dessa investigação possa estabelecer ou refutar.

*Não é isso*. Mas sou consciente de um sentimento que ganhou força dentro de mim à medida que estas pesquisas avançaram; um desejo que vai além da mera prontidão para inspecionar com equanimidade equidistante os fenómenos tal como surgiam; uma esperança fervorosa, a saber, de que estes pudessem resultar no fornecimento, para a evidência da existência independente e imortalidade da alma, de uma contribuição extraída de uma fonte onde tal prova raramente foi, até recentemente, procurada.

Contra a inclinação incidente nessa esperança, entretecida como está na natureza humana, o explorador de um campo como este deve estar especialmente atento. É uma das muitas dificuldades de que o empreendimento está cercado. "É fácil", disse verdadeiramente Bonnet, o erudito genebrino, — "*é fácil e agradável acreditar; duvidar requer um esforço desagradável*." E a proclividade para concluir sobre evidência insuficiente é tanto maior quando estamos em busca daquilo que desejamos fortemente encontrar. Os nossos anseios apressam os nossos julgamentos. Mas o que haverá de tão fervorosamente desejável como a garantia de que a morte, a tão temida, é uma amiga em vez de uma inimiga, abrindo-nos, quando a cortina escura se fecha sobre as cenas terrenas, os portais de uma existência melhor e mais feliz?

É uma opinião comum que a fonte exclusiva e autossuficiente de onde derivar essa convicção é a história sagrada. Mas, por mais fortemente que afirmemos que as provas das Escrituras sobre a imortalidade da alma deveriam comandar a crença de toda a humanidade, o facto permanece que tal não acontece.* Alguns permanecem descrentes; muitos mais carregam consigo, quanto ao destino futuro da alma, uma fé inanimada e estéril; e, mesmo entre aqueles que mais professam, o credo da maioria pode ser resumido na exclamação: "Senhor, eu creio: ajuda a minha incredulidade!"*

---

• *O número de materialistas em toda a porção instruída da sociedade civilizada, especialmente na Europa, é muito maior do que aparenta à superfície.*

*Se se abordam temas sérios, este facto trai-se. Conversava eu um dia com uma dama francesa de alta linhagem, inteligente e ponderada acima da média da sua classe, e aconteceu expressar a opinião de que a progressão é provavelmente uma lei do próximo mundo, como o é deste. "Acredita realmente, então, noutro mundo?", perguntou ela. "Certamente, Madame la Comtesse." "Ah! é um homem afortunado", respondeu ela, com alguma emoção. "Quantos de nós não acreditam!"*

**• Encontraremos frequentemente, nas expressões empregadas por homens distintos (especialmente os líderes na ciência) para manifestar o seu sentido da importância de uma crença religiosa firme, antes um desejo de a obter, e inveja daqueles que a possuem, do que uma asserção de que eles próprios encontraram tudo o que procuravam. Eis um exemplo eloquente: — "Não invejo nenhumas qualidades da mente e do intelecto nos outros, — nem génio, nem poder, nem agudeza, nem imaginação; mas se pudesse escolher o que me seria mais delicioso e, creio, mais útil, preferiria uma crença religiosa firme a qualquer outra bênção. Pois ela faz da vida uma disciplina de bondade, cria novas esperanças quando todas as esperanças terrenas se desvanecem, e lança sobre o declínio, a destruição da existência, a mais deslumbrante de todas as luzes; desperta a vida na morte, e evoca da corrupção e do declínio a beleza e a glória eterna." — Sir Humphry Davy.*

*† Uma entre mil ilustrações desta discrepância encontra-se na angústia amarga — o luto que recusa ser consolado — com que os sobreviventes frequentemente choram os mortos; um luto infinitamente mais pungente do que aquele com que os veriam embarcar para outro hemisfério, mesmo que fosse sem expetativa do seu regresso e sem certeza da sua felicidade. Se não esquecemos, será que percebemos na prática esse artigo de fé que ensina que é apenas para nós que eles morrem? A expressão idiomática alemã, a este propósito, é tão correta quanto bela: — "Den Oberlin hatte zuweilen die Ahnung wie ein kalter Schauer durchdrungen, dass sein geliebtes Weib ihm sterben könne." — "Das grosse Geheimniss der menschlichen Doppelnatur", Dresden, 1855.*

• *Mateus vii. 1. É inteiramente contrário ao facto assumir, quanto aos céticos em geral, que são deliberadamente cegos. Muitos, é verdade, especialmente no auge da juventude, caem na descrença, ou numa indiferença que muito se lhe assemelha, por pura leviandade; enquanto alguns evitam deliberadamente os pensamentos de outro mundo, para que estes não cerceiem os seus prazeres neste; mas a melhor e provavelmente a mais numerosa porção não pertence a nenhuma destas classes. Eles escrupulizam porque lhes são impostas dificuldades. Duvidam involuntariamente e por força.*

*O autor de "Eclipse of Faith" (escrito em resposta a Newman, "Phases of Faith") apresenta, como confissão de um destes, o que é apropriado a centenas de milhares: — "Fui rudemente expulso das minhas antigas crenças; a minha primitiva fé cristã deu lugar à dúvida; a pequena cabana na encosta da montanha, na qual pensara habitar com simplicidade pastoral, foi despedaçada pela tempestade, e eu fui lançado para fora, para o vendaval, sem abrigo. Caminhei longa e distantemente, mas não encontrei o descanso que me diz que se deve obter. Ao examinar todas as outras teorias, elas parecem-me pressionadas por dificuldades pelo menos iguais àquela que abandonei.*

*Não me consigo contentar, como outros fazem, em acreditar em nada; e contudo não tenho nada em que acreditar. Lutei longa e arduamente com os meus inimigos Titãs, mas sem sucesso. Voltei-me para todos os quadrantes do universo em vão. Interroguei a minha própria alma, mas ela não responde. Contemplei a natureza, mas as suas muitas vozes não falam nenhuma linguagem articulada para mim; e, mais especialmente, quando contemplo a página brilhante dos céus da meia-noite, aqueles orbes brilham sobre mim com uma luz tão fria e no meio de um silêncio tão portentoso que estou, com Pascal, aterrorizado perante o espetáculo da solidão infinita." — p. 70.*

*** "De la Physiologie du Système Nerveux, et spécialement du Cerveau." por M. Georget, D. M. da Faculdade de Paris, antigo Interno de primeira classe da divisão das Alienadas do Hospice de la Salpêtrière: 2 vols., Paris, 1821. O texto original da cláusula no testamento de Georget, acima citada, encontrar-se-á em "Rapports et Discussions de l'Académie Royale de Médecine sur le Magnétisme animal", por M. P. Foissac, M.D., Paris, 1833, p. 289. As palavras exatas da sua confissão são: "A peine avais-je mis au jour la 'Physiologie du Système Nerveux,' que de nouvelles méditations sur un phénomène bien extraordinaire, le somnambulisme, ne me permirent plus de douter de l'existence, en nous et hors de nous, d'un principe intelligent, tout-à-fait différent des existences matérielles." Husson, membro da Academia de Medicina de Paris, num relatório feito a esse corpo em 1825, fala de Georget como "notre estimable, laborieux, et modeste collègue." — Foissac's Rapports et Discussions, p. 28.*

---

Visto que, então, nenhuma queixa é mais comum do que a que provém do próprio púlpito sobre a discrepância mundial que diariamente se encontra, mesmo entre os mais zelosos piedosos, entre a fé e a prática, não poderemos traçar muita dessa discrepância ao débil grau de crença, tão abaixo da convicção

viva que os nossos sentidos nos transmitem das coisas terrenas, que frequentemente constitui esta fé vacilante?†

É importante também distinguir entre aqueles que passam pelo nome geral de incrédulos. Destes, alguns negam que o homem tenha uma alma imortal; outros alegam que ainda não encontraram prova conclusiva da existência ultramundana da alma: e estes últimos são muito mais numerosos que os primeiros. A diferença entre os dois é grande. O credo de uns pode ser tachado de presunção, o dos outros apenas de insuficiência. Uns professam já ter alcançado a meta; os outros declaram que ainda estão no caminho da investigação.

Mas, quanto a estes últimos, qualquer classe adicional de provas que possamos encontrar tocantes à natureza da alma é especialmente importante. Aqui chegamos às implicações práticas da questão. Pois, enquanto os homens forem tão diversamente constituídos e tão variamente instruídos como os encontramos, a mesma evidência nunca convencerá todas as mentes. E é igualmente anticristão,* antifilosófico e injusto condenar o próximo porque a espécie de testemunho que nos convence o deixa a ele na dúvida ou na descrença. Imaginaremos um Deus justo a unir-se a tal condenação? Ou não poderemos, com muito mais racionalidade, acreditar ser provável que, no curso progressivo da Sua economia, Ele possa estar a prover para cada classe de mentes aquela espécie de evidência que melhor se adapta à sua natureza peculiar?

Um médico de Paris do mais alto prestígio, o Dr. Georget, o bem conhecido autor de um Tratado sobre a Fisiologia do Sistema Nervoso,** fez o seu testamento a 1 de março de 1826, morrendo pouco depois. A esse documento está apensa uma cláusula na qual, após aludir ao facto de que no tratado acima referido tinha professado abertamente o materialismo, diz: "Mal tinha publicado a '*Physiologie du Système Nerveux*', quando reflexões adicionais sobre um fenómeno muito extraordinário, o sonambulismo, já não me permitiram duvidar da existência, em nós e fora de nós, de um princípio inteligente, diferindo inteiramente de qualquer existência material." Ele acrescenta: "Esta declaração verá a luz quando a minha sinceridade já não puder ser posta em dúvida nem as minhas intenções suspeitas." E conclui com um pedido fervoroso, dirigido àqueles que possam estar presentes na abertura do seu testamento, para que deem à declaração em questão toda a publicidade possível.

Assim encontramos um homem capaz, vivendo num país cristão, onde tinha acesso a todas as evidências habituais da nossa religião, que permanece durante a maior parte da sua vida um materialista, e perto do seu fim encontra, num fenómeno psicológico, prova suficiente para produzir uma convicção profunda

de que a crença da sua vida fora um erro, e que a alma do homem tem uma existência imortal.

A Bíblia falhara em convencê-lo do seu erro. Mas não deveria cada crente na imortalidade da alma alegrar-se por a descrença, que o testemunho das Escrituras se provara insuficiente para conquistar, ter cedido perante a evidência extraída do exame de uma das muitas maravilhas exibidas por aquilo que todos, exceto o ateu, declaram ser a obra de Deus?

E visto que essa maravilha pertence a uma classe de fenómenos cuja realidade é negada por muitos e duvidada por mais, não deveria cada amigo da religião desejar boa sorte ao investigador que empurra as suas pesquisas para regiões que produziram frutos tão valiosos como estes?

Nem é um verdadeiro amigo da religião ou da sua raça aquele que não deseja que os homens obtenham a evidência mais forte possível que exista da imortalidade da alma e da realidade de uma vida futura. Mas se existir realmente evidência física, cognoscível pelos sentidos, destas grandes verdades, ela é, e deve sempre ser, mais forte do que qualquer outra que possa possivelmente resultar do testemunho das Escrituras. Cristãos inteligentes, mesmo os mais ortodoxos, admitem isto; Tillotson, por exemplo. Constitui, de facto, o cerne do seu argumento contra a presença real. Diz esse douto prelado: — "*A infidelidade seria dificilmente possível aos homens, se todos os homens tivessem a mesma evidência para a religião cristã que têm contra a transubstanciação; isto é, a evidência clara e irresistível do sentido*."*

As Escrituras e o senso comum sustentam igualmente esta doutrina; mais ainda, a nossa linguagem quotidiana assume a sua verdade. Se um amigo, mesmo o mais confiável, nos relata algum incidente que testemunhou, em que termos expressamos a nossa convicção de que ele nos disse a verdade? Dizemos: "Eu *sei* o seu testemunho"? Não existe tal expressão na língua inglesa. Dizemos: "Eu *creio* no seu testemunho".† É verdade que tal evidência, sujeita, contudo, a contraditório, decide, num tribunal de justiça, as vidas e fortunas dos homens; mas apenas pela necessidade do caso; apenas porque os juízes e o júri não podiam, eles próprios, ser testemunhas oculares ou auriculares dos factos a serem provados: e, com todo o cuidado ao escrutinar tal testemunho, ele já levou homens inocentes ao cadafalso. Nem, salvo em casos extraordinários ou excecionais, é no nosso sistema alguma vez aceite em tribunal em segunda mão.‡

• "*The Works of the Most Reverend Dr. John Tillotson, late Lord Archbishop of Canterbury*", 8th ed., London, 1720. Sermão XXVI.

---

† No presente volume terei ocasião de testemunhar sobre muitas coisas que ouvi e vi. Nem imagino que os homens, eles próprios cândidos, suspeitem em mim de falta de candura; pois quando um homem de motivo honesto, procurando apenas a verdade, narra de forma plana e imparcial a sua experiência, aquilo que ele diz traz habitualmente consigo para a mente íntegra uma garantia interna de sinceridade. Mas, contudo, o meu testemunho é, e deve sempre ser, para o leitor, evidência de grau muito inferior e força muito menor do que aquela que ele teria obtido se tivesse pessoalmente testemunhado o que narro. A diferença é inerente à natureza das coisas.

‡ Refiro-me aos princípios de prova reconhecidos pelo *common law*; um sistema sob o qual os direitos pessoais e as garantias à liberdade do cidadão estão provavelmente melhor assegurados do que sob qualquer outro; embora, quanto a alguns direitos de propriedade, o sistema de direito civil possa reivindicar superioridade. A prova em segunda mão é admissível no caso de um homem moribundo, consciente da aproximação próxima da morte, ou quanto ao que foi dito, sem contradição, na presença e ao alcance da audição de um prisioneiro; mas estas são as exceções que estabelecem a regra geral.

E quando uma testemunha começa a repetir aquilo que outros viram e relataram, qual é a frase comum empregada para a chamar à sua devida esfera de dever? — "Não nos diga o que outros lhe disseram: limite-se ao que pode depor pelo seu próprio conhecimento."

Assim também, quando nas Escrituras se faz referência a pessoas que têm fé ou carecem dela, como são elas designadas? Como *sabedores* e *não sabedores*? Não: mas como *crentes* e *incrédulos*. "Aquele que crer" — não aquele que souber — "será salvo". Quanto a coisas espirituais, a Bíblia (com raras exceções) fala da nossa crença deste lado da sepultura, do nosso conhecimento apenas do outro. "Então conheceremos, assim como também somos conhecidos."

Mas argumentar longamente tal ponto como este é mera supererrogação. Existem algumas verdades cuja evidência nenhum argumento pode fortalecer, porque apelam diretamente à nossa consciência e são adotadas sem contestação e de imediato. Uma mãe piedosa perde o seu filho, — embora a própria frase seja uma falsidade: ela apenas se separa dele por uma temporada, — mas, na linguagem do mundo e na linguagem do seu coração, ela perde o seu único filho pela morte.

Se, agora, precisamente quando o seu luto é sentido de forma mais desesperada, — no momento amargo, talvez (a tempestade de inverno rugindo lá fora), em que o pensamento lhe atravessa a mente de que o granizo frio está a fustigar a sepultura recém-feita do seu querido abandonado; se nesse momento terrível lhe chegasse subitamente, inesperadamente, um sinal visível aos sentidos, uma aparição em forma corpórea, ou uma mensagem real, talvez, que ela soubesse ter vindo naquele instante direta do seu filho; testemunhando essa aparição ou essa mensagem que aquele em quem ela acabara de pensar como jazendo, arrancado dos seus cuidados amorosos, sob a turfa fustigada pela tempestade, não estava ali, estava muito mais feliz do que ela alguma vez o fizera, estava muito mais bem cuidado do que mesmo nos seus braços: num momento como esse, quão pobres e inúteis são todas as artes da lógica para provar que o brilho de tal garantia imprevista, rompendo através da tempestade sombria do luto da mãe e iluminando as suas esperanças amortalhadas, nada acrescentou à medida da sua crença na imortalidade, não aumentou a força das suas convicções tocantes ao Grande Futuro, não elevou da fé ao conhecimento o grau de crença com que ela pode repetir à sua alma as palavras inspiradoras de que, embora o pó tenha voltado à terra como era, o espírito está nas mãos de Deus que o deu!

Então, se acontecesse que o "Escuro desconhecido" pudesse, em certa medida, tornar-se aqui conhecido; se fosse o caso de o Grande Dramaturgo ter descrito inapropriadamente o próximo mundo, quando lhe chamou

"O país não descoberto, de cujos confins Nenhum viajante regressa;"

se se provasse verdade que por vezes se apresentam ocasiões em que temos a evidência direta dos nossos sentidos para demonstrar a existência continuada e a afeição daqueles amigos que passaram esses confins; se fosse a vontade de Deus que, nesta fase do progresso constante do homem, distinguindo mais claramente fenómenos que, nos tempos modernos pelo menos, foram habitualmente desacreditados ou negados, ele devesse atingir um ponto em que a Crença, a mais alta espécie de convicção que as Escrituras ou a analogia podem fornecer, possa subir ao grau de Conhecimento; — se tudo isto for, em verdade, uma Realidade, não será ela gloriosa, fervorosamente a ser desejada, graciosamente a ser acolhida?

E não deveriam aqueles que, com o olhar focado apenas na verdade, fiel e pacientemente questionam a Natureza, para descobrir se é Realidade ou Ilusão, — não deveriam tais investigadores honestos e fervorosos ser encorajados no seu caminho, ser louvados pelos seus esforços? Se é um dever sagrado e solene

estudar as Escrituras em busca de crença religiosa, será um dever menos sagrado, menos solene, estudar a Natureza em busca de conhecimento religioso?

Ao prosseguir essa pesquisa, se alguém temer pecar por ultrapassar os limites da investigação permitida e trespassar terreno profano e proibido, que seja lembrado de que Deus, que protege os Seus próprios mistérios, tornou esse pecado impossível; e que siga, reverentemente na verdade, mas livremente e sem dúvida, em frente. Se Deus fechou o caminho, o homem não pode passar por ele. Mas se Ele deixou aberto o trilho, quem proibirá a sua entrada?

É bom levarmos connosco pela vida fora, como companheiro, um tema grande e encorajador; e sentimos tanto mais a necessidade disso quanto mais avançamos em anos. Quanto ao que selecionei, é eminentemente verdadeira a feliz expressão de um escritor moderno, de que "ao jornadear com ele vamos em direção ao sol, e a sombra do nosso fardo cai atrás de nós".*

Alguém sugeriu que, se quiséssemos determinar verdadeiramente se, em qualquer momento dado, nos estamos a ocupar de uma maneira digna de seres racionais e imortais, convém perguntarmos aos nossos corações se estamos dispostos a que a morte nos surpreenda nessa ocupação. Não há teste mais severo. E se o aplicarmos a pesquisas como estas, quão claramente sobressai o seu elevado carácter!

---

- "*Essays written during the Intervals of Business*", Londres, 1853, p. 2.

---

Se, ao prossegui-las, o observador for atingido pela morte, o destruidor não tem poder para deter as suas observações. O decreto fatal apenas estende o seu campo. A tocha não se apaga na sepultura. Arde muito mais brilhantemente além do que alguma vez ardeu ou pode arder neste nosso mundo ténue. Aqui o investigador pode tatear e tropeçar, vendo apenas como através de um vidro obscurecido. A morte, que livrou tantos milhões da miséria, dissipará as suas dúvidas e resolverá as suas dificuldades. A morte, a decifradora de enigmas, afastará a cortina e deixará entrar a luz explicativa. Aquilo que é debilmente iniciado nesta fase da existência será muito melhor prosseguido noutra. Será a investigação completada mesmo ali? Quem o pode dizer?

## CAPÍTULO II

## O IMPOSSÍVEL

"*Aquele que, fora da matemática pura, pronuncia a palavra impossível carece de prudência.*" — Arago: *Annuaire du Bureau des Longitudes*, 1853.*

Encenou-se, em abril do ano de 1493, e na cidade de Barcelona, uma daquelas grandes cenas que ocorrem apenas algumas vezes na história da nossa raça. Um marinheiro genovês, de humilde nascimento e fortuna, um entusiasta, um sonhador, um crente em Marco Polo e Mandeville e em todas as suas fabulosas grandezas — as costas douradas de Zipango, o paraíso das especiarias de Catai — concebera o magnífico projeto de procurar o que provou ser uma adição ao mundo conhecido de outro hemisfério.

Andara a mendigar de país em país, de monarca em monarca, por apoio e meios. Rejeitadas as suas propostas pela sua cidade natal, levara-as para Espanha, então governada por dois dos mais capazes soberanos que ela alguma vez teve. Mas ali a sorte habitual do teórico parecia persegui-lo. Sendo o seu melhor protetor o humilde guardião de um convento andaluz, a sua doutrina rejeitada pelo confessor da rainha como sabendo a heresia, as suas elevadas pretensões escarnecidas por nobres e arcebispos como as de um aventureiro estrangeiro necessitado, o seu esquema pronunciado pelos doutos magnatas do conselho de Salamanca (pois quando foi a Ciência titulada alguma vez uma pioneira?)

---

• O original, com o seu contexto, é: "*Le doute est une preuve de modestie, et il a rarement nui aux progrès des sciences. On n'en pourrait pas dire autant de l'incrédulité. Celui qui, en dehors des mathématiques pures, prononce le mot impossible, manque de prudence. La réserve est surtout un devoir quand il s'agit de l'organisation animale.*" — *Annuaire*, p. 445.

---

como sendo "vão, impraticável e descansando sobre fundamentos demasiado fracos para merecer o apoio do governo" — ele encontrara escassamente, por fim, mesmo na esclarecida e empreendedora Isabel, fé tardia suficiente para aventurar uma soma que qualquer dama da sua corte poderia ter gasto numa pulseira de diamantes ou num colar de pérolas.*

E agora, regressado como que de entre os mortos, sobrevivente de uma viagem sobrepujada por horrores sobrenaturais, o seu grande problema, como

que apesar do homem e da natureza, triunfantemente resolvido, o visionário era acolhido como o conquistador; o aventureiro necessitado era reconhecido como Almirante do Oceano Ocidental e Vice-rei de um Novo Continente; era recebido, em estado solene, pelos mais altivos soberanos do mundo, levantando-se à sua aproximação e convidado (o punitílio castelhano superado pelo poder intelectual) a sentar-se diante deles. Contou a sua história maravilhosa e exibiu, como comprovativos da sua verdade, os selvagens bronzeados e o ouro bárbaro. Rei, rainha e corte caíram de joelhos; e o *Te Deum* ressoou, como por alguma vitória gloriosa.

Nessa noite, no silêncio da sua câmara, que pensamentos podem ter apinhado a mente de Colombo! Que emoções exultantes devem ter inchado o seu coração! Um mundo passado considerara o Hemisfério Oriental como toda a terra habitável. Era sucedera-se a era, século passara após século, e ainda se aquiescia no interdito de que, para ocidente, além dos pilares montanhosos,† não pertencia ao homem explorar.

---

• *Dezassete mil florins foi a pequena quantia que o equipamento da primeira expedição de Colombo custou à coroa de Castela. Quão incomensuráveis são, por vezes, até os nossos esforços bem-sucedidos com a importância de algum nobre mas novo objeto de pesquisa! † ----quella foce stretta / Ov' Ercole segnò li suoi riguardi, / Acciocchè l'uom più oltre non si metta. Dante, Inferno, Canto XXVI.*

---

Contudo ele, o escolhido de Deus para resolver o maior dos mistérios terrestres, afrontando o que até os endurecidos marinheiros de Palos tinham considerado como destruição certa — ele, o esperançoso onde todos exceto ele próprio desesperavam — arrancara ao Abismo o seu segredo poderoso — realizara o que a voz unida do Passado declarara ser uma conquista impossível.

Mas agora, se, na quietude daquela noite, a este homem, entusiasta, sonhador, crente como era, tivesse aparecido subitamente algum Nostradamus do século XV, de mente profética instintiva com o futuro, e tivesse declarado ao dominador do oceano que nem quatro séculos decorreriam antes que aquele vasto golfo de águas interveniente — da margem distante do qual, através de meses de tempestade, ele acabara de tatear de volta o seu caminho cansado — não interpusesse obstáculo à livre comunicação do pensamento humano; que um homem de pé na costa ocidental da Europa devesse, dentro de trezentos e setenta anos a contar desse dia, travar conversação com o seu semelhante de pé na costa oriental do mundo recém-descoberto; mais — prodígio de todos os prodígios! —

que o mesmo raio terrível que durante a sua terrível viagem tantas vezes iluminara a imensidão de águas ao seu redor devesse ele próprio tornar-se o agente de comunicação através desse oceano fustigado por tempestades; que criaturas mortais, não ajudadas por anjo ou demónio, sem intervenção do Céu ou pacto com o inferno, devessem trazer esse relâmpago sob sujeição doméstica e empregá-lo, como poderiam fazer com algum lacaio ou pombo-correio, para levar as suas mensagens diárias; — a uma previsão tão loucamente extravagante, tão soberbamente absurda como essa, que crédito poderia até Colombo dar? Que resposta a tal visão profética podemos imaginar que ele, com toda uma experiência de vida da falta de visão do homem, teria dado? Provavelmente alguma resposta como esta: que, embora no futuro muitas coisas estranhas pudessem ser, tal manipulação da Natureza como essa — sem um milagre direto de Deus — era IMPOSSÍVEL!

Arago tinha razão. Com verdades exatas podemos lidar de uma maneira positiva. De um hexágono inscrito dentro de um círculo, cada lado é do mesmo comprimento que o raio desse círculo: é impossível que seja ou mais longo ou mais curto. A superfície contida dentro do quadrado da hipotenusa é exatamente da mesma extensão que os quadrados, tomados em conjunto, dos outros dois lados do mesmo triângulo retângulo: é impossível que seja ou maior ou menor. Estas coisas declaramo-las impossíveis com a mesma segurança e a mesma propriedade com que afirmamos que existimos; e não há mais presunção em declarar uma do que em afirmar a outra.

Mas, fora do domínio da matemática pura, ou regiões afins de verdade abstrata ou intuitiva, cauteloso e modesto nos seus pronunciamentos deveria ser o homem falível e de curta visão. Com que garantia assume ele determinar o que as leis de Deus permitem e o que negam? Com que autoridade toma sobre si afirmar que lhe são conhecidas todas estas leis? Sendo o termo da sua vida apenas um dia, a circunferência do seu conhecimento apenas um ponto, de onde deriva ele a sua comissão para, tateando no seu pequeno palmo do Presente, arrogantemente proclamar o que é e o que não é para ser no Futuro ilimitável? Não carrega a História em cada página uma condenação da impiedade? Não se levanta a Experiência diariamente e testemunha em voz alta contra tão egrégia presunção?

Não é assim que falam e raciocinam aqueles a quem a profunda pesquisa ensinou quão pouco sabem. Ocorre à sabedoria humilde de tais homens que podem existir leis da natureza com as quais estão inteiramente não familiarizados;* mais, algumas, talvez, que podem nunca, desde que o homem aqui esteve pela primeira vez para as observar, ter sido postas em operação de todo.

---

• *Traduzo da "Théorie analytique des Probabilités" de La Place: — "Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da natureza e os seus vários modos de ação, que não seria filosófico negar quaisquer fenómenos apenas porque no estado atual do nosso conhecimento eles são inexplicáveis. Isto apenas deveríamos fazer: na proporção da dificuldade que parece haver em admiti-los deveria ser a escrupulosa atenção que dedicamos ao seu exame." — Introd., p. 43. De uma autoridade amplamente aceite, ainda melhor conhecida entre nós, extraio, na mesma ligação, o seguinte, na última linha do qual, contudo, a palavra possibilidade poderia ter estado mais estritamente no lugar de probabilidade: — "Um ceticismo ilimitado é a parte de uma mente contraída, que raciocina sobre dados imperfeitos, ou faz do seu próprio conhecimento e extensão de observação o padrão e teste da probabilidade. . . Na receção sobre testemunho de declarações que são rejeitadas pelo vulgo como totalmente inacreditáveis, um homem de mente cultivada é influenciado pela recordação de que muitas coisas num dado tempo lhe pareceram maravilhosas e que ele agora sabe serem verdadeiras, e ele daí conclui que pode ainda haver na natureza muitos fenómenos e muitos princípios com os quais está inteiramente não familiarizado. Por outras palavras, ele aprendeu com a experiência a não fazer do seu próprio conhecimento o seu teste de probabilidade." — Abercrombie's Intellectual Powers, pp. 55 e 60.*

---

Sir John Herschel ilustrou aptamente esta verdade. "Entre todas as combinações possíveis", diz esse filósofo esclarecido, "dos cinquenta ou sessenta elementos que a química mostra existirem na terra, é provável, aliás, quase certo, que algumas nunca foram formadas; que alguns elementos, em algumas proporções e sob algumas circunstâncias, nunca foram ainda colocados em relação uns com os outros. Contudo, nenhum químico pode duvidar de que já está fixado o que eles farão quando o caso ocorrer. Eles obedecerão a certas leis, das quais nada sabemos presentemente, mas que devem estar já fixadas, ou não seriam leis."*

E o que é verdade quanto às regras de afinidade química é igualmente verdade para as leis fisiológicas e psicológicas. De facto, é mais provável ser uma verdade frequente quanto às leis da mente do que quanto às da matéria, porque não há nada no mundo tão constantemente progressivo como a inteligência do homem. A sua raça é a única, de todas as raças animadas com as quais estamos familiarizados, que muda e se eleva de geração em geração. O elefante e o castor de hoje não são, que saibamos, mais inteligentes ou mais

desenvolvidos do que eram o elefante e o castor de há três mil anos. O deles é um destino estacionário, mas o do homem um destino avançado, — avançando de instintos selvagens para sentimentos civilizados, de rusticidade iletrada para as artes e ciências e literatura, da anarquia para a ordem, do fanatismo para o Cristianismo.

Mas é precisamente no caso de um ser cujo progresso é constante, e cujo destino é ascendente bem como progressivo, que podemos com mais confiança esperar, em certas épocas do seu desenvolvimento, a revelação de novas relações e o desdobramento adicional de leis até então apenas imperfeitamente conhecidas.

Existe, é verdade, outra visão a tomar deste caso. Para alguns parecerá um estiramento injustificado de inferência analógica que, porque no departamento da química podemos antecipar combinações nunca antes formadas, a serem governadas por leis nunca antes operantes, devamos por isso concluir que no departamento da mente, também, fenómenos semelhantes podem ser esperados. Mente e matéria, poder-se-á objetar, estão separadas por uma linha de demarcação tão larga que o que é verdade para uma pode ser falso para a outra.

Estarão elas tão amplamente separadas? Distintas são; nada é mais insustentável do que o argumento do materialista; mas, contudo, quão intimamente ligadas! Uma pressão na substância do cérebro, e o pensamento é suspenso; uma esponja com algumas gotas anestésicas aplicada às narinas, e a insensibilidade sobrevém; outro odor inalado, e a vida extingue-se.

E se tal for a ação da matéria sobre a mente, não menos marcante é o controlo da mente sobre a matéria. A influência da imaginação é proverbial; contudo, foi sempre subestimada. A mente excitada pode curar o corpo sofredor. A fé, exaltada ao êxtase, deteve a doença.* O domínio da vontade plenamente agitada em ação transcende frequentemente o poder curativo do medicamento ou do médico.

Mas não é em considerações gerais, como estas, que repousa o argumento tocante à íntima ligação entre influências materiais e fenómenos mentais. O estudo moderno dos imponderáveis, já produtivo de resultados físicos que para os nossos antepassados teriam parecido meros milagres, proporcionou vislumbres de progresso noutra direção, que podem brilhar em descobertas diante das quais a travessia do Atlântico por um fio de relâmpago empalidecerá em insignificância. As primeiras inferências apressadas de Galvani quanto à eletricidade animal foram até certo ponto refutadas, é verdade, pelos testes mais rigorosos de Volta. Mas em Itália, na Prússia e em Inglaterra, experiências de data recente, seguindo a ideia justa embora imperfeita do professor bolonhês, estabeleceram o facto de

que as contrações musculares, voluntárias ou automáticas, que produzem ação num membro vivo, correspondem a correntes de eletricidade ali existentes em quantidades apreciáveis.†

O descobridor do creosote deu ao mundo os resultados de um trabalho de dez anos, pode dizer-se, no mesmo campo; distinguindo, contudo, o que ele chama força Ódica da força elétrica.*

---

• *"Preliminary Discourse on the Study of Natural Philosophy", por Sir John F. W. Herschel, Bart., K.H., F.R.S. Londres, 2.ª ed., 1851, p. 36.*

• *Estas opiniões encontram ampla confirmação — para selecionar uma entre muitas fontes — num ramo de estudo igualmente interessante para o médico e para o psicólogo; a história, a saber, das grandes epidemias mentais do mundo. O leitor encontrá-las-á brevemente notadas mais adiante nestas páginas.*

*† A primeira observação marcante de Galvani sobre uma agência elétrica produzindo contrações musculares em animais, feita a 20 de setembro de 1786, foi, afinal, o ponto de partida das recentes e interessantes pesquisas de Du Bois-Reymond, Zantedeschi, Matteucci e outros, no continente europeu, e de Rutter e Leger, em Inglaterra. O próprio Du Bois-Reymond, membro da Academia de Ciências de Berlim, admite muito candidamente este facto. Numa introdução histórica à sua obra sobre Magnetismo Animal ("Untersuchungen über thierische Elektricität", Berlim, 1848-49), esse escritor diz: "Galvani realmente descobriu não apenas a experiência fisiológica fundamental do galvanismo propriamente dito (a contração da rã quando tocada com metais diferentes), mas também a da eletricidade inerente aos nervos e músculos. Ambas estas descobertas estavam, contudo, escondidas em tal confusão de circunstâncias que o resultado em ambos os casos parecia depender igualmente dos membros ou tecidos dos animais empregues."*

*O leitor que deseje seguir este assunto pode consultar uma obra de H. Bence Jones, M.D., F.R.S., intitulada "On Animal Electricity: being an Abstract of the Discoveries of Emil Du Bois-Reymond", Londres, 1852. Também, "Traité des Phénomènes électro-physiologiques des Animaux", por Carlo Matteucci, Professor na Universidade de Pisa, 1844. Também a obra do Barão Humboldt sobre Fibras Nervosas e Musculares Estimuladas (Versuche über die gereizte Muskel- und Nervenfaser, u. s. w.). Em Inglaterra, as experiências neste ramo foram levadas mais longe do que em qualquer outro país; principalmente por Rutter de Brighton, e pelo Dr. Leger, cuja morte precoce foi uma perda tanto para a ciência fisiológica como para a psicológica.*

*Tive a oportunidade, através da amabilidade do Sr. Rutter, de testemunhar pessoalmente os extraordinários resultados a que a sua paciente pesquisa levou, e que lamento que o espaço não me permita aqui notar detalhadamente. Posso apenas referir a sua obra, "Human Electricity: the Means of its Development, illustrated by Experiments", Londres, 1854; e outro breve tratado sobre o mesmo assunto, pelo Dr. T. Leger, intitulado "The Magnetoscope: an Essay on the Magnetoid Characteristics of Elementary Principles, and their Relations to the Organization of Man", Londres, 1852. Todo o assunto é singularmente interessante e recompensará ricamente o estudo que lhe for dedicado.*

• *Refiro-me aqui aos elaborados tratados do Barão Reichenbach sobre o que ele chama a "Força Ódica", sem expressar qualquer opinião quanto à precisão das conclusões do autor. Reichenbach descobriu o creosote em 1833.*

*† O relatório de Arago sobre o assunto foi feito a 16 de fevereiro de 1846. É muito de lamentar que um observador tão sagaz não tenha tido oportunidade, neste caso, de seguir as suas primeiras experiências apressadas.*

Arago considerou o caso de Angélique Cottin (bem conhecida pelo nome de "A Rapariga Elétrica") digno de ser levado ao conhecimento da Academia de Ciências de Paris; e, falando, sete anos depois, do "poder real que um homem pode exercer sobre outro sem a intervenção de qualquer agente físico conhecido", declara que até o relatório de Bailly contra a teoria rudimentar de Mesmer mostra "como as nossas faculdades devem ser estudadas experimentalmente, e por que meios a psicologia poderá um dia obter um lugar entre as ciências exatas".*

Cuvier, mais familiarizado do que Arago com os fenómenos da natureza animada, fala mais decisivamente do que este sobre o mesmo assunto. "Dificilmente admite mais dúvidas", diz esse eminente naturalista, "que a proximidade de dois corpos vivos, em certas circunstâncias e com certos movimentos, tem um efeito real, independentemente de toda a participação da imaginação de um dos dois"; e acrescenta ainda que "parece agora suficientemente claro que os efeitos se devem a alguma comunicação estabelecida entre os seus sistemas nervosos".†

Isto é conceder o princípio que reside na base do Mesmerismo — uma concessão que é sustentada por inúmeras observações, pouco fiáveis em alguns casos, mas noutros, especialmente de tempos recentes, cuidadosamente feitas por experimentalistas íntegros e capazes, no terreno contestado do sonambulismo artificial e fenómenos afins.

• "*Biographie de Jean-Sylvain Bailly*", por M. Arago, originalmente publicada no "*Annuaire du Bureau des Longitudes*" de 1853, pp. 345 a 625.

† "*Leçons d'Anatomie comparée*" de G. Cuvier, Paris; An. viii. vol. ii. pp. 117, 118. O texto original, com o seu contexto, é o seguinte: — "*Les effets obtenus sur des personnes déjà sans connaissance avant que l'opération commençât, ceux qui ont lieu sur les autres personnes après que l'opération leur a fait perdre connaissance, et ceux que présentent les animaux, ne permettent guère de douter que la proximité de deux corps animés, dans certaines positions et avec certains mouvements, n'ait un effet réel, indépendant de toute participation de l'imaginação d'une des deux. Il paraît assez clairement, aussi, que les effets sont dus à une communication quelconque qui s'établit entre leurs systèmes nerveux.*"

---

Sem pausar aqui para indagar até que ponto estas várias e surpreendentes novidades necessitam de confirmação, ou até onde as deduções daí resultantes podem ser modificadas ou refutadas por observações futuras, pode encontrar-se nelas o suficiente de indiscutível para, se não indicar que podemos estar já agora nas margens de um Grande Oceano, desvendando lentamente as suas maravilhas, e cuja exploração nos trará recompensa mais rica do que a do Atlântico trouxe a Colombo, pelo menos para nos convencer de que a observação filosófica de Herschel pode ter um alcance mais vasto do que aquele que ele pretendeu dar-lhe; que na fisiologia e na psicologia, como na química, pode haver combinações possíveis que nunca foram ainda formadas sob os nossos olhos; novas relações, novas condições, ainda por existir ou aparecer; todas a serem governadas, quando ocorrerem, por leis que vigoram, na verdade, desde a criação do mundo, mas que permaneceram até agora, se não inoperantes, pelo menos ocultas da observação geral.

Da observação geral; pois, embora não reconhecidas pela ciência, nem por isso devem ser catalogadas como desconhecidas. É um dos objetivos propostos nas páginas que se seguem respigar, tanto do passado como do presente, indicações esparsas da existência de leis sob as quais foi alegado que o homem pode atingir, de fontes outras que não a revelação e a analogia, alguma garantia em relação ao mundo vindouro. E visto ser evidente que nenhuma verdade abstrata é violada pela hipótese da existência de tais leis, não poderei eu aduzir nomes como Arago e Herschel para me sustentarem na afirmação de que carecem de prudência aqueles que tomam sobre si pronunciar, antecipadamente, que quem quer que argumente tal tema se empenhou numa busca pelo impossível?

## CAPÍTULO III

## O MILAGROSO

*A causa universal age, não por leis parciais, mas por leis gerais.* — Pope.

Os homens estão muito geralmente de acordo em considerar como atingido pela superstição ou cegado pela credulidade aquele que acredita em qualquer milagre dos dias modernos. E à medida que o mundo envelhece, esta descrença no sobrenatural adquire gradualmente força e universalidade.

A razão parece ser que, quanto mais perspicazmente a ciência explora o mecanismo do universo e desvenda o plano do seu governo, mais evidências surgem para a opinião do poeta de que é por leis gerais, e não parciais, que o universo é governado.

Em tal doutrina, a questão da omnipotência de Deus não está de todo envolvida. Não se trata de saber se Ele *pode* abrir exceções a um sistema de lei universal, mas se o *faz*. Se nos pudermos permitir falar das escolhas e intenções de Deus, não se trata de saber se, para atender a uma exigência incidental, Ele tem o poder de suspender a ordem daquelas sequências constantes que, por causa da sua constância, denominamos leis; mas apenas se, de facto, Ele escolhe selecionar esse modo ocasional de efetivar os Seus objetivos, ou se não prefere antes levá-los a cabo segundo um plano mais invariável, por meios menos excecionais e arbitrários. É uma questão de facto.

Mas a Ciência moderna, no seu progresso, não só risca daquilo que costumava ser considerado como a lista de exceções à ordem geral da natureza um item após outro: ela exibe-nos, também, mais claramente a cada dia, a simplicidade das leis naturais e o princípio de unidade sob o qual ramos destacados estão ligados como partes de um grande sistema.

Assim, tal como aplicado ao que acontece no nosso dia, a experiência acumulada desacredita a doutrina das causas ocasionais e a crença no milagroso. Se um homem nos relata, mesmo a partir da sua própria experiência, algum incidente que envolva claramente uma agência sobrenatural, ouvimos com um encolher de ombros de piedade. Se temos uma opinião demasiado boa da honestidade do narrador para suspeitar que ele está a brincar com a nossa credulidade, concluímos sem hesitação que ele está enganado pela sua própria. Não paramos para examinar a evidência de um milagre moderno: rejeitamo-lo por princípios gerais.

Mas, ao assentirmos em tal ceticismo, faremos bem em considerar o que é um milagre. Hume, no seu bem conhecido capítulo sobre este assunto, aduz uma ilustração útil. O príncipe indiano, diz ele, que rejeitou o testemunho quanto à existência do gelo, recusou o seu assentimento a factos que surgiam de um estado

da natureza com o qual ele não estava familiarizado, e que guardavam tão pouca analogia com aqueles eventos de que ele tivera experiência constante e uniforme. Quanto a estes factos, ele alega: "Embora não fossem contrários à sua experiência, não eram conformes a ela".* E, em explicação da distinção aqui feita, acrescenta, numa nota: "Nenhum indiano, é evidente, poderia ter experiência de que a água não congelava em climas frios".†

Será a distinção acima substancial? Se sim, ela leva muito mais longe do que Hume pretendeu que levasse. Não só o príncipe indiano nunca vira a água em estado sólido; até agora, nunca ouvira falar de tal coisa. Não só a sua própria experiência invariável se opunha ao facto alegado, mas a experiência dos seus pais, as tradições do seu país, tudo declarava que a água sempre fora, como agora era, um fluido.

---

• *Hume's "Essays and Treatises on Various Subjects", 2nd ed., London, 1784, vol. ii. p. 122.*

*† Hume's Essays, vol. ii., Nota K, p. 479.*

---

Não tinha ele o direito de dizer que a água sólida era uma coisa contrária à sua experiência? Ou deveria ele, com moderação filosófica, ter restringido a sua declaração a isto: que o fenómeno do gelo, se tal fenómeno tivesse existência real, "surgia de um estado da natureza com o qual ele não estava familiarizado"?

Nós, que tantas vezes caminhámos sobre água sólida, não encontramos dificuldade em decidir que esta última é o que ele deveria ter dito. Perdoemos ao selvagem ignorante a sua negação presunçosa, assim como nós mesmos, em caso semelhante, gostaríamos de ser perdoados!

Reflitamos quanta sabedoria cautelosa, que não encontramos entre os mais bem informados e instruídos de nós mesmos, estamos a esperar de um bárbaro iletrado. Indaguemos se Hume, calmo e filosófico como é, não falha ele próprio na própria sabedoria que exige. Diz ele, no mesmo capítulo: —

"Um milagre é uma violação das leis da Natureza; e, como uma experiência firme e inalterável estabeleceu estas leis, a prova contra um milagre, pela própria natureza do facto, é tão inteira quanto qualquer argumento da experiência possa possivelmente ser imaginado."*

Eis duas proposições: uma, a de que o que uma experiência firme e inalterável estabelece é uma lei da natureza; e a outra, a de que uma variação de tal lei é um milagre.

Mas nenhuma experiência humana é inalterável. Podemos dizer que foi até agora inalterada. E mesmo isso é sempre arriscado dizer. Se alguém tem o direito de falar assim da sua experiência e da dos seus semelhantes, não estava o príncipe indiano justificado em considerar como provado, por experiência inalterável, que uma pedra colocada na superfície de uma massa de água se afundaria até ao fundo?

---

• *Hume's Essays*, vol. ii. p. 122.

---

Não estava ele plenamente justificado, segundo as próprias premissas de Hume, em classificar a alegação do viajante em contrário como a asserção de um milagre e, como tal, em rejeitá-la como impossível?

"Nenhum indiano", diz Hume, "poderia ter experiência de que a água não congelava em países frios." Com certeza que não. Isso era um facto além da sua experiência. Não haverá factos além da nossa? Não haverá estados da natureza com os quais não estejamos familiarizados? Será apenas o príncipe indiano cuja experiência é limitada e falível?

Quando um homem fala da experiência do passado como um regulador da sua crença, ele quer dizer — ele *só pode* querer dizer — aquela parte dessa experiência que chegou ao seu conhecimento direta ou indiretamente. Em tal caso, então, para se expressar com precisão, ele não deveria dizer "a experiência do passado" — pois isso implicaria que ele conhece tudo o que alguma vez aconteceu — mas apenas "a minha experiência passada".

Então a asserção de Hume, no parágrafo acima citado, é a de que a sua experiência passada, sendo firme e inalterável,* lhe permite determinar quais são as leis invariáveis da natureza e, consequentemente, o que são milagres.

Nem é esta a extensão total da presunção. Noutra parte deste capítulo o autor diz "que um milagre sustentado por qualquer testemunho humano é mais propriamente um objeto de escárnio do que de argumento".†

Tomado em ligação com o parágrafo acima citado, que doutrina monstruosa é aqui estabelecida! Que seja enunciada em termos claros: —

---

• *Noutro lugar (p. 119) Hume emprega a palavra infalível numa ligação semelhante, assim: — "Um homem sábio proporciona a sua crença à evidência. Em conclusões tais que se fundam numa experiência infalível, ele espera o*

*evento com o último grau de segurança, e encara a sua experiência passada como uma prova plena da existência futura desse evento." (Os itálicos são dele.)*

*† Hume's Essays, vol. ii. p. 133.*

---

"Encaro a minha experiência passada como firme e inalterável. Se uma testemunha, por mais credível que seja, atesta qualquer ocorrência que seja contrária a essa experiência, não argumento com tal homem: ele é apenas digno de escárnio."

Embora, nos nossos dias, centenas de pessoas que deveriam saber mais ajam segundo esta mesma doutrina, não gostaria de ser entendido como afirmando que Hume pretendeu apresentá-la. Muitas vezes falhamos em perceber o desfecho legítimo das nossas próprias premissas.

Mas avancemos mais um passo. Indaguemos sob que circunstâncias temos o direito de dizer: "tal ou tal ocorrência é *incrivel*, pois seria *milagrosa*".

A questão traz-nos de volta à nossa primeira indagação — quanto ao que é um milagre. Examinemos a definição de Hume: —

"Um milagre pode ser definido com precisão: uma transgressão de uma lei da natureza por uma volição particular da Divindade, ou pela interposição de algum agente invisível."*

Noto, de passagem, que a expressão "pela interposição de algum agente invisível" é uma imprecisão. O frio é um agente invisível: nem sequer é um agente positivo de todo, sendo apenas a retirada ou diminuição do calor. Contudo, o frio suspende o que o príncipe indiano tinha fortes razões para considerar como uma lei da natureza.

Mas a proposição principal permanece. "Um milagre é uma transgressão de uma lei da natureza por uma volição particular da Divindade."

Aqui, novamente, a linguagem parece infelizmente escolhida. Quando falamos de uma coisa como acontecendo pela vontade de Deus, pretendemos racionalmente, pela expressão, apenas que é o ato de Deus; pois as intenções de Deus são inescrutáveis para nós, exceto na medida em que aparecem nos Seus atos. Podemos dizer de qualquer coisa que ocorre de todo, que ela não ocorre por volição da Divindade?

---

• *Hume's Essays*, vol. ii., Nota K, p. 480.

A palavra "transgressão", também, parece não ser a melhor que poderia ter sido empregada.* Deve, naturalmente, ser tomada no seu sentido original de um ir ou passar além. O autor quis evidentemente dizer uma suspensão temporária para se adequar a uma emergência particular; e essa teria sido a frase mais apropriada.

A ideia de Hume, então, pareceria ser expressa de forma mais adequada nestes termos: — "Um milagre é uma suspensão, numa emergência especial e apenas por esse tempo, de uma lei da natureza, pela intervenção direta da Divindade". Poderíamos acrescentar, para completar a conceção comum de um milagre, as palavras: "em atestação de alguma verdade".

E agora surge a questão principal, já sugerida. Como havemos de saber, quanto a qualquer fenómeno invulgar que nos seja apresentado, que ele é um efeito da intervenção especial de Deus? Por outras palavras, se ele é milagroso?

Mas não farei sequer esta pergunta quanto a nós mesmos, finitos e de curta visão que somos. Ela será colocada de forma muito mais contundente. Imaginemos um sábio, favorecido para além de qualquer mortal vivo, de mente tão abrangente, de informação tão vasta, que toda a experiência do mundo passado, século a século, desde a criação do homem, estivesse patente perante ele. Suponhamos que a pergunta lhe era dirigida. E teria ele — um ser assim preternaturalmente dotado — teria mesmo ele o direito de decidir, teria ele os meios de decidir, quanto a qualquer evento que possa acontecer hoje, se ele é, ou não é, um milagre?

*— Seria hipercriticismo objetar a esta expressão de uma forma geral. Os melhores autores empregaram-na como Hume faz, embora antes na poesia do que na prosa, como Dryden:*

*"Long stood the noble youth, oppressed with awe, And stupid at the wondrous things he saw, Surpassing common faith, transgressing Nature's law."*

*Mas uma frouxidão de expressão que pode adornar uma frase poética, ou passar sem contestação num tema literário, deve ser evitada num argumento estritamente lógico, e mais especialmente numa definição de termos.*

Ele pode saber, o que nós nunca poderemos, que uma experiência uniforme, continuada ao longo de milhares de anos e ainda não quebrada por uma única exceção, estabeleceu, tanto quanto a experiência passada o pode estabelecer, a existência de uma lei natural ou sequência constante; e ele pode observar uma variação, a primeira que alguma vez ocorreu, a essa lei. Mas ser-lhe-á dado saber se a Divindade, para atender a uma certa exigência, está a suspender a Sua

própria lei, ou se esta variação não é uma porção integrante da própria lei original? Por outras palavras, se a lei aparente, julgada por uma indução que decorre através de milhares de anos, é a expressão total dessa lei, ou se a exceção que agora aparece pela primeira vez não estava abrangida no ajuste primário da própria lei, quando esta foi feita para agir pela primeira vez no grande mecanismo do Universo?

Terá o Criador do mundo falta de poder para estabelecer, para o seu governo progressivo, leis de (como lhes podemos chamar) um carácter portador de mudança? Preservando, (isto é,) através do lapso de muitas eras, a constância da sequência e, depois, numa certa época, por virtude desse carácter (nele impresso pela mesma ordenação original que determinou a anterior constância de longa duração), ser feita para exibir uma variação?

Nós, Suas criaturas, mesmo com os nossos poderes restritos, sabemos como imprimir num mecanismo humano leis precisamente de tal carácter. A ilustração fornecida pela Máquina de Calcular de Babbage, por muito familiar que possa ser, sugere-se tão naturalmente nesta ligação que poderei ser perdoado por apresentá-la aqui.

A máquina do Sr. Babbage, destinada a calcular e imprimir tabelas matemáticas e astronómicas para o Governo Britânico, oferece resultados incidentais interessantes. Destes, o seguinte, fornecido pelo próprio inventor, é um exemplo; e um de tal carácter que nenhum conhecimento do mecanismo da máquina, nem familiaridade com a ciência matemática, é necessário para o compreender.

Ele pede-nos que imaginemos que a máquina fora ajustada. É posta em movimento por um peso, e o espetador, sentando-se diante dela, observa uma roda que se move através de um pequeno ângulo em torno do seu eixo, e que apresenta à sua vista, em curtos intervalos, sucessivamente, uma série de números gravados na sua superfície dividida. Ele pede-nos para supor que os algarismos assim vistos são a série de números naturais, 1, 2, 3, 4, etc.; cada um excedendo o seu antecedente pela unidade. Depois ele prossegue: —

"Agora, leitor, deixe-me perguntar-lhe quanto tempo terá contado antes de estar firmemente convencido de que a máquina, supondo que os seus ajustes permanecem inalterados, continuará, enquanto o seu movimento for mantido, a produzir a mesma série de números naturais? Algumas mentes, talvez, são de tal modo constituídas que, após passarem os primeiros cem termos, ficarão satisfeitas por estarem familiarizadas com a lei. Depois de verem quinhentos termos, poucos duvidarão; e após o quinquagésimo milésimo termo, a propensão para acreditar que o termo seguinte será cinquenta mil e um será quase

irresistível. Esse termo será cinquenta mil e um: a mesma sucessão regular continuará; o milionésimo e o cinquentamilionésimo termo aparecerão ainda na sua ordem esperada; e uma cadeia ininterrupta de números naturais passará diante dos seus olhos, de um até cem milhões.

"Fiel à vasta indução que foi assim feita, o termo seguinte será cem milhões e um; mas depois disso, o número seguinte apresentado pela borda da roda, em vez de ser cem milhões e dois, é cem milhões dez mil e dois. Toda a série, desde o início, sendo assim: —

99,999,999 100,000,000 regularmente até 100,000,001 100,010,002: — a lei muda. 100,030,003 100,060,004 100,100,005 100,150,006 100,210,007

"A lei que parecia ao princípio governar esta série falhou no centésimo milionésimo e segundo termo. Este termo é maior do que esperávamos em 10.000. O termo seguinte é maior do que era antecipado em 30.000; e o excesso de cada termo acima do que esperávamos revela ser 10.000, 30.000, 60.000, 100.000, 150.000, etc.; sendo, de facto, o que se chama a série de números triangulares, cada um multiplicado por 10.000."

O Sr. Babbage prossegue afirmando que esta nova lei, após continuar por 2761 termos, falha no dois mil setecentos e sexagésimo segundo termo, quando outra lei entra em ação, para continuar por 1430 termos; para depois dar lugar a uma outra ainda, estendendo-se por 950 termos; a qual, como todas as suas predecessoras, falha por sua vez, e é sucedida por outras leis, que aparecem em diferentes intervalos.

As observações do Sr. Babbage sobre este fenómeno extraordinário são as seguintes: —

"Agora, deve notar-se que a lei de que cada número apresentado pela máquina é maior pela unidade do que o número precedente, lei essa que o observador deduzira de uma indução de cem milhões de instâncias, não era a verdadeira lei que regulava a sua ação; e que a ocorrência do número 100,010,002 no centésimo milionésimo e segundo termo era uma consequência tão necessária do ajuste original, e poderia ter sido tão plenamente antecipada no início, como o foi a sucessão regular de qualquer um dos números intermédios em relação ao seu antecedente imediato. A mesma observação aplica-se ao desvio aparente seguinte da nova lei, que fora fundada numa indução de 2761 termos, e a todas as leis subsequentes; apenas com esta limitação, — que, enquanto a sua introdução consecutiva em vários intervalos definidos é uma consequência necessária da estrutura mecânica da máquina, o nosso conhecimento de análise ainda não nos permite prever os períodos em que as leis mais distantes serão introduzidas."*

Esta ilustração não deve ser tomada como subornada para estabelecer mais do que estritamente prova. É, sem dúvida, não só uma provisão sábia mas necessária na nossa natureza, que a constância de qualquer sequência no passado nos deva inspirar fé de que continuará no futuro. Sem tal fé, a economia comum da vida pararia. Incertos sobre se o sol de amanhã nasceria como o de hoje, ou se as estações continuariam as suas alternâncias regulares, as nossas vidas passariam entre escrúpulos e hesitações. Todo o cálculo seria frustrado; toda a indústria afundaria sob o desânimo. As probabilidades, tão incalculavelmente grandes, na maioria dos casos, que para todos os propósitos práticos equivalem a certeza, estão a favor da constância das sequências naturais.

---

• "*Ninth Bridgewater Treatise*", por Charles Babbage, 2.ª ed., Londres, 1838, pp. 34 a 39. A passagem já foi citada por outro, em ligação com uma questão fisiológica.

---

As expetativas correspondentes, comuns ao homem e aos animais inferiores, são instintivas. Tudo isto é não só verdade, mas é palpável para a nossa consciência quotidiana, — uma verdade sobre a qual se baseia toda a superestrutura das nossas esperanças e ações diárias. A roda, com a sua superfície dividida, sempre girando, apresenta, aos olhos humanos, uniformidade de sequência, era após era; e quando a cadeia ininterrupta correu de milhares para milhões, estamos justificados, amplamente justificados, em esperar que o termo seguinte obedeça à mesma lei que determinou o seu antecedente. Tudo o que procurei fazer neste argumento foi manter viva nas nossas mentes a convicção de que pode haver um centésimo milionésimo e segundo termo, no qual a vasta indução falha; e que, se tal aparece, não temos o direito de concluir que a mudança, sem precedentes como nos deve parecer, não é uma consequência tão necessária de um ajuste original como o foi a uniformidade aparentemente infinita que a precedeu.

A extrema raridade do que chamei leis da natureza portadoras de mudança deve ser concedida; mas não a improbabilidade da sua existência. Num mundo sobre o qual está estampado o cunho do progresso e que, por quanto saibamos, pode continuar a durar através de eras incontáveis, leis de tal carácter, autoadaptadas a um estado de coisas mutável, podem ser encaradas como de ocorrência provável.*

---

• *A ciência moderna está a revelar-nos vislumbres que podem brilhar em prova positiva desta hipótese. Sir John Herschel, escrevendo a Lyell, o geólogo, e aludindo ao que chama esse "mistério dos mistérios, a substituição de espécies extintas por outras", diz: — "Pela minha parte, não posso senão considerar uma conceção inadequada do Criador assumir como garantido que as Suas combinações estão exaustas em qualquer um dos teatros do seu anterior exercício; embora nisto, como em todas as Suas outras obras, sejamos levados por toda a analogia a supor que Ele opera através de uma série de causas intermédias, e que, em consequência, a originação de novas espécies, pudesse ela alguma vez vir sob o nosso conhecimento, revelar-se-ia um processo natural, em contraposição a um processo milagroso; embora possamos não perceber indicação de qualquer processo, atualmente em curso, que seja provável resultar em tal desfecho." — Carta de Herschel de 20 de fevereiro de 1836, publicada no Apêndice à obra de Babbage acima citada, p. 226.*

• *Lendo este capítulo mais de um ano depois de ter sido escrito — a saber, em março de 1859 — para um círculo privado de amigos em Londres, um deles chamou a minha atenção, em ligação com o seu argumento, para um artigo então acabado de publicar no (London) Athenæum, atribuído (corretamente, creio) ao Professor De Morgan, da Universidade de Londres. Provou ser uma crítica dessa estranha autocomprometimento de um homem capaz, seguindo virtualmente a falsa pista de Hume, a extraordinária palestra de Faraday sobre "Treino Mental", proferida perante o Príncipe Alberto, na Royal Institution. E foi para mim uma satisfação, ao consultar o artigo, encontrar da pena de um dos primeiros matemáticos da Europa um parágrafo como o seguinte: — "O filósofo natural, quando imagina uma impossibilidade física que não é uma inconcebibilidade, meramente afirma que o seu fenómeno é contra tudo o que foi até agora conhecido do curso da natureza. Antes de poder abranger uma impossibilidade, ele tem um enorme postulado a pedir ao seu leitor ou ouvinte, um postulado que a natureza nunca ensinou: é o de que o futuro deve concordar sempre com o passado. Como sabe que esta sequência de fenómenos sempre será? Resposta: Porque deve ser. Mas como sabe que deve ser? Resposta: Porque sempre foi. Mas então, mesmo concedendo que sempre foi, como sabe que o que sempre foi sempre será? Resposta: Sinto a minha mente compelida a essa conclusão. E como sabe que as inclinações da sua mente tendem sempre para a verdade? Porque sou infalível, deveria ser a resposta: mas esta resposta nunca é dada." — Athenæum, N.º 1637, de março [12, 1859, p. 350.*

---

Mas basta para o presente argumento estabelecer a possibilidade de tais leis. Se elas são possíveis, então, em relação a qualquer ocorrência alegada de tempos

modernos (estranha em carácter, talvez, mas chegando até nós bem atestada), estamos impedidos de afirmar que, por ser contrária à experiência passada, seria milagrosa e é consequentemente impossível. Estamos tão estritamente impedidos disto como estão os visitantes da máquina de Babbage de pronunciar, quando a longa uniformidade de uma sequência passada é inesperadamente violada, que o inventor tem andado a lidar com artes mágicas e está a invadir o sobrenatural.

Mais ainda, existem razões muito mais fortes contra tal presunção no nosso caso do que no do suposto espetador diante da máquina de calcular. Ele observou a série inteira, até ao centésimo milionésimo termo. Quão insignificante a fração que passou diante dos nossos olhos! Quão imperfeito o nosso conhecimento daquela porção que passou diante dos olhos dos nossos antepassados! Quão insuficientes, então, são os dados para uma decisão de que a uniformidade passada foi ininterrupta!

E nisto, para além de qualquer dúvida, encontramos uma fonte de erro infinitamente mais frequente do que é a falha em reconhecer uma lei portadora de mudança. Expus a existência de tais leis como uma possibilidade para além da negação humana; contudo, apenas como um argumento para enfrentar um caso extremo, — um caso tão excessivamente raro que, não obstante a sua possibilidade certa, pode nunca apresentar-se à nossa observação. No que toca ao alcance da nossa experiência limitada, o argumento, por muito inegável que seja, pode não ter aplicação prática. Pode nunca ser nossa sorte estarmos perante a Grande Máquina no momento em que o centésimo milionésimo e segundo termo, apresentando-se inesperadamente, indica um desvio de todo o precedente anterior.

Entre as leis que vemos a funcionar, pode acontecer que nunca observemos uma que algum antepassado já não tenha visto em operação. Aliás, essa possibilidade é provável. Por outras palavras, se um fenómeno se apresentar realmente e formos tentados a considerá-lo como uma violação da lei natural, é mais provável — dez mil para um — que um fenómeno semelhante já se tenha mostrado mais ou menos frequentemente no passado, do que se apresente agora pela primeira vez na história da nossa raça.

A fonte do nosso erro, então, quando confundimos o extraordinário com o milagroso, reside muito mais frequentemente na nossa ignorância do que foi do que nas nossas falsas conceções do que pode ser. O erro em si, surgindo de qualquer uma das fontes, é grave, acarretando consequências práticas importantes, que variaram no seu carácter prevalecente em diferentes períodos do mundo.

No nosso dia, o resultado habitual é a incredulidade, antes do exame, quanto a todos os fenómenos que parecem, à nossa experiência limitada, incapazes de explicação racional. Há um ou dois séculos, o mesmo erro assumia frequentemente uma forma diferente. Quando um fenómeno se apresentava aos homens desse tempo, cuja causa eles não compreendiam, e que lhes parecia, por essa razão, fora do curso da natureza, costumavam dar por certo que ele acontecia ou por agência do diabo, ou por interposição especial da Divindade em atestação de alguma verdade contestada.

Assim, Racine relata o que ele chama a cura milagrosa de Mademoiselle Perrier, sobrinha de Pascal e então residente no célebre Convento de Port Royal; e o próprio Pascal procura provar que este milagre era necessário à religião e foi realizado em justificação das freiras daquele convento, ardentes jansenistas e, por essa razão, sob o banimento dos jesuítas. La Place, tratando tudo como impostura, aduz o caso como um exemplo lamentável — "aflitivo de ver e doloroso de ler" — dessa credulidade cega que é por vezes a fraqueza de grandes homens.*

---

• *Ver Introdução à sua "Théorie analytique des Probabilités", (7.º vol. das suas obras, Paris, 1847,) p. 95. Para a história em si, o leitor é remetido para o "Abrégé de l'Histoire de Port Royal" de Racine, Paris, 1693. O alegado milagre ocorreu em 1656. A jovem rapariga, Perrier, sofria de uma fístula lacrimal. Ao olho doente foi aplicada uma relíquia, — que se dizia ser um espinho da coroa que os soldados judeus, por escárnio, colocaram na cabeça de Cristo. A rapariga declarou que o toque a curara. Alguns dias depois ela foi examinada por vários médicos e cirurgiões, que substanciaram o facto da sua cura e expressaram a opinião de que esta não fora provocada por tratamento médico, ou por qualquer causa natural. Além disto, a cura foi atestada não só por todas as freiras do convento — célebre em toda a Europa pela sua austeridade — mas é ainda fortificada por toda a prova que uma multidão de testemunhas de carácter indubitável — homens do mundo bem como médicos — puderam conferir-lhe. A Rainha Regente de França, muito preconceituosa contra Port Royal como um ninho de jansenistas, enviou o seu próprio cirurgião, M. Felix, para examinar o milagre; e ele regressou um convertido absoluto.*

*Tão incontestável foi considerado, mesmo pelos inimigos das freiras, que salvou realmente o seu estabelecimento por algum tempo da ruína com que era ameaçado pelos jesuítas — que acabaram por conseguir, contudo, uns cinquenta e três anos mais tarde, suprimir o convento; sendo este fechado em outubro de*

*1709 e arrasado até ao chão no ano seguinte. Para Racine — escrevendo em 1673 e, portanto, não familiarizado com estes factos — o argumento não podia ocorrer de que Deus não Se deixa frustrar pelo homem e que é difícil imaginá-Lo a interferir um dia em apoio de uma causa que, no dia seguinte, Ele deixa sucumbir perante os esforços dos seus inimigos. Mas aqui aproximamo-nos de um assunto velado ao olhar finito: as intenções do Infinito. Estamos tão pouco justificados em afirmar que Deus não teve um propósito especial ao permitir um fenómeno extraordinário que, perante a ignorância daquele tempo, parecia um milagre, como em assumir decidir qual possa ter sido esse propósito.*

---

A verdade neste caso, como em muitos outros, pode racionalmente ser procurada entre estes extremos de opinião. Não podemos, a esta distância de tempo, assumir decidir quais foram os factos precisos; mas, sem impugnar a boa fé de uma multidão de testemunhas respeitáveis, podemos considerar provável que a cura tenha sido realmente extraordinária, devida, talvez, à influência da mente excitada sobre o corpo, ou a alguma agência magnética ou outra oculta até agora não reconhecida pela ciência; em todo o caso, a alguma causa natural, embora oculta. Pascal e La Place estão sem dúvida igualmente em erro; o último ao negar que uma cura maravilhosa foi efetuada, o primeiro ao procurar a sua causa na intervenção especial de um poder sobrenatural; ao imaginar que Deus suspendera para a ocasião uma grande lei da natureza, com o propósito de caucionar as cinco proposições de Jansénio, de repreender uma certa ordem religiosa e de proporcionar um triunfo momentâneo a algumas freiras perseguidas.

Erros semelhantes têm sido de ocorrência frequente. Talvez o exemplo mais marcante em registo esteja contido naquele extraordinário episódio na história instrutiva das epidemias mentais da Europa: a história do que foi chamado os Convulsionários de S. Medardo. É a isto que Hume alude, num parágrafo do capítulo do qual já citei, quando diz: —

"Certamente nunca houve um maior número de milagres atribuídos a uma pessoa do que aqueles que se disse terem sido ultimamente operados em França sobre o túmulo do Abade Paris, o famoso jansenista, com cuja santidade o povo foi durante tanto tempo iludido. A cura dos doentes, a audição dada aos surdos e a visão aos cegos, eram em toda a parte faladas como os efeitos habituais daquele santo sepulcro. Mas, o que é mais extraordinário, muitos dos milagres foram imediatamente provados no local, perante juízes de integridade inquestionável, atestada por testemunhas de crédito e distinção, numa era erudita, e no teatro mais eminente que existe agora no mundo. Nem é isto tudo: uma relação deles

foi publicada e dispersa por toda a parte; nem os jesuítas, embora um corpo erudito, apoiados pelos magistrados civis e inimigos determinados daquelas opiniões em cujo favor se dizia que os milagres tinham sido operados, foram alguma vez capazes de os refutar ou detetar distintamente. Onde encontraremos tal número de circunstâncias concordando para a corroboração de um facto? E o que temos para opor a tal nuvem de testemunhas senão a impossibilidade absoluta ou a natureza milagrosa dos eventos que elas relatam? E isto, certamente, aos olhos de todas as pessoas razoáveis, será por si só considerado como uma refutação suficiente."*

Hume coloca-se aqui na categoria daqueles que Arago considera carentes de prudência. Ele pronuncia certos eventos como impossíveis porque são contrários à sua experiência. Ele é enganado pelas pretensões daqueles que os relatam. O eminente magistrado a cuja obra elaborada devemos uma narrativa dos eventos em questão (Carré de Montgeron) assume que eles foram provocados pela intervenção especial de Deus, exercida por intercessão do falecido Abade, para sustentar a causa dos Apelantes jansenistas e condenar as doutrinas da Bula *Unigenitus*.† Hume não pode admitir a razão ou a justiça de tais pretensões. Nem nós. Mas aqui devemos distinguir. Uma coisa é recusar crédito à realidade dos fenómenos, e outra muito diferente é objetar à interpretação que lhes é dada. Podemos admitir a existência de cometas, e no entanto negar que eles agourem o nascimento ou a morte de heróis.

---

• *Hume's Essays, vol. ii. p. 133.*

*† "La Vérité des Miracles opérés par l'intercession de M. de Paris et autres Appellans", par M. Carré de Montgeron, Conseiller au Parlement de Paris. 3 vols. 4to, 2.ª ed., Colónia, 1745. Transcrevo do anúncio, p. 5: — "Il s'agit de miracles qui prouvent évidemment l'existence de Dieu et sa providence, la vérité du Christianisme, la sainteté de l'église Catholique, et la justice de la cause des Appellans de la bulle Unigenitus." O peso da evidência apresentado nesta obra extraordinária, em prova de cada um dos principais milagres que ali se procuram estabelecer, seria suficiente, num tribunal de justiça, para condenar vinte homens. Duvido que uma massa tão esmagadora de testemunho humano tenha alguma vez sido reunida para sustentar qualquer classe de factos contestados. Preparei, e tive a intenção de incluir no presente volume, um capítulo contendo uma narrativa condensada desta maravilhosa epidemia e dos fenómenos que ela trouxe à luz; também tencionava dedicar vários outros capítulos aos detalhes de outros episódios históricos de carácter algo*

*semelhante. Mas o assunto cresceu sob as minhas mãos para tais dimensões que fui compelido a excluí-lo.*

---

A primeira é uma questão de facto, a segunda apenas de inferência ou imaginação.

Esta visão do caso não parece ter-se sugerido na altura nem a amigos nem a inimigos. Os inquisidores jesuítas, incapazes de contestar os factos, não encontraram outra solução senão atribuí-los à feitiçaria e ao diabo; nem lhes ocorreu melhor modo de refutar a obra de Montgeron do que fazê-la queimar pelas mãos do carrasco comum, a 18 de fevereiro de 1739.

A ciência moderna é mais criteriosa. Os melhores escritores médicos sobre a loucura e assuntos afins, após darem o devido desconto aos exageros incidentes ao calor do controversialismo, e às imprecisões em que a ignorância da fisiologia certamente trairia observadores inexperientes, ainda encontram evidência suficiente remanescente para provar, para além de contestação, a realidade de certas curas e outros fenómenos maravilhosos exibidos; mas procuram a explicação destes em causas naturais.* Não imaginam que a Divindade tenha suspendido as leis da natureza para refutar uma bula papal; mas também não declaram, com Hume, a impossibilidade dos factos reivindicados como milagrosos.

---

• *Consulte-se, por exemplo, a excelente obra do Dr. Calmeil, "De la Folie, considérée sous le point de vue pathologique, philosophique, historique, et judiciaire", 2 vols., Paris, 1845. Encontrar-se-á no vol. ii. pp. 313 a 400, no capítulo intitulado "Théomanie Extato-Convulsive parmi les Jansénistes", no qual o assunto é examinado em detalhe, de um ponto de vista médico, e são oferecidas explicações naturais para os fenómenos em questão, muitos dos quais são de um carácter tão assombroso que Hume, ignorante como era dos efeitos produzidos no sonambulismo, durante a catalepsia e noutros estados anormais do sistema humano, pode bem ser perdoado pela sua incredulidade. Calmeil acredita — e parece suficientemente provável — que estas convulsões constituíam uma maladia nervosa de carácter agravado, provavelmente histeria complicada com sintomas estáticos e catalépticos. Diz ele: "Dès 1732, l'hystérie se compliqua de phénomènes extatiques, de phénomènes cataleptiformes." — Vol. ii. p. 395.*

Um julgamento semelhante àquele que o historiador escocês, há mais de um século, passou sobre os milagres de S. Medardo, é passado nos nossos dias, por uma grande maioria do mundo, sobre todas as alegadas aparições ou agências de carácter ultramundano. A opinião comum é que tais coisas não podem acontecer exceto milagrosamente; isto é, por intervenção especial da Divindade e uma suspensão temporária por Ele, a favor de certas pessoas, de uma ou mais das leis que governam o universo. E, como não podem acreditar em milagres, rejeitam, sem exame, toda a evidência que tenda a estabelecer a realidade de tais fenómenos.

Não estou aqui a afirmar que tais fenómenos ocorram. Estou apenas a aduzir evidência para a opinião de que, se ocorrem, são tanto o resultado de uma lei natural como o é um arco-íris ou um trovão. Estou a procurar mostrar causa aos crentes na sua existência para que deixem de lhes atribuir qualquer resquício do sobrenatural.

Numerosos exemplos destes alegados fenómenos serão encontrados nos capítulos seguintes. Entretanto, assumindo por um momento a afirmativa neste ponto, eu poderia fundar, em meros princípios gerais, um argumento em ligação com ele. A uma pergunta que naturalmente se sugere, a saber, com que fim Deus permite (se é que permite) o intercurso ultramundano, eu poderia responder que é sem dúvida para um propósito tão abrangente quanto benevolente; que podemos razoavelmente imaginá-Lo a abrir à nossa raça um meio de conhecimento mais certo de outro mundo, a fim de dar um novo impulso ao nosso progresso em direção à sabedoria e à bondade neste, e mais especialmente para corrigir aquele mundanismo absorvente, o pecado persistente da era atual, que rasteja sobre a sua civilização e rebaixa as suas mais nobres aspirações.

E, se estas forem admitidas como suposições racionais, eu poderia prosseguir perguntando como poderemos supor que Deus provavelmente levaria a cabo tal intenção; — se de uma forma parcial e excecional, por uma suspensão intrusiva das Suas próprias leis para benefício de alguns poucos filhos favorecidos de preferência, ou, sob a operação da ordem universal da Natureza, para a vantagem comum de todas as Suas criaturas, em silenciosa imparcialidade e harmonia, tal como Ele faz o sol da manhã nascer e os orvalhos da noite cair.

Eu poderia avançar um passo mais e indagar se, caso tal extensão do nosso horizonte terreno entre no desígnio de Deus, se pode racionalmente imaginar que o Grande Criador encontrasse o Seu propósito frustrado pelas leis que Ele próprio moldou; ou se não se coaduna muito melhor com as ideias justas da omnipotência e omnipresciência de Deus concluir que, no ajuste original da

economia do mundo, tal contingência foi prevista e providenciada, tão certamente como qualquer outra necessidade humana o foi.

Tais argumentos poderiam não injustamente ser feitos. Contudo, todo o raciocínio *a priori* tocante às intenções de Deus, e aos meios que imaginamos que Ele possa selecionar para as efetivar, parece-me arriscado e inconclusivo. Penso que fazemos melhor em tomar nota dos feitos de Deus do que em nos pormos a conjeturar os Seus pensamentos, que, dizem-nos, não são como os nossos. É mais seguro raciocinar a partir da nossa experiência das Suas obras do que das nossas conceções dos Seus atributos; pois estes estão envoltos em mistério, enquanto aquelas estão abertas diante de nós.

Deposito o caso, portanto, não na vagueza da indução geral, mas na evidência direta de fenómenos observados. Essa evidência será aduzida no seu devido lugar. Baste por agora expressar a minha convicção, baseada em prova experimental, de que, se a Divindade está agora a permitir a comunicação entre criaturas mortais nesta fase da existência e espíritos desencarnados noutra, Ele está a empregar causas naturais e leis gerais para efetivar o Seu objeto; não recorrendo para esse propósito ao ocasional e ao milagroso.

**NOTA**

Será evidente para o leitor reflexivo que o argumento que percorre o capítulo precedente se aplica apenas na medida em que possamos aceitar a definição popular de milagre; a mesma adotada por Hume. Alguns teólogos capazes assumiram uma muito diferente; Butler, por exemplo, na sua bem conhecida "*Analogy of Religion*", na qual ele favorece uma visão do assunto não muito dissimilar daquela tomada por mim. "Há uma credibilidade real", diz ele, "na suposição de que pudesse ser parte do plano original das coisas que devesse haver interposições milagrosas." E ele deixa em dúvida se deveríamos "chamar a tudo nas dispensações da Providência não descobrível sem Revelação, nem como o curso conhecido das coisas, milagroso".*

Outro distinto prelado fala de forma ainda mais clara. Num dos seus sermões, o Arcebispo Tillotson diz: "Não é a essência de um milagre (como muitos pensaram) que ele seja um efeito imediato do Poder Divino. É suficiente que exceda qualquer poder natural que conheçamos para o produzir".†

Isto é mudar totalmente a definição comummente recebida. Se não devemos considerar como "a essência de um milagre que ele seja um efeito imediato do Poder Divino", — se podemos propriamente chamar milagrosa a qualquer ocorrência que não seja "como o curso conhecido das coisas", — se podemos declarar todo e qualquer fenómeno um milagre que "exceda qualquer poder natural que conheçamos para o produzir", — então é evidente que o milagre de

uma era pode ser o evento natural da seguinte. Neste sentido, estamos a viver, já agora, entre milagres. Nem, se nisto seguirmos Butler e Tillotson, estamos de modo algum a invalidar a eficácia dos primeiros milagres cristãos.

---

• "*Analogy of Religion to the Constitution and Course of Nature*", Part II., chap. 2.

† *Sermão CLXXXII.*

---

A influência deles nas mentes dos homens foi a mesma, fossem eles o resultado de leis parciais ou de leis gerais. De facto, eles atraíram a atenção e deram força aos ensinamentos de um sistema cuja beleza inata e grandeza moral eram insuficientes para o recomendar à semibarbaridade da época. Qualquer que fosse o seu carácter, eles fizeram o seu trabalho. E o erro quanto a esse carácter, se de erro se deve apelidar, pode ter sido o próprio meio ordenado pela Providência para acalentar e fazer avançar, na sua infância, uma religião de paz e boa vontade brotando numa era de guerra e discórdia. Nem, num sentido, foi o erro, se como tal o devemos encarar, de essência, mas antes de modo.

Os sinais e prodígios que romperam a indiferença e despertaram a crença de judeus e gentios, fossem eles produzidos por suspensão momentânea da lei ou pela sua operação preordenada, foram igualmente obra d'Aquele de quem emana toda a lei. E apreciaremos menos a obra de Deus porque, no progresso dos Seus ensinamentos, Ele nos desvenda gradualmente o modo em que Se move para a realizar? Então, no céu deveríamos venerá-Lo menos do que na terra.

Será uma suposição irracional que possa ser o propósito de Deus levantar o véu de dezoito mil anos, à medida que os nossos olhos consigam suportar a luz; na proporção em que as nossas mentes consigam abarcar as muitas coisas que Cristo não ensinou, no Seu tempo, àqueles que não as podiam suportar; na proporção em que estivermos preparados para receber o Cristianismo, pela sua excelência intrínseca e pela sua evidência interna, sem o auxílio de garantia estranha? Mas apresento estas sugestões, tocando elas, como tocam, em matérias além do nosso conhecimento, apenas de forma incidental e hipotética. Não são essenciais ao meu argumento, nem estritamente incluídas no seu propósito; sendo este o de tratar de milagres modernos, não dos antigos.

## CAPÍTULO IV

## O IMPROVÁVEL

"*Pode dizer-se, falando estritamente, que quase todo o nosso conhecimento consiste apenas em possibilidades.*" — La Place: *Théorie des Probabilités*, Introd. p. 1

Em busca da verdade, existem dois modos de proceder: um, o de se sentar, recorrer ao seu estoque de preconceções; decidir, antes de iniciarmos uma investigação, o que pode ser, ou deve ser, ou tem de ser; criar para nós mesmos, antecipadamente, o que chamamos ideias claras do naturalmente possível e impossível; depois partir para a ação, armado contra todas as novidades não conformes, e com o propósito fixo de não desperdiçar tempo no seu exame.

O outro plano, mais modesto e Baconiano, é sair para o mundo, com olhos e ouvidos abertos, um espetador sem compromissos, com o nosso feixe de opiniões ainda desatado e incompleto; sem erguer nenhum anteparo de "tem de ser" para nos impedir de ver e ouvir o que quer que se apresente; sem nenhuma impossibilidade pré-fabricada para excluir o testemunho fiável; sem nenhum pré-julgamento que barre o caminho contra a evidência de improbabilidades.

Poucas pessoas percebem quão arbitrárias e pouco fiáveis podem ser as noções que mantêm à mão sobre o improvável. Rimo-nos da mãe do Jack, que, quando o seu filho marinheiro procurou convencê-la de que existiam peixes voadores, ressentiu a tentativa como um insulto à sua inteligência, mas aceitou, sem questionar, a história do jovem patife sobre uma das rodas das carruagens de Faraó trazida na unha da âncora do fundo do Mar Vermelho. Contudo, a velha senhora faz parte de uma grande classe, que conta com celebridades instruídas e letradas entre os seus membros, e que têm os seus peixes voadores, insultuosos para a inteligência, tal como ela. Estes são um fenómeno frequente dentro dos recintos de academias científicas e instituições reais.

Esquecemos, ao fim de algum tempo, quais foram os peixes voadores do passado. É necessária uma referência oficial para nos convencer agora de que, durante quase meio século após a brilhante descoberta de Harvey, a Academia de Medicina de Paris ouviu aqueles que a classificavam entre as impossibilidades.* Quase esquecemos que, até ao início do presente século, as velhas senhoras do mundo científico rejeitavam, tão ressentidamente como o seu protótipo da história, todas as alegações que visavam provar a realidade dos aerólitos.†

Pedras meteóricas e a circulação do sangue perderam agora o seu carácter de peixes voadores, foram riscadas da lista de impossibilidades e inseridas no catálogo acreditado de verdades científicas.

• *Nos registos da Sociedade Real de Medicina de Paris lemos que, tão tarde quanto o ano de 1672, um candidato a membro, François Bazin, procurou conciliar o favor daquele corpo douto selecionando como seu tema a impossibilidade da circulação do sangue; ("ergo sanguinis motus circularis impossibilis.") Harvey dera ao mundo a sua grande descoberta no ano de 1628; mas quarenta e quatro anos não bastaram para lhe obter a sanção da autoridade médica oficial na capital francesa.*

*† A queda de massas minerais maiores ou menores, habitualmente chamadas pedras meteóricas, foi durante muito tempo catalogada pelo mundo científico entre as fábulas populares, não obstante o testemunho de toda a antiguidade a seu favor. Pedras alegadamente caídas do céu eram preservadas em vários templos antigos, como no de Cibele. Plutarco, na sua vida de Lisandro, descreve um célebre aerólito que caiu na Trácia, perto da foz do Aegos Potamos. Mas estes e uma centena de outros casos análogos, registados ao longo do passado, falharam em dissipar a incredulidade científica, até que Chladni, um naturalista de Wurtemberg, verificou a queda de um meteorito em Siena, na Toscânia, a 16 de junho de 1794. O seu relatório do prodígio abalou o ceticismo de muitos. Contudo, não foi senão nove anos depois — quando, a saber, a 26 de abril de 1803, um aerólito caiu em plena luz do dia em L'Aigle, na Normandia — que toda a dúvida foi removida. A Academia de Ciências de Paris nomeou uma comissão para instituir inquéritos sobre este caso; e o seu relatório resolveu a questão. Howard, um naturalista inglês, preparou depois uma lista de todos os aerólitos conhecidos como tendo caído na nossa terra até ao ano de 1818; e Chladni continuou a lista até ao ano de 1824.*

---

Costumava ser vulgar e ridículo admiti-los; agora a vulgaridade e o absurdo consistem em negar a sua existência.

Os fenómenos mesméricos, por outro lado, são um exemplo de improbabilidades que ainda não foram aprovadas.

"Quando estive em Paris", diz Rogers (o poeta), no seu "*Table-Talk*", "fui ver Alexis, e pedi-lhe para descrever a minha casa em St. James Place. Pela minha palavra, ele assombrou-me! Descreveu com a maior exatidão as peculiaridades da escadaria; disse que, não longe da janela da sala de estar, havia um quadro de um homem com armadura (a pintura de Giorgone), e assim por diante. O Coronel Gurwood, pouco antes da sua morte, assegurou-me que Alexis o fizera recordar de algumas circunstâncias que lhe tinham acontecido em Espanha, e que ele não conseguia conceber como qualquer outro ser humano,

exceto ele próprio, pudesse saber. Ainda assim, não consigo acreditar na clarividência, — porque a coisa é impossível."*

Não porque as oportunidades de observação fossem poucas e as experiências necessitassem de repetição: essa teria sido uma objeção válida. Não porque a evidência fosse imperfeita e carecesse de confirmação: a dificuldade de Rogers era mais radical. Nenhuma evidência bastaria. Peixes não podem ter asas: a coisa é impossível.†

---

• *Deixemos a Ciência tratar disto com justiça e demos-lhe o crédito desta citação. Encontrei-a no (London) Medical Times and Gazette, N.º 444, nova série; e os itálicos não são meus, mas sim do editor médico.*

*† Rogers evidentemente nunca lera a célebre obra de La Place sobre Probabilidades, ou então não concordava com a sua doutrina. Veja-se esta passagem: — "É excessivamente pouco filosófico negar os fenómenos magnéticos apenas por serem inexplicáveis no estado atual do nosso conhecimento." — Calcul des Probabilités, p. 348. É suficientemente notável que, num assunto como este, habitualmente considerado como sabendo a imaginação, o matemático deva repreender a incredulidade do poeta.*

---

Um exemplo de carácter mais grave e efeito mais influente encontra-se numa palestra proferida em 1854, na Royal Institution, perante o Príncipe Alberto e uma audiência selecionada, pelo primeiro eletricista de Inglaterra. O peixe voador de Rogers era a clarividência; o de Faraday é o movimento de mesas.

Mas se grandes homens caem num extremo, não nos deixemos, por essa razão, ser traídos por outro. Tenhamos em mente que, antes da prova suficiente aduzida para os estabelecer, a circulação do sangue, a queda de meteoritos, os fenómenos da clarividência, a realidade do movimento de mesas — todos são, ou foram, improbabilidades.

Mas existem poucas proposições com as quais o senso comum da humanidade, caucionando a mais acreditada autoridade científica,* assinta mais prontamente, ou com maior justiça, do que esta: que na proporção em que um evento ou fenómeno é na sua natureza improvável, maior peso de evidência é necessário para produzir uma crença racional na sua realidade.

O inverso desta proposição, é verdade, tem sido argumentado de forma plausível, por vezes onde menos se esperaria encontrar uma apologia para a

credulidade;† mas os homens têm sido tão frequentemente enganadores, e tantas vezes mais frequentemente eles próprios enganados, que, quando o seu testemunho é aduzido para provar algo de uma natureza maravilhosa e sem exemplo, cada ditame da experiência avisa-nos contra a sua receção, exceto após o mais severo escrutínio, ou a concorrência, quando esta pode ser obtida, de muitas testemunhas desinteressadas, testemunhando independentemente umas das outras.

O argumento, contudo, em relação ao peso da evidência que pode ser obtido através de tal concorrência de testemunho para um mesmo facto, foi, a meu ver, por vezes levado além do que pode suportar.

---

• "*Plus un fait est extraordinaire, plus il a besoin d'être appuyé de fortes preuves. Car ceux qui l'attestent pouvant ou tromper, ou avoir été trompés, ces deux causes sont d'autant plus probables que la réalité du fait l'est moins en elle-même*." — La Place: *Théorie analytique des Probabilités*, Introd. p. 12.

*† Como na Enciclopédia Francesa, artigo "Certitude".*

---

Onde o testemunho humano entra como um elemento no cálculo, a sua agência perturbadora pode ser tal que enfraqueça, quase ao ponto de derrubar, a força de toda a demonstração estritamente matemática.

Assim, em substância, foi o argumento apresentado.* Suponhamos duas pessoas, A. e B., de tal carácter de veracidade e perspicácia que as probabilidades são de que digam a verdade, e evitem ser enganadas, em nove casos em cada dez. E suponhamos que estas duas pessoas, absolutamente desconhecidas e sem ligação entre si, estão prestes a testemunhar em relação a qualquer facto. Quais são as probabilidades de que, se o seu testemunho concordar, o facto tenha acontecido?

Evidentemente, cem para um. Pois, se o seu testemunho concorda e o facto não aconteceu, deve haver uma mentira ou autoengano concorrente. Mas, como, em primeiro lugar, as probabilidades são de dez para um contra A. mentir ou ser enganado, e depois, na contingência de ele o ser, as probabilidades são novamente de dez para um contra B. falhar em relatar a verdade, é evidente que as probabilidades contra o duplo evento são dez vezes dez (ou cem) para um.

Prosseguindo o mesmo cálculo, descobrimos que, no caso de três dessas testemunhas concordarem, as probabilidades são de mil para um contra a falsidade do seu testemunho; se quatro concordarem, dez mil para um; e assim

por diante. De modo que é necessário apenas um pequeno número de tais testemunhas para estabelecer um grau de probabilidade que, na prática, fica pouco aquém da própria certeza.

---

• *O leitor pode consultar a "Théorie analytique des Probabilités" de La Place, onde todos os cálculos ligados a este argumento são apresentados em detalhe; ou, se não estiver preparado para as dificuldades do Cálculo, encontrará a matéria exposta de forma mais condensada e popular por Babbage, no seu "Ninth Bridgewater Treatise", 2.ª ed., pp. 124 a 131; e na Nota E do Apêndice da mesma obra.*

---

E, seguindo este princípio, verificar-se-á que, se conseguirmos obter testemunhas de tal carácter que seja mais provável que o seu testemunho seja verdadeiro do que falso, poderemos sempre designar um número suficiente delas para estabelecer a ocorrência de qualquer evento ou a realidade de qualquer fenómeno, não importa quão improvável ou maravilhoso tal evento ou fenómeno, em si considerado, possa ser.

Se os postulados forem concedidos, estas conclusões seguem-se claramente; e foram empregadas pelo Dr. Chalmers* e outros, ao tratarem de milagres, para ilustrar a grande acumulação de probabilidade que surge da concorrência de testemunhas independentes.

A dificuldade reside nos postulados. Parece, à primeira vista, uma questão muito fácil encontrar testemunhas de tão moderada veracidade e inteligência que estejamos justificados em declarar ser mais provável que o seu testemunho seja verdadeiro do que falso.

Quanto à falsidade deliberada, a questão está fora de dúvida. Que o cinismo retrate o mundo como quiser, há muito mais verdade do que falsidade nele. Mas, quanto à isenção de autoengano, essa é uma condição muito mais difícil de obter. Depende, em grande medida, da natureza do evento presenciado ou do fenómeno observado.

Um caso extremo pode dar-nos a certeza disto. Se duas testemunhas independentes de bom carácter depuserem ter visto uma vendedora de mercado contar seis dúzias de ovos de um cesto que era evidentemente de capacidade suficiente para os conter, consideramos o facto suficientemente provado. Mas se duas mil testemunhas de igualmente bom carácter testemunharem que viram Signor Blitz ou Robert-Houdin tirar esse número de ovos de um chapéu de

tamanho comum, elas falham em convencer-nos de que o chapéu realmente os continha. Concluímos que foram enganadas por prestidigitação.

---

• "*Evidences of Christian Revelation*", vol. i. p. 129.

---

Aqui, portanto, os postulados devem ser rejeitados. E, sem falar de impossibilidades matemáticas, em relação às quais, naturalmente, nenhum número imaginável de testemunhas concordantes serve de prova, o carácter do evento ou fenómeno testemunhado deve sempre contar muito; e, digam o que disserem os teóricos, influenciará sempre grandemente a nossa opinião, não talvez da honestidade, mas da isenção de ilusão dos testemunhadores. De modo que, num caso em que a prova de algum prodígio esteja em questão, a condição assumida, a saber, que encontraremos testemunhas que acreditamos ser mais provável dizerem a verdade do que mentirem ou serem enganadas, pode não ser passível de cumprimento.

E a dificuldade de obter tais testemunhas pode, sob certas circunstâncias, aumentar grandemente. Existem epidemias mentais, bem como físicas, e durante a sua prevalência as mentes dos homens podem estar tão morbidamente excitadas, e as suas imaginações tão exaltadas, que massas inteiras podem tornar-se incapacitadas para servirem como testemunhas desapaixonadas.

Há outra consideração, notada por Hume no seu capítulo sobre Milagres, que não deve ser negligenciada. "Embora rejeitemos prontamente", diz ele, "qualquer facto que seja invulgar e incrível num grau comum, contudo, ao avançar mais, a mente nem sempre observa a mesma regra." Aceitamos por vezes, pensa ele, uma afirmação que nos é feita, pela própria razão que nos deveria levar a rejeitá-la; por conta do seu carácter ultramaravilhoso. A razão é astutamente atribuída: — "A paixão da surpresa e do espanto surgindo dos milagres, sendo uma emoção agradável, dá uma tendência sensível para a crença naqueles eventos de que deriva."*

Numa palavra, deveríamos estar de guarda contra esse amor pelo maravilhoso que encontramos inerente à nossa natureza.

---

• *Hume's Essays*, vol. ii. p. 125.

---

Estas e semelhantes considerações pesarão sempre para o observador prudente e reflexivo. Contudo, deve conceder-se que o princípio acima referido, da vasta acumulação de evidência pela concorrência de testemunhas fiáveis, não é apenas justo, matematicamente considerado, mas, numa variedade de casos, aplica-se estritamente na prática.

Se encontrarmos, por exemplo, em diferentes períodos do mundo e em várias nações, exemplos que recorrem constantemente de homens testemunhando certos fenómenos do mesmo carácter ou de carácter semelhante, então, embora estes alegados fenómenos nos possam parecer altamente improváveis, não estamos justificados em atribuir a concorrência de tal testemunho ao acaso. Não estamos justificados em classificar o todo como superstição vã; embora nestes dias modernos seja muito moda no mundo, orgulhoso de ter superado os seus contos de fadas, assim o fazer. Enojados por detetarmos uma certa mistura de erro e tolice, pomos muitas vezes de lado uma classe inteira de narrações como totalmente infundadas e absurdas; esquecendo que quando, em períodos remotos, em pontos distantes, sem possibilidade de conluio, surgem, repetidas vezes, as mesmas aparências ou semelhantes, tal coincidência deveria sugerir-nos a probabilidade de que algo mais duradouro do que a ilusão possa estar misturado para constituir a causa produtora.*

---

• *"Tomai qualquer um dos chamados erros populares ou superstições populares, e ao olharmos para ele minuciosamente teremos a certeza de descobrir nele um estrato firme e subjacente de verdade. Pode haver mais do que suspeitávamos de tolice e de fantasia; mas quando estas são despojadas, resta o suficiente desse material rígido e inflexível que não pertence a pessoas ou períodos, mas é comum a todas as eras, para intrigar o erudito e silenciar o escarnecedor." — RUTTER: Human Electricity, Apêndice, p. vii. No mesmo sentido é a expressão de um célebre filósofo francês: — "Em todo o erro há um cerne de verdade: procuremos destacar esse cerne do invólucro que o esconde dos nossos olhos." — Bailly.*

---

É apenas a verdade que é tenaz da vida, e que se levanta, com esforço recorrente, ao longo do lapso das eras, elástica sob a repressão e o desprezo.

Tomemos como exemplo aquela descrição de histórias populares que se referem a casas assombradas, cuja prevalência universal é admitida por aqueles que mais ridicularizam a ideia de que elas provem qualquer coisa salvo a tolice e a credulidade da humanidade.* Será parte da Filosofia ignorar desdenhosamente

toda a evidência que se possa apresentar a favor da realidade de tais alegadas perturbações?

Pode conceder-se livremente que para muitas das histórias em questão não se pode encontrar melhor fundamento do que aqueles terrores de pânico que costumam assaltar a mente ignorante; que outras, sem dúvida, se devem a um mero espírito de travessura que procura extrair diversão desses mesmos terrores; e, finalmente, que existem instâncias onde a mistificação pode ter encapotado desígnios mais graves.*

---

• *"Quem não viu ou ouviu falar de alguma casa, fechada e inabitável, caída em decadência e com aspeto poeirento e lúgubre, da qual à meia-noite se ouviram sair sons estranhos, — batidas aéreas, o tinir de correntes e os gemidos de espíritos perturbados? — uma casa pela qual as pessoas pensaram não ser seguro passar depois de escurecer, que permaneceu durante anos sem inquilino, e que nenhum inquilino ocuparia, mesmo que lhe pagassem para o fazer? Existem centenas de tais casas em Inglaterra nos dias de hoje, centenas em França, Alemanha e em quase todos os países da Europa; que estão marcadas com a marca do medo, — locais para os piedosos se benzerem e pedirem proteção ao passarem, — as moradas de fantasmas e espíritos malignos. Há muitas dessas casas em Londres; e se qualquer vangloriador do progresso do intelecto se desse ao trabalho de as descobrir e contar, ficaria convencido de que o intelecto tem ainda de dar alguns passos enormes antes que tais velhas superstições possam ser erradicadas." — Mackay's Popular Delusions, vol. ii. p. 113. O autor não considera a hipótese de que haja algo de real em tais fenómenos digna de menção, mesmo entre as coisas possíveis. Nem era a ideia de casas assombradas menos comummente recebida nos tempos antigos do que entre nós. Plauto tem uma comédia intitulada Mostellaria, por causa de um espetro que se dizia ter-se mostrado numa certa casa, que por esse motivo fora abandonada. A história particular pode ter sido inventada pelo dramaturgo; mas basta para indicar a antiguidade da ideia. — Plaut. Mostell., Acto ii. V. 67.*

---

Mas porque existem falsificações, não haverá, portanto, moeda verdadeira? Não poderá haver originais para estas cópias espúrias?

---

• *Uma dessas histórias é relatada por Garinet, na sua "Histoire de la Magie en France", (p. 75); uma astuta partida pregada por certos monges àquele rei cuja piedade lhe granjeou o título de "O Santo". Tendo ouvido o seu*

*confessor falar em termos elevados da bondade e erudição dos monges de S. Bruno, o rei expressou o desejo de fundar uma comunidade deles perto de Paris. Bernard de la Tour, o superior, enviou seis dos irmãos; e Luís atribuiu-lhes, como residência, uma bela vivenda na aldeia de Chantilly. Aconteceu que das suas janelas tinham uma bela vista do velho palácio de Vauvert, originalmente erguido para residência real pelo rei Roberto, mas que fora abandonado durante anos. Os dignos monges, esquecidos do décimo mandamento, podem ter pensado que o lugar lhes conviria; mas envergonhados, provavelmente, de fazerem um pedido formal ao rei, parecem ter posto o engenho a trabalhar para o obterem por estratagema. Em todo o caso, o palácio de Vauvert, que nunca sofrera de qualquer imputação contra o seu carácter até eles se tornarem seus vizinhos, começou, quase imediatamente depois, a adquirir má fama. Gritos pavorosos eram ouvidos sair dali à noite; luzes azuis, vermelhas e verdes eram vistas a cintilar das suas janelas e depois a desaparecer subitamente. Seguiu-se o tinir de correntes, juntamente com os uivos de pessoas como se em grande dor. Depois, um espetro cadavérico, vestido de verde-ervilha, com longa barba branca e cauda de serpente, apareceu nas janelas principais, agitando os punhos para os transeuntes. Isto continuou durante meses. O rei, a quem, naturalmente, todas estas maravilhas eram devidamente relatadas, deplorou o escândalo e enviou comissários para examinarem o assunto. A estes, os seis monges de Chantilly, indignados por o diabo pregar tais partidas diante das suas próprias caras, sugeriram que, se pudessem ter o palácio como residência, encarregar-se-iam de o limpar rapidamente de todos os intrusos fantasmagóricos. Uma escritura, com o selo real, transmitiu Vauvert para os monges de S. Bruno. Leva a data de 1259. A partir desse momento, todas as perturbações cessaram; o fantasma verde, segundo a crença dos piedosos, foi posto a descansar para sempre sob as águas do Mar Vermelho. Outra instância, ocorrendo no Château d'Arsillier, na Picardia, encontrar-se-á nas "Causes Célèbres", vol. xi. p. 374; tendo o oficial de justiça se fantasiado de fantasma negro, com cornos e cauda, e garantindo-se contra a possibilidade de um tiro de pistola com uma pele de búfalo ajustada apertadamente ao seu corpo. Foi finalmente detetado e o engano exposto.*

---

Noutra parte desta obra, trarei as evidências que se apresentam a quem seriamente procura uma resposta às perguntas acima.* Que aqueles que decidam, antecipadamente, que a resposta não vale a pena ser procurada, sejam lembrados de que existem vinte alegações que são dignas de ser examinadas, para cada uma que possa ser recebida sem hesitação.

Novamente, existe uma classe de fenómenos, tão amplamente difundida como as perturbações acima aludidas, — provavelmente um pouco aparentada

com elas, mas mais importante do que elas, — à qual o mesmo princípio em relação à concorrência de testemunho em várias eras e países se aplica eminentemente; aquelas estranhas aparições, a saber, que, por falta de um termo mais definido, podem ser agrupadas como *mesméricas*.

Sem procurar, no meio da obscuridade da remota antiguidade, uma pista para tudo o que lemos das chamadas Artes Ocultas, — como entre os magos do Egito, os vaticinadores e adivinhos da Judeia, as sibilas e oráculos da Grécia e de Roma,† — encontraremos, em tempos posteriores, mas começando muito antes do aparecimento de Mesmer, uma sucessão de fenómenos, com semelhança suficiente para consubstanciar a sua origem comum, e evidentemente referíveis às mesmas causas inexplicadas e ocultas, operando durante um estado anormal do sistema humano, de onde brotam as várias fases de sonambulismo e outras manifestações análogas, físicas e mentais, observadas pelos magnetizadores animais.

---

• *Ver mais adiante, sob o título "Perturbações popularmente denominadas Assombramentos". † Os curiosos em tais matérias podem consultar a "Geschichte der Magie", do Dr. Joseph Ennemoser, Leipzig, 1844, — da qual, se não estiverem familiarizados com o alemão, encontrarão uma tradução inglesa por William Howitt, "History of Magic", Londres, 1854. Também, "Cradle of the Twin Giants, Science and History", pelo Rev. Henry Christmas, M.A., F.R.S., F.S.A., Londres, 1849. Ambas são obras de grande investigação.*

---

Vez após vez, ao longo da história psicomédica da Idade Média e da Europa moderna — umas vezes entre católicos, outras entre protestantes — recorrem estes episódios singulares na história da mente humana, habitualmente de carácter epidémico enquanto duram, sendo cada episódio, contudo, independente dos outros e separado deles amplamente pelo tempo e lugar; todos narrados por escritores que tomam as visões mais opostas sobre a sua natureza e causas, contudo todos, não importa por quem narrados, ostentando um ar de família, que parece tanto mais marcante quanto mais de perto são estudados.

Os exemplos são numerosos: como a alegada obsessão (1632 a 1639) das Freiras Ursulinas de Loudun, com a sua sequela, em 1642, entre as Irmãs de Santa Isabel em Louviers; as aberrações mentais dos Profetas ou Shakers (*Trembleurs*) das Cevenas (1686 a 1707), causadas pelas perseguições que se seguiram à revogação do Édito de Nantes; e os pseudomilagres dos Convulsionários de S. Medardo (1731 a 1741) no túmulo do Abade Paris.*

Tudo isto ocorreu, notar-se-á, antes de o próprio nome de Magnetismo Animal ser conhecido, ou de qualquer explicação natural destas estranhas manifestações ser suspeitada; numa altura em que a sua investigação era considerada competência dos tribunais eclesiásticos, não da profissão médica ou do investigador psicológico.

---

• *Para detalhes tocantes às perturbações em Loudun, consulte-se "La Démonomanie de Loudun", por La Flèche, 1634; "Cruels Effets de la Vengeance du Cardinal de Richelieu; ou, Histoire des Diables de Loudun", Amesterdão, 1693; "Examen et Discussions Critiques de l'Histoire des Diables de Loudun", por M. de la Ménardaye, Paris, 1747; "Histoire Abrégée de la Possession des Ursulines de Loudun", pelo Père Tissot, Paris, 1828. Para as de Louviers, ver "Réponse à l'Examen de la Possession des Religieuses de Louviers", Rução, 1643. Quanto aos Profetas das Cevenas, ver "Théâtre Sacré des Cévennes", por M. Misson, Londres, 1707; "An Account of the French Prophets and their Pretended Inspirations", Londres, 1708; "Histoire des Troubles des Cévennes", por M. Court, Alais, 1819. As obras sobre as perturbações de S. Medardo são notadas noutro local.*

---

E por essa mesma razão, na medida em que muitos dos fenómenos em questão, e percorrendo quase todos os exemplos acima, se assemelham, mais ou menos de perto, a outros alegados terem sido observados por magnetizadores modernos, a concorrência notável de testemunho entre os narradores em relação a estes torna-se tanto mais convincente da realidade, sob alguma forma ou outra, dos factos narrados.

Pois, assim que encontramos, numa sucessão de exemplos, uma classe de fenómenos, não importa quão extraordinários ou inexplicáveis possam parecer, a probabilidade de serem genuínos é muito grandemente aumentada. Um fenómeno pode ser considerado improvável enquanto parecer ser o único da sua classe. Mas assim que agrupamos em torno dele outros de natureza semelhante, trouxemos a jogo um dos argumentos mais fortes para sustentar a probabilidade da sua existência.

Mas, além da probabilidade ou improbabilidade inerente a qualquer alegado fenómeno, e além das considerações gerais, universalmente admitidas, tocantes ao número e concorrência de testemunhas, o seu carácter habitual de veracidade, a sua isenção de interesse naquilo que afirmam, — além de tudo isto, a maneira de cada deposição ou narração individual tem, muito propriamente, muito que ver com a confiança que depositamos no narrador. Há, se o testemunho for oral,

um olhar e um sotaque de verdade, que inspira confiança instintiva. E embora numa declaração escrita a simulação seja mais fácil, contudo, mesmo nesse caso, um ar de candura, ou o sentido da falta dele, habitualmente liga-se tão fortemente à escrita de um autor, que somos capazes, se tivermos alguma experiência do mundo, de formar um julgamento sagaz em relação à sua honestidade de propósito.

Modéstia e moderação na narrativa alistam justamente a nossa crença. Inclinamo-nos a acreditar mais naquilo que é menos arrogantemente afirmado. O fervor de convicção no testemunhador é, de facto, necessário para produzir uma confiança correspondente na sua audiência; mas nenhumas duas coisas são mais distintas do que o fervor e o dogmatismo. Perdemos a confiança num homem que, bastando aceitar a sua própria palavra, está sempre certo, — que não faz nenhum cálculo que não seja verificado, não tenta nenhuma experiência que não seja bem-sucedida. Uma falha parcial inspira-nos muitas vezes mais confiança do que um sucesso completo.

Nem enfraquece materialmente a probabilidade de uma observação em si fiável o facto de alguns outros experimentalistas em busca de resultados semelhantes não os terem ainda obtido. Uma experiência bem-sucedida, suficientemente atestada, não deve ser rebatida por vinte malsucedidas. Não pode refutar o que eu vi o facto de outros não o terem visto. As condições de sucesso podem ser difíceis e precárias, especialmente onde seres vivos são os sujeitos da experiência.

E mesmo quanto a substâncias inanimadas, não há um naturalista que tenha alcançado finalmente alguma descoberta importante que possa não ter falhado cem vezes no caminho para ela. Se mesmo numerosos observadores inteligentes relatarem resultados não obtidos, o seu testemunho negativo, a menos que se aproxime da universalidade, não pode equivaler a mais do que uma presunção adversa, e pode apenas provar a raridade do fenómeno buscado.*

---

• *Numa porção subsequente desta obra (sobre "Perturbações popularmente denominadas Assombramentos") encontrar-se-á uma nota sobre a célebre história de Glanvil, habitualmente intitulada "O Tamborileiro de Tedworth". Atraiu tanta atenção na altura que o rei enviou alguns cavalheiros da sua corte para examinarem o assunto, os quais passaram uma noite na casa reputada assombrada, mas nada ouviram; e isto foi aduzido como uma refutação completa da narrativa. Glanvil (na terceira edição do seu "Sadducismus Triumphatus", p. 337) observa justamente sobre o assunto: — "'É verdade que, quando os cavalheiros que o rei enviou lá estiveram, a casa estava sossegada, e nada foi*

*visto ou ouvido naquela noite, o que foi confiante e triunfalmente instado por muitos como uma confutação da história. Mas era má lógica concluir em matérias de facto a partir de uma única negativa, e tal negativa contra numerosas afirmativas, e assim afirmar que uma coisa nunca foi feita porque não em tal altura particular, e que ninguém nunca viu o que este homem ou aquele não viu. Pela mesma via de raciocínio, posso inferir que nunca houve nenhuns roubos feitos na Planície de Salisbury, em Hounslow Heath, ou noutros lugares notórios, porque muitas vezes viajei por todos esses caminhos e, no entanto, nunca fui roubado; e o espanhol inferiu bem quando disse: 'Não havia sol em Inglaterra, porque estivera lá seis semanas e nunca o vira'." Glanvil recorda-nos propriamente que "a perturbação não era constante, mas intermitia por vezes vários dias, por vezes semanas". Sob estas circunstâncias, é perfeitamente evidente que o seu não aparecimento durante uma única noite não prova nada.*

---

Se a alguns parecer que esta observação é tão evidente que mal seria necessária, podem aduzir-se exemplos eminentes para mostrar que ela toca num erro a que os homens são suficientemente propensos.

A 28 de fevereiro de 1826, foi nomeada uma comissão de entre os seus membros pela Academia Real de Medicina de Paris, para examinar o assunto do Magnetismo Animal. Após uma investigação que decorreu ao longo de mais de cinco anos, a saber, a 21 de junho de 1831, esta comissão relatou, através do seu presidente, o Dr. Husson, extensamente, a favor da realidade de certos fenómenos sonambúlicos; entre eles, a insensibilidade, a visão com os olhos fechados, a presciência durante a doença e, num caso, a perceção das doenças de outrem: sendo o relatório assinado unanimemente.

Alguns anos mais tarde, a saber, a 14 de fevereiro de 1837, a mesma Academia nomeou uma segunda comissão para o mesmo propósito; e eles, após quase seis meses (a 7 de agosto de 1837), relataram, também unanimemente, através do seu presidente, o Dr. Dubois, expressando a sua convicção de que nem um destes fenómenos tinha qualquer fundamento salvo na imaginação dos observadores. Chegaram a esta conclusão examinando apenas duas sonâmbulas.

O Dr. Husson, comentando perante a Academia* as conclusões deste último relatório, observa verdadeiramente que "as experiências negativas assim obtidas nunca podem destruir os factos positivos observados pela comissão anterior; visto que, embora diametralmente opostas umas às outras, ambas podem ser igualmente verdadeiras".†

É um facto curioso, e digno de nota nesta ligação, que o mesmo ceticismo dogmático que muitas vezes age como um entrave ao avanço no conhecimento pode ser traído, em certas contingências, num erro precisamente oposto.

Pois há homens que correm do excesso de descrença para o extremo da credulidade. Uma vez convencidos do seu erro em negarem obstinadamente um facto surpreendente, admitem incontinenti, não apenas esse, mas vinte outras alegações, sem contestação, na sua companhia. Defendem até à última extremidade a linha exterior de fortificação; mas, uma vez esta forçada, entregam, sem mais esforço, a cidadela inteira. "Tal é," diz Buffon, "a tendência comum da mente humana: que, quando foi uma vez impressionada por um objeto maravilhoso, tem prazer em atribuir-lhe propriedades que são quiméricas e, muitas vezes, absurdas." Contra esta tentação deveríamos estar constantemente de guarda.

Resta abordar, em ligação com a observação de fenómenos em si improváveis, uma consideração de alguma importância. Até que ponto, e sob que circunstâncias, é razoável desconfiar da evidência dos nossos sentidos?

---

• *Durante a sua sessão de 22 de agosto de 1837. O discurso do M. Husson é relatado verbatim no "Traité du Magnétisme animal" de Ricard, précis historique, pp. 144 a 164.*

*† Esqueci-me de quem relata a anedota de um rústico que propôs rebater o testemunho de um cavalheiro fidedigno, que jurara sobre o uso de certa linguagem, produzindo dez homens para jurarem que não a tinham ouvido.*

---

Há cem exemplos da maneira como um ou outro dos nossos sentidos pode, por momentos, testemunhar apenas para nos enganar.* Os mais familiares, talvez, são o que habitualmente se denomina truques de prestidigitação. Aqueles que, como eu, assistiram a um serão com Robert-Houdin, conservam, provavelmente, uma recordação vívida de como esse maravilhoso artista executava o que pareciam puras impossibilidades, diante dos próprios olhos da sua mística audiência.

Mas isto era no seu próprio teatro, com meses ou anos para preparar a sua maquinaria oculta e fabricar o seu aparelho mágico; com a prática de uma vida inteira, também, para aperfeiçoar a sua destreza manual. Há pouca analogia entre tais exibições profissionais e fenómenos que se apresentam espontaneamente, ou pelo menos sem preparação calculada, na privacidade de uma habitação, ou ao ar livre, frequentemente a pessoas que nem os esperam nem os desejam.

Mas sugere-se, além disso, a contingência da alucinação. Este assunto será tratado num capítulo subsequente.† Baste aqui dizer que, de acordo com a doutrina contida nas obras mais acreditadas sobre o assunto, se duas ou mais pessoas, usando os seus sentidos independentemente, percebem, ao mesmo tempo e lugar, a mesma aparência, não é alucinação; isto é, há algum fundamento real para isso. Ambas podem, de facto, confundir uma coisa com outra; mas há algo para confundir.

---

• *Cada sentido pode, por sua vez, induzir-nos em erro. Estamos constantemente impressionados com a convicção de que a lua, logo após nascer, aparece de uma magnitude maior do que quando vista no meridiano. No entanto, se, por meio de uma armação com dois fios de seda fina devidamente ajustados, medirmos a magnitude aparente da lua no horizonte e novamente no meridiano, descobriremos que são a mesma. O mesmo acontece com o sentido do tato. Se, enquanto os olhos estão fechados, dois dedos da mesma mão, estando cruzados, forem colocados sobre uma mesa, e uma única mármore, ou ervilha, for rolada entre eles, a impressão será de que se tocam duas mármores, ou duas ervilhas. Uma revisão popular das falácias dos sentidos encontrar-se-á no "Museum of Science and Art" de Lardner, vol. i. pp. 81 a 96.*

*† Ver Capítulo 1 do Livro IV, sobre "Aparições vulgarmente chamadas Espetros".*

---

Por outro lado, se apenas uma pessoa percebe algum prodígio, pode ser uma pura alucinação, especialmente se a pessoa estiver sob a influência de grande agitação ou de um sistema nervoso indevidamente excitado. Se tal pessoa percebe o que outros ao seu redor não percebem, isso pode ser tomado como evidência *prima facie* de que ela é sujeito de alucinação. Contudo, podemos imaginar circunstâncias que rebateriam tal presunção. Se, por exemplo, ficasse satisfatoriamente provado, num dado caso, que uma certa aparência, percebida por apenas uma testemunha entre muitas presentes, transmitisse a essa testemunha, com uma exatidão inequívoca, informação correta tocante ao distante ou ao futuro, a qual era impossível adquirir por meios comuns, teríamos de concluir que havia algo mais do que alucinação no caso.

A alegada segunda vista na Escócia, e especialmente na ilha de Skye,* se perfeitamente autenticada em qualquer exemplo onde a previsão por acaso ou conjetura não pudesse ser imaginada, seria um caso pertinente. Para além de qualquer dúvida, porém, tais casos devem ser escrupulosamente examinados.

• *Os curiosos encontrarão muitos detalhes das pretensões tocantes à segunda vista escocesa, e particularmente nas Hébridas, registados em "Description of the Western Islands of Scotland", por M. Martin, Londres, 1706. O autor considera este fenómeno como suficientemente provado, especialmente entre os habitantes da ilha de Skye. Ele alega que o dom da segunda vista é habitualmente hereditário; que os animais costumam distinguir, ao mesmo tempo que o vidente, a aparição que ele sozinho de todos os seres humanos presentes percebe, e ser violentamente afetados por ela. Acrescenta que o dom parece endémico, visto que nativos de Skye notados como videntes, se passam para um país distante, perdem o poder, mas recuperam-no logo que regressam à sua terra natal. O assunto é mencionado, também, em "Journey to the Western Islands of Scotland" do Dr. Johnson, p. 247, e em "Journal of a Tour to the Hebrides with Samuel Johnson" de Boswell, 1785, p. 490.*

• *Scheffer, também, na sua História da Lapónia, aduz vários exemplos que considera como indicadores da existência de segunda vista entre o povo daquele país. Mas parece diferir na sua forma da segunda vista da Escócia, e aproximar-se mais do sonambulismo; pois o vidente é, de acordo com Scheffer, mergulhado num sono profundo, ou letargia, durante o qual as suas profecias são proferidas. Ver a sua obra traduzida do latim original para francês pelo Geógrafo do Rei, e intitulada "Histoire de Laponie", Paris, 1778, vol. iv. p. 107 et seq.*

---

Que uma previsão improvável, por exemplo, seja cumprida, enquanto cem falham, pode ser apenas uma coincidência rara, a ser justamente atribuída ao que chamamos acaso. Cícero relata que Diágoras, quando em Samotrácia, sendo-lhe mostradas num templo, como evidência do poder do deus ali adorado, as numerosas oferendas votivas daqueles que, tendo invocado o seu auxílio, foram salvos de naufrágio, perguntou quantas pessoas, não obstante tal invocação, tinham perecido.* As previsões, no entanto, podem ser de tal natureza, e tão circunstanciais nos seus detalhes, que as probabilidades contra o seu cumprimento acidental bastem para excluir totalmente essa suposição.

De uma maneira geral, pode dizer-se que onde um fenómeno observado por várias pessoas, por muito extraordinário e sem exemplo que seja, é de um carácter claro e evidente, palpável aos sentidos, especialmente à visão, não estamos justificados em desconfiar da evidência do sentido em relação a ele.†

Suponhamos, por exemplo,‡ que, sentado no seu próprio apartamento bem iluminado, onde nenhuma maquinaria oculta ou outro estratagema é possível, em companhia de três ou quatro amigos, todos observadores curiosos como nós

mesmos, em torno de uma grande mesa de centro, pesando oitenta ou cem libras, as mãos de todos os presentes descansando sobre ela, víssemos e sentíssemos esta mesa, com o topo mantendo a sua horizontalidade, subir súbita e inesperadamente à altura de oito ou dez polegadas do chão, permanecer suspensa no ar enquanto se pudesse contar seis ou sete, e depois pousar suavemente de novo; e suponhamos que todos os espetadores concordavam no seu testemunho quanto a esta ocorrência, com apenas ligeiras variações de opinião quanto ao número exato de polegadas a que a mesa subiu e ao número preciso de segundos durante os quais permaneceu suspensa: deveriam as testemunhas de uma tal aparente suspensão temporária da lei da gravitação acreditar que os seus sentidos as estão a enganar?

O Sr. Faraday diz que, a menos que o façam, não são apenas "ignorantes no que respeita à educação do julgamento", mas são também "ignorantes da sua ignorância".* Um julgamento educado, alega ele, sabe que "é impossível criar força". Mas "se pudéssemos, pelos dedos, puxar uma peça pesada de madeira para cima sem esforço, e depois, deixando-a afundar, pudéssemos produzir, pela sua gravidade, um esforço igual ao seu peso, isso seria uma criação de poder, e não pode ser".*

---

• *Cícero "De natura deorum", lib. iii.*

*† É a observação de um distinto teólogo: "Em algumas circunstâncias os nossos sentidos podem enganar-nos; mas nenhuma faculdade nos engana tão pouco ou tão raramente; e quando os nossos sentidos nos enganam, mesmo esse erro não deve ser corrigido sem a ajuda dos nossos sentidos." — Tillotson's Works, Sermão XXVI.*

*‡ O caso suposto não é imaginário. Ocorreu nos meus aposentos em Nápoles, a 11 de março de 1856, e, com ligeiras variações, em duas ocasiões subsequentes. Mandei pesar a mesa e a lâmpada que foram usadas nessas ocasiões. O peso da primeira era de setenta e seis libras e o da última de catorze, — ao todo, noventa libras.*

---

A sua conclusão é que as mesas nunca sobem. A coisa é impossível. Esse é um atalho muito conveniente para sair de uma dificuldade. A pequena objeção é que os factos se lhe opõem. Está muito bem o Sr. Faraday pedir às testemunhas que levem consigo um julgamento educado. A recomendação não abrange o caso. A menos que este julgamento educado as pudesse convencer de que não viram o que realmente viram e não sentiram o que realmente sentiram,

certamente nunca as convenceria, como o Sr. Faraday propõe que fizesse, de que o que aconteceu diante dos seus olhos não pode ser.

Poderiam muito propriamente duvidar se o que viram e sentiram era uma suspensão de uma lei universal como a da gravitação. Fariam muito mal em afirmar, como o Sr. Faraday dá por certo que devem fazer, que "pelos dedos puxam uma peça pesada de madeira para cima sem esforço":* isso poderia ser confundir o *post hoc* com o *propter hoc*.

---

• *A asserção ocorre na palestra do Sr. Faraday na Royal Institution, já referida, proferida a 6 de maio de 1854. Pode supor-se que incorpora a opinião deliberada do autor, visto que, após cinco anos, é por ele republicada nas suas "Experimental Researches in Chemistry and Physics", Londres, 1859. A passagem citada, com o seu contexto essencial, é a seguinte: — "Ouvem dizer, nos dias de hoje, que algumas pessoas podem colocar os dedos sobre uma mesa e depois, elevando as mãos, a mesa subirá e segui-las-á; que a peça de mobília, embora pesada, ascenderá, e que as suas mãos não suportam peso, ou não são puxadas para baixo em direção à madeira." ... "A asserção encontra aceitação em todas as classes da sociedade, e entre classes que são estimadas como educadas. Ora, o que pode isto implicar senão que a sociedade, geralmente falando, não é apenas ignorante no que respeita à educação do julgamento, mas é também ignorante da sua ignorância?" — p. 470.*

---

Tudo o que estariam justificados em dizer é que colocaram as mãos sobre a mesa, e a mesa subiu. Se ainda assim o Sr. Faraday respondesse que ela não subiu, porque não podia subir, ele forneceria um exemplo eminente de uma verdade tão antiga como os dias de Job, de que "os grandes homens nem sempre são sábios". Aquilo que acontece *pode* acontecer; e o esforço por argumento para convencer os homens do contrário é trabalho perdido.

Não faço nenhuma asserção de que as mesas sejam levantadas por agência espiritual. Mas suponhamos que o Sr. Faraday, ao refutar todas as outras hipóteses, nos empurrasse para esta:* seria muito mais filosófico adotá-la do que rejeitar a evidência clara e palpável do sentido.

Pois, se assumirmos qualquer outro princípio, todas as regras recebidas de evidência devem ser anuladas;* aliás, as nossas próprias vidas seriam feitas de incerteza e conjetura. Poderíamos começar a duvidar dos eventos mais comuns de ocorrência diária,† e talvez, por fim, a sonhar, com Berkeley, que o mundo externo existe apenas nas nossas sensações. Na verdade, se os sentidos de uma

comunidade inteira de homens concordassem em lhes impor visões e sons irreais, aparecendo a todos os mesmos, quem haveria para declarar ser uma ilusão, e que meios restariam para provar que o era?

Nem é irracional confiar na evidência dos nossos sentidos em casos tão maravilhosos que possamos rejeitar o testemunho de ouvir dizer de carácter comum quando trazido para os provar.

---

• *Obra citada, p. 479. Os itálicos são de Faraday. Esse cavalheiro está entre o número daqueles que acreditam que "antes de procedermos a considerar qualquer questão que envolva princípios físicos, deveríamos partir de ideias claras do naturalmente possível e impossível". — p. 478. Mas de nada serve partir com o que estimamos como ideias claras se no caminho encontramos fenómenos que as refutam. O Sr. Faraday é uma dessas pessoas imprudentes de quem fala Arago. (Ver mote para o cap. ii. Livro I.)*

*† A imposição das mãos não é uma condição necessária. Na sala de jantar de um nobre francês, o Conde d'Ourches, residente perto de Paris, vi, no dia 1 de outubro de 1858, em plena luz do dia, ao final de um déjeuner à la fourchette, uma mesa de jantar com lugar para sete pessoas, com fruta e vinho sobre ela, subir e pousar, como já descrito, enquanto todos os convidados estavam de pé em volta dela, e nem um deles lhe tocava de todo. Todos os presentes viram a mesma coisa. O Sr. Kyd, filho do falecido General Kyd, do exército britânico, e a sua senhora, contaram-me (em Paris, em abril de 1859) que, em dezembro do ano de 1857, durante uma visita noturna a um amigo, que residia no N.º 28 Rue de la Ferme des Mathurins, em Paris, a Sra. Kyd, sentada numa poltrona, sentiu-a subitamente mover-se, como se alguém a tivesse agarrado por baixo. Depois, lenta e gradualmente, subiu no ar e permaneceu ali suspensa por um espaço de cerca de trinta segundos, estando os pés da senhora a quatro ou cinco pés do chão; depois pousou suave e gradualmente, de modo que não houve choque quando alcançou o tapete. Ninguém tocava na cadeira quando esta subiu, nem ninguém se aproximou dela enquanto estava no ar, exceto o Sr. Kyd que, temendo um acidente, avançou e tocou na Sra. Kyd. A sala estava na altura brilhantemente iluminada, como um salão francês habitualmente é; e das oito ou nove pessoas presentes todas viram a mesma coisa, da mesma maneira. Tomei notas do acima exposto, conforme o Sr. e a Sra. Kyd me narraram a ocorrência; e eles permitiram gentilmente, como garantia da sua verdade, o uso dos seus nomes. Aqui não há nenhum puxar para cima de um objeto pesado, sem esforço, com os dedos, o concomitante de que o Sr. Faraday fala como indispensável. E o fenómeno ocorreu numa sala de estar privada, entre pessoas de elevada posição*

*social, educadas e inteligentes. Milhares, nos países mais esclarecidos do mundo, podem testemunhar o mesmo. Devem todos ser apelidados de "ignorantes da sua ignorância"?*

• *Ele desdenha a ideia. Na sua carta sobre o Table-Turning, publicada no "Times" de Londres de 30 de junho de 1853, diz ele: "O efeito produzido pelos giradores de mesas foi atribuído à eletricidade, ao magnetismo, à atração, a algum poder físico desconhecido ou até agora não reconhecido capaz de afetar corpos inanimados, à revolução da terra, e até a agência diabólica ou sobrenatural. O filósofo natural pode investigar todas estas causas supostas, exceto a última: essa deve, para ele, estar demasiado ligada à credulidade ou superstição para exigir qualquer atenção da sua parte." — Obra citada, p. 382. Este é um desmentido sumário e conveniente, — mais conveniente do que satisfatório. O Sr. Faraday pensa sobre a agência ultramundana como Hume pensava sobre os milagres: que "sustentada por testemunho humano é mais propriamente um objeto de escárnio do que de argumento". O tempo chegará em que, neste mundo ou noutro, ele poderá descobrir o seu erro.*

• *O leitor encontrará na excelente obra de Reid sobre a Mente (Ensaio 2, "Perceção") algumas observações muito pertinentes. Diz ele: "Nenhum juiz alguma vez suporá que as testemunhas possam ser enganadas ao confiarem nos seus olhos e ouvidos; e se um advogado cético pleiteasse contra o testemunho de testemunhas que elas não tinham outra evidência para o que declaravam senão o testemunho dos seus olhos e ouvidos, e que não deveríamos depositar tanta fé nos nossos sentidos ao ponto de privar os homens da vida e da fortuna sobre o seu testemunho, certamente nenhum juiz íntegro admitiria uma alegação deste género. Acredito que nenhum advogado, por mais cético que fosse, alguma vez ousou oferecer tal argumento; e se fosse oferecido seria rejeitado com desdém."*

*† Os registos legais da Idade Média fornecem exemplos, escassamente credíveis, de tal ceticismo. Durante os mil julgamentos por feitiçaria que ocorreram em França ao longo do século dezasseis, as mulheres suspeitas eram habitualmente acusadas de se terem juntado à dança das bruxas à meia-noite sob um carvalho crestado. "Os maridos de várias destas mulheres (duas delas eram jovens e belas) juraram positivamente que, à hora indicada, as suas esposas estavam confortavelmente a dormir nos seus braços; mas foi tudo em vão. A palavra deles foi aceite; mas o arcebispo disse-lhes que estavam enganados pelo diabo e pelos seus próprios sentidos. É verdade que poderiam ter tido o simulacro das suas esposas nas suas camas, mas as originais estavam longe, na dança do diabo sob o carvalho." — Mackay's Popular Delusions; capítulo sobre a Mania das Bruxas.*

"Tenho de ver para acreditar," é frequentemente a expressão de um escrúpulo não irracional.* La Place coloca o caso de que não deveríamos confiar no testemunho de uma pessoa que alegasse que, tendo lançado cem dados ao ar, todos caíram com o mesmo lado para cima; enquanto que se víssemos a coisa acontecer, e inspecionássemos cuidadosamente os dados, um após outro, deixaríamos de duvidar do facto. Diz ele: "Após tal exame já não hesitaríamos em admiti-lo, não obstante a sua extrema improbabilidade; e ninguém seria tentado, a título de explicação, a recorrer à hipótese de uma ilusão causada por uma infração das leis da visão. Daqui podemos concluir que a probabilidade da constância das leis naturais é, para nós, maior do que a probabilidade de que o evento referido não ocorra."

Assim pode ser, suficientemente, quanto aos fenómenos presenciados por mim e por outros, aos quais acaba de ser feita alusão; o movimento, a saber, sem agência física aparente, de mesas e outras substâncias materiais. Estes são de um carácter tão extraordinário que a evidência do testemunho, fidedigno que seja considerado, pode não trazer ao leitor nenhuma convicção da sua realidade. Se tal acontecer, ele apenas se encontrará na mesma posição em que eu próprio estava antes de os presenciar. Como aquele que La Place supõe estar a ouvir a história dos cem dados, duvidei da evidência de ouvir dizer, mesmo de pessoas cujo testemunho em qualquer caso comum eu teria aceitado sem hesitação. Mas apenas duvidei: não neguei. Resolvi, na primeira oportunidade, examinar por mim próprio; e a evidência dos meus sentidos operou uma convicção que o testemunho falhara em produzir.

---

• *"Assentei finalmente na opinião de que, quanto a fenómenos de carácter tão extraordinário, pode-se, por força da discussão, chegar à convicção de que existem razões suficientes para acreditar neles, mas que realmente só se acredita neles depois de os ter visto." — Bertrand: "Traité du Somnambulisme", p. 165.*

---

Se o leitor, duvidando como eu, apenas procurar o mesmo modo de resolver as suas dúvidas, poderei ter-lhe prestado um serviço. Que ele exija, como Tomé, ver e tocar; que inspecione os dados um após outro; que evite, como nas páginas precedentes procurei induzi-lo, os extremos da credulidade e da descrença; mas que não imagine que os sentidos que o seu Criador lhe deu são testemunhas mentirosas, apenas porque testemunham contra as suas preconceções.

E assim, poderá ser, aprenderá ele uma lição saudável; uma lição de aviso contra essa sabedoria no seu próprio conceito que, dizem-nos, é mais desesperada do que a própria tolice.

Assim, também, talvez ele possa ser induzido, como eu fui, a ouvir pacientemente o testemunho de outros, como contido em muitas das páginas seguintes, tocante ao que outrora considerei, e o que ele pode ainda considerar, meras superstições fantasiosas. E assim poderá ser levado, como eu fui, quanto a estes estranhos fenómenos, a pesar cuidadosamente as probabilidades em conflito. Não assumo ter alcançado a certeza absoluta. Quão raramente, em qualquer investigação, ela é atingida! Onde a natureza do caso admite apenas deduções mais ou menos prováveis, basta mostrar um equilíbrio razoável de evidência a favor das conclusões que inferimos. Nem é irracional agir sobre tal inferência embora ela fique aquém da prova infalível. De todo o conhecimento variado que regula as nossas ações diárias, quão esmagadora porção, como La Place nos recorda, pertence, estritamente falando, apenas às várias gradações do possível! E desse conhecimento quanto foi gradualmente extraído da obscuridade onde por eras jazeu, velado pelas brumas da incredulidade, sob o banimento do Improvável!

# LIVRO II

# RELATIVAMENTE A CERTAS FASES DO SONO

## CAPÍTULO 1

## O SONO EM GERAL

"Metade dos nossos dias passamos na sombra da terra, e o irmão da morte exige uma terça parte das nossas vidas." — Sir Thomas Browne.

Se nos sentarmos para clarificar perante nós próprios o que é, e o que não é, maravilhoso — para definir, com precisão, o admirável —, poderemos considerar a tarefa muito mais difícil do que supomos. O extraordinário usualmente surpreende-nos mais; o ordinário pode ser não apenas muito mais digno da nossa atenção, mas também muito mais inexplicável.

Estamos habituados a chamar naturais às coisas se estas surgem constantemente sob a nossa observação, e a imaginar que essa única palavra encarna uma explicação suficiente delas. Contudo, há prodígios diários, maravilhas domésticas familiares que, se não fossem familiares, se não fossem de recorrência diária, não só excitariam o nosso maior espanto, mas iriam também, sem dúvida, provocar a nossa incredulidade.

Todas as noites, a menos que a doença ou uma forte excitação se interponham, tornamo-nos nós próprios sujeitos de um fenómeno que, se ocorresse apenas uma vez num século, consideraríamos — se é que acreditaríamos de todo — como o mistério dos mistérios. Todas as noites, se abençoados com saúde e tranquilidade, passamos, num momento inconsciente, o limiar da existência material; entrando noutro mundo, onde vemos, mas não com os nossos olhos; onde ouvimos, quando os nossos ouvidos não transmitem perceção alguma; no qual falamos, no qual nos falam, embora nenhum som passe pelos nossos lábios ou alcance os nossos órgãos auditivos.

Nesse mundo somos excitados pela alegria, pelo luto; somos movidos pela piedade, somos agitados pela raiva; contudo, estas emoções são despertadas por nenhumas realidades objetivas. Ali, o nosso julgamento está usualmente obscurecido, e as nossas faculdades de raciocínio falham comummente; no entanto a alma, como que em antecipação dos poderes que o último sono lhe poderá conferir, parece emancipada dos grilhões terrenos. O tempo perdeu os seus marcos. Os oceanos não interpõem barreira alguma. O Passado devolve os seus fantasmas enterrados. A sepultura restaura os seus mortos.

Temos vislumbres desse mundo. Uma porção dele é-nos revelada tenuemente nas recordações de alguns pensamentos adormecidos. Mas uma porção é inescrutável — quase tão inescrutável como aquele outro mundo além do túmulo. Que meios temos nós de conhecer aquilo que passa pelas nossas mentes no sono? Exceto através da nossa memória (a menos, na verdade, que falemos a dormir e o nosso falar a dormir seja ouvido por outrem), nenhuns. Pensamentos adormecidos não lembrados são, para nós no nosso estado de vigília, como se nunca tivessem existido. Mas é certo que muitos desses pensamentos são totalmente esquecidos antes de acordarmos. Disto temos prova positiva no caso de pessoas que falam durante o sono, indicando assim o assunto dos seus sonhos. Acontece constantemente que tais pessoas, interrogadas sobre os seus sonhos na manhã seguinte, negam ter tido algum; e mesmo que o assunto do seu falar a dormir lhes seja sugerido, tal não desperta qualquer fio de memória.*

---

• *"Intellectual Powers" de Abercrombie, 15.ª ed., p. 112. Mas todos os fisiologistas estão de acordo quanto a este fenómeno. Em alguns casos, porém, dois estados mentais parecem estar indicados; a memória do sonho não sendo tão totalmente perdida que não possa ser revivida, num tempo futuro, durante o sono.*

---

A questão sobre se alguma vez dormimos sem sonhar — tão antiga como os dias de Aristóteles — é igualmente curiosa e de difícil solução. Em apoio da teoria de que nenhum momento de sono é isento de pensamentos ou sensações de sonho, temos nomes como Hipócrates, Leibnitz, Descartes, Cabanis. A autoridade mais formidável no lado oposto é Locke. Mas esse homem eminente evidentemente não tinha perante si todos os fenómenos necessários para permitir uma compreensão adequada deste assunto. A sua definição de sonhar é defeituosa,* e o argumento com que sustenta os seus pontos de vista, a saber, que "o homem não pode pensar em momento algum, acordado ou a dormir, sem ter consciência disso",† evidentemente não abrange o caso. Dos escritores mais modernos, Macnish e Carpenter concluem que o sono perfeitamente profundo é sem sonhos; enquanto Holland, Macario e (tanto quanto se expressam) Abercrombie e Brodie, assumem a posição oposta. Razões plausíveis podem ser aduzidas para qualquer uma das opiniões.

Quaisquer que sejam as condições desse mecanismo misterioso que liga o princípio imaterial no homem ao cérebro, isto sabemos: que ao longo da vida de vigília a ação cerebral de algum tipo é o antecedente necessário, ou concomitante, do pensamento. Esta ação, nalguma forma modificada, parece continuar pelo menos durante aqueles períodos de sono em que ocorrem sonhos de tal carácter que são lembrados, ou que a sua presença é testemunhada por sinais exteriores de emoção no dormente.

O Dr. Perquin, um médico francês, relatou o caso de uma mulher de vinte e seis anos de idade que tinha perdido, por doença, uma grande porção do seu osso craniano e da *dura mater*, de modo que uma porção correspondente do cérebro estava nua e aberta à inspeção.

---

• *A sua definição é: "Sonhar é o ter ideias, enquanto os sentidos externos estão travados, não sugeridas por qualquer objeto externo ou ocasião conhecida, nem sob a regra e conduta do entendimento." Mas, enquanto se sonha, os sentidos externos estão, em geral, apenas parcialmente travados; as ideias são frequentemente sugeridas por objetos externos e por sensações físicas; e por vezes o entendimento, em vez de ser destronado, adquire um poder e vivacidade além do que possui no estado de vigília. † "An Essay concerning Human Understanding," Livro II. cap. i. p. 10.*

---

Diz ele: "Quando ela estava num sono sem sonhos, o seu cérebro estava imóvel e repousava dentro do crânio. Quando o seu sono era imperfeito, e ela estava agitada por sonhos, o seu cérebro movia-se e protuberava para fora do

crânio, formando uma hérnia cerebral. Em sonhos vívidos, relatados como tal pela própria, a protuberância era considerável; e quando ela estava perfeitamente acordada — especialmente se envolvida em conversa animada — era ainda maior. Nem a protuberância ocorria em solavancos alternando com recessões, como se causada pelo impulso do sangue arterial. Mantinha-se firme enquanto a conversa durava."*

Aqui temos três estados mentais distintos, com a correspondente ação cerebral indicada, na medida em que as indicações externas são uma pista para tal: o estado de vigília, no qual o cérebro dá sinais de plena atividade; um estado conhecido como de sonho, durante o qual há ainda ação cerebral, mas num grau diminuído; e um terceiro estado, não exibindo prova exterior de sonhar, nem deixando atrás de si qualquer lembrança de sonhos, e durante o qual a ação cerebral já não é percetível para o espectador.

Mas estendemos a inferência demasiado longe se afirmarmos, como alguns fisiologistas fazem,† que neste terceiro estado não há ação cerebral e não há sonhos. Tudo o que estamos justificados a concluir é que, durante este período de repouso aparente, a ação cerebral, se tal continuar, é muito diminuída,* e os sonhos, se houver sonhos, estão desligados, pela memória ou de outra forma, da nossa vida de vigília.

---

• *Este caso foi observado num dos hospitais de Montpellier, no ano de 1821. Não é de modo algum um caso isolado. Macnish cita-o no seu "Philosophy of Sleep." † Carpenter ("Principles of Human Physiology," p. 634) é de opinião que durante o sono profundo o cérebro e os gânglios sensoriais estão "num estado de completa inatividade funcional."*

---

Se levarmos as nossas pesquisas mais longe, e inquirirmos qual é o estado da alma, e quais as condições da sua ligação com o cérebro, durante o estado de quietude, estamos a entrar num campo onde encontraremos mil especulações, e talvez nem uma verdade fidedigna além do simples facto de que, enquanto a vida durar, alguma ligação entre a mente e a matéria deve ser mantida. Podemos imaginar que essa ligação seja apenas intermédia — mantida, talvez, diretamente com o que Bichat chama o sistema de vida orgânica,† e apenas através do meio desse sistema, por anastomose, ou de outro modo, com o sistema de vida animal e o seu centro, os lobos cerebrais; ou podemos supor que a ligação continue direta com o cérebro. Tudo o que sabemos é que, a qualquer momento, no sono saudável, um som mais ou menos alto, um toque mais ou menos rude, basta para

restaurar o cérebro à completa atividade e para restabelecer, se é que alguma vez foi interrompida, a sua comunicação direta com a mente.

A doutrina cartesiana de que a alma nunca dorme é incapaz tanto de refutação como de aplicação prática.

---

• *Casos de catalepsia, ou transe, nos quais durante dias nenhuma ação do coração ou dos pulmões é reconhecível pelos sentidos do médico mais experiente, de tal modo que a morte real foi suposta, são de ocorrência comum; contudo, ninguém conclui que, por mais profundo que seja o transe, o coração tenha cessado de bater ou os pulmões de funcionar. A sua ação está tão enfraquecida que se tornou impercetível: é tudo. † Ver "Recherches physiologiques sur la Vie et la Mort," por X. Bichat, 3.ª ed., Paris, 1805, p. 3. A sua divisão das funções animais é em duas classes: as da vida orgânica e as da vida animal; a primeira incluindo as funções de respiração, circulação, nutrição, secreção, absorção, as funções instintivas ou automáticas comuns à vida animal e vegetal; a segunda restrita à vida animal apenas, e incluindo as funções que ligam o homem e os animais ao mundo externo — como as de sensação, volição, expressão vocal e locomoção.*

---

Se imaginarmos que a alma tem necessidade de descanso, devemos admitir, como corolário, que o sono é um fenómeno que será encontrado no próximo mundo tal como o é neste. Se, por outro lado, afirmarmos que não pode haver momento em que um espírito imortal não tenha pensamentos e sensações, poder-se-á responder que as palavras pensamento e sensação, quando usadas por seres humanos em relação à sua presente fase de vida, se aplicam propriamente apenas a condições mentais que pressupõem a ação do cérebro humano; e que, quanto à ação da alma sem a ação do cérebro, se tal estado pode existir enquanto a alma está ligada ao corpo, demonstra falta de sabedoria ocuparmo-nos com isso. Nada podemos afirmar a seu respeito; não tendo no nosso vocabulário humano sequer as palavras necessárias para encarnar quaisquer conceções dos seus fenómenos.

Assim, mesmo quando admitimos que são apenas os órgãos corporais, não o princípio espiritual, que experienciam uma sensação de fadiga e a necessidade de intermitência de ação, não concedemos, pela admissão, que os sonhos, na aceção própria do termo, permeiem todo o sono.

Aproximamo-nos mais de uma solução quando inquirimos se, como regra geral, as pessoas que são subitamente despertadas de um sono profundo estão, no momento de acordar, conscientes de terem sonhado. Mas aqui os fisiologistas não estão de acordo quanto aos factos. Locke parece ter assumido a negativa. Macnish declara, como resultado de certas experiências feitas propositadamente, que na maioria dos casos o dormente não retinha no momento de acordar tal consciência.* Disto duvido muito. É certo que, a menos que tais experiências sejam conduzidas com cuidado escrupuloso, os verdadeiros resultados podem facilmente escapar-nos. Se, há dois anos, me tivessem perguntado se eu tinha o hábito de sonhar, eu teria respondido que muito raramente sonhava sequer;

---

• *Hazlitt, no seu "Round Table", alega o contrário.*

---

sendo o facto então, como ainda é, que mal tenho algum sonho de que me lembre, ou que pudesse repetir, mesmo ao pequeno-almoço da manhã seguinte. Mas tendo a minha atenção sido recentemente atraída para o assunto, de modo que adquiri o hábito de tomar nota especial das minhas sensações no momento de acordar, tornei-me consciente, após repetidas observações, de que em cada instância eu estava consciente de ter sonhado. No entanto, com muito poucas exceções, a memória do meu pensamento adormecido era tão vaga e fugitiva que, mesmo após dez, ou talvez cinco segundos, ela se tinha desvanecido, e isso tão completamente que achei de todo impossível recordar ou repetir o meu sonho.

Após esse período, não me lembrava de nada, exceto de que tinha estado consciente de ter sonhado; e, para obter em todos os casos a certeza até disto, eu tinha de acordar com a intenção de fazer a observação. Tão excessivamente breves e sombrias e fugazes eram estas perceções que, na grande maioria dos casos, nenhum esforço que eu pudesse fazer bastava para as deter. Elas escapavam mesmo no momento em que eu tentava gravá-las na minha memória.

É verdade que estas observações eram usualmente feitas no momento de acordar, naturalmente, de um sono noturno, e que os mais fortes defensores da teoria do sono sem sonhos (como Lord Brougham, no seu "Discourse on Natural Theology") admitem que o sono imperfeito que confina com o estado de vigília está cheio de sonhos. Mas, contudo, a realidade em ligação com pensamentos adormecidos de uma memória tão fraca e evanescente que requer um esforço intencional para detetar a sua existência, deveria induzir-nos a receber com muitos escrúpulos as afirmações daqueles que declaram não ter sonhos.*

---

• *Como as de um jovem, mencionado por Locke (Ensaios sobre "Human Understanding," Livro II. cap. 1. § 14), um estudioso com boa memória, que declarou que até ter tido uma febre, no seu vigésimo sexto ano, nunca tinha sonhado na vida.*

---

Outro argumento nesta ligação é o facto, do qual quase toda a gente, provavelmente, tomou nota frequente, de que raramente acordamos de um sono breve, por mais profundo e tranquilo que tenha sido, sem uma consciência de tempo decorrido desde que adormecemos. Mas o tempo, ou antes a perceção humana dele, só pode existir em ligação com uma série de pensamentos ou sensações. Daí a probabilidade de que tais, mesmo durante esse sono profundo e imóvel, afetaram a mente.

Contas feitas, embora não possamos refutar a teoria apresentada por Locke e outros defensores do sono sem sonhos, as probabilidades parecem-me contra ela. Uma vez que numerosas indicações nos asseguram que em mil casos nos quais o sono parece sem sonhos, e mesmo a insensibilidade completa, existe uma sucessão constante de pensamentos e sensações, penso haver razão suficiente para concordar com Brodie que "não sonhar parece não ser a regra, mas a exceção à regra";* e, se assim for, quantos dos fenómenos do sono podem ter até agora escapado à nossa observação! Quantos mais podem estar cobertos por um véu que permanecerá para sempre impenetrável aos olhos mortais!

Aquela grande classe de fenómenos que ocorrem durante o sono, dos quais não retemos nenhuma recordação após o sono, e que estão assim desligados da consciência de vigília, atraíram, como eminentemente merecem, muito mais atenção nos tempos modernos, particularmente durante os últimos setenta anos, do que em qualquer período anterior. Há setenta e cinco anos o sonambulismo (induzido artificialmente) era desconhecido. Mas o coma, o sonambulismo, o transe, o êxtase, podem ser propriamente considerados apenas como fases do sono; anormais, na verdade, e por isso variando amplamente nalguns aspetos do sono natural, contudo todos eles estados estritamente hipnóticos; os quais fazemos bem em estudar na sua ligação uns com os outros.

---

• *"Psychological Inquiries," por Sir B. Brodie, 3.ª ed., p. 149.*

---

Descobriremos que eles têm muito em comum. A mesma insensibilidade que muitas vezes sobrevem durante o sonambulismo e durante o coma apresenta-se num certo grau durante o sono comum. As crianças, especialmente, são muitas

vezes despertadas do sono com dificuldade; e os dorminhocos pesados de idade adulta permanecem frequentemente inconscientes de ruídos altos ou de outras perturbações sérias. Não raramente me aconteceu não ouvir nada, ou pelo menos não reter recordação alguma de ter ouvido nada, de uma violenta e prolongada tempestade de trovões que perturbou e alarmou os meus vizinhos; e no ano de 1856, estando então em Nápoles, dormi tranquilamente durante um terramoto, cujo choque encheu as ruas com milhares de pessoas aterrorizadas, implorando a compaixão da Madonna.

Alguns até dos mais notáveis fenómenos do sonambulismo e do êxtase aparecem de forma modificada durante o sono natural. Aquela exaltação dos poderes mentais que forma uma das principais características dos estados acima nomeados pode ser encontrada, em numerosos exemplos, durante o simples sonhar. Lemos que Cabanis, em sonhos, via muitas vezes claramente os rumos de acontecimentos políticos que o tinham confundido quando acordado; e que Condorcet, quando envolvido nalguns cálculos profundos e complicados, era frequentemente obrigado a deixá-los num estado inacabado e retirar-se para descansar, quando os resultados a que eles conduziam lhe eram revelados em sonhos.* Brodie menciona o caso de um amigo seu, um distinto químico e filósofo natural, que lhe assegurou que tinha mais de uma vez projetado num sonho um aparelho para uma experiência que pretendia fazer; e o de outro amigo, matemático e homem de vasta cultura geral, que resolveu problemas quando dormia que o tinham confundido no seu estado de vigília.

---

- *"Philosophy of Sleep" de Macnish, p. 79.*

---

O mesmo autor menciona o caso de um conhecido seu, um solicitador, que, estando perplexo quanto à gestão jurídica de um processo, imaginou, num sonho, um modo de proceder que não lhe tinha ocorrido quando acordado, e que adotou com sucesso. Carpenter admite que "os processos de raciocínio podem ser realizados durante o sono com invulgar vigor e sucesso", e cita, como exemplo, o caso de Condillac, que nos conta que, quando ocupado no seu "Cours d'Etude", frequentemente desenvolvia nos seus sonhos um assunto que tinha interrompido antes de se retirar para descansar.

Carpenter supõe que isto ocorra "em consequência da isenção de distração resultante da suspensão de influências externas".* Abercrombie, nesta ligação, aduz o caso do Dr. Gregory, a quem ocorriam pensamentos em sonhos, e até as próprias expressões em que eram transmitidos, que lhe pareciam depois, quando acordado, tão justos em termos de raciocínio e ilustração, e tão felizmente

redigidos, que ele os usava nas suas lições e nas suas lucubrações. Até o nosso próprio, prático e pouco imaginativo Franklin parece ter fornecido um exemplo desta exaltação do intelecto durante o sono. "O Dr. Franklin informou Cabanis", diz Abercrombie, "que os rumos e o desenlace de eventos políticos que o tinham intrigado quando acordado eram, não infrequentes vezes, revelados para ele nos seus sonhos."†

Uma aproximação ainda maior de alguns dos fenómenos do sonambulismo artificial e do êxtase, e da escrita involuntária dos médiuns modernos, é feita quando o homem que dorme produz um registo real dos seus pensamentos sonhados. Disto, um exemplo notável é aduzido por Abercrombie, no caso de um distinto advogado do século passado, em cujos registos familiares todos os particulares estão preservados.

---

• *"Principles of Human Physiology", p. 643. † Abercrombie, "Intellectual Powers", 15.ª ed., p. 221.*

---

São os seguintes:— "Esta eminente pessoa tinha sido consultada a respeito de um caso de grande importância e muita dificuldade, e ele tinha estado a estudá-lo com intensa ansiedade e atenção. Após vários dias terem sido ocupados desta maneira, foi observado pela sua esposa ao levantar-se da cama durante a noite e dirigir-se a uma secretária que estava no quarto. Ele sentou-se então e escreveu um longo documento, que guardou cuidadosamente na secretária, e regressou à cama.

Na manhã seguinte, disse à esposa que tinha tido um sonho muito interessante; que tinha sonhado que proferia um parecer claro e luminoso a respeito de um caso que o tinha perturbado excessivamente, e daria qualquer coisa para recuperar o fio de pensamento que tinha passado perante ele no seu sono. Ela dirigiu-o então para a secretária, onde ele encontrou o parecer clara e totalmente redigido por extenso. Verificou-se posteriormente ser perfeitamente correto."*

Carpenter admite, durante certas fases do sono, a exaltação não só dos poderes mentais, mas dos sentidos. Falando daquilo a que o Sr. Braid chama hipnotismo,† — que é, de facto, apenas sono artificialmente induzido pelo olhar fixo num qualquer objeto próximo —, menciona alguns casos que passaram sob a sua observação, assim: —

---

• *Abercrombie, obra citada, p. 222. É dificilmente necessário lembrar ao leitor que os casos acima aduzidos, embora numerosos, são excecionais. Como regra geral, os poderes de raciocínio estão enfraquecidos durante o sono. "Por vezes", diz Müller, (Physiology, tradução de Baly, p. 1417), "raciocinamos mais ou menos acuradamente nos nossos sonhos. Refletimos sobre problemas e alegramo-nos com a sua solução. Mas ao acordar de tais sonhos, o aparente raciocínio revela-se como não sendo raciocínio de todo, e a solução sobre a qual nos tínhamos alegrado como mero disparate." Isto, também, não é sem a sua analogia no sonambulismo e no êxtase. As opiniões expressas e as afirmações feitas durante estes estados são frequentemente de todo indignas de confiança. † "Neurypnology; or, The Rationale of Nervous Sleep," por James Braid, M.R.C.S.E., Londres, 1843.*

---

"O autor testemunhou um caso em que tal exaltação do sentido do olfato se manifestou, que o sujeito descobriu, sem dificuldade, o proprietário de uma luva colocada nas suas mãos numa assembleia de cinquenta ou sessenta pessoas; e no mesmo caso, como em muitos outros, houve uma exaltação semelhante do sentido da temperatura. A exaltação do sentido muscular, pelo qual várias ações que ordinariamente requerem a orientação da visão são dirigidas independentemente dela, é um fenómeno comum ao mesmérico, juntamente com várias outras formas de sonambulismo artificial, bem como natural. “O autor viu repetidamente os sujeitos hipnotizados do Sr. Braid escreverem com a mais perfeita regularidade, quando um ecrã opaco era interposto entre os seus olhos e o papel, sendo as linhas equidistantes e paralelas; e não é incomum para o escritor levar de volta o seu lápis ou caneta para colocar um ponto num i, ou cruzar um t, ou fazer alguma outra correção numa letra ou palavra.

O Sr. B. tinha um paciente que voltava assim atrás e corrigia com precisão a escrita numa folha inteira de papel de carta; mas, se o papel fosse movido da posição que tinha ocupado anteriormente na mesa, todas as correções eram feitas nos pontos errados do papel no que respeitava ao lugar real da escrita, embora nos pontos certos no que respeitava ao seu lugar anterior. Por vezes, contudo, ele tomava um novo ponto de partida, tateando pelo canto superior esquerdo do papel; e todas as suas correções eram então feitas nas suas posições corretas, não obstante o deslocamento do papel."*

Novamente, o Dr. Carpenter informa-nos que quando a atenção do paciente estava fixada num certo fio de pensamento, tudo o que acontecia ser dito em harmonia com este era ouvido e apreciado; mas o que não tinha relação com ele, ou estava em discordância com ele, era inteiramente ignorado.

- *"Principles of Human Physiology," p. 616.*

O que pode estar mais completamente de acordo com certos fenómenos sonambúlicos, cuja existência tem sido rudemente negada, do que tudo isto? Mas uma pequena pesquisa cuidadosa neste campo pode revelar-nos pontos de semelhança ainda mais numerosos. Pertence mais propriamente ao próximo capítulo, sobre o Sonhar, do que a este, inquirir se, em casos excecionais, durante o sono natural, não se apresentam alguns dos mais extraordinários poderes ou atributos, os alegados e raramente acreditados fenómenos do sonambulismo, — tais como a clarividência (*clear-sight*), a visão à distância (*vue a distance*), e até aquele mais fortemente contestado de todos, a faculdade do pressentimento, o instinto profético.

Mas há outro ponto de analogia, ligado à influência renovadora do sono e às causas que tornam necessária ao homem tal ação intermitente, ao qual pode ser útil aludir aqui.

Seria muito incorreto dizer que o exercício continuado de qualquer função induz fadiga e, consequentemente, necessita de sono. É bem sabido que isto é verdade apenas para algumas funções. Não é verdade para as funções da vida orgânica, as funções automáticas ou involuntárias. Cansamo-nos de caminhar, cansamo-nos de pensar, cansamo-nos de ver ou ouvir, ou de dirigir a atenção de qualquer modo para objetos externos; mas nunca nos cansamos de respirar, embora o respirar seja uma ação mais contínua do que qualquer uma destas.

Este facto óbvio sugeriu aos fisiologistas, antes do tempo de Darwin, a opinião que foi primeiro proeminentemente trazida a público por esse naturalista, de que a parte essencial do sono é a suspensão da volição. E alguns foram tão longe a ponto de afirmar que a única fonte de fadiga, e portanto a única causa necessitante do sono, é o exercício da volição; aduzindo em apoio desta teoria a observação de que, quando os músculos de um braço ou de uma perna são contraídos sob a influência da vontade, a fadiga segue-se em poucos minutos; enquanto a mesma contração ocorrendo involuntariamente (como na catalepsia, seja naturalmente ou mesmericamente induzida) pode continuar por um longo tempo sem qualquer fadiga de todo.

Mas não podemos adotar incondicionalmente tal opinião sem assumir que não existe estado de vigília no qual a volição esteja suspensa ou inativa. Pois não conhecemos nenhum estado de vigília, por mais apático e sem propósito que seja, cuja continuação obvie a necessidade, após um intervalo comparativamente

breve, de sono. Nem é verdade que os homens de vontade forte e atividade constante requeiram sempre mais sono do que os indolentes e de propósito enfermo. Diz-se que três ou quatro horas das vinte e quatro bastaram, durante meses a fio, a Napoleão, a própria encarnação do propósito enérgico e da incessante atividade de volição.

Nem por isso, contudo, devemos deixar de admitir a verdade e importância da observação de Darwin, de que a condição essencial do sono é a suspensão da volição. E, neste aspeto, a semelhança é impressionante entre o sono e os vários estados do sistema humano durante os quais os fenómenos mesméricos e aqueles que têm sido chamados espirituais se apresentam. Ao sonâmbulo, ao "médium", é dito que a primeira condição de sucesso na produção dos fenómenos pretendidos é que o sujeito permaneça absolutamente passivo; que ele entregue implicitamente à ação de influências externas a sua vontade. Na verdade, o sonâmbulo é posto a dormir, se artificialmente, não de modo menos absoluto, pelo magnetizador. E quando um médium se junta a um círculo em redor da mesa, ou se ocupa em escrita automática, a sonolência, após um breve período, é usualmente induzida.

Contas feitas, os factos parecem justificar a afirmação de que todos os fenómenos mesméricos e os chamados espirituais, na medida em que dependem de uma condição peculiar do sistema humano, são mais ou menos hipnóticos no seu carácter. Para obter uma compreensão adequada da sua verdadeira natureza, e uma apreciação discriminadora dos resultados obtidos, isto deve ser constantemente tido em mente.

Quanto ao resto, pode duvidar-se se a opinião popular de que é apenas durante o sono que há acumulação nos lobos cerebrais do fluido nervoso é a correta, e se deveríamos considerar o gasto desse fluido como restrito ao estado de vigília.

A melhor opinião parece ser a de que, como regra geral, existem, em todos os momentos, tanto uma geração como um consumo; que, seja durante o estado de sono ou de vigília, esse processo misterioso que fornece força renovadora ao sistema humano está constantemente a decorrer, — o fornecimento ficando aquém da procura sobre ele e, portanto, diminuindo gradualmente durante as nossas horas de vigília, mas excedendo-a, e portanto, acumulando-se gradualmente, durante o sono.

Por outras palavras, podemos supor o fornecimento regular e constante, tanto de dia como de noite, como no caso daquele outro processo automático, tão pouco compreendido, da assimilação; e a procura nunca cessando totalmente, nem sendo alguma vez, talvez, perfeitamente regular nas suas requisições, mas

intermitente quanto à quantidade, usualmente a cada vinte e quatro horas, — fazendo, enquanto a vontade estiver em ação e os sentidos estiverem despertos, os seus apelos a um ritmo tal que deve, após algum tempo, esgotar o fornecimento; e depois, novamente, durante a inação comparativa do sono, restringindo esses apelos, de modo que o fluido nervoso possa aumentar em quantidade e um excedente acumular-se antes da manhã.

Que, em todos os casos, um certo fundo de reserva permanece é evidente pelo facto de que, em circunstâncias de urgência, podemos adiar o sono mesmo por várias noites. Mas esta usurpação é usualmente acompanhada de resultados prejudiciais. Nem parece que o cérebro possa ser sobrecarregado com fluido nervoso, tal como não pode ser indevidamente privado dele sem dano; pois existem doenças induzidas pelo sono excessivo.

Pareceria, também, que o cérebro só pode distribuir o seu suprimento de força nervosa a um certo ritmo. Pois um exercício de volição violenta é comummente sucedido, após um breve período, pela exaustão; e o descanso (que é uma coisa muito diferente do sono, sendo apenas uma cessação de esforço ativo) torna-se necessário antes que um segundo apelo desse tipo ao reservatório nervoso possa ser feito.

Como esse reservatório é suprido, — por que processo preciso é gerada no cérebro essa reserva de fluido ou força, o mais maravilhoso de todos os imponderáveis, sem o qual, no sistema humano, não haveria nem exercício de volição nem qualquer sinal exterior de inteligência; se este agente misterioso é, afinal, apenas uma modificação desse fluido que se mostra como Proteu, o elétrico, ou, se não elétrico, se não poderá ser de carácter eletroide: — estas várias questões como as determinaremos nós? — nós que, após o decurso de vinte e cinco séculos desde a primeira observação de Tales num pedaço de âmbar, mal podemos dizer, quando falamos de eletricidade positiva e negativa, qual a hipótese mais correta, — a de um agente único, ora em excesso, ora em deficiência, ou a de duas eletricidades, a vítrea e a resinosa; nós que, na verdade, apenas aprendemos o suficiente para nos tornarmos conscientes de que esta própria agência, por nós chamada elétrica, deve ainda ser referida como desconhecida, — desconhecida na sua essência, embora observada, por milhares de naturalistas, nalguns dos seus efeitos.*

Fisiologistas e psicólogos inteligentes, é verdade, especularam sobre este assunto; Sir Benjamin Brodie, por exemplo. Falando das mudanças que o sistema nervoso se pode supor que sofra em ligação com processos mentais, e em resposta às perguntas: "São estas simplesmente mecânicas? Ou assemelham-se às mudanças químicas na matéria inorgânica? Ou não pertencem antes àquela classe

de fenómenos que referimos como agentes imponderáveis, tais como a eletricidade e o magnetismo?", ele diz:

"A transmissão de impressões de uma parte do sistema nervoso para outra, ou do sistema nervoso para as estruturas musculares e glandulares, tem uma semelhança mais próxima com os efeitos produzidos pelos agentes imponderáveis aludidos do que com qualquer outra coisa. Parece muito provável, de facto, que a força nervosa seja alguma modificação dessa força que produz os fenómenos da eletricidade e do magnetismo; e eu já me aventurei a comparar a geração dela pela ação do sangue oxigenado na substância cinzenta do cérebro e da medula espinal, à produção da força elétrica pela ação da solução ácida nas placas metálicas nas células de uma bateria voltaica."*

---

• *Há poucos anos, na reunião da Associação Britânica para o Avanço da Ciência realizada em Swansea, tendo surgido uma discussão quanto à essência ou natureza da eletricidade, e tendo sido feito um apelo a Faraday pela sua opinião sobre o assunto, o que terá ele, o primeiro eletricista talvez da época, respondido? "Houve um tempo em que pensei saber algo sobre o assunto; mas quanto mais vivo e mais cuidadosamente estudo o tema, mais convencido estou da minha total ignorância da natureza da eletricidade." — Citado por Bakewell, na sua "Electric Science," p. 99. "Algumas das condições que chamamos de leis da eletricidade e do magnetismo são conhecidas. Estas podem, não impropriamente, ser vistas como os seus hábitos ou modos de ação, — as formas como se manifestam a alguns dos nossos sentidos. Mas de que consistem, se possuem propriedades peculiares a si mesmas e independentes das substâncias ponderáveis com as quais sempre as encontrámos associadas, ou em que aspetos diferem da luz e do calor e uma da outra, está além do alcance da nossa experiência e, provavelmente, da nossa compreensão." — "Human Electricity" de Rutter, pp. 47, 48.*

---

Tal visão pode auxiliar as nossas insuficientes conceções; contudo, em toda a probabilidade razoável, quando assemelhamos a força ou fluido nervoso à eletricidade, e a ação do cérebro à de um aparelho elétrico ou galvânico, a comparação deve ser entendida como ilustrativa e aproximada, — encarnando apenas uma adumbração da verdade, — não como indicando uma semelhança estreita, muito menos uma identidade de ação estrita e positiva.

Que, de uma forma ou de outra, o sangue é um agente na geração da força nervosa dificilmente pode ser duvidado. Sir Henry Holland, falando das relações íntimas entre os sistemas nervoso e vascular, e a óbvia ligação estrutural dos nervos e vasos sanguíneos, acrescenta: "Não podemos designar uma única parte em toda a economia da vida animal na qual não encontremos estas duas grandes potências conjuntamente envolvidas, — sendo a sua cooperação tão essencial que nenhuma função isolada pode ser perfeitamente realizada sem ela.

O sangue e a força nervosa, tanto quanto sabemos, são os únicos agentes que realmente permeiam o corpo por inteiro; a ligação da maquinaria pela qual são transportados tornando-se mais estreita à medida que nos aproximamos dos limites últimos da observação. Além daqueles resultados da sua cooperação que dizem respeito aos numerosos outros objetos e fenómenos da vida, não podemos duvidar da existência de uma ação recíproca um sobre o outro, necessária para a manutenção e integridade dos seus respetivos poderes." .... "Não podemos, de facto, seguir, com qualquer compreensão clara, a noção do elemento nervoso como evoluído pela ação do sangue, ou como realmente derivado do sangue, e dependendo para a sua manutenção e energia das condições deste fluido.

---

• *"Psychological Inquiries" por Sir Benjamin Brodie, Londres, 1856, vol. iii. pp. 158, 159.*

---

Contudo, dificilmente podemos duvidar de que ações e relações mútuas de alguma natureza desse tipo existam realmente. Evidência neste sentido é fornecida, direta ou indiretamente, por todos os fenómenos naturais da saúde, e ainda mais notavelmente pelos resultados da desordem e da doença. Toda a investigação é de singular importância para a fisiologia da vida animal."*

Tendo em vista as observações acima, e assumindo a sugestão de Brodie quanto ao carácter eletroide do elemento nervoso, — tendo em mente, também, que a hematina, um dos constituintes do sangue, tem sete ou oito por cento de ferro, enquanto outras porções contêm, em quantidades menores, outros metais, e que, em consequência, temos uma força ou agente eletroide trazido para uma relação íntima com um fluido que contém metais, uma condição que se pode supor favorável a algo semelhante a uma ação eletroquímica, — não temos uma pista quanto à maneira pela qual (para pedir emprestados termos análogos na falta de termos precisos) a bateria cerebral pode possivelmente ser carregada?

Quão perto, quando tocamos em tais tópicos, nos estamos a aproximar dos confins do conhecimento humano! Um passo ou dois mais nesta direção

poderemos, na verdade, algum dia avançar; mas e depois? "A cadeia do nosso conhecimento", diz Berzelius, "termina sempre, por fim, num elo desconhecido." Mesmo que pudéssemos descobrir como esta bateria é carregada, um mistério mais profundo permanece ainda velado; a maneira, a saber, pela qual o princípio espiritual dentro de nós se serve deste maravilhoso mecanismo para produzir movimento e dirigir o pensamento.

E outra investigação, ligando mais imediatamente a digressão anterior com o assunto deste capítulo, pode ser levantada aqui, — uma investigação que alguns descartarão como indigna de ser sequer considerada, mas que, no entanto, é justificada, aos meus olhos, pela sua ligação com certos fenómenos psicológicos a serem apresentados em porções subsequentes deste volume; a investigação, a saber, se, em certas condições excecionais do sistema humano, como ocasionalmente durante sonhos, ou sob outras circunstâncias em que a vontade é entregue, algum princípio imaterial ou inteligência oculta que não a nossa própria não poderá, por um tempo e até certo ponto, apossar-se do poder de empregar o mecanismo cerebral de modo a sugerir ou inspirar pensamentos e sentimentos que, embora num sentido sejam nossos, contudo nos chegam de uma fonte estrangeira.

---

• *"Chapters on Mental Physiology," por Sir Henry Holland, M.D., Londres, 1852.*

---

Tal hipótese, embora adotada nos dias de hoje por não poucos homens sensatos, pode, bem o sei, assustar como incrível a maioria dos meus leitores. Relembro-lhes que a primeira questão não é se ela é verdadeira, mas se vale a pena examiná-la. "Na infância de uma ciência", diz Brewster, "não há especulação tão sem valor que não mereça exame. As mais remotas e fantasiosas explicações de factos têm sido frequentemente consideradas as verdadeiras; e opiniões que num século foram objetos de ridículo foram no seguinte admitidas entre os elementos do nosso conhecimento."*

Se ainda houver entre os meus leitores aqueles que estão dispostos a rejeitar à partida a investigação em questão, por saber a superstição, peço-lhes que adiem a decisão a respeito dela até terem lido os capítulos que se seguem, especialmente o próximo, que trata de um assunto que é difícil desligar do sono em abstrato; o assunto, a saber, dos sonhos.

---

• *"The Martyrs of Science" por Sir David Brewster, 3.ª ed., Londres, 1856, p. 219.*

---

## CAPÍTULO II

## OS SONHOS

"Em sonho, em visão da noite, quando cai o sono profundo sobre os homens, e adormecem na cama; então Deus abre os ouvidos dos homens, e sela a sua instrução." — Job xxxiii. 14.

Os escritores modernos sobre os fenómenos do sono concordam usualmente na afirmação de que os pensamentos adormecidos do homem são sem sentido e inconsequentes, e que os sonhos são, portanto, indignos de confiança.

Tal não era a opinião dos nossos antepassados, especialmente em tempos remotos. Eles atribuíam grande importância aos sonhos e à sua interpretação. Recorriam a eles em busca de orientação em casos de dificuldade ou de grande calamidade. Assim, quando a peste se espalhou entre a hoste grega perante Troia, Homero representa Aquiles como propondo esse método de averiguar a causa do que era considerado uma evidência da ira dos deuses; e a sua razão para a proposta é, — "pois os sonhos descendem de Jove."*

Aristóteles, Platão, Zenão, Pitágoras, Sócrates, Xenofonte, Sófocles, todos expressaram, mais ou menos distintamente, a sua crença no carácter divino ou profético dos sonhos. E mesmo alguns dos filósofos antigos que negavam todos os outros tipos de adivinhação, como alguns distintos Peripatéticos, admitiam aqueles que procediam do frenesi e dos sonhos.†

---

• *Ilíada de Homero, Livro I, linha 85 da tradução de Pope. † Cícero "De Divinatione", lib. i. § 3. Ver também § 25 et seq. A analogia entre os sonhos e a insanidade tem sido frequentemente notada. Aristóteles já tinha conjeturado que a mesma causa que, em certas doenças, produz a deceção dos sentidos despertos, é a origem dos sonhos no sono. Brierre de Boismont observa que as alucinações de vigília diferem principalmente dos sonhos pela sua maior vivacidade. Macario considera o que chama de sonhos sensoriais como quase idênticos à alucinação. Holland diz que as relações e semelhanças entre o sonhar e a insanidade são bem merecedoras de nota, e acrescenta: "Um sonho posto em ação poderia tornar-se loucura, numa ou noutra das suas formas frequentes; e, inversamente, a insanidade pode frequentemente ser chamada um*

*sonho desperto e ativo." — "Chapters on Mental Physiology", p. 110. Abercrombie declara que "há uma analogia notável entre os fenómenos mentais na insanidade e no sonhar." — "Intellectual Powers", p. 240.*

• *Citado por Cícero, "De Divinatione", lib. i. § 29, 30. † "De Divinatione et Somniis" cap. i.*

---

Não parece, contudo, que algum destes filósofos tenha ido tão longe ao ponto de reivindicar para todos os sonhos um carácter divino ou fiável. Muitos procediam da porta de marfim. Era usualmente a visão de algum vidente, ou áugure, ou sacerdotisa, ocorrendo dentro de solo sagrado ou consagrado, a cujos avisos era atribuída fé implícita. Platão, no entanto, parece sugerir que todos os sonhos poderiam ser confiáveis se os homens apenas trouxessem os seus corpos a tal estado, antes de irem dormir, que não deixasse nada que pudesse ocasionar erro ou perturbação nos seus sonhos.*

Aristóteles — cujas obras, como as de Bacon, se pode dizer que marcaram os limites do conhecimento do seu tempo — restringe a certos indivíduos favorecidos esta faculdade de presciência. A sua expressão, traduzida literalmente, é: "E que, quanto a algumas pessoas, a profecia ocorre em sonhos, não é para desacreditar."†

Que a opinião moderna quanto ao carácter fantástico e imaginativo dos sonhos é, no essencial, correta; que, quando os sentidos são vencidos pelo sono, o julgamento também, como regra geral, está ou inteiramente suspenso, ou apenas parcial e muito obscuramente ativo; estes são factos tão facilmente averiguados, usualmente por uma pequena observação acurada das nossas próprias sensações noturnas, que estão além de dúvida razoável.* Se para as noções dos antigos tocantes ao carácter mais elevado de alguns sonhos não haverá, em casos excecionais, garantia suficiente, é uma questão muito mais difícil.†

Certo é que a estrutura de muitos sonhos é feita de sugestões derivadas de ideias ou desejos de vigília que os precederam, ou de ocorrências que acontecem durante a sua continuidade e são parcialmente percebidas pelos sentidos ligados pelo sono.

A paixão dominante da vida de um homem não é improvável que se molde em sonhos. O pensamento constante do dia pode invadir a quietude da noite. Assim, Colombo sonhou que uma voz lhe dizia: "Deus te dará as chaves das portas do oceano."‡ E assim qualquer desejo fervoroso, experienciado quando

nos dispomos a dormir, pode passar para a nossa consciência adormecida e ser reproduzido, talvez, nalguma feliz desilusão.

---

• *Um desrespeito por estas verdades levou a resultados fatais. Aubrey, que não será suspeito de confiar demasiado pouco em sonhos, garante pessoalmente, como se observará, o seguinte: — "A Sra. CI — de S—, no condado de S—, tinha uma filha amada, que estivera doente muito tempo e não recebera benefício dos seus médicos. Ela sonhou que um amigo seu, falecido, lhe dizia que se desse à filha uma poção de teixo pisado ela recuperaria. Ela deu-lhe a poção, e esta matou-a. Pelo que ela ficou quase demente: a sua criada, para a cumprimentar e mitigar a sua dor, disse que certamente aquilo não a poderia matar: ela aventurar-se-ia a tomar o mesmo pessoalmente. Fê-lo, e morreu também. Isto foi por volta do ano 1670 ou 1671. Eu conheci a família." — "Aubrey's Miscellanies", Capítulo sobre Sonhos, p. 64 da reimpressão de Russell Smith. † Tais ideias não estão de modo algum confinadas aos antigos, mas encontram-se espalhadas por escritos de reputação em todas as épocas. Eis um exemplo: — "Que existem sonhos demoníacos temos pouca razão para duvidar. Por que não poderá haver angelicais? Se existem espíritos guardiões, eles podem não estar inativos à nossa volta no sono, mas podem por vezes ordenar os nossos sonhos; e muitas sugestões estranhas, instigações e discursos, que são tão espantosos para nós, podem surgir de tais fundamentos." — Sir Thomas Browne: Capítulo sobre o Sono. ‡ "Cosmos" de Humboldt, vol. i. p. 316.*

---

Tão fiel à natureza como graciosa na arte é aquela bela visão do lar e das suas alegrias, descrita pelo poeta como ocorrendo, após a batalha, ao soldado desgastado pela guerra, —

"Quando as estrelas sentinelas montam guarda no céu, Quando milhares se afundaram no chão vencidos, O cansado para dormir, e o ferido para morrer."

Mas é digno de nota que não são apenas as emoções dominantes, nem as impressões mentais de carácter vívido apenas, que se tornam sugestivas de sonhos. Ocorrências triviais, que passaram da nossa recordação antes de nos dispormos ao descanso, são por vezes incorporadas nas visões da noite que se segue. Encontro um exemplo no meu diário, datado de Nápoles, 12 de Maio de 1857: —

"Ontem à noite o meu criado informou-me de que uma casa, a segunda a contar daquela que habito, e logo do outro lado de um jardim para o qual as

janelas dos meus aposentos se abrem, estava a arder, e que a mobília de várias divisões estava em chamas. Como, contudo, o fogo não chegava às paredes exteriores, e como, durante a minha residência de quatro anos em Nápoles, onde todos os edifícios são à prova de fogo, eu nunca ouvira falar de tal coisa como uma casa arder totalmente, dei pouca importância ao assunto. Mais tarde soube que o fogo tinha sido subjugado; e antes de ir dormir a circunstância tinha deixado de ocupar a minha mente.

"Não obstante, tive o seguinte sonho. Pensei que estava a atravessar uma pequena cidade, na qual uma casa estava a arder. Dali passei para campo aberto, e cheguei a um ponto onde tinha uma vista sobre um vale pelo qual corria um rio; e nas margens desse rio estavam vários edifícios grandes. Destes observei que dois, a alguma distância um do outro, estavam em chamas. A visão instantaneamente me sugeriu a ideia de que os fogos deviam ser obra de incendiários; visto que (era assim que eu argumentava no meu sono) não era provável que três edifícios, de todo desligados, embora a curta distância uns dos outros, estivessem a arder por mero acidente ao mesmo tempo.

'Será algum motim ou revolução que está a começar?' foi o meu pensamento seguinte. E, no meu sonho, ouvi vários tiros, como que de diferentes partes do campo, confirmando (possivelmente criando) a minha ideia de um distúrbio popular. Neste ponto acordei e, após escutar por alguns momentos, dei-me conta de que algumas pessoas estavam a lançar foguetes de estalo na rua, — um entretenimento napolitano comum."

As causas que predispõem a tal sonho são evidentes. Eu tinha ouvido, pouco tempo antes de ir descansar, sobre uma casa em chamas; e a ideia, de forma modificada, continuou no meu sono. Eu estava num país onde se vive entre rumores diários de uma eclosão revolucionária: daí, provavelmente, a sugestão quanto à causa dos fogos. Esta recebeu confirmação pela detonação real dos foguetes de estalo, que a minha fantasia sonhadora interpretou como uma sucessão de tiros de mosquete.

É de notar, contudo, que estas circunstâncias sugestivas não eram de modo algum de carácter a causar muita impressão nos meus pensamentos de vigília. Eu não estava sob o mais pequeno receio quanto ao fogo; e tinha vivido tanto tempo entre relatos diários de uma revolução iminente que tinha deixado de lhes atribuir qualquer crédito ou probabilidade. A inferência parece ser que mesmo impressões de vigília débeis podem tornar-se incentivos para sonhos.

Ocasionalmente tem-se verificado que os sonhos podem ser realmente moldados pelas sugestões daqueles que rodeiam o leito do homem que dorme. Um exemplo notável no caso de um oficial britânico é dado pelo Dr.

Abercrombie, no qual "eles podiam produzir nele qualquer tipo de sonho sussurrando-lhe ao ouvido, especialmente se isto fosse feito por um amigo com cuja voz ele estivesse familiarizado."*

Desta forma conduziram-no por todo o curso de uma altercação que terminou num duelo; e finalmente, sendo-lhe colocada uma pistola na mão, ele disparou-a, e foi acordado pelo estrondo. Exemplos semelhantes foram notados noutros locais, como um de um estudante de medicina, dado por Smellie na sua "Natural History", e outro, mencionado pelo Dr. Beattie, de um homem em cujo caso qualquer tipo de sonho podia ser induzido pelos seus amigos falando suavemente na sua presença sobre o assunto particular que desejavam que ele sonhasse.

O mesmo poder parece, por vezes, ser exercido por um magnetizador sobre alguém que ele tenha tido o hábito de magnetizar. Foissac relata sobre a sua sonâmbula. Mademoiselle Céline, que, no seu sono natural, ele podia não só levá-la a sonhar o que ele quisesse, mas também fazer com que ela se lembrasse do sonho quando acordasse dele.† No caso mencionado por Abercrombie, o sujeito não preservou qualquer recordação distinta do que tinha sonhado.

Há outro fenómeno notável ligado à sugestão de sonhos, que vale bem a pena notar.

---

• *"Intellectual Powers", pp. 202, 203. † "Rapports et Discussions", Paris, 1833, p. 438. No sonambulismo real artificialmente induzido, este poder de sugestão é mais frequente e mais marcado. O Dr. Macario, na sua obra sobre o Sono, relata um exemplo impressionante, como tendo ocorrido na sua presença. Foi no caso de uma certa paciente de um amigo seu, o Dr. Gromier, — uma senhora casada, sujeita a afeções histéricas. Encontrando-a um dia presa de uma melancolia fixada, ele imaginou o seguinte plano para a dissipar. Tendo-a lançado num sono magnético, disse-lhe, mentalmente: "Por que perde a esperança? É piedosa: a Virgem Santa virá em seu auxílio: tenha a certeza disso." Depois invocou na sua mente uma visão, na qual imaginou o teto da câmara removido, grupos de querubins nos cantos, e a Virgem, num resplendor de glória, descendo no meio. Subitamente a sonâmbula foi afetada com êxtase, caiu de joelhos e exclamou, num transporte de alegria: "Ah, meu Deus! Há tanto tempo — há tanto, tanto tempo — que rezo à Virgem Santa; e agora, pela primeira vez, ela vem em meu auxílio!" Aduzo este exemplo como evidência de quão proximamente os fenómenos do sono natural e do sonambulismo artificial por vezes se aproximam um do outro. Pode fornecer uma pista, também, para a verdadeira origem de muitas visões extáticas.*

Pareceria que tal como, naquilo a que Braid chama a condição hipnótica, há por vezes uma exaltação do intelecto e dos sentidos, assim nos sonhos há ocasionalmente uma espécie de refrescamento e avivamento da memória. Brodie dá um exemplo da sua própria experiência. Diz ele: "Numa ocasião imaginei que era um rapaz outra vez, e que estava a repetir a outro rapaz um conto com o qual tinha estado familiarizado naquele período da minha vida, embora nunca o tivesse lido nem pensado nele desde então. Acordei e repeti-o para mim mesmo na altura, creio eu, com precisão suficiente; mas no dia seguinte tinha-o esquecido novamente." Quando, portanto, no sono algo nos é recordado que no nosso estado de vigília tínhamos esquecido, não deveríamos, por esse motivo, concluir que haja algo mais misterioso a esse respeito do que há em muitas outras operações familiares, se bem que inexplicadas, da mente.

Deveríamos estar também de guarda contra outra classe de sonhos, por vezes interpretados espiritualmente, que estão abertos à hipótese de poderem ter sido o resultado de desejo fervoroso e expectativa no sonhador.

Um desses casos é dado na biografia de William Smellie, autor da "Philosophy of Natural History". Intimamente familiarizados com o Rev. William Greenlaw, tinham entrado num pacto solene, por escrito, assinado com o seu sangue, de que quem quer que morresse primeiro deveria regressar, se possível, e testemunhar ao sobrevivente a respeito do mundo dos espíritos; mas se o falecido não aparecesse dentro de um ano após o dia da sua morte, deveria concluir-se que não poderia regressar. Greenlaw morreu a 26 de Junho de 1774. À medida que o primeiro aniversário da sua morte se aproximava e ele não tinha dado sinal, Smellie tornou-se extremamente ansioso, e até perdeu o descanso durante várias noites sucessivas, na expectativa do reaparecimento do seu amigo.

Finalmente, fatigado de vigiar, e tendo adormecido na sua poltrona, Greenlaw apareceu-lhe, afirmando que estava agora noutro e melhor mundo, do qual tinha encontrado grande dificuldade em comunicar com o amigo que deixara atrás, e acrescentando, quanto a esse mundo, que "as esperanças e desejos dos seus habitantes não estavam de modo algum satisfeitos, pois, tal como os do mundo inferior, eles ainda olhavam em frente na esperança de eventualmente alcançarem um estado de existência ainda mais feliz."*

Aqueles que acreditam ter evidência suficiente, noutros exemplos, da realidade de tais regressos, provavelmente concluirão, como o biógrafo afirma que o próprio Smellie acreditou até ao dia da sua morte, que o seu amigo Greenlaw tinha realmente aparecido perante ele; mas é evidente que uma interpretação diferente pode ser dada ao incidente; pois é claramente de supor,

neste caso, como no do soldado desgastado pela guerra na balada de Campbell, que o desejo do dia possa ter gerado a visão da noite.

Mas enquanto admitimos, o que os factos abundantemente provam, que, na grande maioria das instâncias, os sonhos são, ou podem ser, quer o romper no sono de um forte desejo, quer a prole da fantasia correndo desenfreada além do controlo do julgamento, ou então o resultado de sugestão, por vezes direta e intencional, mais frequentemente procedendo, aparentemente por acidente, de pensamentos ou emoções antecedentes, restam para ser tratados certos casos excecionais, que não parecem estar devidamente incluídos em nenhuma das categorias acima. Para julgar compreensivamente estes, convém-nos examiná-los com algum detalhe.

Podemos dispor, preliminarmente, de uma classe, como sendo evidentemente suscetível de explicação simples e natural; aqueles, a saber, que, mais ou menos distintamente, provocam o seu próprio cumprimento.

---

• *"Memoirs of the Life, Writings, and Correspondence of William Smellie, F.R.S. and F.A.S.", por Robert Kerr, F.R.S., Edimburgo, 1811, p. 187.*

---

Tal, por exemplo, é uma velha história, mencionada por vários autores italianos, de um mercador, viajando entre Roma e Siena, que sonhou que era assassinado na estrada. O seu anfitrião, a quem contou o seu sonho, aconselhou-o a rezar e a confessar-se. Ele fê-lo, e foi depois assassinado no caminho pelo próprio padre a quem, em confissão, tinha comunicado o conhecimento da sua riqueza e dos seus receios.

Um caso de carácter semelhante, ocorrendo há poucos anos perto de Hamburgo, foi dado na altura nos jornais da época. O aprendiz de um certo serralheiro daquela cidade, chamado Claude Soller, informou um dia o seu mestre de que na noite anterior tinha sonhado que fora assassinado na estrada entre Hamburgo e Bergsdorff. O seu mestre disse-lhe a rir que tinha justamente então cento e quarenta *rix-dollars* para enviar ao seu cunhado em Bergsdorff; e, para lhe provar quão ridículo era acreditar em tais presságios, ele (o aprendiz) seria o portador da quantia. O jovem, após reclamar em vão, foi compelido a partir, o que fez, por volta das onze horas do dia.

Chegado a meio do caminho, na aldeia de Billwaerder, e recordando, com terror, os particulares do seu sonho, procurou o *baillie* da aldeia, encontrou-o ocupado com alguns trabalhadores, relatou-lhe, na presença deles, o seu sonho, mencionou a soma de dinheiro que trazia consigo, e implorou que alguém fosse

autorizado a acompanhá-lo através de um pequeno bosque que ficava no seu caminho. O *baillie,* sorrindo dos seus receios, ordenou a um dos trabalhadores que fosse com ele como desejava. No dia seguinte o corpo do aprendiz foi encontrado, com a garganta cortada, e uma foice ensanguentada perto do corpo. Provou-se posteriormente que o homem que o acompanhara tinha usado aquela mesma foice algum tempo antes, para cortar vimes. Ele foi detido, confessou o seu crime e declarou que fora o relato do sonho que o instigara à sua prática.

Nalguns casos a ligação entre a influência do sonho e o seu cumprimento, embora possamos admitir a sua possibilidade, não é tão claramente estabelecida. Um exemplo romântico — perfeitamente autenticado, no entanto — traduzo aqui da obra de Macario sobre o Sono.

## COMO UM EDITOR DE PARIS OBTEVE UMA ESPOSA

Numa pequena cidade do Centro de França, Charité-sur-Loire, no Departamento de Nièvre, vivia uma rapariga de condição humilde, sendo filha de um padeiro, mas notável pela sua graça e beleza. Havia vários pretendentes à sua mão, dos quais um, por conta da sua fortuna, era favorecido pelos pais dela. A rapariga, contudo, não gostando dele, rejeitou as suas propostas de casamento. Os pais insistiram; e finalmente a filha, pressionada pelas suas importunações, dirigiu-se à igreja, prostrou-se perante a imagem da Virgem e rezou fervorosamente por conselho e orientação na escolha de um marido.

Na noite seguinte ela sonhou que passava perante ela um jovem, em trajes de viajante, com óculos e usando um grande chapéu de palha; e uma voz interior parecia dizer-lhe que ele haveria de ser o seu marido. Assim que acordou, procurou os pais, contou-lhes, respeitosamente mas com firmeza, que tinha decidido positivamente não aceitar o homem da escolha deles; e dali em diante eles não voltaram a pressionar o assunto.

Algum tempo depois, num baile de aldeia, ela reconheceu o jovem viajante, exatamente como ele tinha aparecido no seu sonho. Ela corou. Ele foi atraído pela aparência dela, apaixonou-se, como diz a frase, à primeira vista, e após um breve intervalo casaram-se. O seu marido é o Sr. Émile de la Bédollière, um dos editores do jornal de Paris o "Siècle"; e, numa carta ao Dr. Macario, datada de Paris, 13 de Dezembro de 1854, ele certifica a exatidão, em cada particular, do relato acima, acrescentando outros detalhes.

Ele afirma que foi num baile por subscrição, realizado em Agosto de 1833, na casa de um homem chamado Jacquemart, que visitou em companhia do seu

amigo Eugene Lafaure, que viu pela primeira vez a sua futura esposa, Angèle Bobin; que a emoção dela ao vê-lo foi aparente, e que ele apurou junto da senhora na cuja pensão a rapariga então estava, Mademoiselle Porcerat de seu nome, que aquela que depois se tornou Madame de la Bédollière tinha dado à sua professora, muito antes da sua própria aparição acidental pela primeira vez em La Charité, uma descrição exata da sua pessoa e vestimenta.*

Neste caso, embora a coincidência pareça notável, podemos, quanto à questão da semelhança pessoal, conceder algo ao acaso e algo à amplitude da imaginação numa rapariga jovem e entusiasta. Quanto ao resto, o rubor consciente de uma beleza de aldeia foi suficiente para atrair a atenção e interessar o coração de um jovem viajante, talvez de temperamento ardente e impressionável. Seria presunçoso afirmar positivamente que estas considerações fornecem a verdadeira explicação. Mas deve conceder-se a possibilidade de que assim seja.

Assim sucedeu noutro caso, o sonho ou visão da filha de Sir Charles Lee, no qual, contudo, foi a morte, e não o casamento, que foi prefigurada. Embora tenha ocorrido há quase duzentos anos, está muito bem autenticado, tendo sido relatado pelo próprio Sir Charles Lee ao Bispo de Gloucester, e pelo Bispo de Gloucester a Beaumont, que o publicou, pouco depois de o ouvir, num posfácio do seu bem conhecido "Treatise of Spirits". Dali o transcrevo.

---

• *"Du Sommeil, des Rêves, et du Somnambulisme," pelo Dr. Macario, Ex-Deputado do Parlamento Sardo, Lyon, 1857, pp. 80, 81.*

---

## A HISTÓRIA DO BISPO DE GLOUCESTER

"Tendo tido recentemente a honra de ouvir um relato de uma aparição do Lorde Bispo de Gloucester, e sendo já demasiado tarde para eu a inserir no seu devido lugar neste livro, dou-lha aqui por via de posfácio, como se segue: —

"Sir Charles Lee, da sua primeira esposa, teve apenas uma filha, de cujo parto ela morreu; e, quando ela faleceu, a sua irmã, a Lady Everard, desejou ter a educação da criança; e ela foi por esta muito bem educada até estar em idade de casar; e um enlace foi concluído para ela com Sir William Perkins, mas foi então impedido de uma maneira extraordinária. Numa noite de quinta-feira, ela, pensando ter visto uma luz no seu quarto depois de estar na cama, chamou pela sua criada, que prontamente veio ter com ela; e ela perguntou por que razão deixara uma vela acesa no seu quarto.

A criada disse que não deixara nenhuma, e que não havia nenhum senão a que trouxera consigo naquela altura. Então ela disse que era o lume; mas isso, disse-lhe a criada, estava completamente apagado, e disse acreditar que fora apenas um sonho; ao que ela disse que poderia ser assim, e dispôs-se novamente a dormir. Mas por volta das duas horas da manhã foi acordada de novo, e viu a aparição de uma pequena mulher entre a sua cortina e a sua almofada, que lhe disse ser a sua mãe, que era feliz, e que pelas doze horas daquele dia ela estaria com ela.

"Pelo que ela chamou de novo pela criada, pediu as suas roupas e, quando estava vestida, foi para o seu gabinete, e não saiu de lá até às nove, e então trouxe consigo uma carta selada para o seu pai, entregou-a à sua tia, a Lady Everard, contou-lhe o que tinha acontecido e desejou que, assim que estivesse morta, fosse enviada para ele. Mas a senhora pensou que ela tinha subitamente enlouquecido e, por isso, mandou imediatamente a Chelmsford por um médico e um cirurgião, que vieram ambos imediatamente; mas o médico não conseguiu discernir qualquer indicação do que a senhora imaginava, ou de qualquer indisposição do seu corpo.

Não obstante, a senhora teimou em que lhe tirassem sangue, o que foi feito em conformidade. E quando a jovem mulher tinha pacientemente deixado que fizessem o que quisessem com ela, desejou que o capelão fosse chamado para ler as orações; e quando as orações terminaram, pegou na sua guitarra e no livro de salmos, e sentou-se numa cadeira sem braços, e tocou e cantou tão melodiosa e admiravelmente que o seu mestre de música, que estava então presente, se admirou com isso.

E perto das doze badaladas ela levantou-se, e sentou-se numa grande cadeira com braços, e logo, soltando um ou dois suspiros fortes, expirou imediatamente; e ficou tão subitamente fria que foi muito admirado pelo médico e pelo cirurgião. Ela morreu em Waltham, em Essex, a três milhas de Chelmsford; e a carta foi enviada a Sir Charles, na sua casa em Warwickshire; mas ele ficou tão aflito com a morte da sua filha, que não veio até ela ser enterrada; mas, quando veio, mandou que fosse desenterrada e enterrada junto da sua mãe em Edminton, como ela desejara na sua carta. Isto foi por volta do ano 1662 ou 1663. E esse relato o Lorde Bispo de Gloucester teve-o do próprio Sir Charles Lee."*

No caso aqui narrado, embora seja sem dúvida uma coisa extraordinária e invulgar que alguém, não reduzido pela doença a um estado extremo de fraqueza nervosa, seja de tal modo vencido pela imaginação que uma expectativa confiante da morte a uma hora determinada a cause, mesmo poucos minutos após

a paciente estar, segundo todas as aparências, de boa saúde, contudo, como tais coisas podem possivelmente acontecer, não podemos neste caso, tal como no exemplo anterior, negar absolutamente que o próprio sonho possa ter sido instrumental na realização do seu cumprimento.

---

• *"An Historical, Physiological, and Theological Treatise of Spirits," por John Beaumont, Gent., Londres, 1705, pp. 398 a 400.*

---

Há muitos outros sonhos, contudo, quanto ao cumprimento dos quais nenhuma explicação desse tipo pode ser dada. Um dos mais conhecidos e celebrados é o de Calpúrnia, na noite anterior aos Idos de Março. Lemos que ela quase conseguiu transmitir ao seu marido o alarme que este aviso da sua morte criou nela própria, e que César foi finalmente confirmado na sua intenção original de se dirigir à Câmara do Senado pelo ridículo de um dos conspiradores, que desvalorizou os receios da matrona.*

Esses receios, naturais numa pessoa cujo marido, através de mil perigos, tinha alcançado uma altura tão perigosa, poderiam, de facto, ter sugerido o sonho; e o seu tempo exato pode possivelmente ter sido determinado pela predição daquele áugure, Spurina, que tinha dito ao ditador para se precaver dos Idos de Março. De modo que aqui, novamente, embora o sonho não tenha tido efeito na realização do seu cumprimento, causas aparentes podem ser imaginadas para o explicar.

Um sonho de carácter algo semelhante, ocorrendo em tempos modernos, é citado em várias obras médicas, e garantido como "inteiramente autêntico" por Abercrombie.* É como se segue:

---

• *Plutarco diz-nos que os argumentos que Calpúrnia usou, e a maneira urgente como se expressou, comoveram e alarmaram o seu marido, especialmente quando ele recordou que nunca antes conhecera nela nada da fraqueza ou superstição do seu sexo; ao passo que agora ela era afetada de uma maneira extraordinária, conjurando-o a não ir ao Senado naquele dia. E, acrescenta ele, não tivessem sido as sugestões de Décio Bruto Albino, um dos conspiradores, mas um homem em quem César depositava muita confiança, estes argumentos teriam prevalecido.*

---

## A PARTIDA DE PESCA

O Major e a Sra. Griffith, de Edimburgo, residindo então no Castelo, tinham recebido em sua casa o seu sobrinho, o Sr. Joseph D'Acre, de Kirklinton, no condado de Cumberland, — um jovem cavalheiro que viera para a capital escocesa com o propósito de frequentar a universidade, e fora especialmente recomendado aos cuidados dos seus familiares. Uma tarde, o Sr. D'Acre comunicou-lhes a sua intenção de se juntar a alguns dos seus jovens companheiros no dia seguinte numa partida de pesca a Inch-Keith, e a isto não foi feita objeção.

Durante a noite seguinte, contudo, a Sra. Griffith despertou de um sonho atribulado, exclamando, em tons de terror: "O barco está a afundar-se! Oh, salvem-nos!" O seu marido atribuiu-o a apreensão da parte dela; mas ela declarou que não tinha qualquer inquietação quanto à partida de pesca e que, na verdade, não tinha pensado nisso. Assim, dispôs-se novamente a dormir.

Quando, contudo, um sonho semelhante se repetiu por três vezes no decurso da noite (apresentando a última vez a imagem do barco perdido e de todo o grupo afogado), ficando finalmente seriamente alarmada, vestiu o seu roupão e, sem esperar pela manhã, dirigiu-se ao quarto do sobrinho. Com alguma dificuldade, persuadiu-o a desistir do seu desígnio e a enviar o seu criado a Leith com uma desculpa. A manhã estava boa e o grupo embarcou; mas por volta das três horas surgiu subitamente uma tempestade, o barco naufragou e todos os que estavam a bordo pereceram.†

---

• *"Intellectual Powers," 15.ª ed., p. 215. Abercrombie condensa a história e omite os nomes.*

*† Independentemente da garantia de Abercrombie, esta narrativa está perfeitamente bem autenticada. A falecida Mary Lady Clerk, de Penicuik, bem conhecida em Edimburgo durante uma prolongada viuvez, era filha do Sr. D'Acre; e ela própria comunicou a história à Blackwood's Magazine (vol. xix. p. 73), numa carta datada de "Princes Street, 1 de Maio de 1826", e começando assim: — "Estando noutro dia numa reunião onde a conversa versou sobre sonhos, relatei um, de que, como aconteceu ao meu próprio pai, posso responder pela perfeita verdade."*

---

Ela conclui assim: — "Muitas vezes ouvi a história do meu pai, que sempre acrescentava: 'Não me tornou supersticioso; mas com terrível gratidão nunca poderei esquecer que a minha vida, sob a Providência, foi salva por um sonho.' — M. C." Na Revista (de que segui, mas algo abreviada, a versão) os nomes aparecem apenas com iniciais. Através da amabilidade de um amigo de

Edimburgo, é-me possível preenchê-los a partir de uma cópia da anedota na qual foram dados por extenso por Lady Clerk pelo seu próprio punho.

---

- *"De Divinatione," lib. ii. § 59.*

---

Aqui pode alegar-se que, como a tia, no seu estado de vigília, não sentiu qualquer apreensão pela segurança do sobrinho, não é de todo provável que um alarme da sua parte tenha sugerido o sonho. Demonstrei, contudo, pela minha própria experiência, que os sonhos podem ser sugeridos por incidentes que causaram apenas uma impressão insignificante, e que tinham cessado de ocupar a mente na altura de ir dormir. E, uma vez que o risco que acompanha os passeios de barco no Firth of Forth para jovens, descuidados, provavelmente, e despreocupados com o perigo, é considerável, as probabilidades contra um resultado fatal, em qualquer caso particular, não podem ser consideradas tão esmagadoramente grandes que estejamos impedidos de adotar a hipótese de uma coincidência acidental. Cícero diz, com bastante verdade: "Que pessoa que aponte a um alvo o dia todo não lhe acertará às vezes? Dormimos todas as noites, e há poucas em que não sonhamos: podemos admirar-nos, então, de que aquilo que sonhamos às vezes aconteça?"*

Contudo, se tais exemplos se vierem a encontrar grandemente multiplicados, e particularmente se os detalhes, bem como o resultado geral, corresponderem acuradamente ao aviso, as probabilidades contra uma coincidência fortuita aumentam.

Mas é muito certo que tais instâncias são muito mais numerosas em toda a sociedade do que aqueles que deram pouca atenção ao assunto imaginam. Os homens relatam usualmente com relutância aquilo que os expõe à imputação de credulidade. É apenas a um amigo íntimo, ou a alguém que se saiba estar a examinar seriamente a questão, que tais confidências são comummente feitas.

Nos últimos três ou quatro anos, durante os quais me interessei por este e por assuntos afins, foram-me comunicados tantos exemplos de sonhos contendo avisos verdadeiros, ou de outra forma estranhamente cumpridos, que me convenci de que há uma proporção considerável de todas as pessoas que encontramos no nosso convívio com o mundo que nos poderiam relatar, se quisessem, um ou mais casos desses, como tendo ocorrido ou nas suas próprias famílias ou a alguns dos seus conhecidos. Sinto-me seguro de que entre aqueles que lerem este livro haverá poucos que não poderiam fornecer evidência em apoio da opinião aqui expressa.

Passo a fornecer, de entre as narrativas deste carácter que chegaram recentemente ao meu conhecimento, alguns espécimes, pela autenticidade dos quais posso garantir.

No ano de 1818, o Signor Alessandro Romano, chefe de uma antiga e mui respeitada família napolitana, estava em Patu, na província de Terra d'Otranto, no reino de Nápoles. Sonhou uma noite que a esposa do Cavaliere Libetta, Conselheiro do Supremo Tribunal, e seu amigo e conselheiro jurídico, que estava então na cidade de Nápoles, tinha morrido. Embora o Signor Romano não tivesse ouvido dizer que a Signora Libetta estivesse doente, ou sequer indisposta, a extrema vivacidade do sonho produziu uma grande impressão na sua mente e espírito; e na manhã seguinte repetiu-o à sua família, acrescentando que o tinha perturbado grandemente, não só por causa da sua amizade pela família, mas também porque o Cavaliere tinha então a seu cargo um processo seu de importância, que ele temia que esta aflição doméstica o fizesse negligenciar.

Patu fica a duzentas e oitenta milhas de Nápoles; e passaram-se vários dias antes que qualquer confirmação ou refutação dos receios do Signor Romano pudesse ser obtida. Finalmente recebeu uma carta do Cavaliere Libetta, informando-o de que tinha perdido a sua esposa por falecimento; e, comparando as datas, verificou-se que ela morrera na própria noite do sonho do Signor Romano. Este facto foi-me comunicado pelo meu amigo Don Giuseppe Romano,* filho do cavalheiro acima referido, que vivia na casa de seu pai quando o incidente ocorreu, e o ouviu relatar o seu sonho na manhã seguinte à ocorrência.

Eis outro, que me foi narrado, recordo-me, enquanto caminhava, num belo dia de Junho, na Villa Reale (o parque elegante de Nápoles, com uma vista magnífica sobre a baía), por um membro da Legação de [X], um dos conhecimentos mais inteligentes e agradáveis que fiz naquela cidade.

A 16 de Outubro de 1850, estando então na cidade de Nápoles, este cavalheiro sonhou que estava à cabeceira do seu pai, que parecia estar nas agonias da morte, e que passado algum tempo o viu expirar. Acordou num estado de grande excitação, banhado em suor frio; e a impressão na sua mente era tão forte que se levantou imediatamente, embora fosse ainda noite, vestiu-se e escreveu ao seu pai, inquirindo pela sua saúde. O seu pai estava então em Trieste, distante de Nápoles, pela rota mais curta, cinco dias de viagem; e o filho não tinha causa alguma, exceto o sonho acima referido, para estar inquieto a seu respeito, visto que a sua idade não excedia os cinquenta anos, e nenhuma notícia da sua doença, ou mesmo indisposição, tinha sido recebida.

• *A 25 de Abril de 1858, na sua villa, perto de Nápoles. Tomei notas da ocorrência na altura, as quais foram ali mesmo examinadas e corrigidas pelo narrador.*

---

Esperou por uma resposta com alguma ansiedade durante três semanas, ao fim das quais chegou uma comunicação oficial ao chefe da missão, pedindo-lhe que informasse o filho de que lhe competia tomar algumas medidas legais em relação à propriedade do seu pai, que morrera em Trieste, após uma breve doença, no dia dezasseis de Outubro.

Observar-se-á que nesta instância a agitação de espírito no sonhador foi muito maior do que comummente ocorre no caso de um sonho vulgar. O cavalheiro levantou-se, vestiu-se a meio da noite e escreveu imediatamente ao pai, tão grande era a sua ansiedade em relação ao destino desse progenitor. O mesmo pode usualmente notar-se no registo de casos em que o sonho se cumpre, mesmo que a pessoa a quem ele ocorre seja cética em todos esses pressentimentos.

Um tal cético é Macnish, autor da "Philosophy of Sleep";* contudo ele admite o efeito que um tal sonho, ocorrendo a si próprio no mês de Agosto de 1821, produziu no seu espírito. Cito a narrativa pelas suas próprias palavras: —

"Eu estava então em Caithness, quando sonhei que um parente próximo meu, residindo a trezentas milhas de distância, tinha morrido subitamente; e imediatamente depois acordei num estado de terror inconcebível, semelhante ao produzido por um paroxismo de pesadelo. No mesmo dia, calhando estar a escrever para casa, mencionei a circunstância de uma forma meio galhofeira, meio séria. Para dizer a verdade, tinha medo de ser sério, para não ser ridicularizado por depositar qualquer fé em sonhos.

---

• *Falando da hipótese de que os sonhos podem por vezes dar-nos uma visão do futuro, Macnish diz: "Esta opinião é tão singularmente pouco filosófica que eu não a teria notado, não fosse defendida por pessoas de bom senso e educação." — Philosophy of Sleep, p. 129. Mas, afinal de contas, de nada serve alegar que uma opinião é pouco filosófica se por acaso os factos atestarem a sua verdade.*

---

Contudo, no intervalo entre escrever e receber uma resposta, permaneci num estado de suspense muito desagradável. Senti um pressentimento de que

algo terrível tinha acontecido ou iria acontecer; e, embora não pudesse deixar de me culpar por uma fraqueza infantil por assim sentir, fui incapaz de me livrar da ideia dolorosa que tinha tomado posse tão enraizada da minha mente. Três dias após o envio da carta, qual não foi o meu espanto quando recebi uma escrita no dia subsequente à minha, afirmando que o parente com quem eu tinha sonhado tinha sido atingido por um choque fatal de paralisia no dia anterior, — isto é, no próprio dia em cuja manhã eu tinha contemplado a aparição no meu sonho! Posso afirmar que o meu parente estava de perfeita saúde antes de o evento fatal ter lugar. Veio sobre ele como um relâmpago, num período em que ninguém poderia ter a mais pequena antecipação de perigo."*

Eis uma testemunha desinteressada além de toda a dúvida possível; pois ele está a fornecer evidência contra as suas próprias opiniões. Mas serão os efeitos que ele narra tais como os que são usualmente produzidos por um mero sonho na mente de uma pessoa não infetada pela superstição? Terror inconcebível, embora não houvesse pesadelo; um pressentimento durando dias, tomando posse enraizada dos sentimentos, e que ele se esforçou em vão por sacudir, de que algo terrível tinha acontecido ou iria acontecer!

Contudo, com todo este alarme, antinatural sob circunstâncias comuns, como encara o narrador o caso? Classifica os seus terrores como uma fraqueza infantil e declara, quanto à coincidência que tanto excitou o seu espanto, que nada há nela que nos justifique em referi-la a qualquer outra origem senão o acaso. Tomando o caso como um caso isolado, seria ilógico negá-lo positivamente;

---

- *"Philosophy of Sleep," 6.ª ed., pp. 134-135.*

---

contudo, não poderemos justamente incluir o Dr. Macnish na categoria daqueles a quem o Dr. Johnson alude quando, falando da realidade da agência ultramundana, diz que "alguns que a negam com as línguas, confessam-na com os seus medos"?

O próximo exemplo que citarei chegou, em parte, ao meu conhecimento pessoal. Um colega do corpo diplomático, e amigo íntimo meu, M. de S——, tinha reservado para si e para a sua senhora passagem para a América do Sul num vapor, a largar no dia 9 de Maio de 1856. Poucos dias após a passagem ter sido tomada, uma amiga deles e minha teve um sonho que lhe causou séria inquietação. Viu, no seu sono, um navio numa violenta tempestade naufragar no mar; e uma intimação interna fê-la ciente de que era o mesmo a bordo do qual os

S—— se propunham embarcar. Tão viva foi a impressão que, ao acordar, mal podia persuadir-se de que a visão não era realidade.

Cuidando de novo no sono, o mesmo sonho repetiu-se uma segunda vez. Isto aumentou a sua ansiedade; e no dia seguinte pediu-me conselho sobre se não deveria expor as circunstâncias aos seus amigos. Não tendo, naquela altura, fé alguma em tais intimações, recomendei-lhe que o não fizesse, visto que provavelmente não os faria mudar os seus planos, contudo, poderia deixá-los desconfortáveis sem qualquer propósito. Assim, ela deixou-os partir sem os avisar do facto. Aconteceu, porém, como vim a saber poucas semanas mais tarde, que circunstâncias fortuitas induziram os meus amigos a alterar a sua primeira intenção e, tendo desistido dos seus lugares, a tomar passagem noutro navio.

Estas particularidades tinham quase passado da memória, quando, muito tempo depois, estando em casa do Ministro Russo, a sua esposa me disse: "Quão afortunado que os nossos amigos, os S——, não tenham ido no navio que tinham primeiro selecionado!" "Porquê?" perguntei eu. "Não soube", respondeu ela, "que esse navio se perdeu? Deve ter perecido no mar; pois, embora tenham decorrido mais de seis meses desde que deixou o porto, nunca mais se ouviu falar dele".

Neste caso, notar-se-á, o sonho foi-me comunicado algumas semanas ou meses antes de o seu aviso se cumprir. Deve conceder-se, contudo, que as probabilidades contra o seu cumprimento não eram tão grandes como nalguns dos exemplos precedentes. As probabilidades contra um navio prestes a cruzar o Atlântico perder-se nessa viagem particular são muito menores do que as probabilidades contra um homem, digamos, de meia-idade e de boa saúde, morrer num qualquer dia particular.

No próximo exemplo encontraremos um novo elemento introduzido. A Sra. S—— relatou-me que, residindo em Roma em Junho de 1856, sonhou, no dia 30 desse mês, que a sua mãe, falecida há vários anos, lhe aparecia, lhe dava uma mecha de cabelo e dizia: "Sê especialmente cuidadosa com esta mecha de cabelo, minha filha, pois é do teu pai; e os anjos chamá-lo-ão para longe de ti amanhã". O efeito deste sonho no espírito da Sra. S—— foi tal que, ao acordar, sentiu o maior alarme e mandou expedir instantaneamente um aviso telegráfico para Inglaterra, onde o seu pai estava, para inquirir sobre a sua saúde.

Nenhuma resposta imediata foi recebida; mas, quando esta chegou, foi no sentido de que o seu pai morrera naquela manhã às nove horas. Ela soube depois que, dois dias antes da sua morte, ele mandara cortar uma mecha do seu cabelo e a entregara a uma das suas filhas que o assistia, dizendo-lhe que era para a sua irmã em Roma. Ele estivera doente de uma doença crónica; mas os últimos

relatos que ela recebera da sua saúde tinham sido favoráveis e tinham dado razões para esperar que ele pudesse ainda sobreviver por alguns anos.*

---

• *Lido à Sra. S—— em 25 de Abril de 1858, tendo a sua exatidão sido confirmada pela própria.*

---

A peculiaridade neste exemplo é haver uma dupla coincidência: primeiro, quanto ao dia exato da morte; e, em segundo lugar, quanto à mecha de cabelo. As probabilidades contra esse duplo evento são muito maiores do que contra uma única ocorrência apenas.

Abercrombie relata e garante o seguinte, no qual, de modo semelhante, um duplo evento foi verdadeiramente prefigurado. Um clérigo, que viera para Edimburgo de uma curta distância, estando a dormir numa estalagem, sonhou que via um incêndio e um dos seus filhos no meio dele. Acordou com a impressão e partiu instantaneamente na sua jornada para casa. Chegado à vista da sua casa, encontrou-a em chamas e alcançou-a mesmo a tempo de resgatar um dos seus filhos que, na confusão, tinha sido deixado numa situação de grande perigo.*

Sobre isto, Abercrombie observa que, "sem pôr em questão a possibilidade de comunicação sobrenatural em tais casos", pensa que o incidente pode ser explicado por princípios naturais; originando-se, nomeadamente, na ansiedade paternal, aliada, talvez, à experiência de descuido nos criados deixados a cargo. Podemos admitir isto; mas é evidente que o cumprimento fortuito dos dois incidentes testemunhados no sonho (o incêndio em si e o perigo especial daí resultante para um dos seus filhos) é uma contingência muito mais improvável do que teria sido uma única coincidência.

Pode haver, por outro lado, circunstâncias peculiares que aumentem, em instâncias particulares, as probabilidades a favor de um cumprimento fortuito. Uma delas é dada por Macnish, a qual, diz ele, pode ser confiantemente aceite. É o caso de uma jovem, natural de Ross-shire na Escócia, que era devotadamente ligada a um oficial, então com Sir John Moore na guerra de Espanha.

---

• *"Intellectual Powers", p. 213.*

---

O perigo constante a que ele estava exposto pesava no seu espírito. Ela definhou e caiu em má saúde. Finalmente, uma noite, num sonho, viu o seu amante, pálido, ensanguentado e ferido no peito, entrar no seu aposento. Ele afastou as cortinas da cama e, com um olhar suave, disse-lhe que tinha sido morto em batalha, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que se confortasse e não levasse a sua morte a peito. As consequências deste sonho foram fatais para a pobre rapariga, que morreu poucos dias depois, pedindo aos seus pais que anotassem a data do seu sonho, a qual ela estava confiante que seria confirmada. Assim foi. A notícia chegou pouco depois a Inglaterra de que o oficial caíra na batalha de Corunha, no próprio dia na cuja noite a sua amada contemplara a visão.*

O Dr. Macnish considera este "um dos mais marcantes exemplos de identidade entre o sonho e as circunstâncias reais com que ele está familiarizado". Tal opinião é uma prova de quão pouco exatos os homens são por vezes ao testarem o carácter de fenómenos como este. Em si mesmo, e sem referência a inúmeros outros casos análogos em que se diz que os mortos apareceram a algum amigo querido logo após o momento do falecimento, este incidente é muito menos marcante do que o próprio sonho do Dr. Macnish, dado numa parte anterior deste capítulo.

Comparemos os casos. Num, o pensamento constante da jovem era o seu amante colocado em perigo diário contínuo. O que há de mais natural do que ela sonhar com ele? O prodígio teria sido se não o fizesse. Que ele lhe aparecesse pálido e ferido era apenas um reflexo do quadro que, nos seus tristes devaneios diários, se tinha sem dúvida sugerido centenas de vezes. A coincidência quanto ao dia permanece. Mas há que recordar que o incidente ocorreu durante um dos episódios mais desastrosos da

---

- *"Philosophy of Sleep", pp. 132 a 134.*

---

Guerra Peninsular, quando a cada hora se esperava que chegassem notícias de uma batalha sangrenta. Foi numa altura em que cada oficial e soldado sob o comando do galante e desafortunado Moore se poderia dizer que saía cada manhã com a vida na mão. As probabilidades de morte para qualquer um destes oficiais num qualquer dia particular eram talvez vinte, trinta, cinquenta vezes maiores do que para um indivíduo ocupado nas perseguições comuns da vida pacífica. As probabilidades contra a coincidência fortuita quanto ao dia diminuíram numa proporção correspondente.

Quão diferentes as circunstâncias no próprio caso do Dr. Macnish! O seu parente, como ele nos informa, estava em perfeita saúde e a trezentas milhas de distância. Não parece ter havido nada que dirigisse os pensamentos do doutor especialmente para ele, — certamente nada que o deixasse ansioso quanto ao seu destino; nada, portanto, para induzir um sonho sobre ele, muito menos para sugerir uma visão da sua morte.

Contudo, sob todas estas improbabilidades, Macnish sonha que o seu parente está morto. E não é tudo. Sem causa aparente, exceto o que ele considera um sentimento de superstição infantil, apodera-se dele um terror pânico, um pressentimento de mal tão enraizado que durante dias a sua razão é impotente para o erradicar. Segue-se então a coincidência do dia, também sob circunstâncias em que, segundo todos os cálculos humanos, a improbabilidade do evento era extrema; visto que não havia motivos para a mais pequena antecipação de perigo.

Contudo, tal é o poder de um incidente romântico sobre a imaginação, que o nosso autor passa ao de leve sobre o seu próprio caso mais notável, e declara, quanto ao dos jovens amantes, que é um dos mais marcantes de que há registo. Os gestores de qualquer companhia de seguros revelar-se-iam mais perspicazes. Suponha-se que lhes tinha sido pedido para segurarem, por um mês ou dois, as duas vidas: a do oficial diariamente exposto a tiro ou metralha, e a do cavalheiro do campo numa casa tranquila. O prémio vastamente aumentado que eles com certeza exigiriam no primeiro caso, comparado com o segundo, marcaria suficientemente a sua estimativa das probabilidades comparativas de morte.

Tais considerações devem ser tidas em mente ao julgar todos os casos de sonhos cumpridos, quando o cumprimento acontece depender de um evento que, embora usualmente improvável, possa, por circunstâncias peculiares de perigo ou outras, ter sido trazido para o alcance da probabilidade. Uma instância é fornecida por um costume curioso ainda prevalecente em Newark-upon-Trent, em Inglaterra, no dia 11 de Março de cada ano.

Nesse dia, pães de um centavo são distribuídos a quaisquer pessoas pobres que os solicitem nos Paços do Concelho. A origem do costume é esta: Durante o bombardeamento de Newark pelas forças de Oliver Cromwell, um certo Vereador Clay sonhou, três noites sucessivas, que a sua casa se incendiara; e ficou tão impressionado com isso que mudou a sua família para outra residência. Poucos dias depois, no dia 11 de Março, a sua casa foi incendiada pelos sitiantes. Em gratidão por aquilo que ele considerou um livramento miraculoso, deixou por testamento, datado de 11 de Dezembro de 1694, ao Presidente e aos Vereadores, duzentas libras; os juros de metade dessa soma para serem pagos anualmente ao

vigário, sob condição de este pregar um sermão apropriado, e com os juros da outra metade pão para ser anualmente comprado para distribuição aos pobres.

Aqui a coincidência foi marcante, mas certamente menos do que se a casa do vereador, através das casualidades incidentes num cerco, não tivesse sido colocada sob circunstâncias de risco extra.

Passemos a outra classe de sonhos, usualmente considerados como dependentes do reviver de velhas associações. Um dos exemplos mais marcantes é dado por Abercrombie, que afirma ter ocorrido a um amigo particular seu e que se "pode aceitar nos seus mais ínfimos particulares". É nestas palavras: —

"O cavalheiro estava na altura ligado a um dos principais bancos em Glasgow e estava no seu lugar na mesa do caixa onde o dinheiro é pago, quando uma pessoa entrou, exigindo o pagamento de uma soma de seis libras.

"Havia várias pessoas à espera, que por sua vez tinham direito a ser atendidas antes dele; mas ele estava extremamente impaciente e algo barulhento e, sendo além disso um gago notável, tornou-se tão irritante que outro cavalheiro pediu ao meu amigo que lhe pagasse o dinheiro e se livrasse dele. Ele fê-lo, em conformidade, mas com uma expressão de impaciência por ser obrigado a atendê-lo antes da sua vez; e não pensou mais na transação. No final do ano, que era oito ou nove meses depois, os livros do banco não conseguiam ser equilibrados, sendo a deficiência exatamente de seis libras.

Vários dias e noites tinham sido gastos no esforço de descobrir o erro, mas sem sucesso; quando, finalmente, o meu amigo regressou a casa muito fatigado e foi para a cama. Sonhou que estava no seu lugar no banco, e toda a transação com o gago, tal como agora detalhada, passou perante ele, em todos os seus particulares. Acordou sob uma plena impressão de que o sonho o levaria à descoberta daquilo que ele tão ansiosamente procurava; e, sob investigação, cedo descobriu que a soma paga a esta pessoa, da maneira agora mencionada, fora negligenciada de ser inserida no livro de juros, e que ela explicava exatamente o erro no balanço."*

Comentando este caso, Abercrombie diz: "O facto sobre o qual repousava a importância do caso não era o de ele ter pago o dinheiro, mas o de ter negligenciado de inserir o pagamento.

---

- *"Intellectual Powers", p. 205.*

---

Ora, disto não houve impressão feita na sua mente na altura, e mal podemos conceber sob que princípio poderia ser recordado. Sendo a deficiência de seis libras, podemos na verdade supor o cavalheiro a esforçar-se por recordar se poderia ter havido um pagamento desta soma feito de qualquer maneira irregular, que pudesse ter levado a uma omissão ou a um erro; mas nas transações de um banco extenso, numa grande cidade comercial, um pagamento de seis libras, a uma distância de oito ou nove meses, teria feito apenas uma muito ténue impressão. E, no conjunto, o caso apresenta, talvez, um dos mais marcantes fenómenos mentais ligados a este curioso assunto".

A dificuldade no caso acima não é que algo tenha sido recordado que, no estado de vigília, tinha passado da memória; pois isto, como no exemplo já citado de Brodie, é um fenómeno conhecido por mostrar-se, ocasionalmente, em sonhos: a verdadeira dificuldade é que o facto de que o caixa andava à procura, nomeadamente a omissão de lançar uma soma de seis libras, *não foi* recordado de todo pelo sonho. O sonho, na verdade, recordou e apresentou de novo à sua memória, em todos os seus detalhes, uma certa circunstância esquecida, nomeadamente que ele fizera um pagamento oito ou nove meses antes, de uma maneira algo irregular, a um certo gago problemático; e a impressão produzida na sua mente foi "que o sonho o levaria à descoberta daquilo que ele tão ansiosamente procurava"; nada mais.

Foi apenas uma pista dada; uma mera sugestão, como se alguém tivesse dito: "Vê se aquele assunto do gago não está de alguma maneira ligado com o erro que te escapa há tanto tempo". E é-nos dito expressamente que foi apenas sob investigação que o caixa descobriu que o pagamento ao cliente irritante fora o que fora realmente omitido. Se isto não é um exemplo de uma sugestão feita a partir de alguma fonte estrangeira, em vez de ser uma mera instância de velhas associações revividas, tem, pelo menos, muito essa aparência.

Outros exemplos, aparentemente mais extraordinários e tocando mais de perto naquilo que é usualmente considerado o sobrenatural, são mais suscetíveis de explicação natural. Por exemplo, uma história relatada por Sir Walter Scott,* nestas palavras: —

## OS ATRASOS DE DÍZIMA

"O Sr. Rutherford de Bowland,† um cavalheiro de propriedade rural no Vale de Gala, foi processado por uma soma muito considerável, os atrasos acumulados de *teind* (ou dízima), pelos quais se dizia estar em dívida para com uma família nobre, os titulares (leigos proprietários das dízimas). O Sr. Rutherford estava fortemente imbuído da crença de que o seu pai tinha, por uma

forma de processo peculiar à lei da Escócia, comprado estas dízimas ao titular e, portanto, que a presente acusação era infundada. Mas, após uma busca industriosa entre os papéis do seu pai, uma investigação entre os registos públicos e um inquérito cuidadoso entre todas as pessoas que tinham tratado de assuntos jurídicos para o seu pai, nenhuma evidência pôde ser recuperada para sustentar a sua defesa. O período estava agora muito próximo em que ele considerava a perda do seu processo inevitável; e tinha formado a determinação de cavalgar até Edimburgo no dia seguinte e fazer o melhor negócio que pudesse em termos de compromisso. Foi para a cama com esta resolução e, com todas as circunstâncias do caso a flutuarem na sua mente, teve um sonho com o seguinte propósito: O seu pai, que morrera há muitos anos, apareceu-lhe, pensou ele, e perguntou-lhe por que razão estava perturbado no seu espírito.

---

• *Naquela edição dos Romances de Waverley à qual o próprio Sir Walter forneceu notas. É dado numa nota ao "Antiquary", no Volume V.*

*† Sir Walter dá apenas a letra inicial e final do nome (Sr. R——d). Estou em dívida pelo preenchimento, e por muitas outras obrigações, a um amigo de Edimburgo, a quem gostaria de poder aqui agradecer nominalmente.*

---

Nos sonhos os homens não se surpreendem com tais aparições. O Sr. Rutherford pensou que informou o seu pai da causa da sua aflição, acrescentando que o pagamento de uma considerável soma de dinheiro lhe era tanto mais desagradável porque ele tinha uma forte consciência de que ela não era devida, embora fosse incapaz de recuperar qualquer evidência em apoio da sua crença. 'Tens razão, meu filho', replicou a sombra paternal: 'eu adquiri de facto o direito a estas dízimas, pelo pagamento das quais és agora processado.

Os papéis relativos à transação estão nas mãos do Sr. ——, um *writer* (ou advogado), que está agora retirado da atividade profissional e reside em Inveresk, perto de Edimburgo. Foi uma pessoa que empreguei naquela ocasião por uma razão particular, mas que nunca, em qualquer outra ocasião, tratou de negócios por minha conta. É muito possível', prosseguiu a visão, 'que o Sr. —— possa ter esquecido um assunto que é agora de data muito antiga; mas podes chamá-lo à sua recordação por este sinal: que, quando fui pagar a sua conta, houve dificuldade em obter troco para uma peça de ouro de Portugal, e fomos forçados a beber o saldo numa taverna'.

"O Sr. Rutherford acordou, de manhã, com todas as palavras da visão impressas na sua mente, e pensou que valeria a pena caminhar através do campo

até Inveresk, em vez de ir direto a Edimburgo. Quando lá chegou, procurou o cavalheiro mencionado no sonho, — um homem muito idoso. Sem dizer nada da visão, inquiriu se ele se lembrava de alguma vez ter conduzido tal assunto para o seu falecido pai. O velho cavalheiro não conseguiu, de início, trazer a circunstância à sua recordação; mas, à menção da peça de ouro de Portugal, tudo regressou à sua memória. Fez uma busca imediata pelos papéis e recuperou-os; de modo que o Sr. Rutherford levou para Edimburgo os documentos necessários para ganhar a causa que ele estava à beira de perder."

Sir Walter acrescenta, quanto à autenticidade da narração acima: "O autor ouviu muitas vezes esta história ser contada por pessoas que tinham o melhor acesso para conhecerem os factos, que não eram prováveis de serem elas próprias enganadas e que eram certamente incapazes de deceção. Ele não pode, portanto, recusar dar-lhe crédito, por mais extraordinárias que as circunstâncias possam parecer".

A explicação hipotética que Scott oferece é "que o sonho foi apenas a recapitulação de informação que o Sr. Rutherford tinha realmente recebido do seu pai enquanto vivo, mas que, de início, ele meramente recordou como uma impressão geral de que a reivindicação estava resolvida".

A possibilidade de esta ser a teoria verdadeira não pode ser negada; e é mais fácil imaginá-la neste caso do que no do caixa de banco. Contudo, apresentam-se sérias dificuldades em oposição. Não podemos atribuir a estas o seu peso exato porque, como infelizmente acontece com demasiada frequência em tais narrações, alguns dos particulares essenciais são omitidos. Não sabemos que idade o Sr. Rutherford tinha na altura da compra das dízimas. Apenas sabemos que foi uma transação "de data muito antiga". As probabilidades são de que ele fosse uma criança. Se assim fosse, é muito improvável que o seu pai lhe tivesse relatado todos os minuciosos detalhes ligados a tal transação, como a dificuldade em obter troco para uma moeda portuguesa e a ida para uma taverna.

Se, por outro lado, ele era já de idade adulta, não é provável que um assunto de tanta importância se tivesse desvanecido tão completamente da sua memória que não pudesse ser (como o foi na recordação do idoso advogado) conscientemente recordado. E é evidente que não foi assim recordado. O filho acreditava firmemente que não fora nenhum reviver de recordação, mas que tinha realmente conversado com o espírito do seu progenitor; pois, diz-nos Scott: "Esta circunstância notável foi acompanhada de más consequências para o Sr. Rutherford, cuja saúde e espírito ficaram depois debilitados pela atenção que ele pensou ser obrigado a prestar às visões da noite".

Há ainda outra dificuldade: as coincidências, nomeadamente, entre as sugestões do (alegado) espírito e o que realmente aconteceu durante a visita ao advogado em Inveresk. Ele tinha esquecido a transação. Foi essa circunstância antecipada pelo acaso? A sua memória foi refrescada pela alusão ao incidente da peça de ouro de Portugal. Foi essa uma seleção puramente fortuita? A menos que assumamos como ponto assente que não existe tal coisa como comunicação ultramundana, a conclusão simples e natural num caso destes é, com certeza, que o pai apareceu realmente, em sonho, ao filho.

E um argumento contra isto, que Scott aduz nos seus comentários sobre a história, tem pouco peso. Diz ele: "Poucos suporão que as leis da natureza foram suspensas, e uma comunicação especial dos mortos aos vivos permitida, com o propósito de poupar ao Sr. Rutherford um certo número de centenas de libras." É perfeitamente verdade que estas seriam suposições irracionais. Por pouco que possamos predicar com segurança em relação aos caminhos de Deus, podemos ainda dar peso à máxima antiga, *Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus*. Mas, assumindo por um momento que foi o espírito paternal que transmitiu a informação ao filho, não se segue de modo algum que tenha havido uma suspensão das leis da natureza, ou qualquer permissão especial requerida, no caso. Já dei* as minhas razões para acreditar que, se existe comunicação ocasional entre os mortos e os vivos, ela ocorre sob certas condições fixas, talvez físicas, em todo o caso governadas por leis tão constantes e imutáveis como são aquelas que mantêm os planetas no seu curso designado.

---

• *Livro I. capítulo iii., sobre "O Milagroso".*

---

E se, como a Escritura insinua* e os poetas cantaram,† os espíritos dos falecidos ainda se interessam pelo bem-estar daqueles amigos que deixaram para trás na terra, e se eles podem por vezes, por virtude dessas leis, evidenciar esse interesse, por que não podemos imaginar um pai aproveitando tal oportunidade para evitar uma injustiça prestes a atingir o seu filho? E por que deveríamos admitir e adotar improbabilidades extremas a fim de, a todo o custo, escapar a tal conclusão?

O Sr. Rutherford parece ter caído no mesmo erro que Sir Walter; embora no caso deste último tenha resultado em ceticismo e, no do primeiro, em superstição. Uma visão mais esclarecida do caso poderia ter beneficiado ambos. Poderia ter induzido o autor de *Waverley* a duvidar da propriedade de negar (se é que ele no seu íntimo negava) a realidade ocasional da agência ultramundana; e poderia ter poupado ao Sr. Rutherford a desilusão de imaginar, como parece ter feito, que

fora o sujeito favorecido de uma intervenção especial e miraculosa de Deus. Passemos um passo adiante.

---

• *Lucas xvi. 27. "Aqueles que nos dizem que tais como Dives não retêm amor pelos seus irmãos na terra, dizem mais do que podem provar, e não são tão credíveis como Cristo, que parece dizer o contrário." — Baxter: World of Spirits, p. 222. † "E haverá cuidado no Céu? E haverá amor / Nos espíritos celestiais para com estas criaturas vis, / Que possa mover a compaixão pelos seus males? / Há de haver!" — Spenser. Quando um filho amado nos é tirado, não há, talvez, ideia a que o coração enlutado se volte mais ansiosa e naturalmente do que a esta. No cemitério protestante de Nápoles jazem os restos mortais de uma jovem, a bela e dotada filha de um clérigo americano; e na sua lápide eu fiz inscrever, por instruções do pai, a bem conhecida estrofe, — quem não a admirou? — "Acolhe-a, Pai, nos Teus braços. / E deixa que ela seja doravante / Uma mensageira de amor entre / Os nossos corações humanos e Ti."*

---

Supondo que estejamos dispostos a considerar os dois últimos casos mencionados, por mais cercados de dificuldades que estejam, como meros exemplos de velhas associações recordadas, inquiramos se não se encontram casos nos quais se apresenta à mente do adormecido uma realidade que não poderia ter sido extraída das profundezas esquecidas da memória, porque nunca existiu lá. O que faremos, por exemplo, com um caso como este, ocorrido a William Howitt e registado pelo próprio autor? Ocorreu durante a sua viagem para a Austrália, em 1852.

"Há algumas semanas, enquanto ainda estava no mar, tive um sonho em que estava em casa do meu irmão em Melbourne, e encontrei a sua casa numa colina na extremidade mais distante da cidade, junto à floresta aberta. O seu jardim descia um pouco pela colina até alguns edifícios de tijolo em baixo; e havia estufas à mão direita junto ao muro, conforme se olhava da casa para baixo da colina. Enquanto olhava pelas janelas no meu sonho, vi um bosque de árvores de folhagem sombria, tendo uma aparência algo segregada nas suas copas; isto é, as suas copas não formavam aquela massa densa como os nossos bosques. 'Ali', disse eu, dirigindo-me a alguém no meu sonho, 'vejo a vossa floresta nativa de Eucaliptos!'

Contei este sonho aos meus filhos e a dois dos meus companheiros de viagem, na altura; e, ao desembarcar, enquanto caminhávamos pelos prados, muito antes de chegarmos à cidade, vi este mesmo bosque. 'Ali', disse eu, 'está o próprio bosque do meu sonho. Veremos a casa do meu irmão ali!' E assim foi.

Ergue-se exatamente como a vi, apenas parecendo mais nova; mas ali, por cima do muro do jardim, está o bosque, precisamente como o vi, e agora o vejo enquanto me sento à janela da sala de jantar a escrever. Quando olho para esta cena, parece que olho para dentro do meu sonho."*

A menos que imaginemos que o Sr. Howitt está a confundir ideias originalmente obtidas de uma descrição minuciosa da cena das janelas do seu irmão com impressões aqui representadas como recebidas pela primeira vez por ele em sonho (uma suposição que, no caso de um escritor tão inteligente, é inadmissível), como podemos explicar este sonho pela teoria de memórias passadas revividas? E aqui a hipótese de mera coincidência acidental está claramente fora de lugar. De facto, o caso é de difícil explicação segundo qualquer teoria até agora comummente aceite.

Igualmente o é o seguinte, uma experiência pessoal, dada pela Sra. Howitt no Apêndice à tradução do seu marido de Ennemoser, acima citada. "Na noite de 12 de Março de 1853", diz ela, "sonhei que recebia uma carta do meu filho mais velho. No meu sonho, rompi ansiosamente o selo e vi uma folha de papel densamente escrita; mas o meu olho captou apenas estas palavras, no meio da primeira página, escritas maiores do que o resto e sublinhadas: —

'*O meu pai está muito doente.*' A maior angústia apoderou-se de mim, e subitamente acordei para descobrir que fora apenas um sonho; contudo, a impressão dolorosa de realidade era tão vívida que demorei muito até me conseguir recompor. A primeira coisa que fiz, na manhã seguinte, foi começar uma carta ao meu marido, relatando este sonho angustiante. Seis dias depois, no dia 18, chegou um correio australiano e trouxe-me uma carta, — a única carta que recebi por esse correio, e não de alguém da minha família, mas de um cavalheiro na Austrália com quem estávamos familiarizados. Esta carta estava endereçada no exterior com a palavra '*Imediato*' e, com mão tremula, abri-a; e, de facto, as primeiras palavras que vi e aquelas escritas maiores do que o resto, no meio do papel e sublinhadas, foram: '*O Sr. Howitt está muito doente.*'

---

• *Dado no Apêndice à "History of Magic", de Ennemoser, traduzida por William Howitt, Londres, 1854, vol. ii. p. 416.*

---

O contexto destas terríveis palavras era, contudo: 'Se ouvir que o Sr. Howitt está muito doente, que isto lhe assegure que ele está melhor'; mas as únicas palavras enfáticas eram aquelas que vi no meu sonho, sendo estas, não obstante, ligeiramente variadas, como, por uma causa ou outra, todas essas impressões

mentais, revelações espirituais ou provérbios obscuros e ocultos geralmente variam em relação à verdade ou ao tipo que parecem refletir."

O que havemos de fazer de um caso como este, diretamente testemunhado por uma senhora do mais alto carácter e inteligência, e repousando sobre a sua própria experiência pessoal? Em sonho, ao abrir uma carta do seu filho, então na Austrália, ela vê, escrita no meio da primeira página, em caracteres maiores do que o resto e sublinhada, a frase:

"O meu pai está muito doente." Seis dias depois, recebe realmente uma carta da Austrália, não de facto do seu filho, mas de um amigo, e nela, no meio da página e em caracteres maiores do que o resto e sublinhada, as primeiras palavras que lhe saltam à vista ao abri-la são: "O Sr. Howitt está muito doente." Será isto o acaso? O quê! Tudo isto? Primeiro, as palavras, correspondendo quase literalmente e no sentido exatamente; a seguir, a posição no centro do papel; depois, o tamanho maior dos caracteres; e, finalmente, o sublinhado? A mente instintivamente, e com toda a justiça, rejeita tal conclusão. Seja o que for, não é acaso. Os mesmeristas chamariam a isto um caso de clarividência (*clairvoyance*) ou de visão à distância (*vue a distance*), caracterizado por uma lucidez algo imperfeita.

Para que o leitor não imagine que, ao explicar por princípios comuns os exemplos precedentes, alcançou o limite das dificuldades que rodeiam o presente assunto, citarei aqui, de uma multidão de exemplos semelhantes daquilo que poderia não inapropriadamente ser denominado clarividência natural, um ou dois casos adicionais, com os quais o leitor poderá achar ainda mais embaraçoso lidar sob a teoria da coincidência fortuita.

A verdade do primeiro é garantida pelo Dr. Carlyon, autor de uma obra de onde o extraio, que o obteve da testemunha principal e que aduz, como atestação, todos os particulares de nome, lugar e data.

## O ASSASSINATO PERTO DE WADEBRIDGE

"Na noite de 8 de Fevereiro de 1840, o Sr. Nevell Norway, um cavalheiro da Cornualha, foi cruelmente assassinado por dois irmãos de nome Lightfoot, no seu caminho de Bodmin para Wadebridge, o local da sua residência.

"Naquela altura o seu irmão, o Sr. Edmund Norway, estava no comando de um navio mercante, o '*Orient*', na sua viagem de Manila para Cádis; e o seguinte é o seu próprio relato de um sonho que teve na noite em que o seu irmão foi assassinado: —

"Navio '*Orient*', de Manila para Cádis, "8 de Fevereiro de 1840.

"Por volta das 19h30 a ilha de Santa Helena, distante cerca de sete milhas; encurtei a vela e virei de bordo com a proa do navio para leste; às oito, montei a guarda e desci; escrevi uma carta ao meu irmão, Nevell Norway. Cerca de vinte minutos ou um quarto para as dez, fui para a cama; adormeci e sonhei que via dois homens atacarem o meu irmão e assassinarem-no. Um agarrou o cavalo pela rédea e disparou uma pistola duas vezes, mas não ouvi estrondo; depois desferiu-lhe um golpe e ele caiu do cavalo. Desferiram-lhe vários golpes e arrastaram-no pelos ombros através da estrada e deixaram-no. No meu sonho, havia uma casa no lado esquerdo da estrada.

Às quatro horas fui chamado e subi ao convés para assumir o comando do navio. Contei ao segundo oficial, o Sr. Henry Wren, que tinha tido um sonho pavoroso, — a saber, que o meu irmão Nevell fora assassinado por dois homens na estrada de St. Columb para Wadebridge, mas que eu sentia a certeza de que não podia ser ali, pois a casa ali estaria no lado direito da estrada; por isso deveria ter sido noutro lugar qualquer. Ele respondeu: 'Não pense em nada disso; vocês, gente do oeste, são tão supersticiosos! Vai sentir-se miserável o resto da viagem.' Depois ele deixou as ordens gerais e desceu. Foi um sonho continuado desde o momento em que adormeci até ser chamado, às quatro horas da manhã.

"Edmund Norway, "Oficial Imediato do Navio '*Orient*'.

"Tanto quanto ao sonho. Agora quanto à confissão de William Lightfoot, um dos assassinos, que foi executado, juntamente com o seu irmão, em Bodmin, na segunda-feira, 13 de Abril de 1840.

"'Fui a Bodmin no último sábado de há oito dias, no dia 8 do corrente (8 de Fevereiro de 1840), e ao regressar encontrei o meu irmão James no topo de Dummeer Hill. Estava como que escuro. Viemos pela estrada real todo o caminho até chegarmos à casa perto do local onde o assassinato foi cometido. Não entrámos na casa, mas escondemo-nos num campo. O meu irmão derrubou o Sr. Norway; disparou-lhe uma pistola duas vezes e não disparou. Depois derrubou-o com a pistola. Eu estava lá junto com ele. O Sr. Norway foi atingido enquanto estava a cavalo. Foi na estrada real, entre Penearrow Mill e o poste de direcção para Wadebridge. Não sei dizer a que hora da noite foi. Deixámos o corpo na água, no lado esquerdo da estrada a chegar a Wadebridge. Levámos algum dinheiro numa bolsa, mas não sei quanto. O meu irmão arrastou o corpo através da estrada para o bebedouro.'

"No julgamento, o Sr. Abraham Hambly depôs que deixou Bodmin dez minutos antes das dez e foi alcançado pelo Sr. Norway cerca de um quarto de milha fora de Bodmin. Cavalgaram juntos durante cerca de duas milhas de Bodmin, onde as suas estradas se separavam.

"O Sr. John Hick, um agricultor de St. Minver, deixou Bodmin às dez e um quarto, pela estrada de Wadebridge. Quando chegou a menos de uma milha de Wadebridge, viu o cavalo do Sr. Norway a galopar à sua frente, sem cavaleiro. O relógio bateu as onze mesmo antes de ele entrar em Wadebridge.

"Thomas Gregory, o carroceiro do Sr. Norway, foi chamado pelo Sr. Hick por volta das onze horas e, indo para a estrebaria, encontrou o cavalo do seu patrão parado à porta. Duas manchas de sangue fresco estavam na sela. Pegou no pónei e saiu pela estrada. Edward Cavell foi com ele. Chegaram a um lugar chamado North Hill. Há uma cabana isolada ali, no lado direito da estrada a ir para Bodmin, que está desocupada. Do lado de Wadebridge da cabana há um pequeno pomar que lhe pertence e, perto do pomar, um pequeno riacho de água que desce para a estrada. Encontraram o corpo do Sr. Norway na água.

"O depoimento do cirurgião, o Sr. Tickell, mostrou que a cabeça fora pavorosamente espancada e fraturada.

"Ver-se-á que o Sr. Edmund Norway, ao relatar o seu sonho na manhã seguinte ao seu companheiro de bordo, observou que o assassinato não poderia ter sido cometido na estrada de St. Columb, porque a casa, ao ir de lá para Wadebridge, fica à direita, ao passo que a casa estava no seu sonho (e na realidade está) à esquerda. Ora, esta circunstância, por mais aparentemente trivial que seja, tende a realçar o interesse do sonho, sem de modo algum impugnar a sua fidelidade; pois tais fissuras são características destas impressões sensoriais, que são inteiramente involuntárias e guardam uma relação muito mais próxima com as produções do daguerreótipo do que com as do pintor de retratos, cujas linhas estão ao seu comando.

"Perguntei ao Sr. Edmund Norway se, supondo que ele não tivesse escrito uma carta ao seu irmão, o Sr. N. Norway, na noite de 8 de Fevereiro, e tivesse não obstante sonhado o sonho em questão, a impressão feita por ele teria sido tal que o tivesse impedido de lhe escrever subsequentemente. Ao que ele respondeu que poderia não ter tido esse efeito; mas não soube dizer com qualquer precisão se o teria ou não.

"Em todo o caso, o sonho deve ser considerado notável, pela sua inquestionável autenticidade e pela sua perfeita coincidência em tempo e circunstâncias com um assassinato horrendo."*

Até aqui o relato do Dr. Carlyon. Analisemos brevemente o caso que ele apresenta.

A coincidência quanto ao tempo é exata, ocorrendo o assassinato na mesma noite que o sonho. O incidente não é um acidente vulgar, mas um crime de

ocorrência rara. A correspondência precisa entre o sonho e as ocorrências reais não é deixada para ser provada por recordações invocadas semanas ou meses após o sonho; pois a evidência é um extrato retirado *verbatim* do diário de bordo do navio, — o registo do momento, quando tudo estava fresco na memória.

É muito verdade que o Sr. Norway estivera a escrever ao seu irmão pouco antes de se retirar para descansar; e as probabilidades são de que tenha adormecido a pensar nele. É possível que, não fosse esta direção dos seus pensamentos, ele pudesse não ter tido o sonho de todo; pois quem determinará o poder da simpatia, ou atribuirá a esse poder o seu limite?

---

• *"Early Years and Late Reflections", por Clement Carlyon, M.D., Fellow do Pembroke College, em 2 vols., vol. i. p. 219.*

---

Era natural, então, que ele sonhasse com o seu irmão. Mas seria (na acepção vulgar do termo) natural, também, que cada ínfimo particular dos crimes daquela noite, perpetrados em Inglaterra, fosse visto na altura, numa visão da noite, por um marinheiro num navio ao largo da ilha de Santa Helena?

A minúcia da correspondência pode ser melhor julgada colocando os vários incidentes vistos no sonho em justaposição com aqueles que foram provados, no julgamento, terem acontecido.

| **No Sonho** | **Na Realidade** |
|---|---|
| O Sr. Edmund Norway sonhou que o seu irmão Nevell era atacado por dois homens e assassinado. | O Sr. Nevell Norway foi atacado, na mesma noite, por William Lightfoot e o seu irmão James, e foi assassinado por eles. |
| O Sr. Edmund Norway sonhou que um dos homens agarrou o cavalo pela rédea e disparou uma pistola duas vezes, mas não ouviu estrondo; depois desferiu-lhe um golpe e ele caiu do cavalo. | James Lightfoot "disparou uma pistola" contra o Sr. Norway duas vezes, e esta não disparou; depois derrubou-o com a pistola... "O Sr. Norway foi atingido enquanto estava a cavalo." |
| O Sr. Edmund Norway sonhou que os assassinos desferiram no seu irmão vários golpes e o arrastaram | James Lightfoot "arrastou o corpo através da estrada para o bebedouro."... Os assassinos "deixaram o corpo na |

| No Sonho | Na Realidade |
| --- | --- |
| pelos ombros através da estrada e o deixaram. | água, no lado esquerdo da estrada a chegar a Wadebridge." |

Dificilmente se pode imaginar uma série mais completa de correspondências entre sonho e realidade. O incidente da pistola falhar o tiro duas vezes é, em si mesmo, conclusivo. As várias coincidências, tomadas em conjunto como prova de que o acaso não é a verdadeira explicação, têm toda a força de uma demonstração de Euclides.

Houve uma imprecisão quanto à casa à esquerda da estrada, quando ela na realidade está à direita; tal como as palavras na carta da Sra. Howitt variaram ligeiramente daquelas que ela lera em sonho, — imprecisões instrutivas estas, que não invalidam minimamente as provas que existem independentemente delas, mas que nos ensinam que, mesmo através de uma agência como aquela que nos habituámos a chamar sobrenatural, a verdade pode chegar-nos misturada com o erro, e que a clarividência, mesmo a mais notável, é na melhor das hipóteses incerta e falível.

O próximo exemplo — também de visão à distância em sonho — obtive-o por entrevista pessoal com o cavalheiro que é o sujeito dele.

No Inverno de 1835-36, uma escuna ficou presa no gelo na parte superior da Baía de Fundy, perto de Dorchester, que fica a nove milhas do rio Pedeudiac. Durante o tempo da sua detenção, ela foi confiada ao cuidado de um cavalheiro de nome Clarke, que é atualmente capitão da escuna *Julia Hallock*, que faz a rota entre Nova Iorque e Santiago de Cuba.

A avó paterna do Capitão Clarke, a Sra. Ann Dawe Clarke, a quem ele era muito ligado, vivia nessa altura e, tanto quanto ele sabia, estava bem. Residia em Lyme-Regis, no condado de Dorset, Inglaterra.

Na noite de 17 de Fevereiro de 1836, o Capitão Clarke, então a bordo da referida escuna, teve um sonho de carácter tão vívido que produziu nele uma grande impressão. Sonhou que, estando em Lyme-Regis, via passar perante si o funeral da sua avó; tomou nota das principais pessoas que compunham o cortejo, observou quem eram os que levavam as alças do caixão, quem eram os acompanhantes e em que ordem caminhavam, e distinguiu quem era o pastor oficiante. Juntou-se ao cortejo à medida que este se aproximava do portão do cemitério e seguiu com ele até à sepultura. Pensou (no seu sonho) que o tempo estava tempestuoso e o chão molhado, como após uma chuva forte; e reparou que

o vento, estando forte, soprava a cobertura do caixão (*pall*), retirando-a parcialmente. O cemitério em que entraram, o antigo cemitério protestante no centro da cidade, era o mesmo onde, como o Capitão Clarke sabia, ficava o jazigo da família.

Lembrava-se perfeitamente da sua localização; mas, para sua surpresa, o cortejo fúnebre não se dirigiu para lá, mas para outra parte do cemitério, a alguma distância. Ali (ainda no seu sonho) viu a sepultura aberta, parcialmente cheia de água, devido à chuva; e, olhando para dentro dela, reparou particularmente em dois ratos-do-campo afogados, a flutuar na água. Depois, conforme pensou, conversou com a sua mãe: e ela disse-lhe que a manhã tinha sido tão tempestuosa que o funeral, originalmente marcado para as dez horas, fora adiado para as quatro. Ele observou, em resposta, que fora uma circunstância afortunada; pois, como acabara de chegar a tempo de se juntar ao cortejo, se o funeral tivesse tido lugar de manhã, não teria podido assistir de todo.

Este sonho causou uma impressão tão profunda no Capitão Clarke que, pela manhã, anotou a data do mesmo. Algum tempo depois chegou a notícia da morte da sua avó, com o pormenor adicional de que ela fora enterrada no mesmo dia em que ele, estando na América do Norte, sonhara com o funeral. Quando, quatro anos mais tarde, o Capitão Clarke visitou Lyme-Regis, verificou que cada particular do seu sonho correspondia minuciosamente à realidade. O pastor, os que levavam as alças, os acompanhantes, eram as mesmas pessoas que ele vira.

No entanto, isto, poderíamos supor, ele poderia naturalmente ter antecipado. Mas o funeral fora marcado para as dez horas da manhã e, em consequência do tempo tempestuoso e da chuva forte que caía, fora adiado para as quatro da tarde. A sua mãe, que assistiu ao funeral, recordava-se distintamente de que o vento forte soprara a cobertura parcialmente para fora do caixão. Em consequência de um desejo expresso pela senhora pouco antes da morte, fora enterrada não no jazigo da família, mas noutro local, escolhido por ela mesma; e para este local o Capitão Clarke, sem qualquer indicação da família ou de outra fonte, dirigiu-se imediatamente, tão diretamente como se tivesse estado presente no enterro.

Finalmente, ao comparar notas com o velho coveiro, verificou-se que a chuva forte da manhã enchera parcialmente a sepultura e que nela foram realmente encontrados dois ratos-do-campo, afogados. Este último incidente, mesmo que não houvesse outro, poderia bastar para excluir qualquer ideia de coincidência acidental. O que precede foi-me narrado pelo próprio Capitão Clarke,* com permissão para usar o seu nome em atestação da verdade.†

• *Em Nova Iorque, a 28 de Julho de 1859. A narrativa foi escrita a partir de notas tomadas a bordo da sua escuna. † Tive originalmente a intenção de inserir aqui um sonho ligado a um incidente bem conhecido da história inglesa, e garantido pelo Dr. Abercrombie em "Intellectual Powers", pp. 218, 219. Conforme ali relatado, é em substância no sentido de que, oito dias antes do assassinato do Sr. Percival, Chanceler do Tesouro, no átrio da Câmara dos Comuns inglesa, em 1812, um cavalheiro na Cornualha viu, num sonho repetido três vezes, cada particular do assassinato, até ao traje das partes envolvidas, e foi-lhe dito (ainda em sonho) que era o Chanceler quem fora baleado; tudo isto causou tanta impressão no sonhador que ele apenas foi dissuadido de avisar o Sr. Percival pelas garantias dos seus amigos de que, se o fizesse, seria tratado como um fanático. O Dr. Carlyon, na sua obra já referida, cita e subscreve a história, acrescentando: "O sonho em questão ocorreu na Cornualha, ao Sr. Williams, de Scorrier House, ainda vivo (Fevereiro de 1836), e agora residente em Calstock, Devon, de cujos lábios ouvi mais do que uma vez o relato."*

• *Existe, contudo, outra versão muito mais minuciosa da história, dada durante a vida do Sr. Williams, no "Times" (Londres) de 16 de Agosto de 1828, e proveniente, como afirma o editor, de "um correspondente de inquestionável veracidade", na qual, embora o nome e endereço de Mr. Scorrier sejam fornecidos e todos os particulares, exceto um, dados pelo Dr. Abercrombie sejam estritamente corroborados, esse falha. O Dr. Abercrombie, que diz ter "obtido os particulares de um eminente amigo médico em Inglaterra", menciona que o sonho ocorreu oito dias antes do assassinato; enquanto na versão do "Times" é expressamente afirmado que foi "na noite de 11 de Maio de 1812", a mesma em que o Sr. Percival foi baleado. Assim, ficamos na dúvida se este sonho é de carácter profético ou simplesmente clarividente. Claramente é uma coisa ou outra. Mas, perante esta incerteza, após passar vários dias a recolher e comparar os relatos conflituosos, omito tudo exceto esta breve nota do incidente.*

---

Se, quanto à faculdade de visão à distância ou clarividência natural em sonho, evidentemente substanciada pelos exemplos precedentes, alguém for tentado a considerá-la como um dom miraculoso, faria bem em ter em mente o facto de que, enquanto nalguns dos exemplos desta faculdade encontramos casos em que a vida e a morte estão em jogo, outros, igualmente autênticos, encontram-se de carácter mais trivial.

Destes últimos é o exemplo seguinte, por cuja exatidão Abercrombie garante. "Uma senhora em Edimburgo enviara o seu relógio para ser reparado. Passou um longo tempo sem que ela conseguisse recuperá-lo; e, após muitas

desculpas, começou a suspeitar de que algo estava errado. Sonhou então que o rapaz do relojoeiro, por quem o relógio fora enviado, o deixara cair na rua e o danificara de tal maneira que não podia ser reparado. Foi ter com o mestre e, sem qualquer alusão ao seu sonho, colocou-lhe a questão diretamente, tendo ele confessado ser verdade."*

Neste caso, nada pode ser mais ridículo do que imaginar que houve intervenção miraculosa com o propósito de informar uma senhora sobre o motivo pelo qual o seu relógio estava retido no fabricante; contudo, quão extrema é a improbabilidade, também, de que, entre as dez mil causas possíveis para essa retenção, o acaso lhe indicasse, em sonho, precisamente aquela, embora aparentemente entre as mais rebuscadas e improváveis, que se verificou coincidir exatamente com o facto tal como ocorreu!

A tentativa de explicar mesmo uma narrativa tão simples como a anterior é fútil, a menos que ponhamos em causa a boa-fé do narrador; imaginando, suponhamos, que ele ocultou deliberadamente alguma circunstância acompanhante essencial como, por exemplo, que a senhora cujo relógio fora danificado tinha razões, por informações obtidas, para conjeturar que o rapaz pudesse tê-lo deixado cair. Mas, quando Abercrombie garante a autenticidade da narrativa, o seu aval exclui, naturalmente, suposições que privariam a anedota de todo o valor na ligação em que a publica.

Nos três exemplos que se seguem, e que são de uma classe diferente de qualquer um dos precedentes, podemos ir mais longe ainda e afirmar que, a menos que os narradores mintam diretamente, existem fenómenos e leis ligados ao sonhar que nunca foram explicados e que mal foram investigados.

O primeiro foi-me comunicado em Março de 1859, por Miss A. M. H——, a talentosa filha de um cavalheiro bem conhecido nos círculos literários da Grã-Bretanha. Dou-o pelas suas palavras.

## UM SONHO QUE É A CONTRAPARTIDA DE OUTRO

"Tínhamos um amigo, S——, que há alguns anos estava num estado de saúde delicado, acreditando-se ser tísico. Vivia a várias centenas de milhas de nós e, embora a nossa família o conhecesse intimamente, não conhecíamos nem a sua casa nem qualquer pessoa da sua família; o nosso contacto era feito principalmente por cartas, recebidas a intervalos incertos.

"Certa noite, quando não havia causa especial para que a minha mente voltasse ao nosso amigo ou ao seu estado de saúde, sonhei que tinha de ir à cidade onde ele residia. No meu sonho parecia chegar a uma casa particular, na

qual entrava, e subia diretamente as escadas para uma câmara escurecida. Ali, na sua cama, vi S—— deitado como se estivesse prestes a morrer. Aproximei-me dele; e, não tristemente, mas como que cheia de uma garantia esperançosa, peguei na sua mão e disse: 'Não, não vais morrer. Consola-te: vais viver.' Mesmo enquanto falava, pareceu-me ouvir uma estirpe requintada de música ecoando pelo quarto.

"Ao acordar, tão vívidas eram as impressões que restavam que, incapaz de me livrar delas mesmo no dia seguinte, comuniquei-as à minha mãe e depois escrevi a S——, inquirindo pela sua saúde, mas não lhe dando qualquer pista sobre a causa da minha ansiedade. A sua resposta informou-nos de que estivera muito doente — de facto, supunha-se estar à beira da morte — e que a minha carta, que durante vários dias estivera demasiado doente para ler, fora uma grande felicidade para ele.

"Foi três anos depois disto que a minha mãe e eu encontrámos S—— em Londres; e, voltando-se a conversa para os sonhos, eu disse: 'Já agora, tive um sonho singular contigo há três anos, quando estiveste tão doente:' e relatei-o. À medida que prosseguia, observei uma expressão notável espalhar-se pelo seu rosto; e quando concluí ele disse, com muita emoção: 'Isto é singular de facto; pois eu também tive, uma ou duas noites antes de a tua carta chegar, um sonho que é a própria contrapartida do teu.

Parecia-me estar à beira da morte e estava a despedir-me finalmente do meu irmão. "Há alguma coisa", disse ele, "que eu possa fazer por ti antes de morreres?" — "Sim", respondi eu no meu sonho; "duas coisas. Manda chamar a minha amiga A. M. W——. Tenho de a ver antes de partir." — "Impossível!", disse o meu irmão: "seria uma coisa inaudita: ela nunca viria." — "Viria", insisti eu no meu sonho, e acrescentei: "também gostaria de ouvir a minha sonata favorita de Beethoven antes de morrer." — "Mas isso são ninharias", exclamou o meu irmão, quase severamente. "Não tens desejos mais fervorosos numa hora tão solene?" — "Não: ver a minha amiga A. M. e ouvir aquela sonata, é tudo o que desejo." E, mesmo enquanto falava, no meu sonho vi-te entrar. Caminhaste até à cama com um ar alegre; e, enquanto a música que eu ansiara enchia o quarto, falaste-me de forma encorajadora, dizendo que eu não morreria.*"

Conhecendo a autora intimamente, posso garantir a estrita verdade e exatidão desta narração; encarnando, como encarna, aquele raro e muito notável fenómeno: dois sonhos concordantes e síncronos.

O exemplo seguinte é aduzido por Abercrombie* como tendo sido mencionado pelo Sr. Joseph Taylor† como um facto indubitável. Ocorreu ao falecido Rev. Joseph Wilkins, mais tarde clérigo dissidente em Weymouth, em

Dorsetshire, Inglaterra, mas então assistente numa escola em Devonshire, quando tinha vinte e três anos de idade; a saber, no ano de 1754. O Sr. Wilkins morreu a 22 de Novembro de 1800, no septuagésimo ano da sua idade. No obituário da "*Gentleman's Magazine*" há uma nota sobre a sua morte, na qual se diz dele: "Pela liberalidade de sentimento, generosidade de disposição e integridade uniforme, teve poucos iguais e dificilmente algum superior."‡

A narrativa original foi preparada e cuidadosamente preservada por ele próprio por escrito e (tendo o título sido adicionado por mim) é nestas palavras: —

## A MÃE E O FILHO

"Certa noite, pouco depois de me deitar, adormeci e sonhei que ia para Londres. Pensei que não seria muito fora do meu caminho passar por Gloucestershire e visitar os meus amigos ali. Consequentemente, parti, mas não me recordava de nada do que aconteceu pelo caminho até chegar à casa do meu pai;

---

• "*Intellectual Powers*", pp. 215, 216. † Ele relata-o na sua obra intitulada "*Danger of Premature Interment*". ‡ "*Gentleman's Magazine*" para o ano 1800, p. 1216.

---

quando fui à porta da frente e tentei abri-la, mas achei-a fechada. Então fui à porta das traseiras, que abri e entrei; mas, verificando que toda a família estava na cama, atravessei as salas apenas, subi as escadas e entrei na câmara onde o meu pai e a minha mãe estavam deitados. Ao passar pelo lado da cama onde o meu pai jazia, achei-o a dormir, ou pensei que estivesse; depois fui para o outro lado e, tendo acabado de contornar os pés da cama, encontrei a minha mãe acordada, a quem disse estas palavras: 'Mãe, vou fazer uma longa viagem e vim despedir-me de ti.' Ao que ela respondeu, assustada: 'Oh, querido filho, tu estás morto!'

Com isto acordei e não dei mais importância ao assunto do que a um sonho comum, exceto por me ter parecido muito perfeito. Poucos dias depois, assim que uma carta me pôde chegar, recebi uma pelo correio do meu pai; ao recebê-la fiquei um pouco surpreendido e concluí que algo de extraordinário deveria ter acontecido, pois fora há pouco tempo que recebera uma carta dos meus amigos e todos estavam bem.

Ao abri-la fiquei ainda mais surpreendido; pois o meu pai dirigia-se a mim como se eu estivesse morto, desejando-me, se vivo, ou a quem quer que a carta fosse parar às mãos, que escrevesse imediatamente; mas se a carta me encontrasse vivo, eles concluíam que eu não viveria muito e davam isto como a razão dos seus receios: que numa certa noite, nomeando-a, depois de estarem na cama, estando o meu pai a dormir e a minha mãe acordada, ela ouviu alguém tentar abrir a porta da frente; mas, achando-a fechada, foi à porta das traseiras, que abriu, entrou e veio diretamente através das salas pelas escadas acima, e ela reconheceu perfeitamente ser o meu passo; mas eu cheguei-me à cabeceira da sua cama e disse-lhe estas palavras:

'Mãe, vou fazer uma longa viagem e vim despedir-me de ti.' Ao que ela me respondeu, assustada: 'Oh, querido filho, tu estás morto!' — que foram as circunstâncias e as palavras do meu sonho.

Mas ela não ouviu mais nada e não viu mais nada; nem eu no meu sonho. Perante isto ela acordou e contou ao meu pai o que passara; mas ele tentou acalmá-la, persuadindo-a de que fora apenas um sonho. Ela insistiu que não fora sonho nenhum, pois que estivera tão perfeitamente acordada como alguma vez estivera e não tivera a mínima inclinação para dormir desde que se deitara. Por estas circunstâncias, tendo a pensar que foi no mesmíssimo instante em que o meu sonho aconteceu, embora a distância entre nós fosse de cerca de cem milhas; mas sobre isto não posso falar positivamente.

Isto ocorreu enquanto eu estava na academia em Ottery, Devon, no ano de 1754; e neste momento cada circunstância está fresca na minha mente. Tive, desde então, frequentes oportunidades de conversar sobre o assunto com a minha mãe, e tudo estava tão fresco na mente dela como estava na minha. Muitas vezes pensei que as sensações dela, quanto a este assunto, eram mais fortes do que as minhas. O que pode parecer estranho é que não me recordo de nada de notável que tenha acontecido em consequência disto. Esta é apenas uma narrativa plana e simples de um assunto de facto."

Que nada de extraordinário ocorreu na sequência — nenhuma morte súbita, por exemplo, de que o anterior pudesse ter sido interpretado como um aviso — é uma peculiaridade instrutiva neste caso. Diremos dele, como os supersticiosos costumam dizer de tais fenómenos, que foi de carácter miraculoso? Então temos um milagre sem motivo. Este incidente isolado, se admitirmos a sua autenticidade, poderia só por si bastar para refutar as noções comuns sobre este assunto. E a total desconexão dos factos acima de qualquer alegada predição ou pressentimento pode servir como um aval adicional da sua verdade.

Não havia nada que tendesse a induzir em erro a imaginação; nenhum fundamento sobre o qual alguém fosse tentado a erguer uma superestrutura fantasiosa. Nem esta narrativa, por inexplicáveis que as circunstâncias possam parecer, é única na sua classe. Outra, notavelmente bem autenticada, é dada, entre outras cinquenta narrativas de aparência muito apócrifa, por Baxter, na sua bem conhecida obra "*Certainty of the World of Spirits*".* Provém de um colega clérigo, residente em Kent. Transcrevo-a literalmente, acrescentando apenas o título, como se segue: —

## O ANSEIO DA MÃE

"Reverendo Senhor: —

"Sendo informado de que está a escrever sobre bruxaria e aparições, tomo a liberdade, embora estranho, de lhe enviar a seguinte relação: —

"Mary, a mulher de John Goffe, de Rochester, estando aflita com uma longa doença, mudou-se para a casa do seu pai em West Mulling, que fica a cerca de nove milhas de distância da sua própria. Ali morreu a 4 de Junho, deste presente ano de 1691.

"No dia anterior à sua partida ela ficou muito impacientemente desejosa de ver os seus dois filhos, que deixara em casa ao cuidado de uma ama. Rogou ao marido que alugasse um cavalo, pois ela tinha de ir a casa e morrer com os filhos.

Quando eles a persuadiram do contrário, dizendo-lhe que não estava em condições de ser tirada da cama, nem capaz de se sentar a cavalo, ela suplicou-lhes, no entanto, que tentassem. 'Se não me puder sentar', disse ela, 'irei deitada ao comprido sobre o cavalo; pois tenho de ir ver os meus pobres bebés.' Um ministro que vive na cidade esteve com ela às dez horas daquela noite, a quem ela expressou boas esperanças nas misericórdias de Deus e disposição para morrer: 'Mas', disse ela, 'é a minha miséria não poder ver os meus filhos.' Entre a uma e as duas horas da manhã ela caiu num transe.

• *"The Certainty of the World of Spirits", por Richard Baxter, Londres, 1691, cap. vii. pp. 147 a 151.*

---

Uma viúva Turner, que a vigiou nessa noite, diz que os seus olhos estavam abertos e fixos e a sua mandíbula caída. Pôs a mão sobre a boca e as narinas dela, mas não conseguiu perceber qualquer respiração. Pensou que ela estivesse num ataque; e duvidou se estaria morta ou viva.

"Na manhã seguinte esta mulher moribunda disse à mãe que tinha estado em casa com os seus filhos. 'Isso é impossível', disse a mãe; 'pois estiveste na cama todo este tempo.' 'Sim', replicou a outra, 'mas estive com eles ontem à noite quando estava a dormir.'

"A ama em Rochester, viúva Alexander de nome, afirma, e diz que prestará juramento sobre isso perante um magistrado, e receberá o sacramento sobre o mesmo, que um pouco antes das duas horas daquela manhã viu a semelhança da referida Mary Goffe sair da câmara ao lado (onde a criança mais velha jazia numa cama sozinha), tendo a porta sido deixada aberta, e ficar ao pé da sua cama por cerca de um quarto de hora; a criança mais nova estava ali deitada ao seu lado.

Os seus olhos moviam-se e a sua boca mexia-se; mas ela nada disse. A ama, além disso, diz que estava perfeitamente acordada; era então dia, sendo um dos dias mais longos do ano. Sentou-se na cama e olhou fixamente para a aparição. Nesse tempo ouviu o relógio da ponte bater as duas e, pouco depois, disse: 'Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que és tu?' Perante isto a aparência retirou-se e foi-se embora; ela vestiu as roupas à pressa e seguiu-a, mas o que foi feito dela não sabe dizer.

Então, e não antes, começou a ficar gravemente amedrontada e saiu de casa e caminhou no cais (a casa é mesmo à beira-rio) por algumas horas, entrando apenas de vez em quando para ver as crianças. Às cinco horas foi a casa de um vizinho e bateu à porta; mas eles não se levantaram. Às seis foi outra vez; então eles levantaram-se e deixaram-na entrar. Relatou-lhes tudo o que passara: eles quiseram persuadi-la de que se enganara ou sonhara. Mas ela afirmou confiantemente: 'Se alguma vez a vi em toda a minha vida, vi-a esta noite.'"

"Uma daquelas a quem ela fez o relato (Mary, a mulher de John Sweet) recebeu um mensageiro vindo de Mulling naquela manhã, para informá-la de que a sua vizinha Goffe estava a morrer e desejava falar com ela. Ela foi lá, no mesmo dia, e encontrou-a prestes a partir. A mãe, entre outros discursos, relatou-lhe o quanto a sua filha ansiara por ver as crianças e disse que as tinha visto. Isto

trouxe à mente da Sra. Sweet o que a ama lhe contara naquela manhã; pois, até então, ela não pensara em mencioná-lo, mas antes o disfarçara como a imaginação perturbada da mulher.

"A substância disto foi-me relatada por John Carpenter, o pai da falecida, no dia seguinte ao seu sepultamento. A dois de Julho, discuti plenamente o assunto com a ama e com duas vizinhas a cuja casa ela fora naquela manhã. Dois dias depois, soube-o pela mãe, pelo ministro que estivera com ela à noite e pela mulher que a vigiara naquela última noite. Todos concordam na mesma história, e cada um ajuda a reforçar o testemunho do outro. Parecem ser pessoas sóbrias e inteligentes, suficientemente distantes de pretenderem impor um engano ao mundo ou de gerirem uma mentira; e que tentação poderiam ter para mentir ao fazê-lo, não consigo conceber.

"Senhor, que Deus abençoe os vossos piedosos esforços para a convicção de Ateus e Saduceus, e para a promoção da verdadeira religião e piedade, e que esta narrativa possa conduzir de algum modo ao favorecimento desse grande trabalho, é o desejo sincero e a oração de

"Vosso amigo mais fiel "E humilde servo, "Tho. Tilson, Ministro de Aylesford, perto de Maidstone, em Kent. "Aylesford, 6 de Julho de 1691."

Esta história, contada de forma simples e tocante, é uma narrativa de eventos que se alega terem ocorrido no mesmo ano em que a obra de Baxter foi publicada — a saber, em 1691; relatada por um clérigo da vizinhança, escrevendo sobre circunstâncias todas elas ocorridas a menos de cinco semanas do dia em que escreveu, e a maioria das quais ele verificara a menos de cinco dias da data da sua carta — nomeadamente, a 2 e 4 de Julho de 1691. Os nomes e as residências de todas as testemunhas são fornecidos, bem como o tempo e o local exatos das ocorrências de que testemunham. Seria difícil encontrar qualquer narrativa daquela época melhor atestada.

A exceção que os duvidosos levantarão a isto não será, provavelmente, a de que as testemunhas conspiraram para proferir uma falsidade, pois isso é incrível; mas a de que a mãe moribunda, inspirada por uma força sobrenatural pelo anseio fervoroso pelos seus filhos, se levantara realmente durante a noite entre 3 e 4 de Junho, encontrara o seu caminho de West Mulling até Rochester, entrara na sua habitação e vira os seus filhos, e depois regressara, antes da manhã, para a casa do seu pai; que a Sra. Turner, como fazem as enfermeiras, adormecera e, mesmo que tivesse acordado e notado a falta da sua paciente antes do seu regresso, se abstivera de dizer uma palavra sobre o assunto, para não ser acusada de negligência no dever. E, em apoio de tal hipótese, o ceticismo poderia citar esta anedota, relatada por Sir Walter Scott.*

---

• *"Letters on Demonology and Witchcraft," por Sir Walter Scott, Bart., 2.ª ed., 1857, pp. 371 a 374.*

---

Um clube filosófico em Plymouth costumava realizar as suas reuniões, durante os meses de Verão, numa gruta à beira-mar e, noutras alturas, num pavilhão de Verão situado no jardim de uma taverna, para cuja porta do jardim alguns dos membros, que viviam nas proximidades, tinham chaves privadas. Os membros do clube presidiam alternadamente. Numa ocasião, o presidente da noite estava doente — constava estar no seu leito de morte; mas, por respeito, a sua cadeira habitual foi deixada vaga.

Subitamente, enquanto os membros conversavam sobre ele, a porta abriu-se e a aparência do presidente entrou na sala, vestindo um roupão branco e barrete de dormir e, apresentando o aspeto de morte, tomou o lugar vago, ergueu um copo vazio aos lábios, fez uma vénia à companhia, recolocou o copo e saiu da sala a passos largos. A companhia apavorada, após conversar sobre o assunto, despachou dois dos seus membros para averiguar a condição do seu presidente. Quando regressaram com a terrível notícia de que ele acabara de expirar, os membros, temendo o ridículo, concordaram que permaneceriam em silêncio sobre o assunto.

Alguns anos depois, a velha mulher que servira de enfermeira ao membro falecido, estando no seu leito de morte, confessou ao seu médico, que por acaso era um dos membros do clube, que, durante o seu sono, o paciente, que estivera delirante, acordara e deixara o aposento; que, ao acordar, ela saíra apressadamente de casa à procura dele, encontrara-o a regressar e o recolocara na cama, onde ele morreu imediatamente. Temendo ser culpada pelo seu descuido, abstivera-se de dizer o que quer que fosse sobre o assunto.

Scott, ao citar esta e algumas outras explicações simples do que poderiam parecer ocorrências extraordinárias, observa que "conhecer o que foi descoberto em muitos casos dá-nos a garantia da causa dominante em todos".* Nada pode ser mais ilógico. É uma coisa trabalhosa chegar à verdade; mas se desejamos chegar a ela, temos de nos dar ao trabalho. Se for um processo tedioso, é o único seguro: testar cada exemplo por evidência procurada e crivada (como diz a frase diplomática) *ad hoc*.

Se, porque detetamos impostura num único caso, passamos por cima de outros vinte como sendo igualmente pouco fiáveis, estamos a agir de forma nada mais sábia do que aquele que, tendo recebido numa certa cidade um dólar falso,

logo conclui que ali apenas se encontram contrafações. Isso deve torná-lo mais cuidadoso ao examinar a próxima moeda que receber; nada mais. E assim nós, sabendo que nalguns casos, como neste do clube de Plymouth, as aparências podem enganar, devemos estar de sobreaviso contra tal engano — não concluir que em cada exemplo análogo a mesma explicação ou uma semelhante servirá.

Servirá no caso de Mary Goffe? A distância entre a casa do seu pai e a sua própria era de nove milhas. Três horas para ir e três para voltar, seis horas no total — digamos, das onze até às cinco horas — teriam sido necessárias para percorrer essa distância por uma pessoa de boa saúde, caminhando, sem parar, a um passo comum. Pode-se acreditar, como no exemplo de Plymouth, que um paciente, em delírio, possa, muito pouco tempo antes da sua morte, caminhar algumas centenas de jardas.

Mas será credível que uma mulher moribunda, tão fraca que os seus amigos a consideravam inapta para ser tirada da cama, caminhasse dezoito milhas sem ajuda e sozinha? A ama declara que a sua paciente caiu num transe entre a uma e as duas horas, e que pôs a mão sobre a sua boca e narinas, mas não conseguiu perceber qualquer respiração. Suponhamos que isto é uma falsidade, inventada para encobrir a negligência: podemos imaginar que, após uma visita de um clérigo às dez, a ama, assistindo uma pessoa cuja morte se esperava a cada hora, adormecesse antes das onze horas e não acordasse senão depois das cinco, ou que, se acordasse e encontrasse a sua paciente desaparecida, não daria o alarme na casa?

---

- *"Demonology and Witchcraft", p. 367.*

---

Mas concedam-se todas estas extremas improbabilidades. Podemos acreditar que o pai e a mãe de uma mulher moribunda a abandonariam ambos na última noite da sua vida por mais de seis horas? Ou podemos supor, sob tais circunstâncias, que a paciente pudesse sair do seu quarto e da casa antes das onze horas, e regressar a ela depois das cinco, sem ser vista por ninguém, seja a ir ou a regressar?

Nem são estas as únicas dificuldades. A própria Sra. Goffe declarou, na manhã seguinte, que fora apenas em sonho que vira os seus filhos. E se isto não era verdade, e se ela caminhou realmente até Rochester, será credível que apenas olhasse, em silêncio, por alguns minutos, para os seus bebés adormecidos e depois, deixando-os sem sequer uma palavra de despedida, recomeçasse o caminho penoso para a casa do seu pai? Quando ela tão fervorosamente implorou

ao marido que alugasse um cavalo, qual foi o argumento com que instou o seu pedido? "Ela tinha de ir a casa e morrer com os filhos."

Submeto ao julgamento do leitor estas considerações. Que ele lhes dê o peso que considerar que merecem. Mas se, finalmente, ele se inclinar para a teoria de uma jornada noturna pela paciente, então peço-lhe que considere de que maneira disporá do caso paralelo — o do Rev. Sr. Wilkins, onde a distância entre mãe e filho era de cem milhas?

Abercrombie, admitindo os factos deste último caso tal como Wilkins os relata, diz meramente: "Este sonho singular deve ter tido origem nalguma forte impressão mental que fora feita em ambos os indivíduos por volta da mesma altura; e ter traçado a fonte disso teria sido um assunto de grande interesse."

Não posso supor que Abercrombie queira dizer aqui uma impressão mental feita acidentalmente na mãe e no filho ao mesmo tempo. Ele era demasiado bom lógico para não saber para onde uma doutrina dessas levaria. Se vamos imaginar todos os detalhes aduzidos, como a tentativa infrutífera de entrar pela porta da frente, a entrada pela porta das traseiras, o subir as escadas e o passar para o quarto de dormir paternal, os termos exatos da pergunta, as palavras precisas da resposta, finalmente, a cessação do sonho ou visão por parte da mãe e do filho exatamente no mesmo ponto — se, digo, nos permitirmos interpretar coincidências tão numerosas e minuciosamente particulares como estas como sendo o mero efeito do acaso, onde parará o nosso ceticismo? Talvez não até nos termos persuadido, também, de que este mundo, com tudo o que contém, não passa do resultado de uma combinação fortuita.

Mas se, como é sem dúvida o caso, o Dr. Abercrombie pretendia insinuar que esta impressão simultânea em duas mentes distantes deve ter ocorrido de acordo com alguma lei psicológica ainda não descoberta, a qual seria interessante traçar, podemos bem concordar com ele em opinião.

Não parece, contudo, que ele considerasse o incidente sob qualquer outra luz que não como um exemplo de sonhos coincidentes e síncronos. Se essa é a hipótese verdadeira, pode ser questionado. Noutro capítulo* será aduzida tal evidência quanto a que obtive de que a aparência de uma pessoa viva a uma distância maior ou menor de onde essa pessoa realmente se encontra, e talvez usualmente onde os pensamentos ou afetos dessa pessoa se possam supor, no momento, estarem concentrados, é um fenómeno de ocorrência não infrequente. Se for admitido, poderá fornecer a verdadeira explicação do sonho de Wilkins, do sonho de Goffe e de outros de carácter semelhante.

• *Ver Livro IV. cap. i., sobre "Aparições dos Vivos".*

---

O engenhoso autor da "Philosophy of Mysterious Agents", que evita tudo o que se pareça com o Espiritualismo, ao tratar da narrativa de Wilkins, cuja autenticidade admite, diz: "Certamente mostra um agente físico estranho e até agora desconhecido no qual ou pelo qual o cérebro pode agir mesmo a uma grande distância, e produzir resultados físicos representando perfeitamente a ação cerebral quando o poder controlador da mente está suspenso."*

Se isto, como pode acontecer, parecer ao leitor algo obscuro, que ele, para auxiliar as suas conceções, tome outro parágrafo. Após copiar a própria história, o Sr. Rogers acrescenta: "Isto é facilmente explicado pelo método em que estamos a considerar esta classe de fenómenos; e não vemos outro em que não haja dificuldades insuperáveis. Neste caso temos novamente a condição requerida para o jogo de poderes mundanos em referência ao cérebro; e aquela em que o cérebro, como um ponto, sendo irritado, pode agir e, pela agência mundana, representar a sua ação (como neste caso) a cinquenta milhas ou mais de distância."†

Não me parece que por este método do Sr. Rogers o estranho fenómeno que temos estado a considerar seja, como ele pensa, facilmente explicado. Como é que ele o explica? A doutrina do acaso, ele vê, é inteiramente insustentável. A doutrina do Espiritualismo, ele repudia-a. Para evitar ambas, sugere que o cérebro do filho, em Devonshire, estando em atividade durante a volição suspensa incidente ao sono, representou a sua ação no cérebro da mãe, a cem milhas de distância, em Gloucestershire; e que esta ação representada se deveu a uma agência mundana estranha e desconhecida.

---

• *"Philosophy of Mysterious Agents, Human and Mundane" por E. C. Rogers, Boston, 1853, p. 283. † Obra citada, pp. 284, 285.*

---

Dizer que as duas mentes foram, de um modo ou de outro, colocadas em relação, é apenas uma admissão de que a coincidência de sensações e ideias em ambas não foi fortuita. Se, como podemos livremente admitir ainda mais, a agência for, como alega o Sr. Rogers, estranha e desconhecida, por que assumir que ela é física? E por tal assunção explicamos o fenómeno — não direi facilmente, mas de todo? Fizemos algo mais do que empregar palavras vagas? — e palavras, vagas como são, que não parecemos justificados em empregar? O que

sabemos nós sobre um cérebro, irritado, agindo fisicamente a cem milhas de distância?

O que queremos dizer com um cérebro desses representando a sua ação, a essa distância, noutro? Que tipo de agência mundana podemos imaginar como instrumento de tal ação? E se devemos considerar um mero agente físico capaz de assim ligar, sem olhar à distância, mente com mente, que necessidade de qualquer alma ou espírito hipotético para explicar toda a maravilhosa gama de fenómenos mentais?

Aqui novamente convém perguntar para onde, numa tentativa de escapar à hipótese da agência espiritual, os nossos passos são convidados? Para os confins, pareceria, do materialismo.

Como a classe de fenómenos que aqui estivemos a examinar será usualmente considerada como estando entre as menos credíveis daquelas ligadas ao assunto do sonhar, posso afirmar que os anteriores não são os únicos exemplos registados. Kerner, na sua "Vidente de Prevorst", fornece um, atestado por ele próprio e por um médico que assistia o pai da vidente.* Sinclair regista outro;† mas quão boa é a autoridade neste último caso não sou capaz de dizer.

---

• *"Die Seherin von Prevorst" por Justinus Kerner, 4.ª edição, Estugarda, 1846, pp. 132 a 134. † No seu "Satan's Invisible World Discovered", Edimburgo, 1789. É a história de Sir George Horton, de quem se afirma ter sonhado que interferira para impedir os seus dois filhos de travarem um duelo, e ter aparecido realmente a eles, e impedido o mesmo, a sessenta milhas de distância, ao mesmo tempo.*

---

Uma investigação importante permanece por abordar. Existem casos fiáveis apresentando, ou parecendo apresentar, evidência de que a faculdade da presciência nos sonhos é um fenómeno real, e que esta faculdade é por vezes desfrutada, tal como se diz que é a clarividência, especialmente por certas pessoas? Existem — como a frase tem sido usada em relação à alegada segunda vista das Terras Altas da Escócia — videntes, assim habitualmente dotados?

Homens distintos afirmaram que existem; Goethe, por exemplo, em relação ao seu avô materno. Traduzo da sua Autobiografia.

"Mas o que ainda aumentava a veneração com que olhávamos para este excelente ancião era a convicção de que ele possuía o dom da profecia, especialmente em relação a assuntos que diziam respeito a ele e aos seus. É

verdade que ele não confiava o pleno conhecimento e os particulares desta faculdade a ninguém, exceto à nossa avó; contudo, nós, crianças, sabíamos suficientemente bem que ele era muitas vezes informado, em sonhos notáveis, de coisas que iriam acontecer. Por exemplo, assegurou à sua esposa, num tempo em que era ainda um dos magistrados mais jovens, que na primeiríssima vaga ele seria nomeado para um lugar no conselho de vereadores.

E quando, muito pouco depois, um dos vereadores foi atingido por um ataque fatal de apoplexia, ele ordenou que, no dia em que a escolha deveria ser feita por sorteio, a casa fosse arrumada e tudo preparado para receber os convidados que viriam felicitá-lo pela sua elevação. E, com certeza, foi para ele que foi extraída a bola de ouro que decide a escolha dos vereadores em Frankfurt. O sonho que lhe prefigurara este evento ele confiou à sua esposa, como se segue: Encontrava-se em sessão com os seus colegas, e tudo decorria como de costume, quando um vereador (o mesmo que depois morreu) desceu do seu lugar, veio ter com o meu avô, pediu-lhe educadamente que tomasse o seu lugar e depois deixou a câmara.

Algo semelhante aconteceu por ocasião da morte do preboste. Era costume em tal caso haver grande pressa para preencher a vaga, visto que havia sempre fundamento para temer que o imperador, que costumava nomear o preboste, voltasse um dia ou outro a reivindicar o seu antigo privilégio. Nesta ocasião particular o xerife recebeu ordens à meia-noite para convocar uma sessão extraordinária para a manhã seguinte.

Quando, nas suas rondas, este oficial chegou à casa do meu avô, pediu outro bocado de vela, para substituir aquela que acabara de se gastar na sua lanterna. 'Dêem-lhe uma vela inteira', disse o meu avô às mulheres: 'é por minha causa que ele está a ter todo este trabalho.' O evento justificou as suas palavras. Ele foi realmente escolhido preboste. E é digno de nota que, tendo a pessoa que sorteou no seu lugar tido a terceira e última oportunidade, as duas bolas de prata foram extraídas primeiro, e assim a de ouro restou para ele no fundo do saco.

"Os seus sonhos eram realistas, simples e sem um traço do fantástico ou do supersticioso, pelo menos tanto quanto eles alguma vez se tornaram conhecidos de nós. Recordo-me, também, de que quando, em rapaz, costumava consultar os seus livros e papéis, encontrava muitas vezes, misturadas com memorandos sobre jardinagem, frases como estas: — 'Ontem à noite * * * veio ter comigo e disse-me * * *', — estando o nome e a circunstância escritos em cifra.

Ou, novamente, rezava assim: — 'Ontem à noite vi * * *', — *estando o resto em caracteres ininteligíveis para mim. É ainda notável, nesta ligação, que certas pessoas que nunca tinham possuído qualquer poder extraordinário por vezes o*

*adquiriam, temporariamente, quando permaneciam perto dele; por exemplo, a faculdade de pressentimento, por sinais visíveis, em casos de doença ou morte ocorrendo na altura, mas à distância. Contudo, nem nenhum dos seus filhos nem dos seus netos herdou esta peculiaridade."*

Os exemplos particulares aqui citados podem ser explicados de outra forma; mas é evidente que Goethe, que dispunha dos melhores meios de saber, considerava as provas de que o seu avô era realmente dotado deste instinto profético como sendo conclusivas.

Macario menciona um caso semelhante, cuja evidência parece inquestionável. Traduzo da sua obra sobre o Sono.

## A VISITA PRENUNCIADA

"Eis aqui um facto que ocorreu na minha própria família, e pela autenticidade do qual eu garanto. Madame Macario partiu, no dia 6 de Julho de 1854, para Bourbon-l'Archambault, para benefício das águas locais, devido a uma afeição reumática. Um dos seus primos, o Sr. O——, que habita em Moulins, e que habitualmente sonha com qualquer coisa de extraordinário que lhe vá acontecer, teve, na noite anterior à partida da minha mulher, o seguinte sonho. Pensou ver Madame Macario, acompanhada pela sua filha pequena, tomar as carruagens do caminho-de-ferro para iniciar a sua viagem até aos banhos de Bourbon.

Quando acordou, ordenou à sua mulher que se preparasse para receber duas primas com quem ela ainda não estava familiarizada. Elas chegariam, disse-lhe ele, naquele dia a Moulins, e partiriam à noite para Bourbon. 'Elas certamente não deixarão', acrescentou ele, 'de nos fazer uma visita.' Com efeito, a minha mulher e filha chegaram mesmo a Moulins; mas, como o tempo estava muito mau, caindo a chuva em torrentes, pararam na casa de um amigo perto da estação de comboios e, sendo o seu tempo curto, não visitaram o primo, que vivia num bairro distante da cidade.

---

• *"Aus meinem Leben", por J. W. von Goethe, Estugarda, 1853, vol. i. pp. 41 a 43.*

---

Ele, contudo, não desanimou. 'Talvez seja amanhã', disse ele. Mas o dia seguinte chegou e ninguém apareceu. Estando perfeitamente persuadido, não obstante, por conta da sua experiência em verificar que tais sonhos se tornavam

realidade, de que as suas primas tinham chegado, foi ao escritório da diligência que faz o percurso de Moulins para Bourbon, para inquirir se uma senhora, acompanhada pela sua filha (descrevendo-as), não partira na noite anterior para Bourbon. Responderam-lhe afirmativamente. Perguntou então onde essa senhora se hospedara em Moulins, foi à casa e ali averiguou que todos os particulares do seu sonho eram exatamente verdadeiros. Em conclusão, seja-me permitido observar que o Sr. O—— não tinha conhecimento algum da doença nem da jornada projetada de Madame Macario, a quem não via há vários anos."*

O traço notável no que precede é a confiança do Sr. O—— no presságio do seu sonho, indicando que ele tinha boas razões para confiar em intimações semelhantes.

---

• *"Du Sommeil, des Rêves, et du Somnambulisme", pelo Sr. Macario, pp. 82, 83. O incidente recorda os versos de Scott, nos quais, em "The Lady of the Lake", Ellen se dirige a Fitz-James: —*

*Ainda na noite de ontem O velho Allan-Bane previu o teu apuro; Um pai de cabelos grisalhos, cujo olhar atento Estava sobre o futuro visionado curvado. Ele viu o teu corcel, um tordilho malhado, Jazer morto sob o caminho de bétulas; Pintou exactos a tua forma e o teu porte, O teu traje de caça em verde de Lincoln; E ordenou que tudo estivesse pronto Para honrar um hóspede de nobre grau.*

---

Quanto ao resto, é difícil pôr em causa a verdade ou a exatidão de uma observação sobre a qual a evidência é tão direta e a autoridade tão respeitável. Considerando o carácter extraordinário desta alegada faculdade de previsão, ou instinto profético, em sonhos, considero-me afortunado por poder aduzir várias outras narrativas bem autenticadas diretamente relacionadas com ela. Não parece, contudo, que nestes casos, como no precedente, os sonhadores fossem videntes habituais. No primeiro, um evento altamente improvável foi prefigurado, com clareza, um ano antes de ocorrer. Tive a narrativa por escrito de uma senhora cujo nome, se me fosse apropriado dá-lo, seria para o público um aval mais que suficiente para a verdade da história.

## A REVOLTA INDIANA

"A Sra. Torrens, viúva do General Torrens, residindo agora em Southsea, perto de Portsmouth, cerca de um ano antes da revolta indiana sonhou que via a sua filha, a Sra. Hayes, e o marido dessa filha, o Capitão Hayes, atacados por sipaios; e seguiu-se uma pavorosa luta assassina, na qual o Capitão Hayes foi morto.

"Escreveu instantaneamente a suplicar que a sua filha e os filhos regressassem prontamente a casa; e, em consequência da sua extrema importunação, os seus netos chegaram no navio seguinte. Isto foi antes de se alimentar uma ideia sobre a revolta. Vi estas crianças frequentemente, em segurança, em Southsea. A Sra. Hayes permaneceu com o seu marido e sofreu todos os horrores do cerco em Lucknow, onde o Capitão Hayes caiu pelas mãos de sipaios — que primeiro lhe furaram os olhos e depois o mataram."

Apresentarei agora uma anedota, tão diretamente autenticada como qualquer uma das anteriores, que encontro no Apêndice da obra do Dr. Binns, "Anatomy of Sleep".* Foi comunicada ao autor pelo Hon. Sr. Talbot, pai da atual Condessa de Shrewsbury, e é dada pelas suas próprias palavras e sob a sua própria assinatura (tendo eu adicionado apenas o título), como se segue: —

## BELL E STEPHENSON

"No ano de 1768, o meu pai, Matthew Talbot, de Castle Talbot, condado de Wexford, ficou muito surpreendido com a recorrência de um sonho por três vezes distintas durante a mesma noite, o que o levou a repetir toda a circunstância à sua senhora na manhã seguinte. Sonhou que se levantara como de costume e descera à sua biblioteca, estando a manhã nublada. Sentou-se então ao seu *secrétaire* para escrever; quando, calhando olhar para uma longa alameda de árvores em frente à janela, percebeu um homem de casaco azul, montado num cavalo branco, vindo em direção à casa. O meu pai levantou-se e abriu a janela: o homem, avançando, apresentou-lhe um rolo de papéis e disse-lhe que eram faturas de um navio que naufragara e dera à costa durante a noite na propriedade do seu genro (Lord Mount Morris), ali perto, e assinadas 'Bell e Stephenson'.

"A atenção do meu pai foi despertada para o sonho apenas pela sua frequência; mas quando se viu sentado à sua secretária na manhã de nevoeiro, e avistou a idêntica pessoa que vira no seu sonho, de casaco azul, cavalgando um cavalo cinzento, sentiu-se surpreendido e, abrindo a janela, esperou pela aproximação do homem. Ele aproximou-se imediatamente e, tirando do bolso um pacote de papéis, deu-os ao meu pai, afirmando que eram faturas pertencentes a

um navio americano que naufragara e dera à costa na propriedade de sua senhoria; que não havia ninguém a bordo para reivindicar os destroços; mas que as faturas estavam assinadas 'Stephenson e Bell'.

---

• *"The Anatomy of Sleep", por Edward Binns, M.D., 2.ª ed., Londres, 1845, pp. 459, 460.*

---

"Asseguro-lhe, meu caro senhor, que o acima exposto ocorreu realmente e é dado mui fielmente; mas não é mais extraordinário do que outros exemplos dos poderes proféticos da mente ou alma durante o sono, que frequentemente ouvi relatar. "Vosso, mui fielmente, "William Talbot. "Alton Towers, 23 de Outubro de 1842."

No que precede encontramos o mesmo estranho elemento de ligeira imprecisão misturado com maravilhosa coincidência de detalhes já notado várias vezes. O homem com o seu casaco azul; o cavalo branco ou cinzento; o navio naufragado na propriedade de Lord Mount Morris; o rolo de faturas apresentado — tudo exibe completa correspondência entre o sonho premonitório e as ocorrências reais. Os nomes nas faturas, também, correspondem; mas a ordem em que aparecem está invertida: no sonho, 'Bell e Stephenson'; nas próprias faturas, 'Stephenson e Bell'.

Para não cansar o leitor estendendo demasiado este capítulo e por uma acumulação excessiva de exemplos, que poderiam (quanto a muitos dos pontos notados) ser multiplicados sem limite, enquanto talvez os citados possam bastar como um espécime justo do todo, aduzirei apenas mais um — um exemplo tão notável como qualquer um dos precedentes sobre a previsão em sonho; uma narrativa que foi verificada por um dos mais acreditados escritores sobre filosofia intelectual (pois tal o Dr. Abercrombie deve ser admitido como sendo) e para a qual, além disso, obtive um importante aval. O Dr. Abercrombie, após declarar que lhe é "possível dá-la como perfeitamente autêntica", relata-a (sem o título aqui dado) nestas palavras: —

## O CRIADO NEGRO

"Uma senhora sonhou que uma parente idosa fora assassinada por um criado negro; e o sonho ocorreu mais de uma vez.* Ficou então tão impressionada com ele que foi à casa da senhora a quem se referia e convenceu um cavalheiro a vigiar num quarto adjacente durante a noite seguinte. Por volta das três horas da manhã, o cavalheiro, ouvindo passos nas escadas, deixou o seu lugar de ocultação e encontrou o criado a carregar uma quantidade de carvão.

Sendo questionado sobre para onde ia, ele respondeu, de maneira confusa e apressada, que ia avivar o lume da sua patroa; o que, às três horas da manhã, no meio do Verão, era evidentemente impossível; e, sob investigação posterior, uma faca forte foi encontrada escondida debaixo do carvão."†

Esta narrativa, notável como é, não é dada com detalhe suficiente. Não insinua se a senhora que sonhou sabia ou não, na altura, que a sua parente idosa tinha um criado negro. Nem diz nada sobre a conduta e destino subsequentes desse criado. Nem fornece os nomes das partes. Sou, afortunadamente, capaz de suprir estas deficiências. Enquanto estava em Edimburgo, em Outubro de 1858, tive ocasião de submeter este capítulo a uma senhora — filha de um estadista distinto e ela própria bem conhecida por numerosas e bem-sucedidas obras — que, ao devolvê-lo, gentilmente apensou à narrativa acima a seguinte nota:—

---

• *É digno de atenção que muitos destes sonhos notáveis ocorrem mais de uma vez, como se (poder-se-ia supor) para produzirem no sonhador uma impressão mais profunda. No sonho precedente do Sr. Talbot, naquele que revelou a morte de Percival, no sonho de aviso da Sra. Griffith, no sonho do Vereador Clay e noutros, a visão foi repetida três vezes. † "Intellectual Powers", p. 214.*

---

"Esta senhora era a Sra. Rutherford, de Egerton, tia-avó de Sir Walter Scott; e eu própria ouvi a história da família. A senhora que sonhou era a filha do Sr. Egerton, então ausente de casa. No seu regresso, ficou atónita, ao entrar na casa da sua mãe, ao encontrar o próprio criado negro que vira no seu sonho, visto que ele fora contratado durante a sua ausência. Este homem foi, muito tempo depois, enforcado por homicídio; e, antes da sua execução, confessou que pretendia assassinar a Sra. Rutherford."

A história, com este aval de atestação — dando os nomes das pessoas referidas e fornecendo particulares que aumentam grandemente o valor da ilustração — é, creio eu, o exemplo mais forte de previsão em sonho que alguma vez encontrei. Vamos escrutiná-lo brevemente.

Em primeiro lugar, o sonho indicava dois particulares: um, que a mãe da sonhadora seria assassinada; o outro, que o assassinato seria cometido por um negro. Tivesse a filha sabido que a sua mãe tinha um criado negro, não seria apropriado considerar estes como factos independentes: na verdade, algo na maneira do homem poderia imaginar-se ter criado suspeita e assim dado forma ao sonho. Mas a filha não sabia, quando sonhou, que a sua mãe tinha um criado

negro. Ficou atónita ao encontrá-lo no seu regresso a casa. Este é um dos pontos mais fortes do caso; pois exclui todo o argumento de que a implicação do negro no assunto foi naturalmente sugerida à sonhadora.

Aqui, portanto, está a indicação em sonho de duas especificações independentes, das quais determinar corretamente qualquer uma teria sido, a ser um acidente, um do qual a expectativa matemática é extremamente pequena. Na quietude da vida doméstica, num país civilizado e numa classe respeitável, um homicídio deliberado não ocorre a uma em milhões de pessoas. Havia milhões para um, então, contra o prever fortuito, no caso de um indivíduo particular, desse único evento.

Assim, novamente, em relação à outra especificação. Negros são raros na Escócia. Tivesse o sonho sido meramente que um negro cometeria um homicídio em Edimburgo, sem designar a pessoa assassinada, quão difícil seria imaginar, caso o evento, ocorrendo poucos dias depois, tivesse justificado a predição, que tal cumprimento fora puramente acidental! Mas quando se trata do evento duplo, a expectativa matemática diminui até que, na prática, pode considerar-se como inapreciável. As probabilidades contra esse evento duplo, como uma ocorrência puramente fortuita, são tais que sobre elas agimos constantemente na vida diária com a mesma segurança que sobre a própria certeza.

É verdade que, com aquela inexplicável penumbra de visão que parece caracterizar tantas vezes fenómenos semelhantes, o evento vindouro é apenas indicado, não distintamente vaticinado. O sonho da filha foi que a sua mãe fora assassinada; e isto não tinha acontecido. O efeito sobre o seu espírito, contudo, ajudado pela repetição do seu sonho, foi tal que a levou a tomar precauções contra tal contingência no futuro; e aconteceu que na própria noite em que a precaução foi tomada, a tentativa foi feita. Aqui está uma terceira coincidência.

Foi tudo isto acidente? Não houve aviso dado? Não houve intenção, ao agir em sonho sobre a mente da filha, de salvar a vida da mãe? Se respondermos a estas perguntas pela negativa, não estaremos a descartar as mais claras regras de evidência que, por imposição da razão, adotámos para o governo da vida diária?

Mas se, por outro lado, admitirmos que houve um aviso — que houve uma intenção —, então, quem deu esse aviso? E que inteligência foi essa que teve a intenção?

Pode considerar-se como um mero corte do nó górdio assumir a teoria da guarda espiritual.* Contudo, se essa teoria for rejeitada, temos alguma outra para colocar no seu lugar?

Mas, sem tocar mais por agora nesta última hipótese, façamos aqui uma pausa por um momento para refletir para onde a evidência real a que chegámos — colhida, certamente, de fonte não suspeita — nos está a conduzir? Se assentirmos a ela — se, com Abercrombie e o avalista da sua narrativa tocante ao criado negro da Sra. Rutherford, nos sentirmos compelidos a admitir essa narrativa como um facto —, ignoraremos as legítimas, as inevitáveis consequências? Continuaremos, com Macnish, a declarar que a crença no poder ocasional dos sonhos de nos darem uma visão do futuro é "uma opinião tão singularmente pouco filosófica" que é indigna de nota?

Colocaremos de lado, sem examinar, com desprezo ou zombaria, em vez de escrutinar com cuidado paciente, as pretensões de certos observadores quanto aos fenómenos mais elevados que se diz caracterizarem alguns estados de sonambulismo — como clarividência, visão à distância e esta própria faculdade de previsão? Se vamos falar do singularmente pouco filosófico, um tal procedimento como este forneceria certamente um exemplo notável disso.

E não há abundante justificação para a observação feita anteriormente de que nos compete, se quisermos obter uma visão abrangente deste assunto,

---

• *Veja, nesta ligação, as narrativas intituladas "The Rejected Suitor" e "How Senator Linn's Life was Saved": ambas no Livro V.*

---

estudar todos os vários estados hipnóticos na sua ligação uns com os outros? Antes de empreendermos os "prodígios do mesmerismo", resolvamos os prodígios maiores do sono.

Finalmente, que tal investigação seja negligenciada é tanto menos defensável visto que ocorre em países cristãos, onde a Bíblia é lida e os seus ensinamentos venerados. Mas se há uma doutrina ali ensinada plenamente, inequivocamente, por alegação direta e por numerosos exemplos, tanto no Antigo Testamento como no Novo, é a mesma que prevaleceu, como Cícero nos lembra,* em cada nação, seja polida e instruída, ou bárbara e iletrada; a doutrina, nomeadamente, de que nas visões da noite os homens ocasionalmente recebem mais do que lhes é ensinado ao longo de toda a vigilância desperta do dia.

As ilustrações de tal doutrina estão espalhadas por toda a Bíblia. O Antigo Testamento, especialmente, está cheio delas: testemunhem os sonhos de Abimeleque, de Faraó, de Saul, de Salomão, de Nabucodonosor; e, novamente, de Jacob, de Labão, de Daniel. Mas, passando do Antigo para os sonhos do Novo Testamento, descobrimos que sobre alguns destes repousam, em certa medida,

alguns dos próprios artigos de fé cardinais para o credo da igreja ortodoxa, seja protestante ou católica. Tais são os sonhos dos Magos do Oriente, de José, da mulher de Pilatos.

É muito verdade, e deve aqui ser levado em conta, que a maioria dos escritores que nega aos sonhos qualquer carácter extraordinário ou profético faz exceção, direta ou implicitamente, daqueles registados na Escritura. Mas a própria Escritura em parte alguma autoriza tal distinção. Eliú anuncia uma verdade geral em termos gerais: — "Em sonhos, em visão da noite... abre o ouvido dos homens e sela a sua instrução."

---

• *"De Divinatione", lib. i. §§ 1, 2, e 3.*

---

Limitaremos isto aos homens de qualquer época particular? Com que garantia? Por uma licença semelhante, não poderemos explicar e anular qualquer texto que seja? Aquele, por exemplo, com o qual Eliú encerra a sua eloquente admoestação: —

"Deus não respeita nenhum daqueles que são sábios de coração."

Muitos se encontrarão a desconsiderar, na prática, o aviso implícito contra a autossuficiência presunçosa, mas poucos suficientemente ousados para alegar que, embora a observação se aplicasse aos intelectuais autossuficientes nos tempos de Job, ela é antiquada e inaplicável, nestes últimos dias, a nós mesmos.

Se não queremos ser encontrados assim ousados na casuística — se, em ligação com os fenómenos aqui breve e imperfeitamente examinados, aceitarmos e tomarmos para nós a lição encarnada nas palavras de Eliú —, poderemos ser induzidos a concluir que nos compete dedicar mais tempo e atenção a um assunto importante e negligenciado* do que os homens até agora lhe dedicaram, antes de pronunciar autoritariamente, quanto a todos os sonhos modernos de qualquer espécie, que eles não passam de errâncias sem propósito de uma imaginação vagabunda; que nunca exibem uma inteligência que exceda a do sentido desperto; que nunca, sob circunstância alguma, revelam o distante ou prefiguram o futuro; que nunca, em caso algum, avisam ou evitam: numa palavra, que todas as visões da noite, sem exceção, são inteiramente inconsequentes, fantásticas e pouco fiáveis.

---

• *Abercrombie conclui o seu capítulo sobre o Sonhar como se segue: — "O ligeiro esboço que acaba de ser dado sobre o sonhar pode servir para mostrar*

*que o assunto não é apenas curioso, mas importante. Parece ser digno de investigação cuidadosa; e há muita razão para acreditar que uma coleção extensa de factos autênticos, cuidadosamente analisados, revelaria princípios de muito grande interesse em referência à filosofia das faculdades mentais." — "Intellectual Powers", p. 224.*

# LIVRO III
# PERTURBAÇÕES POPULARMENTE DESIGNADAS POR ASSOMBRAÇÕES

## CAPÍTULO I
## CARÁTER GERAL DOS FENÓMENOS

"Pois isto não é questão de
hoje
Ou de ontem, mas existe desde
todo o tempo;
E ninguém nos pode dizer de onde
veio, ou como."
— Sófocles.

Aquele movimento extraordinário e influente, vulgarmente denominado espiritual, que assolou estes Estados Unidos e se espalhou daqui, em maior ou menor grau, por todos os países da Europa, teve a sua origem num fenómeno, ou alegado fenómeno, do caráter que habitualmente tem sido designado como uma casa assombrada.

Numa obra como a presente, é, pois, adequado que esta classe de fenómenos, embora desprezada e ridicularizada pelo Saduceísmo moderno, tenha lugar como digna de um exame sério. E, ao prosseguir tal exame, citando os

exemplos mais bem atestados, a questão justa não é se em cada um deles cada pormenor minucioso é criticamente exato; — pois que história, antiga ou moderna, suportaria tal teste? — mas se, de uma forma geral, as narrativas trazem a marca da verdade; se existem provas suficientes para indicar que elas se baseiam numa realidade substancial. Em tal inquérito, levemos connosco duas considerações: recordando, por um lado, que, quando as paixões do espanto e do medo são fortemente excitadas, a imaginação dos homens é propensa ao exagero; e, por outro, que, como noutro local exposto,* não existem alucinações coletivas. A questão justa é, então, se, mesmo que este assombramento de casas seja frequentemente uma mera superstição popular, não haverá ainda assim alguma verdade factual, algum fenómeno genuíno, subjacente ao mesmo.

Ao joeirar, de entre uma grande massa apócrifa, as comparativamente poucas histórias desta classe que nos chegam de forma autêntica, afiançadas por respeitável autoridade contemporânea, sustentadas por especificações de tempo, lugar e pessoa, apoiadas por vezes por juramentos judiciais, somos forçosamente atingidos pela observação de que, ao fazer assim a seleção, encontramos descartadas todas as histórias da escola fantasmagórica de horror, todos os espetros esqueléticos com os vermes rastejando para dentro e para fora, todos os demónios com cornos e cauda ortodoxos, todas as luzes da meia-noite ardendo em azul, com outros embelezamentos semelhantes; e resta um conjunto de prodígios comparativamente sóbrio e prosaico, — inexplicáveis, na verdade, por qualquer agência física conhecida, mas despojados daquele sobrenaturalismo berrante em que Anne Radcliffe se deleitava e que Horace Walpole não desdenhou empregar.

No seu lugar, contudo, encontramos um elemento que por alguns pode ser considerado igualmente surpreendente e improvável. Refiro-me ao aspeto travesso, barulhento e caprichoso que estas perturbações ocasionalmente assumem. Tão habituados estamos a considerar todas as visitações espirituais, se as houver, como sendo não apenas sérias e importantes, mas de um caráter solene e reverencial, que a nossa repugnância natural ou adquirida em admitir a realidade de quaisquer fenómenos não explicáveis por agência mundana é grandemente aumentada quando descobrimos neles mero capricho e trivialidade.

* Veja-se o capítulo seguinte, onde é feita a distinção entre ilusão e alucinação; uma baseada numa realidade, a outra uma mera doença dos sentidos.

É muito certo que, se as perturbações do caráter aludido forem obra de espíritos desencarnados, parece tratar-se de espíritos de uma ordem

comparativamente inferior; como diabinhos, poderíamos dizer, de folia e desmando; não perversos, ao que parece, ou, se perversos, impedidos de infligir ferimentos graves, mas, por assim dizer, duendes matreiros, espíritos cheios de partidas e leviandades, — uma espécie de Pucks, — "esprits espiègles", como diz a frase francesa; ou como os alemães, criando um epíteto expressamente para esta suposta classe de espíritos, os designaram, poltergeister.

Se se pode argumentar plausivelmente que não podemos razoavelmente imaginar espíritos a revisitar as cenas da sua existência anterior sem um objetivo mais elevado, para nenhum propósito mais nobre do que estas narrativas revelam, deve conceder-se também, pela mesmíssima razão, que não era provável que os homens inventassem histórias de tal caráter sem nenhum fundamento real sobre o qual construir. A imaginação, uma vez em ação, não se restringiria a pancadas, e raspagens, e a sacudir móveis, e a provocar crianças, e aborrecimentos mesquinhos semelhantes. Conjuraria algo mais impressionante e misterioso.

Mas o meu trabalho aqui é com factos, não com teorias; com o que encontramos, não com o que, de acordo com as nossas noções atuais, poderíamos esperar encontrar. Quanto não há na natureza que, se nos sentássemos de antemão a conjeturar probabilidades, desmentiria diretamente as nossas antecipações! E, ao escolher os factos, ou o que pretende sê-lo, não recuarei mais do que dois séculos.*

---

** Aqueles que estão dispostos a divertir-se (pois, na verdade, equivale a pouco mais do que divertimento) podem encontrar em vários escritores antigos narrativas de casas assombradas, aparentemente tão bem atestadas como qualquer outra parte da história da época. Plínio, o Jovem, tem uma (Plin. Junior, Epist. ad Suram. lib. vii. cap. 27) que ele relata como tendo ocorrido ao filósofo Atenodoro. O cético Luciano (em Philo-paend. p. 8-10) relata outra de um homem chamado Arignotes. Em dias posteriores, Antonio Torquemada (nas suas "Flores Curiosas", Salamanca, 1570) tem a história de um certo Vasquez de Ayola. Em todos estes três casos, alega-se que um espetro desapareceu num local onde, ao escavar, foi encontrado um esqueleto. Alexander ab Alexandro, um erudito advogado napolitano do século XV, afirma, como facto de notoriedade comum, que em Roma há uma série de casas com tão má reputação de serem assombradas que ninguém se atreverá a habitá-las; e acrescenta que, desejando testar a verdade do que se dizia a respeito de uma dessas casas, ele, juntamente com um amigo chamado Tuba e outros, passou lá uma noite, quando*

*foram aterrorizados pelo aparecimento de um fantasma e pelos mais assustadores ruídos e perturbações. — Alexander ab Alexandro, lib. v. cap. 23.*

---

Cem casos semelhantes poderiam ser aduzidos, especialmente dos escritos dos antigos padres, como Santo Agostinho, São Germano, São Gregório e outros. Mas nenhuma inferência fiável pode ser tirada destas velhas histórias vagas, exceto a prevalência universal, em todas as épocas, da mesma ideia.

Até a impressão se tornar uma arte comum, e os livros serem lidos livremente além dos limites de um círculo erudito e restrito, uma narrativa de eventos questionáveis não poderia obter aquela circulação alargada que a exporia à crítica geral, ofereceria uma oportunidade justa de refutação e daria assim às eras futuras alguma garantia contra os erros frequentes de uma declaração ex-parte.

## CAPÍTULO II
## NARRATIVAS

"Não tenho humor nem prazer em contar histórias, e não as publico para a satisfação daqueles que os têm; mas registo-as como argumentos para a confirmação de uma verdade, a qual tem sido de facto atestada por multidões de evidências semelhantes em todos os lugares e tempos." —

Rev. Joseph Glanvil:

Pref. ao seu Sadducismus Triumphatus.

A primeira narrativa que seleciono foi objeto de interesse e controvérsia em toda a Inglaterra durante vinte anos e mais, e foi publicada, quase ao tempo das alegadas ocorrências, por um homem de caráter e posição.

### A NARRATIVA DE GLANVIL

Perturbações na casa do Sr. Mompesson em Tedworth.

1661 a 1663.

O Rev. Joseph Glanvil, capelão comum de Carlos II, era um homem bem e favoravelmente conhecido no seu tempo, tanto pelas suas várias obras teológicas

como pela sua defesa da filosofia Baconiana, e como o campeão, contra certos detratores, da Royal Society, da qual era membro.

No ano de 1666, publicou o seu "Sadducismus Triumphatus", no qual, para sustentar as opiniões populares daquela época sobre o assunto de bruxas e aparições, inclui o que ele chama de uma "coleção escolhida de relações modernas". A maioria destas baseia-se em boatos, algumas fundamentadas em confissões de acusados e outras evidências agora admitidas como pouco fiáveis; mas a primeira e principal relação, intitulada por Glanvil "The Drummer of Tedworth", é de um caráter diferente, sendo uma narrativa de eventos ocorridos, em intervalos ao longo de dois anos inteiros, na casa de um cavalheiro de caráter e posição, o Sr. John Mompesson, de Tedworth, no condado de Wilts; uma parte dos quais eventos foram testemunhados pelo próprio Glanvil.

Parece que em março de 1661, o Sr. Mompesson, na sua qualidade de magistrado, mandara prender um tamborilante vagabundo, que andava a incomodar o país com pedidos barulhentos de caridade, e mandara tirar-lhe o tambor e deixá-lo nas mãos do oficial de diligências. Este facto o Sr. Mompesson imaginou estar ligado às perturbações que se seguiram, e das quais os principais detalhes são aqui dados, citados literalmente da obra de Glanvil.

"Por volta de meados de abril seguinte (isto é, em 1661), quando o Sr. Mompesson se preparava para uma viagem a Londres, o oficial enviou o tambor para sua casa. Quando ele regressou dessa viagem, a sua esposa disse-lhe que tinham ficado muito assustados durante a noite por ladrões, e que a casa parecera prestes a ser arrombada. E ele não estivera em casa mais de três noites quando se ouviu o mesmo ruído que perturbara a família na sua ausência.

Era uma pancada muito grande nas suas portas e no exterior da sua casa. Perante isto, ele levantou-se e percorreu a casa com um par de pistolas nas mãos. Abriu a porta onde se ouvia a grande pancada, e então ouviu o ruído noutra porta. Abriu essa também, e deu a volta à casa, mas não conseguiu descobrir nada, apenas continuava a ouvir um ruído estranho e um som oco. Quando voltou para a cama, o ruído era um baque e um rufar no topo da sua casa, que continuou por um bom espaço, e depois, gradualmente, desapareceu no ar.

"Depois disto, o ruído de batidas e rufos de tambor tornou-se muito frequente, habitualmente cinco noites seguidas, e depois parava três. Era no exterior da casa, que era na sua maior parte de madeira. Vinha constantemente quando se iam deitar, fosse cedo ou tarde. Após um mês de perturbação no

exterior, passou para a sala onde o tambor estava, quatro ou cinco noites em sete, meia hora depois de estarem na cama, continuando quase duas. O sinal disso, mesmo antes de vir, era um arremesso no ar sobre a casa; e, ao cessar, o rufar de um tambor como aquele no desbaratar de uma guarda. Continuou nesta sala pelo espaço de dois meses, tempo durante o qual o próprio Sr. Mompesson ali se deitou para observar."*

Durante o resguardo da Sra. Mompesson, e por três semanas depois disso, houve uma interrupção; mas "após esta cessação civilizada", diz Glanvil, "regressou de uma maneira mais rude do que antes, e seguiu e atormentou as crianças mais novas, batendo nas suas armações de cama com tal violência, que todos os presentes esperavam que se desfizessem em pedaços. Ao pôr as mãos sobre elas, não se sentiam pancadas, mas podia-se percebê-las a abanar excessivamente. Por uma hora seguida, batia 'Round-Heads and Cuckolds', o 'Tat-too', e vários outros pontos de guerra, tão bem como qualquer tamborilante. Depois disto, ouviam um arranhar debaixo da cama das crianças, como se fosse por algo que tivesse garras de ferro. Levantava as crianças nas suas camas, seguia-as de um quarto para outro e, por um tempo, não assombrava ninguém particularmente exceto elas."

A parte seguinte do relato é ainda mais maravilhosa; e Glanvil afirma que as ocorrências tiveram lugar na presença de um ministro do evangelho, o Sr. Cragg, e de muitos vizinhos que tinham vindo à casa de visita.

"O ministro foi rezar com eles, ajoelhando-se à beira da cama das crianças, onde era então muito problemático e barulhento. Durante o tempo da oração, retirou-se para o sótão, mas regressou assim que as orações terminaram; e então, à vista da companhia, as cadeiras andaram pela sala por si mesmas, os sapatos das crianças foram arremessados sobre as suas cabeças e todos os objetos soltos se moveram pela câmara.

---

* "Sadducismus Triumphatus; or, Full and Plain Evidence concerning Witches and Apparitions", por Joseph Glanvil, falecido Capelão Comum de Sua Majestade, e Membro da Royal Society, 3ª ed., Londres, 1689, pp. 322-323.

---

Ao mesmo tempo, uma vara de cama foi atirada ao ministro, mas tão favoravelmente, que um floco de lã não poderia ter caído mais suavemente; e observou-se que parou exatamente onde tocou, sem rolar ou mover-se do lugar." (p. 324.)

Por mais caprichoso e improvável que tudo isto possa parecer, encontraremos paralelo em exemplos modernos ocorridos tanto na Europa como na América.

O próximo extrato introduz uma nova característica, bem merecedora da nossa atenção. É a indicação mais antiga que encontrei daquela resposta dos sons, com aparente inteligência, que se expandiu nestes Estados Unidos para proporções tão vastas.

"O Sr. Mompesson, percebendo que aquilo perseguia tanto as crianças pequenas, alojou-as na casa de um vizinho, levando a sua filha mais velha, que tinha cerca de dez anos de idade, para o seu próprio quarto, onde não tinha estado um mês antes. Assim que ela estava na cama, a perturbação começou ali novamente, continuando por três semanas, rufando e fazendo outros ruídos; e observou-se que respondia exatamente no rufar a qualquer coisa que fosse batida ou pedida." (p. 324.)

Aqui está outro extrato, confirmando observações semelhantes tocantes à conduta de animais durante perturbações parecidas noutros locais.

"Notou-se que quando o ruído era mais alto, e vinha com a violência mais súbita e surpreendente, nenhum cão da casa se movia, embora a pancada fosse muitas vezes tão barulhenta e rude que fora ouvida a uma distância considerável nos campos, e acordara os vizinhos na aldeia, nenhum dos quais vive muito perto disto." (p. 324.)

As perturbações continuaram ao longo de dois anos, algumas delas sendo registadas (p. 332) como tendo tido lugar no mês de abril de 1663. O Sr. Mompesson e os seus amigos atribuíram-nas à malícia do tamborilante, em liga com o Maligno. E nisto foram confirmados pelos seguintes incidentes, ocorridos no mês de janeiro de 1662. Aqueles que têm qualquer experiência em comunicações semelhantes dos nossos dias sabem bem quão pouca confiança deve ser depositada em tais, quando não corroboradas por outra evidência, exceto como indicação de alguma inteligência oculta.

"Durante o tempo das batidas, quando muitos estavam presentes, um cavalheiro da companhia disse: 'Satanás, se o tamborilante te pôs a trabalhar, dá três pancadas e não mais'; o que ele fez muito distintamente, e parou. Então o cavalheiro bateu, para ver se lhe responderia como costumava; mas não o fez. Para prova posterior, ele ordenou-lhe, para confirmação, se fosse o tamborilante, que desse cinco pancadas e não mais naquela noite, o que fez, e deixou a casa sossegada toda a noite depois. Isto foi feito na presença de Sir Thomas Chamberlain, de Oxford, e de vários outros." (p. 326.)

Até aqui a narrativa, conforme derivada pelo nosso autor do Sr. Mompesson e outros; mas o próprio Sr. Glanvil visitou o local da perturbação em janeiro de 1662, e dá-nos o resultado das suas observações pessoais, como se segue: —

"Por esta altura fui à casa, com o propósito de inquirir a verdade dessas passagens, das quais havia tão grande rumor. Tinha cessado o seu rufar e ruídos mais rudes antes de eu lá chegar; mas a maioria das circunstâncias mais notáveis antes relatadas foram-me ali confirmadas por vários vizinhos juntos, que tinham estado presentes nelas. Nesta altura costumava assombrar as crianças, e isso logo que eram deitadas. Foram para a cama naquela noite em que eu lá estava, por volta das oito horas, quando uma criada, descendo de junto delas, nos disse que tinha chegado. Os vizinhos que lá estavam, e dois ministros que tinham visto e ouvido diversas vezes, foram-se embora; mas o Sr. Mompesson e eu, e um cavalheiro que veio comigo, subimos. Ouvi um arranhar estranho enquanto subíamos as escadas e, quando chegámos ao quarto, percebi que era precisamente atrás do travesseiro da cama das crianças, e parecia ser contra o tique.

Era um arranhar alto, como alguém com unhas compridas poderia fazer num travesseiro. Havia duas meninas modestas na cama, entre os sete e os onze anos, segundo calculei. Vi as suas mãos fora das cobertas, e elas não podiam contribuir para o ruído que estava atrás das suas cabeças. Estavam habituadas a isso, e tinham sempre alguém ou outro no quarto com elas, e por isso pareciam não estar muito assustadas. Eu, de pé à cabeceira da cama, enfiei a minha mão por trás do travesseiro, direcionando-a para o lugar de onde o ruído parecia vir."

Nesse momento o ruído cessou ali, e foi ouvido noutra parte da cama. Mas, quando retirei a minha mão, ele regressou, e foi ouvido no mesmo lugar de antes. Tinham-me dito que ele imitaria ruídos, e fiz a prova arranhando várias vezes o lençol, como 5, e 7, e 10, o que ele seguiu e parou sempre no meu número. Procurei debaixo e atrás da cama, levantei os lençóis até às cordas da cama, segurei o travesseiro, bati na parede atrás e fiz toda a busca que me foi possível

para descobrir se havia algum truque, artimanha ou causa comum para aquilo: o mesmo fez o meu amigo; mas nada conseguimos descobrir.

De modo que fiquei então verdadeiramente convencido, e continuo a sê-lo, de que o ruído era feito por algum demónio ou espírito. Depois de ter arranhado durante cerca de meia hora ou mais, foi para o meio da cama, debaixo das crianças, e ali pareceu arquejar, como um cão sem fôlego, muito alto. Pus a minha mão sobre o lugar e senti a cama a fazer pressão contra ela, como se algo por dentro a tivesse empurrado para cima. Apertei as penas para sentir se havia algum ser vivo lá dentro. Olhei por baixo, e por todo o lado, para ver se havia algum cão ou gato, ou qualquer criatura do género, no quarto, e assim fizemos todos, mas nada encontrámos. O movimento que causava com este arquejar era tão forte que abanava os quartos e as janelas de forma muito sensível. Continuou por mais de meia hora, enquanto eu e o meu amigo permanecemos no quarto; e por outro tanto tempo depois, conforme nos foi dito.

"Sei que será dito, por alguns, que eu e o meu amigo estávamos sob algum susto e, por isso, imaginámos ruídos e visões que não existiam. Esta é a eterna evasão. Mas, se é possível saber como um homem é afetado quando está com medo e quando está indiferente, eu certamente sei, pela minha parte, que durante todo o tempo em que estive no quarto, e na casa, não estive sob mais sobressalto do que estou enquanto escrevo este relato. E, se sei que estou agora acordado e que vejo os objetos que estão diante de mim, sei que ouvi e vi as particularidades que contei." (pp. 328 a 330.)

O Sr. Glanvil conclui o relato, cujas repetições e partes menos interessantes omiti por uma questão de brevidade, da seguinte forma:—

"Assim escrevi a suma da perturbação do Sr. Mompesson, a qual obtive em parte da sua própria boca, relatada perante diversos que tinham sido testemunhas de tudo e confirmaram o seu relato; e em parte das suas próprias cartas, das quais a ordem e a série das coisas são retiradas. As mesmas particularidades ele escreveu também ao Dr. Creed, na altura Doutor da cátedra em Oxford." (p. 334.)

Resta dizer que, algum tempo após a primeira detenção do tamborilante, o Sr. Mompesson fê-lo prender novamente por crime grave (sob o estatuto de I. Jaime, cap. 12), pela suposta feitiçaria em sua casa. O grande júri considerou a acusação procedente; mas, para honra do júri comum, diga-se que o homem foi absolvido, não tendo sido provada a sua ligação com as perturbações. A realidade das perturbações foi jurada por várias testemunhas. A este facto o Sr.

Mompesson alude numa carta escrita por ele a um Sr. James Collins, datada de Tedworth, 8 de agosto de 1674, e publicada na íntegra no livro de Glanvil. Cito dessa carta: —

"As testemunhas sob juramento fomos eu próprio, o Sr. William Maton, um Sr. Walter Dowse — todos ainda vivos e, creio eu, de tão boa reputação como qualquer outro que este condado possua — e um Sr. Joseph Cragg, então ministro do lugar, mas entretanto falecido. Todos depusemos sobre várias coisas que concebemos impossíveis de serem feitas por quaisquer agentes naturais, como o movimento de cadeiras, bancos e varas de cama, sem ninguém estar perto deles, o rufar de tambores no ar sobre a casa em noites claras, sem nada visível, o abanar do chão e das partes mais fortes da casa em noites quietas e calmas, com várias outras coisas de natureza semelhante."*

Noutra carta, endereçada pelo Sr. Mompesson ao próprio Sr. Glanvil, com data de 8 de novembro de 1672, ele diz: —

"Encontrando o Dr. Pierce acidentalmente em casa de Sir Robert Button, ele informou-me de algo que passou entre o meu Lorde de R. e vós sobre os meus problemas, etc.; ao que (tendo pouco tempo livre) dou este relato: Que tenho sido muito frequentemente questionado, ultimamente, se não confessei a sua majestade, ou a qualquer outro, que se descobrira ser uma fraude aquele assunto.

Ao que dei, e darei até ao meu dia de morte, a mesma resposta: Que teria de mentir a mim próprio, e também cometer perjúrio, para reconhecer uma fraude numa coisa onde tenho a certeza de que nem houve nem poderia haver nenhuma, como eu, o ministro do lugar e outros dois cavalheiros honestos depusemos nas sessões judiciais aquando da minha acusação contra o tamborilante. Se o mundo não quiser acreditar, ser-me-á indiferente, orando a Deus que me livre da mesma ou de aflição semelhante."*

---

** Carta de Mompesson a Collins, apresentada na íntegra no prefácio da segunda parte de "Sadducismus Triumphatus" de Glanvil, 3ª ed., 1689. Não aparece na 1ª edição, por não ter sido escrita na altura.*

---

Tal é um compêndio dos factos essenciais neste caso, literalmente extraídos da obra de Glanvil, para a qual se remete o leitor curioso para um relato mais detalhado. Em ligação com a narrativa acima, deve notar-se principalmente: —

Que as perturbações continuaram por dois anos inteiros, a saber, de abril de 1661 até abril de 1663; e que o Sr. Mompesson se instalou para passar a noite, durante dois meses de cada vez, num quarto particular, expressamente com o propósito de as observar.

Que os sons produzidos eram tão altos que acordavam os vizinhos na aldeia adjacente, a uma distância considerável da casa do Sr. Mompesson.

Que o movimento na cama das crianças, na presença do Sr. Glanvil, foi tão grande que abanou sensivelmente as portas e janelas da casa.

Que os factos, recolhidos por Glanvil na altura em que ocorreram, foram publicados por ele quatro anos depois, ou seja, em 1666; e que os mais importantes destes factos foram jurados num tribunal de justiça.

Que dez anos após estas ocorrências terem tido lugar, e quando se relatava que o Sr. Mompesson admitira a descoberta de um truque, esse cavalheiro negou explicitamente que alguma vez tivesse descoberto qualquer causa natural para os fenómenos e, da maneira mais solene, endossou as suas declarações anteriores ao Sr. Glanvil.

---

** A carta é dada na íntegra no prefácio da obra de Glanvil, 3ª edição. É notável a falta de escrúpulos com que alguns homens, que deveriam saber melhor, negam, sem qualquer fundamento, a verdade de algum facto indesejado. Na "Philosophy of Mystery", de Walter Cooper Dendy, Membro e Secretário Honorário da Sociedade Médica de Londres, o autor, falando do "mistério do Demónio de Tedworth", diz: "Isto também foi fonte de extremo espanto até que o tamborilante foi julgado e condenado e o Sr. Mompesson confessou que o mistério era efeito de artimanha." — Capítulo "Illustration of Mysterious Sounds", pp. 149, 150.*

---

Quando a estas considerações se acrescentam as seguintes observações do Sr. Glanvil sobre o caráter do Sr. Mompesson e as probabilidades de impostura sob as circunstâncias, o leitor tem diante de si todos os materiais para julgar este caso.

"O Sr. Mompesson é um cavalheiro de cuja verdade neste relato não tenho o menor motivo de suspeita, não sendo ele nem vaidoso nem crédulo, mas uma pessoa discreta, sagaz e viril. Ora, o crédito de questões de facto depende muito dos relatores, os quais, se não podem ser enganados eles mesmos nem supostos

de forma alguma interessados em enganar os outros, devem ter crédito. Pois sobre estas circunstâncias se fundamenta toda a fé humana, e a questão de facto não é capaz de qualquer outra prova senão a da evidência sensível imediata.

Além disso, não se pode pensar que este cavalheiro ignore se aquilo que relata é verdade ou não, — sendo o cenário de tudo a sua própria casa, ele próprio a testemunha, e isso não de uma circunstância ou duas, mas de uma centena, nem de uma vez ou duas apenas, mas pelo espaço de alguns anos, durante os quais foi um observador interessado e inquisitivo. De modo que não se pode, com qualquer aparência de razão, supor que algum dos seus criados o tenha enganado, visto que em todo esse tempo ele teria necessariamente detetado o engano. E que interesse poderia ter tido qualquer pessoa da sua família (se tivesse sido possível geri-lo sem descoberta) para continuar por tanto tempo uma impostura tão problemática e tão prejudicial? Nem se pode, com ponta de maior probabilidade, imaginar que a sua própria melancolia o tenha iludido, visto que (além de ele não ser uma pessoa louca nem imaginativa) esse humor não poderia ter sido tão duradouro e pertinaz.

Ou, se assim fosse nele, podemos pensar que ele afetou toda a sua família e aquelas multidões de vizinhos e outros que tinham sido tão frequentemente testemunhas daquelas passagens? Tais suposições são despropositadas, e não são passíveis de tentar ninguém senão aqueles cujas vontades são as suas razões. Assim, perante tudo isto, o relator principal, o próprio Sr. Mompesson, sabia se o que relata era verdade ou não, se aquelas coisas ocorridas em sua casa eram fraudes inventadas ou realidades extraordinárias. E, sendo assim, que interesse poderia ele servir ao levar por diante ou ao ser conivente com um plano de malabarismo e impostura?

"Ele sofreu com isso no seu nome, no seu património, em todos os seus assuntos e na paz geral da sua família. Os descrentes em matéria de espíritos e bruxas tomaram-no por um impostor. Muitos outros julgaram que a permissão de um mal tão extraordinário era o julgamento de Deus sobre ele por alguma maldade ou impiedade notória. Assim, o seu nome esteve continuamente exposto à censura, e o seu património sofreu com o concurso de pessoas de todas as partes para a sua casa; pela distração que isso lhe causou nos seus negócios; pelo desânimo dos criados, por motivo do qual dificilmente conseguia que algum vivesse com ele.

Ao que acrescento, a contínua azáfama em que a sua família se encontrava, os sustos, as vigílias e a perturbação de toda a sua casa (na qual ele próprio devia

ser o mais interessado). Digo que, se estas coisas forem consideradas, haverá pouca razão para pensar que ele teria qualquer interesse em aplicar um embuste ao mundo, no qual ele próprio se teria prejudicado e maltratado acima de tudo."*

Deixando este caso nas mãos do leitor, passo para outro, ocorrido no século XVIII.

## A NARRATIVA DOS WESLEY

**Perturbações na casa paroquial do Sr. Wesley em Epworth. 1716 e 1717.**

No ano de 1716, o Rev. Samuel Wesley, pai do célebre John Wesley, o fundador do Metodismo, era reitor de Epworth, no condado de Lincoln, Inglaterra. Na sua casa paroquial, a mesma em que John nasceu, ocorreram, ao longo dos meses de dezembro de 1716 e de janeiro de 1717, diversas perturbações, das quais o Sr. Samuel Wesley manteve um diário detalhado. As particularidades são preservadas adicionalmente em doze cartas escritas sobre o assunto, na altura, para e de vários membros da família. Além disso, o próprio Sr. John Wesley foi a Epworth no ano de 1720, inquiriu cuidadosamente as particularidades, recebeu declarações por escrito de cada membro da família tocantes ao que tinham visto e ouvido, e compilou a partir delas uma narrativa que publicou na "*Arminian Magazine*".

Os documentos originais foram preservados na família, chegaram às mãos da Sra. Earle, neta do Sr. Samuel Wesley (o irmão mais velho de John), foram confiados por ela a um Sr. Babcock e por este entregues ao bem conhecido Dr. Joseph Priestley, por quem o conjunto foi publicado pela primeira vez em 1791.*

Foram reimpressos pelo Dr. Adam Clarke, nas suas "*Memoirs of the Wesley Family*".† Cobrem quarenta e seis páginas dessa obra; e, como contêm numerosas repetições, contento-me em transcrever apenas uma parte, começando com a narrativa redigida pelo Sr. John Wesley, a que já me referi.

## NARRATIVA

"Em 2 de dezembro de 1716, enquanto Robert Brown, criado do meu pai, estava sentado com uma das criadas, pouco antes das dez da noite, na sala de jantar, que abria para o jardim, ambos ouviram alguém a bater à porta. Robert levantou-se e abriu-a, mas não conseguiu ver ninguém. Rapidamente bateu de novo e gemeu. 'É o Sr. Turpine', disse Robert: 'ele tem a pedra, e costuma gemer

assim'. Abriu a porta novamente duas ou três vezes, tendo a pancada sido repetida duas ou três vezes; mas, continuando a não ver nada, e ficando um pouco sobressaltado, levantaram-se e foram para a cama.

Quando Robert chegou ao topo das escadas do sótão, viu um moinho de mão que estava a uma pequena distância a girar muito rapidamente. Quando relatou isto, disse: 'Nada me irritou a não ser estar vazio. Pensei que, se estivesse cheio de malte, ele poderia ter moído o seu coração por mim'. Quando estava na cama, ouviu como se fosse o grugulejar de um peru macho junto à cabeceira da cama e, pouco depois, o som de alguém a tropeçar nos seus sapatos e botas; mas não havia nenhuns ali: ele tinha-os deixado lá em baixo. No dia seguinte, ele e a criada relataram estas coisas à outra criada, que se riu cordialmente e disse: 'Que par de tolos sois vós! Desafio qualquer coisa a assustar-me'.

Depois de bater a manteiga à noite, ela pô-la na travessa e mal a tinha levado para a leitaria quando ouviu uma pancada na prateleira onde estavam vários baldes de leite, primeiro acima da prateleira, depois abaixo. Ela pegou na vela e procurou tanto acima como abaixo, mas, não conseguindo encontrar nada, atirou a manteiga, a travessa e tudo, e fugiu para salvar a vida. Na tarde seguinte, entre as cinco e as seis horas, a minha irmã Molly, então com cerca de vinte anos de idade, sentada na sala de jantar a ler, ouviu como se a porta que dava para o átrio se abrisse, e uma pessoa a entrar que parecia vestir um roupão de noite de seda, farfalhando e arrastando-se. Parecia andar à volta dela, depois para a porta, depois à volta novamente; mas ela não conseguia ver nada. Pensou: 'Não serve de nada fugir; pois, seja o que for, pode correr mais depressa do que eu'. Por isso levantou-se, pôs o livro debaixo do braço e afastou-se lentamente.

Depois da ceia, estava sentada com a minha irmã Sukey (cerca de um ano mais velha que ela) numa das câmaras, e a contar-lhe o que tinha acontecido. Esta deu pouca importância ao caso, dizendo-lhe: 'Admiro-me de te assustares tão facilmente: gostaria de ver o que me assustaria'. De repente, uma pancada começou debaixo da mesa. Ela pegou na vela e olhou, mas não conseguiu encontrar nada. Então o caixilho de ferro começou a chocalhar, e a tampa de uma escalfeta. Em seguida, o fecho da porta moveu-se para cima e para baixo sem cessar. Ela deu um salto, saltou para a cama sem se despir, puxou a roupa da cama sobre a cabeça e nunca se atreveu a olhar para cima até à manhã seguinte.

"Uma noite ou duas depois, a minha irmã Hetty (um ano mais nova que a minha irmã Molly) estava à espera, como de costume, entre as nove e as dez, para levar a vela do meu pai, quando ouviu alguém a descer as escadas do sótão,

passando lentamente por ela, depois descendo as escadas principais, depois subindo as escadas de serviço, e subindo as escadas do sótão; e a cada passo parecia que a casa abanava de cima a baixo. Precisamente nessa altura o meu pai bateu. Ela entrou, levou a vela dele e foi para a cama o mais depressa possível. De manhã contou isto à minha irmã mais velha, que lhe disse: 'Sabes que não acredito em nada destas coisas: por favor deixa-me levar a vela esta noite, e eu descobrirei o truque'.

Ela tomou então o lugar da minha irmã Hetty e, mal tinha levado a vela, ouviu um ruído lá em baixo. Apressou-se a descer as escadas para o átrio, onde estava o ruído, mas ele estava então na cozinha. Correu para a cozinha, onde estava a rufar no interior do biombo. Quando ela deu a volta, estava a rufar no exterior, e assim sempre no lado oposto a ela. Então ouviu uma pancada na porta da cozinha das traseiras. Correu para lá, destrancou-a suavemente e, quando a pancada se repetiu, abriu-a subitamente; mas nada havia para ser visto. Assim que a fechou, a pancada começou de novo. Abriu-a novamente, mas nada conseguiu ver. Quando foi para fechar a porta, esta foi violentamente empurrada contra ela; mas ela pôs o joelho e o ombro à porta, forçou-a a fechar e deu a volta à chave. Então a pancada começou de novo; mas ela deixou-a continuar e subiu para a cama. Contudo, a partir dessa altura ficou inteiramente convencida de que não havia impostura no assunto.

"Na manhã seguinte, contando a minha irmã à minha mãe o que acontecera, ela disse: 'Se eu própria ouvir alguma coisa, saberei julgar'. Pouco depois pediu-lhe que fosse ao quarto das crianças. Ela foi e ouviu, no canto do quarto, como se fosse o balançar violento de um berço; mas não havia ali berço nenhum há alguns anos. Ficou convencida de que era sobrenatural, e rezou fervorosamente para que não a perturbasse na sua própria câmara nas horas de retiro; e nunca o fez. Pensou agora que era adequado contar ao meu pai. Mas ele ficou extremamente zangado e disse: 'Sukey, tenho vergonha de ti. Estes rapazes e raparigas assustam-se uns aos outros; mas tu és uma mulher de bom senso e devias saber melhor. Não me deixes ouvir mais nada sobre isto'."

---

** "Original Letters by the Rev. John Wesley and his Friends, illustrative of his Early History", com outros papéis curiosos, comunicados pelo falecido Rev. S. Babcock. Ao que é prefixado Um Endereço aos Metodistas, por Joseph Priestley, LL.D., F.R.S., etc., Londres, 1791: um volume em oitavo de 170 páginas. Este panfleto é raro.*

*† "Memoirs of the Wesley Family", coligidas principalmente de documentos originais. Por Adam Clarke, LL.D., F.A.S., 2ª ed., Londres, 1843.*

"Às seis da tarde, ele celebrou as orações em família, como de costume. Quando começou a oração pelo rei, uma pancada começou por todo o quarto, e uma pancada troante acompanhou o Ámen. O mesmo foi ouvido a partir dessa altura, todas as manhãs e noites, enquanto a oração pelo rei era repetida. Como tanto o meu pai como a minha mãe estão agora em descanso, e incapazes de serem corripiados por isso, considero meu dever fornecer ao leitor sério uma chave para esta circunstância.

*No ano antes de o Rei Guilherme morrer, o meu pai observou que a minha mãe não dizia ámen à oração pelo rei. Ela disse que não podia, pois não acreditava que o Príncipe de Orange fosse rei. Ele jurou que nunca coabitaria com ela até que ela o fizesse. Ele então montou no seu cavalo e partiu; nem ela ouviu nada dele durante doze meses. Ele então voltou e viveu com ela como antes. Mas temo que o seu voto não tenha sido esquecido diante de Deus.*

Sendo informado de que o Sr. Hoole, o vigário de Haxey (um homem eminentemente piedoso e sensato), poderia dar-me mais informações, caminhei até ele. Ele disse: 'Robert Brown veio ter comigo e disse-me que o seu pai desejava a minha companhia. Quando cheguei, ele deu-me um relato de tudo o que tinha acontecido, particularmente da pancada durante a oração em família. Mas naquela noite (para minha grande satisfação) não tivemos pancada nenhuma. Mas entre as nove e as dez, um criado entrou e disse: "O Velho Jeffrey está a chegar (esse era o nome de um que morreu na casa), pois oiço o sinal". Informaram-me que isto era ouvido todas as noites, cerca de um quarto para as dez.

Era no topo da casa, pelo lado de fora, no canto nordeste, assemelhando-se ao ranger alto de uma serra, ou antes ao de um moinho de vento quando o corpo deste é girado para mudar as velas ao vento. Ouvimos então uma pancada sobre as nossas cabeças; e o Sr. Wesley, pegando numa vela, disse: "Venha, senhor, agora ouvirá por si mesmo". Subimos as escadas; ele com muita esperança, e eu (para dizer a verdade) com muito medo. Quando chegámos ao quarto das crianças, estava a bater no quarto ao lado; quando fomos para lá, estava a bater no quarto das crianças. E ali continuou a bater, embora tivéssemos entrado, particularmente à cabeceira da cama (que era de madeira) em que Miss Hetty e duas das suas irmãs mais novas jaziam.

O Sr. Wesley, observando que elas estavam muito afetadas, — embora dormindo, suando e tremendo excessivamente, — ficou muito zangado e, puxando de uma pistola, ia disparar contra o lugar de onde vinha o som. Mas eu segurei-o pelo braço e disse: "Senhor, estais convencido de que isto é algo sobrenatural. Se assim for, não podeis feri-lo; mas dais-lhe poder para vos ferir". Ele então aproximou-se do lugar e disse, severamente: "Tu, demónio surdo e mudo! por que assustas estas crianças, que não podem responder por si mesmas? Vem a mim, no meu escritório, que sou um homem!" Instantaneamente, bateu a sua pancada (a pancada particular que ele sempre usava no portão) como se fosse desfazer a tábua em pedaços; e não ouvimos mais nada naquela noite.'

Até esta altura, o meu pai nunca tinha ouvido a menor perturbação no seu escritório. Mas na noite seguinte, quando tentou entrar no seu escritório (do qual ninguém tinha a chave senão ele mesmo), ao abrir a porta, esta foi empurrada para trás com tal violência que quase o deitou ao chão. Contudo, ele empurrou a porta e entrou. Logo houve uma pancada, primeiro de um lado, depois do outro e, passados uns tempos, no quarto ao lado, onde estava a minha irmã Nancy. Ele foi para esse quarto e, continuando o ruído, esconjurou-o a falar, mas em vão. Disse então: 'Estes espíritos amam as trevas: apaguem a vela, e talvez ele fale'. Ela assim o fez, e ele repetiu o seu esconjuro; mas continuou a haver apenas pancadas, e nenhum som articulado.

Perante isto, ele disse: 'Nancy, dois cristãos são mais do que par para o diabo. Desçam todos: pode ser que, quando eu estiver sozinho, ele tenha coragem de falar'. Quando ela se foi embora, um pensamento veio-lhe à cabeça, e ele disse: 'Se és o espírito do meu filho Samuel, peço-te que dês três pancadas e não mais'. Imediatamente tudo ficou em silêncio, e não houve mais pancadas naquela noite. Perguntei à minha irmã Nancy (então com quinze anos) se ela não teve medo quando o meu pai usou aquele esconjuro. Ela respondeu que tinha tido muito medo de que ele falasse quando apagasse a vela; mas que não tinha medo nenhum durante o dia, quando ele andava atrás dela, apenas pensava que, quando ela estava ocupada com o seu trabalho, ele bem o poderia ter feito por ela, poupando-lhe o trabalho.

Por esta altura, todas as minhas irmãs estavam tão habituadas a estes ruídos que estes lhes causavam pouca perturbação. Um toque suave à cabeceira da cama começava habitualmente entre as nove e as dez da noite. Elas então costumavam dizer umas às outras: 'O Jeffrey está a chegar: é hora de ir dormir'. E se ouviam um ruído durante o dia e diziam à minha irmã mais nova: 'Ouve, Kezzy, o Jeffrey

está a bater lá em cima', ela corria escadas acima e perseguia-o de quarto em quarto, dizendo que não desejava melhor diversão.

Algumas noites depois, o meu pai e a minha mãe tinham acabado de se deitar, e a vela ainda não tinha sido levada, quando ouviram três pancadas, e uma segunda e uma terceira série de três, como se fosse com um grande bastão de carvalho, batidas num baú que estava ao lado da cama. O meu pai levantou-se imediatamente, vestiu o seu roupão de noite e, ouvindo grandes ruídos lá em baixo, pegou na vela e desceu; a minha mãe caminhou ao seu lado. Enquanto desciam a escadaria larga, ouviram como se um recipiente cheio de prata fosse despejado sobre o peito da minha mãe e corresse tilintando até aos seus pés.

Pouco depois, houve um som como se um grande sino de ferro fosse atirado entre muitas garrafas debaixo das escadas; mas nada foi danificado. Logo depois, o nosso grande cão mastim veio e correu a abrigar-se entre eles. Enquanto as perturbações continuavam, ele costumava ladrar, saltar e morder de um lado e do outro, e isso frequentemente antes de qualquer pessoa na sala ouvir qualquer ruído. Mas, após dois ou três dias, ele costumava tremer e rastejar para longe antes de o ruído começar. E por isto a família sabia que ele estava próximo; nem a observação alguma vez falhou.

Pouco antes de o meu pai e a minha mãe entrarem no átrio, pareceu que um carvão muito grande foi violentamente atirado ao chão e despedaçado em pedaços; mas nada foi visto. O meu pai então gritou: 'Sukey, não ouves? toda a louça de estanho está a ser atirada pela cozinha fora'. Mas quando olharam, todo o estanho estava no seu lugar. Houve então uma forte pancada na porta das traseiras. O meu pai abriu-a, mas não viu nada. Estava então na porta da frente. Ele abriu essa, mas foi ainda trabalho perdido. Depois de abrir primeiro uma, depois a outra, várias vezes, ele voltou-se e subiu para a cama. Mas os ruídos eram tão violentos por toda a casa que ele não conseguiu dormir até às quatro da manhã.

Vários cavalheiros e clérigos aconselharam agora seriamente o meu pai a deixar a casa. Mas ele respondia constantemente: 'Não: que o diabo fuja de mim; eu nunca fugirei do diabo'. Mas escreveu ao meu irmão mais velho, em Londres, para que descesse. Ele estava a preparar-se para o fazer quando chegou outra carta informando-o de que as perturbações tinham terminado, depois de terem continuado (a última parte do tempo, dia e noite) de 2 de dezembro até ao fim de janeiro."*

O diário do Sr. Wesley, pai (p. 247), corrobora totalmente a narrativa do seu filho, acrescentando mais alguns pormenores. Ele nota que, a 23 de dezembro, no quarto das crianças, quando a sua filha Emily bateu, ele respondeu-lhe. Noutra ocasião, ele diz: 'Desci as escadas e bati com o meu bastão contra as vigas da cozinha. Respondeu-me tantas vezes e tão alto quanto eu bati; mas depois bati como costumo fazer à minha porta, — 1, — 2, 3, 4, 5, 6, — 7; mas isto confundiu-o, e não respondeu, ou não pelo mesmo método, embora as crianças o tivessem ouvido fazer exatamente o mesmo duas ou três vezes depois.' Isto corresponde ao que o Sr. Hoole disse sobre 'bater a pancada do Sr. Wesley'.

A 25 de dezembro, diz ele: 'Os ruídos eram tão violentos que era vão pensar em dormir enquanto continuavam.' Da mesma forma, a 27 de dezembro, acrescenta: 'Eram tão barulhentos que não me atrevi a deixar a minha família', — como desejava fazer, para fazer uma visita a um amigo, o Sr. Downs.

---

* *"Memoirs of the Wesley Family", vol. i. pp. 253 a 260.*

---

Diz ele, também: 'Fui empurrado três vezes por um poder invisível, uma vez contra o canto da minha secretária no escritório, uma segunda vez contra a porta da câmara forrada de esteira, uma terceira vez contra o lado direito da ombreira da porta do meu escritório, quando ia a entrar.'

Quanto ao cão, sob a data de 25 de dezembro, o seu registo é: 'O nosso mastim veio ganir para junto de nós, como fazia sempre depois da primeira noite da sua vinda; pois nessa altura ladrou violentamente para ele, mas ficou silencioso depois disso, e parecia mais amedrontado do que qualquer uma das crianças.'

As cartas que corroboram os vários pormenores são demasiado longas e numerosas para serem aqui transcritas. Extraio, como amostra, de uma escrita por Emily Wesley (depois Sra. Harper) ao seu irmão Samuel. Diz ela: —

'Agradeço-te pela tua última, e dar-te-ei a satisfação que estiver ao meu alcance a respeito do que aconteceu na nossa família. Estou tão longe de ser supersticiosa, que estava demasiado inclinada para a incredulidade: por isso regozijo-me cordialmente por ter tal oportunidade de me convencer, para lá de dúvida ou escrúpulo, da existência de alguns seres além daqueles que vemos. Um mês inteiro foi suficiente para convencer qualquer pessoa da realidade da coisa, e para testar todas as formas de descobrir qualquer truque, tivesse sido possível

usar algum. Apenas te direi o que eu própria ouvi, e deixarei o resto para os outros.

As minhas irmãs na câmara de papel tinham ouvido ruídos, e falaram-me deles; mas eu não acreditei muito até que uma noite, cerca de uma semana após os primeiros gemidos terem sido ouvidos, que foi o início. Logo após o relógio ter batido as dez, desci as escadas para trancar as portas, o que faço sempre. Mal tinha subido as escadas principais quando ouvi um ruído como de uma pessoa a atirar um carvão enorme no meio da cozinha da frente, e todas as lascas pareciam voar dele. Não fiquei muito assustada, mas fui ter com a minha irmã Sukey, e fomos juntas por todas as salas baixas; mas não havia nada fora de ordem.

O nosso cão estava profundamente adormecido, e o nosso único gato na outra ponta da casa. Mal tinha chegado ao andar de cima e me estava a despir para a cama, ouvi um ruído entre muitas garrafas que estão debaixo das escadas principais, exatamente como o arremesso de uma grande pedra entre elas, que as tivesse partido todas em pedaços. Isto fez-me apressar para a cama. Mas a minha irmã Hetty, que se senta sempre à espera que o meu pai vá para a cama, ainda estava sentada no degrau mais baixo das escadas do sótão, com a porta fechada às suas costas, quando, logo depois, desceu as escadas atrás dela algo como um homem num roupão de noite solto arrastando-se atrás dele, o que a fez voar em vez de correr para mim no quarto das crianças.

Durante todo este tempo nunca contámos nada ao meu pai; mas logo o fizemos. Ele sorriu e não deu resposta, mas foi mais cuidadoso do que o costume a partir dessa altura em ver-nos na cama, imaginando que fosse alguma de nós, mulheres jovens, que ficava acordada até tarde e fazia barulho. A sua incredulidade, e especialmente o facto de o imputar a nós ou aos nossos namorados, fez-me, confesso, desejar a sua continuação até que ele estivesse convencido. Quanto à minha mãe, ela acreditava firmemente que fossem ratos, e mandou vir uma buzina para os afugentar. Eu ri-me ao pensar quão sabiamente estavam empregados os que se esforçavam metade de um dia para assustar o Jeffrey (pois esse nome dei-lhe eu) com uma buzina.

Mas, fosse o que fosse, percebi que podia ficar zangado; pois a partir dessa altura foi tão ultrajante que não houve sossego para nós depois das dez da noite. Ouvi frequentemente, entre as dez e as onze, algo como o enrolar rápido de um macaco de cozinha no canto do quarto à cabeceira da minha cama, exatamente como o girar das rodas e o ranger da engrenagem de ferro. Este era o sinal comum da sua vinda. Depois batia no chão três vezes, depois à cabeceira da

cama da minha irmã, no mesmo quarto, quase sempre três de seguida, e depois parava. O som era oco e alto, tal como nenhum de nós jamais conseguiria imitar.

Ele respondia à minha mãe se ela batesse com o pé no chão e lhe ordenasse. Batia quando eu estava a deitar as crianças, logo por baixo de mim, onde eu estava sentada. Uma vez a pequena Kezzy, fingindo assustar a Polly, enquanto eu as despia, bateu com o pé no chão; e imediatamente respondeu com três pancadas, exatamente no mesmo lugar. Era mais alto e feroz se alguém dissesse que eram ratos, ou qualquer coisa natural.

Poderia contar-te muito mais sobre isso, mas as outras escreverão, e por isso seria desnecessário. Não fiquei muito assustada ao início, e muito pouco no fim; mas nunca esteve perto de mim, exceto duas ou três vezes, e nunca me seguiu, como fez à minha irmã Hetty. Estive com ela quando ele bateu por baixo dela; e quando ela mudou de lugar ele seguiu-a, e manteve-se sempre exatamente por baixo dos seus pés, o que era suficiente para aterrorizar uma pessoa mais robusta.' (pp. 270 a 272.)

Sob a data de 19 de janeiro de 1717, o Sr. Samuel Wesley, filho, escreveu à sua mãe, propondo certas questões, às quais ela respondeu muito satisfatoriamente, acrescentando: 'Mas, com tudo isto, desejo que as minhas respostas não satisfaçam ninguém senão a ti próprio; pois não gostaria que o assunto fosse transmitido a ninguém.'

De um memorando do Sr. John Wesley, detalhando as 'circunstâncias gerais, de que a maioria, se não toda a família, foi testemunha frequente', extraio o seguinte: —

'Antes de entrar em qualquer quarto, os fechos eram frequentemente levantados, as janelas chocalhavam e qualquer ferro ou latão que houvesse na câmara soava e vibrava excessivamente.

Quando estava em qualquer quarto, por mais barulho que fizessem, como por vezes faziam de propósito, a sua nota morta e oca seria claramente ouvida acima de todos eles.

O som muitas vezes parecia estar no ar, no meio de uma sala; nem jamais conseguiam eles fazer algo semelhante, por qualquer artifício.

Nunca vinha de dia até que a minha mãe ordenou que se tocasse a buzina. Depois dessa altura, quase ninguém conseguia ir de um quarto para outro sem que o fecho do quarto para onde iam fosse levantado antes de lhe tocarem.

Nunca entrou no escritório do meu pai até que ele lhe falou rudemente, chamou-lhe demónio surdo e mudo, e lhe ordenou que parasse de perturbar as crianças inocentes e fosse ter com ele no seu escritório se tivesse algo a dizer-lhe.

Desde a altura em que a minha mãe lhe pediu para não a perturbar das cinco às seis, nunca foi ouvido no seu quarto desde as cinco até ela descer as escadas, nem em qualquer outra altura em que ela estivesse ocupada em devoção.' (pp. 284, 285.)

Resta dizer que pelo menos um membro da família, Emily Wesley, uma parte de cuja carta sobre o assunto já foi dada, considerou-se ter sido seguida pelo espírito de Epworth durante toda a vida. O Dr. Clarke afirma que possui uma carta original dessa senhora para o seu irmão John, datada de 16 de fevereiro de 1750, — isto é, trinta e quatro anos após os eventos precedentes terem acontecido, — de cuja carta ele publica o seguinte extrato: —

'Desejo imenso ver-te e falar algumas horas contigo, como em tempos passados. Uma doutrina tua e de muitos outros, — a saber, que nenhuma felicidade pode ser encontrada em qualquer ou em todas as coisas do mundo: sobre isso, como tenho dezasseis anos da minha própria experiência que depõem categoricamente contra ela, quero falar contigo. Outra coisa é aquela coisa maravilhosa chamada por nós Jeffrey. Não te rirás de mim por ser supersticiosa se te disser quão certamente esse algo me chama perante qualquer nova aflição extraordinária; mas tão pouco se sabe do mundo invisível que eu, pelo menos, não sou capaz de julgar se é um espírito amigo ou maligno.'*

Quanto às causas destas perturbações, o Dr. Clarke diz o seguinte: — 'Durante um tempo considerável toda a família acreditou ser um truque; mas finalmente todos ficaram satisfeitos por ser algo sobrenatural.' . . . 'O Sr. John Wesley acreditava que era um mensageiro de Satanás enviado para fustigar o seu pai pela sua promessa temerária de deixar a sua família, e conduta muito imprópria para com a sua esposa, em consequência do escrúpulo desta em rezar pelo Príncipe de Orange como Rei de Inglaterra.' . . . 'Com outros, a casa era considerada assombrada.' . . . 'O Dr. Priestley pensa que tudo é truque e impostura. Tem de o ser, no seu sistema de materialismo; mas isto não resolve a dificuldade; apenas corta o nó.' . . . 'A opinião da Sra. Wesley era diferente de

todas as outras, e era provavelmente a mais correta: ela supunha que "estes ruídos e perturbações pressagiavam a morte do seu irmão, então no estrangeiro, ao serviço da Companhia das Índias Orientais". Este cavalheiro, que tinha adquirido uma grande fortuna, desapareceu subitamente e nunca mais se ouviu falar dele, — pelo menos, tanto quanto consigo descobrir pelos ramos restantes da família, ou de qualquer um dos documentos familiares.' (pp. 287 a 289.)

Estas perturbações, embora não tão persistentes como as de Tedworth, estenderam-se por dois meses inteiros, — um período suficiente, ao que parece, para uma família de mentalidade tão forte e coração tão firme como os Wesley detetar qualquer impostura. E, a menos que suspeitemos Emily Wesley de uma superstição que as suas cartas estão muito longe de indicar, fenómenos de caráter algo semelhante acompanharam-na durante uma longa vida.

O Dr. Priestley, com todas as suas tendências céticas, falando da narrativa de Epworth, é forçado a admitir que ela é 'talvez a história mais bem autenticada e a mais bem contada do género que existe em qualquer lugar'.*

---

** "Memoirs of the Wesley Family", vol. i. p. 286. * Panfleto do Dr. Priestley já citado, prefácio, p. xi.*

---

Ele entra, contudo, num argumento para provar que nada de sobrenatural poderia haver nela; para o qual a sua razão principal é que não conseguia ver nenhum bem que fosse respondido por ela. A sua conclusão é: 'O que parece mais provável a esta distância de tempo, no presente caso, é que tenha sido um truque dos criados, auxiliados por alguns dos vizinhos; e que nada se pretendia com isso além de confundir a família e divertirem-se'; uma suposição que o Dr. Clarke rejeita. Ele diz, expressamente: 'Os relatos dados destas perturbações são tão circunstanciais e autênticos que lhes conferem o mais implícito crédito. As testemunhas oculares e auriculares eram pessoas de forte entendimento e mentes bem cultivadas, não influenciadas pela superstição e, em alguns casos, antes inclinadas ao ceticismo.' E acrescenta: 'Nada aparentemente sobrenatural pode estar mais longe da fronteira da impostura do que estes relatos; e as declarações circunstanciais contidas neles forçam a convicção da sua verdade nas mentes dos incrédulos.'†

Southey, na sua Vida de Wesley, dá o relato destas perturbações; e este é o seu comentário sobre o mesmo: — 'Um autor que, nesta época, relata tal história e a trata como não sendo totalmente incrível e absurda, deve esperar ser ridicularizado; mas o testemunho sobre o qual ela repousa é demasiado forte para

ser posto de lado devido à estranheza do relato.' . . . 'Tais coisas podem ser sobrenaturais e, no entanto, não serem milagrosas; podem não estar no curso comum da natureza e, no entanto, não implicar nenhuma alteração das suas leis.

---

† *"Memoirs of the Wesley Family", vol. i. pp. 245, 246.*

---

E em relação ao bom fim que se pode supor que elas respondam, seria fim suficiente se, por vezes, uma daquelas pessoas infelizes que, olhando através do vidro baço da incredulidade, nada veem além desta vida e da esfera estreita da existência mortal, fosse levada, pela verdade bem estabelecida de uma tal história (insignificante e sem objetivo como pudesse de outro modo parecer), a uma conclusão de que há mais coisas no céu e na terra do que as sonhadas na sua filosofia.'"

A opinião de Coleridge era muito diferente. No seu exemplar da obra de Southey, que deixou a este, escreveu, junto à história das perturbações de Wesley, a seguinte nota: — "Todas estas histórias, e eu poderia produzir pelo menos cinquenta, igualmente bem autenticadas e, no que diz respeito à veracidade dos narradores e ao facto único de terem visto e ouvido tais e tais visões ou sons, acima de todo o ceticismo racional, são tão parecidas umas com as outras como os sintomas da mesma doença em diferentes pacientes. E isto, de facto, considero ser a verdadeira e única solução: uma doença nervosa contagiosa, cujo auge ou forma mais intensa é a catalepsia. — S. T. C."*

É uma razão estranha alegar contra a credibilidade de tais narrativas o facto de serem muito numerosas e de, no seu caráter geral, concordarem todas. Nem é menos notável o atalho pelo qual o poeta chega a uma explicação dos fenómenos. Wesley e a sua família, admite ele, viram e ouviram de facto o que alegam ter visto e ouvido; mas eram todos catalépticos. O quê! Também o mastim?

Não é meu propósito, contudo, comentar aqui estas opiniões conflituosas, mas apenas submetê-las. Todas vêm de homens de elevado caráter e posição.

---

* *"The Asylum Journal of Mental Science" (publicado por uma Associação de Oficiais Médicos de Asilos e Hospitais para Alienados) de abril de 1858, Londres, p. 395.*

---

Passo por alto vários registos de perturbações semelhantes às anteriores, descritas como ocorrendo em Inglaterra e noutros locais ao longo do século XVIII, porque nos detalhes fornecidos há pouco além do que se encontra no que

precede e porque, como nenhum deles é afiançado por nomes de tanto peso como os que atestam os exemplos anteriores, certamente não serão aceites se os outros forem rejeitados. Algumas destas são notadas nos jornais da época: por exemplo, uma recentemente exumada das colunas do "New York Packet", e que apareceu na sua edição de 10 de março de 1789. Apresenta-se sob a forma de uma comunicação ao editor, datada de Fishkill, 3 de março de 1789. O correspondente diz: —

"Se eu relatasse os muitos relatos extraordinários, embora não menos verdadeiros, que ouvi sobre aquela rapariga desafortunada em New Havensack, a sua crença poderia talvez vacilar e a sua paciência esgotar-se. Apenas o informarei, portanto, do que fui testemunha ocular. Ontem à tarde, eu e a minha mulher fomos a casa do Dr. Thorn; e, depois de estarmos sentados durante algum tempo, ouvimos uma pancada sob os pés de uma jovem que vive com a família. Perguntei ao doutor o que causava o ruído. Ele não soube dizer, mas respondeu que ele, juntamente com vários outros, tinha examinado a casa, mas foram incapazes de descobrir a causa. Peguei então numa vela e fui com a rapariga à cave. Ali a pancada também continuou; mas, enquanto subíamos as escadas para voltar, ouvi um estrondo prodigioso de cada lado, o que me alarmou muito. Fiquei parado algum tempo, olhando em redor com espanto, quando vi algumas madeiras que jaziam ao cimo das escadas abanarem consideravelmente.

Cerca de oito ou dez dias depois, visitámos a rapariga novamente. A pancada continuava, mas era muito mais alta. A nossa curiosidade induziu-nos a fazer a terceira visita, quando os fenómenos foram ainda mais alarmantes. Vi então as cadeiras moverem-se; uma grande mesa de jantar foi atirada contra mim; e um pequeno suporte, sobre o qual estava uma vela, foi sacudido e atirado para o colo da minha mulher; após o que deixámos a casa, muito surpreendidos com o que tínhamos visto."

Outros foram publicados em panfletos na época; como as perturbações na habitação da Sra. Golding e noutros locais em Stockwell, ocorridas a 6 e 7 de janeiro de 1772, marcadas principalmente pela movimentação e destruição de mobiliário em várias casas, mas sempre na presença da Sra. Golding e da sua criada. O panfleto está reimpresso numa publicação moderna.*

Este caso, contudo, com vários outros, incluindo o da "rapariga elétrica" relatado por Arago, parece pertencer a uma classe diferente daqueles que estou agora a relatar; visto que nestes últimos a agência oculta parece ter-se ligado a pessoas e não ter exibido qualquer inteligência.

Dois outros exemplos, de data um pouco posterior, e nos quais os incómodos sofridos parecem ser em parte de caráter local, em parte pessoal, encontram-se naquela revista da qual John Wesley foi editor durante muitos anos. São provavelmente da sua autoria.†

Passo para um exemplo ocorrido no início do presente século no continente europeu.

---

** Por Mrs. Crowe, na sua "Night Side of Nature", pp. 412 a 422. O panfleto intitula-se "An authentic, candid, and circumstantial narrative of the astonishing transactions at Stockwell, in the county of Surrey, on Monday and Tuesday, the 6th and 7th January, 1772, containing a series of the most surprising and unaccountable events that ever happened, which continued, from first to last, upwards of twenty hours, and at different places. Published with the consent and approbation of the family and other parties concerned, to authenticate which the original copy is signed by them."*

*† Para o primeiro, ocorrido com duas irmãs chamadas Dixon, veja-se a "Arminian Magazine" para o ano de 1786, pp. 660, 662. As perturbações começaram em 1779 e diz-se que continuaram por mais de seis anos. O segundo é dado na mesma revista para 1787; começando cerca de uma semana antes do Natal do ano de 1780.*

---

## O CASTELO DE SLAWENSIK
### Perturbações na Alta Silésia, 1806-07.

No mês de novembro de 1806, o Conselheiro Hahn, adido à corte do então príncipe reinante de Hohenlohe Neuenstein-Ingelfingen, recebeu ordens desse príncipe para se dirigir a um dos seus castelos na Alta Silésia, chamado Slawensik, para ali aguardar as suas ordens. Hahn foi acompanhado por um certo Charles Kern, corneta num regimento de hussardos, que tinha sido feito prisioneiro pelos franceses numa campanha recente contra os prussianos e acabara de regressar em liberdade condicional.

Tanto Hahn como Kern gozavam de boa saúde e eram homens livres de qualquer mancha de superstição. Hahn tinha sido estudante de filosofia sob a direção de Fichte, era admirador das doutrinas de Kant e, nessa altura, um materialista convicto.

Tendo sido amigos íntimos na juventude, ocupavam em Slawensik o mesmo quarto. Era um quarto de canto no primeiro andar, com as janelas viradas para norte e este. À direita, ao entrar neste quarto, havia uma porta de vidro, que abria através de uma divisória de lambril para outra sala, onde eram guardados utensílios domésticos. Esta porta era mantida sempre trancada. Nem nesta última sala nem na ocupada pelos dois amigos havia qualquer abertura que comunicasse com o exterior, exceto as janelas. Ninguém residia no castelo naquela altura além de Hahn e Kern, exceto o criado de Hahn e dois dos cocheiros do príncipe.

Foi nestas circunstâncias e nesta localidade que ocorreram as seguintes perturbações. Foram redigidas por Hahn em novembro de 1808; e, em 1828, o manuscrito foi comunicado pelo autor ao Dr. Kerner, o autor da "Vidente de Prevorst", e por ele publicado pela primeira vez como confirmatório de fenómenos algo semelhantes testemunhados por si próprio no caso da vidente.

Traduzo a maior parte da narrativa de Hahn, omitindo algumas partes em que ele relata o que outros lhe tinham contado; antecipando que está escrita na terceira pessoa.

"Na terceira noite após a sua chegada ao castelo, os dois amigos estavam sentados a ler numa mesa no meio do quarto. Por volta das nove horas, a sua ocupação foi interrompida pela queda frequente de pequenos pedaços de cal por todo o quarto. Examinaram o teto, mas não conseguiram perceber sinais de terem caído de lá. Enquanto conversavam sobre isto, pedaços de cal ainda maiores caíram em redor deles. Esta cal era fria ao toque, como se tivesse sido destacada de uma parede exterior.

Finalmente, atribuíram o facto às velhas paredes do castelo e foram para a cama e dormiram. Na manhã seguinte, ficaram espantados com a quantidade de cal que cobria o chão, tanto mais que não conseguiam perceber nas paredes ou no teto a mínima aparência de dano. À noite, contudo, o incidente fora esquecido, até que não só o mesmo fenómeno se repetiu, como pedaços de cal foram atirados pelo quarto, vários dos quais atingiram Hahn. Ao mesmo tempo, ouviram-se fortes pancadas, como as detonações de artilharia distante, por vezes como se no chão, por vezes como se no teto. Novamente os amigos foram para a cama; mas a intensidade das pancadas impediu-os de dormir.

Kern acusou Hahn de causar as pancadas ao bater nas tábuas que formavam a parte inferior da estrutura da sua cama, e não se convenceu do contrário até ter

pegado na luz e examinado por si próprio. Então Hahn concebeu uma suspeita semelhante de Kern. A disputa foi resolvida levantando-se ambos e ficando de pé muito próximos, tempo durante o qual as pancadas continuaram como antes. Na noite seguinte, além do arremesso de cal e das pancadas, ouviram outro som, assemelhando-se ao rufar distante de um tambor.

Perante isto, solicitaram a uma senhora que tinha o castelo a seu cargo, Madame Knittel, as chaves dos quartos acima e abaixo deles; as quais ela lhes enviou imediatamente pelo seu filho. Hahn permaneceu na câmara, enquanto Kern e o jovem Knittel foram examinar os aposentos em questão. Acima encontraram um quarto vazio, abaixo uma cozinha. Bateram; mas os sons eram inteiramente diferentes daqueles que tinham ouvido e que Hahn, nesse mesmo momento, continuava a ouvir no quarto.

Quando regressaram da sua busca, Hahn disse, por brincadeira: 'O lugar está assombrado'. Foram novamente para a cama, deixando as velas acesas; mas as coisas tornaram-se ainda mais sérias, pois ouviram distintamente um som como se alguém com chinelos largos estivesse a atravessar o quarto; e isto foi acompanhado também por um ruído como o de uma bengala na qual alguém se apoiasse, batendo no chão passo a passo; parecendo a pessoa, tanto quanto se podia julgar pelo som, andar de um lado para o outro do quarto. Hahn gracejou com isto, Kern riu, e ambos adormeceram, ainda não dispostos seriamente a atribuir estes estranhos fenómenos a qualquer fonte sobrenatural.

Na noite seguinte, contudo, pareceu impossível atribuir as ocorrências a qualquer causa natural. A agência, fosse ela qual fosse, começou a atirar vários artigos pelo quarto; facas, garfos, escovas, bonés, chinelos, cadeados, um funil, espevitadores, sabão, em suma, tudo o que estivesse solto pelo aposento. Até castiçais voaram, primeiro de um canto, depois de outro. Se as coisas tivessem sido deixadas onde caíram, todo o quarto estaria juncado em total confusão. Ao mesmo tempo, caía, a intervalos, mais cal; mas as pancadas foram interrompidas. Então os amigos chamaram os dois cocheiros e o criado de Hahn, além do jovem Knittel, o vigia do castelo e outros; todos os quais foram testemunhas destas perturbações."

Isto continuou por várias noites; mas tudo costumava estar sossegado pela manhã — por vezes à uma hora da noite. Hahn continua: —

"Da mesa, sob os seus próprios olhos, espevitadores e facas erguiam-se ocasionalmente, permaneciam algum tempo no ar e depois caíam ao chão. Desta

forma, uma grande tesoura pertencente a Hahn caiu entre ele e um dos cocheiros, e ficou espetada no chão.

Durante algumas noites houve interrupção, depois recomeçou como antes. Depois de ter continuado cerca de três semanas (tempo durante o qual Hahn persistiu em permanecer no mesmo aposento), cansados, finalmente, com os ruídos que continuamente quebravam o seu descanso, os dois amigos resolveram mandar mudar as suas camas para o quarto de canto acima, de modo a obter, se possível, uma noite de sono sossegada. Mas a mudança foi inútil. As mesmas fortes pancadas seguiram-nos; e até repararam que foram arremessados pelo quarto artigos que tinham a certeza absoluta de ter deixado na câmara abaixo. 'Que atirem como quiserem!', exclamou Hahn: 'Eu preciso de dormir!'. Kern, meio despido, percorria o quarto em profunda reflexão. Subitamente parou diante de um espelho, para o qual por acaso olhou. Depois de o fitar por cerca de dez minutos, começou a tremer, ficou mortalmente pálido e afastou-se. Hahn, pensando que ele tinha adoecido subitamente devido ao frio, apressou-se para junto dele e lançou-lhe um manto sobre os ombros.

Então Kern, naturalmente um homem destemido, ganhou coragem e relatou ao seu amigo, embora ainda com os lábios trémulos, que tinha visto no espelho a aparência de uma figura feminina, de branco, a olhar para ele, e aparentemente diante dele, pois conseguia ver o reflexo de si próprio atrás dela. Passou algum tempo antes de ele se conseguir convencer de que via realmente esta figura; e por essa razão permaneceu tanto tempo diante do espelho. De bom grado teria acreditado que era um mero truque da sua imaginação; mas como a figura o olhava fixamente no rosto, e ele conseguia perceber os seus olhos moverem-se, um calafrio percorreu-o e ele desviou o olhar.

Hahn foi instantaneamente ao espelho e convocou a imagem a mostrar-se-lhe; mas, embora tivesse permanecido um quarto de hora diante dele, e repetido muitas vezes a sua invocação, nada viu. Kern disse-lhe que a figura exibia traços velhos mas não desagradáveis, muito pálidos mas de aspeto tranquilo; e que a sua cabeça estava coberta com um drapeado branco, de modo que apenas o rosto aparecia. . . .

Por esta altura já tinha passado um mês; a história destas perturbações espalhara-se pela vizinhança e fora recebida por muitos com incredulidade; entre os restantes, por dois oficiais bávaros de dragões, chamados Cornet e Magerle. Este último propôs-se permanecer sozinho no quarto; por isso os outros deixaram-no ali por volta do crepúsculo. Mas tinham estado apenas pouco tempo

no quarto oposto quando ouviram Magerle a praguejar alto, e também sons como de golpes de sabre em mesas e cadeiras. Assim, pelo bem do mobiliário, pelo menos, julgaram prudente espreitar Magerle. Quando lhe perguntaram o que se passava, ele respondeu, furioso: 'Assim que saíram, a coisa maldita começou a alvejar-me com cal e outras coisas. Olhei por todo o lado, mas não consegui ver ninguém; por isso entrei em fúria e dei golpes com o meu sabre à direita e à esquerda'." . . .

Isto foi suficiente para os oficiais de dragões. Hahn e Kern, entretanto, tinham-se tornado tão habituados a estes prodígios que gracejavam e divertiam-se com eles. Finalmente, —

"Hahn resolveu que os investigaria seriamente. Consequentemente, uma noite, sentou-se à sua secretária, com duas velas acesas diante de si; estando colocado de modo a poder observar todo o quarto, e especialmente todas as janelas e portas. Foi deixado, durante um tempo, inteiramente sozinho no castelo, estando os cocheiros nas cavalariças e tendo Kern saído. No entanto, ocorreram exatamente as mesmas ocorrências de antes; mais ainda, os espevitadores, sob os seus próprios olhos, foram erguidos e girados no ar. Manteve a vigilância mais estrita sobre as portas e janelas; mas nada pôde ser descoberto.

Várias outras pessoas testemunharam estes fenómenos, em diversas ocasiões; um livreiro chamado Dörfel e o Chefe de Guarda-Florestal Radezensky. Este último permaneceu com eles toda a noite. Mas não teve descanso. Foi mantido acordado com constantes alvos. . .

O Inspetor Knetsch, de Koschentin, resolveu passar uma noite com Hahn e Kern. Não houve fim para os alvos que sofreram durante a noite; mas finalmente retiraram-se para descansar, deixando as velas acesas. Então os três viram dois guardanapos de mesa erguerem-se até ao teto no meio do quarto, ali estenderem-se e, finalmente, caírem, esvoaçando, ao chão. Um fornilho de cachimbo de porcelana, pertencente a Kern, voou em redor e partiu-se em pedaços. Facas e garfos voaram; uma faca caiu na cabeça de Hahn, atingindo-o, contudo, apenas com o cabo. Perante isto, resolveu-se, como estas perturbações tinham já continuado ao longo de dois meses, mudar de quarto. Kern e o criado de Hahn levaram uma cama para a câmara oposta. Mal eles tinham saído, uma garrafa de água ferruginosa que estava no quarto moveu-se para perto dos pés dos dois que tinham ficado para trás. Um castiçal de latão também, que pareceu vir de um canto do quarto, caiu ao chão, diante deles. No quarto para o qual se mudaram,

passaram uma noite razoavelmente sossegada, embora conseguissem ainda ouvir ruídos no quarto que tinham deixado. Esta foi a última perturbação."

Hahn encerra a sua narração da seguinte forma: —

"A história permaneceu um mistério. Toda a reflexão sobre estas estranhas ocorrências, toda a investigação, embora feita com o maior cuidado, para descobrir causas naturais para elas, deixou os observadores nas trevas. Ninguém conseguia sugerir qualquer meio possível de as efetuar, mesmo que tivesse havido, o que não houve, na aldeia ou na vizinhança, alguém capaz de prestidigitação. E que motivo poderia haver? O velho castelo não valia nada, exceto para o seu proprietário. Em suma, não se consegue perceber nenhum propósito imaginável em todo o assunto. Resultou apenas na perturbação de alguns homens e no assustar de outros; mas os ocupantes do quarto tornaram-se, durante os dois meses inteiros que a ocorrência durou, tão habituados a eles como uma pessoa se pode tornar a qualquer incómodo diário recorrente."*

A narrativa acima é subscrita e atestada por Hahn como se segue:—

"Vi e ouvi tudo, exatamente como aqui exposto; observando tudo cuidadosa e calmamente. Não senti medo nenhum; contudo, sou totalmente incapaz de explicar as ocorrências narradas.

**Escrito a este 19 de novembro de 1808.**
Conselheiro Hahn."

O Dr. Kerner, na quarta edição da sua "Seherin von Prevorst", informa-nos que a narrativa acima, quando impressa por ele pela primeira vez, suscitou várias explicações conjeturadas para o mistério; a mais plausível das quais era que Kern, sendo um mestre em prestidigitação, tinha, para seu divertimento, gozado assim com o seu companheiro. Quando o doutor comunicou esta suspeita a Hahn, este respondeu que, se não houvesse outra causa para rejeitar tal suspeita, a coisa tornava-se absolutamente impossível pelo facto de algumas das manifestações terem ocorrido não só quando ele, Hahn, estava inteiramente sozinho no quarto, mas mesmo quando Kern estava temporariamente ausente numa viagem.

---

** "Die Seherin von Prevorst", 4ª ed., Estugarda, 1846, pp. 495 a 504.*

---

Acrescenta que Kern o instou repetidamente a deixar o quarto; mas que ele, (Hahn,) esperando ainda descobrir alguma explicação natural para estes eventos, persistiu em permanecer. A sua razão principal para saírem finalmente foi o desgosto de Kern pela destruição do seu cachimbo favorito, um artigo de valor que ele tinha comprado em Berlim e que ele muito prezava. Acrescenta que Kern morreu de uma febre nervosa, no outono de 1807.

Escrevendo ao Dr. Kerner sobre o assunto, de Ingelfingen, sob a data de 24 de agosto de 1828, ou seja, mais de vinte anos após os eventos terem ocorrido, Hahn diz: — "Não omiti nenhuma precaução possível para detetar alguma causa natural. Sou habitualmente acusado de demasiado ceticismo e não de superstição. A cobardia não é um defeito meu, como testemunharão aqueles que me conhecem intimamente. Podia confiar, portanto, em mim próprio; e não posso ter estado sob qualquer ilusão quanto aos factos, pois perguntei frequentemente aos espetadores: 'O que é que viram?' e, de cada vez, pelas suas respostas, soube que tinham visto exatamente o mesmo que eu próprio" . . . "Estou neste momento inteiramente sem saber que causa atribuir, ou mesmo que suposição razoável fazer, para explicar estes eventos. Para mim, como para todos os que os testemunharam, eles permaneceram um enigma até hoje. Deve-se esperar que sejam proferidos julgamentos precipitados sobre tais ocorrências; e mesmo ao relatar o que não foi apenas visto por si próprio, mas também por outros ainda vivos, deve-se estar satisfeito por incorrer no risco de ser considerado a vítima de uma ilusão."*

O Dr. Kerner acrescenta ainda que, no ano de 1830, um cavalheiro do maior respeito, residente em Estugarda, visitou Slawensik com o propósito de verificar a narrativa acima. Encontrou ali pessoas que ridicularizavam tudo como se fosse um engano; mas os únicos dois homens com quem se encontrou, sobreviventes daqueles que tinham realmente testemunhado os eventos, confirmaram-lhe a exatidão da narrativa de Hahn em cada pormenor.

---

** "Seherin von Prevorst", pp. 506, 507.*

---

Este cavalheiro apurou ainda que o Castelo de Slawensik fora entretanto destruído e que, ao remover as ruínas, foi encontrado um esqueleto masculino emparedado e sem caixão, com o crânio fendido. Ao lado deste esqueleto jazia uma espada.

Sendo isto comunicado a Hahn, ele responde, muito racionalmente: — "Pode-se imaginar alguma ligação entre o esqueleto descoberto, a imagem

feminina vista por Kern e as perturbações que testemunhámos; mas quem pode realmente saber alguma coisa sobre isso?"

E acrescenta, finalmente: —

"Nada me importa se outros acreditam na minha narrativa ou não. Recordo-me muito bem do que eu próprio pensava de tais coisas antes de as ter realmente testemunhado, e não levo a mal a ninguém por proferir sobre elas o mesmo julgamento que eu teria proferido antes da experiência. Cem testemunhas não produzirão convicção naqueles que decidiram nunca acreditar em nada do género. Não me dou a qualquer trabalho com tais pessoas; pois seria trabalho perdido."

Esta última carta de Hahn é datada de maio de 1831. Durante um quarto de século, portanto, ele manteve e reiterou a sua convicção da realidade e do caráter inexplicado das perturbações em Slawensik.

Da mesma fonte de onde deriva o anterior, seleciono outro exemplo, de uma data posterior, e que tem a vantagem de ter sido testemunhado pelo próprio Kerner.

## A VIDENTE DE PREVORST
### Perturbações na aldeia de Oberstenfeld, 1825-26.

Entre as montanhas do norte de Württemberg, na aldeia de Prevorst, nasceu, no ano de 1801, Madame Fredericke Hauffe, desde então bem conhecida no mundo através da história da sua vida e sofrimentos escrita pelo Dr. Kerner, como a "Vidente de Prevorst".*

Mesmo quando criança, Madame Hauffe tinha o hábito de ver o que acreditava serem espíritos desencarnados, habitualmente não percetíveis, contudo, por aqueles que a rodeavam; e esta peculiaridade, fosse faculdade real ou mera alucinação, acompanhou-a durante toda a vida.

Kerner dá muitos exemplos. Ao longo do ano de 1825, enquanto residia na aldeia de Oberstenfeld, não muito longe de Löwenstein, na parte norte do reino de Württemberg, Madame Hauffe foi visitada, ou acreditou sê-lo, pela aparição, habitualmente à noite, por volta das sete horas, de uma figura masculina de tez escura que, alegava ela, pedia constantemente as suas orações. Com a questão da realidade desta aparição não tenho aqui nada a fazer; mas convido a atenção para as circunstâncias acompanhantes. Kerner diz: —

"Cada vez antes de ele aparecer, a sua vinda era anunciada a todos os presentes, sem exceção, pelo som de pancadas ou batidas, ora numa parede, ora noutra, por vezes por uma espécie de palmas no ar e outros sons no meio da sala. Disto existem ainda vivas mais de vinte testemunhas irrepreensíveis.

---

** "Die Seherin von Prevorst, Eröffnungen über das innere Leben des Menschen, und über das Hereinragen einer Geisterwelt in die unsere." Por Justinus Kerner, 4ª ed., Estugarda e Tubinga, 1846, 8vo, pp. 559. Esta obra, da qual existe uma tradução inglesa por Mrs. Crowe, atraiu muita atenção e crítica na altura do seu primeiro aparecimento, e desde então. Foi analisada na "Revue des Deux Mondes" de 15 de julho de 1842, e ali referida como "uma das obras mais estranhas e mais conscientemente elaboradas que alguma vez apareceu sobre tal assunto". Do próprio Dr. Kerner o crítico fala como um dos ornamentos da Alemanha. Outra crítica, de fevereiro de 1846, nota em termos igualmente favoráveis a obra e o seu autor. Atribui a Kerner uma elevada reputação no seu próprio país, não apenas como médico, mas pelos seus talentos literários, e como homem de saber e de piedade, — um homem cuja sinceridade e boa-fé não podem ser postas em dúvida nem pelo mais cético. O crítico declara ainda que o próprio livro contém muitas verdades que terão de ser admitidas no nosso sistema de fisiologia e psicologia.*

---

"De dia e de noite ouviam-se os sons de alguém a subir as escadas; mas, por mais que procurássemos, era impossível descobrir alguém. Na cave ouviam-se as mesmas pancadas, e aumentavam de intensidade. Se a pancada era ouvida atrás de um barril e se alguém corria apressadamente para olhar por trás dele e detetar a causa, as pancadas mudavam imediatamente para a frente do barril; e quando se voltava para a frente, eram novamente ouvidas atrás. A mesma coisa ocorria quando batia nas paredes da sala. Se as pancadas eram ouvidas no exterior e se corria subitamente para o local, batia imediatamente no interior; e vice-versa.

"Se a porta da cozinha fosse fechada à noite com toda a segurança, mesmo atada com cordel, aparecia aberta de manhã. Ouvia-se constantemente abrir e fechar; contudo, embora se pudesse correr para lá instantaneamente, ninguém podia ser visto a entrar ou a sair.

"Certa vez, por volta das onze horas da noite, a perturbação foi tão violenta que abanou a casa inteira; e as pesadas traves e caibros moviam-se para trás e para a frente. O pai de Madame Hauffe, nesta ocasião, tinha quase decidido

abandonar a casa no dia seguinte." . . . "Os baques e estalidos da casa eram ouvidos pelos transeuntes na rua. Noutras alturas, as pancadas na cave tinham sido tais que todos os que passavam paravam para ouvir.

"Copos eram frequentemente removidos da mesa (e, numa ocasião, a garrafa), como que por uma mão invisível, e colocados no chão. Da mesma forma, o papel foi tirado da secretária do seu pai e atirado contra ele.

"Madame Hauffe visitou Löwenstein; e ali também as pancadas e batidas foram ouvidas."

A última das alegadas visitas deste espírito foi a 6 de janeiro de 1826. As ocorrências acima tinham-se repetido, a intervalos, ao longo de um ano inteiro. Existem vários outros exemplos de caráter semelhante espalhados pelo livro de Kerner; mas é inútil multiplicá-los.

À medida que nos aproximamos do nosso próprio tempo, os registos de tais perturbações como as que estamos aqui a examinar aumentam tanto em número que me falta espaço para os reproduzir. Seleciono o seguinte como exemplo, porque a prova aduzida de que os fenómenos eram reais, e de que nenhuma agência mundana capaz de os produzir foi jamais descoberta, é de um caráter tal que decide diariamente questões relativas às propriedades e às vidas dos homens.

## O PROCESSO JUDICIAL
### Perturbações numa habitação perto de Edimburgo, 1835.

Este caso é notável por ter dado origem a procedimentos legais por parte do proprietário da casa com reputação de ser assombrada. É relatado por Mrs. Crowe na sua "Night Side of Nature"; e as particularidades foram-lhe comunicadas pelo cavalheiro que conduziu o processo pelo queixoso.* Ela não dá o seu nome; mas através de um amigo de Edimburgo apurei que se tratava do Sr. Maurice Lothian, um solicitador escocês, atualmente Procurator Fiscal do condado de Edimburgo.

Um certo Capitão Molesworth alugou a casa em questão, situada em Trinity, a duas milhas de Edimburgo, a um Sr. Webster, em maio de 1835. Após dois meses de residência ali, o capitão começou a queixar-se de certos ruídos inexplicáveis que, estranhamente, meteu na cabeça serem feitos pelo seu senhorio, o Sr. Webster, que ocupava a habitação contígua. Este último naturalmente declarou que não era provável que desejasse prejudicar a reputação

da sua própria casa, ou expulsar dela um inquilino responsável; e retorquiu a acusação.

---

** "Night Side of Nature", edição de Routledge and Co., pp. 415 a 447.*

---

Entretanto as perturbações continuaram dia e noite. Por vezes havia o som como de pés invisíveis; por vezes havia pancadas, arranhões ou sussurros, ora de um lado, ora do outro. Ocasionalmente, o agente invisível parecia estar a bater seguindo uma certa melodia e respondia, por tantas pancadas, a qualquer pergunta cuja resposta fosse em números; como: "Quantas pessoas estão nesta sala?". Tão fortes eram por vezes os baques que a parede tremia visivelmente. Camas, também, eram ocasionalmente erguidas, como por alguma pessoa por baixo. No entanto, por mais que procurassem, ninguém era encontrado. O Capitão Molesworth mandou levantar as tábuas do soalho nas salas onde os ruídos eram mais altos e frequentes, e chegou a perfurar a parede que dividia a sua residência da do Sr. Webster; mas sem o menor resultado. Oficiais de justiça, pedreiros, juízes de paz e os oficiais do regimento aquartelado em Leith, que eram amigos do Capitão Molesworth, vieram em seu auxílio, na esperança de detetar ou afugentar o seu atormentador; mas em vão. Suspeitando que pudesse ser alguém fora da casa, formaram um cordão em redor dela; mas tudo sem proveito. Nenhuma solução para o mistério foi alguma vez obtida.

Foi movido um processo perante o Sheriff de Edimburgo, pelo Sr. Webster contra o Capitão Molesworth, por danos cometidos ao levantar as tábuas, furar as paredes e disparar contra o lambril, bem como pelo prejuízo causado ao dar à casa a reputação de ser assombrada, impedindo assim que outros inquilinos a alugassem. No julgamento, os factos acima expostos foram todos apurados pelo Sr. Lothian, que passou várias horas a interrogar inúmeras testemunhas, algumas delas oficiais do exército e cavalheiros de honra indubitável e capacidade de observação.

Resta dizer que o Capitão Molesworth tivera duas filhas; uma das quais, chamada Matilda, morrera recentemente, enquanto a outra, uma rapariga entre os doze e treze anos, chamada Jane, era doentia e habitualmente guardava o leito. Sendo observado que onde quer que a rapariga doente estivesse, os ruídos prevaleciam com mais frequência, o Sr. Webster declarou que era ela quem os fazia; e parece que o próprio pai deve ter, até certo ponto, partilhado da suspeita; pois a pobre rapariga foi realmente atada dentro de um saco, de modo a impedir toda a agência possível da sua parte. Nenhuma cessação ou diminuição da perturbação foi, contudo, obtida por este expediente cruel.

As pessoas na vizinhança acreditavam que os ruídos eram produzidos pelo fantasma de Matilda avisando a irmã de que ela em breve a seguiria; e esta crença popular recebeu confirmação quando essa infeliz jovem, cuja doença pode ter sido agravada pelas medidas severas ditadas por suspeita injusta, morreu pouco depois.

Ocasionalmente tais narrativas são publicadas como meros espécimes de uma superstição vulgar, como por Mackay, na sua obra sobre "Popular Delusions". Ele nota, como um dos exemplos mais recentes do pânico ocasionado por uma casa suposta assombrada, incidentes que tiveram lugar — como os acabados de narrar — na Escócia, e que ocorreram há cerca de vinte anos, a respeito dos quais fornece as seguintes particularidades.

## A QUINTA DE BALDARROCH
### Perturbações em Aberdeenshire, Escócia, 1838.

"A 5 de dezembro de 1838, os habitantes da quinta de Baldarroch, no distrito de Banchory, Aberdeenshire, ficaram alarmados ao observarem um grande número de paus, seixos e torrões de terra voando pelo seu quintal e dependências. Esforçaram-se, mas em vão, por descobrir quem era o delinquente e, continuando a chuva de pedras por cinco dias sucessivos, chegaram finalmente à conclusão de que o diabo e os seus diabinhos eram a única causa disso. O rumor logo se espalhou por toda aquela parte do país, e centenas de pessoas vieram de longe e de perto para testemunhar as palhaçadas dos demónios de Baldarroch.

Após o quinto dia, as chuvas de torrões e pedras cessaram no exterior das instalações e a cena mudou-se para o interior. Colheres, facas, pratos, potes de mostarda, rolos de massa e ferros de engomar pareceram subitamente dotados do poder de movimento próprio e eram arremessados de quarto em quarto, e chocalhados pelas chaminés abaixo, de uma forma que ninguém conseguia explicar. A tampa de um pote de mostarda foi colocada num armário por uma criada, na presença de dezenas de pessoas, e poucos minutos depois veio aos saltos pela chaminé abaixo, para consternação de todos. Houve também uma tremenda pancada nas portas e no telhado, e pedaços de pau e seixos chocalharam contra as janelas e partilharam-nas. Toda a vizinhança era um cenário de alarme; e não apenas os vulgares, mas pessoas instruídas, agricultores respeitáveis num círculo de vinte milhas, expressaram a sua crença no caráter sobrenatural destes eventos."

O entusiasmo, continua Mackay a afirmar, espalhou-se, numa semana, pelas paróquias de Banchory-Ternan, Brumoak, Durris, Kincardine O'Neil e todo o distrito adjacente de Mearns e Aberdeenshire. Afirmava-se e acreditava-se que todos os cavalos e cães que se aproximavam da quinta eram imediatamente afetados. A dona da casa e as criadas diziam que sempre que iam para a cama eram alvejadas com seixos e outros projéteis. O próprio agricultor viajou uma distância de quarenta milhas até um velho feiticeiro, chamado Willie Foreman, para o induzir, mediante uma generosa quantia, a remover o encantamento da sua propriedade. O herdeiro, o ministro e todos os anciãos da kirk instituíram uma investigação que, contudo, não parece ter tido qualquer resultado.

"Após uma continuação de quinze dias dos ruídos," diz Mackay, "todo o truque foi descoberto. As duas criadas foram rigorosamente interrogadas e depois enviadas para a prisão. Parecia que elas estavam sozinhas na base de todo o assunto e que o extraordinário alarme e credulidade do seu patrão e patroa, em primeira instância, e dos vizinhos e camponeses depois, tornou a sua tarefa comparativamente fácil. Um pouco de destreza comum fora tudo o que tinham usado; e, não sendo elas próprias suspeitas, aumentaram o alarme pelas histórias maravilhosas que inventaram. Foram elas que soltaram os tijolos nas chaminés e colocaram a louça de tal maneira nas prateleiras que caía ao menor movimento."*

A prova de que as raparigas eram as autoras de todo o mal parece ter assentado no facto de que "mal foram presas na cadeia do condado, os ruídos cessaram"; e assim, diz Mackay, "a maioria das pessoas ficou convencida de que apenas a agência humana tinha operado todo o prodígio". Outros, contudo, admite ele, ainda mantiveram a sua crença inicial e ficaram inteiramente insatisfeitos com a explicação, como aliás muito bem poderiam estar, se confiarmos nos detalhes dados pelo próprio Mackay sobre estas perturbações.

Durante cinco dias, uma chuva de paus, pedras e torrões de terra é vista a voar pelo quintal e é atirada contra as janelas.† Centenas de pessoas vêm testemunhar o fenómeno e nenhuma delas consegue explicá-lo.

---

** "Popular Delusions", vol. ii. pp. 133 a 136.*

---

† Este fenómeno, estranho como parece, é exatamente igualado num caso recente registado na "Gazette des Tribunaux" e notado por De Mirville na sua obra "Des Esprits", pp. 381 a 384. Ocorreu em Paris, no populoso bairro de Montagne-Sainte-Geneviève. Uma casa na rua des Grès foi alvejada, por vinte e

uma noites sucessivas, por uma chuva de pesados projéteis, lançados contra ela em tais quantidades, e com tal violência, que a frente da casa foi realmente perfurada em alguns locais, as portas e janelas ficaram despedaçadas, e o conjunto exibia a aparência de um edifício que tivesse suportado um cerco contra pedras de catapultas ou descargas de metralha.

A "Gazette" diz: "De onde vêm estes projéteis, que são pedaços de pavimento, fragmentos de casas velhas, blocos inteiros de pedra de cantaria que, pelo seu peso e pela distância de onde vinham, não poderiam ter sido lançados pela mão do homem? Até ao dia de hoje tem sido impossível descobrir a causa." No entanto a polícia, chefiada pelo próprio Chefe de Polícia, estava na rua todas as noites, e colocou um guarda nas instalações dia e noite. Empregaram também cães ferozes como guardas; mas tudo em vão. De Mirville algum tempo depois visitou pessoalmente o proprietário da casa e o Comissário de Polícia daquele bairro. Ambos lhe asseguraram nos termos mais positivos que, não obstante as constantes precauções tomadas por um corpo de homens sem par em vigilância e sagacidade, não se tinha obtido a menor pista para o mistério (pp. 384 a 386).

É credível, é concebível, que duas raparigas, empregadas todo o dia em tarefas servis sob o olhar da sua patroa, devessem, por "um pouco de destreza comum", ter continuado tal partida durante cinco horas — para não dizer cinco dias — sem serem inevitavelmente detetadas? Depois, vários utensílios na casa não só se movem, como que autoimpelidos, pela sala, mas são arremessados de um quarto para outro, ou deixados cair pela chaminé, na presença de multidões de testemunhas. Há uma pancada tremenda nas portas e no telhado, e as janelas são partidas por paus e seixos que chocalham contra elas. Esta farsa é mantida por mais dez dias, tornando toda a vizinhança um cenário de alarme, desafiando o engenho do herdeiro, do ministro e dos anciãos; e pede-se-nos para acreditar que foi tudo uma mera travessura de duas criadas, efetuada soltando alguns tijolos na chaminé e colocando a louça de modo a cair com um ligeiro movimento! Um espécime notável, certamente, da credulidade da incredulidade!

Pode-se compreender que um tribunal de justiça devesse admitir, como prova presuntiva contra as raparigas, o facto de que a partir do momento em que foram alojadas na cadeia as perturbações cessaram. Com as luzes de que dispunham, a presunção não era irracional. Mas eu já aduzi alguma prova, e futuramente acrescentarei mais,* de que tais perturbações parecem ligar-se a indivíduos (ou, por outras palavras, ocorrer em certas localidades na sua presença) sem qualquer agência — pelo menos, qualquer agência consciente — por parte dessas próprias pessoas.

Outras narrativas desta classe, já impressas, poderiam aqui ser introduzidas, se o espaço o permitisse. Menciono uma ou duas. No "Douglas Jerrold's Journal" de 26 de março de 1847, está a narrativa de perturbações na família de um Sr. Williams, residente em Moscow Road. Utensílios e mobiliário eram movidos e destruídos, quase exatamente como no caso da Sra. Golding e da sua criada. Não há registo, contudo, de quaisquer pancadas nas paredes ou no soalho. Um caso semelhante é detalhado na "Revue Française" de dezembro de 1846, como tendo ocorrido na casa de um agricultor em Clairefontaine, perto de Rambouillet.

Uma narrativa mais notável e detalhada do que qualquer uma destas encontrar-se-á em "Facts and Fantasies" de Spicer, conforme fornecida em manuscrito ao autor pela Sra. E., uma senhora de posses — as perturbações estenderam-se por quatro anos, a saber, de agosto de 1844 a setembro de 1848. Aqui houve pancadas e passos tão altos que abanavam a casa inteira, além de aberturas de portas e janelas, toque de campainhas, ruídos como de movimentação de móveis, o farfalhar, no próprio quarto, de um vestido de seda, o abanar das camas em que jaziam, o som de carruagens a circular no parque quando nenhumas lá estavam, etc.

---

** De tais exemplos, um dos mais notáveis é o da chamada "Rapariga Elétrica", examinada por Arago. Tinha preparado cuidadosamente uma narrativa deste caso a partir das autoridades originais, pretendendo introduzi-la aqui; mas, achando que este volume estava a crescer além das dimensões a que decidira restringi-lo, descartei a história e poderei publicá-la numa obra futura.*

---

Esta narrativa é apoiada pelos certificados de criados e de um guarda policial, que foi convocado para permanecer à noite nas instalações e procurar descobrir a causa destes incómodos. Alguns dos criados deixaram a família, incapazes de suportar o terror e a falta de sono. O próprio Sr. E., após lutar durante anos contra isto, finalmente deixou a propriedade de L——, onde as perturbações tiveram lugar, com a intenção de nunca mais regressar a ela.*

Estes casos podem ser consultados pelos curiosos. A narrativa seguinte, contudo, é tão notável em si mesma, e chega-me diretamente de uma fonte tão inquestionável, que seria fazer injustiça ao assunto omiti-la ou abreviá-la.

## O CEMITÉRIO DE AHRENSBURG

Perturbações numa Capela na Ilha de Oesel† 1844.

Nas imediações de Ahrensburg, a única cidade na ilha de Oesel, encontra-se o cemitério público. Elegantemente delineado e cuidadosamente mantido, plantado com árvores e parcialmente rodeado por um bosque pontuado por árvores de folha persistente, é um passeio favorito dos habitantes. Além dos seus túmulos — em toda a variedade, do mais humilde ao mais elaborado — contém várias capelas privadas, cada uma sendo o local de sepultamento de alguma família de distinção.

---

** "Facts and Fantasies"; uma sequela de "Sights and Sounds, the Mystery of the Day"; por Henry Spicer, Esq., Londres, 1853, pp. 76 a 101.*

*† A ilha de Oesel, no Báltico, é posse da Rússia, tendo sido cedida a essa Potência, pelo Tratado de Nystadt, em 1721. Constitui parte da Livónia.*

---

Por baixo de cada uma destas existe uma cripta, pavimentada com madeira, à qual se desce por uma escadaria a partir do interior da capela, fechada por uma porta. Os caixões dos membros da família falecidos mais recentemente permanecem habitualmente por um tempo na capela. São depois transferidos para as criptas e ali colocados lado a lado, elevados sobre barras de ferro. É costume fazer estes caixões de carvalho maciço, muito pesados e fortemente montados.

A estrada pública passa em frente ao cemitério e a curta distância dele. Conspícuas, e para serem vistas pelo viajante enquanto passa, estão três capelas voltadas para a estrada. Destas, a mais espaçosa, adornada com colunas na frente, é a que pertence à família Buxhoewden, de ascendência patrícia e originária da cidade de Bremen. Tem sido o seu local de enterramento por várias gerações.

Era hábito das pessoas do campo, vindo a cavalo ou com carroças em visita ao cemitério, prenderem os seus cavalos, habitualmente com cabrestos muito robustos, imediatamente em frente a esta capela e junto às colunas que a adornavam. Esta prática continuou, não obstante o facto de que, por uns oito ou dez anos antes dos incidentes que se vão narrar, ter havido de tempos a tempos rumores vagos de um tipo misterioso ligados à capela em questão como sendo assombrada — rumores que, contudo, como não podiam ser rastreados até qualquer fonte fiável, eram pouco acreditados e eram tratados pelos seus proprietários com escárnio.

A principal época de ida ao cemitério por pessoas de todas as partes da ilha cujos parentes ali jaziam sepultados era no Domingo de Pentecostes e nos dias

seguintes — sendo estes ali observados de forma muito semelhante à que costuma ser o Dia de Fiéis na maioria dos países católicos.*

---

** A religião da ilha é a protestante; embora nos últimos anos tenham sido feitas tentativas para obter convertidos para a Igreja Grega.*

---

No segundo dia de Pentecostes, segunda-feira, 22 de junho (Novo Estilo), no ano de 1844, a esposa de um certo alfaiate chamado Dalmann, residente em Ahrensburg, viera com um cavalo e uma pequena carroça para visitar, com os seus filhos, o túmulo da sua mãe, situado atrás da capela da família Buxhoewden, e tinha prendido o seu cavalo, como de costume, em frente a ela, sem o desatrelar, pretendendo, assim que terminasse as suas devoções, visitar um amigo no campo.

Enquanto ajoelhada em oração silenciosa junto ao túmulo, teve uma perceção indistinta, como mais tarde se recordou, de ter ouvido alguns ruídos na direção da capela; mas, absorvida noutros pensamentos, não lhes prestou na altura atenção. Terminadas as suas orações, e regressando para prosseguir a sua jornada, encontrou o seu cavalo — habitualmente um animal tranquilo — num estado inexplicável de excitação. Coberto de suor e espuma, com os membros a tremer, parecia estar em terror mortal. Quando o conduziu para fora, ele parecia mal capaz de andar; e, em vez de prosseguir na excursão pretendida, viu-se obrigada a regressar à cidade e a chamar um cirurgião veterinário. Este declarou que o cavalo devia ter ficado excessivamente aterrorizado por alguma causa ou outra, sangrou-o, administrou-lhe um remédio e o animal recuperou.

Um dia ou dois depois, esta mulher, vindo ao castelo de uma das mais antigas famílias nobres da Livónia, os Barões de Guldenstubbe, perto de Ahrensburg, como era seu costume para fazer trabalhos de costura para a família, relatou ao barão o estranho incidente que lhe ocorrera. Ele tratou-o com leviandade, imaginando que a mulher exagerava e que o seu cavalo poderia ter ficado acidentalmente assustado.

A circunstância teria sido logo esquecida não tivesse sido seguida por outras de caráter semelhante. No domingo seguinte, várias pessoas, que tinham prendido os seus cavalos em frente à mesma capela, relataram que os encontraram cobertos de suor, a tremer e no maior terror; e alguns entre eles acrescentaram que tinham eles próprios ouvido, parecendo proceder das criptas da capela, sons de estrondo que ocasionalmente (mas isto poderia ter sido efeito da imaginação) assumiam o caráter de gemidos.

E isto foi apenas o prelúdio para novas perturbações, aumentando gradualmente em frequência. Um dia no decorrer do mês seguinte (julho) aconteceu estarem onze cavalos presos junto às colunas da capela. Algumas pessoas, passando por perto e ouvindo, como alegaram, ruídos fortes,* como que saindo de debaixo do edifício, deram o alarme; e quando os proprietários chegaram ao local encontraram os pobres animais numa condição lastimável. Vários deles, nos seus esforços frenéticos para escapar, tinham-se atirado ao chão e ali jaziam a debater-se; outros mal eram capazes de andar ou de se manter de pé; e todos estavam violentamente afetados, de modo que se tornou necessário recorrer imediatamente a sangrias e outros meios de alívio. No caso de três ou quatro deles, estes meios provaram ser inúteis. Morreram decorridos um dia ou dois.

Isto era grave. E foi a causa de uma queixa formal ser feita por alguns dos lesados ao Consistório — um tribunal que mantinha as suas sessões em Ahrensburg e tinha a seu cargo os assuntos eclesiásticos.

Cerca da mesma altura, faleceu um membro da família Buxhoewden. No seu funeral, durante a leitura na capela do serviço pelos mortos, o que pareciam gemidos e outros ruídos estranhos foram ouvidos de baixo, para grande terror de alguns dos assistentes, especialmente dos criados.

---

** "Getose" foi a palavra alemã empregada pelo narrador ao falar-me destes sons. É o termo frequentemente usado para designar o ribombar de trovão distante. Schiller diz, no seu "Taucher": — "Und wie mit des fernen Donner's Getose —"*

---

Os cavalos atrelados ao carro funerário e às carruagens de luto foram sensivelmente afetados, mas não tão violentamente como alguns dos outros tinham sido. Após o enterramento, três ou quatro dos que tinham estado presentes, mais ousados que os seus vizinhos, desceram à cripta. Enquanto ali estiveram nada ouviram; mas encontraram, para sua infinita surpresa, que, dos inúmeros caixões que ali tinham sido depositados em devida ordem lado a lado, quase todos tinham sido deslocados e jaziam numa pilha confusa. Procuraram em vão por qualquer causa que pudesse explicar isto. As portas eram mantidas sempre cuidadosamente fechadas e as fechaduras não mostravam sinais de terem sido forçadas. Os caixões foram recolocados em devida ordem.

Este incidente causou muita fala e, claro, atraiu atenção adicional para a capela e para as alegadas perturbações. Crianças eram deixadas a vigiar os cavalos quando alguns eram presos nas suas proximidades; mas elas ficavam habitualmente demasiado assustadas para permanecer; e algumas delas chegaram a alegar que tinham visto alguns espetros de aspeto sombrio a pairar nas proximidades. As histórias, contudo, relatadas por elas sobre este último ponto foram atribuídas — razoavelmente, talvez — às suas figuras excitadas pelo medo. Mas os pais começaram a ter escrúpulos em levar sequer as crianças ao cemitério.

Aumentando a agitação, novas queixas sobre o assunto chegaram ao Consistório, e foi proposto um inquérito sobre a matéria. Os proprietários da capela opuseram-se inicialmente a isto, tratando o assunto como uma partida ou um escândalo lançado pelos seus inimigos. Mas, embora tivessem examinado cuidadosamente o chão da cripta para se certificarem de que ninguém tinha entrado por baixo, nada conseguiram encontrar para confirmar as suas suspeitas. E, tendo o Barão de Guldenstubbe, que era presidente do Consistório, visitado as criptas privadamente em companhia de dois membros da família, e tendo encontrado os caixões novamente na mesma desordem, eles finalmente, após restaurarem os caixões aos seus lugares, assentiram a uma investigação oficial do caso.

As pessoas encarregadas desta investigação foram o Barão de Guldenstubbe, como presidente, e o bispo da província, como vice-presidente do Consistório; dois outros membros do mesmo corpo; um médico, chamado Luce; e, por parte da magistratura da cidade, o burgomeister, de nome Schmidt, um dos síndicos e um secretário.

Procederam, em conjunto, a instituir um exame cuidadoso da cripta. Todos os caixões ali depositados, com exceção de três, foram encontrados desta vez, como antes, deslocados. Dos três caixões que formavam a exceção, um continha os restos mortais de uma avó do então representante da família, que morrera cerca de cinco anos antes; e os outros dois eram de crianças pequenas. A avó fora, em vida, reverenciada quase como uma santa, pela sua grande piedade e constantes atos de caridade e benevolência.

A primeira sugestão que se apresentou, ao descobrir este estado de coisas, foi que ladrões pudessem ter entrado para fins de pilhagem. A cripta de uma capela adjacente fora forçada algum tempo antes e o rico veludo e franja de ouro que adornavam os caixões tinham sido cortados e roubados. Mas o mais

cuidadoso exame falhou em fornecer quaisquer fundamentos para tal suposição no presente caso. Os ornamentos dos caixões foram encontrados intactos. A comissão mandou abrir vários, a fim de verificar se os anéis ou outros artigos de joalharia que era costume enterrar com os cadáveres, e alguns dos quais eram de valor considerável, tinham sido levados. Nenhuma indicação deste tipo, contudo, apareceu. Um ou dois dos corpos tinham-se desfeito quase em pó; mas as quinquilharias que se sabia terem feito parte do traje fúnebre jaziam ainda ali, no fundo dos caixões.

Ocorreu a seguir, como uma possibilidade, à comissão, que alguns inimigos da família Buxhoewden, abastados, talvez, e determinados a trazer-lhes incómodo e descrédito, pudessem ter mandado escavar uma passagem subterrânea, com a sua entrada à distância e ocultada de modo a evitar observação, e a própria passagem passando por baixo dos alicerces do edifício e abrindo para a cripta. Isto poderia fornecer explicação suficiente para a desordem dos caixões e para os ruídos ouvidos do exterior.

Para determinar o ponto, contrataram trabalhadores, que levantaram o pavimento da cripta e examinaram cuidadosamente os alicerces da capela; mas sem qualquer resultado. O escrutínio mais minucioso não detetou qualquer entrada secreta.

Nada restava senão recolocar tudo em devida ordem, tomando nota exata da posição dos caixões, e adotar precauções especiais para a deteção de qualquer futura intrusão. Assim, em conformidade, foi feito. Ambas as portas, a interna e a externa, após serem cuidadosamente fechadas à chave, foram duplamente seladas; primeiro com o selo oficial do Consistório, depois com o que ostentava as armas da cidade. Cinzas finas de madeira foram espalhadas por todo o pavimento de madeira da cripta, pelas escadas que desciam para ela a partir da capela e pelo chão da própria capela. Finalmente, guardas, selecionados da guarnição da cidade e rendidos a curtos intervalos, foram colocados durante três dias e noites para vigiarem o edifício e impedirem que alguém se aproximasse dele.

Ao fim desse tempo, a comissão de inquérito regressou para verificar o resultado. Ambas as portas foram encontradas fechadas com segurança e os selos inviolados. Entraram. A camada de cinzas apresentava ainda uma superfície lisa e ininterrupta. Nem na capela nem na escadaria que conduzia à cripta havia o rasto de um passo, de homem ou animal. A cripta estava suficientemente

iluminada a partir da capela para tornar cada objeto distintamente visível. Desceram. Com os corações a bater, contemplaram o espetáculo diante deles.

Não só cada caixão, com as mesmas três exceções de antes, estava deslocado e o conjunto espalhado em confusão pelo lugar, como muitos deles, pesados como eram, tinham sido colocados em pé, de modo que a cabeça do cadáver ficasse para baixo. E nem sequer isto era tudo. A tampa de um caixão tinha sido parcialmente forçada a abrir, e ali projetava-se o braço direito ressequido do cadáver que continha, mostrando-se além do cotovelo — estando o antebraço voltado para cima em direção ao teto da cripta!

Passado o primeiro choque que esta visão assombrosa produziu, a comissão procedeu a tomar nota cuidadosamente, em detalhe, da condição das coisas tal como as encontraram. Nenhum rasto de passo humano foi descoberto na cripta, tal como nas escadas ou na capela. Nem foi detetada a mínima indicação de qualquer violação criminosa. Uma segunda busca verificou o facto de que nem os ornamentos externos dos caixões nem os artigos de joalharia com que alguns dos cadáveres tinham sido decorados foram subtraídos. Tudo estava desarrumado; nada fora levado.

Aproximaram-se, com algum sobressalto, do caixão de um lado do qual o braço se projetava; e, com um calafrio, reconheceram-no como sendo aquele em que tinham sido colocados os restos mortais de um membro da família Buxhoewden que cometera suicídio. O assunto fora abafado na altura, através da influência da família, e o suicida fora enterrado com as cerimónias habituais; mas o facto transpirou e era conhecido em toda a ilha, que ele fora encontrado com a garganta cortada e a navalha ensanguentada ainda segura na sua mão direita — a mesma mão que agora estava estendida à vista humana de debaixo da tampa do caixão; um memorial pavoroso, ao que parecia, do ato temerário que tinha introduzido o homem infeliz, sem ser chamado, noutro mundo!

Um relatório oficial expondo o estado da cripta e da capela na altura em que a comissão colocou selos nas portas, verificando o facto de que os selos foram mais tarde encontrados ininterruptos e a camada de cinzas intacta, e, finalmente, detalhando a condição das coisas tal como apareceram quando a comissão revisitou a capela ao fim dos três dias, foi redigido pelo Barão de Guldenstubbe, como presidente, e assinado por si mesmo, pelo bispo, pelo burgomeister, pelo médico e pelos outros membros da comissão, como testemunhas. Este documento, registado com os outros procedimentos do Consistório, encontra-se

entre os seus arquivos, e pode ser examinado por quaisquer viajantes, respeitavelmente recomendados, mediante pedido ao seu secretário.

Nunca tendo visitado a ilha de Oesel, não tive oportunidade de inspecionar pessoalmente este papel. Mas os factos acima narrados foram-me detalhados por Mademoiselle de Guldenstubbe,* filha do barão, que residia na casa do seu pai na altura e tinha conhecimento de cada pormenor minucioso. Foram-me confirmados também, na mesma ocasião, pelo seu irmão, o atual barão.

Esta senhora informou-me de que as circunstâncias produziram uma excitação tão grande em toda a ilha, que não se poderia ter encontrado, entre os seus cinquenta mil habitantes, o morador de uma cabana para quem elas não fossem familiares. Acrescentou que o efeito sobre o médico, M. Luce, testemunha destes prodígios, foi

---

** Em Paris, a 8 de maio de 1859.*

---

tal que produziu uma mudança radical no seu credo. Homem capaz, distinto na sua profissão, familiarizado também com as ciências da botânica, mineralogia e geologia, e autor de várias obras de renome sobre estes assuntos, ele tinha embebido as doutrinas materialistas que eram prevalentes, especialmente entre homens de ciência, por toda a Europa continental, nos seus tempos de faculdade; e estas ele manteve até à hora em que, na cripta dos Buxhoewden, se convenceu de que existem poderes ultramundanos assim como terrenos, e de que este não é o nosso estado final de existência.

Resta dizer que, como as perturbações continuaram por vários meses após esta investigação, a família, a fim de se livrar do incómodo, resolveu tentar o efeito de enterrar os caixões. Assim o fizeram, cobrindo-os a uma profundidade considerável com terra. O expediente resultou. Daí em diante, nenhuns ruídos foram ouvidos proceder da capela; cavalos podiam ser presos com impunidade diante dela; e os habitantes, recuperando do seu alarme, frequentavam com os seus filhos, como de costume, o seu refúgio favorito. Nada restou senão a memória das ocorrências passadas, — para se desvanecer à medida que a geração atual morre, e talvez para ser considerada pela próxima como uma lenda fútil do incrível.

Para nós, entretanto, é mais do que uma lenda. Apenas quinze anos decorreram desde a data da sua ocorrência. Temos o testemunho de testemunhas vivas da sua verdade.

Os pontos salientes na narrativa são, primeiro, o terror extremo dos animais, terminando, em dois ou três casos, na morte; e, segundo, o caráter oficial da investigação e as minuciosas precauções tomadas pela comissão de inquérito para prevenir ou detetar o engano.

A evidência resultante do primeiro ponto é do tipo mais forte. Num caso destes, é impossível que os animais simulem; igualmente impossível que sejam influenciados pela imaginação. O seu terror era real, e tinha uma causa real e adequada. Mas poderá a causa ser considerada adequada se definirmos estes ruídos como de caráter comum? Um som comum, muito mais alto e mais assustador do que podemos supor que tenham sido os da capela, — o trovão, por exemplo, quando a pouca distância, — assusta frequentemente os cavalos, mas nunca, tanto quanto sei ou ouvi, a tal ponto que produza a morte.

Para nada dizer do caso bem conhecido registado na Escritura,* vários exemplos mais ou menos análogos ao anterior encontrar-se-ão ao longo deste volume.

Quanto à prova adicional fornecida pelo resultado do inquérito oficial, é difícil, sob qualquer suposição, refutá-la. A única hipótese, além da interferência ultramundana, que parece restar-nos é aquela que ocorreu à comissão, — a saber, a possibilidade de uma passagem subterrânea. Mas, mesmo que consintamos em acreditar que estes cavalheiros, após a sugestão lhes ter ocorrido e de terem mandado vir trabalhadores expressamente para resolver as suas dúvidas, pudessem ainda assim permitir que o trabalho fosse feito tão descuidadamente que a entrada secreta lhes escapou finalmente, permanece outra dificuldade. A cripta tinha um pavimento de madeira. Uma parte deste, na verdade, poderia ser facilmente levantada por uma pessoa que desejasse efetuar uma entrada. Mas, depois de uma camada de cinzas ter sido espalhada sobre ele, como poderia alguém, trabalhando por baixo, recolocá-lo de modo a não deixar na superfície das cinzas rasto algum da operação?

Finalmente, se estas perturbações devem ser atribuídas a artimanhas, por que razão deveriam os burlões ter descontinuado a sua perseguição assim que os caixões foram colocados debaixo de terra?

---

** Números xxii. 23.*

---

Esta última dificuldade, contudo, existe igualmente no caso de adotarmos a hipótese espiritual. Se a interferência de outro mundo fosse a causa destes fenómenos, por que deveria essa interferência ter cessado a partir do momento em que os caixões foram enterrados?

E com que objetivo, poder-se-á perguntar adicionalmente na mesma suposição, tal interferência de todo? Parece ter efetuado a conversão do materialismo do médico assistente, — possivelmente de outros; mas será isso resposta suficiente?

Por muitos será considerada insuficiente. Mas, mesmo que o seja, a nossa ignorância do motivo Divino não pode invalidar factos. Não temos o hábito de negar fenómenos como uma erupção do Vesúvio, ou um terramoto devastador, devido à nossa incapacidade de compreender por que a Providência os ordena.

Resta, afinal, portanto, uma simples questão de facto. Tendo exposto as circunstâncias exatamente como as recebi de uma fonte que sei ser fiável, e tendo acrescentado as sugestões a que na minha mente dão origem, cabe ao leitor atribuir a cada uma o peso que julgue merecer.

Todas estas ocorrências, observar-se-á, datam de antes da primavera de março de 1848, quando as primeiras perturbações, a origem do Espiritualismo nos Estados Unidos, tiveram lugar na família Fox, e não podem, portanto, ser imaginadas como tendo resultado desse movimento. O mesmo se pode dizer de outras narrativas europeias de data um pouco posterior; pois não foi senão até ao início do ano de 1852 que a agitação que seguiu gradualmente as pancadas de Rochester atingiu tal extensão que fez com que os fenómenos de pancadas e mesas girantes fossem conhecidos e comentados na Europa.

Destas últimas seleciono uma, cujas circunstâncias ligadas deram origem, como num exemplo anterior, a processos judiciais; e restrinjo-me à prova dada sob juramento no decurso do julgamento. Dificilmente poderemos obter testemunho mais forte para qualquer ocorrência passada que seja.

## A CASA PAROQUIAL DE CIDEVILLE
### Perturbações no Departamento do Sena, França, 1850-51.

No inverno de 1850-51, certas perturbações de caráter extraordinário ocorreram na casa paroquial de Cideville, uma aldeia e comuna perto da cidade de Yerville, no Departamento do Sena-Inferior, cerca de trinta e cinco milhas a

leste do Havre e oitenta milhas a noroeste de Paris. Esta casa paroquial era ocupada por M. Tinel, padre da paróquia e cura de Cideville.

O surgimento e continuação destas perturbações pareciam depender da presença de duas crianças, na altura com a idade de doze e catorze anos respetivamente, filhos de pais respeitáveis, eles próprios de temperamento amável e bom caráter, que tinham sido confiados aos cuidados do cura para serem educados para o sacerdócio, e que residiam na casa paroquial.

As perturbações começaram, na presença destas crianças, a 26 de novembro de 1850, e continuaram diariamente, ou quase diariamente, — habitualmente no quarto ou quartos em que as crianças estavam, — por mais de dois meses e meio, a saber, até 15 de fevereiro de 1851, o dia em que as crianças, por ordem do Arcebispo de Paris, foram removidas da casa paroquial. A partir desse dia, todos os ruídos e outras perturbações cessaram.*

---

** As crianças, quando retiradas de M. Tinel, foram confiadas aos cuidados de M. Fauvel, padre da paróquia de St. Ouen du Breuil, que atesta o seu bom caráter e conduta. Veja-se a sua carta no panfleto de De Mirville, "Fragment d'un Ouvrage inédit". Não consta que as perturbações as tenham seguido para o seu novo lar.*

---

Aconteceu que, devido a certas circunstâncias precedentes e acompanhantes destes estranhos fenómenos, — principalmente, contudo, ao que parece, em consequência das suas próprias jactâncias vãs de poderes secretos e conhecimento das artes negras, — um certo pastor residente na comuna vizinha de Anzouville-l'Esneval, chamado Félix Thorel, começou gradualmente a ser suspeito, pelos mais crédulos, de praticar feitiçaria contra as crianças, e assim causar as perturbações na casa paroquial que tinham alarmado e agitado a vizinhança. Parece que o cura, Tinel, partilhava até certo ponto desta fantasia popular, e expressou a opinião de que o pastor era um feiticeiro e o autor dos incómodos em questão.

Perante isto, Thorel, tendo perdido o seu lugar de pastor em consequência de tais suspeitas, moveu um processo por difamação contra o cura, fixando os danos em mil e duzentos francos. O julgamento começou perante o juiz de paz de Yerville a 7 de janeiro de 1851, as testemunhas foram ouvidas (em número de dezoito para a acusação e dezasseis para a defesa) a 28 de janeiro e nos dias seguintes, e a sentença final foi proferida a 4 de fevereiro seguinte.

Nesse documento, após premissar que, "fosse qual fosse a causa dos factos extraordinários que ocorreram na casa paroquial de Cideville, é claro, pela soma total do testemunho aduzido, que a causa destes factos permanece ainda desconhecida"; após premissar ainda "que embora, por um lado, o réu (o cura), de acordo com várias testemunhas, tenha declarado que o queixoso (o pastor) se gabara de produzir as perturbações na casa paroquial de Cideville, e tenha expressado as suas próprias suspeitas (do réu) de que ele (o queixoso) era o autor delas, contudo, por outro lado, está provado por inúmeras testemunhas que o referido queixoso tinha dito e feito quanto estava no seu poder para convencer o público de que tinha realmente mão na sua perpetração, e particularmente pelas suas vanglórias às testemunhas Cheval, Vareu, Lettellier, Foulongue, Le Hernault e outros"; e, ainda, após decidir que, em consequência, "o queixoso não pode sustentar um pedido de indemnização por alegada difamação da qual ele próprio foi o primeiro autor", o magistrado deu ganho de causa ao réu (o cura), e condenou o queixoso (o pastor) a pagar as custas do processo.

No prazo de dez dias após a prolação desta sentença, um cavalheiro que tinha visitado a casa paroquial durante estas perturbações, ali tinha testemunhado muitos dos fenómenos mais extraordinários, e fora ele próprio uma das testemunhas no julgamento, — o Marquês de Mirville, bem conhecido no mundo literário de Paris como autor de uma obra recente sobre Pneumatologia, — recolheu do registo legal todos os documentos ligados ao julgamento, incluindo o procès-verbal do testemunho; sendo este último, de acordo com as formas de justiça francesas, anotado no momento do depoimento, depois lido a cada testemunha e a sua exatidão por ela atestada.

É destes documentos oficiais, assim recolhidos na altura como apêndice a um panfleto sobre o assunto,* que traduzo os seguintes pormenores das perturbações em questão, incorporando aqueles fenómenos sobre os quais o corpo principal das testemunhas concordou, e omitindo as partes do testemunho que são imateriais ou não corroboradas; também aquelas que se referem especialmente às provas a favor e contra a acusação de difamação e à alegada agência do pastor Thorel.

---

** "Fragment d'un Ouvrage inédit", publicado por Vrayet de Surcy, Paris, 1852. (A obra inédita aqui referida é o conhecido volume de De Mirville sobre Pneumatologia).*

---

Na terça-feira, 26 de novembro de 1850, estando as duas crianças a trabalhar num dos quartos do andar superior da casa paroquial, por volta das

cinco horas da tarde, ouviram pancadas, assemelhando-se a golpes leves de um martelo, no lambril do aposento. Estas pancadas continuaram diariamente ao longo da semana, à mesma hora da tarde.

No domingo seguinte, 1 de dezembro, os golpes começaram ao meio-dia; e foi nesse dia que o cura pensou pela primeira vez em dirigir-se a eles. Disse: "Batam mais forte!". Perante isto, os golpes foram repetidos com mais força. Continuaram assim todo esse dia.

Na segunda-feira, 2 de dezembro, o mais velho dos dois rapazes disse às pancadas: "Marquem o tempo da melodia de Maître Corbeau"; e elas obedeceram imediatamente.

No dia seguinte, terça-feira, 3 de dezembro, tendo o rapaz relatado as circunstâncias acima a M. Tinel, este (Tinel), ficando muito espantado, resolveu tentar e disse: "Toquem-nos o Maître Corbeau"; e as pancadas obedeceram.

Na tarde desse dia, as pancadas tornaram-se tão altas e violentas que uma mesa no aposento se moveu um pouco, e o ruído foi tão grande que mal se conseguia permanecer no quarto. Mais tarde, na mesma tarde, a mesa moveu-se do seu lugar três vezes. A irmã do cura, após certificar-se de que as crianças não a tinham movido, recolocou-a; mas duas vezes ela seguiu-a de volta. Os ruídos continuaram, com violência, toda essa semana.*

Na segunda-feira, 9 de dezembro, estando presentes Auguste Huet, um proprietário vizinho, o cura de Limésy e outro cavalheiro, estando também presente a criança mais nova, mas com os braços cruzados, Huet tocou com o dedo na borda da mesa e disse: "Batam tantos golpes quantas as letras do meu nome". Quatro golpes foram imediatamente batidos, no próprio local, sob o seu dedo. Ele ficou convencido de que não poderia ter sido feito pela criança, nem por ninguém na casa. Depois pediu-lhe para marcar o tempo da melodia de "Au Clair de la Lune"; e assim fez.†

O Presidente da Câmara de Cideville depõe sobre o facto de que, estando na casa paroquial, viu as tenazes saltarem da lareira para o quarto. Depois a pá fez a mesma coisa. O Presidente disse a uma das crianças: "Ora, Gustave! o que é aquilo?". A criança respondeu: "Eu não lhe toquei". As tenazes e a pá foram então recolocadas e, uma segunda vez, saltaram para a frente para o quarto. Desta vez, como testemunhou o Presidente, ele tinha os olhos fixos nelas, de modo a detetar o truque caso alguém as empurrasse; mas nada havia para ser visto.‡

M. Leroux, cura de Saussay, depõe que, estando na casa paroquial, testemunhou coisas que lhe eram inexplicáveis. Viu um martelo voar, impelido por uma força invisível, do local onde jazia, e cair no chão do quarto sem mais ruído do que se uma mão o tivesse colocado ali levemente. Também viu um pedaço de pão que jazia na mesa mover-se por si mesmo e cair debaixo da mesa. Estava de tal modo colocado que era impossível que alguém pudesse ter atirado estas coisas sem que ele o visse fazer. Também ouviu os ruídos extraordinários e tomou todas as precauções possíveis, até mesmo colocando-se debaixo da mesa, para se certificar de que as crianças não os produziam. Tão certo estava ele disto que, para usar a sua própria expressão, "assinaria com o seu sangue". ("Je le signerais de mon sang"). Ele notou que M. Tinel parecia exasperado por estes ruídos e pela sua repetição contínua; e acrescentou que, tendo dormido várias noites no mesmo quarto que M. Tinel, este último acordava assustado com as perturbações.§

O depoimento do Marquês de Mirville, proprietário em Gomerville, é um dos mais circunstanciais. Ele testemunha com o seguinte efeito: Tendo ouvido falar muito das perturbações em Cideville, resolveu subitamente um dia ir para lá. A distância da sua residência é de catorze léguas. Chegou à casa paroquial ao anoitecer, inesperadamente para os seus ocupantes, e passou lá a noite, nunca perdendo de vista o cura nem deixando-o um momento sozinho com as crianças. O cura conhecia o nome do marquês, mas apenas por uma carta de apresentação que este último trouxera.

M. de Mirville passou a noite na casa paroquial, tendo o cura cedido para ele a sua cama, no mesmo quarto em que as crianças dormiam. Nenhuma perturbação durante a noite. Na manhã seguinte, uma das crianças acordou-o e disse: "Ouve, senhor, como isto arranha?".

"O quê, meu filho?"

"O espírito."

E o marquês ouviu, de facto, um forte arranhar no colchão da cama das crianças. Notificou o agente misterioso, contudo, de que não acharia que os ruídos valessem a pena ouvir a menos que o teatro de operações fosse removido de onde as crianças estavam. Então as pancadas foram ouvidas acima da cama. "Demasiado perto ainda!", disse M. de Mirville. "Vai e bate naquele canto", (apontando para um canto distante do quarto). Instantaneamente a pancada foi ouvida ali. "Ah!", disse o marquês, "agora podemos conversar: bate um único golpe se concordares". Um golpe alto por resposta.

Assim, após o pequeno-almoço, tendo o cura ido à missa e estando as crianças no quarto nos seus estudos, ele levou a cabo a sua intenção, assim: —

"Quantas letras tem o meu nome? Responde pelo número de batidas."

Oito batidas foram dadas.

"Quantas no meu nome próprio?"

Cinco batidas. (Jules).

"Quantas no meu pré-nome?" (prénom; um nome, notou ele, pelo qual nunca era chamado e que apenas era conhecido pelo seu registo de batismo).

Sete batidas. (Charles).

"Quantas letras no nome da minha filha mais velha?"

Cinco batidas. (Aline).

"Quantas no nome da minha filha mais nova?"

Nove batidas. Desta vez o primeiro erro, sendo o nome Blanche; mas as batidas recomeçaram imediatamente e bateram sete, corrigindo assim o erro original.

"Quantas letras no nome da minha comuna? mas tem cuidado e não cometas um erro comum de ortografia."

Uma pausa. Depois dez batidas, — o número correto de Gomerville; muitas vezes erroneamente grafado Gommerville.

A pedido desta testemunha, as pancadas marcaram o tempo de várias melodias. Uma, a valsa de "Guillaume Tell", que não conseguia marcar, foi trauteada por M. de Mirville. Após uma pausa, as pancadas seguiram a medida nota por nota; e foi repetida várias vezes no decurso do dia.

A testemunha, sendo questionada se achava que o cura poderia ser ele próprio o autor destas perturbações, respondeu: "Ficaria muito espantado se qualquer pessoa nesta vizinhança pudesse alimentar tal opinião."**

Madame de Saint-Victor, residente num castelo vizinho, tinha visitado frequentemente a casa paroquial, — ao início, como depôs, completamente incrédula e convencida de que poderia descobrir a causa das perturbações. A 8 de dezembro, após as vésperas, estando na casa paroquial e afastada de qualquer pessoa, sentiu o seu manto agarrado por uma força invisível, de modo a dar-lhe um forte puxão ou choque (une forte secousse). Entre vários outros fenómenos, precisamente uma semana antes de dar o seu testemunho (22 de janeiro), enquanto estava sozinha com as crianças, viu duas secretárias, nas quais elas estavam então ocupadas a escrever, virarem-se no chão, e a mesa virar-se em cima delas.

A 28 de janeiro, viu um castiçal levantar voo da chaminé da cozinha e atingir a sua femme-de-chambre nas costas. Ela também, em companhia do seu filho, ouviu as pancadas marcarem a medida de várias melodias. Quando marcou "Maître Corbeau", ela disse: "É só isso que sabes?". Ao que ele imediatamente marcou a medida de "Au Clair de la Lune" e "J'ai du bon Tabac". Durante a marcação de várias destas melodias, estando sozinha com as crianças, observou-as atentamente, — os seus pés, as suas mãos e todos os seus movimentos. Era impossível que o tivessem feito.††

---

** Testemunho de Gustave Lemonier e de Clément Bunel.*
*† Testemunho de Auguste Huet.*
*‡ Testemunho de Adolphe Cheval, Presidente da Câmara de Cideville.*
*§ Testemunho de Martin Tranquille Leroux, cura de Saussay.*
**** Testemunho de Charles Jules de Mirville.**
*†† Testemunho de Madame de Saint-Victor.*

---

Outra testemunha importante, M. Robert de Saint-Victor, filho da testemunha precedente, depôs como se segue. A convite do cura, vários dias após o início das perturbações, visitou a casa paroquial, cerca das três e meia da tarde. Subindo as escadas, passados uns tempos ouviu ligeiras pancadas no lambril. Assemelhavam-se, embora não fossem exatamente iguais, a sons produzidos por uma ponta de ferro a bater em madeira dura. A testemunha chegou completamente incrédula, e convicta de que poderia descobrir a causa destas pancadas. No primeiro dia, estas excitaram fortemente a sua atenção, mas não garantiram a sua convicção. No dia seguinte, às dez horas, regressou. Várias canções populares foram então, a seu pedido, marcadas em tempo.

---

**Depoimento de Marie-Françoise-Adolphine Deschamps de Bois-Hébert, esposa de M. de Saint-Victor.**

---

No mesmo dia, cerca das três horas, ouviu golpes tão pesados que teve a certeza de que um malho a bater no soalho não teria produzido nada de igual. Para o fim da tarde, estes golpes continuaram quase sem interrupção. Nessa altura, M. Cheval, o Presidente da Câmara de Cideville, e a testemunha percorreram a casa juntos. Viram, várias vezes, a mesa onde as crianças estavam sentadas mover-se do seu lugar.

Para se assegurarem de que isto não poderia ser, de forma alguma, obra das crianças, colocaram ambas as crianças no meio do quarto; depois, M. Cheval e a testemunha sentaram-se à mesa, e sentiram-na afastar-se da parede várias vezes.

Tentaram pela força bruta impedir que se movesse; mas os seus esforços unidos foram inúteis. Apesar deles, moveu-se de dez a doze *centímetros* (cerca de quatro polegadas), e isso com um movimento uniforme, sem qualquer solavanco. A mãe da testemunha, que estava presente, tinha anteriormente testemunhado o mesmo facto.*

Enquanto o cura tinha ido à igreja, a testemunha permaneceu sozinha com as crianças; e logo se levantou tal estrépito no quarto que mal se podia suportar. Cada peça de mobiliário ali existente foi posta em vibração. E a testemunha confessou que esperava a cada momento que o soalho do aposento se afundasse sob os seus pés. Sentiu-se convencido de que, se cada pessoa na casa se tivesse posto a trabalhar, em conjunto, para bater com malhos no chão, não poderiam ter produzido tal algazarra. O ruído parecia prender-se especialmente à mais nova das duas crianças, sendo as pancadas habitualmente naquela parte do lambril mais próxima de onde ela por acaso estivesse de pé ou sentada. A criança parecia em constante terror.

A testemunha tornou-se finalmente inteiramente convencida de que a força oculta, fosse qual fosse o seu caráter preciso, era inteligente.

---

** Veja-se o testemunho de Madame de Saint-Victor.**

---

Quando regressou, vários dias mais tarde, à casa paroquial, os fenómenos continuaram com violência ainda crescente. Numa noite, desejando entrar no quarto onde as crianças habitualmente se sentavam, a porta resistiu aos seus esforços para a abrir — uma resistência que, asseverou a testemunha, não poderia atribuir a uma causa natural; pois quando conseguiu empurrá-la para abrir e entrar no quarto, não estava lá ninguém. Outro dia, ocorreu-lhe pedir uma melodia pouco conhecida — o *Stabat Mater*, de Rossini; e esta foi dada com uma exatidão extraordinária.

Regressando, alguns dias mais tarde, a convite renovado do cura, esta testemunha subiu as escadas; e no momento em que chegou defronte da porta do quarto superior, uma secretária que estava sobre a mesa onde as crianças habitualmente estudavam (mas elas não estavam lá na altura) saltou do seu lugar, e veio em direção à testemunha com um movimento rápido, seguindo uma linha paralela ao chão, até estar a cerca de trinta centímetros (um pé) da sua pessoa, quando caiu verticalmente no chão. O local onde caiu ficava a cerca de dois metros (entre seis e sete pés) de distância da mesa.*

A testemunha Bouffay, vigário de St. Maclou, declarou ter estado várias vezes na casa paroquial. Da primeira vez, ouviu ruídos contínuos nos aposentos ocupados pelas crianças. Estes ruídos eram inteligentes e obedientes. Numa ocasião, dormindo a testemunha no quarto das crianças, o alvoroço foi tão violento que pensou que o soalho se abriria sob si. Ouviu os ruídos igualmente na presença e na ausência do cura; e notou especialmente que as crianças estavam imóveis quando as perturbações ocorriam, e evidentemente não poderiam produzi-las.

---

**Testemunho de M. Raoul-Robert de Saint-Victor.**

---

Numa ocasião, a testemunha, com o cura e as crianças, dormiu em casa de um vizinho para escapar aos ruídos contínuos.*

O depoimento de Dufour, agente de terras em Yerville, foi no sentido de que, a 7 de dezembro, estando a jantar na casa paroquial, ouviram-se pancadas no andar de cima. Mademoiselle Tinel disse: "Ouvem? São os ruídos que acontecem". A testemunha subiu as escadas e encontrou as crianças sentadas cada uma numa extremidade da mesa, mas distantes dela cinquenta ou sessenta centímetros (cerca de dois pés). Ouviu golpes na parede, que tem a certeza de que as crianças não fizeram.

Depois, a mesa avançou para o quarto sem ninguém lhe tocar. A testemunha voltou a colocá-la no seu lugar. Ela moveu-se para a frente uma segunda vez cerca de três metros (cerca de dez pés) para dentro do quarto, sem as crianças lhe tocarem. Enquanto a testemunha descia as escadas, parou no primeiro degrau para olhar para trás para a mesa, e viu-a vir para a frente até à borda da escadaria, impelida por uma força invisível. A testemunha observou que a mesa não tinha rodízios. Isto ocorreu enquanto o cura estava ausente da casa paroquial.†

A testemunha Gobert, vigário de St. Maclou, testemunhou que, quando o cura de Cideville e as duas crianças foram à sua casa (de Gobert), ele ouviu, no teto e nas paredes do seu aposento, ruídos semelhantes aos que ele (Gobert) tinha antes ouvido na casa paroquial de Cideville.‡

Tais são os factos principais que as testemunhas neste estranho processo atestaram. Omiti aqueles que repousavam apenas no testemunho das crianças. A diligência de M. de Mirville recolheu e incorporou no panfleto referido evidência

adicional, sob a forma de várias cartas escritas por cavalheiros respeitáveis que visitaram a casa paroquial durante as perturbações.

---

**Testemunho de Athanase Bouffay, vigário de St. Maclou, de Rução.**

**† Testemunho de Nicolas-Boniface Dufour, agente de terras em Yerville.**

**‡ Testemunho de Adalbert-Honoré Gobert, vigário de St. Maclou, de Rução.**

---

Uma é do juiz assistente de um tribunal vizinho, M. Rousselin. Encontrou o cura profundamente aflito pela sua posição dolorosa, e obteve dele todas as oportunidades de interrogar, separadamente, as crianças, a irmã de M. Tinel e o seu criado. Todo o comportamento deles trazia a marca da veracidade. O seu testemunho foi claro, direto e uniformemente consistente. Encontrou as vidraças partidas e tábuas colocadas contra elas. Outro cavalheiro afirma que, à sua chegada à casa paroquial, ficou impressionado com o olhar triste e infeliz do cura, que, acrescenta, lhe deu a impressão, pela sua aparência, de ser um homem muito digno. Todas estas cartas corroboram plenamente o testemunho precedente.

Seria difícil encontrar um caso mais explícito ou mais bem autenticado do que o anterior. No entanto, é certo que os fenómenos que ele revela, por muito que se assemelhem ao que tem ocorrido nos últimos dez anos por todos os Estados Unidos, não são rastreáveis, direta ou indiretamente, através da influência de imitação, agitação epidémica ou de outro modo, ao movimento Espiritual entre nós. A história das pancadas de Rochester, então apenas a começar aqui, nunca chegara à humilde casa paroquial de Cideville, e não oferecia explicação aos seus alarmados ocupantes para os incómodos que quebravam o seu sossego e excitavam os seus temores.

Poderia continuar, indefinidamente, a aumentar o número de narrativas semelhantes, mas uma repetição não provaria nada mais do que o que é estabelecido pelos espécimes já dados. Portanto, encerro aqui a minha lista de perturbações ocorridas na Europa e procedo a fornecer, para concluir, das fontes mais autênticas, aquele exemplo, já referido, ocorrido no nosso próprio país, que se tornou conhecido, tanto na Europa como na América, sob o nome de "Rochester Knockings".

## A HABITAÇÃO DE HYDESVILLE

## Perturbações no Oeste de Nova Iorque, 1848.

Existe, não muito longe da cidade de Newark, no condado de Wayne e Estado de Nova Iorque, uma habitação de madeira — uma de um aglomerado de pequenas casas como ela própria, mal merecendo o título de aldeia, mas conhecida sob o nome de Hydesville; sendo assim chamada devido ao Dr. Hyde, um antigo colono, cujo filho é o proprietário da casa em questão. Tem um andar e meio de altura, voltada para sul; o andar inferior consistindo, em 1848, em dois quartos de tamanho moderado, abrindo um para o outro; a leste destes, um quarto de dormir, abrindo para a sala de estar, e uma despensa, abrindo para a mesma sala; juntamente com uma escadaria (entre o quarto e a despensa) que conduzia da sala de estar para o meio andar de cima, e da despensa para a cave.

Esta humilde habitação tinha sido selecionada como residência temporária, durante a construção de outra casa no campo, pelo Sr. John D. Fox.

A família Fox era composta por agricultores conceituados, membros da Igreja Metodista em boa situação, e muito respeitados pelos seus vizinhos como pessoas honestas e íntegras. Os antepassados do Sr. Fox eram alemães, sendo o nome originalmente Voss; mas tanto ele como a Sra. Fox eram nativos. Na família da Sra. Fox, francesa de origem e de nome Rutan, vários indivíduos tinham evidenciado o poder da segunda vista — a sua avó materna, cujo nome de solteira era Margaret Ackerman, e que residia em Long Island, entre eles. Ela tinha, frequentemente, perceções de funerais antes de estes ocorrerem, e costumava seguir estas procissões fantasmas até à sepultura como se fossem materiais.

A irmã da Sra. Fox também, a Sra. Elizabeth Higgins, possuía poder semelhante. Numa ocasião, no ano de 1823, as duas irmãs, então residentes em Nova Iorque, propuseram-se ir para Sodus por canal. Mas Elizabeth disse, uma manhã: "Não faremos esta viagem por água". "Por que razão?", perguntou a irmã. "Porque sonhei a noite passada que viajávamos por terra, e havia uma senhora estranha connosco. No meu sonho, também, pensei que chegávamos à taverna de Mott, nos bosques de Beech, e que eles não nos podiam admitir, porque a Sra. Mott jazia moribunda na casa.

Sei que tudo se tornará verdade." "Muito improvável, de facto", respondeu a irmã; "pois o ano passado, quando passámos lá, a mulher do Sr. Mott jazia morta na casa." "Verás. Ele deve ter casado novamente; e perderá a sua segunda mulher." Cada pormenor aconteceu como a Sra. Higgins tinha predito. A Sra.

Johnson, uma estranha que à data do sonho não tinham visto, foi com elas, fizeram a viagem por terra e foi-lhes recusada a entrada na taverna de Mott, pela mesmíssima causa atribuída no sonho da Sra. Higgins.

O Sr. e a Sra. Fox tinham seis filhos, dos quais os dois mais novos estavam com eles quando, a 11 de dezembro de 1847, se mudaram para a casa que descrevi. As crianças eram ambas meninas: Margaret, então com doze anos de idade; e Kate, com nove.

Logo após terem fixado residência na habitação referida, começaram a pensar que era uma casa muito barulhenta; mas isto foi atribuído a ratos e ratazanas. Durante o mês seguinte, contudo (janeiro de 1848), o ruído começou a assumir o caráter de ligeiras pancadas ouvidas à noite no quarto de dormir; parecendo por vezes soar da cave por baixo. No início, a Sra. Fox procurou persuadir-se de que isto poderia ser apenas o martelar de um sapateiro, numa casa ali perto, sentado até tarde a trabalhar. Mas observação posterior mostrou que os sons, de onde quer que procedessem, originavam-se na casa.

Pois não só as pancadas se tornaram gradualmente mais distintas, e não só foram ouvidas primeiro numa parte da casa, depois noutra, mas a família finalmente notou que estas batidas, mesmo quando não eram muito altas, causavam frequentemente um movimento, trémulo em vez de um solavanco súbito, das armações de cama e das cadeiras — por vezes do soalho; um movimento que era perfeitamente percetível ao toque quando se punha a mão nas cadeiras, que por vezes era sensivelmente sentido à noite no movimento ligeiramente oscilante da cama, e que era ocasionalmente percebido como uma espécie de vibração mesmo quando se estava de pé no soalho.

Passado algum tempo, também, os ruídos variaram no seu caráter, soando ocasionalmente como passos distintos nos diferentes quartos. Nem as perturbações, após um mês ou dois terem passado, se confinaram a sons. Certa vez algo pesado, como se fosse um cão, pareceu deitar-se sobre os pés das crianças; mas desapareceu antes que a mãe pudesse vir em seu auxílio. Outra vez (isto foi no final de março), Kate sentiu como que uma mão fria no seu rosto. Ocasionalmente, também, a roupa da cama era puxada durante a noite. Finalmente, cadeiras foram movidas dos seus lugares. Assim aconteceu, numa ocasião, com a mesa de jantar.

As perturbações, que tinham estado limitadas a pancadas ocasionais ao longo de fevereiro e início de março, aumentaram gradualmente, para o fim deste

último mês, em volume e frequência, tão seriamente que quebravam o descanso da família. O Sr. Fox e a sua mulher levantavam-se noite após noite, acendiam uma vela e revistavam minuciosamente cada recanto e canto da casa; mas sem qualquer resultado. Nada descobriram. Quando as batidas vinham numa porta, o Sr. Fox ficava de pé, pronto a abrir no momento em que fossem repetidas. Mas este expediente também se provou inútil. Embora abrisse a porta no instante, não havia ninguém para ser visto. Nem ele nem a Sra. Fox alguma vez obtiveram a menor pista para a causa destas perturbações.

A única circunstância que parecia sugerir a possibilidade de artimanha ou de erro era que estas várias ocorrências inexplicadas nunca aconteciam à luz do dia. E assim, não obstante a estranheza da coisa, quando vinha a manhã, começavam a pensar que deveria ter sido apenas fantasia da noite. Não sendo dados à superstição, agarraram-se, ao longo de várias semanas de incómodo, à ideia de que alguma explicação natural destes aparentes acidentes acabaria por aparecer. Nem abandonaram esta esperança até à noite de sexta-feira, 31 de março de 1848.

O dia tinha sido frio e tempestuoso, com neve no chão. No decurso da tarde, um filho, David, veio visitá-los da sua quinta, a cerca de três milhas de distância. A mãe contou-lhe então pela primeira vez os pormenores dos incómodos que tinham suportado; pois até agora tinham estado pouco dispostos a comunicar estes a quem quer que fosse. Ele ouviu-a com um sorriso. "Bem, mãe", disse ele, "aconselho-te a não dizeres uma palavra aos vizinhos sobre isto. Quando descobrirem o que é, será uma das coisas mais simples do mundo." E com essa convicção regressou a casa.

Exaustos por uma sucessão de noites sem dormir e de tentativas infrutíferas de penetrar no mistério, a família Fox retirou-se naquela sexta-feira à noite muito cedo para descansar, esperando um alívio das perturbações que os perseguiam. Mas estavam condenados à desilusão. Os pais tinham mandado mudar as camas das crianças para o seu quarto e ordenaram-lhes estritamente que não falassem de ruídos, mesmo que os ouvissem. Mas mal a mãe as viu seguras na cama, e se retirava ela própria para descansar, quando as crianças gritaram: "Aqui estão eles outra vez!". A mãe repreendeu-as e deitou-se. Perante isto, os ruídos tornaram-se mais altos e mais assustadores. As crianças sentaram-se na cama. A Sra. Fox chamou o marido. Sendo a noite ventosa, ocorreu-lhe que poderia ser o chocalhar dos caixilhos. Tentou vários, abanando-os para ver se estavam soltos. Kate, a menina mais nova, por acaso observou que cada vez que o pai abanava um caixilho de janela, os ruídos pareciam responder. Sendo uma criança viva e, de

certa forma, habituada ao que se passava, voltou-se para onde estava o ruído, estalou os dedos e gritou: "Aqui, velho Splitfoot, faz como eu!". A pancada respondeu instantaneamente.

Esse foi o preciso começo. Quem poderá dizer onde será o fim?

Não quero dizer que foi Kate Fox quem assim, meio em brincadeira infantil, descobriu primeiro que estes sons misteriosos pareciam dotados de inteligência. O Sr. Mompesson, há duzentos anos, já observara um fenómeno semelhante. Glanvil verificara-o. Assim como Wesley e os seus filhos. Assim, como vimos, outros o fizeram. Mas em todos estes casos a questão ficou por ali, e a observação não foi mais prosseguida. Tal como, antes da invenção da máquina a vapor, diversos observadores pisaram o próprio limiar da descoberta e ali pararam, mal pensando no que lhes estava próximo, assim, neste caso, onde o Capelão Real, embora discípulo da filosofia indutiva, e onde o fundador do Metodismo, embora admitindo as probabilidades de interferência ultramundana, falharam ambos, uma rapariga yankee, de apenas nove anos, seguindo, mais por diversão do que a sério, uma observação fortuita, tornou-se a instigadora de um movimento que, fosse qual fosse o seu verdadeiro caráter, teve a sua influência em todo o mundo civilizado. A faísca fora acesa várias vezes, — uma vez, pelo menos, há dois séculos; mas apagara-se de cada vez sem efeito. Não acendeu chama alguma até meados do século XIX.

E, no entanto, quão insignificante o passo da observação em Tedworth para a descoberta em Hydesville! O Sr. Mompesson, na cama com a sua filhinha (cerca da idade de Kate), a quem o som parecia seguir principalmente, "observou que ele respondia exatamente, no rufar, a qualquer coisa que fosse batida ou pedida". Mas a sua curiosidade não o levou mais longe.

Não aconteceu assim com Kate Fox. Ela tentou, juntando silenciosamente o polegar e o indicador, ver se ainda conseguia obter uma resposta. Sim! Podia ver, então, tão bem como ouvir! Chamou a mãe. "Olha só, mãe!", disse ela, juntando o dedo e o polegar como antes. E cada vez que repetia o movimento silencioso, precisamente as mesmas vezes respondiam as batidas. Isto prendeu imediatamente a atenção da mãe. "Conta dez", disse ela, dirigindo-se ao ruído. Dez golpes, distintamente dados! "Que idade tem a minha filha Margaret?" Doze golpes! "E a Kate?" Nove! "O que pode tudo isto significar?" foi o pensamento da Sra. Fox.

Quem lhe estava a responder? Seria apenas algum eco misterioso do seu próprio pensamento? Mas a pergunta seguinte que ela fez pareceu refutar essa ideia. "Quantos filhos tenho?", perguntou, em voz alta. Sete batidas. "Ah!", pensou ela, "pode enganar-se às vezes". E depois, em voz alta: "Tenta outra vez!". O número de batidas continuou a ser sete. Subitamente, um pensamento cruzou a mente da Sra. Fox. "Estão todos vivos?", perguntou. Silêncio por resposta. "Quantos estão vivos?" Seis batidas. "Quantos mortos?" Uma única batida. Ela tinha perdido um filho.

Então perguntou: "És um homem?". Sem resposta. "És um espírito?". Bateu. "Poderão os meus vizinhos ouvir se eu os chamar?". Bateu novamente.

Perante isto, pediu ao marido para chamar uma vizinha, uma Sra. Redfield, que entrou a rir. Mas a sua alegria depressa mudou. As respostas às suas perguntas foram tão prontas e pertinentes como tinham sido às da Sra. Fox. Ficou impressionada com temor reverencial; e quando, em resposta a uma pergunta sobre o número dos seus filhos, ao bater quatro, em vez de três como ela esperava, lhe lembrou uma filhinha, Mary, que ela perdera recentemente, a mãe desatou a chorar.

Mas não serve de nada seguir mais em pormenor o desfecho destas perturbações, visto que as particularidades já foram dadas, em parte sob a forma de depoimentos formais, em mais de uma publicação,* e visto que não são essenciais para a ilustração deste ramo do assunto.

Pode, contudo, ser satisfatório para o leitor que eu aqui junte à narrativa acima — cada pormenor da qual obtive da Sra. Fox, das suas filhas Margaret e Kate, e do seu filho David — um suplemento, contendo um breve esboço tanto dos eventos que se seguiram imediatamente, como daqueles que, ligados à habitação em questão, precederam as perturbações de 31 de março.

* A mais antiga destas, publicada em Canandaigua apenas três semanas após as ocorrências de 31 de março, é um panfleto de quarenta páginas, intitulado "Report of the Mysterious Noises heard in the house of Mr. John D. Fox, in Hydesville, Arcadia, Wayne County, authenticated by the certificates and confirmed by the statements of the citizens of that place and vicinity". Canandaigua, publicado por E. E. Lewis, 1848.

Contém vinte e um certificados, dados principalmente pelos vizinhos imediatos, incluindo os do Sr. e Sra. Fox, do seu filho e nora, da Sra. Redfield,

etc., etc., recolhidos principalmente a 11 e 12 de abril. Por uma cópia do panfleto acima, agora muito raro, estou grato à família do Sr. Fox, que visitei em agosto de 1859, na casa do filho, o Sr. John D. Fox, quando tive oportunidade de visitar a pequena habitação em que as circunstâncias acima relatadas tiveram lugar; descendo à sua cave, o alegado cenário de atos sombrios.

A casa é agora ocupada por um trabalhador agrícola que, à maneira de Faraday, "não acredita em fantasmas". Um relato mais ligado, seguido de uma história do movimento que nasceu em Hydesville, encontra-se em "Modern Spiritualism: its Facts and Fanaticisms", por E. W. Capron, Boston, 1855, pp. 33 a 56. A maioria das testemunhas que assinaram os certificados acima referidos oferece-se para confirmar as suas declarações, se necessário, sob juramento; e quase todas declaram expressamente a sua convicção de que a família não teve agência na produção dos sons, que estes não eram atribuíveis a truque ou engano ou a qualquer causa natural conhecida, acrescentando habitualmente que não eram crentes no sobrenatural e que nunca antes tinham ouvido ou testemunhado nada que não fosse suscetível de uma explicação natural.

Nessa noite os vizinhos, atraídos pelo rumor das perturbações, reuniram-se gradualmente, em número de setenta ou oitenta, de modo que a Sra. Fox deixou a casa para ir para a da Sra. Redfield, enquanto as crianças foram levadas para casa por outro vizinho. O Sr. Fox permaneceu. Muitos da multidão reunida, um após outro, fizeram perguntas aos ruídos, pedindo que o assentimento fosse testificado por batidas. Quando não havia resposta por batidas, e a pergunta era invertida, havia sempre batidas; indicando assim que o silêncio devia ser tomado como discordância.

Desta forma, os sons alegaram que eram produzidos por um espírito; por um espírito injustiçado; por um espírito que fora injustiçado naquela casa; entre quatro e cinco anos atrás; não por qualquer um dos vizinhos, cujos nomes foram chamados um por um, mas por um homem que residira anteriormente na casa, — um certo John C. Bell, um ferreiro. O seu nome foi obtido nomeando sucessivamente os antigos ocupantes da casa.

Os ruídos alegaram, ainda, que era o espírito de um homem de trinta e um anos de idade; que fora assassinado no quarto de dormir, por dinheiro, numa terça-feira à noite, às doze horas; que mais ninguém além do homem assassinado e do Sr. Bell estava na casa na altura; estando a Sra. Bell e uma rapariga chamada Lucretia Pulver, que trabalhava para eles, ambas ausentes; que o corpo foi levado para a cave na manhã seguinte cedo, não pela porta exterior da cave, mas sendo

arrastado pela sala para a despensa e dali pelas escadas da cave abaixo; que foi enterrado, a dez pés de profundidade, na cave, mas apenas na noite após o assassinato.

Perante isto, o grupo reunido dirigiu-se para a cave, que tinha chão de terra; e tendo-se o Sr. Redfield colocado em várias partes dele, perguntando, de cada vez, se aquele era o local do sepultamento, não houve resposta até ele estar no centro: então os ruídos foram ouvidos, como que debaixo do chão. Isto foi repetido várias vezes, sempre com resultado semelhante, não ocorrendo som algum quando ele estava em qualquer outro lugar que não o centro. Uma das testemunhas descreve os sons na cave como assemelhando-se a "um baque um pé ou dois debaixo do chão".*

Então um vizinho chamado Duesler chamou as letras do alfabeto, perguntando, em cada uma, se aquela era a inicial do primeiro nome do homem assassinado; e o mesmo para o apelido. Os sons responderam em C e B. Uma tentativa de obter o nome completo não teve então sucesso. Num período posterior, o nome completo (como Charles B. Rosma) foi dado da mesma forma em resposta às perguntas do Sr. David Fox. Ainda assim, não ocorreu a ninguém tentar, pelas batidas, que uma comunicação fosse soletrada. É um facto notável, e que de certa forma explica a falta de resultados posteriores em Tedworth e em Epworth, que não foi senão cerca de quatro meses mais tarde, e em Rochester, que a primeiríssima breve comunicação por batidas foi obtida; sendo o sugeridor Isaac Post, um membro da Sociedade de Amigos e antigo conhecido da família Fox.

* "Report of the Mysterious Noises", p. 25. Veja-se também p. 17. O Sr. Marvin Losey e o Sr. David Fox afirmam, nos seus respetivos certificados, que na noite de sábado, 1 de abril, quando a multidão estava a fazer perguntas, foi combinado que aqueles que estavam na cave ficariam todos num só lugar, exceto um, o Sr. Carlos Hyde, enquanto esse se movia por diferentes pontos; e que o Sr. Duesler, estando no quarto de dormir em cima, onde obviamente não podia ver o Sr. Hyde nem mais ninguém na cave, seria o inquiridor. Então, conforme o Sr. Hyde se movia na cave, a pergunta era repetida pelo Sr. Duesler no quarto: "Está alguém de pé sobre o lugar onde o corpo foi enterrado?". Em cada instância, logo que o Sr. Hyde chegava ao centro da cave, as batidas eram ouvidas, de modo que tanto os que estavam na cave como os que estavam nas salas em cima as ouviam; mas sempre que ele estava em qualquer outro lugar, havia silêncio. Isto foi repetido, uma e outra vez — "Report of the Mysterious Noises", pp. 26 e 28.

O relato dos prodígios da noite em Hydesville espalhou-se por toda a vizinhança; e no dia seguinte, sábado, a casa foi assediada por uma multidão de curiosos. Mas enquanto durou o dia não houve ruídos.* Estes recomeçaram antes das sete horas da tarde. Nessa noite havia cerca de trezentas pessoas dentro e em volta da casa.† Várias pessoas fizeram perguntas; e as respostas correspondiam em cada ponto às anteriormente dadas.

Então foi proposto escavar na cave; mas, como a casa se situa numa planície plana não longe de um pequeno riacho estagnado, os escavadores atingiram água a uma profundidade de menos de três pés, e tiveram de abandonar a tentativa. Foi renovada na segunda-feira, 3 de abril, e novamente no dia seguinte, pelo Sr. David Fox e outros, tirando e bombeando a água; mas não conseguiram reduzi-la muito, e tiveram de desistir.‡

Num período posterior, quando a água baixara muito, a saber, no verão de 1848, o Sr. David Fox, auxiliado pelos Srs. Henry Bush e Lyman Granger, de Rochester, e outros, recomeçou a escavação na cave. À profundidade de cinco pés chegaram a uma prancha, que perfuraram com uma verruma, quando, estando a broca da verruma solta, caiu através dela até desaparecer de vista.

Escavando mais, encontraram vários pedaços de louça e algum carvão e cal viva, indicando que o solo deve ter sido em algum momento revolvido até uma profundidade considerável; e finalmente encontraram algum cabelo humano e vários ossos, que, em exame por um médico perito em anatomia, se provou serem partes de um esqueleto humano, incluindo dois ossos da mão e certas partes do crânio; mas nenhum crânio completo foi encontrado.*

Resta traçar brevemente os antecedentes da perturbada habitação.

William Duesler, um daqueles que deu certificados tocantes a este assunto, e que se oferece para confirmar o seu testemunho sob juramento, afirma que habitou a mesma casa sete anos antes, e que durante o termo da sua residência ali nunca ouviu qualquer ruído do género dentro ou em volta das instalações. Acrescenta que um Sr. Johnson, e outros, que, como ele próprio, ali tinham vivido antes de o Sr. Bell ocupar a habitação, fazem a mesma afirmação.†

A Sra. Pulver, uma vizinha próxima, afirma que, tendo visitado uma manhã a Sra. Bell enquanto esta ocupava a casa, ela (Sra. B.) lhe disse que se sentia muito doente, não tendo dormido nada durante a noite anterior; e, ao ser questionada sobre o que se passava, a Sra. Bell disse que pensara ter ouvido

alguém andar de um quarto para outro. A Sra. Pulver depõe ainda que ouviu a Sra. Bell, em ocasiões subsequentes, falar de ruídos que não conseguia explicar.‡

A filha desta depoente, Lucretia Pulver, afirma que viveu com o Sr. e a Sra. Bell durante parte do tempo em que ocuparam a casa, nomeadamente por três meses durante o inverno de 1843-44, ora trabalhando para eles, ora vivendo com eles, e indo à escola, tendo ela então quinze anos de idade. Diz que o Sr. e a Sra. Bell "pareciam ser muito boa gente, apenas um pouco coléricos".

Afirma que, durante a última parte da sua residência com eles, uma tarde, por volta das duas horas, um vendedor ambulante, a pé, aparentemente com cerca de trinta anos de idade, vestindo uma casaca preta e calças de cor clara, e trazendo consigo um baú e um cesto, chamou a casa do Sr. Bell. A Sra. Bell informou-a de que o conhecia anteriormente. Pouco depois de ele entrar, o Sr. e a Sra. Bell consultaram-se durante quase meia hora na despensa.

---

** No dia seguinte, contudo, domingo, 2 de abril, isto inverteu-se. Os ruídos responderam ao longo do dia, mas cessaram à noite e não foram obtidos durante toda a noite — "Report of the Mysterious Noises", p. 9.*

*† "Report of the Mysterious Noises", p. 15. ‡ Ibid. p. 29.*

** "Modern Spiritualism", p. 53. O Sr. David Fox, durante a minha visita a ele, confirmou-me a verdade disto.*

*† "Report of the Mysterious Noises", p. 16. ‡ Ibid. pp. 37, 38.*

---

Depois a Sra. Bell disse-lhe — de forma muito inesperada para ela — que já não precisavam mais dela; que ela (Sra. B.) ia naquela tarde para Lock Berlin, e que ela (Lucretia) faria melhor em voltar para casa, pois achavam que não podiam dar-se ao luxo de a manter por mais tempo. Em conformidade, a Sra. Bell e Lucretia deixaram a casa, permanecendo o vendedor e o Sr. Bell. Antes de ir, contudo, Lucretia olhou para uma peça de delaine, e disse ao vendedor que ficaria com um corte para um vestido se ele passasse no dia seguinte em casa do pai dela, ali perto, o que ele prometeu fazer; mas nunca apareceu. Três dias depois, a Sra. Bell regressou e, para surpresa de Lucretia, mandou chamá-la novamente para ficar com eles.

Alguns dias depois disto, Lucretia começou a ouvir pancadas no quarto de dormir — depois ocupado pelo Sr. e Sra. Fox — onde dormia. Os sons pareciam estar por baixo do pé da cama, e repetiram-se durante várias noites. Uma noite, quando o Sr. e a Sra. Bell tinham ido para Lock Berlin, e ela ficara na casa com o seu irmãozinho e uma filha do Sr. Losey, chamada Aurelia, ouviram, por volta

das doze horas, o que pareciam os passos de um homem a andar na despensa. Não se tinham deitado senão às onze, e ainda não tinham adormecido. Soava como se alguém atravessasse a despensa, depois descesse a escada da cave, depois caminhasse parte do caminho através da cave, e parasse. As raparigas ficaram muito assustadas, levantaram-se e fecharam portas e janelas.

Cerca de uma semana depois disto, Lucretia, tendo ocasião de descer à cave, soltou um grito. A Sra. Bell perguntou o que se passava. Lucretia exclamou: "O que é que o Sr. Bell andou a fazer na cave?". Ela tinha-se afundado no solo mole e caíra. A Sra. Bell respondeu que eram apenas tocas de ratos. Alguns dias depois, ao anoitecer, o Sr. Bell levou alguma terra para a cave, e esteve a trabalhar ali algum tempo. A Sra. Bell disse que ele estava a tapar as tocas dos ratos.*

O Sr. e a Sra. Weekman depõem que ocuparam a casa em questão, após o Sr. Bell a ter deixado, durante dezoito meses, a saber, da primavera de 1846 até ao outono de 1847. Por volta de março de 1847, uma noite, quando se iam deitar, ouviram pancadas na porta exterior; mas quando abriram não estava lá ninguém. Isto repetiu-se até o Sr. Weekman perder a paciência; e, após revistar toda a volta da casa, resolveu, se possível, detetar estes perturbadores da sua paz. Em conformidade, ficou com a mão na porta, pronto a abri-la no instante em que a pancada fosse repetida. Foi repetida, de modo que sentiu a porta vibrar sob a sua mão; mas, embora tivesse saltado para fora instantaneamente e revistado toda a volta da casa, não encontrou rasto de qualquer intruso.

Foram frequentemente depois disso perturbados por ruídos estranhos e inexplicáveis. Uma noite a Sra. Weekman ouviu o que pareciam os passos de alguém a caminhar na cave. Noutra noite uma das suas filhinhas, de oito anos, deu um grito, de modo a acordar toda a gente na casa. Disse que algo frio se movera sobre a sua cabeça e rosto; e passou muito tempo antes de a criança aterrorizada ser pacificada, nem ela consentiria em dormir no mesmo quarto durante várias noites depois. O Sr. Weekman oferece-se para repetir o seu certificado, se necessário, sob juramento.†

Mas não é necessário multiplicar mais extratos destes depoimentos. Nada de positivo pode ser colhido deles. É certo, contudo, que o vendedor ambulante nunca reapareceu em Hydesville nem cumpriu as suas promessas de passar em casa dos Pulver. Por outro lado, o Sr. Bell, que se mudara no início de 1846 para a cidade de Lyons, no mesmo condado, ao ouvir os relatos das revelações acima, veio imediatamente ao cenário da sua antiga residência, e obteve dos vizinhos, e

tornou público, um certificado expondo que "nunca souberam nada contra o seu caráter", e que quando viveu entre eles "o consideravam, e ainda consideram, um homem de caráter honesto e íntegro, incapaz de cometer um crime". Este certificado é datado de 5 de abril (seis dias após as primeiras comunicações), e é assinado por quarenta e quatro pessoas. O autor do "Report of the Mysterious Noises", ao dá-lo na íntegra, acrescenta que outros além dos signatários estão dispostos a juntar-se à recomendação.*

É adequado também afirmar, nesta ligação, que, alguns meses mais tarde, — a saber, em julho ou agosto de 1848, — ocorreu uma circunstância em Rochester, Nova Iorque, algo análoga em caráter, e indicando o perigo de ceder, sem evidência corroborante, a suspeitas despertadas por alegada informação espiritual. Um jovem vendedor ambulante, com uma carroça e dois cavalos, e conhecido como possuidor de várias centenas de dólares, tendo-se instalado numa taverna nessa cidade, desapareceu subitamente. A opinião pública fixou-se na crença de que fora assassinado.

---

** "Report of the Mysterious Noises", pp. 35, 36, 37. Acrescentei alguns pormenores menores, relatados por Lucretia à Sra. Fox.*

*† Ibid. pp. 33, 34.*

** "Report of the Mysterious Noises", p. 20.*

---

Um Espiritista entusiasta teve a sua suspeita confirmada pelas batidas. Através do mesmo meio, o inquiridor crédulo foi informado de que o corpo jazia no canal, sendo sucessivamente indicados vários pontos onde poderia ser encontrado. Estes foram ansiosamente dragados, mas sem qualquer resultado. Finalmente, a esposa do logradouro foi obrigada a entrar no canal num ponto designado, onde certamente descobriria o cadáver; ao obedecer a tal injunção, quase perdeu a vida.

---

*' Report of the Mysterious Noises," pp. 38, 39.*

---

Alguns meses depois, a alegada vítima reapareceu: tinha partido secretamente para o Canadá, para evitar as importunações dos seus credores.* No caso de Hydesville, também houve alguma evidência de refutação. As batidas tinham alegado que, embora a esposa do mascate estivesse morta, os seus cinco filhos viviam no Condado de Orange, Nova Iorque; mas todos os esforços para os descobrir ali foram infrutíferos. Nem consta que algum homem chamado Rosma tenha sido averiguado como tendo residido ali.

Resta acrescentar que nunca foram instaurados procedimentos legais, nem contra o Sr. Bell, em virtude das suspeitas levantadas, nem por ele contra aqueles que expressaram tais suspeitas. Ele acabou por deixar o país. É evidente que não foi estabelecido um caso suficiente contra ele. As declarações das testemunhas terrenas equivalem apenas a prova circunstancial; e sobre o testemunho ultramundano não corroborado nenhuma confiança pode ser depositada. Pode fornecer pistas; pode sugerir inquéritos; mas segurança não pode dar.

A narrativa de Hydesville, contudo, como uma das perturbações inexplicadas, tal como as de Cideville, de Ahrensburg, de Slawensik, de Epworth e de Tedworth, repousa para verificação na realidade dos próprios fenómenos, não na precisão da informação extrínseca que alegadamente é por eles fornecida. — I

Para detalhes, ver "Modern Spiritualism," pp. 60 a 62. Se concedermos a realidade da batida espiritual, e se nos propusermos a julgar as intenções ultramundanas, podemos imaginar que o propósito era, através de uma lição tão precoce e marcante, advertir os homens, logo desde o início, contra o depósito de fé implícita em comunicações espirituais. É digno de nota, contudo, que existe esta grande diferença nestes dois casos, no facto de que as comunicações de Hydesville surgiram por agência espontânea, não solicitada, não procurada, enquanto as obtidas em Rochester foram evocadas e esperadas.

Com este caso fecho a lista dessas narrações; pois acompanhar exemplos semelhantes, ocorridos desde então por todo o nosso país,* levar-me-ia para longe do meu objetivo, para dentro da história da ascensão e progresso do próprio movimento Espírita.

Tal como o ocorrido em Stratford, Connecticut, na casa do Rev. Dr. Eliakim Phelps, mais extravagante, e também mais surpreendente em muitas das suas modificações, do que qualquer um dos aqui relatados; começando a 10 de Março de 1850 e continuando, com intervalos, por um ano e nove meses; a saber, até 10 de Dezembro de 1851. Um relato detalhado deste caso será encontrado em "Modern Spiritualism," pp. 132 a 171.

## CAPÍTULO III
## RESUMO

TENHO poucas palavras a acrescentar ao resumir a evidência precedente de que as perturbações que dão origem a rumores de casas assombradas são, em certos casos, fenómenos reais e inexplicados. Pouco comentário é necessário, ou é provável que seja útil.

Existem homens tão fixados nos seus preconceitos sobre certos pontos que nenhuma evidência os consegue mover. Apenas o tempo e a corrente irresistível do sentimento público valem para os impulsionar. Eles devem esperar. E quanto àqueles cujos ouvidos ainda estão abertos, cujas convicções ainda podem ser alcançadas, poucos, atrevo-me a prever, deixarão de lado, indiferentes e incrédulos, a massa de provas aqui reunida. No entanto, algumas considerações, brevemente declaradas, podem não estar fora de lugar.

O testemunho, na maioria dos exemplos, é direto e de primeira mão, dado por testemunhas oculares e auriculares e registado na época. É derivado de fontes respeitáveis. Podemos contestar o carácter e a posição de testemunhas como Joseph Glanvil, John Wesley, Justinus Kerner? Podemos objetar à autoridade de Mackay, um cético e um escarnecedor? Não demonstra a narrativa de Hahn, no observador, tanto frieza como candura? Quanto à história de Ahrensburg, é a filha do magistrado principal envolvido na sua investigação quem testemunha. E onde encontraremos, entre uma multidão de testemunhas, melhor prova de honestidade do que na concordância dos depoimentos em Cideville e em Hydesville?

Os fenómenos eram de tal ordem que podiam ser facilmente observados. Muitos deles eram de um carácter tão palpável e notório que seria uma impossibilidade absoluta os observadores imaginarem-nos. Os golpes estrondosos em casa do Sr. Mompesson abalaram a casa e acordaram os vizinhos numa aldeia adjacente. As pancadas na casa da Senhora Hauffe deslocaram as vigas e atraíram a atenção dos transeuntes na rua. Em Epworth, fizessem eles os ruídos que fizessem, a "nota morta e oca seria claramente ouvida acima de todos eles". Em Hydesville, a casa foi abandonada pelos seus ocupantes, e centenas de curiosos reuniram-se, noite após noite, para testar a realidade das batidas que ressoavam de todas as partes da mesma.

Houve ampla oportunidade para observar. As ocorrências não foram aparições únicas, apresentando-se subitamente e passando rapidamente: foram repetidas dia após dia, mês após mês, por vezes ano após ano. Podiam ser testadas e retestadas. Nem produziram nas testemunhas uma crença evanescente, desaparecendo após uma reflexão sóbria. O Sr. Mompesson, o Conselheiro Hahn,

Emily Wesley, quando metade de uma vida havia passado, mantiveram e expressaram a mesma convicção inabalável que ao início.

As narrativas não falham nem no detalhe minucioso da circunstância, nem nas especificações de pessoa, de tempo e de lugar. Os observadores não foram influenciados pela expectativa, nem enviesados pelo relato de exemplos anteriores. Os fenómenos, de facto, têm sido de ocorrência frequente; exibindo uma semelhança familiar inconfundível, constituindo uma classe. Contudo, nem num único caso este facto parece ter sido conhecido pelos observadores. Aquilo que cada um presenciou, acreditava ser sem exemplo. Nem em Tedworth, nem em Epworth, nem em Slawensik, nem em Baldarroch, nem em Ahrensburg, nem em Cideville, nem em Hydesville, os sofredores parecem ter sabido que outros tinham sofrido por melga semelhante anteriormente. Tanto mais fiável, por esse motivo, é o seu testemunho.

Não só não havia motivo para simulação, mas sim muita tentação para ocultar o que realmente ocorreu. O Sr. Mompesson sofreu no seu nome e bens. A Sra. Wesley ordenou estritamente ao seu filho que não transmitisse a narrativa a ninguém. O Juiz Rousselin encontrou o cura de Cideville profundamente aflito pela sua posição dolorosa. A saúde da Sra. Fox (conforme soube) sofreu seriamente com o desgosto. "O que fizemos nós", costumava ela dizer, "para merecer isto?" Podemos facilmente conceber que tal deve ter sido o sentimento. O que há de mais mortificante ou doloroso do que estar exposto à suspeita de ser ou um impostor deliberado, ou então o sujeito de punição do Céu por crimes passados?

Finalmente, os fenómenos foram por vezes atestados pelos registos oficiais da justiça pública. Assim foi durante o julgamento do tambor, o processo do Capitão Molesworth e os procedimentos legais instituídos, em Cideville, contra o pastor Thorel. Onde buscaremos um grau mais elevado de evidência humana?

Se tal conjunto de testemunhos como este, não carecendo de nenhum elemento de fidedignidade, convergindo de inúmeras fontes independentes, mas concorrentes ao longo de dois séculos, não for digno de crédito, então que confiança podemos depositar em todos os registos da história? O que acontece à evidência histórica de qualquer evento passado? Se devemos rejeitar como fábula as narrativas aqui submetidas, não estaremos tacitamente a endossar a lógica daqueles que argumentam que Jesus Cristo nunca viveu? Mais ainda, não deveremos aceitar como algo mais grave do que uma piada aquele panfleto no qual um clérigo douto e engenhoso apresenta razões plausíveis para a crença de

que o rumor, nas suas iterações mais notórias, pode ser apenas uma testemunha mentirosa, e que é duvidoso que Napoleão Bonaparte tenha realmente existido?*

---

** "Historic Doubts relative to Napoleon Buonaparte," pelo Arcebispo Whateley, 12.ª ed., Londres, 1855.*

---

## LIVRO IV
## DAS APARIÇÕES COMUMMENTE CHAMADAS ESPECTROS
### CAPÍTULO I
### SOBRE A ALUCINAÇÃO

A evidência para uma vida futura derivada de uma aparição ocasional dos mortos, desde que essa aparição prove ser um fenómeno objetivo, e desde que não equivoquemos o seu carácter, é do mais alto grau. Se é importante, então, obter uma contribuição valiosa para as provas da imortalidade da alma, o que é mais digno da nossa atenção do que o tema das aparições?

Mas, em proporção à sua importância e ao seu carácter extraordinário, existe a urgência de que seja escrupulosamente, até mesmo com desconfiança, examinado, e que a sua realidade seja testada com cuidado desapaixonado. Pois a sua discussão envolve a teoria da alucinação; um ramo de inquérito que tem ocupado muito, como de facto deve, a atenção dos fisiologistas modernos.

Não podemos duvidar racionalmente de que ocorram alucinações puras; mas o que são, e o que não são alucinações, pode ser mais difícil de determinar do que os observadores superficiais costumam imaginar. A alucinação, de acordo com a definição usual, consiste em ideias e sensações que transmitem impressões irreais. É um exemplo de falso testemunho (nem sempre acreditado) aparentemente dado pelos sentidos num estado doentio ou anormal da organização humana.

"É evidente", diz Calmeil, "que se a mesma combinação material que ocorre no cérebro de um homem ao ver uma árvore, um cão, um cavalo, for capaz de ser reproduzida num momento em que esses objetos já não estão à vista, então esse homem persistirá em acreditar que ainda vê um cavalo, um cão ou uma árvore".*

É uma questão curiosa, ainda não totalmente resolvida pelos escritores médicos sobre o assunto, se as alucinações da visão causam uma imagem real na retina. Burdach,† Müller,† Baillarger,‡ e outros, que sustentam a afirmativa,

lembram-nos que os pacientes que recuperaram de um ataque de alucinação dizem sempre: "Eu vi; eu ouvi"; falando assim como de sensações reais. Dechambre§ e De Boismont, que assumem a negativa, aduzem em apoio da sua opinião os factos de que um paciente que perdeu a perna ainda se queixará de frio ou dor nos dedos do pé do pé amputado, e de que homens cegos por amaurose, onde há paralisia do nervo ótico, ainda estão sujeitos a alucinações visuais. Esta última parece ser a melhor opinião.

Como pode uma mera conceção mental (como Dechambre argumentou) produzir uma imagem no olho? E com que propósito? Pois, se a conceção já existe no cérebro, que necessidade há do olho para a levar até lá? Se pudesse ser provado, em qualquer caso dado, que uma imagem real tinha sido produzida na superfície da retina, isso iria, creio eu, longe para provar, também, que uma realidade objetiva deve ter estado presente para a produzir. E assim também em relação às ondulações sonoras realmente recebidas pelo tímpano.

---

** "De la Folie," vol. i. p. 113.*

*† Não tenho acesso aos originais alemães; mas tanto Burdach como Müller foram traduzidos para francês por Jourdain; ver " Traité de Physiologie" de Burdach, Paris, 1839, vol. v. p. 206, e "Manuel de Physiologie" de Müller, Paris, 1845, vol. ii. p. 686.*

*‡ Baillarger; "Des Hallucinations, etc.," publicado nas "Mémoires de l'Académie Royale de Médecine," vol. xii. p. 369.*

*§ "Analyse de l'Ouvrage du Docteur Szafkowski sur les Hallucinations" de Dechambre, publicado na "Gazette Médicale" em 1850, p. 274. Estou em dívida com De Boismont pela maioria destas referências. Ver a sua obra, "Des Hallucinations," Paris, 1852, cap. 16.*

---

Isto aparecerá mais claramente se tomarmos instâncias de alucinação de outros sentidos, — como o olfato e o tato. O Professor Bennett, da Escócia, num panfleto contra o Mesmerismo,* garante dois exemplos aduzidos por ele para provar o poder da imaginação. Ele relata o primeiro da seguinte forma: — "Um clérigo disse-me que, há algum tempo, suspeitas foram alimentadas na sua paróquia sobre uma mulher que se supunha ter envenenado o seu filho recém-nascido.

O caixão foi exumado, e o procurador-fiscal, que acompanhou os médicos para examinar o corpo, declarou que já percebia o odor da decomposição, o que o fez sentir-se desfalecer; e, em consequência, ele retirou-se. Mas ao abrir o caixão verificou-se que este estava vazio; e foi posteriormente averiguado que nenhuma criança tinha nascido e, consequentemente, nenhum crime fora cometido." Devemos supor que o nervo olfativo foi atuado por um odor quando o odor não estava lá? Mas aqui está o outro caso, do mesmo panfleto. "Um talhante foi levado para a loja do Sr. McFarlane, o farmacêutico, vindo da praça do mercado oposta, sofrendo de um terrível acidente. O homem, ao tentar pendurar um pedaço pesado de carne acima da sua cabeça, escorregou, e o gancho afiado penetrou no seu braço, de modo que ele próprio ficou suspenso. Ao ser examinado, estava pálido, quase sem pulso, e expressava-se como sofrendo uma agonia aguda.

O braço não podia ser movido sem causar dor excessiva, e ao cortar a manga ele gritava frequentemente; no entanto, quando o braço foi exposto, verificou-se estar perfeitamente ileso, tendo o gancho atravessado apenas a manga do seu casaco!" O que atuou, neste caso, sobre os nervos da sensação? Não houve a mínima lesão para fazer isso; no entanto, o efeito no cérebro foi exatamente o mesmo que se esses nervos tivessem sido realmente irritados, e isso, também, da maneira mais séria.

---

** "The Mesmeric Mania of 1851," Edimburgo, 1851.*

---

Os sentidos que mais frequentemente parecem iludir-nos são a visão e a audição. O Dr. Carpenter menciona o caso de uma senhora, uma parente próxima sua, que, "tendo sido assustada na infância por um gato preto que saltou debaixo da sua almofada precisamente quando ela estava a pousar a cabeça nela, costumava, por muitos anos depois, sempre que estava um pouco indisposta, ver um gato preto no chão à sua frente; e, embora perfeitamente consciente do carácter espectral da aparência, nunca podia evitar levantar o pé como que para passar por cima do gato quando este parecia estar deitado no seu caminho".* Outra senhora, mencionada por Calmeil, continuou, por mais de dez anos, a imaginar que uma multidão de pássaros estava constantemente em voo, voando perto da sua cabeça; e nunca se sentava para jantar sem reservar migalhas de pão para os seus acompanhantes visionários.†

O mesmo acontece com as alucinações auditivas, onde o sentido da audição parece enganar-nos. Escritores sobre o assunto registam casos de pacientes que foram perseguidos por anos, ou durante a vida, por vozes desconhecidas, sons de

sinos, trechos de música, assobios, latidos e afins. Em muitos casos, os sons pareciam, ao alucinado, proceder de túmulos, de cavernas, de debaixo do chão; por vezes imaginava-se que a voz era interna, como vinda do peito ou de outras partes do corpo.‡

---

** "Principles of Human Physiology," 5.ª ed., Londres, 1855, p. 564.*

*† Calmeil, vol. i. p. 11. Não cito casos mais apócrifos, como quando Pic, na sua vida do notável beneditino Savonarola, nos diz que o Espírito Santo, em várias ocasiões, pousou nos ombros do piedoso monge, que se perdia em admiração pela sua plumagem dourada; e que quando a ave divina introduzia o bico no seu ouvido ele ouvia um murmúrio de uma descrição muito peculiar. — J. F. Pic, in Vita Savonarolæ, p. 124.*

*‡ Calmeil, obra citada, vol. i. p. 8.*

---

Calmeil relata o exemplo de um velho cortesão que, imaginando ouvir rivais continuamente a difamá-lo na presença do seu soberano, costumava exclamar constantemente: "Eles mentem! Vossa Alteza está enganada! Eu sou caluniado, meu príncipe."* E ele menciona o caso de outro monomaníaco que não podia, sem um acesso de raiva, ouvir pronunciar o nome de uma cidade que lhe trazia recordações dolorosas. Crianças ao peito, as aves do céu, sinos de cada torre de relógio, repetiam, ao seu ouvido doentio, o nome detestado.

Todos estes parecem ser casos de alucinação simples; contra os quais, pode-se observar, a perfeita sanidade mental não é garantia. A alucinação não é loucura. Encontra-se, por vezes, desligada não só da loucura, mas da monomania no seu tipo mais moderado. Conheci bem uma senhora que, mais de uma vez, viu distintamente pés a subir as escadas à sua frente. No entanto, nem o seu médico nem ela própria alguma vez consideraram este prodígio aparente sob outra luz que não a de um capricho ótico dependente do seu estado de saúde.

Em cada um dos casos acima citados, notar-se-á que apenas uma pessoa foi induzida em erro pela deceção do sentido. E isto leva-me a falar de uma distinção importante feita pelos melhores autores sobre este assunto: a diferença, nomeadamente, entre alucinação e ilusão: sendo a primeira entendida como uma perceção falsa daquilo que não tem existência alguma; a segunda, uma perceção incorreta de algo que realmente existe.

A senhora que levantou o pé para passar por cima de um gato preto, quando, na verdade, não havia nada ali para passar por cima, é considerada vítima de uma alucinação. Nicolai, o livreiro de Berlim, é habitualmente citado como um dos casos mais notáveis; e a sua memória sobre o assunto, dirigida à Sociedade Real de Berlim, da qual era membro, é apresentada como um raro exemplo de análise filosófica e cuidadosa daquilo que ele próprio considerava como uma série de sensações falsas.*

---

** Calmeil, obra citada, vol. i. p. 7.*

---

Ele imaginava (segundo relata) que a sua sala estava cheia de figuras humanas, movendo-se; todas o homólogo exato de pessoas vivas, exceto por serem um pouco mais pálidas; algumas conhecidas dele, outras estranhas; que ocasionalmente falavam entre si e com ele; de modo que, por vezes, ele tinha dúvidas se alguns dos seus amigos o tinham vindo visitar.

Uma ilusão, ao contrário de uma alucinação, tem um fundamento na realidade. Vemos ou ouvimos efetivamente algo, que confundimos com outra coisa.† A miragem do Deserto, a Fata Morgana do Mediterrâneo, são exemplos bem conhecidos. Muitas superstições têm aqui a sua origem. Testemunhe-se o Gigante do Brocken, exércitos aéreos combatendo nas nuvens, e coisas semelhantes.‡

---

** Nicolai leu a sua memória sobre o tema dos espectros ou fantasmas que o perturbavam, com observações psicológicas sobre os mesmos, na Sociedade Real de Berlim, a 28 de fevereiro de 1799. A tradução deste documento é apresentada no Nicholson's Journal, vol. vi. p. 161.*

*† Na mania real, as alucinações são commumente tidas como muito mais frequentes do que as ilusões. De Boismont menciona que, de cento e oitenta e um casos de mania observados pelos Srs. Aubanel e Thore, as ilusões mostraram-se em dezasseis instâncias, enquanto a alucinação sobreveio em cinquenta e quatro. A lista exata era a seguinte: Ilusões de visão, nove; de audição, sete; alucinações de audição, vinte e três; de visão, vinte e uma; de paladar, cinco; de tacto, duas; de olfacto, uma; internas, duas. — "Des Hallucinations", p. 168.*

*‡ No "Philosophical Magazine" (vol. i. p. 232) encontrar-se-á um registo das observações que finalmente explicaram ao mundo científico a natureza da aparência gigantesca que, do cume do Brocken (uma das montanhas Hartz),*

*durante longos anos excitou a credulidade maravilhada dos habitantes e o espanto do viajante que passava. Um Sr. Haue dedicou algum tempo a este assunto. Um dia, enquanto contemplava o gigante, uma rabanada de vento violenta esteve prestes a levar-lhe o chapéu. Pondo subitamente a mão sobre ele, o gigante fez o mesmo. O Sr. Haue fez-lhe uma vénia, e a saudação foi retribuída. Chamou então o proprietário da estalagem vizinha e comunicou-lhe a sua descoberta. As experiências foram renovadas com o mesmo efeito. Tornou-se evidente que a aparência não era mais do que um efeito ótico produzido por um corpo fortemente iluminado colocado entre nuvens leves, refletido de uma distância considerável, e magnificado até parecer ter quinhentos ou seiscentos pés de altura. Em Westmoreland e outros países montanhosos, os camponeses imaginam frequentemente ver nas nuvens tropas de cavalaria e exércitos em marcha, — quando, na verdade, não é mais do que o reflexo de cavalos a pastar numa encosta, e viajantes pacíficos ou trabalhadores passando pela paisagem. — Não há prova de que as aparências que se apresentaram a Nicolai, a Bruto e a Nero fossem mais do que meras alucinações: contudo, se vir a verificar-se que as aparições, sejam dos vivos ou dos mortos, são por vezes de carácter objetivo, estamos a presumir demasiado quando aceitamos como certo que nada apareceu a nenhum destes homens.*

---

Existem ilusões coletivas; pois é evidente que a mesma aparência falsa que engana os sentidos de um homem não é improvável que engane também os de outros. Assim, um historiador italiano relata que os habitantes da cidade de Florença foram durante várias horas as vítimas de uma deceção notável. Viu-se, no ar, flutuando sobre a cidade, a figura colossal de um anjo; e grupos de espectadores, reunidos nas ruas principais, olhavam em adoração, convencidos de que algum milagre estava prestes a acontecer. Passado algum tempo, descobriu-se que esta aparência portentosa não passava de uma simples ilusão ótica, causada pelo reflexo, na nuvem, da figura do anjo dourado que encima o célebre Duomo, brilhantemente iluminado pelos raios do sol.

Mas não conheço nenhum caso bem autenticado de alucinações coletivas. Nenhum par de pacientes de que alguma vez tenha ouvido falar imaginou a presença do mesmo gato ou cão no mesmo momento. Nenhum dos amigos de Nicolai percebeu as figuras que se lhe mostravam. Quando o génio mau de Bruto apareceu ao líder romano, ninguém senão ele próprio viu a presença colossal ou ouviu as palavras de aviso: "Encontrar-nos-emos de novo em Filipos". Foram apenas os olhos de Nero que foram assombrados pelo espectro da sua mãe assassinada.*

Esta é uma distinção de muita importância prática. Se duas pessoas percebem ao mesmo tempo o mesmo fenómeno, podemos concluir que esse fenómeno é uma realidade objetiva — tem, em alguma fase ou outra, existência real.

Os resultados do que tem sido habitualmente chamado experiências eletrobiológicas não podem, com qualquer propriedade, ser aduzidos em refutação desta posição. O paciente biologizado submete-se consciente e voluntariamente a uma influência artificial, cujo efeito temporário é produzir sensações falsas; tal como o comedor de haxixe, ou o mascador de ópio, evoca a fantasmagoria de uma loucura parcial, ou o ébrio inveterado se expõe às terríveis ilusões do delirium-tremens. Mas todos estes sofredores sabem, quando o ataque passa, que não havia nada de realidade nas imaginações que os dominaram.

Se pudéssemos ser biologizados sem agência ostensiva, num estado de mente e corpo aparentemente normal e tranquilo, inconscientemente para nós mesmos na altura, e sem qualquer convicção subsequente da nossa condição de transe, então a própria Razão deixaria de ser digna de confiança, os nossos próprios sentidos tornar-se-iam guias cegos, e os homens não fariam mais do que tatear nos nevoeiros do Pirronismo. Nada na economia do universo, tanto quanto a explorámos, nos permite por um momento manter a ideia de que o seu Criador permitiu, ou permitirá alguma vez, tal fonte de desilusão.

Estamos justificados em afirmar, então, como regra geral, que o que os sentidos de duas ou mais pessoas percebem ao mesmo tempo não é uma alucinação; por outras palavras, que há algum fundamento para isso.

Mas não se segue que o inverso da proposição seja verdadeiro. Não é lógico concluir que, em todos os casos em que alguma aparência estranha pode ser percebida por apenas um observador entre muitos, se trate de uma alucinação. Em alguns casos em que certas pessoas percebem fenómenos que escapam aos sentidos de outras, é certo que os fenómenos são, ou podem ser, reais. Um exemplo quotidiano disto é o facto de pessoas dotadas de forte poder de visão à distância distinguirem claramente objetos que são invisíveis para os míopes.

Mais uma vez, Reichenbach relata que os seus sensitivos viam, nos polos do íman, luz ódica, e sentiam, do contacto próximo de grandes cristais livres, sensações ódicas, que por Reichenbach e outros tão insensíveis às impressões ódicas como ele, passavam totalmente despercebidas.* É verdade que antes que tais experiências possam racionalmente produzir convicção devem ser repetidas

vezes sem conta, por vários observadores e com numerosos sujeitos, cada sujeito desconhecendo o testemunho do anterior, e o resultado destas várias experiências deve ser cuidadosamente coligido e comparado. Mas, tomadas escrupulosamente estas precauções, não há nada na natureza das próprias experiências para fazer com que sejam postas de lado como indignas de confiança.

Não há, pois, nada de absurdo ou ilógico na suposição de que algumas pessoas possam ter perceções verdadeiras das quais somos inconscientes. Podemos não ser capazes de compreender como as recebem; mas a nossa ignorância do modo de ação não refuta a realidade do efeito. Conheci um cavalheiro inglês que, se um gato tivesse sido escondido numa sala onde ele estivesse, detetava invariavelmente e infalivelmente a sua presença. Como ele percebia isto, exceto por um sentimento geral de mal-estar, nunca conseguia explicar; no entanto, o facto era certo.

---

** Reichenbach, no seu "Sensitive Mensch", (vol. i. p. 1,) estima o número de sensitivos, incluindo todos os que têm qualquer perceção de visões e sentimentos ódicos, em quase metade da raça humana. Casos de alta sensibilidade são, diz ele, mais commumente encontrados nos doentes; por vezes, contudo, nos sãos. Em ambos considera-os comparativamente raros.*

---

Se tivéssemos nascido todos surdos-mudos, não poderíamos imaginar como um ser humano seria capaz de perceber que uma pessoa que não via estava numa sala contígua, ou como poderia possivelmente tornar-se consciente de que um relógio de torre, a uma milha de distância e totalmente fora de vista, estava meia hora mais adiantado do que o relógio no seu bolso. Se a um surdo-mudo de nascença dissermos, como explicação, que sabemos estas coisas porque ouvimos o som da voz da pessoa e do relógio a bater, as palavras não têm para ele significado.

Não lhe explicam nada. Ele acredita que existe uma perceção a que aqueles que o rodeiam chamam audição, porque todos concordam em informá-lo disso. Ele acredita que, sob circunstâncias particulares, eles se tornam conscientes do distante e do invisível. Mas, se a sua enfermidade continuar até à morte, passará para outro mundo sem qualquer convicção da realidade da audição, salvo apenas essa crença, não sustentada exceto pela evidência do testemunho.

Que presunção existe contra a suposição de que, tal como há casos excecionais em que alguns dos nossos semelhantes nos são inferiores no alcance das suas perceções, possa haver também casos excecionais em que alguns deles

nos sejam superiores? E por que não poderemos nós, tal como o surdo-mudo de toda a vida, ter de aguardar pelo esclarecimento da morte antes de podermos aceitar como verdadeiras, exceto pela fé nas palavras alheias, as alegações relativas a estas perceções superiores?

Existe, é verdade, entre o caso do surdo-mudo e o nosso esta diferença: ele está na minoria, nós na maioria: as suas testemunhas, portanto, são muito mais numerosas do que as nossas. Mas a questão permanece: são as nossas testemunhas, embora ocasionais apenas, suficientes em número e em credibilidade? Essa questão, no que respeita ao que commumente se chama aparições, é meu objetivo discuti-la no próximo capítulo.

Antes de o fazer, contudo, uma ou duas observações sobre as objeções correntes podem aqui ter lugar. Tem sido habitualmente dado como certo que, se a medicina removeu uma perceção, esta era irreal. Isso não se segue. Uma perceção real pode, pelo que sabemos, depender de um estado peculiar do sistema nervoso, e pode ser possível apenas durante esse estado; e esse estado pode ser alterado ou modificado por drogas. Os nossos sentidos são frequentemente, por um tempo, assim influenciados; o sentido da visão, por exemplo, pela beladona.

Encontrei em Inglaterra várias senhoras, todas na classe mais respeitável da sociedade, que tiveram, em maior ou menor grau, a perceção de aparições; embora não falem desta faculdade ou ilusão (que o leitor selecione qualquer um dos termos) além do círculo dos seus amigos imediatos. Uma destas senhoras, em cujo caso a perceção existia desde a primeira infância, informou-me de que esta era suspensa por indisposição, até mesmo por um resfriado severo. Neste caso, qualquer medicamento que removesse a doença restaurava a perceção.

Alguns escritores tentaram mostrar que a alucinação é epidémica, como a peste ou a varíola. Se isto é de todo verdade, é numa extensão tão insignificante e sob circunstâncias tão peculiares que só pode ser considerado como uma rara exceção a uma regra geral.*

* Encontro na elaborada obra de De Boismont sobre Alucinações apenas um único exemplo detalhado do que pode ser considerado uma alucinação coletiva, e esse dado (p. 72) sob a autoridade de Bovet, e retirado do seu "Pandemonium, or The Devil's Cloyster", publicado em 1684, (p. 202;) não sendo a evidência mais conclusiva, certamente.

É, além disso, apenas o caso de dois homens que alegadamente viram, ao mesmo tempo, a mesma aparição de certas senhoras ricamente vestidas. Mas um destes homens estava na altura num estupor, sofrendo aparentemente de pesadelo, e não falou de todo da visão até que esta lhe foi sugerida pelo outro. Sabemos, contudo, que sugestões feitas a um homem a dormir por vezes influenciam os seus sonhos. (Ver Abercrombie's "Intellectual Powers", 15.ª ed., Londres, 1857, pp. 202, 203.) Um caso citado e garantido pelo Dr. Wigan ("Duality of the Mind", Londres 1844, pp. 166 et seq.) não prova que a alucinação possa ser de carácter coletivo, embora por vezes aduzido para o provar.

Escritores que acreditam na segunda vista (como Martin, na sua "Description of the Western Islands of Scotland") alegam que se dois homens, dotados dessa faculdade, estiverem juntos, e um deles, percebendo uma visão, tocar deliberadamente no outro, este também a perceberá. Mas não temos melhor evidência para isto do que para a realidade da faculdade em questão. E se a segunda vista for um fenómeno real, então tais videntes não são enganados por uma alucinação. — "Des Tables Tournantes, du Surnaturel en Général, et des Esprits", pelo Conde Agénor de Gasparin, Paris, 1855, vol. i. pp. 537 et seq. — Obra de De Gasparin já citada, vol. i. p. 538.

De Gasparin procura provar o contrário disto ao recordar-nos que no Egito, no tempo de Justiniano, diz-se que toda a gente viu homens pretos sem cabeça navegando em barcas de bronze; que durante uma epidemia que outrora despovoou Constantinopla os habitantes viram demónios passando pelas ruas de casa em casa, distribuindo a morte à medida que passavam; que Tucídides fala de uma invasão geral de espectros que acompanhou a grande peste em Atenas; que Plínio relata como, durante a guerra dos Romanos contra os Cimbros, o choque de armas e o som de trombetas foram ouvidos, como se vindos do céu; que Pausânias escreve que, muito tempo depois da ação em Maratona, se ouviam cada noite no campo de batalha o relinchar de cavalos e o choque de exércitos; que na batalha de Plateia os céus ressoaram com gritos terríveis, atribuídos pelos Atenienses ao deus Pã; e assim por diante.

Destas aparições algumas foram claramente ilusões, não alucinações; e quanto às restantes, o M. de Gasparin é um escritor demasiado sensato para não admitir que "muitas destas anedotas são falsas e muitas são exageradas". Para mim, seria quase tão fácil convencer-me, na fé de uma lenda remota, de que estas visões e sons maravilhosos tinham realmente existido, como de que um grande número de homens concordou na convicção de que os viu e ouviu. Os próprios

detalhes que acompanham muitos deles bastam para desacreditar a ideia que pretendem provar.

Na relação de Pausânias, por exemplo, sobre os ruídos noturnos no campo de batalha de Maratona, lemos que aqueles que eram atraídos ao local pela curiosidade não os ouviam: era apenas ao viajante ocasional, atravessando o local assombrado sem premeditação, que os cavalos fantasmas relinchavam e o fragor das armas ressoava. A imaginação ou a expectativa, ao que parece, nada tiveram a ver com isso. Era um fenómeno local. Podemos acreditar ter sido uma perversão do sentido da audição? Se o fizermos, admitimos que a alucinação pode ser endémica bem como epidémica.

Não quereria ser entendido como negando que tenha havido tempos e épocas durante as quais instâncias de alucinação aumentaram em frequência além da taxa habitual. Aquilo que excita violentamente a mente reage frequentemente de forma mórbida nos sentidos. Mas isto não prova a posição que estou a combater. A reação consequente ao fracasso da primeira Revolução Francesa, juntamente com os horrores do reino do terror, agitaram e deprimiram tanto as mentes de muitos, que em França os suicídios tornaram-se frequentes além de todo o exemplo anterior. No entanto, seria uma doutrina nova afirmar que o suicídio é de carácter contagioso ou epidémico.

De Boismont recorda-nos que aglomerados consideráveis de homens ("des réunions considérables") têm sido vítimas das mesmas ilusões. "Um grito", diz ele, "basta para amedrontar uma multidão. Um indivíduo que pensa ver algo sobrenatural depressa faz com que outros, tão pouco esclarecidos como ele, partilhem a sua convicção".* Quanto a ilusões, tanto óticas como orais, isto é indubitavelmente verdade; mais especialmente quando estas se apresentam em tempos de excitação, — como durante uma batalha ou uma peste, — ou quando são geradas na penumbra do crepúsculo ou na escuridão da meia-noite.

---

** "Des Hallucinations", p. 128.*

---

Mas que o contágio do exemplo, ou a crença de um indivíduo sob a influência real da alucinação, baste para produzir, noutros ao redor, doença da retina ou do nervo ótico ou auditivo, ou, em suma, qualquer condição anormal dos sentidos, é uma suposição que, tanto quanto a minha leitura alcança, não é sustentada por qualquer prova fiável.

A hipótese da alucinação, portanto, é, de um modo geral, insustentável em casos onde dois ou mais observadores independentes percebem a mesma aparência ou uma aparência semelhante. Mas, uma vez que sabemos que a alucinação ocorre de facto, essa hipótese pode, em casos onde existe apenas um único observador, ser considerada como a mais natural, a ser refutada apenas por circunstâncias acompanhantes tais que não sejam explicáveis exceto supondo que a aparência era real.

Tendo connosco estas considerações, procuremos agora separar, nesta matéria, o fantasioso do real. Ao fazê-lo, poderemos considerar difícil preservar o justo meio entre a admissão demasiado lesta e a descrença demasiado tenaz. Se o leitor se sentir tentado a suspeitar em mim de uma credulidade fácil, acautele-se, por sua parte, contra o julgamento prévio arrogante. "O desprezo antes do inquérito", diz Paley, "é fatal." Descartando igualmente o preconceito e a superstição, adotando o método indutivo, procuremos determinar se, mesmo que uma grande parte das mil lendas de fantasmas e aparições que ganharam crédito em todas as épocas se deva à alucinação, não haverá outra parte — os registos de fenómenos genuínos — observada por testemunhas credíveis e atestada por prova suficiente.

## CAPÍTULO II
## APARIÇÕES DOS VIVOS

Quando, ao estudar o tema das aparições, encontrei pela primeira vez um alegado exemplo da aparição de uma pessoa viva a uma distância de onde essa pessoa realmente estava, dei-lhe pouca importância. E isto tanto mais porque o próprio exemplo não estava suficientemente atestado. É relatado e acreditado por Jung Stilling como tendo ocorrido por volta dos anos 1750 a 1760, e é deste teor:

Vivia naquela época, perto de Filadélfia, numa casa solitária e de modo retirado, um homem de carácter benevolente e piedoso, mas suspeito de ter algum poder oculto de revelar eventos escondidos. Aconteceu que um certo capitão de navio, estando ausente há muito tempo e não tendo sido recebida nenhuma carta sua, a sua esposa, que vivia perto deste homem e que se tornara alarmada e ansiosa, foi aconselhada a consultá-lo. Tendo ouvido a sua história, ele pediu-lhe que esperasse um pouco e que lhe traria uma resposta. Ato contínuo, ele foi para outra sala, fechando a porta; e ali permaneceu tanto tempo que, movida pela curiosidade, ela olhou através de uma abertura na porta para averiguar o que ele estaria a fazer.

Vendo-o deitado imóvel num sofá, ela regressou rapidamente ao seu lugar. Pouco depois, ele saiu e disse à mulher que o marido dela estava, naquela altura, em Londres, num certo café que ele nomeou, e que regressaria em breve. Ele declarou também as razões pelas quais o seu regresso fora atrasado e por que razão ele não lhe tinha escrito; e ela foi para casa algo tranquilizada. Quando o marido regressou, descobriram, ao comparar notas, que tudo o que lhe tinha sido dito era exatamente verdade. Mas a parte mais estranha da história permanece.

Quando ela levou o marido a ver o alegado vidente, este recuou de surpresa e confessou mais tarde à esposa que, num certo dia (o mesmo em que ela consultara a pessoa em questão), ele estava num café em Londres (o mesmo que lhe fora nomeado), e que este mesmo homem o tinha ali abordado, e lhe tinha dito que a sua esposa estava em grande ansiedade por causa dele; que então o capitão do navio tinha respondido informando o estranho do porquê do seu regresso estar atrasado e do porquê de não ter escrito, após o que o homem se virou e ele perdeu-o de vista na multidão.*

---

** "Theorie der Geisterkunde," vol. iv. das "Sämmtliche Werke" de Stilling, pp. 501 a 503. Resumi algo ao traduzir.*

---

Esta história, contudo, chegou a Stilling através de várias mãos, e está autenticada de forma muito frouxa. Foi trazida da América por um alemão que tin

ha emigrado para os Estados Unidos e fora, durante muitos anos, gerente de alguns moinhos no Delaware. Ele relatou-a, no seu regresso à Alemanha, a um amigo de Stilling, de quem Stilling a obteve. Mas não são dados nomes nem datas exatas; e nem sequer é declarado se o emigrante alemão obteve o incidente diretamente do capitão do navio ou da sua esposa.

É evidente que tal narrativa, chegando-nos sem melhores garantias do que estas (embora possamos admitir a inteira boa fé de Stilling), não pode racionalmente ser aceite como autoridade.

Contudo, deve notar-se que, nos seus incidentes, a história acima é apenas pouco mais notável do que o sonho de Joseph Wilkins ou o caso de Mary Goffe, ambos já apresentados no capítulo sobre Sonhos. Se for verdadeira, pertence evidentemente à mesma classe, com esta variação: que os fenómenos nos dois casos referidos ocorreram espontaneamente, ao passo que, de acordo com a narrativa de Stilling, foram evocados pela vontade do sujeito e podiam ser

reproduzidos à vontade. A narrativa seguinte posso apresentá-la como perfeitamente autêntica.

## APARIÇÃO NA IRLANDA

Vivia, no verão do ano de 1802, no sul da Irlanda, um clérigo da Igreja Estabelecida, o Rev. Sr. _____, mais tarde Arcediago de _____, agora falecido. A sua primeira esposa, uma mulher de grande beleza, irmã do Governador de _____, estava então viva. Tinha dado à luz recentemente, e a sua recuperação era muito lenta. A residência deles — uma mansão à moda antiga, situada num jardim espaçoso — confinava num dos lados com o parque do Bispo de _____. Estava separada dele por um muro, no qual havia uma porta privada.

O Sr. _____ fora convidado pelo bispo para jantar; e como a sua esposa, embora acamada, não parecia pior do que o habitual, ele aceitou o convite. Regressando do palácio do bispo cerca das dez horas, entrou, pela porta privada já mencionada, na sua própria propriedade. Estava um luar brilhante. Ao sair de uma pequena faixa de arbustos para um caminho do jardim, percebeu, conforme pensou, noutro caminho, paralelo àquele em que se encontrava e a não mais de dez ou doze pés dele, a figura da sua esposa, com o seu vestido habitual. Extremamente espantado, ele atravessou e confrontou-a. Era a sua esposa. Pelo menos, ele distinguiu as feições dela, ao luar claro, tão nitidamente como alguma vez o fizera na vida.

"O que estás aqui a fazer?", perguntou ele. Ela não respondeu, mas recuou dele, virando-se para a direita, em direção a uma horta que ficava num dos lados da casa. Nela havia várias fiadas de ervilhas, estacadas e bem crescidas, de modo a abrigar qualquer pessoa que passasse por trás delas. A figura contornou uma extremidade destas. O Sr. _____ seguiu-a rapidamente, num espanto crescente, misturado com alarme; mas quando alcançou o espaço aberto além das ervilhas, a figura não estava em lado nenhum. Como não havia local onde, em tão curto espaço de tempo, ela pudesse ter procurado ocultação, o marido concluiu que fora uma aparição, e não a sua esposa, que ele vira. Ele regressou à porta da frente e, em vez de se valer da sua chave-mestra como habitualmente, tocou a campainha. Enquanto estava nos degraus, antes de a campainha ser atendida, ao olhar em volta, viu a mesma figura ao canto da casa. Quando o criado abriu a porta, ele perguntou-lhe como estava a patroa. "Lamento dizer, senhor", respondeu o homem, "ela não está tão bem. Mandou-se chamar o Dr. Osborne."

O Sr. _____ subiu apressadamente as escadas, encontrou a esposa na cama e muito pior, assistida pela enfermeira, que não a deixara durante toda a noite. A partir dessa altura ela afundou-se gradualmente e, num espaço de doze horas, expirou.

O acima exposto foi-me comunicado pelo Sr. _____, agora do Canadá, filho do arcediago.* Ele tinha ouvido tantas vezes o pai narrar o incidente que cada detalhe estava minuciosamente impresso na sua memória. Perguntei-lhe se o seu pai alguma vez lhe tinha declarado se, durante a sua ausência em casa do bispo, a sua esposa tinha dormido, ou se tinha sido observada em estado de desmaio ou transe; mas ele não me pôde prestar qualquer informação sobre esse assunto. É de lamentar que tal não tenha sido observado e registado. A esposa sabia onde o seu marido estava e por que rota ele regressaria. Podemos imaginar, mas não provar, que este foi um caso semelhante ao de Mary Goffe — a aparição da esposa, tal como a da mãe, mostrando-se onde estavam os seus pensamentos e afetos.

---

** Em 1 de junho de 1859.*

---

A narrativa seguinte devo-a à gentileza de uma amiga, a Sra. D_____, agora de Washington, filha de um clérigo do Oeste de bem conhecida reputação, recentemente falecido.

## DUAS APARIÇÕES DE PESSOAS VIVAS, NA MESMA CASA, NO MESMO DIA

"Residi durante vários anos numa espaçosa casa antiga de pedra, com dois andares, agradavelmente situada entre árvores de fruto e arbustos, nas margens do Rio Ohio, no Condado de Switzerland, Indiana. Duas varandas, em cima e em baixo, com escadas exteriores que levavam a elas, percorriam toda a extensão da casa no lado virado para o rio. Estas, especialmente a superior com a sua vista encantadora, eram um refúgio comum da família.

"Em 15 de setembro de 1845, a minha irmã mais nova, J_____, casou-se e veio com o seu marido, o Sr. H. M_____, passar uma porção da lua-de-mel no nosso agradável retiro.

"No dia 18 do mesmo mês, fomos todos, por convite, passar o dia a casa de um amigo a cerca de uma milha de distância. Ao cair do crepúsculo, notando que os meus dois pequenos estavam a ficar inquietos, decidimos regressar a casa. Depois de esperarmos algum tempo pelo marido da minha irmã, que se tinha ausentado para fazer uma visita numa aldeia vizinha, dizendo que voltaria em breve, partimos sem ele. Chegadas a casa, a minha irmã, que ocupava um quarto no andar de cima, dizendo-me que iria mudar o seu vestido de passeio, subiu as escadas, enquanto eu permaneci em baixo para ver os meus bebés sonolentos seguros na cama. A lua, lembro-me, brilhava intensamente na altura.

"Subitamente, passados um ou dois minutos, a minha irmã irrompeu pela sala, retorcendo as mãos em desespero e chorando amargamente. 'Oh, irmã, irmã!', exclamou ela; 'Vou perdê-lo! Eu sei que vou! O Hugh vai morrer.' No maior espanto, perguntei o que se passava; e então, entre soluços, ela relatou-me a causa do seu alarme, como se segue:—

"Ao subir a correr as escadas para o quarto deles, viu o marido sentado na extremidade da varanda superior, com o chapéu posto, um charuto na boca e os pés no corrimão, aparentemente a desfrutar da brisa fresca do rio. Supondo, naturalmente, que ele tinha regressado antes de nós, aproximou-se dele, dizendo: 'Ora, Hugh, quando chegaste aqui? Por que não voltaste para vir para casa connosco?' Como ele não respondeu, ela foi até ele e, como noiva que era, ia passar-lhe os braços pelo pescoço, quando, para seu horror, a figura desapareceu e a cadeira ficou vazia. Mal teve forças (tão grande foi o choque) para descer as escadas e relatar-me o que os seus medos excitados interpretavam como um presságio certo de morte.

"Foi apenas mais de duas horas depois, quando o meu cunhado realmente regressou, que ela recuperou a tranquilidade. Brincámos e rimo-nos dela então e, passado algum tempo, o incidente desapareceu das nossas mentes.

"Anteriormente a isto, contudo — nomeadamente, cerca de uma hora antes do regresso de Hugh — enquanto estávamos sentadas na sala, no andar de baixo, vi um rapaz, de uns dezasseis anos de idade, espreitar à porta da sala. Era um rapaz que o meu marido empregava para trabalhar no jardim e na casa, e que, nas suas horas de lazer, costumava ter grande prazer em divertir o meu filhinho

Frank, de quem gostava muito. Estava vestido, como era seu hábito, com um fato de pano de verão azul, com um velho chapéu de palma sem fita, e avançou, no seu jeito tímido habitual, um passo ou dois para dentro da sala, depois parou e olhou em volta, aparentemente à procura de algo.

Supondo que estaria à procura das crianças, disse-lhe: 'O Frank está na cama, Silas, e já dorme há muito.' Ele não respondeu, mas, virando-se com um sorriso calmo que lhe era comum, saiu da sala, e notei, da janela, que ele se demorou perto da porta exterior, caminhando para trás e para diante, diante dela uma ou duas vezes. Se me tivessem pedido posteriormente para depor, sob juramento, perante um tribunal de justiça, que tinha visto o rapaz entrar e sair da sala, e também que o tinha notado passar e repassar diante da janela da sala, teria jurado estas circunstâncias sem um momento de hesitação. Contudo, parece que tal depoimento teria transmitido uma impressão falsa.

"Pois, pouco depois, o meu marido, entrando, disse: 'Onde andará o Silas?' (esse era o nome do rapaz.)

"'Ele deve estar por aí em algum lado', respondi: 'esteve aqui há poucos minutos e eu falei com ele.' Ato contínuo, o Sr. D_____ saiu e chamou-o, mas ninguém respondeu. Procurou-o por toda a propriedade, depois no seu quarto, mas em vão. Silas não foi encontrado; nem se mostrou naquela noite; nem estava na casa na manhã seguinte quando nos levantámos.

"Ao pequeno-almoço ele apareceu pela primeira vez. 'Onde estiveste, Silas?', disse o Sr. D_____.

"O rapaz respondeu que tinha estado 'lá em cima na ilha, a pescar.'

"'Mas', disse eu, 'tu estiveste aqui ontem à noite.'

"'Oh, não', respondeu ele, com o sotaque simples da verdade. 'O Sr. D_____ deu-me licença para ir à pesca ontem; e eu entendi que não precisava de voltar até esta manhã: por isso fiquei fora toda a noite. Não estive perto daqui desde ontem de manhã.'

"Não pude duvidar da palavra do rapaz. Ele não tinha motivo para nos enganar. A ilha de que falava ficava a duas milhas de distância da nossa casa; e, dadas todas as circunstâncias, assentei na conclusão de que, tal como no caso da minha irmã, o marido dela tinha aparecido onde não estava, assim no caso do

rapaz também fora apenas a aparência, não a pessoa real, que eu tinha visto naquela noite. Foi suficientemente notável que ambos os incidentes tivessem ocorrido na mesma casa e no mesmo dia.

"É apropriado que eu acrescente que a impressão da minha irmã de que a aparição do seu marido pressagiava a morte não se provou verdadeira. Ele sobreviveu-lhe; e nenhuma desgraça que pudessem de alguma forma ligar à aparência aconteceu na família.

"Nem o Silas morreu; nem, tanto quanto sei, aconteceu nada de invulgar com ele."*

---

** Comunicado a mim, em Washington, a 24 de junho de 1859.*

---

Este caso é, em alguns aspetos, forte. Não houve evidentemente ligação entre a aparência a uma irmã e a outra. Não houve excitação precedendo as aparições. Em cada caso, a evidência, no que diz respeito a um sentido, era tão forte como se a pessoa real estivesse presente. A narradora diz expressamente que teria jurado sem hesitação, num tribunal de justiça, sobre a presença do rapaz Silas. A irmã dirigiu-se à aparência do seu marido, inesperada como era, sem dúvida ou hesitação.

A teoria da alucinação pode explicar ambos os casos; mas, quer explique quer não, o fenómeno é um que deveria desafiar a atenção do jurista bem como do psicólogo. Se aparências que falsificam a realidade de forma tão exata como estas podem, ocasionalmente, enganar o sentido humano, a sua ocorrência possível não deve ser ignorada ao estabelecer regras de prova. A presunção, claro, é em todos os casos muito forte contra elas. Contudo, ocorreram casos em que um álibi, satisfatoriamente provado mas em conflito com evidência aparentemente irrepreensível, confundiu completamente os tribunais. Um exemplo, relatado e garantido pela Sra. Crowe, mas sem aduzir a sua autoridade, e que eu próprio não verifiquei, é, em substância, o seguinte:—

Na parte final do século passado, na cidade de Glasgow, Escócia, uma criada, conhecida por ter tido ligação ilícita com um certo aprendiz de cirurgião, desapareceu subitamente. Não havendo circunstâncias que levassem à suspeita de crime, não foi feito nenhum inquérito especial sobre ela.

Naqueles dias, nas cidades escocesas, ninguém era autorizado a mostrar-se na rua ou terreno público durante as horas do serviço religioso; e esta interdição

era imposta pela nomeação de inspetores, autorizados a anotar os nomes dos delinquentes.

Dois destes, fazendo as suas rondas, chegaram a um muro, o limite inferior de "The Green", como é chamado o principal parque público da cidade. Ali, deitado na erva, viram um jovem, que reconheceram como sendo o assistente do cirurgião. Perguntaram-lhe por que não estava na igreja e procederam ao registo do seu nome; mas, em vez de tentar uma desculpa, ele apenas se levantou, dizendo: "Sou um homem miserável; olhem para a água!", atravessou depois uma cancela e tomou um caminho que levava à estrada de Rutherglen. Os inspetores, espantados, foram de facto para o rio, onde encontraram o corpo de uma jovem mulher, que mandaram transportar para a cidade.

Enquanto a acompanhavam pelas ruas, passaram por uma das principais igrejas, de onde, no momento, a congregação estava a sair; e entre eles perceberam o aprendiz. Mas isto não os surpreendeu muito, pensando que ele poderia ter tido tempo de dar a volta e entrar na igreja perto do fim do serviço.

O corpo provou ser o da criada desaparecida. Ela foi encontrada grávida e tinha sido evidentemente assassinada por meio de um instrumento de cirurgia, que permanecera emaranhado nas suas roupas. O aprendiz, que se provou ter sido a última pessoa vista na sua companhia antes de ela desaparecer, foi preso e, "com base no testemunho dos inspetores, teria sido considerado culpado, não tivesse ele, no seu julgamento, estabelecido um álibi incontrovertível; demonstrando, para além de qualquer dúvida possível, que estivera na igreja durante todo o serviço religioso. O jovem foi absolvido. A maior excitação prevaleceu na mente do público na altura; mas todos os esforços para obter uma explicação natural falharam.*

Se esta história merece crédito, ela é conclusiva quanto à questão. Ambos os inspetores viram, ou acreditaram ver, a mesma pessoa; uma pessoa de quem não andavam à procura e que não esperavam encontrar ali. Ambos ouviram as mesmas palavras; e estas palavras dirigiram-nos ao rio e foram a causa de terem encontrado o corpo morto; o corpo, também, de uma rapariga com quem o aprendiz estivera nos termos mais íntimos e suspeitos, quer fosse ele o seu assassino ou não. Quando é que a alucinação conduziu a tal descoberta?

No caso seguinte, a ser um caso de alucinação, dois sentidos foram enganados.

## VISÃO E SOM

Durante o inverno de 1839-40, o Dr. J. E. residia, com a sua tia, a Sra. L., numa casa na Rua Catorze, perto da Avenida de Nova Iorque, na cidade de Washington. Subindo um dia da cave da casa para a sala, viu a sua tia a descer as escadas. Ele recuou para a deixar passar, o que ela fez, perto dele, mas sem falar. Ele subiu instantaneamente as escadas e entrou na sala, onde encontrou a sua tia sentada calmamente ao lado da lareira.

---

** "Night Side of Nature," por Catherine Crowe, 16.ª ed., Londres, 1854, pp. 183 a 186.*

---

A distância entre onde ele viu a figura pela primeira vez e o local onde a sua tia estava realmente sentada era entre trinta e quarenta pés. A figura parecia vestida exatamente como a sua tia estava; e ele ouviu distintamente o roçar do seu vestido enquanto ela passava.

Como a figura, ao descer as escadas e passar pelo Dr. E., apresentava a mesmíssima aparência de uma pessoa real, e como a circunstância ocorreu em plena luz do dia, o Dr. E. pensou durante muito tempo que, se não fosse uma mera alucinação, poderia augurar a morte; mas nada aconteceu que justificasse as suas antecipações.*

O exemplo seguinte é de um carácter muito mais conclusivo do que qualquer um dos anteriores, se excetuarmos a narrativa da Sra. Crowe.

## APARIÇÃO DO VIVO
### Vista por Mãe e Filha

No mês de maio e no ano de 1840, o Dr. D., um médico notável de Washington, residia com a sua esposa e a sua filha Sarah (agora Sra. B.) na sua residência de campo, perto de Piney Point, na Virgínia, um refúgio de lazer da moda durante os meses de verão.

Uma tarde, por volta das cinco horas, as duas senhoras caminhavam num bosque não muito longe da sua residência; quando, à distância na estrada, vindo em direção a elas, viram um cavalheiro. "Sally", disse a Sra. D., "ali vem o teu pai ao nosso encontro." "Creio que não", respondeu a filha: "aquele não pode ser o papá: não é tão alto quanto ele."

À medida que ele se aproximava delas, a opinião da filha foi confirmada. Perceberam que não era o Dr. D., mas um Sr. Thompson, um cavalheiro com quem estavam bem

---

** O acima exposto foi-me relatado pelo próprio Dr. E., em Washington, a 5 de julho de 1859; e o manuscrito foi-lhe submetido para revisão.*

---

familiarizadas e que era na altura, embora elas então não o soubessem, um paciente do Dr. D. Observaram também, conforme ele se aproximava, que estava vestido com um casaco de sobrecasaca azul, colete de cetim preto, e calças e chapéu pretos. Além disso, ao compararem notas posteriormente, ambas as senhoras, ao que parece, tinham notado que a sua roupa branca era particularmente fina e que todo o seu vestuário parecia ter sido muito cuidadosamente ajustado.

Ele aproximou-se tanto que estiveram no preciso momento de se lhe dirigir; mas nesse instante ele afastou-se, como que para as deixar passar; e então, mesmo enquanto os olhos de ambas as senhoras estavam postos nele, ele desapareceu súbita e inteiramente.

O espanto da Sra. D. e da sua filha pode ser imaginado. Mal podiam acreditar na evidência dos seus próprios olhos. Demoraram-se, por algum tempo, no local, como que à espera de o ver reaparecer; depois, com aquele sentimento estranho que se apodera de nós quando acabamos de presenciar algo sem exemplo e incrível, apressaram-se para casa.

Posteriormente averiguaram, através do Dr. D., que o seu paciente, o Sr. Thompson, estando seriamente indisposto, estava confinado à cama; e que não tinha saído do seu quarto, nem aliás da sua cama, durante todo o dia.

Pode adequadamente acrescentar-se que, embora o Sr. Thompson fosse familiarmente conhecido pelas senhoras e muito respeitado por elas como um homem estimável, não existiam razões para que tivessem qualquer interesse maior nele, ou ele nelas, do que no caso de qualquer outro amigo ou conhecido. Ele morreu exatamente seis semanas após o dia desta aparição.

A narrativa acima é de fidedignidade inquestionável. Foi comunicada em Washington, em junho de 1859, pela própria Sra. D.; e o manuscrito, sendo-lhe submetido para revisão, foi aceite como exato. Tinha sido frequentemente

relatado, tanto pela mãe como pela filha, à senhora — uma amiga delas — que primeiro o trouxe à minha atenção.

O que diremos disto? Que elemento de fidedignidade lhe falta? Os factos são de ocorrência comparativamente recente. São relatados diretamente pelas observadoras do fenómeno. As circunstâncias excluem até a hipótese de sugestão. A observação da mãe para a filha foi: "Ali vem o teu pai." A filha discorda, observando que era um homem mais alto. Quando a aparência se aproxima, ambas as senhoras distinguem a mesma pessoa, e isso tão inequivocamente que avançam para o encontrar e lhe falar, sem a menor desconfiança. Era evidentemente uma aparência vista independentemente por cada uma das observadoras. Foi vista, também, em plena luz do dia, e sob nenhuma excitação de espécie alguma.

As senhoras desfrutavam de um calmo passeio de tarde. Não havia terror para cegar, nem ansiedade de afeto para evocar (como o ceticismo poderia imaginar ser possível) o fantasma do ausente. O incidente é (conforme supõem) do carácter mais comum. O cavalheiro que veem avançar para as encontrar é um conhecido comum, — doente na altura, é verdade; mas mesmo esse facto é-lhes desconhecido. Ambas continuam a vê-lo até que ele esteja à distância de se lhe poder falar. Ambas observam o seu vestuário, mesmo os pormenores minuciosos dele; de modo que nos sentidos de ambas é produzida precisamente a mesma série de impressões.

Averiguam isso através de uma comparação subsequente das suas sensações. Nem o perdem de vista de qualquer forma duvidosa, ou enquanto a sua atenção está distraída. Ele desaparece diante dos seus olhos no preciso momento em que estão prestes a dirigir-se-lhe.

Quão forte é, neste caso, a prova presuntiva contra a alucinação! Mesmo pondo de lado a doutrina aceite nos livros, de que não existe alucinação coletiva, como podemos imaginar que se produziria, no mesmíssimo momento, sem sugestão, ou expectativa, ou excitação invulgar de qualquer tipo, no cérebro de duas pessoas diferentes, uma perceção da mesmíssima imagem, detalhada minuciosamente, sem qualquer objeto externo para a produzir? Estaria essa imagem impressa na retina tanto no caso da mãe como da filha?

Como poderia ser isto se não existia nada no mundo exterior para a imprimir? Ou não existia imagem na retina? Seria uma impressão puramente subjetiva? Isto é, uma perceção falsa, devida a doença? Mas entre os milhões de

impressões que podem ser produzidas, se apenas a imaginação é o agente criador, quão infinitas as probabilidades contra a contingência de que, de entre esses milhões, este objeto especial se apresentasse em dois casos independentes! — não apenas uma pessoa particular, vestida de uma maneira particular, mas essa pessoa avançando ao longo de uma estrada, aproximando-se a poucos passos das observadoras e depois desaparecendo! Contudo, nem este é o limite das hipóteses adversas. Não há apenas identidade de objeto, mas exata coincidência de tempo. As duas percebem a mesmíssima coisa no mesmíssimo momento; e esta coincidência continua ao longo de vários minutos.

Qual é a conclusão natural e necessária? Que houve uma imagem produzida na retina, e que existia ali uma realidade objetiva para a produzir. Pode parecer maravilhoso, pode parecer difícil de acreditar, que a aparência de um ser humano, no seu vestuário habitual, se apresente onde esse ser humano não está. Seria uma coisa mil vezes mais maravilhosa, dez mil vezes mais difícil de acreditar, que a ação fortuita da doença, divagando livremente através da variedade infinita de possibilidades contingentes, produzisse, por mero acaso, uma massa de coincidências tais que compõem, neste caso, as sensações concorrentes e contemporâneas de mãe e filha.

Poderia aqui aduzir um exemplo que vários escritores notaram; o de, nomeadamente, a aparição ao Dr. Donne, em Paris, da sua esposa, com o cabelo solto e uma criança morta nos braços, no mesmíssimo dia e à mesmíssima hora em que ela deu à luz uma criança nado-morta em Drewry House, a residência do patrono do Dr. Donne, Sir Robert Drewry, então embaixador na Corte Francesa. É relatado e garantido pelo "honesto Izaak", como os seus amigos costumavam chamar ao autor de "The Compleat Angler";* mas tem duzentos e cinquenta anos. Portanto, prefiro passar para o seguinte, de data moderna e autenticação direta.

## APARIÇÃO NO MAR

Durante o outono de 1857, o Sr. Daniel M., um jovem cavalheiro americano, após ter viajado por toda a Alemanha, regressava aos Estados Unidos num paquete de Bremen. Numa noite tempestuosa, a sua mãe, a Sra. A. M., residindo perto de Nova Iorque, sabendo que o seu filho estava provavelmente então no mar, ficou muito alarmada com a sua segurança e fez em segredo uma oração fervorosa para que ele lhe fosse preservado.

Residia na mesma casa com ela, na altura, uma das suas sobrinhas, chamada Louisa, que tinha o hábito de receber impressões do que se poderia chamar um carácter clarividente. Esta sobrinha tinha ouvido a expressão dos receios da sua tia, mas, tal como o resto da família, ignorava que esses receios tivessem encontrado expressão em oração pela segurança do seu primo. No dia seguinte à tempestade, ela teve uma impressão tão vívida e distinta que foi induzida a registá-la por escrito. Era no sentido de que a sua tia não tinha motivo para temer, visto que o objeto da sua ansiedade estava em segurança, e que na própria hora da noite anterior em que a mãe tinha tão fervorosamente feito uma oração secreta por ele, o seu filho, estando na altura na sua cabine, tinha tido consciência da presença da sua mãe.

---

** "The Lives of Dr. John Donne, Sir Henry Wotton, etc." Por Izaak Walton, edição de Oxford, 1824, pp. 16 a 19.*

---

Isto leu ela à sua tia no mesmo dia, pensando que poderia servir para a confortar. E depois esperou com grande ansiedade pelo regresso do primo, quando poderia ter as suas dúvidas resolvidas quanto à verdade ou falsidade da misteriosa impressão a respeito dele.

Ele chegou três semanas depois, são e salvo; mas durante a tarde e a noite que se seguiram à sua chegada, nenhuma alusão foi feita por ninguém às circunstâncias acima referidas. Quando o resto da família se retirou, Louisa permaneceu, propondo-se questioná-lo sobre o assunto. Ele tinha saído; mas após alguns minutos regressou à sala, aproximou-se do lado oposto da mesa onde ela estava sentada, parecendo agitado, e, antes que ela própria pudesse proferir uma palavra, disse, com muita emoção: "Prima, tenho de te contar uma coisa extraordinária que me aconteceu."

E com isso, para espanto dela, desatou a chorar. Ela sentiu que a solução das suas dúvidas estava próxima; e assim se provou. Ele contou-lhe que uma noite durante a viagem, logo após se ter deitado, viu, no lado da cabine oposto ao seu beliche, a aparência da sua mãe. Era tão assustadoramente parecida com uma pessoa real que ele se levantou e se aproximou. Não tentou, contudo, tocar-lhe, ficando ultimamente satisfeito por ser apenas uma aparição. Mas ao regressar ao seu beliche ainda a viu, por alguns minutos, como antes.

Ao compararem notas, averiguou-se que a noite em que o jovem viu assim a aparência da sua mãe no mar foi a mesma em que ela tinha tão fervorosamente orado pela sua segurança, — a mesmíssima, também, que a sua prima Louisa tinha designado por escrito, três semanas antes, como o momento em que ele tinha visto a aparição em questão. E, tanto quanto puderam apurar, a hora também correspondia.

A narrativa acima foi-me comunicada* pelas duas senhoras envolvidas, a mãe e a sua sobrinha, estando ambas juntas quando a obtive. São altamente intelectuais e cultivadas. Conheço-as bem e sei que se pode depositar inteira confiança no seu depoimento.

Neste caso, como naquele em que a aparição do Sr. Thompson se mostrou a mãe e filha, há duas pessoas que têm sensações coincidentes; Louisa impressionada de que o seu primo tivera consciência da presença da mãe, e o primo impressionado com essa mesma consciência. Ao contrário do caso Thompson, os primos estavam a muitas centenas de milhas de distância um do outro na altura.

A sugestão era impossível; igualmente impossível era qualquer erro por reflexão posterior. Louisa confiou a sua impressão à escrita na altura e leu-a à sua tia. O escrito permaneceu, real e definido, como prova dessa impressão. E ela não fez qualquer inquérito ao seu primo, não fez nenhuma pergunta indutora, para extrair uma confirmação ou refutação das suas perceções a respeito dele. O jovem voluntariou a sua história; e as suas lágrimas de emoção atestaram a impressão que a aparição lhe causara.

A coincidência casual, como todos devem ver, estava fora de questão. Alguma outra explicação, seja ela qual for, deve ser procurada. A narrativa seguinte, extraída da vida náutica, exibe coincidências tão inequivocamente produzidas por alguma agência que não o acaso.

## O RESGATE

O Sr. Robert Bruce, originariamente descendente de algum ramo da família escocesa com esse nome, nasceu em circunstâncias humildes, por volta do final do século passado, em Torbay, no sul da Inglaterra, e ali foi criado para uma vida de mar.

---

** Em 8 de agosto de 1859.*

---

Quando tinha cerca de trinta anos de idade, a saber, no ano de 1828, era o primeiro imediato numa barca que comerciava entre Liverpool e St. John's, New Brunswick.

Numa das suas viagens com destino ao ocidente, estando então fora há cerca de cinco ou seis semanas e tendo-se aproximado da porção oriental dos Bancos da Terranova, o capitão e o imediato tinham estado no convés ao meio-dia, tirando uma observação do sol; após o que ambos desceram para calcular o trabalho do dia.

A cabine, pequena, ficava imediatamente à popa do navio, e a pequena escadaria que descia para ela corria no sentido transversal. Imediatamente oposta a esta escadaria, logo após um pequeno patamar quadrado, ficava a cabine do imediato; e desse patamar havia duas portas, próximas uma da outra, uma abrindo para trás para a cabine comum, a outra, em frente à escadaria, para a cabine do imediato. A secretária na cabine do imediato ficava na parte da frente da mesma, junto à porta; de modo que qualquer pessoa sentada nela e olhando por cima do ombro podia ver para dentro da cabine comum.

O imediato, absorvido no seu cálculo, que não resultou como esperava, variando consideravelmente da estimativa de navegação, não tinha notado os movimentos do capitão. Quando completou os seus cálculos, exclamou, sem olhar para trás: "A minha latitude e longitude dão isto e aquilo. Poderá estar certo? Como está o seu?"

Não recebendo resposta, repetiu a pergunta, lançando um olhar por cima do ombro e percebendo, conforme pensou, o capitão ocupado a escrever na sua lousa. Continuava sem resposta. Ato contínuo, levantou-se; e, ao ficar de frente para a porta da cabine, a figura que ele confundira com o capitão ergueu a cabeça e revelou ao espantado imediato as feições de um perfeito estranho.

Bruce não era cobarde; mas, ao encontrar aquele olhar fixo que o fitava diretamente em grave silêncio, e ao certificar-se de que não era ninguém que

alguma vez tivesse visto antes, foi demais para ele; e, em vez de parar para questionar o aparente intruso, correu para o convés num alarme tão evidente que atraiu instantaneamente a atenção do capitão. "Ora, Sr. Bruce", disse este último, "o que é que se passa consigo, afinal?"

"O que se passa, senhor? Quem é que está à sua secretária?"
"Ninguém que eu saiba."
"Mas está lá alguém, senhor: está lá um estranho."

"— Um estranho! Ora essa, homem, deve estar a sonhar. Deve ter visto aí o despenseiro, ou o segundo imediato. Quem mais se atreveria a descer sem ordens?"

"— Mas, senhor, ele estava sentado na sua poltrona, de frente para a porta, a escrever na sua lousa. Depois olhou fixamente para o meu rosto; e, se alguma vez vi um homem plena e distintamente neste mundo, eu vi-o."

"— Viu-o! A quem?"

"— Deus sabe, senhor: eu não sei. Vi um homem, e um homem que nunca tinha visto na minha vida."

"— Deve estar a ficar louco, Sr. Bruce. Um estranho, e estamos no mar há quase seis semanas!"

"— Eu sei, senhor; mas a verdade é que o vi."

"— Desça e veja quem é."

Bruce hesitou. "— Nunca acreditei em fantasmas", disse ele; "— mas, se a verdade deve ser dita, senhor, preferia não o enfrentar sozinho."

"— Vamos, vamos, homem. Desça de imediato e não se faça de parvo diante da tripulação."

"— Espero que sempre me tenha achado disposto a fazer o que é razoável", respondeu Bruce, mudando de cor; "— mas se for o mesmo para si, senhor, preferia que descêssemos os dois juntos."

O capitão desceu as escadas e o imediato seguiu-o. Ninguém na cabine! Examinaram os camarotes. Nem uma alma foi encontrada!

"— Bem, Sr. Bruce", disse o capitão, "— não lhe disse que tinha estado a sonhar?"

"— É muito fácil dizer isso, senhor; mas se eu não vi aquele homem a escrever na sua lousa, que nunca mais volte a ver a minha casa e a minha família!"

"— Ah! A escrever na lousa! Então ainda deve lá estar." E o capitão pegou nela.

"— Por Deus", exclamou ele, "— aqui está algo, com certeza! Esta é a sua letra, Sr. Bruce?"

O imediato pegou na lousa; e ali, em carateres claros e legíveis, estavam as palavras: "Navegue para noroeste."

"— Tem andado a brincar comigo, senhor?", acrescentou o capitão, de modo severo.

"— Pela minha palavra como homem e como marinheiro, senhor", respondeu Bruce, "— não sei mais deste assunto do que o senhor. Disse-lhe a exata verdade."

O capitão sentou-se à sua secretária, com a lousa à sua frente, em pensamento profundo. Por fim, virando a lousa e empurrando-a para Bruce, disse: "— Escreva: 'Navegue para noroeste.'"

O imediato obedeceu; e o capitão, após comparar minuciosamente as duas caligrafias, disse: "— Sr. Bruce, vá dizer ao segundo imediato para descer aqui."

Ele veio; e, a pedido do capitão, também escreveu as mesmas palavras. O mesmo fez o despenseiro. Assim fizeram, sucessivamente, todos os homens da tripulação que sabiam escrever. Mas nenhuma das várias letras se assemelhava, em grau algum, à escrita misteriosa.

Quando a tripulação se retirou, o capitão sentou-se mergulhado em pensamentos. "— Poderia alguém estar escondido?", disse ele por fim. "— O

navio deve ser revistado; e se eu não encontrar o tipo, ele deve ser um mestre nas escondidas. Mandem vir todos os homens."

Cada canto e recanto do navio, da proa à popa, foi minuciosamente revistado, e isso com toda a sofreguidão da curiosidade excitada — pois correra o rumor de que um estranho se mostrara a bordo; mas não foi encontrada uma alma viva além da tripulação e dos oficiais.

Regressando à cabine após a busca infrutífera, o capitão disse: "— Sr. Bruce, o que diabo faz o senhor de tudo isto?"

"— Não sei dizer, senhor. Eu vi o homem escrever; o senhor vê a escrita. Deve haver algo nisto."

"— Bem, assim parece. Temos o vento favorável, e tenho grande vontade de desviar a rota e ver o que acontece."

"— Eu certamente o faria, senhor, se estivesse no seu lugar. São apenas algumas horas perdidas, no pior dos casos."

"— Bem, veremos. Vá para o convés e dê o rumo noroeste. E, Sr. Bruce", acrescentou ele, enquanto o imediato se levantava para sair, "— coloque uma vigia na gávea, e que seja um homem em quem possa confiar."

As suas ordens foram obedecidas. Por volta das três horas, a vigia relatou um icebergue quase pela proa e, pouco depois, o que lhe pareceu ser um navio de algum tipo junto a ele.

À medida que se aproximavam, o óculo do capitão revelou o facto de ser um navio desmantelado, aparentemente preso ao gelo, e com muitos seres humanos sobre ele.

Pouco depois, puseram-se à capa e enviaram os botes em socorro dos náufragos.

Tratava-se de um navio de Quebec, com destino a Liverpool, com passageiros a bordo. Tinha ficado preso no gelo e, finalmente, congelado, tendo passado várias semanas numa situação muito crítica. Estava arrombado, com o convés varrido — na verdade, um mero destroço; todos os seus mantimentos e quase toda a água tinham acabado. A tripulação e os passageiros tinham perdido

todas as esperanças de serem salvos, e a gratidão pelo resgate inesperado foi proporcionalmente grande.

Enquanto um dos homens que tinha sido trazido no terceiro bote que alcançara o destroço subia a lateral do navio, o imediato, ao vislumbrar o seu rosto, recuou em consternação. Era o mesmíssimo rosto que vira, três ou quatro horas antes, a olhar para ele da secretária do capitão.

A princípio, tentou persuadir-se de que poderia ser imaginação; mas quanto mais examinava o homem, mais certo ficava de que tinha razão. Não apenas o rosto, mas a estatura e o vestuário correspondiam exatamente.

Assim que a tripulação exausta e os passageiros famintos foram assistidos, e a barca retomou o seu curso, o imediato chamou o capitão à parte.

"— Parece que não foi um fantasma o que vi hoje, senhor: o homem está vivo."

"— O que quer dizer? Quem está vivo?"

"— Ora, senhor, um dos passageiros que acabámos de salvar é o mesmo homem que vi a escrever na sua lousa ao meio-dia. Juraria isso num tribunal de justiça."

"— Pela minha palavra, Sr. Bruce", respondeu o capitão, "— isto torna-se cada vez mais singular. Vamos ver esse homem."

Encontraram-no em conversa com o capitão do navio resgatado. Ambos se adiantaram e expressaram, nos termos mais calorosos, a sua gratidão pela libertação de um destino horrível — a morte lenta pela exposição e pela fome.

O capitão respondeu que apenas fizera o que tinha a certeza de que eles teriam feito por ele sob as mesmas circunstâncias, e pediu a ambos que descessem à cabine. Depois, virando-se para o passageiro, disse: "— Espero, senhor, que não pense que estou a brincar consigo; mas ficaria muito agradecido se escrevesse algumas palavras nesta lousa."

E entregou-lhe a lousa, com o lado para cima no qual não estava a escrita misteriosa. "— Farei o que me pedir", respondeu o passageiro; "— mas o que devo escrever?"

"— Bastam-me algumas palavras. Suponha que escreve: 'Navegue para noroeste.'"

O passageiro, evidentemente intrigado com o motivo de tal pedido, obedeceu, contudo, com um sorriso. O capitão pegou na lousa e examinou-a de perto; depois, afastando-se de modo a ocultar a lousa ao passageiro, virou-a e entregou-lha novamente com o outro lado para cima.

"— Diz que esta é a sua letra?", perguntou ele.

"— Não preciso de o dizer", respondeu o outro, olhando para ela, "— pois viu-me escrevê-la."

"— E esta?", disse o capitão, virando a lousa.

O homem olhou primeiro para uma escrita, depois para a outra, completamente confuso. Por fim: "— Qual é o significado disto?", disse ele. "— Eu só escrevi uma destas. Quem escreveu a outra?"

"— Isso é mais do que eu lhe posso dizer, senhor. O meu imediato aqui diz que foi o senhor quem a escreveu, sentado nesta secretária, ao meio-dia de hoje."

O capitão do destroço e o passageiro olharam um para o outro, trocando olhares de inteligência e surpresa; e o primeiro perguntou ao segundo: "— Sonhou que escreveu nesta lousa?"

"— Não, senhor, não que me lembre."

"— Fala de sonhar", disse o capitão da barca. "— O que estava este cavalheiro a fazer hoje ao meio-dia?"

"— Capitão", respondeu o outro, "— tudo isto é extremamente misterioso e extraordinário; e eu pretendia falar-lhe sobre isso assim que tivéssemos um pouco de sossego. Este cavalheiro", (apontando para o passageiro), "estando muito exausto, caiu num sono profundo, ou o que parecia sê-lo, algum tempo antes do meio-dia. Após uma hora ou mais, acordou e disse-me: 'Capitão, seremos socorridos ainda hoje'. Quando lhe perguntei que razão tinha para o dizer, respondeu que tinha sonhado que estava a bordo de uma barca, e que ela vinha em nosso auxílio.

Descreveu a sua aparência e o seu aparelho; e, para nosso total espanto, quando o seu navio apareceu à vista, correspondia exatamente à descrição dele. Não tínhamos dado muita fé ao que ele dissera; mas ainda assim esperávamos que pudesse haver algo nisto, pois os homens que se afogam, sabe o senhor, agarram-se a palhas. Pelo que aconteceu, não posso duvidar que tudo foi organizado, de alguma forma incompreensível, por uma Providência soberana, para que fôssemos salvos. A Ele sejam dadas todas as graças pela Sua bondade para connosco."

"— Não há dúvida", respondeu o outro capitão, "— que a escrita na lousa, tenha chegado lá como chegou, salvou todas as vossas vidas. Eu estava a navegar na altura consideravelmente a sul de oeste, e alterei o meu curso para noroeste, e coloquei uma vigia na gávea para ver o que aconteceria. Mas diz o senhor", acrescentou ele, virando-se para o passageiro, "— que não sonhou que escrevia numa lousa?"

"— Não, senhor. Não tenho qualquer recordação de o ter feito. Fiquei com a impressão de que a barca que vi no meu sonho vinha resgatar-nos; mas como essa impressão veio, não sei dizer. Há outra coisa muito estranha nisso", acrescentou ele. "— Tudo aqui a bordo me parece bastante familiar; no entanto, tenho a certeza de que nunca estive no seu navio antes. É tudo um enigma para mim. O que viu o seu imediato?"

Ato contínuo, o Sr. Bruce relatou-lhes todas as circunstâncias acima detalhadas. A conclusão a que finalmente chegaram foi que se tratou de uma interposição especial da Providência para os salvar do que parecia um destino sem esperança.

A narrativa acima foi-me comunicada pelo Capitão J. S. Clarke, da escuna Julia Hallock,* que a obteve diretamente do próprio Sr. Bruce.

---

** Em julho de 1859. A Julia Hallock estava então atracada ao pé de Rutgers Slip, Nova Iorque. Comerceia entre Nova Iorque e St. Jago, na ilha de Cuba. O capitão permitiu-me usar o seu nome e referi-lo como prova da verdade do que aqui está registado.*

---

Navegaram juntos durante dezassete meses, nos anos de 1836 e 37; de modo que o Capitão Clarke ouviu a história do imediato cerca de oito anos após a ocorrência. Desde então perdeu-lhe o rasto e não sabe se ele ainda está vivo.

Tudo o que ouviu dele desde que foram companheiros de bordo é que ele continuou a comerciar para New Brunswick, que se tornou mestre do brigue Comet e que este se perdeu.

Perguntei ao Capitão Clarke se conhecia bem Bruce e que tipo de homem ele era.

"— Um homem tão verdadeiro e direto quanto algum que tenha encontrado em toda a minha vida", respondeu ele. "— Éramos tão íntimos como irmãos; e dois homens não podem estar juntos, fechados durante dezassete meses no mesmo navio, sem ficarem a saber se podem confiar na palavra um do outro ou não. Ele sempre falava da circunstância em termos de reverência, como de um incidente que parecia aproximá-lo de Deus e de outro mundo. Apostaria a minha vida em como ele não me contou nenhuma mentira."

Esta história, notar-se-á, obtive-a apenas de segunda mão, e relatada após um intervalo de mais de vinte anos desde a altura em que foi contada ao Capitão Clarke. Não tive oportunidade de interrogar a testemunha principal. Imprecisões de detalhe, portanto, podem, com as melhores intenções de todos os envolvidos, ter-se infiltrado nela. No entanto, a evidência, com a ressalva acima declarada, é tão direta quanto pode ser. E o Capitão Clarke fornece a melhor prova da sua sinceridade quando me permite usar o seu nome como referência em apoio do que aqui relatei.

A evidência de segunda mão, por muito fiável que pareça, poderia propriamente ser considerada inconclusiva se a história estivesse isolada. Mas se encontrarmos outras, como encontrámos, diretamente autenticadas, da mesma classe, fornecendo prova de fenómenos estritamente análogos àqueles que estão na base desta narrativa, não parece haver razão suficiente para que a consideremos apócrifa ou, classificando-a como algum conto ocioso de marinheiros, recusemos admiti-la como um item válido de evidência.

Não é, por exemplo, caracterizada por fenómenos mais maravilhosos do que os apresentados na história seguinte, de data muito mais recente, e diretamente autenticada pela testemunha principal:—

## A MÃE MORIBUNDA E O SEU BEBÉ

Em novembro do ano de 1843, a Menina H., uma jovem então entre os treze e catorze anos de idade, estava de visita a uma família do seu conhecimento (o

Sr. e a Sra. E.) que residia na sua propriedade de campo em Cambridgeshire, Inglaterra. A Sra. E. adoeceu; e, assumindo a sua doença uma forma grave, foi-lhe recomendado ir a Londres para aconselhamento médico. Ela assim fez; o seu marido acompanhou-a; e deixaram a sua hóspede e os seus dois filhos, o mais novo com apenas dez semanas, em casa.

A viagem, contudo, revelou-se inútil: a doença aumentou, e de forma tão rápida que, após uma breve estadia na metrópole, a paciente não suportava a remoção. Entretanto, a criança mais nova, a pequena Fannie, adoeceu e, após uma breve doença, morreu. Escreveram imediatamente ao pai, que então assistia àquilo que sentia ser o leito de morte da sua esposa; e ele partiu de imediato. Foi numa segunda-feira que a criança morreu; na terça-feira o Sr. E. chegou, fez os preparativos para o funeral e partiu na quarta-feira para regressar para a sua esposa, de quem, no entanto, ocultou a morte do bebé.

Na quinta-feira, a Menina H. recebeu dele uma carta, na qual ele lhe pedia que fosse ao seu escritório e tirasse da sua secretária certos papéis que eram urgentemente necessários. Era neste escritório que o corpo da criança jazia no seu caixão; e, à medida que a jovem se dirigia para lá para executar o encargo, uma das criadas disse-lhe: "— Oh, menina, não tem medo?" Ela respondeu que não havia nada de que ter medo e entrou no escritório, onde encontrou os papéis solicitados.

Ao virar-se, antes de sair da sala, para olhar para o bebé, viu, reclinada num sofá perto dele, a figura de uma senhora que reconheceu como sendo a mãe. Estando desde a infância habituada à visão ocasional de aparições, não se alarmou, mas aproximou-se do sofá para se certificar de que era a aparência da sua amiga. Permanecendo a três ou quatro pés da figura durante vários minutos, assegurou-se da sua identidade. Não falou, mas, erguendo um braço, primeiro apontou para o corpo da criança e depois fez um sinal para cima. Pouco depois, e antes de ela desaparecer, a jovem saiu da sala.

Isto aconteceu poucos minutos depois das quatro horas da tarde. A Menina H. notou particularmente a hora, pois ouvira o relógio dar a hora pouco antes de entrar no escritório.

No dia seguinte, recebeu do Sr. E. uma carta informando-a de que a sua esposa morrera no dia anterior (quinta-feira) às quatro e meia. E quando, alguns dias mais tarde, o próprio cavalheiro chegou, declarou que a mente da Sra. E. tinha evidentemente divagado antes da sua morte; pois, pouco tempo antes desse

evento, parecendo reanimar-se como que de um desmaio, perguntara ao marido "— porque é que ele não lhe tinha dito que o seu bebé estava no céu". Quando ele respondeu de forma evasiva, desejando ainda ocultar-lhe o facto da morte do filho, para que o choque não apressasse a sua própria morte, ela disse-lhe: "— É inútil negá-lo, Samuel; pois acabei de estar em casa e vi-a no seu pequeno caixão. Exceto por ti, estou contente por ela ter ido para um mundo melhor; pois em breve estarei lá para me encontrar com ela." Muito pouco tempo depois disto, expirou.

Esta narrativa foi-me relatada em janeiro de 1859 pela senhora que viu a aparição. Ela é agora a esposa de um ilustre professor, e a mãe ativa e respeitada de uma família, com tão pouco, aparentemente, de entusiasta ociosa ou visionária sonhadora quanto possível. Reside perto de Londres.*

Notar-se-á que, como a jovem entrou no escritório poucos minutos depois das quatro, e como a mãe falou da sua alegada visita muito pouco antes da sua morte, que ocorreu às quatro e meia, a coincidência quanto ao tempo é, tanto quanto possível, exata.

Falta-me o espaço, e pouco valeria multiplicar exemplos semelhantes. Em vez de o fazer, portanto, colocarei aqui perante o leitor uma ou duas narrativas onde espero que ele possa encontrar alguns traços, vagos que sejam, indicando o carácter dos fenómenos exibidos nos exemplos precedentes, e sugerindo-nos, ainda que ligeiramente, como estes podem ocorrer.

Tenho a felicidade de poder fornecer estas de primeira mão.

---

** Esta história foi-me submetida, em manuscrito, pela senhora em questão, e a sua exatidão foi por ela confirmada. Como exemplificação da maneira como tais fenómenos são frequentemente mantidos em segredo, posso declarar que a Menina H., embora com um sentimento instintivo de como seria recebida, aventurou-se, logo após sair do escritório, a dizer a uma senhora que então residia na casa que pensava ter acabado de ver a Sra. E., e esperava que não houvesse más notícias de Londres no dia seguinte. Por isto foi tão asperamente repreendida, e tão perentoriamente mandada não alimentar tais fantasias ridículas, que, mesmo quando a notícia confirmatória chegou e o Sr. E. regressou a casa, foi impedida de lhe relatar a circunstância. Até hoje ele não a conhece.*

---

## A EXCURSÃO VISIONÁRIA

Em junho do ano de 1857, uma senhora que designarei como Sra. A. residia com o seu marido, um coronel do exército britânico, e o seu filho pequeno, em Woolwich Common, perto de Londres.

Uma noite, na parte inicial desse mês, acordando subitamente para a consciência, sentiu-se como se estivesse de pé ao lado da cama e a olhar para o seu próprio corpo, que ali jazia ao lado do seu marido adormecido. A sua primeira impressão foi a de que tinha morrido subitamente; e a ideia foi confirmada pelo aspeto pálido e sem vida do corpo, o rosto desprovido de expressão e toda a aparência não revelando qualquer sinal de vitalidade.

Contemplou-o com curiosidade durante algum tempo, comparando o seu aspeto morto com o das fisionomias frescas do seu marido e do seu bebé que dormia num berço ali perto. Por um momento, experimentou um sentimento de alívio por ter escapado às angústias da morte; mas no momento seguinte refletiu sobre a dor que a sua morte causaria aos sobreviventes, e surgiu então o desejo de ter podido dar-lhes a notícia gradualmente. Enquanto se ocupava destes pensamentos, sentiu-se transportada para a parede do quarto, com a sensação de que esta deveria deter o seu progresso. Mas não: pareceu atravessá-la, para o ar livre. Fora da casa estava uma árvore; e esta também ela pareceu atravessar, como se não interpusesse qualquer obstáculo.

Tudo isto ocorreu sem qualquer desejo da sua parte. Igualmente sem o ter desejado ou esperado, viu-se, passado algum tempo, no lado oposto do Common, em Woolwich, perto da entrada do que é chamado o depository.* Viu ali, como é habitual, uma sentinela, e observou minuciosamente o seu uniforme e aparência. Pela sua maneira descuidada, teve a certeza de que, embora lhe parecesse estar de pé perto dele, ele não a percebia.

---

** Um armazém de armas e munições.*

---

Depois, passando primeiro pelo arsenal, onde viu outra sentinela, regressou ao quartel, e ali ouviu o relógio bater as três. Imediatamente após isto, viu-se no quarto de dormir de uma amiga íntima, a Menina L. M., que residia então em Greenwich. Com ela pareceu iniciar uma conversa, mas o seu teor ela não recordou depois distintamente; pois, logo após o início, teve consciência de não ver nem ouvir mais nada.

As suas primeiras palavras ao acordar na manhã seguinte foram: "— Então, afinal, não estou morta?" Quando o seu marido a questionou quanto ao significado de tão estranha exclamação, ela relatou-lhe a visão (se visão foi) da noite.

O acima exposto ocorreu durante uma noite de quarta-feira; e esperavam a Menina L. M. para uma visita na sexta-feira seguinte. O marido exigiu da sua esposa a promessa de que não escreveria, nem de forma alguma comunicaria com esta jovem nesse ínterim; e ela deu-lhe a sua palavra de honra nesse sentido.

Até aqui, parecia não haver nada além de um fenómeno comum, tal como ocorre constantemente durante o sono. Não é, de facto, habitual sonhar que nos vemos a nós próprios; mas quem porá limites aos caprichos da fantasia adormecida? A sequela, contudo, contém o enigma e, como alguns poderão pensar, uma daquelas pistas explicativas que valem a pena notar e sobre as quais vale a pena refletir.

O Coronel A. estava na companhia da sua esposa quando, na sexta-feira seguinte, ela encontrou a sua amiga, a Menina L. M. Deve ser declarado que esta senhora, desde a infância, vê habitualmente aparições. Nenhuma alusão de qualquer espécie foi feita ao assunto que lhes ocupava o pensamento; e, passado um pouco, saíram os três para o jardim. Ali, as duas senhoras começaram a conversar sobre um chapéu novo; e a Sra. A. disse: "— O meu último estava guarnecido de violeta; e gosto tanto da cor que creio que a selecionarei novamente." "— Sim", respondeu a amiga, "— eu sei que essa é a tua cor." "— Como assim?", perguntou a Sra. A. "— Porque quando vieste ter comigo na outra noite — deixa-me ver: quando foi? — ah, lembro-me, na noite antes da última — foi vestida de violeta que me apareceste." "— Eu apareci-te na outra noite?" "— Sim, por volta das três horas; e tivemos uma conversa completa. Não tens qualquer recordação disso?"

Isto foi considerado conclusivo, tanto pelo marido como pela esposa, como prova de que algo além da hipótese habitual da fantasia do sonho era necessário para explicar a excursão visionária a Woolwich.

Esta foi a única vez que qualquer ocorrência semelhante aconteceu à Sra. Coronel A. O seu marido é agora um brigadeiro-general na Índia; e ela tem muitas vezes desejado fervorosamente que ao seu espírito fosse permitido, durante as vigílias da noite, visitá-lo ali. Durante algum tempo, encorajada pelo

que já acontecera, esperou que tal sucedesse. Mas o desejo e a expectativa revelaram-se igualmente inúteis. Sem ser pensado, sem ser desejado, o fenómeno veio; fervorosamente desejado, carinhosamente esperado, falhou em aparecer. A atenção expectante, então, não é evidentemente a explicação neste caso.

Foi-me relatado em fevereiro de 1859 pela própria senhora, a visitante noturna, e confirmado, poucos dias depois, pela outra, a recetora da visita. Semelhando no seu carácter geral o sonho de Wilkins, o acima exposto difere dele principalmente nisto: que a narradora parece ter observado mais minuciosamente a sucessão das suas sensações; sugerindo-nos assim a ideia de que o corpo aparentemente sem vida que lhe pareceu ficar para trás poderia, por aquele tempo, ter-se separado do que podemos chamar uma porção espiritual de si próprio;* porção essa que, deslocando-se sem os meios habituais de locomoção, poderia tornar-se percetível, a uma certa distância, a outra pessoa.

Que aquele que possa pronunciar isto como uma hipótese fantástica, absurda à partida, sugira outra suficiente para explicar os fenómenos que aqui examinamos. E, antes de o fazer, que leia o seguinte; uma narrativa, como verá, vinda dos lábios de uma testemunha ocular, e que considero a mais conclusiva do seu género que alguma vez tive a boa fortuna de obter.

## POR QUE UMA PROFESSORA LIVONIANA PERDEU O SEU EMPREGO

### Aparição Habitual de uma Pessoa Viva

Existia no ano de 1845, e ainda continua, na Livónia, a cerca de trinta e seis milhas de Riga e a uma milha e meia da pequena cidade de Wolmar, uma instituição de grande reputação para a educação de jovens senhoras, intitulada o Pensionnat de Neuwelcke. Está sob a superintendência de diretores morávios; dos quais o principal, ao tempo das ocorrências prestes a serem relatadas, se chamava Buch. Havia, nesse ano, quarenta e duas jovens senhoras ali residentes como internas, principalmente filhas de famílias nobres livonianas; entre elas, a Menina Julie, segunda filha do Barão de Guldenstubbe, então com treze anos de idade.

---

** O Dr. Kerner relata que em 28 de maio de 1827, por volta das três horas da tarde, estando com a Sra. Hauffe, que estava doente na cama na altura, aquela senhora percebeu subitamente a aparência de si própria, sentada numa cadeira, vestindo um vestido branco; não o que vestia então, mas outro que lhe*

*pertencia. Ela tentou gritar, mas não conseguiu falar nem mover-se. Os seus olhos permaneceram muito abertos e fixos; mas nada via exceto a aparência e a cadeira em que esta se sentava. Passado algum tempo, viu a figura levantar-se e aproximar-se dela. Então, quando chegou muito perto dela, experimentou o que pareceu um choque elétrico, cujo efeito foi percetível para o Dr. Kerner; e, com um grito súbito, recuperou o poder da fala e relatou o que tinha visto e sentido. O Dr. Kerner nada viu. — "Seherin von Prevorst", pp. 138, 139.*

---

Nesta instituição, uma das professoras naquele tempo era a Menina Emélie Sagée, uma senhora francesa, de Dijon. Era do tipo nórdico — loira, de pele muito clara, olhos azuis-claros, cabelos castanhos, um pouco acima da estatura média e de figura esbelta. De carácter era amável, calma e de bom temperamento; de modo algum dada à raiva ou à impaciência; mas de uma disposição ansiosa e, quanto ao seu temperamento físico, algo nervosamente excitável.

A sua saúde era habitualmente boa; e durante o ano e meio que viveu como professora em Neuwelcke teve apenas uma ou duas ligeiras indisposições. Era inteligente e culta; e os diretores, durante todo o período da sua estadia, ficaram perfeitamente satisfeitos com a sua conduta, a sua indústria e os seus conhecimentos. Tinha naquela altura trinta e dois anos de idade.

Poucas semanas após a Menina Sagée ter chegado pela primeira vez, começaram a circular rumores singulares entre as alunas. Quando se fazia alguma pergunta casual sobre onde ela estava, uma jovem respondia que a vira em tal ou tal sala; ao que outra dizia: "— Oh, não! ela não pode estar lá; pois acabei de me cruzar com ela na escadaria;" ou talvez num corredor distante. Ao princípio, supuseram naturalmente que se tratava de um mero erro; mas, como a mesma coisa recorria repetidamente, começaram a achar muito estranho, e finalmente falaram com as outras governantas sobre o assunto. Quer as professoras, nessa altura, pudessem fornecer uma explicação ou não, não deram nenhuma: limitaram-se a dizer às jovens que era tudo imaginação e tolice, e pediram-lhes que não prestassem atenção a isso.

Mas, passado algum tempo, começaram a ocorrer coisas muito mais extraordinárias, e que não podiam ser atribuídas à imaginação ou ao erro. Um dia, a governanta estava a dar uma lição a uma turma de treze, da qual a Menina de Guldenstubbe era uma, e demonstrava, com entusiasmo, alguma proposição, para ilustrar a qual teve ocasião de escrever com giz num quadro negro. Enquanto o fazia, e as jovens olhavam para ela, para sua consternação, viram

subitamente duas Meninas Sagée, uma ao lado da outra. Eram exatamente iguais; e usavam os mesmos gestos, apenas a pessoa real segurava um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, enquanto a dupla não tinha giz e apenas imitava o movimento.

Este incidente causou naturalmente uma grande sensação no estabelecimento. Averiguou-se, após inquérito, que cada uma das treze jovens na turma vira a segunda figura, e que todas concordavam na sua descrição da sua aparência e dos seus movimentos.

Pouco depois, uma das alunas, a Menina Antonie de Wrangel, tendo obtido permissão, com algumas outras, para assistir a uma fête champêtre na vizinhança, e estando ocupada a completar o seu traje, a Menina Sagée voluntariara-se bondosamente a ajudar e estava a abotoar-lhe o vestido por trás. A jovem, ao virar-se e ao olhar para um espelho adjacente, percebeu duas Meninas Sagée a abotoar-lhe o vestido. A súbita aparição produziu tanto efeito nela que desmaiou.

Meses passaram, e fenómenos semelhantes ainda se repetiam. Por vezes, ao jantar, a dupla aparecia de pé atrás da cadeira da professora e imitando os seus movimentos enquanto comia — apenas as suas mãos não seguravam faca nem garfo, e não havia aparência de comida; apenas a figura era repetida. Todas as alunas e os criados que serviam à mesa testemunharam isto.

Era apenas ocasionalmente, contudo, que a dupla aparecia a imitar os movimentos da pessoa real. Por vezes, quando esta última se levantava de uma cadeira, a figura aparecia sentada nela. Numa ocasião, estando a Menina Sagée acamada com um ataque de gripe, a jovem já mencionada, a Menina de Wrangel, estava sentada ao lado da sua cama, a ler para ela. Subitamente, a governanta ficou rígida e pálida; e, parecendo que ia desmaiar, a jovem, alarmada, perguntou se ela estava pior.

Ela respondeu que não, mas numa voz muito fraca e lânguida. Poucos segundos depois, a Menina de Wrangel, ao olhar em volta, viu, muito distintamente, a figura da governanta a caminhar de um lado para o outro no aposento. Desta vez, a jovem teve suficiente autocontrolo para permanecer calma e até para não fazer qualquer observação à paciente. Pouco depois desceu as escadas, parecendo muito pálida, e relatou o que tinha testemunhado.

Mas o exemplo mais notável desta aparente ação independente das duas figuras aconteceu desta forma:

Um dia, todas as jovens da instituição, num total de quarenta e duas, estavam reunidas na mesma sala, ocupadas em bordados. Era um salão espaçoso no primeiro andar do edifício principal, e tinha quatro grandes janelas, ou antes portas envidraçadas (pois abriam para o chão), que davam entrada para um jardim de alguma extensão em frente à casa. Havia uma mesa comprida no centro da sala; e era aqui que as várias turmas costumavam unir-se para trabalhos de agulha ou ocupação semelhante.

Nesta ocasião, as jovens estavam todas sentadas à mesa em questão, de onde podiam facilmente ver o que passava no jardim; e, enquanto ocupadas no seu trabalho, tinham notado a Menina Sagée ali, não longe da casa, a colher flores, de que gostava muito. À cabeceira da mesa, sentada numa poltrona (de marroquim verde, diz a minha informante, que ainda se recorda distintamente de que assim era), estava outra professora, encarregada das alunas. Passado um tempo, esta senhora teve necessidade de sair da sala, e a poltrona ficou vaga. Permaneceu assim, contudo, por pouco tempo apenas; pois, de repente, apareceu sentada nela a figura da Menina Sagée.

As jovens olharam imediatamente para o jardim, e ali estava ela ainda, ocupada como antes; apenas notaram que se movia muito lenta e languidamente, como uma pessoa sonolenta ou exausta poderia fazer. Novamente olharam para a poltrona, e ali estava ela sentada, silenciosa e sem movimento, mas à vista tão palpavelmente real que, se não a tivessem visto lá fora no jardim e se não soubessem que aparecera na cadeira sem ter entrado na sala a caminhar, todas teriam suposto que era a própria senhora. Sendo assim, estando certas de que não era uma pessoa real e tendo-se tornado, até certo ponto, familiarizadas com este estranho fenómeno, duas das mais ousadas aproximaram-se e tentaram tocar na figura.

Afirmaram que sentiram uma ligeira resistência, que compararam à que um tecido de musselina fina ou crepe ofereceria ao toque. Uma das duas passou então rente à frente da poltrona, e efetivamente através de uma porção da figura. A aparência, contudo, permaneceu, depois de ela o ter feito, por mais algum tempo, ainda sentada, como dantes. Finalmente, desapareceu gradualmente; e então observou-se que a Menina Sagée retomou, com toda a sua atividade habitual, a sua tarefa de colher flores. Cada uma das quarenta e duas alunas viu a mesma figura da mesma maneira.

Algumas das jovens perguntaram posteriormente à Menina Sagée se havia algo de peculiar nos seus sentimentos nesta ocasião. Ela respondeu que se recordava apenas disto: que, ao olhar para cima e percebendo que a poltrona da professora estava vaga, tinha pensado para consigo: "— Quem me dera que ela não se tivesse ido embora: estas raparigas vão de certeza estar a perder tempo e a meter-se em algum sarilho."

Este fenómeno continuou, sob várias modificações, durante todo o tempo em que a Menina Sagée manteve o seu cargo em Neuwelcke; isto é, durante uma parte dos anos de 1845 e 1846; e, ao todo, por cerca de um ano e meio; com intervalos, contudo — por vezes interrompendo-se por uma semana, por vezes por várias semanas seguidas. Parecia apresentar-se principalmente em ocasiões em que a senhora estava muito compenetrada ou entusiasmada naquilo que estava a fazer. Foi uniformemente observado que quanto mais distinta e material à vista era a dupla, mais rígida e lânguida ficava a pessoa viva; e na proporção em que a dupla se desvanecia, o indivíduo real retomava as suas faculdades.

Ela própria, contudo, estava totalmente inconsciente do fenómeno: só se tornara ciente dele através do relato de outros; e habitualmente detetava-o pelos olhares das pessoas presentes. Nunca, ela própria, viu a aparência, nem pareceu notar a espécie de apatia rígida que se apoderava dela nos momentos em que era vista por outros.

Durante os dezoito meses ao longo dos quais a minha informante teve oportunidade de testemunhar este fenómeno e de ouvir falar dele através de outros, nenhum exemplo chegou ao seu conhecimento da aparição da figura a qualquer distância considerável — como de várias milhas — da pessoa real. Por vezes aparecia, mas não longe, durante os seus passeios na vizinhança; mais frequentemente, contudo, dentro de casa. Todos os criados da casa a tinham visto. Era, aparentemente, percetível para todas as pessoas, sem distinção de idade ou sexo.

Facilmente se suporá que um fenómeno tão extraordinário não poderia continuar a mostrar-se, por mais de um ano, numa tal instituição, sem prejuízo para a sua prosperidade. Efetivamente, assim que foi completamente provado, pela dupla aparição da Menina Sagée perante a turma, e depois perante toda a escola, que não havia imaginação no caso, o assunto começou a chegar aos ouvidos dos pais. Algumas das raparigas mais tímidas, também, ficaram muito excitadas e demonstravam grande alarme sempre que presenciavam algo tão

estranho e inexplicável. O resultado natural foi que os seus pais começaram a ter escrúpulos em deixá-las sob tal influência.

Um por um, à medida que iam para casa para as férias, falhavam o regresso; e embora a verdadeira razão não fosse atribuída aos diretores, eles conheciam-na bem. Sendo homens estritamente íntegros e conscienciosos, contudo, e muito relutantes em que uma professora bem comportada, diligente e competente perdesse a sua posição por conta de uma peculiaridade que estava inteiramente fora do seu controlo — um infortúnio, não uma falta — perseveraram em retê-la até que, ao fim de dezoito meses, o número de alunas decrescera de quarenta e duas para doze. Tornou-se então aparente que ou a professora ou a instituição devia ser sacrificada; e, com muita relutância e muitas expressões de arrependimento por parte daqueles a quem as suas qualidades amáveis a tinham tornado querida, a Menina Sagée foi dispensada.

A pobre rapariga estava em desespero. "— Ah!" (a Menina de Guldenstubbe ouviu-a exclamar, logo após a decisão chegar até ela), "— Ah! a décima nona vez! É muito, muito difícil de suportar!"

Quando questionada sobre o que queria dizer com tal exclamação, confessou relutantemente que, antes do seu contrato em Neuwelcke, fora professora em dezoito escolas diferentes, tendo entrado na primeira com apenas dezasseis anos de idade, e que, por conta do fenómeno estranho e alarmante que a acompanhava, tinha perdido, após uma estadia comparativamente breve, uma situação atrás de outra. Como, contudo, os seus empregadores estavam em todos os outros aspetos bem satisfeitos com ela, obtivera em cada caso testemunhos favoráveis quanto à sua conduta e habilidades. Dependente inteiramente do seu trabalho para sustento, a pobre rapariga fora compelida a valer-se destes em busca de subsistência, em locais onde a causa da sua dispensa não era conhecida; ainda que se sentisse assegurada, pela experiência, de que poucos meses não falhariam em revelá-la novamente.

Depois de deixar Neuwelcke, foi viver, por uns tempos, na vizinhança, com uma cunhada que tinha vários filhos muito pequenos. Para ali a perseguiu a peculiaridade. A Menina de Guldenstubbe, indo vê-la ali, soube que as crianças de três ou quatro anos de idade sabiam todas do assunto, tendo por hábito dizer que "viam duas Tias Emélie". Posteriormente, ela partiu para o interior da Rússia, e a Menina de Guldenstubbe perdeu-a inteiramente de vista.

Essa senhora não foi capaz de me informar se o fenómeno se tinha mostrado durante a infância da Menina Sagée, ou antes do seu décimo sexto ano, nem se, no caso de algum familiar ou antepassado seu, uma peculiaridade semelhante tinha aparecido.

Obtive a narrativa acima da própria Menina de Guldenstubbe; e ela deu-me gentilmente permissão para a publicar, com todos os pormenores de nome, local e data. Ela permaneceu como aluna em Neuwelcke durante todo o tempo em que a Menina Sagée foi ali professora. Ninguém, portanto, poderia ter tido melhor oportunidade de observar o caso em todos os seus detalhes.

No curso das minhas leituras sobre este assunto — e têm sido algo extensas — não encontrei um único exemplo da aparição do vivo tão notável e tão inequivocamente autêntico como este. A instituição de Neuwelcke ainda existe, tendo recuperado gradualmente o seu prestígio depois de a Menina Sagée a deixar; e evidência corroborativa pode ser facilmente obtida endereçando-a aos seus diretores.

A narrativa prova, além de dúvida ou negação, que, sob circunstâncias particulares, a aparição ou homólogo de uma pessoa viva pode aparecer a uma certa distância dessa pessoa, e pode parecer, à visão humana comum, tão material a ponto de não ser distinguível de um corpo real; também que esta aparência pode ser refletida por um espelho. A menos que as jovens que foram corajosas o suficiente para tentar a experiência de lhe tocar tenham sido enganadas pelas suas imaginações, prova, além disso, que tal aparição pode ter uma ligeira, mas positiva, consistência.

Parece provar, também, que o cuidado ou a ansiedade por parte da pessoa viva pode projetar (se assim me posso exprimir) a aparição para um local particular. No entanto, era por vezes visível quando nenhuma causa desse tipo podia ser atribuída.

Prova, ainda, que quando a aparição se separava (se essa for a expressão correta) do corpo natural, levava consigo uma certa porção da vida e força ordinárias desse corpo. Não parece que neste caso o langor consequente de tal separação alguma vez tenha atingido o estado de transe ou coma, ou que a rigidez observada ao mesmo tempo tenha ido tão longe quanto a catalepsia; contudo é evidente que a tendência era para ambas essas condições, e que essa tendência era tanto maior quanto mais distinta se tornava a aparição.

Duas peculiaridades notáveis marcam este caso: uma, que a aparência, visível sem exceção para todos os outros, permanecia invisível para o sujeito da mesma; a outra, que embora a segunda figura fosse por vezes vista a imitar, como uma imagem refletida num espelho, os gestos e ações da primeira, noutras alturas parecia agir de forma inteiramente independente desta; aparecendo a caminhar de um lado para o outro enquanto a pessoa real jazia na cama, e a estar sentada na casa enquanto o seu homólogo se movia no jardim.

Diferencia-se de outros casos registados nisto: que a aparição não parece ter-se mostrado a qualquer distância considerável da pessoa real. É possível (mas isto é apenas teoria) que, se o tivesse feito, o resultado na Menina Sagée pudesse ter sido a produção de um estado de transe durante a sua duração.

Este caso pode oferecer-nos, também, uma lição útil. Pode ensinar-nos que é inútil, em cada instância particular de aparição ou outro fenómeno raro e inexplicado, negar a sua realidade até que possamos descobrir o propósito da sua aparição; rejeitar, em suma, cada facto extraordinário até que nos tenha sido claramente explicado para que grande objetivo Deus o ordena ou permite. Neste caso particular, que intenção especial pode ser atribuída? Uma jovem meritória é, após repetidos esforços, privada por uma aparição habitual da oportunidade de ganhar um sustento honesto. Nenhum outro efeito é aparente, a menos que tenhamos de supor que se pretendia avisar as jovens que testemunharam a aparência contra o materialismo. Mas é provável que o efeito sobre elas tenha sido a produção de alarme em vez de convicção.

O fenómeno é um de uma classe. Há uma boa razão, sem dúvida, para a existência dessa classe; mas não deveríamos ser chamados a mostrar o fim particular a ser atingido por cada exemplo. Como proposição geral, acreditamos na grande utilidade das trovoadas, como tendentes a purificar a atmosfera; mas quem tem o direito de exigir que revelemos o desígnio da Providência se, durante a guerra elemental, Amélia cair morta dos braços de Celadon?

Com este exemplo, no qual o número de testemunhas concordantes exclui completamente a hipótese de alucinação, fecho a minha lista de casos relativos a aparições do vivo.

Este fenómeno, qualquer que seja o seu carácter exato, é evidentemente o mesmo que, sob o nome de wraith, formou durante séculos um dos itens principais naquilo que são habitualmente consideradas as superstições da Escócia. Nesse país é popularmente considerado como um aviso prévio de morte.

Isto, sem dúvida, é uma superstição; e, com o auxílio dos exemplos precedentes, pode-se racionalmente conjeturar como ela originou.

As indicações são,—

Que durante um sonho ou um transe, parcial ou completo, o homólogo de uma pessoa viva pode mostrar-se, a uma distância maior ou menor de onde essa pessoa realmente se encontra.

E que, como regra geral, com prováveis exceções, este homólogo aparece onde se pode supor que os pensamentos ou os afetos, fortemente excitados, estejam.*

No caso de Mary Goffe† o tipo é muito distinto. O dela era aquele anseio incontrolável que apenas uma mãe conhece. "— Se não puder ir sentada, irei deitada ao longo do cavalo; pois tenho de ir ver os meus pobres bebés." Assim quando os pensamentos da Sra. E., moribunda em Londres, reverteram para o seu bebé, então jazendo no seu caixão em Cambridgeshire.

Assim, novamente, quando o clérigo irlandês foi jantar com o seu bispo, deixando a sua esposa doente em casa, e ela pareceu sair para encontrar o ausente que regressava. Ao aprendiz, o provável assassino, não podemos atribuir o que merece o nome de afeto. Mas podemos imaginar com que vivacidade terrível os seus sentimentos e apreensões podem ter habitado, ao longo do prolongado serviço religioso escocês, o local onde jazia o corpo da sua vítima e do seu filho por nascer.

Menos distintamente marcados são alguns dos outros casos, como o de Joseph Wilkins, não especialmente ansioso pela sua mãe; o noivo de Indiana, Hugh, separado apenas por uma hora ou duas da sua noiva; o rapaz de serviço, Silas, que fora à pesca; finalmente, a Menina Sagée, sem causa para inquietação mais séria do que o receio de que as suas alunas pudessem perder o seu tempo e meter-se em algum sarilho ou outro.

---

** "Chegaram ao meu conhecimento exemplos em que pessoas doentes, dominadas por um anseio indizível de ver algum amigo ausente, caíram num desmaio e, durante esse desmaio, apareceram ao objeto distante do seu afeto." — Jung Stilling: Theorie der Geisterkunde, § 100.*

*† Capítulo sobre Sonhos.*

---

Em alguns destes casos, observar-se-á, a morte seguiu-se rapidamente; noutros não. Joseph Wilkins viveu quarenta e cinco anos após o seu sonho. Hugh sobreviveu à sua esposa. Silas ainda está vivo, um comerciante próspero. O homólogo da Menina Sagée mostrou-se a intervalos durante dezasseis anos: quanto tempo mais, não sabemos. É evidente que uma morte rápida não segue necessariamente tal aparição.

As razões por que é em muitos casos o precursor da morte provavelmente são: que durante uma doença fatal o paciente cai frequentemente num estado de transe, favorável, com toda a probabilidade, a tal fenómeno; depois, novamente, que, em antecipação da morte, os pensamentos recorrem com vivacidade peculiar a objetos ausentes de afeto; e, finalmente, talvez, que o princípio imaterial, prestes a ser totalmente libertado do seu fardo carnal, possa, à medida que se aproxima o momento da libertação total, ser mais facilmente capaz de se desviar por um tempo, determinado no seu curso pela influência guia da simpatia.

Mas é evidente que a proximidade da morte não é necessária para conferir este poder, e que a ansiedade, surgindo de outra causa que não a antecipação da dissolução iminente, pode induzi-lo. Uma tempestade despertou os medos da mãe pelo seu filho no paquete de Bremen. Ela apareceu-lhe na sua cabine. Contudo, tanto a mãe como o filho estão vivos até ao dia de hoje.

Neste, como em cem outros casos, o exame desapaixonado de um fenómeno real, e da sua causa provável, é a cura mais eficaz para a excitação supersticiosa e os medos vulgares.

## CAPÍTULO III
## APARIÇÕES DOS MORTOS

"Ousaria eu dizer
Que nenhum espírito alguma vez quebrou o laço
Que o detém da terra natal
Onde primeiro caminhou quando envolto em argila?

Nenhuma sombra visual de alguém perdido,
Mas ele, o próprio espírito, pode vir.
Onde todo o nervo do sentido está mudo,
Espírito para espírito, fantasma para fantasma." — Tennyson.

SE, como São Paulo ensina e os swedenborgianos acreditam, concorrem para constituir a personalidade do homem um corpo natural e um corpo espiritual;* se estes coexistem, enquanto a vida terrena dura, em cada um de nós; se, como o apóstolo sugere adiante† e o capítulo precedente parece provar, o corpo espiritual — um homólogo, ao que parece à visão humana, do corpo natural — pode, durante a vida, ocasionalmente destacar-se, numa extensão ou outra e por um tempo, da carne e sangue materiais que por alguns anos permeia em associação íntima; e se a morte não for mais do que a saída do corpo espiritual do seu associado temporário; então, no momento da sua saída, é esse corpo espiritual que durante a vida pode ter sido ocasionalmente e parcialmente destacado do corpo natural, e que finalmente é assim inteira e para sempre divorciado dele, que passa para outro estado de existência.

---

** 1 Coríntios xv. 44. A frase não é "um corpo natural e um espírito"; diz-se expressamente: "Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual."*

*† 2 Coríntios xii. 2.*

---

Mas se esse corpo espiritual, enquanto ainda ligado ao seu associado terreno, pudesse, sob certas circunstâncias, aparecer, distinto e distante do corpo natural, e percetível à visão humana, se não ao toque humano, que forte presunção existe contra a suposição de que após a sua emancipação final o mesmo corpo espiritual possa ainda por vezes mostrar-se ao homem?*

Se não houver tal presunção adversa, então deveríamos abordar o assunto não como personificando algum capricho selvagem que mal merece atenção, apenas dentro do limite da possibilidade, mas como uma questão respeitável e eminentemente séria, digna da nossa mais grave atenção, e sobre a qual, decidamos como decidirmos, há muito a ser dito de ambos os lados antes de alcançar uma decisão.

Nem é uma aparição de um morto um fenómeno (ou alegado fenómeno) cuja realidade possa ser resolvida, afirmativamente ou negativamente, pela especulação no gabinete. Cem teóricos, assim especulando, podem decidir, para sua própria satisfação, que tal não deve ser, ou que não pode ser. Mas se a observação suficiente mostrar que é, apenas se segue que esses teóricos de gabinete não tinham uma conceção correta do que era apropriado ou possível.

*O Rev. George Strahan, D.D., no seu prefácio à sua coleção de "Prayers and Meditations" do seu amigo Dr. Samuel Johnson (Londres, 1785), tem a seguinte passagem:—

"A improbabilidade surgindo da raridade de ocorrência ou singularidade de natureza não equivale a nenhuma desprova: é uma razão presuntiva de dúvida demasiado débil para resistir à convicção induzida por testemunho credível positivo, tal como aquele que tem sido prestado a reaparições sombrias dos mortos." ... "Um relato verdadeiro de que um espírito foi visto pode dar ocasião e nascimento a muitos relatos falsos de incidentes semelhantes; mas o testemunho universal e não concertado a um acidente sobrenatural nem sempre pode ser falso. Um espírito que aparece é um prodígio demasiado singular na sua natureza para se tornar um objeto de invenção geral." ... "Para uma mente não influenciada pelo preconceito popular, será escassamente possível acreditar que aparições teriam sido garantidas em todos os países se nunca tivessem sido vistas em nenhum."

Foi no campo, não no gabinete, que a questão foi decidida sobre se os aerólitos caem ocasionalmente sobre a nossa terra. Chladni e Howard poderiam ter teorizado sobre as suas secretárias durante uma vida inteira: teriam deixado a questão aberta ainda. Mas eles saíram pelo mundo fora. Eles próprios não viram cair nenhum aerólito. Mas inspecionaram massas meteóricas que se dizia terem caído. Fizeram listas destas. Examinaram testemunhas; recolheram provas. E finalmente convenceram o mundo de céticos científicos de que as lendas em relação a pedras cadentes que têm sido correntes em todas as épocas, desde os dias de Sócrates, eram algo mais do que contos fabulosos.

Proponho-me, ao prosseguir um inquérito mais importante, a seguir o exemplo de Chladni e Howard, com que sucesso o tempo e o evento deverão determinar.

Inúmeros exemplos podem ser encontrados de pessoas que alegam ter visto aparições — entre estas, homens eminentes pela inteligência e integridade. Um exemplo notório é o de Oberlin, o bem conhecido filantropo alsaciano, o benevolente pastor de Ban-de-la-Roche. Ele foi visitado, dois anos antes da sua morte — nomeadamente, em 1824 — por um Sr. Smithson, que publicou um relato da sua visita.* Daí são colhidos os seguintes pormenores.

## OBERLIN

O vale de Ban-de-la-Roche, ou Steinthal, na Alsácia, o cenário por mais de cinquenta anos dos labores de amor de Oberlin, rodeado por montanhas

altíssimas, fica durante mais de metade do ano isolado do resto do mundo por neves que obstruem as passagens.

---

** Intellectual Repository de abril de 1840, pp. 151 a 162.*

---

Ali Oberlin encontrou o campesinato com opiniões muito peculiares. Disse ao Sr. Smithson que quando veio residir pela primeira vez entre os habitantes de Steinthal eles tinham o que ele então considerava "muitas noções supersticiosas respeitantes à proximidade do mundo espiritual, e da aparência de vários objetos e fenómenos nesse mundo, que de tempos a tempos eram vistos por algumas das pessoas pertencentes ao seu rebanho. Por exemplo, não era invulgar que uma pessoa que tivesse morrido aparecesse a algum indivíduo no vale." ...

"O relato de cada nova ocorrência deste tipo era levado a Oberlin, que por fim ficou tão incomodado que resolveu acabar com esta espécie de superstição, como ele lhe chamava, a partir do púlpito, e esforçou-se durante um tempo considerável para este fim, mas com pouco ou nenhum efeito desejável. Os casos tornaram-se mais numerosos, e as circunstâncias tão impressionantes a ponto de até abalarem o ceticismo do próprio Oberlin." (p. 157.)

Ultimamente o pastor converteu-se às opiniões dos seus paroquianos nesta matéria. E quando o Sr. Smithson lhe perguntou o que tinha operado tal convicção, ele respondeu "que ele próprio tinha tido experiência ocular e demonstrativa respeitante a estes assuntos importantes". Acrescentou que "tinha uma grande pilha de papéis que tinha escrito sobre este tipo de fenómenos espirituais, contendo os factos, com as suas próprias reflexões sobre eles". (p. 158.)

Declarou ainda ao Sr. Smithson que tais aparições eram particularmente frequentes após aquele bem conhecido e terrível acidente que soterrou várias aldeias (a queda do Rossberg, em 1806). Pouco depois, como Oberlin o expressou, um número considerável de habitantes do vale "teve a sua visão espiritual aberta" (p. 159) e percebeu as aparições de muitos dos que tinham sofrido.

Stober, o aluno e biógrafo de Oberlin, e ao longo da sua vida o amigo íntimo da família, afirma que o bom pastor estava plenamente convencido da presença real da sua esposa durante vários anos após o seu falecimento. A sua convicção inabalável era a de que, como um anjo assistente, ela velava por ele, comungava com ele e era visível à sua vista; que ela o instruía a respeito do outro

mundo e o guardava de perigos neste; que, quando ele contemplava qualquer novo plano de utilidade, em relação aos resultados do qual estivesse incerto, ela ou encorajava os seus esforços ou o travava no seu projeto. Ele considerava as suas entrevistas com ela não como algo de que se devesse duvidar, mas como óbvias e certas — tão certas como qualquer evento que é presenciado com os olhos corporais. Quando questionado sobre como distinguia a aparência dela e as comunicações dela de sonhos, ele respondia: "Como distingue uma cor de outra?"*

Eu próprio encontrei, quando em Paris, durante o mês de maio de 1859, o senhor Matter, um cavalheiro francês que ocupava um cargo oficial importante no Departamento de Instrução Pública, que visitara Oberlin algum tempo antes da sua morte, e a quem o digno pastor submetera a "grande pilha de papéis" referida pelo Sr. Smithson.† Ele descobriu que continha, entre outras coisas, uma narrativa de uma série de aparições da sua falecida esposa e das suas entrevistas com ela.‡

O senhor Matter, que gentilmente me forneceu notas, por escrito, sobre este assunto, acrescenta: "Oberlin estava convencido de que os habitantes do mundo invisível podem aparecer-nos, e nós a eles, quando Deus quer; e que nós somos aparições para eles, como eles para nós."§

Nem a inteligência nem a boa fé de Oberlin podem ser postas em causa.

---

** "Vie de J. F. Oberlin", por Stober, p. 223.*

*† O manuscrito intitulava-se "Journal des Apparitions et Instructions par Rêves".*

*‡ "Entretiens" foi a palavra empregada.*

*§ Esta parece ter sido a opinião de Jung Stilling, com quem Oberlin estava bem familiarizado. Ver "Theorie der Geisterkunde", § 3.*

---

Mas dir-se-á que inteligência e honestidade não são segurança contra a alucinação, e que o pastor, no seu vale isolado, após a perda de uma esposa que amava ternamente, poderia gradualmente ter-se deixado infetar pelas superstições dos seus paroquianos. Embora as opiniões de um homem como Oberlin devam sempre contar para algo, deve-se admitir que não temos os meios de refutar tais suposições como estas.

Precisamos de algum elo circunstancial, ligando a alegada aparição com o mundo material. Poderemos obtê-lo?

O que se segue provém de uma fonte respeitável:—

## LORENZO, O MAGNÍFICO, E O IMPROVISATORE

"Condivi relata uma história extraordinária respeitante a Piero de' Medici (filho de Lorenzo, 'o Magnífico'), comunicada a ele por Miguel Ângelo, que tinha, ao que parece, formado uma intimidade com um tal Cardiere, um improvisador que frequentava a casa de Lorenzo e divertia as suas noites cantando ao alaúde. Pouco depois da morte de Lorenzo, Cardiere informou Miguel Ângelo de que Lorenzo lhe tinha aparecido, trajado apenas com um manto preto e esfarrapado lançado sobre os seus membros nus, e lhe tinha ordenado que informasse Piero de' Medici de que ele seria, em pouco tempo, banido de Florença.

Cardiere, que parece ter temido criteriosamente o ressentimento dos vivos mais do que o dos mortos, recusou o encargo; mas, pouco depois, Lorenzo, entrando no seu quarto à meia-noite, acordou-o e, repreendendo-o pela sua desatenção, deu-lhe um golpe violento na face. Tendo comunicado esta segunda visita ao seu amigo, que o aconselhou a não adiar mais a sua missão, ele partiu para Careggi, onde Piero residia então; mas, encontrando-o com os seus acompanhantes a meio caminho entre esse lugar e Florença, entregou ali a sua mensagem, para grande diversão de Piero e dos seus seguidores, um dos quais — Bernardo Divizio, mais tarde Cardeal da Bibbiena — perguntou-lhe sarcasticamente 'se, caso Lorenzo estivesse desejoso de dar informações ao seu filho, seria provável que preferisse tal mensageiro a uma comunicação pessoal'. O biógrafo acrescenta: 'La vision del Cardiere, o delusion diabolica, o predizion divina, o forte immaginazione, ch'ella si fosse, si verificò'."*

Aqui está uma alegada previsão e o seu cumprimento. Mas a linha política seguida por Piero era tal que não era necessário instinto profético para discernir a probabilidade de que ele pudesse um dia perder a sua posição em Florença. Por outro lado, aqueles que conhecem a sociedade italiana sentir-se-ão assegurados de que um dependente como Cardiere não era provável que se aventurasse em tal liberdade a menos que impelido por aquilo que ele considerava uma injunção real.

Quanto à objeção do cardeal, é comum, muitas vezes expressa de forma leviana. "É algo notável", diz o Sr. Grose, "que os fantasmas não tratem dos seus assuntos como as pessoas deste mundo. Em casos de assassinato, um fantasma,

em vez de ir ao magistrado mais próximo e apresentar a sua queixa, ou ao parente mais próximo da pessoa assassinada, aparece a algum pobre trabalhador que não conhece nenhuma das partes, abre as cortinas de alguma enfermeira decrépita ou mulher de esmola, ou paira em volta do local onde o seu corpo está depositado."†

** "A visão de Cardiere, fosse ela ilusão diabólica, ou aviso prévio divino, ou imaginação vívida, verificou-se." A anedota é extraída de "The Life of Lorenzo de' Medici", por William Roscoe, cap. 10.*

*† "Provincial Glossary and Popular Superstitions", por Francis Grose, Esq., F.A.S., 2.ª ed., Londres, 1790, p. 10.*

Se o cardeal ou o antiquário merecem uma resposta séria, é esta: Se o aparecimento de aparições for um fenómeno real, é, sem dúvida, regulado por alguma lei geral. E, a julgar pelos exemplos registados, parece que, sob essa lei, é apenas raramente, sob certas condições e para certas pessoas, que tal aparecimento é possível.

Um pouco mais notável é a coincidência no caso seguinte:—

## O VISITANTE DE ANNA MARIA PORTER

Quando a célebre Menina Anna Maria Porter residia em Esher, no Surrey, um senhor idoso do seu conhecimento, que vivia na mesma aldeia, tinha o hábito de frequentar a casa dela, fazendo habitualmente a sua aparição todas as noites, lendo o jornal e tomando a sua chávena de chá.

Uma noite, a Menina Porter viu-o entrar como de costume e sentar-se à mesa, mas sem falar. Ela dirigiu-lhe uma observação, à qual ele não deu resposta; e, após alguns segundos, ela viu-o levantar-se e sair da sala sem proferir uma palavra.

Espantada, e temendo que ele pudesse ter adoecido subitamente, enviou instantaneamente o seu criado à casa dele para se informar. A resposta foi que o velho senhor tinha morrido subitamente cerca de uma hora antes.

Isto foi relatado pela própria Menina Porter ao Coronel H., do Second Life Guards, e pela viúva do Coronel H. repetido a mim, em Londres, durante o mês de fevereiro de 1859.

A menos que imaginemos, neste caso, uma fuga aos cuidados da enfermeira semelhante à do membro do Plymouth Club no exemplo já citado de Sir Walter Scott,* é difícil evitar a conclusão de que esta foi uma aparição de um morto. A Menina Porter assim o acreditava; e consta que ela enviara imediatamente, e que o velho senhor tinha morrido uma hora antes.

---

** Ver capítulo sobre Sonhos.*

---

Admitir-se-á que o que se segue é igualmente difícil de explicar.

## O CORPO MORTO E O CAPOTE DE BOTE

Não encontraremos, em nenhuma outra classe da sociedade, uma aversão tão sensível a ser acusado de qualquer coisa que possa ser interpretada como superstição como no homem de mundo elegante. Por essa razão, o que se segue, extraído do diário privado de um desses homens, que passou a sua vida nos círculos mais aristocráticos de Londres e Paris, íntimo de nobres e príncipes de sangue, é tanto mais digno de crédito.

A reserva com que tais narrativas são comunicadas, quando os sujeitos pertencem ao que se chama a boa sociedade, é evidenciada pela substituição de nomes completos por iniciais. A narrativa é comunicada da maneira mais direta por alguém que teve as melhores oportunidades de conhecer os factos exatos do caso.

"Quarta-feira, 26 de dezembro de 1832. — O Capitão _____ contou uma curiosa anedota que tinha acontecido na sua própria família. Contou-a nas seguintes palavras:—

"Faz agora cerca de quinze meses que a Menina M., uma ligação da minha família, foi com um grupo de amigos a um concerto nas salas Argyle. Ela pareceu ser ali subitamente acometida de uma indisposição e, embora tenha persistido por algum tempo em lutar contra o que parecia uma violenta afeição nervosa, esta tornou-se por fim tão opressiva que foram obrigados a mandar vir a carruagem e conduzi-la a casa. Ela esteve durante muito tempo relutante em dizer qual era a causa da sua indisposição; mas, ao ser questionada com mais empenho, acabou por confessar que, imediatamente ao chegar à sala de concertos, fora aterrorizada por uma visão horrível, que incessantemente se apresentava à sua vista.

Parecia-lhe como se um cadáver nu estivesse deitado no chão aos seus pés; as feições do rosto estavam parcialmente cobertas por um manto de pano, mas o suficiente era aparente para a convencer de que o corpo era o de Sir J. Y. Todos os esforços foram feitos pelos seus amigos na altura para tranquilizar a sua mente, representando a tolice de permitir que tais ilusões atormentassem o seu espírito, e ela assim se retirou para a cama; mas no dia seguinte a família recebeu a notícia de Sir J. Y. se ter afogado no Rio Southampton naquela mesmíssima noite devido ao virar do seu bote; e o corpo foi posteriormente encontrado emaranhado num capote de bote. Aqui está um caso autenticado de segunda vista, e de data muito recente."*

Pelo que se segue estou em dívida para com a gentileza do meu amigo Dr. Ashburner, de Londres.

## APARIÇÃO NA ÍNDIA

"No ano de 1814 conheci o Coronel Nathan Wilson, um homem de fortes poderes intelectuais, que servira muitos anos na Índia sob Sir Arthur Wellesley, mais tarde Duque de Wellington. Fui apresentado a ele por Sir Charles Forbes, num pavilhão de caça em Strathdon, e ali tivemos oportunidade de nos tornarmos íntimos. Tive, dos seus próprios lábios, a narrativa que passo a relatar-lhe, e que posso prefaciar com algumas palavras tocantes às opiniões do narrador.

"O Coronel Wilson não fazia segredo do seu ateísmo. Na Índia especialmente, como eu próprio observei, a tendência de muitas mentes, influenciadas pela consideração das grandes diversidades de crença religiosa ao seu redor, é para o ceticismo.

---

** "Portion of the Journal kept by Thomas Raikes, Esq., from 1831 to 1847", 2.ª ed., Londres, 1856, vol. i. p. 131.*

---

O Coronel Wilson, fortificado pela leitura de Volney, D'Holbach, Helvétius, Voltaire e outros de cunho semelhante, rejeitava, como insustentável, a doutrina de um futuro estado de existência, e recebia até com alguma impaciência quaisquer argumentos sobre um assunto quanto ao qual, parecia ele pensar, ninguém o poderia esclarecer mais.

"No ano de 1811, estando então no comando do 19.º regimento de dragões,* estacionado em Tellicherry, e deleitando-se com a literatura francesa, formou uma intimidade com o Senhor Dubois, um padre missionário católico romano, um propagandista ardente e zeloso e um homem culto. Não obstante a grande diferença nos seus credos, tão fervoroso e ao mesmo tempo de mente liberal era o francês, tão variado o seu cabedal de informações, e tão agradável e cativante a sua maneira, que o missionário e o soldado conviviam muito, e acabaram por formar uma forte amizade um pelo outro.

O primeiro não falhava em valer-se desta intimidade procurando levar a cabo a conversão do seu amigo. Conversavam muitas vezes e livremente sobre assuntos religiosos; mas o ceticismo do Coronel Wilson permanecia inabalado.

"Em julho de 1811, o padre adoeceu, para grande pesar do pequeno círculo em Tellicherry, onde era muito amado. Ao mesmo tempo, tendo rebentado um motim em Vellore, o Coronel Wilson foi para lá convocado e, avançando em marchas forçadas, acampou numa extensa planície diante da cidade.

"A noite estava abafada; e o Coronel Wilson, trajado como é comum naquele clima, com camisa e longas ceroulas de chita leve com pés, procurou repouso num sofá dentro da sua tenda; mas em vão. Incapaz de dormir, a sua atenção foi subitamente atraída para a entrada da sua tenda: viu a purdah ser levantada e o padre Dubois apresentar-se.

---

** Ou possivelmente o 17.º de dragões; pois ele comandara ambos.*

---

O rosto pálido e o semblante compenetrado do seu amigo, que permanecia silencioso e imóvel, prenderam a sua atenção. Chamou-o pelo nome, mas sem resposta: a purdah caiu, e a figura tinha desaparecido.

"O coronel saltou e, calçando apressadamente os chinelos, correu para fora da tenda. A aparência ainda estava à vista, deslizando pelo acampamento e dirigindo-se para a planície além. O Coronel Wilson apressou-se atrás dela, e a um passo tão rápido que quando os seus camaradas oficiais, despertados pelas sentinelas, foram em sua perseguição, foi com dificuldade que ele foi alcançado. Tendo a aparição sido vista apenas pelo Capitão Wilson, os seus camaradas concluíram que se tratava do efeito de um ligeiro delírio produzido pela fadiga. Mas quando o cirurgião do regimento sentiu o pulso do coronel, declarou que este batia de forma regular, sem aceleração.

"O Coronel Wilson sentiu-se assegurado de que tinha recebido um aviso da morte do seu amigo missionário, que prometera repetidamente, caso morresse primeiro, aparecer-lhe como um espírito. Solicitou aos seus camaradas oficiais que notassem a hora. Eles assim o fizeram; e quando cartas posteriores de Tellicherry anunciaram o falecimento de Dubois, verificou-se que ele tinha morrido na mesmíssima hora em que a sua semelhança apareceu ao seu amigo.

"Desejoso de averiguar que efeito esta aparição produzira nas opiniões do Coronel Wilson tocantes a um estado futuro, coloquei-lhe a questão diretamente. 'Penso que é um fenómeno muito curioso', respondeu ele, 'que não pode ser explicado no atual estado do nosso conhecimento e que requer investigação. Mas não é suficiente para alterar as minhas convicções. Alguma projeção energética do cérebro de Dubois, no momento da aniquilação iminente, poderia talvez ser suficiente para explicar a aparência que eu, sem dúvida, presenciei'."*

Mal podemos encontrar prova mais forte da realidade vívida desta aparição para o observador do que o recurso a que ele é reduzido para a explicar. Ele "testemunhou-a indubitavelmente", diz-nos; mas, argumenta, "poderia, talvez, ser uma projeção do cérebro de Dubois no momento da dissolução".

Que talvez é este! Uma projeção do cérebro de um homem moribundo deve aparecer a milhas de distância do seu leito de morte e, tendo assumido a forma humana, deve imitar a locomoção humana! Que tipo de projeção? Não uma alma ou um corpo espiritual, pois um ateu não admite tais entidades — nada que habite, ou venha a habitar, um mundo futuro cuja existência um ateu nega. O que então? Uma porção da substância física do cérebro, destacada dele e disparada, como algum projétil militar, de Tellicherry para Vellore? Concedamos a monstruosa suposição. O que a dirige precisamente para o amigo a quem o dono do cérebro tinha prometido, em caso de morte, aparecer como um espírito? Mas suponhamos que tenha chegado à tenda do Coronel Wilson: o que deu a uma porção destacada de um cérebro o poder de se revestir da forma completa de um homem, com uma cabeça e feições reconhecíveis, com braços, pernas, um corpo? — o poder, também, de deslizar para longe de uma pessoa que o perseguia?

Mas é puro desperdício de tempo rastrear até à sua fonte uma hipótese tão absurda como esta. Em que labirinto de absurdos pode um homem, reputado inteligente, envolver-se quando governado por uma predeterminação fixada em ignorar a possibilidade de um mundo futuro, onde os nossos espíritos possam doravante existir e de onde possam ocasionalmente regressar!*

** Extraído de uma carta em meu poder, dirigida a mim pelo Dr. Ashburner, datada de n.º 7, Hyde Park Place, Londres, 12 de março de 1859.*

---

Narrativas de aparições no momento da morte, ou próximo dele, são talvez as mais frequentes de todas. Por um exemplo marcante e diretamente autenticado desta classe, estou em dívida para com o meu amigo William Howitt, cujo nome é quase tão familiar deste lado do Atlântico como no seu próprio país. Dou-o nas suas próprias palavras.

## A APARIÇÃO DO IRMÃO À IRMÃ

"A circunstância que deseja obter de mim é uma que ouvi muitas vezes ser relatada pela minha mãe. Foi um evento familiar à nossa família e à vizinhança, e está ligado às minhas memórias mais remotas; tendo ocorrido, por volta da altura do meu nascimento, na casa do meu pai em Heanor, no Derbyshire, onde eu próprio nasci.

A família da minha mãe chamava-se Tantum, um apelido invulgar, que não me recordo de ter encontrado exceto numa história da Menina Leslie. A minha mãe tinha dois irmãos, Francis e Richard. O mais novo, Richard, conheci-o bem, pois viveu até uma idade avançada. O mais velho, Francis, era, ao tempo da ocorrência que vou relatar, um jovem alegre, de cerca de vinte anos, solteiro; atraente, franco, afetuoso e extremamente amado por todas as classes em toda aquela parte do país. É descrito, naquela época de pó e tranças, como usando o seu cabelo castanho-avermelhado fluindo em caracóis sobre os ombros, como outro Absalão, e era muito admirado, tanto pela sua graça pessoal como pela vivacidade e alegria das suas maneiras.

Numa tarde bela e calma, a minha mãe, pouco depois de um parto, mas perfeitamente convalescente, estava deitada na cama, desfrutando, da sua janela, a sensação de beleza e repouso estival; um céu brilhante acima e a aldeia tranquila diante dela. Neste estado, alegrou-se ao ouvir passos que tomou como sendo os do seu irmão Frank, como era familiarmente chamado, aproximando-se da porta do quarto. O visitante bateu e entrou. Os pés da cama estavam virados para a porta, e as cortinas aos pés, apesar da estação, estavam corridas para evitar qualquer corrente de ar. O seu irmão afastou-as e olhou para ela. O seu olhar era compenetrado e desprovido da sua alegria habitual, e ele não disse uma palavra. 'Meu querido Frank', disse a minha mãe, 'que alegria tenho em ver-te! Vem aqui ao lado da cama: quero conversar um pouco contigo.'

Ele fechou as cortinas, como que acedendo; mas, em vez de o fazer, a minha mãe, para seu espanto, ouviu-o sair da sala, fechar a porta atrás de si e começar a descer as escadas. Grandemente admirada, tocou apressadamente a campainha e, quando a sua criada apareceu, ordenou-lhe que chamasse o seu irmão de volta. A rapariga respondeu que não o tinha visto entrar na casa. Mas a minha mãe insistiu, dizendo: 'Ele esteve aqui ainda agora. Corre! Depressa! Chama-o de volta! Tenho de o ver.'

A rapariga apressou-se, mas, passado um tempo, regressou, dizendo que não conseguira saber nada dele em lado nenhum; nem ninguém dentro ou perto da casa o vira entrar ou partir.

Ora, a casa do meu pai ficava ao fundo da aldeia, e junto à estrada principal, que era perfeitamente reta; de modo que qualquer pessoa que passasse por ela teria de ser vista por um período muito mais longo do que o que decorrera. A rapariga disse que tinha olhado para cima e para baixo da estrada, e depois revistado o jardim — um jardim grande, à moda antiga, com caminhos sombreados. Mas nem no jardim nem na estrada ele era visto. Tinha perguntado nas cabanas mais próximas da aldeia; mas ninguém o tinha notado passar.

A minha mãe, embora fosse uma mulher muito piedosa, estava longe de ser supersticiosa; contudo, a estranheza desta circunstância impressionou-a fortemente. Enquanto ali jazia a ponderar sobre o assunto, ouviu-se uma correria súbita e conversas excitadas na rua da aldeia. A minha mãe escutou: o barulho aumentava, embora até àquela altura a aldeia estivesse profundamente silenciosa; e ela ficou convencida de que algo muito invulgar ocorrera. Novamente tocou a campainha para inquirir a causa da perturbação. Desta vez foi a enfermeira mensal quem atendeu. Procurou tranquilizar a minha mãe, como uma enfermeira habitualmente faz a uma paciente.

'Oh, não é nada de especial, minha senhora', disse ela, 'algum assunto sem importância', — o qual fingiu relatar, passando levemente sobre os pormenores. Mas a sua agitação mal suprimida não escapou aos olhos da minha mãe. 'Diga-me a verdade', disse ela, 'de imediato. Tenho a certeza de que aconteceu algo de muito triste.' A mulher ainda equivocou, temendo grandemente o efeito sobre a minha mãe na sua situação de então. E ao princípio a família uniu-se na tentativa de ocultação. Finalmente, contudo, o alarme e as súplicas fervorosas da minha mãe extraíram deles a terrível verdade de que o seu irmão acabara de ser esfaqueado no topo da aldeia e morto no local.

O melancólico evento ocorrera assim. O meu tio, Francis Tantum, tinha estado a jantar em Shipley Hall com o Sr. Edward Miller Mundy, membro do Parlamento pelo condado. Shipley Hall ficava à direita da aldeia quando se

olhava para a rua principal a partir da casa do meu pai, e a cerca de uma milha de distância desta; enquanto Heanor Hall, a residência do meu tio, estava situada à direita; a estrada de uma propriedade de campo para a outra cruzava, quase em ângulos retos, a porção superior da rua da aldeia, num ponto onde se situava uma das duas estalagens da aldeia, a Admiral Rodney, mantida respeitavelmente pela viúva H—ks. Lembro-me bem dela — uma mulher alta, de bela aparência, que deve ter sido atraente na sua juventude e que mantinha, mesmo passada a meia-idade, um ar superior à sua condição. Tinha apenas um filho, um rapaz então com escassos vinte anos. Era um jovem de boa aparência, vivo, e gozava de um carácter muito aceitável. Ele deve, contudo, como o evento mostrou, ter sido de um temperamento muito impetuoso.

Francis Tantum, cavalgando para casa vindo de Shipley Hall após o jantar cedo de província desse dia, algo eufórico, talvez, com o vinho, parou na estalagem da viúva e ordenou ao filho que lhe trouxesse um copo de cerveja. Quando este último se virou para obedecer, o meu tio, dando ao jovem uma chicotada rápida nas costas com o seu chicote de montaria, exclamou, na sua maneira alegre e brincalhona: 'Agora despacha-te, Dick; despacha-te!'

O jovem, em vez de receber o golpe lúdico como uma piada, tomou-o como um insulto. Correu para dentro de casa, agarrou uma faca de trinchar e, saindo disparado para a rua, esfaqueou o meu tio no coração, enquanto este estava montado no seu cavalo, de modo que ele caiu morto, no instante, na estrada.

A sensação em toda a pacata aldeia pode ser imaginada. Os habitantes, que idolatravam o homem assassinado, foram impedidos de exercer vingança sumária sobre o homicida apenas porque os polícias o levaram para o gabinete do magistrado mais próximo.

O jovem H—ks foi julgado nas sessões seguintes de Derby; mas (justamente, sem dúvida, tendo em vista a irritação súbita causada pelo golpe) foi condenado apenas por homicídio involuntário e, após alguns meses de prisão, regressou à aldeia; onde, não obstante o forte sentimento popular contra ele, continuou a manter a estalagem, mesmo após a morte da sua mãe. Ele ainda está presente na minha recordação, um homem calmo, retirado, nunca culpado de qualquer outra irregularidade de conduta, e parecendo carregar consigo a memória constante do seu ato precipitado — uma mancha silenciosa sobre a sua vida.

Tão grande era o respeito nutrido pelo meu tio, e tal a profunda impressão do seu fim trágico, que enquanto viveu aquela geração os sinos da igreja da aldeia dobravam regularmente no aniversário da sua morte.

Ao comparar as circunstâncias e a hora exata em que cada uma ocorreu, o facto foi substanciado de que a aparição se apresentou à minha mãe quase instantaneamente após o seu irmão ter recebido o golpe fatal."*

---

** Extraído de uma carta dirigida a mim pelo Sr. Howitt, datada de Highgate, 28 de março de 1859.*

---

Quase a única condição desejável que ficou por cumprir na narrativa precedente é que mais de uma pessoa, e cada uma influenciada independentemente, devesse ter testemunhado a aparição. Este comprovativo adicional é fornecido no que se segue.

## O NOBRE E O SEU CRIADO

O falecido Lorde M—, tendo ido para as Highlands por volta do final do século passado, deixou a sua esposa perfeitamente bem em Londres. Na noite da sua chegada à sua casa nas Highlands, foi despertado ao ver uma luz brilhante no seu quarto. As cortinas da sua cama abriram-se, e ele viu a aparência da Lady M— ali de pé. Tocou para o seu criado e inquiriu-lhe o que via; ao que o homem exclamou, aterrorizado: "É a minha senhora!"

Lady M— tinha morrido subitamente em Londres naquela noite. A história fez um grande barulho na altura; e Jorge III, mandando chamar Lorde M— e averiguando dele a verdade da mesma, desejou que ele escrevesse as circunstâncias conforme tinham acontecido; e o criado assinou por baixo a declaração.

Cerca de um ano depois, uma criança de cinco anos, a filha mais nova de Lorde M—, correu ofegante para o quarto das crianças, exclamando: "Vi a mamã de pé no topo da escada e a fazer-me sinal." Naquela noite a criança, a pequena Arabella M—, adoeceu e morreu.

Posso garantir, de maneira incondicional, a autenticidade de ambas as circunstâncias acima; tendo recebido o relato, por escrito, de um membro da família de Lorde M—.

No exemplo seguinte, o testemunho de duas testemunhas da mesma aparição é obtido sob circunstâncias igualmente conclusivas. Foi-me relatado em Nápoles, a 2 de janeiro de 1857, por uma destas testemunhas (uma inteligente

senhora inglesa, de família altamente respeitável, que passara muitos anos na Rússia), como se segue.

## LOUISE

Na parte inicial do ano de 1856, a Sra. F— residiu durante alguns meses na família do Príncipe ———, um nobre que ocupara um alto cargo oficial sob o Imperador Nicolau.

Uma noite, entre as onze e as doze, a Sra. F— estava num pequeno gabinete contíguo ao quarto de dormir da Princesa e separado dele apenas por reposteiros, quando ouviu a porta do quarto abrir-se e a princesa (conforme supôs) entrar no quarto, pousar a sua vela e caminhar. Esperando que ela entrasse no gabinete, como era seu hábito, esperou; mas em vão. Depois ouviu-a novamente abrir a porta e descer as escadas. Uns vinte minutos depois, passos voltaram a subir as escadas, e a própria princesa entrou e falou com ela. A Sra. F— averiguou, para sua surpresa, que a princesa não tinha estado no seu quarto anteriormente; contudo, esta última não testemunhou qualquer espanto quando a Sra. F— mencionou o que tinha ouvido.

Sabendo, na manhã seguinte, que a criada da senhora não tinha entrado no quarto e que mais ninguém tinha acesso a ele, a Sra. F— voltou a referir-se à ocorrência extraordinária; e a princesa contou-lhe francamente, o que a Sra. F— soube então pela primeira vez, que estavam habituados a tais visitas misteriosas; que estas commumente pressagiavam alguma ocorrência invulgar na família; e que o seu marido se tinha desfeito de um palácio que possuíam anteriormente noutra rua, por nenhuma outra razão senão para tentar escapar aos repetidos ruídos e outras perturbações pelos quais tinham sido ali atormentados. Uma destas era o som frequente de passos pesados, durante o silêncio da noite, ao longo de um certo corredor. O príncipe tinha repetidamente, durante a ocorrência destes sons, mandado fechar e vigiar todas as saídas do corredor em questão; mas em vão. Nenhuma solução do mistério foi alguma vez obtida.

A princesa acrescentou que, para o seu novo palácio, em que se encontravam então e cujas janelas davam para o belo Neva, os ruídos os tinham seguido, ocorrendo a intervalos. Uma das suas filhas, antes do seu casamento, tinha constantemente experimentado a sensação de alguém se aproximar do seu lado, precedido pelo som de passos e o que parecia o roçar de um vestido de seda, e por vezes acompanhado pelo som de água a ser despejada na mesa.

Nesta altura havia na casa uma femme-de-chambre chamada Louise, uma jovem alemã de família respeitável, cultivada muito para além da posição que

então ocupava, e que fora induzida a aceitar em consequência de um desgosto amoroso produzido pela obstinada oposição dos familiares do jovem ao casamento proposto. Devido à sua disposição prestável e alegre, e à sua inteligência, era uma grande favorita na casa, particularmente da Sra. F—, a quem tinha cuidado durante uma doença.

Quando, posteriormente, ela própria adoeceu, sentiu-se muito interesse por ela em toda a família, e a Sra. F— estava frequentemente à sua cabeceira. Uma noite, o médico da família, após visitar Louise, relatou que ela estava a passar muito bem e que sem dúvida recuperaria; de modo que a Sra. F— se retirou para descansar sem qualquer ansiedade por causa dela.

Por volta das duas horas dessa noite, ela foi perturbada pela sensação de algo lhe tocar; e, pensando tratar-se de um rato, ficou completamente acordada com o susto. Então sentiu, da forma mais distinta, o toque como que de uma mão humana pressionando suavemente diferentes partes do seu corpo e membros. A sensação foi tão positiva e inconfundível que ficou convencida de que havia alguém no quarto. Mas não conseguia ver nem ouvir nada; e passado algum tempo cessou. Na manhã seguinte, o criado acordou-a com a notícia de que Louise tinha morrido subitamente por volta das duas horas da noite anterior.

Os pertences da rapariga, incluindo as suas roupas e cartas (algumas delas do seu amante, que ainda nutria afeto por ela), juntamente com o retrato do seu amante, foram reunidos e colocados, até serem reclamados pela sua família, não no quarto em que ela morrera, mas noutro, que se tornou o quarto de dormir da femme-de-chambre que lhe sucedeu.

Como a família tinha frequentemente perdido os seus criados devido ao terror das perturbações misteriosas, tomaram medidas para evitar que o relato destas chegasse aos ouvidos desta mulher. Ela ouviu, no entanto, em várias ocasiões, ruídos perturbadores à noite, e declarou que em diversas vezes tinha visto distintamente mover-se silenciosamente pelo chão uma forma, cuja descrição coincidia exatamente com a aparência habitual da pobre Louise, que em vida ela nunca vira. Esta aparição levou-a a perguntar se não era aquele o quarto em que a sua predecessora tinha morrido. Mas sendo tranquilizada sobre esse ponto, e tendo-se gabado, quando os ruídos ocorreram pela primeira vez, de que nenhum fantasma lhe poderia inspirar qualquer medo, teve vergonha de ceder ao seu desejo de dormir com uma das criadas, e continuou a ocupar o seu próprio quarto.

Cerca de cinco semanas após a morte de Louise, e poucos minutos depois da meia-noite, a Sra. F— tinha subido as escadas com uma vela; e, ao chegar ao patamar, uma forma ténue passou subitamente da esquerda para a direita — não

tão rapidamente, contudo, que ela não pudesse distinguir que era transparente; pois percebeu distintamente através dela a janela oposta. Ao passar as mãos pelos olhos — com o pensamento a atravessar-lhe a mente de que aquilo poderia ser apenas uma alucinação — foi sobressaltada por um grito violento, como que de agonia, vindo do quarto de dormir da femme-de-chambre, situado à esquerda do patamar das escadas.

O grito foi tão alto que despertou a casa, e a Princesa e outros apressaram-se com a Sra. F— para averiguar a sua causa. Encontraram a criada em violentas convulsões; e quando, após algum tempo, a recuperaram, ela declarou, em acentos de extremo terror, que a figura que já vira várias vezes lhe tinha aparecido na forma mais distinta, aproximara-se da cama e curvara-se sobre ela, de modo que lhe pareceu sentir o seu próprio hálito e toque, momento em que perdeu a consciência e não soube o que aconteceu mais. Não pôde ser convencida a dormir novamente naquele quarto; e as perturbações continuaram ali depois de ela o deixar.

Mas, passado algum tempo, o jovem que estivera noivo de Louise escreveu a pedir os pertences dela, solicitando que fossem enviados para casa, por terra, a expensas suas. A nova femme-de-chambre ajudou a empacotá-los. Ao pegar num dos vestidos de Louise, deixou-o cair em súbito terror, declarando que exatamente com um vestido daqueles estivera vestida a figura que se curvara sobre ela quando desmaiara.

Desde o dia em que estes pertences foram tirados do quarto onde tinham sido colocados, e enviados para fora, todos os ruídos e perturbações ali cessaram inteiramente.*

---

** Li a narrativa acima à Sra. F—, fiz algumas correções por sugestão dela, e então ela anuiu à sua exatidão em todos os pormenores.*

---

Estamos gradualmente a atingir um ponto nesta série de narrativas em que se torna muito difícil explicar os fenómenos que abrangem, ou dar conta destes por qualquer outra que não a hipótese espiritual. No exemplo precedente, por exemplo, o que pode possivelmente explicar as visões coincidentes da sucessora de Louise e da Sra. F—, exceto a suposição de uma realidade objetiva?

Encontramos narrativas tão conclusivas como a anterior correntes em toda a sociedade — habitualmente desacreditadas por comentadores superficiais — por vezes justamente, pois muitas delas são suficientemente apócrifas; por vezes, como creio, injustamente. Seleciono, como espécime desta última classe, de entre

o que se chamam histórias de fantasmas modernas, uma que, por conta da posição e carácter dos dois observadores (Sir John Sherbroke e o General Wynyard), tem sido tão falada em toda a Inglaterra como talvez qualquer outra. Foi publicada nos jornais da época; e a narrativa, numa forma algo difusa, foi preservada em pelo menos uma publicação moderna.* É aludida, mas dadas apenas as iniciais, na edição de Plutarco do Arcediago Wrangham, numa nota, assim:—

"Uma história muito singular, contudo, poderia ser contada sobre este ponto pelos Generais S— e W—, ambos homens de indiscutível honra e brio, e honradamente distinguidos pelos seus esforços ao serviço do seu país." É relatada, de uma maneira sucinta, pelo Dr. Mayo na sua obra sobre Superstições Populares; e ele acompanha-a com o seguinte comprovativo:— "Tive oportunidades de inquirir junto de dois parentes próximos do General Wynyard sobre que evidência repousa a história acima. Eles disseram-me que cada um a tinha ouvido da sua própria boca. Mais recentemente, um cavalheiro cuja exatidão de informação excede a da maioria das pessoas disse-me que tinha ouvido o falecido Sir John Sherbroke, a outra parte na história de fantasmas, contá-la, muito da mesma maneira, à mesa de um jantar."* A história é a seguinte:—

No ano de 1785, Sir John Sherbroke e o General Wynyard, então jovens, eram oficiais no mesmo regimento, estacionado nessa altura no Canadá.

No dia 15 de outubro desse ano, por volta das quatro horas da tarde — portanto, em plena luz do dia — estes dois jovens oficiais estavam sentados, ocupados no estudo, na sala de Wynyard. Era uma sala num bloco de casas (block-house), com duas portas — uma abrindo para um corredor exterior, a outra para o quarto de dormir daquele oficial, do qual quarto não havia saída exceto regressando através da sala.

Sherbroke, ao olhar para cima do seu livro, viu ao lado da porta que abria para o corredor a figura de um jovem alto, aparentemente com cerca de vinte anos de idade, mas pálido e muito emaciado. Espantado com a presença de um estranho, Sherbroke chamou a atenção do seu camarada oficial, sentado perto dele, para o visitante.

"Já ouvi falar", disse ele, ao relatar posteriormente o incidente, "de um homem ficar tão pálido como a morte; mas nunca vi um rosto vivo assumir a aparência de um cadáver exceto o de Wynyard naquele momento."

Ambos permaneceram silenciosamente a contemplar a figura enquanto esta passava lentamente pela sala e entrava no quarto de dormir, lançando ao jovem Wynyard, ao passar, um olhar, como pensou o seu amigo, de afeto melancólico. A opressão da sua presença não fora removida quando Wynyard, agarrando o braço do seu amigo, exclamou, em tons mal articulados: "Grande Deus! o meu irmão!"

"O teu irmão! O que queres dizer?", respondeu Sherbroke: "deve haver algum engano nisto." E com isso procedeu instantaneamente para o quarto de dormir, seguido por Wynyard. Ninguém para ser visto ali! Procuraram em todos os cantos e convenceram-se de que estava inteiramente desocupado. Wynyard persistiu em declarar que tinha visto o espírito do seu irmão; mas Sherbroke inclinou-se para a crença de que poderiam ter sido, de uma forma ou de outra, iludidos, possivelmente por uma partida de um camarada oficial.

Contudo, ambos esperaram com grande ansiedade por cartas de Inglaterra; e esta ansiedade tornou-se por fim tão aparente na parte de Wynyard que os seus camaradas oficiais, apesar da sua resolução em contrário, acabaram por obter dele a confissão do que vira. A história logo se espalhou e produziu grande excitação em todo o regimento. Quando chegou o navio esperado com as cartas, não havia nenhuma para Wynyard, mas sim uma para Sherbroke. Assim que esse oficial a abriu, fez sinal a Wynyard para saírem da sala. A expectativa estava no seu auge, especialmente porque os dois amigos permaneceram fechados durante uma hora.

No regresso de Sherbroke, o mistério foi resolvido. Era uma carta de um camarada oficial, pedindo a Sherbroke que desse ao seu amigo Wynyard a notícia da morte do seu irmão favorito, que expirara a 15 de outubro, e na mesma hora em que os amigos viram a aparição no bloco de casas.

Resta dizer que, alguns anos depois, Sir John Sherbroke, já de regresso a Inglaterra, caminhava por Piccadilly, em Londres, quando, no lado oposto da rua, viu um cavalheiro que reconheceu instantaneamente como o homólogo do visitante misterioso. Atravessando a rua, abordou-o, pedindo desculpa pela sua intrusão, e soube que ele era irmão (não o irmão gémeo, como dizem alguns relatos) de Wynyard.

Tal é a história; para cuja verdade tive a sorte de obter comprovativos adicionais aos já apresentados.

O Capitão Henry Scott, R.N., residente em Blackheath, perto de Londres, e com quem tenho o prazer de estar familiarizado, estava, há cerca de trinta anos, quando Sir John Sherbroke era Governador da Nova Escócia, sob o seu comando como Assistente do Inspetor-Geral daquela província; e ao jantar, um dia, com

Sir John, um convidado comentou que um jornal inglês, acabado de receber, trazia uma história de fantasmas extraordinária, na qual aparecia o seu nome (o de Sir John). Ato contínuo, Sherbroke, com muita emoção, respondeu rapidamente: "— Peço que o assunto não volte a ser mencionado."

A impressão na mente de todos os presentes foi que ele considerava o assunto demasiado sério para ser falado. Mas não somos deixados a meras inferências, sugeridas por este testemunho indireto. Comuniquei ao Capitão Scott, em manuscrito, a narrativa acima; e, ao devolvê-la, esse cavalheiro escreveu-me, com permissão para usar o seu nome, o seguinte:—

"— Há cerca de seis anos, jantando sozinho com o meu querido amigo — agora entregue às suas contas — o General Paul Anderson, C.B., relatei-lhe a história da aparição de Wynyard, em substância exatamente como o senhor a tem. Quando terminei, 'É suficientemente extraordinário', disse ele, 'que tenha relatado essa história quase verbatim como eu a ouvi dos próprios lábios de Sir John Sherbroke pouco tempo antes da sua morte'.* Perguntei ao general se Sir John tinha expressado alguma opinião sobre o incidente.

---

** A sua morte é notada na Blackwood's Magazine de junho de 1830.*

---

"— Sim, respondeu ele: 'ele garantiu-me, da maneira mais solene, que acreditava que a aparência fora um fantasma ou espírito; e acrescentou que esta crença era partilhada pelo seu amigo Wynyard'.

"— O General Anderson foi um distinto oficial da Guerra Peninsular, um major sob Sir John Moore, e um daqueles que ajudaram a enterrar esse galante general."*

Não será, creio, questionado que esta evidência é tão direta e satisfatória quanto pode ser, na falta de um registo deixado por escrito por um ou outro dos observadores — o qual não parece encontrar-se. Sir John Sherbroke, passados quarenta anos, repete a um camarada oficial a sua convicção inalterada de que foi o espírito do irmão do seu amigo† que lhes apareceu no bloco de casas canadiano, e que esse amigo estava tão plenamente convencido do facto como ele próprio.

Fortemente corroborativo, também, é o facto de que tão profundamente impressas na memória de Sherbroke ficaram as feições da aparição que a recordação evocada, após o lapso de anos, pela aparência de um estranho

encontrado casualmente nas ruas de Londres, o levou a abordar esse estranho, que provou ser um irmão do falecido.

No seguinte encontramos um exemplo de três pessoas a verem a mesma aparição, embora em tempos diferentes:—

---

** Extraído de carta do Capitão Henry Scott para mim, datada de 26 de janeiro de 1859.*

*† O nome do irmão era John Otway Wynyard; e ele era, ao tempo da sua morte a 15 de outubro de 1785, Tenente no 3.º Regimento de Life-Guards.*

---

## APARIÇÃO DE UM ESTRANHO

Em março do ano de 1854, o Barão de Guldenstubbe residia sozinho em apartamentos, no Número 23 da Rue St. Lazare, Paris.

No dia 16 desse mês, regressando de uma festa à noite, após a meia-noite, retirou-se para descansar; mas, vendo-se incapaz de dormir, acendeu uma vela e começou a ler. Muito em breve a sua atenção foi desviada do livro ao experienciar primeiro um choque elétrico, depois outro, até que a sensação foi repetida oito ou dez vezes. Isto surpreendeu-o grandemente e impediu eficazmente qualquer disposição para o sono: levantou-se, vestiu um roupão quente e acendeu o fogo no salão contíguo.

Regressando poucos minutos depois ao quarto de dormir, sem vela, em busca de um lenço de bolso, observou, pela luz vinda através da porta aberta do salão, logo diante da chaminé (que estava situada num canto do quarto, na diagonal oposta à porta de entrada), o que parecia uma coluna ténue de vapor acinzentado, ligeiramente luminosa. Atraiu a sua atenção por um momento; mas, considerando ser apenas algum efeito de luz refletida dos candeeiros do pátio, não pensou mais nisso e reentrou na sala.

Passado algum tempo, como o fogo ardia mal, voltou ao quarto de dormir para buscar um feixe de lenha. Desta vez a aparência em frente à lareira prendeu a sua atenção. Chegava quase ao teto do aposento, que tinha uns bons doze pés de altura. A sua cor mudara de cinzento para azul — aquele tom de azul que se mostra quando se queima espírito de vinho. Estava também mais distintamente marcada, e algo mais luminosa do que ao princípio. Enquanto o barão olhava para ela, com alguma surpresa, foi surgindo gradualmente à vista, dentro dela, a figura de um homem. Os contornos ao princípio eram vagos e a cor azul, como a coluna, apenas de um tom mais escuro. O barão considerou tratar-se de uma

alucinação, mas continuou a examiná-la firmemente de uma distância de cerca de treze ou catorze pés.

Gradualmente os contornos da figura tornaram-se marcados, as feições começaram a assumir forma exata, e o todo a tomar as cores da carne humana e do vestuário. Finalmente, ali estava dentro da coluna, chegando a cerca de meio caminho do topo, a figura de um velho alto e corpulento, com uma cor fresca, olhos azuis, cabelo branco como a neve, patilhas brancas finas, mas sem barba ou bigode; e vestido com algum cuidado. Parecia usar uma gravata branca e um colete branco comprido, colarinho de camisa alto e rígido, e uma sobrecasaca preta comprida, aberta no peito, como é hábito de pessoas corpulentas como ele em tempo quente. Parecia apoiar-se numa pesada bengala branca.

Passados alguns minutos, a figura desprendeu-se da coluna e avançou, parecendo flutuar lentamente pelo quarto, até estar a cerca de três pés do seu admirado ocupante. Ali parou, ergueu a mão, como em jeito de saudação, e inclinou-se ligeiramente.

O impulso do barão, quando ela se aproximou pela primeira vez, fora tocar a campainha. Tão perfeitamente distinta era a visão, tão absolutamente material parecia a figura diante dele, que mal conseguia resistir à impressão de que algum estranho (pois as feições eram-lhe totalmente desconhecidas) tinha invadido o seu aposento. Mas a idade e o comportamento amigável do intruso detiveram-lhe a mão. Fosse deste mundo ou do outro, nada parecia hostil ou formidável na aparência que se apresentava.

Passado algum tempo, a figura moveu-se em direção à cama, que ficava à direita da porta de entrada e imediatamente oposta à lareira; depois, virando à esquerda, regressou ao local diante da lareira onde aparecera primeiro, e avançou uma segunda vez em direção ao barão. E continuou a fazer esta ronda (parando, no entanto, a intervalos) por oito ou dez vezes. O barão não ouviu som algum, fosse de voz ou de passos.

A última vez que regressou à lareira, depois de encarar o barão, permaneceu ali imóvel. Por graus lentos, os contornos perderam a sua nitidez; e, à medida que a figura se desvanecia, a coluna azul reformava-se gradualmente, envolvendo-a como antes. Desta vez, porém, estava muito mais luminosa — sendo a luz suficiente para permitir ao barão distinguir letras pequenas, conforme verificou ao pegar numa Bíblia que estava sobre a sua mesa de toilette e ler dela um versículo ou dois. Ele mostrou-me o exemplar: estava impresso em tipo *minion*. Muito gradualmente a luz desvaneceu-se, parecendo tremeluzir a intervalos, como uma lâmpada que se apaga.

Desde o momento em que a figura apareceu até começar a desvanecer-se, misturando-se com a coluna, decorreram cerca de dez minutos: de modo que a testemunha desta notável aparição teve a mais ampla oportunidade de a examinar totalmente. Quando ela se voltava para a lareira, ele via distintamente as suas costas. Experimentou pouco ou nenhum alarme, estando principalmente ocupado durante o período da sua permanência em procurar verificar se se tratava de uma mera alucinação ou de uma realidade objetiva. Em uma ou duas ocasiões anteriores durante a sua vida, vira aparições algo semelhantes — menos distintas, porém, e passando mais rapidamente; e, como eram de pessoas que conhecera em vida, tinha-as considerado apenas subjetivas; fruto, provavelmente, da sua imaginação, durante um estado anormal do sistema nervoso.

Ponderando sobre este assunto, foi para a cama e, passado algum tempo, adormeceu. Num sonho, a mesma figura que acabara de ver apareceu-lhe novamente, vestida exatamente como antes. Pareceu sentar-se ao lado da cama; e, como que em resposta às reflexões que tinham ocupado a mente do barão antes de se retirar para descansar, julgou ouvi-la dizer-lhe, em substância: «Até agora não acreditou na realidade das aparições, considerando-as apenas evocações da memória: agora, visto ter visto um estranho, não pode considerá-la a reprodução de ideias anteriores.» O barão assentiu, em sonho, a este raciocínio; mas o fantasma não lhe deu qualquer pista quanto ao seu nome ou condição em vida.

Na manhã seguinte, encontrando a mulher do *concierge*, Madame Matthieu, que costumava cuidar dos seus quartos, perguntou-lhe quem fora o seu antigo ocupante, acrescentando que a razão para fazer a pergunta era que, na noite anterior, vira uma aparição no seu quarto de dormir. Ao princípio, a mulher pareceu muito assustada e pouco disposta a ser comunicativa; mas, quando pressionada sobre o assunto, admitiu que a última pessoa que residira nos aposentos agora ocupados pelo barão fora o pai da senhora que era a proprietária da casa — um certo Monsieur Caron, que anteriormente ocupara o cargo de presidente de câmara na província de Champagne. Ele morrera cerca de dois anos antes, e os quartos tinham permanecido vagos desde essa altura até serem tomados pelo barão.

A descrição que ela fez dele, não só quanto à aparência pessoal, mas em cada detalhe do vestuário, correspondia da maneira mais minuciosa ao que o barão vira. Um colete branco que descia muito baixo, uma gravata branca, uma longa casaca preta: estas eram as peças que ele habitualmente usava. A sua estatura era superior à altura média; e ele era corpulento, os olhos azuis, o cabelo e as suíças brancos; e não usava barba nem bigode. A sua idade situava-se entre os sessenta e os setenta anos. Até as peculiaridades menores eram exatas, desde o

colarinho alto da camisa, o hábito de afastar a casaca do peito, e a bengala branca e grossa, sua companheira constante quando saía.

Madame Matthieu confessou ainda ao barão que ele não fora o único a quem a aparição de M. Caron se mostrara. Numa ocasião, uma criada vira-a nas escadas. A ela própria aparecera várias vezes — uma vez mesmo em frente à entrada do salão, outra vez numa passagem mal iluminada que conduzia, passando pelo quarto, à cozinha mais adiante, e mais do que uma vez no próprio quarto de dormir. M. Caron tinha caído na referida passagem, num ataque de apoplexia, fora dali levado para o quarto e morrera na cama agora ocupada pelo barão.

Ela disse-lhe, além disso, que, como ele devia ter reparado, ela aproveitava quase sempre a oportunidade de ele estar no salão para arrumar o seu quarto de dormir, e que várias vezes tivera a intenção de lhe pedir desculpa por isso, mas refreara-se, por não saber que desculpa dar. A verdadeira razão era que temia encontrar novamente a aparição do velho senhor.

O assunto chegou finalmente aos ouvidos da filha, a proprietária da casa. Ela mandou dizer missas pela alma de seu pai; e alega-se — quão verdadeiramente não sei — que a aparição não foi vista em nenhum dos aposentos desde então.

Esta narrativa obtive-a do próprio Barão de Guldenstubbe*. Esse cavalheiro afirmou-me que, até ao momento em que viu a aparição, nunca ouvira falar de M. Caron e, claro, não tinha a menor ideia da sua aparência pessoal ou vestuário; nem, como se pode supor, lhe fora alguma vez sugerido que alguém morrera, dois anos antes, no quarto em que dormia.

A história deriva muito do seu valor da maneira calma e desapaixonada como a testemunha parece ter observado a sucessão de fenómenos e dos detalhes exatos que, em consequência, pôde fornecer. É notável, também, tanto pelas influências elétricas que precederam a aparição, como por conta da correspondência entre a aparição ao barão no seu estado de vigília e a vista subsequentemente em sonho; a primeira reconheível por um único sentido — o da visão —, a segunda apelando (embora apenas em visão noturna) também à audição.

As coincidências quanto às peculiaridades pessoais e detalhes de vestuário são demasiado numerosas e minuciosamente exatas para serem fortuitas, adotemos nós que teoria adotarmos para explicação.

## O Relato do Professor de Konigsberg

Esta série de narrativas estaria incompleta sem alguns exemplos daquelas histórias de cariz trágico, que parecem sugerir que os atos vis cometidos neste mundo podem chamar de volta o criminoso, ou a vítima, de outro mundo.

Um exemplo muito extraordinário de tais histórias é dado nas memórias de Sir Nathaniel Wraxall, um homem de alguma distinção no seu tempo e, de 1780 a 1794, membro do Parlamento Britânico. Foi relatada a Sir Nathaniel, aquando de uma visita a Dresden, pelo Conde de Felkesheim. Dele diz Wraxall: «Era um cavalheiro livónio, estabelecido na Saxónia; de uma inteligência muito aperfeiçoada, igualmente superior à credulidade como à superstição.» A conversa ocorreu em outubro de 1778.

Após aludir à célebre exibição, por Schrepfer, da aparição do Cavaleiro de Saxe, e expressar a sua opinião de que «embora não pudesse pretender explicar por que processo ou maquinaria aquele negócio foi conduzido, todavia sempre considerara Schrepfer como um impostor astuto», o conde prosseguiu dizendo que não era tão decididamente cético quanto à possibilidade de aparições ao ponto de as tratar com ridículo ou de as classificar como antifilosóficas. Educado na Universidade de Konigsberg, assistira às aulas de ética e filosofia moral de um certo professor local, um homem muito superior, mas que, embora fosse eclesiástico, era suspeito de opiniões peculiares sobre assuntos religiosos.

Com efeito, quando, durante o seu curso, o professor tocou na doutrina de um estado futuro, a sua linguagem traiu um embaraço tão visível que o conde, com a curiosidade despertada, aventurou-se a abordar privadamente o assunto com o seu mestre, suplicando-lhe que dissesse se tinha guardado algo que lhe pesasse na mente. A resposta do professor foi corporizada na seguinte estranha história.

«A hesitação que notou», disse ele, «resultou do conflito que ocorre dentro de mim quando tento transmitir as minhas ideias sobre um assunto onde o meu entendimento está em desacordo com o testemunho dos meus sentidos. Estou, igualmente por razão e reflexão, disposto a considerar com incredulidade e desprezo a existência de aparições. Mas uma visão que presenciei com os meus próprios olhos, tanto quanto neles ou em qualquer uma das perceções se pode confiar, e que até recebeu uma espécie de confirmação subsequente de outras circunstâncias ligadas aos factos originais, deixa-me nesse estado de ceticismo e suspense que permeou o meu discurso. Comunicar-lhe-ei a sua causa.

«Tendo sido educado para a profissão da Igreja, fui apresentado por Frederico Guilherme I, falecido Rei da Prússia, para um pequeno benefício, situado no interior do país, a uma distância considerável a sul de Konigsberg. Dirigi-me para lá a fim de tomar posse do meu lugar e encontrei uma casa

paroquial asseada, onde passei a noite num quarto de dormir que tinha sido ocupado pelo meu predecessor.

«Estávamos nos dias mais longos do verão; e na manhã seguinte, que era domingo, enquanto jazia acordado, estando as cortinas da cama abertas e sendo pleno dia, avistei a figura de um homem, trajado com uma túnica solta, de pé junto a uma espécie de estante de leitura, sobre a qual repousava um livro grande, cujas folhas ele parecia folhear a intervalos. De cada lado dele estava um rapazinho, para cujos rostos ele olhava fervorosamente de tempos a tempos; e, enquanto olhava, parecia soltar sempre um suspiro profundo. O seu semblante, pálido e desconsolado, indicava algum sofrimento mental.

«Tive a visão mais perfeita destes objetos; mas, estando impressionado com demasiado terror e apreensão para me levantar ou para me dirigir às aparições diante de mim, permaneci por alguns minutos como espectador ofegante e silencioso, sem proferir uma palavra ou alterar a minha posição. Finalmente o homem fechou o livro e depois, tomando as duas crianças, uma em cada mão, conduziu-as lentamente através do quarto. Os meus olhos seguiram-no ansiosamente até as três figuras desaparecerem gradualmente, ou se perderem, atrás de um fogão de ferro que estava no canto mais distante do aposento.

«Por mais profunda e terrivelmente que eu estivesse afetado pela visão que presenciara, e por mais incapaz que fosse de a explicar para minha própria satisfação, recuperei suficientemente a posse da minha mente para me levantar; e, tendo-me vestido apressadamente, saí de casa. O sol já nascera há muito; e, dirigindo os meus passos para a igreja, descobri que estava aberta, embora o sacristão tivesse saído. Ao entrar na capela-mor, a minha mente e imaginação estavam tão fortemente impressionadas pela cena que passara recentemente, que tentei dissipar a recordação considerando os objetos ao meu redor.

«Em quase todas as igrejas luteranas dos domínios prussianos é costume pendurar nas paredes, ou em alguma parte do edifício, os retratos dos sucessivos pastores ou clérigos que detiveram o benefício. Uma série destas pinturas, rudemente executadas, estava suspensa numa das alas. Mas mal fixei os meus olhos na última da fila, que era o retrato do meu predecessor imediato, do que ficaram magnetizados no objeto; pois reconheci instantaneamente o mesmo rosto que contemplara no meu quarto de dormir, embora não anuviado pela mesma impressão profunda de melancolia e angústia.

«O sacristão entrou enquanto eu ainda contemplava esta cabeça interessante, e comecei imediatamente uma conversa com ele sobre o assunto das pessoas que me tinham precedido no cargo. Ele lembrava-se de vários titulares,

sobre os quais, respetivamente, fiz várias perguntas, até concluir pelo último, relativamente a cuja história eu estava particularmente curioso.

«"Considerávamo-lo", disse o sacristão, "como um dos homens mais doutos e amáveis que alguma vez residiram entre nós. O seu caráter e benevolência tornaram-no querido por todos os seus paroquianos, que por muito tempo lamentarão a sua perda. Mas ele foi levado a meio dos seus dias por uma doença prolongada, cuja causa deu origem a muitos relatos desagradáveis entre nós, e que ainda formam matéria de conjetura. É, no entanto, comummente acreditado que morreu de coração partido."

«Com a minha curiosidade ainda mais calorosamente excitada pela menção desta circunstância, pressionei-o ansiosamente a revelar-me tudo o que sabia, ou ouvira dizer, sobre o assunto.

«"Nada a esse respeito", respondeu ele, "é absolutamente conhecido; mas o escândalo propagou uma história de ele ter formado uma ligação criminosa com uma jovem da vizinhança, de quem, afirmava-se mesmo, tivera dois filhos. Como confirmação do relato, sei que certamente houve duas crianças que foram vistas na casa paroquial — rapazes, de cerca de quatro ou cinco anos; mas desapareceram subitamente algum tempo antes do falecimento do seu suposto pai; embora para que lugar foram enviados, ou o que é feito deles, ignoremos totalmente. É igualmente certo que as suspeitas e opiniões desfavoráveis formadas a respeito deste negócio misterioso, que devem necessariamente ter chegado até ele, precipitaram, se não produziram, a doença de que o nosso falecido pastor morreu: mas ele partiu para o seu ajuste de contas, e somos obrigados a pensar caridosamente dos que partiram."

«É desnecessário dizer com que emoção escutei este relato, que evocava à minha imaginação, e parecia dar prova da existência de, tudo o que eu vira. Contudo, não querendo permitir que a minha mente se tornasse escrava de fantasmas que poderiam ter sido efeito de erro ou engano, nem comuniquei ao sacristão as circunstâncias que presenciara, nem sequer me permiti abandonar o quarto onde tal ocorrera. Continuei a alojar-me ali, sem nunca presenciar qualquer aparição semelhante; e a própria recordação começou a desgastar-se à medida que o outono avançava.

«Quando a aproximação do inverno tornou necessário acender fogos por toda a casa, ordenei que o fogão de ferro que estava no quarto, e atrás do qual a figura que eu contemplara, juntamente com os dois rapazes, parecera desaparecer, fosse aquecido, com o propósito de aquecer o aposento. Alguma dificuldade foi sentida ao fazer a tentativa, com o fogão não só a deitar fumo intoleravelmente, mas a emitir um cheiro ofensivo.»

Tendo, por isso, mandado vir um ferreiro para a inspecionar e reparar, este descobriu, no interior, na extremidade mais distante, os ossos de dois pequenos corpos humanos, correspondendo em tamanho à descrição que me fora dada pelo sacristão sobre os dois rapazes que tinham sido vistos na casa paroquial.

«Esta última circunstância completou o meu espanto e pareceu conferir uma espécie de realidade a uma visão que, de outro modo, poderia ter sido considerada como uma ilusão dos sentidos. Renunciei ao benefício, deixei o lugar e retirei-me para Konigsberg; mas tal facto produziu na minha mente a mais profunda impressão e, no seu efeito, deu origem àquela incerteza e contradição de sentimento que notou no meu último discurso.»*

Wraxall acrescenta: «Tal era a história do Conde Felkesheim, a qual, pela sua singularidade, me pareceu merecedora de comemoração, independentemente do desprezo em que possamos ter anedotas semelhantes.»

Se se pode confiar nesta narrativa e nas sugestões que ela transmite, que vislumbre nos apresentam elas de uma espécie de punição futura, célere e inevitável! — inevitável enquanto a maldade inerir em atos perversos, a menos que a consciência morra com o corpo. Mas a consciência é um atributo do espírito imortal, não da estrutura perecível. E se, em boa verdade, do mundo além ela arrasta o malfeitor para a cena terrena dos seus crimes, quão falsa é a nossa frase quando, ao falar de um assassino que iludiu a justiça, dizemos que ele escapou ao castigo! O seu ato não morre. Mesmo que nenhum braço vingador de uma Divindade ofendida retribua o mal, o mal pode retribuir-se a si mesmo. Mesmo no caso de algum criminoso endurecido, quando a alma, embotada por uma negligência obstinada durante a sua ligação com uma organização física obtusa e degradada, permanece imune, enquanto a vida dura, às picadas da consciência, a morte, removendo a casca dura, pode expor à sensibilidade e ao sofrimento o espírito libertado.

Existem indícios, contudo, algo semelhantes em caráter geral aos acima expostos, que parecem ensinar-nos que, mesmo no próximo mundo, o arrependimento, pela sua influência regeneradora, pode mudar gradualmente o caráter e a condição do criminoso; e não serei dissuadido de apresentar um exemplo, como ilustração, pelo medo de ser acusado de tendências católicas romanas. O ecletismo é a verdadeira filosofia.

O exemplo a que me refiro é um aduzido e afiançado pelo Dr. Kerner, e do qual, em parte, ele pôde testemunhar por observação pessoal. É a história da mesma aparição, já brevemente mencionada*, como aquela cuja manifestação a Madame Hauffe era uniformemente anunciada por batidas, ou pancadas, audíveis por todos. Intitulo-a:

## OS OSSOS DA CRIANÇA ENCONTRADOS

A aparição apresentou-se pela primeira vez a Madame Hauffe durante o inverno de 1824-25, uma manhã às nove horas, enquanto ela estava nas suas devoções. Era a de um homem moreno, de pequena estatura, a cabeça algo caída, o semblante enrugado como pela idade, vestido com um hábito escuro de monge. Olhou fixamente para ela, em silêncio. Ela experimentou uma sensação de calafrio ao retribuir o olhar e saiu apressadamente da sala.

No dia seguinte, e quase diariamente durante um ano inteiro, a figura regressou, aparecendo habitualmente às sete horas da noite, que era a hora habitual de oração de Madame Hauffe. Na sua segunda aparição, falou-lhe, dizendo que viera ter com ela em busca de conforto e instrução. «Trate-me como uma criança», disse ele, «e ensine-me religião.» Com especial súplica, rogou-lhe que rezasse com ele. Subsequentemente, confessou-lhe que tinha o fardo de um assassinato e de outros pecados graves sobre a sua alma; que tinha vagueado inquieto por longos anos e que nunca fora capaz de se entregar à oração.

Ela acedeu ao seu pedido; e de tempos a tempos, ao longo do longo período em que ele continuou a aparecer-lhe, instruiu-o em assuntos religiosos, e ele juntava-se a ela nas suas devoções.

Certa noite, à hora habitual, apareceu com ele a figura de uma mulher, alta e magra, carregando nos braços uma criança que parecia ter acabado de morrer. Ela ajoelhou-se com ele e rezou também. Esta figura feminina já aparecera uma vez antes à vidente; e a sua vinda era habitualmente precedida por sons semelhantes aos obtidos de um triângulo de aço.

Por vezes, ela via a figura do homem durante os seus passeios ao ar livre. Parecia deslizar diante dela. Numa ocasião, ela fora fazer uma visita a Gronau com os seus pais e os seus irmãos e irmãs; e, antes de chegar a casa, o relógio bateu as sete. De repente, começou a correr; e quando eles se apressaram atrás dela para inquirir a causa, exclamou: «O espírito está a deslizar à frente e a pedir as minhas orações.» Enquanto passavam apressadamente, a família ouviu distintamente um bater, como de palmas, parecendo vir do ar diante deles; por vezes era uma batida como que nas paredes das casas pelas quais por acaso passavam. Quando chegaram a casa, um bater de palmas soou diante deles enquanto subiam as escadas. A vidente apressou-se para o seu quarto; e ali, como que de joelhos dobrados, o espírito rezou com ela como de costume.

Quanto mais tempo ela conversava com ele, e quanto mais frequentemente ele vinha para a oração, mais leve, alegre e amigável se tornava o seu semblante. Quando as suas devoções terminavam, ele costumava dizer: «Agora o sol nasce!» ou «Agora sinto o sol a brilhar dentro de mim!»

Um dia ela perguntou-lhe se ele conseguia ouvir outras pessoas falar tão bem como a ela. «Consigo ouvi-las através de si», foi a sua resposta. «Como assim?», inquiriu ela. E ele respondeu: «Porque quando ouve outros falar, pensa no que ouve; e eu consigo ler os seus pensamentos.»

Observou-se que, sempre que este espírito aparecia, um *terrier* preto que se mantinha na casa parecia ser sensível à sua presença; pois mal a figura era percetível para a vidente, o cão corria, como que em busca de proteção, para alguém presente, uivando muitas vezes alto; e após a sua primeira visão daquela, nunca mais quis permanecer sozinho à noite.

Uma noite, esta aparição apresentou-se a Madame Hauffe e disse: «Não virei ter consigo durante uma semana; pois o seu espírito guardião está ocupado noutro lugar. Algo importante está prestes a acontecer na sua família: terá notícias disso na próxima quarta-feira.»

Isto foi repetido por Madame Hauffe à sua família na manhã seguinte. Quarta-feira chegou, e com ela uma carta informando-os de que o avô da vidente, de cuja doença não tinham sequer sido previamente informados, morrera. A aparição não se mostrou novamente até ao fim da semana.

O «espírito guardião» mencionado pela aparição aparecia frequentemente à vidente, sob a forma da sua avó, a falecida esposa daquele que acabara de morrer, e alegava que era o espírito da sua avó e que a vigiava constantemente. Quando o espírito do assassino confesso reapareceu, após o intervalo de uma semana, ela perguntou-lhe por que razão o seu espírito guardião a abandonara nestes últimos dias. Ao que ele respondeu: «Porque ela estava ocupada junto ao leito de morte do recém-falecido.» Acrescentou: «Avancei tanto que vi o espírito do seu parente, logo após a sua morte, entrar num belo vale. Em breve me será permitido entrar lá também.»

A mãe de Madame Hauffe nunca viu a aparição, nem a sua irmã. Mas ambas, nas alturas em que o espírito aparecia à vidente, sentiam frequentemente a sensação de uma brisa a soprar sobre elas.

Um amigo da família, um certo guarda florestal chamado Boheim, não queria acreditar na aparição e desejou estar presente com Madame Hauffe à hora habitual em que ela vinha. Ele e ela estavam sozinhos na sala. Passados alguns minutos, ouviram as batidas habituais e, pouco depois, o som como de um corpo a cair. Entraram e encontraram Boheim desmaiado no chão. Quando recuperou, contou-lhes que, logo após as batidas começarem, formara-se, no canto contra a parede, uma nuvem cinzenta; que esta nuvem se aproximara gradualmente da vidente e dele próprio; e quando chegou bem perto, assumiu a forma humana. Estava entre ele e a porta, de modo a, aparentemente, barrar a saída. Tinha

voltado a si quando o auxílio chegou, e ficou espantado ao ver pessoas passarem através da figura sem parecerem notar.

Ao fim de cerca de um ano desde a altura da sua primeira aparição — a saber, na noite de 5 de janeiro de 1826 — o espírito disse à vidente: «Em breve a deixarei de vez.» E agradeceu-lhe todo o auxílio e instrução que ela lhe dera, e as suas orações. No dia seguinte (6 de janeiro, o dia em que o seu filho foi batizado), apareceu-lhe pela última vez. Uma criada que estava com a vidente no momento viu e ouviu (para seu espanto) a porta abrir-se e fechar-se; mas foi apenas a vidente que viu a aparição entrar; e nada disse à rapariga sobre o assunto.

Depois, no batizado, o pai de Madame Hauffe percebeu distintamente a mesma figura, com um aspeto brilhante e agradável. E indo logo em seguida para uma antecâmara, viu também a aparição da mulher alta, magra e melancólica, com a criança ao colo. Depois deste dia, nenhuma das figuras voltou a aparecer à vidente.

Mas o facto mais surpreendentemente corroborativo de todos resta por contar. Por instigação da vidente, cavaram, num local designado por ela, no pátio atrás da casa, perto da cozinha, e ali, a uma profundidade considerável, encontraram o esqueleto e outros restos de uma criança pequena.*

Uma narrativa única é prova insuficiente de uma teoria nova; e por muitos será considerada nova a teoria que assume que a esperança de melhoria não morre com o corpo, que além do túmulo, tal como deste lado, o progresso é o grande princípio regente, e que não só podemos ocasionalmente receber comunicações dos habitantes de outro mundo, mas, em certas circunstâncias, podemos por vezes transmitir-lhes conforto e instrução em troca.

Não encontro, porém, nem por analogia, na Escritura, ou em qualquer outro lugar, qualquer evidência presuntiva que vá no sentido de refutar tal hipótese.† A narrativa, tanto quanto alcança, sustenta-a. Tudo o que se pode dizer é que outras provas coincidentes são necessárias antes que se possa racionalmente alegar que obtivemos tal agregação de evidências que possa ser declarada conclusiva.

Não deixa de ser de conceder que a história de Kerner apresenta fortes marcas de autenticidade. A boa-fé do autor mal foi questionada, mesmo pelos seus oponentes. As suas oportunidades de observação foram quase sem precedente. «Visitei Madame Hauffe, como médico», diz-nos ele, «provavelmente três mil vezes. Frequentemente permanecia junto ao seu leito de doente horas de cada vez; conhecia o que a rodeava melhor do que ela própria; e tomei dores indizíveis para seguir cada rumor ou sugestão de artimanha, sem nunca detetar o mais pequeno vestígio de qualquer engano.»*

Deve-se notar, também, que neste exemplo existem muitas circunstâncias fortemente corroborativas, para além das perceções da vidente — as batidas e pancadas ouvidas por todos; a brisa fresca sentida pela sua mãe e irmã; o terror do cão; o cumprimento da profecia, comunicada antecipadamente à sua família, em ligação com a morte do avô. Acrescente-se a isto que a mesma aparição foi vista, em alturas diferentes, por três pessoas — por Madame Hauffe, pelo seu pai e pelo Sr. Boheim. Nomes, datas, lugares, cada incidente minucioso é fornecido. A narrativa foi publicada, no local, na época. Dezasseis anos mais tarde, aquando da publicação da quarta edição da sua obra, o Dr. Kerner reitera da maneira mais solene a sua convicção da sua verdade.

É em vão afirmar que deveríamos passar ao lado de tal testemunho como este. Nas duas narrativas precedentes, cujos incidentes parecem indicar o regresso do espírito do malfeitor à cena do seu ato perverso, o ato era um dos maiores crimes terrenos — o homicídio.

Mas podemos encontrar exemplos onde o motivo impulsionador do regresso parece ser uma mera falha do caráter mais trivial. Um deles é dado pelo Dr. Binns, na sua «Anatomia do Sono». Foi comunicado pelo Rev. Charles McKay, um padre católico, então residente na Escócia, numa carta dirigida por ele à Condessa de Shrewsbury, datada de Perth, 21 de outubro de 1842. Esta carta foi comunicada pelo conde ao Dr. Binns, que a publica na íntegra, acrescentando que «talvez não haja caso melhor autenticado em registo». Extraio-a da carta, como se segue:

## A DÍVIDA DE TRÊS XELINS E DEZ PENCE

«Em julho de 1838, deixei Edimburgo para assumir o cargo das missões de Rothshire. À minha chegada a Perth, a estação principal, fui visitado por uma mulher presbiteriana (de nome Anne Simpson) que, por mais de uma semana, estivera na maior ansiedade para ver um padre. Ao perguntar-lhe o que pretendia comigo, ela respondeu: “Oh, senhor, tenho estado terrivelmente perturbada durante várias noites por uma pessoa que me aparece durante a noite.” “É católica, minha boa senhora?” “Não, senhor: sou presbiteriana.” “Então, porque vem ter comigo?

Eu sou um padre católico.” “Mas, senhor, ela (referindo-se à pessoa que lhe tinha aparecido) pediu-me para ir ao padre, e tenho andado à procura de um padre durante a última semana.” “Porque é que ela queria que fosse ao padre?” “Ela disse que devia uma quantia em dinheiro e que o padre a pagaria.” “Qual era a quantia de dinheiro que ela devia?” “Três xelins e dez pence, senhor.” “A quem é que ela devia?” “Não sei, senhor.” “Tem a certeza de que não tem estado a

sonhar?" "Oh, Deus lhe perdoe! Pois ela aparece-me todas as noites. Não consigo descansar." "Conhecia a mulher que diz que lhe aparece?" "Eu estava mal alojada, senhor, perto do quartel, e muitas vezes a via e falava com ela enquanto ela entrava e saía do quartel; e ela chamava-se Maloy."

Fiz averiguações e descobri que uma mulher com esse nome tinha morrido, a qual tinha trabalhado como lavadeira e seguia o regimento. Prosseguindo com a investigação, encontrei um merceeiro com quem ela negociava e, ao perguntar-lhe se uma pessoa, uma mulher chamada Maloy, lhe devia alguma coisa, ele consultou os seus livros e disse-me que ela lhe devia, de facto, três xelins e dez pence. Paguei a quantia. O merceeiro nada sabia da morte dela, nem, na verdade, do seu caráter, a não ser que ela estava ligada ao quartel. Posteriormente, a mulher presbiteriana veio ter comigo, dizendo que não fora mais perturbada.»*

Não é uma suposição plausível, neste caso, que por uma quantia tão ínfima um comerciante se concertasse com uma velha (ela tinha mais de setenta anos de idade) para inventar uma história de uma aparição e abusar da bondade e credulidade de um padre. Se tivesse sido tal artimanha, também não é suponível que a mulher não tivesse mencionado o nome do merceeiro, mas que tivesse deixado o reverendo cavalheiro a tatear em busca do credor como melhor pudesse.

Se tudo foi relatado de boa-fé, o indício parece ser que o caráter humano pode ser muito pouco alterado pela mudança da morte — preservando por vezes, noutro estado de existência, não apenas recordações insignificantes, mas cuidados triviais.

Algumas narrativas parecem favorecer a suposição de que não apenas o criminoso, mas a vítima do seu crime, pode, por vezes, ser atraída em espírito à cena terrena do sofrimento. A história de Hydesville pode ter sido um exemplo disto.

Enquanto estive em Paris, na primavera de 1859, obtive o que parece ser outro caso. A narrativa foi-me comunicada por um clérigo da Igreja de Inglaterra, o Rev. Dr. ———, Capelão da Legação Britânica em ———. Tendo ouvido algo da história através de um irmão clérigo, pedi, por carta, que me fosse concedida a mesma, declarando, em termos gerais, o propósito do meu trabalho. O pedido foi gentilmente atendido e produziu uma contribuição interessante para este ramo do assunto.

## AS MANCHAS DE SANGUE

«No ano de 185-, eu estava hospedado com a minha mulher e filhos na estância termal favorita de ———. A fim de tratar de alguns assuntos meus,

determinei deixar a minha família ali por três ou quatro dias. Consequentemente, no dia — de agosto, apanhei o comboio e cheguei nessa noite, como hóspede inesperado, a ——— Hall, a residência de um cavalheiro com quem fizera amizade recentemente e com quem a minha irmã estava então hospedada.

Cheguei tarde, fui para a cama pouco depois e, em breve, adormeci. Acordando passadas três ou quatro horas, não fiquei surpreendido por descobrir que não conseguia dormir mais; pois nunca descanso bem numa cama estranha. Depois de tentar, portanto, em vão induzir novamente o sono, comecei a organizar os meus planos para o dia.

Estava ocupado desta forma há algum tempo quando me tornei subitamente consciente de que havia uma luz no quarto. Voltando-me, percebi distintamente uma figura feminina; e o que atraiu a minha atenção especial foi que a luz pela qual a via emanava de si própria. Observei a figura atentamente. As feições não eram percetíveis. Depois de se mover uma curta distância, desapareceu tão subitamente como tinha aparecido.

Os meus primeiros pensamentos foram de que se tratava de algum truque. Saí imediatamente da cama, acendi uma luz e descobri que a porta do meu quarto ainda estava trancada. Examinei então cuidadosamente as paredes, para verificar se existia qualquer outro meio oculto de entrada ou saída; mas não consegui encontrar nenhum. Abri as cortinas e as portadas; mas lá fora tudo estava silencioso e escuro, não havendo luz do luar.

Depois de examinar bem o quarto em todas as partes, voltei para a cama e refleti calmamente sobre todo o assunto. A impressão final na minha mente foi de que tinha visto algo sobrenatural e, se sobrenatural, que estava de alguma forma ligado à minha mulher. O que era a aparição? O que significava? Teria ela aparecido se eu estivesse a dormir em vez de acordado? Estas eram perguntas muito fáceis de fazer e muito difíceis de responder.

Mesmo que a porta do meu quarto estivesse destrancada, ou se houvesse uma entrada oculta para o quarto, uma partida estava fora de questão. Pois, em primeiro lugar, eu não tinha termos de tamanha intimidade com o meu anfitrião que justificassem tal liberdade; e, em segundo lugar, mesmo que ele estivesse inclinado a sancionar um procedimento tão questionável, encontrava-se demasiado doente na altura para me permitir entreter tal suposição por um momento.

Passei o resto da noite em dúvida e incerteza; e de manhã, descendo cedo, contei imediatamente à minha irmã o que tinha ocorrido, descrevendo-lhe com precisão tudo o que estava ligado à aparição que presenciara. Ela pareceu muito impressionada com o que lhe contei e respondeu: “É muito estranho; pois já deve

ter ouvido dizer, decerto, que uma senhora foi, há alguns anos, assassinada nesta casa; mas não foi no quarto em que dormiu." Respondi que nunca ouvira nada do género e estava a começar a fazer mais perguntas sobre o assassinato quando fui interrompido pela entrada do nosso anfitrião e anfitriã, e depois pelo pequeno-almoço.

Após o pequeno-almoço, parti, sem ter tido qualquer oportunidade de retomar a conversa. Mas todo o assunto tinha causado em mim uma impressão que procurei em vão afastar. A figura feminina estava sempre presente no olho da minha mente e tornei-me inquieto e ansioso pela minha mulher. "Poderia estar de alguma forma ligada a ela?" era o meu pensamento constante. Isto pesou tanto na minha mente que, em vez de tratar dos negócios para cujo propósito expresso deixara a minha família, regressei para junto deles no primeiro comboio; e foi apenas quando vi a minha mulher e filhos de boa saúde, e tudo seguro e bem na minha casa, que me senti satisfeito por, qualquer que tivesse sido a natureza da aparição, ela não estar ligada a qualquer mal para eles.

Na quarta-feira seguinte, recebi uma carta da minha irmã, na qual ela me informava que, desde que eu partira, tinha verificado que o assassinato fora cometido no mesmíssimo quarto em que eu dormira. Acrescentou que pretendia visitar-nos no dia seguinte e que gostaria que eu escrevesse um relato do que tinha visto, juntamente com uma planta do quarto, e que nessa planta ela desejava que eu marcasse o local da aparição e do desaparecimento da figura.

Fiz isto imediatamente; e no dia seguinte, quando a minha irmã chegou, perguntou-me se eu tinha atendido ao seu pedido. Respondi, apontando para a mesa da sala de estar: "Sim: ali está o relato e a planta." Quando ela se levantou para a examinar, impedi-a, dizendo: "Não olhes para ela até me teres contado tudo o que tens a dizer, porque poderias involuntariamente colorir a tua história pelo que possas ler ali."

Nisso, ela informou-me que tinha mandado levantar o tapete no quarto que eu ocupara, e que as marcas de sangue da pessoa assassinada estavam lá, claramente visíveis, numa parte específica do chão. A meu pedido, ela desenhou também então uma planta do quarto e marcou nela os pontos que ainda ostentavam vestígios de sangue.

As duas plantas — a da minha irmã e a minha — foram então comparadas, e verificámos o facto mais notável: que os locais que ela tinha marcado como o início e o fim dos vestígios de sangue coincidiam exatamente com os pontos marcados na minha planta como aqueles em que a figura feminina aparecera e desaparecera.

Sou incapaz de acrescentar o que quer que seja a esta simples exposição de factos. Não consigo explicar, de forma alguma, o que vi. Estou convencido de que nenhum ser humano entrou no meu quarto naquela noite; no entanto, sei que, estando bem acordado e de boa saúde, vi distintamente uma figura feminina no meu quarto. Mas se, como devo acreditar, foi uma aparição sobrenatural, então sou incapaz de sugerir qualquer razão para que ela me devesse ter aparecido. Não sei dizer se, se eu não estivesse no quarto, ou se estivesse a dormir na altura, essa figura teria estado lá da mesma forma. Tal como aconteceu, não pareceu ligada a qualquer aviso ou presságio. Nenhum infortúnio de qualquer espécie aconteceu então, ou desde então, a mim ou aos meus. É verdade que o anfitrião, em cuja casa eu estava hospedado quando este incidente ocorreu, e também um dos seus filhos, morreram alguns meses depois; mas não posso pretender estabelecer qualquer ligação entre qualquer uma dessas mortes e a aparição que presenciei. O *cui bono*, portanto, não tento explicar. Mas aquilo que vi distintamente, isso, e apenas isso, eu descrevo.»*

Neste caso, a narrativa dá testemunho de precisão e de uma frieza desapaixonada no observador. É também um daqueles exemplos que dão apoio à opinião de que tais fenómenos por vezes se apresentam sem qualquer propósito especial, tanto quanto possamos descobrir. Além disso, é evidente que foram tomadas precauções suficientes para evitar a possibilidade de a sugestão se tornar a causa da coincidência entre as duas plantas do quarto — a executada pelo irmão e a desenhada depois pela irmã. Foram, claramente, elaboradas de forma totalmente independente uma da outra. E, sendo assim, a que podemos atribuir a coincidência que exibiram? Evidentemente, não ao acaso.

Nos casos precedentes, a atração pela terra parece ter sido de natureza dolorosa. Mas um motivo mais frequente e influente parece ser aquele grande princípio do amor humano que, mesmo neste mundo, por mais frio que seja, é o mais poderoso incentivo à virtude, e que noutro mundo afirmará, sem dúvida, de forma muito mais suprema o seu domínio genial. Pode ser a afeição de parentesco remoto, aparentemente demonstrada por algum antepassado, ou o amor mais forte de irmão para irmã, de pai para filho, de marido para mulher. Deste último, um exemplo será encontrado na seguinte narrativa, pela qual estou grato à gentileza de amigos de Londres; e embora, de acordo com os desejos da família, alguns dos nomes apareçam apenas com as iniciais, são todos conhecidos por mim. Da boa-fé dos narradores não pode haver dúvida.

## O CATORZE DE NOVEMBRO

No mês de setembro de 1857, o Capitão G——— W———, da 6.ª Guarda de Dragões, partiu para a Índia para se juntar ao seu regimento. A sua mulher

permaneceu em Inglaterra, residindo em Cambridge. Na noite entre o 14 e o 15 de novembro de 1857, já perto da manhã, ela sonhou que via o seu marido, com um aspeto ansioso e doente — após o que acordou imediatamente, muito agitada. Estava um luar brilhante; e, olhando para cima, percebeu a mesma figura de pé junto à sua cabeceira. Ele apareceu com o seu uniforme, as mãos pressionadas sobre o peito, o cabelo desalinhado, o rosto muito pálido.

Os seus grandes olhos escuros estavam fixos nela; a expressão era de grande excitação e havia uma contração peculiar da boca, habitual nele quando agitado. Ela viu-o, até cada detalhe minucioso do seu vestuário, tão distintamente como alguma vez o fizera em vida; e lembra-se de ter notado entre as mãos o branco do peito da camisa, sem manchas, no entanto, de sangue. A figura pareceu inclinar-se para a frente, como que com dores, e fazer um esforço para falar; mas não houve som. Permaneceu visível, pensa a esposa, durante cerca de um minuto, e depois desapareceu.

A sua primeira ideia foi verificar se estava realmente acordada. Esfregou os olhos com o lençol e sentiu que o toque era real. O seu sobrinho pequeno estava na cama com ela: inclinou-se sobre a criança adormecida e ouviu a sua respiração; o som era distinto; e ela ficou convencida de que o que vira não fora um sonho. Escusa de se dizer que ela não voltou a dormir naquela noite.

Na manhã seguinte, relatou tudo isto à sua mãe, expressando a sua convicção, embora não tivesse notado marcas de sangue no vestuário dele, de que o Capitão W——— fora morto ou gravemente ferido. Tão impressionada ficou com a realidade daquela aparição que, a partir de então, recusou todos os convites. Uma jovem amiga instou-a, pouco tempo depois, a ir com ela a um concerto da moda, lembrando-lhe que ela tinha recebido de Malta, enviada pelo marido, uma bela capa de gala, que ainda nunca usara. Mas ela recusou categoricamente, declarando que, na incerteza de já ser ou não viúva, nunca entraria num local de diversão até ter cartas do seu marido (se é que ele ainda vivia) com data posterior a 14 de novembro.

Foi numa terça-feira, no mês de dezembro de 1857, que o telegrama relativo ao destino real do Capitão W——— foi publicado em Londres. Dizia que ele fora morto diante de Lucknow no dia quinze de novembro. Esta notícia, dada no jornal da manhã, atraiu a atenção do Sr. Wilkinson, um advogado de Londres, que tinha a seu cargo os assuntos do Capitão W———. Quando, mais tarde, este cavalheiro se encontrou com a viúva, ela informou-o de que estivera perfeitamente preparada para a notícia melancólica, mas que tinha a certeza de que o seu marido não poderia ter sido morto a 15 de novembro, uma vez que fora durante a noite entre 14 e 15 que ele lhe aparecera.*

** «Memórias Históricas do Meu Próprio Tempo», por Sir N. William Wraxall, Bart., Londres, 1815, pp. 218 a 226.*

** Ver Livro III, cap. 2, «The Seeress of Prevorst». As circunstâncias, como já referido, ocorreram perto de Lowenstein, no reino de Wurtemberg. O Dr. Kerner, a vidente e a sua família eram protestantes.*

** «Die Seherin von Prevorst», por Justinus Kerner, 4.ª edição, Estugarda e Tubinga, 1846, pp. 367 a 374.*

*† Num capítulo posterior (sobre a Mudança na Morte), terei ocasião de falar da doutrina — vagamente concebida pelos antigos, adotada de forma algo mais definida pelos judeus e universalmente recebida pelos primeiros cristãos — do que é comummente chamado um estado mediato após a morte; um estado onde a instrução pode ainda ser recebida, onde o arrependimento pode ainda fazer o seu trabalho e onde os erros da presente vida podem ser corrigidos numa vida futura. Vários dos primeiros Padres da Igreja defendiam a opinião de que o evangelho foi pregado, tanto por Cristo como pelos seus apóstolos, tanto aos mortos como aos vivos: entre eles, Orígenes e Clemente de Alexandria. Este último exclama: «O quê! Não manifestam as Escrituras que o Senhor pregou o evangelho àqueles que pereceram no dilúvio, ou antes àqueles que tinham sido acorrentados, e aos que estavam na prisão e sob custódia? Foi-me mostrado que os apóstolos, em imitação do Senhor, pregaram o evangelho àqueles no Hades.» — Citado por Sears, «Foregleams of Immortality», p. 264.*

** «Seherin von Prevorst», p. 324. A obra completa compensará bem uma leitura cuidadosa.*

** «Anatomy of Sleep», por Edward Binns, M.D., pp. 462, 463.*

** Comunicado a mim, com data de 25 de abril de 1859, numa carta do Rev. Dr., que me informa que o relato está nas mesmíssimas palavras, tanto quanto a sua memória permite, em que o narrador, seu irmão, lho repetiu. Embora não tenha liberdade para imprimir o nome do reverendo cavalheiro, ele permitiu-me fornecê-lo privadamente em qualquer caso em que isso possa servir a causa para cujo avanço estas páginas foram escritas.*

---

O certificado do Ministério da Guerra, no entanto, que o Sr. Wilkinson teve o dever de obter, confirmou a data fornecida no telegrama; o seu teor era o seguinte:—

* Sendo a diferença de longitude entre Londres e Lucknow de cerca de cinco horas, três ou quatro horas da manhã em Londres seriam oito ou nove horas da manhã em Lucknow. Mas foi à tarde, e não de manhã, como se verá na sequência, que o Capitão W foi morto. Tivesse ele caído no dia 15, portanto, a aparição à sua esposa teria ocorrido várias horas antes do combate em que tombou, e enquanto ele estava ainda vivo e de boa saúde.

**«N.º 9579**

1

Ministério da Guerra, 20 de janeiro de 1858.

Certifica-se por este meio que consta, nos registos deste departamento, que o Capitão G W, da 6.ª Guarda de Dragões, foi morto em combate no dia 15 de novembro de 1857. (Assinado) "B. Hawes."»

Enquanto a mente do Sr. Wilkinson permanecia na incerteza quanto à data exata, ocorreu um incidente notável, que pareceu lançar mais suspeitas sobre a exatidão do telegrama e do certificado. Esse cavalheiro visitava um amigo, cuja esposa teve toda a vida a perceção de aparições, enquanto o marido é o que habitualmente se chama um médium impressionável; factos que são conhecidos, contudo, apenas pelos seus amigos íntimos. Embora pessoalmente familiarizado com eles, não tenho liberdade para dar os seus nomes. Chamemos-lhes Sr. e Sra. N.

O Sr. Wilkinson relatou-lhes, como uma circunstância maravilhosa, a visão da viúva do capitão em ligação com a sua morte, e descreveu a figura tal como lhe tinha aparecido. A Sra. N, voltando-se para o marido, disse instantaneamente: «Essa deve ser a mesmíssima pessoa que eu vi, na noite em que falávamos da Índia e tu desenhaste um elefante com um *howdah* às costas. O Sr. Wilkinson descreveu a sua posição e aparência exatas; o uniforme de um oficial britânico, as mãos pressionadas sobre o peito, a forma inclinada para a frente como que com dores. A figura», acrescentou ela ao Sr. W, «apareceu mesmo atrás do meu marido e parecia olhar por cima do seu ombro esquerdo.»

«Tentaram obter alguma comunicação dele?», perguntou o Sr. Wilkinson. «Sim: conseguimos uma através da mediunidade do meu marido.» «Lembra-se do seu teor?» «Era no sentido de que ele tinha sido morto na Índia naquela tarde, por um ferimento no peito; e acrescentando, como me lembro distintamente, "Aquela coisa em que eu costumava andar ainda não está enterrada". Notei

particularmente a expressão.» «Quando é que isto aconteceu?» «Por volta das nove horas da noite, há várias semanas; mas não me recordo da data exata.» «Não consegue trazer à memória algo que lhe permita fixar o dia preciso?»

A Sra. N refletiu. «Não me lembro de nada», disse ela, por fim, «exceto que, enquanto o meu marido desenhava e eu falava com uma amiga que nos viera visitar, fomos interrompidos por um criado que trouxe uma conta de vinagre alemão e que, como eu o recomendei por ser superior ao inglês, mandámos vir uma garrafa para inspeção.» «Pagou a conta na altura?» «Sim: mandei o dinheiro pelo criado.» «A conta estava recibada?» «Creio que sim; mas tenho-a lá em cima e posso verificar em breve.»

A Sra. N apresentou a conta. O seu recibo ostentava a data de catorze de novembro!

Esta confirmação da convicção da viúva quanto ao dia da morte do marido produziu tamanha impressão no Sr. Wilkinson que ele se dirigiu ao escritório dos Srs. Cox & Greenwood, os agentes do exército, para verificar se não haveria erro no certificado. Mas nada ali pareceu confirmar qualquer suspeita de inexatidão. A morte do Capitão W era mencionada em dois despachos separados de Sir Colin Campbell; e em ambos a data correspondia à fornecida no telegrama.

Assim ficaram as coisas até que, no mês de março de 1858, a família do Capitão W recebeu do Capitão G C, então do Comboio Militar, uma carta datada das proximidades de Lucknow, a 19 de dezembro de 1857. Esta carta informava-os de que o Capitão W fora morto diante de Lucknow, enquanto liderava galhardamente o esquadrão, não no dia 15 de novembro, como relatado nos despachos de Sir Colin Campbell, mas no dia catorze, à tarde. O Capitão C cavalgava bem ao seu lado na altura em que o viu cair. Foi atingido por um fragmento de granada no peito e nunca mais falou depois de ser atingido. Foi enterrado em Dilkoosha; e numa cruz de madeira erguida pelo seu amigo, o Tenente E, do 9.º de Lanceiros, à cabeceira da sua sepultura, estão gravadas as iniciais G. W. e a data da sua morte, 14 de novembro de 1857.*

O Ministério da Guerra acabou por fazer a correção quanto à data da morte, mas apenas mais de um ano após o evento ter ocorrido. O Sr. Wilkinson, tendo necessidade de solicitar uma cópia adicional do certificado em abril de 1859, encontrou-o exatamente com as mesmas palavras que o que eu transcrevi, apenas com a substituição do dia 15 de novembro pelo dia 14.†

Esta narrativa extraordinária foi obtida por mim diretamente das próprias partes interessadas. A viúva do Capitão W consentiu gentilmente em examinar e corrigir o manuscrito, e permitiu-me inspecionar uma cópia da carta do Capitão C, fornecendo os detalhes da morte do seu marido. Ao Sr. Wilkinson o

manuscrito também foi submetido, e ele assentiu à sua exatidão no que lhe diz respeito. A parte que se refere à Sra. N obtive-a da própria senhora. Não negligenciei, portanto, qualquer precaução para obter para o relato a garantia de autenticidade.

---

** Não era no seu próprio regimento, que estava então em Meerut, que o Capitão W servia na altura da sua morte. Imediatamente após chegar de Inglaterra a Cawnpore, oferecera os seus serviços ao Coronel Wilson, do 64.º. Foram inicialmente recusados, mas finalmente aceites; e ele juntou-se ao Comboio Militar, que partia então para Lucknow. Foi nas suas fileiras que ele tombou. † Os originais de ambos estes certificados estão na minha posse: o primeiro com data de 30 de janeiro de 1858, certificando, como já mostrado, o dia 15; o segundo datado de 5 de abril de 1859 e atestando o dia 14.*

---

É, talvez, o único exemplo registado onde a aparição do que habitualmente se designa por um fantasma serviu de meio para corrigir uma data errónea nos despachos de um comandante-em-chefe e para detetar uma inexatidão no certificado de um Ministério da Guerra.

É especialmente valioso, também, por fornecer um exemplo de uma dupla aparição. Nem se pode alegar (mesmo que a alegação tivesse peso) que o relato de uma senhora causou a aparição da mesma figura à outra. A Sra. W estava na altura em Cambridge e a Sra. N em Londres; e só semanas após a ocorrência é que uma soube o que a outra tinha visto.

Aqueles que explicariam tudo pelo princípio da coincidência fortuita têm de ter em conta um evento triplo: a aparição à Sra. N, aquela à Sra. W e o momento real da morte do Capitão W; cada um coincidindo exatamente com o outro.

Exemplos de aparições no momento da morte poderiam ser multiplicados sem conta. Muitas pessoas — especialmente na Alemanha — que não acreditam em qualquer outra espécie de aparição, admitem esta. *Anzeigen* é o termo alemão empregue para designar tal aviso vindo de quem acaba de morrer.

Forçado pela falta de espaço, encerrarei aqui a lista de narrativas ligadas a alegadas aparições de mortos, apresentando uma — certamente não a menos notável — uma parte das provas corroborativas da qual foram procuradas e obtidas por mim mesmo.

## O ANTIGO SOLAR DE KENT

Em outubro de 1857, e durante vários meses depois, a Sra. R,* esposa de um oficial de alta patente do exército britânico, residia no Solar de Ramhurst, perto de Leigh, em Kent, Inglaterra.

---

** As iniciais dos dois nomes aqui fornecidos não são as reais; mas tenho o prazer de conhecer pessoalmente ambas as senhoras.*

---

Desde o momento em que ocupou pela primeira vez esta antiga residência, todos os habitantes da casa foram mais ou menos perturbados à noite — não habitualmente durante o dia — por batidas e sons como que de passos, mas mais especialmente por vozes que não podiam ser explicadas. Estas últimas eram habitualmente ouvidas em algum quarto adjacente desocupado; por vezes como se falassem num tom alto, por vezes como se lessem em voz alta, ocasionalmente como se gritassem. Os criados estavam muito assustados. Nunca viam nada; mas a cozinheira contou à Sra. R que, numa ocasião, em pleno dia, ouvindo o restolhar de um vestido de seda mesmo atrás de si, e que pareceu tocá-la, voltou-se subitamente, supondo tratar-se da sua patroa, mas, para sua grande surpresa e terror, não viu ninguém.

O irmão da Sra. R, um jovem oficial audaz e alegre, entusiasta de desportos de campo e sem a mínima fé na realidade de visitas de outro mundo, ficava muito perturbado e irritado por estas vozes, que ele declarava deverem ser as da sua irmã e de uma amiga dela, sentadas a conversar toda a noite. Em duas ocasiões, quando uma voz que ele julgou assemelhar-se à da irmã se elevou num grito, como que implorando auxílio, ele correu do seu quarto, às duas ou três da manhã, de arma na mão, para o quarto da irmã, apenas para a encontrar tranquilamente a dormir.

No segundo sábado do referido mês de outubro, a Sra. R conduziu até à estação de comboios de Tunbridge para receber a sua amiga Miss S, a quem convidara para passar algumas semanas com ela. Esta jovem senhora tinha o hábito de ver aparições, por vezes, desde a primeira infância. Quando, no regresso, por volta das quatro horas da tarde, chegaram à entrada do solar, Miss S percebeu no limiar a aparência de duas figuras, aparentemente um casal de idosos, trajados com o vestuário de uma época anterior. Apareciam como que parados no chão. Ela não ouviu qualquer voz; e, não desejando deixar a amiga inquieta, não fez na altura qualquer comentário sobre esta aparição.

Viu a aparência das mesmas figuras, com o mesmo vestuário, várias vezes nos dez dias seguintes, por vezes num dos quartos da casa, por vezes num dos

corredores — sempre à luz do dia. Apareciam-lhe rodeados por uma atmosfera quase da cor habitualmente chamada tinta neutra (*neutral tint*).

À terceira vez falaram-lhe e declararam que tinham sido marido e mulher, que em tempos passados tinham possuído e ocupado aquele solar, e que o seu nome era Children. Pareciam tristes e desanimados; e, quando Miss S inquiriu a causa da sua melancolia, responderam que tinham idolatrado aquela propriedade; que o seu orgulho e prazer se centravam na sua posse; que o seu melhoramento absorvera os seus pensamentos; e que os perturbava saber que ela tinha passado para fora da sua família e vê-la agora nas mãos de estranhos descuidados.

Perguntei a Miss S como é que eles falavam. Ela respondeu que a voz era audível para si como a de um ser humano; e que acreditava que fora ouvida também por outros num quarto adjacente. Inferiu isto do facto de lhe terem perguntado mais tarde com quem estivera a conversar.*

Passada uma semana ou duas, a Sra. R, começando a suspeitar que algo invulgar, ligado às constantes perturbações na casa, ocorrera à sua amiga, questionou-a de perto sobre o assunto; e então Miss S relatou-lhe o que vira e ouvira, descrevendo a aparência e relatando a conversa das figuras que se chamavam a si mesmas Sr. e Sra. Children.

---

** Contudo, isto não é conclusivo. Poderá ter sido apenas a voz de Miss S a ser ouvida, e não qualquer resposta — embora ouvida por ela — dada pelas aparições. Visíveis para ela, eram invisíveis para os outros. Audíveis para ela, podem ter sido também inaudíveis para os outros. No entanto, é certo que as vozes à noite eram ouvidas igualmente por todos.*

---

Até essa altura, a Sra. R, embora o seu descanso tivesse sido frequentemente quebrado pelos ruídos na casa, e embora ela também tenha a perceção ocasional de aparições, nada vira; nem nada lhe apareceu durante um mês depois disso. Um dia, porém, por volta do fim desse tempo, quando já deixara de esperar qualquer aparição para si própria, estava a vestir-se apressadamente para um jantar tardio — tendo o seu irmão, que acabara de regressar de um dia de caça, chamado por ela em tons impacientes, dizendo que o jantar estava servido e que estava esfomeado.

No momento de concluir a sua *toilette*, e enquanto se voltava apressadamente para sair do quarto, sem sonhar com nada espiritual, ali, no vão da porta, estava a mesma figura feminina que Miss S descrevera — idêntica em aparência e em vestuário, até à antiga renda de bilros no seu vestido de seda

brocada — enquanto ao seu lado, à esquerda, mas menos distintamente visível, estava a figura do seu marido. Não proferiram qualquer som; mas por cima da figura da senhora, como que escritas em luz fosfórica na atmosfera crepuscular que a rodeava, estavam as palavras «*Dame Children*», juntamente com algumas outras palavras, sugerindo que, nunca tendo aspirado para além das alegrias e tristezas deste mundo, permanecera «presa à terra».

Estas últimas, porém, a Sra. R mal se deteve a decifrar; pois um novo apelo do seu irmão, perguntando se iam ter jantar naquele dia, impeliu-a para a frente. A figura, preenchendo o vão da porta, permanecia imóvel. Não houve tempo para hesitações: ela fechou os olhos, correu através da aparição e entrou na sala de jantar, erguendo as mãos e exclamando para Miss S: «Oh, minha querida, acabei de atravessar a Sra. Children!»

Esta foi a única vez, durante a sua residência no antigo solar, que a Sra. R testemunhou a aparição destas figuras. E é de notar que o seu quarto, na altura, estava iluminado não só por velas, mas por um fogo alegre, e que havia um candeeiro aceso no corredor que comunicava dali para a sala de jantar.

Esta repetição da palavra «Children» levou as senhoras a fazerem averiguações entre os criados e na vizinhança sobre se alguma família com esse nome alguma vez ocupara o solar. Entre aqueles que pensaram ser provável saberem algo sobre o assunto estava uma Sra. Sophy O, ama da família, que passara a vida naquela vizinhança. Mas todas as averiguações foram infrutíferas; todos a quem faziam a pergunta, incluindo a ama, declaravam nunca ter ouvido tal nome. Assim, perderam todas as esperanças de conseguir desvendar o mistério.

Aconteceu, porém, que, cerca de quatro meses mais tarde, esta ama, indo a casa para um feriado com a sua família em Riverhead, a cerca de uma milha de Seven Oaks, e recordando-se de que uma das suas cunhadas, que vivia perto dela, uma mulher idosa de setenta anos, fora, cinquenta anos antes, criada de uma família que residia então em Ramhurst, perguntou-lhe se alguma vez ouvira falar de uma família chamada Children. A cunhada respondeu que nenhuma família com esse nome ocupava o solar quando ela lá esteve; mas recordava-se de ter visto então um velho que lhe contara que, na sua juventude, ajudara a cuidar dos cães de caça da família Children, que residia então em Ramhurst. Esta informação a ama comunicou à Sra. R no seu regresso; e foi assim que aquela senhora foi informada, pela primeira vez, de que uma família chamada Children realmente ocupara outrora o solar.

Todos estes pormenores recebi-os em dezembro de 1858, diretamente das próprias senhoras, estando ambas juntas na altura.

Mesmo até este ponto, o caso, tal como se apresentava, era certamente muito notável. Mas resolvi, se possível, obter confirmação adicional sobre o assunto. Perguntei a Miss S se as aparições lhe tinham comunicado quaisquer pormenores adicionais ligados à família. Ela respondeu que se recordava de um que recebera deles na altura, a saber, que o nome do marido era Richard. Num período subsequente, obteve igualmente a data da morte de Richard Children, que, tal como lhe fora comunicada, era 1753. Recordava-se também de que, numa ocasião, um terceiro espírito apareceu com eles, o qual afirmaram ser o filho deles; mas ela não obteve o seu nome. Às minhas perguntas adicionais quanto aos trajes em que os (alegados) espíritos apareciam, Miss S respondeu «que eram do período da Rainha Ana ou de um dos primeiros Jorges, não podia ter a certeza de qual, pois as modas em ambos eram semelhantes». Estas foram as suas exatas palavras. Nem ela nem a Sra. R, contudo, tinham obtido qualquer informação que tendesse a verificar ou a refutar estes pormenores.

Tendo um convite de alguns amigos que residiam perto de Seven Oaks, em Kent, para passar com eles a semana de Natal de 1858, tive uma boa oportunidade de prosseguir as minhas investigações em busca de verificação.

Fui visitar, com um amigo, o Sr. F, a ama, Sra. Sophy O. Sem aludir às perturbações, perguntei-lhe simplesmente se sabia alguma coisa de uma antiga família de nome Children. Ela disse que sabia muito pouco, exceto o que ouvira da sua cunhada, a saber, que em tempos passados costumavam viver num solar chamado Ramhurst. Perguntei-lhe se alguma vez lá estivera. «Sim», disse ela, «há cerca de um ano, como ama da Sra. R.» «A Sra. R», perguntei-lhe, «sabia alguma coisa sobre a família Children?» Ela respondeu que a sua patroa uma vez lhe fizera perguntas sobre eles, desejando saber se alguma vez tinham ocupado o solar, mas que naquela altura ela (Sra. Sophy) nunca ouvira falar de tal família: por isso não pudera dar qualquer satisfação à senhora.

«Como é que aconteceu», perguntei eu, «que a Sra. R supusesse que tal família pudesse ter ocupado a casa outrora?»

«Bem, senhor», respondeu ela, «isso é mais do que lhe posso dizer — a menos que [e aqui hesitou e baixou a voz] tenha sido através de uma jovem senhora que estava hospedada com a patroa. Alguma vez ouviu falar, senhor», acrescentou ela, olhando em redor de forma misteriosa, «do que chamam os *spirit-rappers*?»

Insinuei que já tinha ouvido o nome.

«Não tenho medo dessas coisas», prosseguiu ela: «Nunca pensei que me fizessem mal; e não sou uma dessas crentes em fantasmas. Mas, na verdade, passámos tempos naquela casa velha!»

«Ah! Que espécie de tempos?»

«Com batidas, senhor, e o ruído de passos, e pessoas a falar à noite. Muitas vezes ouvi as vozes quando ia pelo corredor às duas ou três da manhã, a levar o bebé à minha patroa. Não acredito em fantasmas; mas pode ter a certeza, senhor, de que era algo sério quando o irmão da patroa se levantava a meio da noite e vinha ao quarto da irmã com a sua arma carregada na mão. E depois havia outro irmão: ele saiu da cama uma noite e declarou que havia ladrões na casa.»

«Viu alguma coisa?» «Não, senhor, nunca.» «Nem algum dos outros criados?» «Creio que não, senhor; mas a cozinheira estava tão assustada!» «O que lhe aconteceu?»

«Bem, senhor, mal nenhum lhe aconteceu, propriamente: apenas estava ajoelhada a atear o seu lume certa manhã, quando se levantou de repente com uma espécie de grito. Eu ouvi-a e entrei para ver o que se passava. "Oh", diz ela, "ama, se eu não ouvi o restolhar de um vestido de seda por toda a cozinha!" "Ora, cozinheira", digo eu, "sabes que não podia ser eu, visto que nunca uso seda." "Não", diz ela — e riu-se um pouco —, "não, eu sabia que não eras tu, pois já ouvi o mesmo três ou quatro vezes; e sempre que olho em volta não está lá nada."»

Agradeci à boa mulher e depois fui ver a cunhada, que confirmou plenamente a sua parte da história. Mas como tudo isto não fornecia qualquer pista nem para o nome próprio, nem para a data de ocupação, nem para o ano da morte do Sr. Children, visitei, em busca destes dados, a igreja e o cemitério de Leigh, a mais próxima da propriedade de Ramhurst, e a igreja antiga de Tunbridge; fazendo investigações em ambos os locais sobre o assunto. Mas sem resultado. Tudo o que consegui saber foi que um certo George Children deixara, no ano de 1718, uma dádiva semanal de pão para os pobres, e que um descendente da família, também chamado George, falecido há cerca de quarenta anos e que não residia em Ramhurst, tinha uma placa de mármore na igreja de Tunbridge, erigida em sua memória.

Tendo-me falhado os sacristãos e as lápides, um amigo sugeriu que poderia possivelmente obter a informação que procurava visitando um clérigo vizinho. Fi-lo, e com o resultado mais afortunado. Declarando-lhe simplesmente que tomara a liberdade de o visitar em busca de alguns pormenores relativos à história antiga de uma família de Kent com o nome de Children, ele respondeu que, curiosamente, estava na posse de um documento, que lhe chegara por via privada, e que continha, pensava ser provável, os mesmíssimos detalhes de que eu andava à procura. Ele gentilmente confiou-mo; e encontrei nele, entre numerosos pormenores relativos a outro membro da família, falecido há não

muitos anos, certos extratos dos «Hasted Papers», preservados no Museu Britânico; estando estes contidos numa carta dirigida por um dos membros da família Children ao Sr. Hasted. Deste documento, que pode ser consultado na biblioteca do Museu, transcrevo aqui uma parte, como se segue:—

«A família Children esteve estabelecida durante muitas gerações numa casa chamada, pelo seu próprio nome, Childrens, situada num lugar chamado Nether Street, de outro modo Lower Street, em Hildenborough, na paróquia de Tunbridge. George Children de Lower Street, que foi Alto-Xerife de Kent em 1698, morreu sem descendência em 1718, e por testamento legou a maior parte dos seus bens a Richard Children, filho mais velho do seu falecido tio, William Children de Hedcorn, e aos seus herdeiros. Este Richard Children, que se estabeleceu em Ramhurst, na paróquia de Leigh, casou com Anne, filha de John Saxby, na paróquia de Leeds, de quem teve quatro filhos e duas filhas», etc.

Assim verifiquei que o primeiro da família Children que ocupou Ramhurst como residência se chamava Richard, e que se estabeleceu ali na parte inicial do reinado de Jorge I. O ano da sua morte, contudo, não era fornecido.

Este último pormenor não o verifiquei senão vários meses depois; quando um amigo versado em saber antiquário, a quem mencionei o meu desejo de o obter, sugeriu que o mesmo Hasted, de cujos papéis dei um extrato, publicara, em 1778, uma história de Kent, e que, nessa obra, poderia possivelmente obter a informação que procurava. Com efeito, após considerável pesquisa, encontrei ali o seguinte parágrafo:—

«Na parte oriental da Paróquia de Lyghe (agora Leigh), perto do rio Medway, ergue-se uma antiga mansão chamada Ramhurst, outrora reputada como Solar e detida pela honra de Gloucester.» . . . «Continuou na família Culpepper por várias gerações.» . . . «Passou por venda para a de Saxby, e o Sr. William Saxby transmitiu-a, por venda, a Children. Richard Children, Esq., residiu aqui e morreu na sua posse em 1753, com oitenta e três anos de idade. Foi sucedido no solar pelo seu filho mais velho, John Children, de Tunbridge, Esq., cujo filho, George Children, de Tunbridge, Esq., é o atual possuidor.»*

Assim verifiquei o último pormenor que faltava, a data da morte de Richard Children. Depreende-se do exposto, também, que Richard Children foi o único representante da família que viveu e morreu em Ramhurst; sendo o seu filho John designado não como sendo de Ramhurst, mas sim de Tunbridge. Pelas memórias privadas acima referidas, eu já verificara anteriormente que a sede da família após o tempo de Richard era Ferox Hall, perto de Tunbridge.

Resta acrescentar que em 1816, em consequência de acontecimentos que não trazem descrédito à família, eles perderam toda a sua propriedade e foram

obrigados a vender Ramhurst, que desde então tem sido ocupada, embora seja uma mansão algo espaçosa, não como residência de família, mas como uma casa de lavoura. Visitei-a; e o ocupante assegurou-me de que nada pior do que ratos ou camundongos a perturbava agora.

Não tenho a certeza de ter encontrado registada, entre o que habitualmente se designa por histórias de fantasmas, qualquer narrativa melhor autenticada do que a precedente. Ela não envolve, de facto, pormenores assustadores ou românticos, nenhum aviso de morte, nenhuma revelação de homicídio, nenhumas circunstâncias de terror ou perigo; mas é tanto mais fiável por esse motivo, uma vez que aquelas paixões que costumam excitar e extraviar a imaginação dos homens não foram postas em jogo.

Foi-me comunicada, apenas cerca de catorze meses após os eventos terem ocorrido, por ambas as testemunhas principais, e incidentalmente confirmada, pouco depois, por uma terceira.

---

** Ou seja, em 1778, quando a obra foi publicada. Ver, para a citação acima, Hasted's History of Kent, vol. i. pp. 122 e 423.*

---

A posição social e o caráter pessoal das duas senhoras a quem as figuras apareceram excluem, à partida, qualquer ideia de declaração falsa deliberada ou engano. As visões e sons de que dão testemunho apresentaram-se realmente aos seus sentidos. Se os seus sentidos as enganaram, é outra questão. A teoria da alucinação resta ser tratada. Inquiramos se ela é aplicável ao presente caso.

Miss S viu primeiro as figuras, não na obscuridade da noite, não entre o sono e a vigília, não nalgum quarto antigo com reputação de ser assombrado, mas ao ar livre e quando descia de uma carruagem, em pleno dia. Posteriormente, não só as viu, como as ouviu falar; e isso sempre à luz do dia. Existem, contudo, casos registados em que se alega que os sentidos da audição e da visão foram ambos alucinados; o de Tasso, por exemplo.* E se o caso ficasse por aqui, tal seria a interpretação que o médico lhe daria.

Mas, algumas semanas depois, outra senhora vê a aparição das mesmíssimas figuras. Isto complica o caso. Pois, como demonstrado noutro lugar,† é geralmente admitido, pelos escritores médicos sobre o assunto, que, embora os casos de ilusão coletiva sejam comuns, é duvidoso que haja em registo um único caso autêntico de alucinação coletiva: sendo a inferência que, se duas pessoas veem a mesma aparência, não se trata de mera imaginação; existe alguma base objetiva para tal.

É verdade, e deve ser tido em conta, que Miss S descrevera a aparição à sua amiga, e que durante algum tempo esta última tivera alguma expectativa de a presenciar. E isto sugerirá ao cético, como explicação, a teoria da atenção expectante.

---

** «Essay towards a Theory of Apparitions» por John Ferriar, M.D., Londres, 1813, p. 75. † Ver Livro IV, cap. i.*

---

Mas, em primeiro lugar, nunca foi provado* que a mera atenção expectante pudesse produzir a aparência de uma figura com todos os detalhes do traje, para não falar das letras fosforescentes que apareciam acima dela, o que a Sra. R certamente não esperava; e, em segundo lugar, a Sra. R afirmou-me expressamente que, como tinham decorrido quatro semanas e ela nada vira, deixara de todo de o esperar. Ainda menos podemos imaginar que os seus pensamentos estivessem ocupados com o assunto no momento em que, apressada por um irmão faminto e impaciente, completava apressadamente, num quarto alegremente iluminado, a sua *toilette* de jantar. Seria difícil selecionar um momento, nas vinte e quatro horas, em que a imaginação estivesse menos propensa a ocupar-se com fantasias espirituais, ou pudesse ser suposta excitada até ao ponto necessário para reproduzir (se é que alguma vez o pode fazer) a imagem de uma aparição descrita.

Mas, concedendo estas extremas improbabilidades, o que havemos de fazer do nome Children, comunicado a uma senhora através do sentido da audição e à outra através do da visão? O nome é muito invulgar; e ambas as senhoras me asseguraram que nunca o tinham sequer ouvido antes, para não dizer que ignoravam totalmente se alguma família com esse nome ocupara outrora a velha casa. Este último ponto elas procuram esclarecer; mas nem criados nem vizinhos lhes sabem dizer nada sobre o assunto. Permanecem durante quatro meses sem qualquer explicação. No fim desse tempo, um dos criados, ao ir a casa, apura acidentalmente que há cerca de cem anos, ou mais, uma família chamada Children ocupou de facto aquela mesmíssima casa. O que poderiam a imaginação ou a expectativa ter a ver com isto?

---

** O contrário verifica-se. Ver página 347.*

---

As imagens das figuras podem ser classificadas, no caso de ambas as senhoras, como alucinação; mas o nome permanece, um elo obstinado, ligando estas ao mundo real.

Se mesmo argumentássemos — o que ninguém acreditará — que esta concordância do apelido de família não passou de uma coincidência fortuita, restam ainda outras coincidências para explicar antes que toda a dificuldade seja resolvida. Há o alegado nome próprio, bem como o apelido — Richard Children; há a data indicada pelo traje, «o reinado da Rainha Ana ou de um dos primeiros Jorges»; e, finalmente, há o ano da morte de Richard Children.

Estes factos as senhoras declararam-mos, não sabendo, quando o fizeram, quais eram os factos reais. Estes factos eu próprio desenterrei posteriormente; obtendo a prova de um documento preservado no Museu Britânico como prova de que Richard Children herdou de facto a propriedade de Ramhurst no quarto ano do reinado de Jorge I, e fez da mansão de Ramhurst a sua residência de família. E ele é o único representante da família que ali viveu e morreu.

O seu filho John pode ter residido ali durante algum tempo; mas antes do seu falecimento deixara o lugar para outra sede, perto de Tunbridge. Depois, há a circunstância de que infortúnios obrigaram os descendentes de Richard Children a vender a propriedade de Ramhurst, e que a mansão da família do seu antepassado, passando para as mãos de estranhos, foi degradada (como esse antepassado sem dúvida teria considerado) a uma vulgar casa de lavoura; tudo isto coincidindo ainda com as comunicações feitas.

É perfeitamente inútil, dadas as circunstâncias, falar de fantasia ou coincidência fortuita. Algo mais do que imaginação ou acidente, seja o que for, determinou as especificações minuciosas obtidas das aparições no Antigo Solar de Kent.

A lição ensinada por esta história — se admitirmos que as figuras que se apresentaram às duas senhoras foram, em verdade, as aparições da família Children — é que o crime não é necessário para atrair os espíritos dos falecidos de volta à terra; que um estado de espírito de um cunho exclusivamente mundano — um caráter que nunca dedicou um pensamento a nada para além desta terra, e que era perturbado apenas pelos cuidados da posse e pelos pensamentos de ganho — pode igualmente atrair o espírito, embora liberto do corpo, para colher estorvo e tristeza entre as cenas da sua antiga preocupação. Se assim for, quão forte é o motivo para não permitir que o presente e o temporal, necessários e adequados nos seus lugares como são, nos absorvam tão completamente que usurpem o lugar, e excluam totalmente os pensamentos, do futuro e do espiritual!

Não presumo antecipar o julgamento que o leitor possa fazer sobre a evidência aqui submetida. Se a sua decisão for a de que não existe, em nenhum dos exemplos precedentes, prova de que uma realidade objetiva, seja qual for a sua natureza, foi apresentada aos sentidos dos observadores, então faria bem em considerar se a regra de evidência segundo a qual terá chegado a essa decisão, se aplicada à história, sagrada e profana, não varreria nove décimos, e mais, de tudo o que nos habituámos a confiar como base para a dedução histórica e a crença religiosa.

Se, por outro lado, adotando nesta investigação as mesmas regras de análise de testemunho pelas quais somos governados, dia a dia, na vida comum, o leitor decidir que algo mais do que alucinação deve ser concedido, e que os sentidos de alguns destes observadores receberam de facto impressões produzidas por uma realidade externa, a questão permanece sobre qual é o caráter preciso dessa realidade.

Daniel Defoe tem uma obra elaborada sobre este assunto, ilustrada por muitos exemplos; dos quais alguns, deve confessar-se, exibem mais daquele talento inimitável que faz de *Robinson Crusoe* uma das realidades mais vívidas da infância, do que daquela precisão mais prosaica que não desdenha nomes, datas e comprovativos autenticadores.

A opinião de Defoe é: «A investigação não é, quanto a mim, se os habitantes dos espaços invisíveis vêm realmente aqui ou não, mas quem são eles que vêm?»*

Pela «mesquinhez de algumas das ocasiões em que algumas destas coisas acontecem», ele argumenta que não podem ser anjos, propriamente ditos, tais como os que apareceram a Gideão ou a David.

«Aqui», diz ele, «temos uma velha morta, que escondeu um pouco de dinheiro no pomar ou no jardim; e uma aparição, supõe-se, vem e descobre-o, conduzindo a pessoa a quem aparece até ao local, e fazendo algum sinal para que ela cave ali em busca de algo. Ou um homem morre e, tendo deixado um legado a fulano ou sicrano, o executor não o paga, e uma aparição vem e persegue este executor até que ele faça justiça.

É provável que um anjo seja enviado do céu para encontrar a malga de barro da velha com trinta ou quarenta xelins nela, ou que um anjo seja enviado para atormentar este homem por um legado de cinco ou dez libras? E quanto ao diabo, alguém acusará Satanás de estar solícito em ver a justiça feita? Os que o conhecem minimamente devem conhecê-lo melhor do que para pensarem tão mal dele.» (p. 34.)

Nem pode ser, argumenta ele, a alma ou o fantasma da pessoa falecida; «pois se a alma é feliz, é razoável acreditar que a felicidade do céu possa ser interrompida por um assunto tão trivial e numa ocasião tão ligeira?

---

* «*Universal History of Apparitions*», por Andrew Moreton, Esq., 3.ª ed., Londres, 1738, p. 2. Os biógrafos de Defoe reconhecem-lhe a autoria desta obra. A primeira edição apareceu em 1727.

---

Se a alma é infeliz, lembrai-vos do grande abismo fixado: não há razão para acreditar que estas almas infelizes tenham lazer ou liberdade para voltar à terra em missões de tal natureza.»

A ideia de Hades, ou de um estado mediato, evidentemente não entrou na mente de Defoe; e assim ele viu-se num dilema. «Não há nada», diz ele, «senão dificuldade em todos os lados. Aparições existem: não vemos margem para duvidar da realidade dessa parte; mas o quê, quem ou de onde, é uma dificuldade da qual não vejo maneira de nos livrarmos senão concedendo que possa haver uma espécie de espíritos estacionários, designados e delegados no mundo invisível, que vêm nestas ocasiões e aparecem entre nós; cujos habitantes ou espíritos (podeis chamar-lhes anjos, se quiserdes — corpos não são nem podem ser, nem nunca foram encarnados), mas, tais como são, têm o poder de conversar entre nós e podem, por sonhos, impulsos e fortes aversões, mover os nossos pensamentos, e dar esperança, levantar dúvidas, abater as nossas almas hoje, elevá-las amanhã, e de muitas maneiras operar sobre as nossas paixões e afetos.»*

Novamente ele diz: «Os espíritos de que falo devem ter nascido no céu: eles fazem o trabalho do Céu e são honrados pela sua comissão especial; são empregados nos seus assuntos imediatos: a saber, o bem comum da sua criatura, o homem.»†

Se não existe um estado mediato em que o espírito entra ao morrer, e de onde pode ocasionalmente regressar, então a hipótese de Defoe pode ser tão boa como qualquer outra. Mas se admitirmos um *Sheol* ou Hades, e assim eliminarmos toda a dificuldade sobre perturbar a felicidade estática do céu ou escapar através do abismo das correntes de ligação ao desejo do inferno, por que deveríamos desviar-nos de um caminho simples e procurar evitar uma inferência direta de que, se Deus realmente permite aparições, estas podem ser o que alegam ser? Por que deveríamos criar gratuitamente, para a ocasião, uma espécie

não descrita de espíritos, não homens, embora um pouco inferiores aos anjos; protetores, que simulam; guardiões, que mentem; espíritos ministradores comissionados por Deus, que enganam os homens assumindo formas falsas — a um aparecendo como uma tia, a outro como uma avó, ora personificando um assassino e implorando oração, ora fazendo o papel do assassinado e solicitando piedade? É isto o trabalho de Deus? Serão estas credenciais adequadas de nascimento celestial, evidências plausíveis de comissão Divina?

A questão permanece quanto à existência de um estado mediato, de onde os espíritos humanos que sofreram a Grande Mudança possam ser supostos ter o poder ocasional de regressar. Antes de tocar nela, faço uma pausa, para acrescentar alguns exemplos do que parecem ser visitas daquela esfera desconhecida; interferências, das quais algumas assumem o aspeto de retribuição, outras de proteção, sendo todas de um caráter peculiarmente pessoal.

# LIVRO V

# INDÍCIOS DE INTERFERÊNCIAS PESSOAIS

## CAPÍTULO I

## RETRIBUIÇÃO

Desde os dias de Orestes, a ideia de uma agência espiritual, retributiva e inevitável, tem prevalecido, sob alguma forma, em todo o mundo. Se já não acreditamos em fúrias de cabelos de serpente, ministras da vingança Divina, perseguindo, com os seus chicotes de escorpiões, o criminoso condenado, falamos correntemente dos juízos de Deus, como evidenciados em algum castigo célere e súbito que alcança, como que por mandato direto do Céu, o culpado impenitente.

Por outro lado, o Cristianismo sanciona, de uma forma geral, a ideia de um cuidado espiritual exercido para guiar os passos humanos e preservar de perigos imprevistos. O Protestantismo não admite, de facto, como sã a doutrina dos santos padroeiros, a quem se podem dirigir orações apropriadamente e de quem se pode razoavelmente esperar auxílio. No entanto, teríamos de negar não só a autoridade de S. Paulo, mas, ao que parece, também a do seu Mestre, se rejeitássemos a teoria dos espíritos, protetores e guardiões, que guiam a inexperiência da infância e assistem, pelo menos, uma porção favorecida da humanidade.*

Entre os registos modernos de alegadas influências ultramundanas, deparamo-nos com indícios que favorecem, até certo ponto, ambas as ideias; a da

retribuição pelo mal feito, e a do cuidado vigilante exercido para o bem do homem.

---

** Mateus xviii. 10; Hebreus i. 14.*

---

Esta última é mais frequente e mais distintamente marcada do que a primeira. Não há nada que dê cor à ideia de permissão para infligir ferimentos graves, e menos ainda à noção de vingança implacável.* O poder contra o malfeitor parece ser de natureza muito limitada, não indo além do aborrecimento, de efeito insignificante a menos que a consciência dê ferrão à punição. Por outro lado, o poder para guiar e proteger parece ser não apenas mais comum, mas mais influente; com os seus limites, contudo, tais como os que um pai sábio poderia estabelecer à livre agência de um filho.

Se são dados avisos, é mais sob a forma de indícios ténues ou lembretes vagos do que de profecias distintas. Se são sugeridas regras de ação, estas são de caráter geral, não isentando o protegido espiritual do dever de previdência e da tarefa de autodecisão, nem libertando-o do emprego dessa razão sem o exercício constante da qual ele seria rapidamente degradado da sua posição atual no topo da natureza animal.

Os exemplos modernos a que me referi são mais ou menos definidos no seu caráter.

Entre as narrativas, por exemplo, que parecem envolver uma agência retributiva, o Dr. Binns afiança uma que admite várias interpretações. Ele regista-a como "um caso notável de justiça retributiva que ocorreu muito recentemente na Jamaica". A história é a seguinte:—

"Uma jovem e bela rapariga quarteirona, de nome Duncan, foi encontrada assassinada num local retirado, a poucos passos da estrada principal. Pelas provas dadas no inquérito do legista, ficou satisfatoriamente estabelecido que ela tinha sido violada antes do assassinato.

---

** Os próprios Gregos não representam as Fúrias como implacáveis. Estas eram tidas como abertas — como o seu nome de Euménides implica — a impulsos benevolentes e misericordiosos, e podiam, por meios adequados, ser propiciadas.*

---

Foi oferecida uma grande recompensa por qualquer informação que pudesse levar à captura do assassino; mas passou quase um ano sem que se obtivesse qualquer pista. Aconteceu que, cerca deste período após a descoberta do crime, dois homens negros, chamados Pendril e Chitty, estavam presos por ofensas leves separadas; um na penitenciária de Kingston, ao sul, o outro na cadeia de Falmouth, no lado norte da ilha.

A prisão de ambos era desconhecida um do outro, e a distância entre os seus locais de encarceramento era de oitenta milhas. Cada um destes homens tornou-se inquieto e falador durante o sono, interpelando repetidamente como se estivesse na presença da rapariga assassinada, e implorando-lhe que o deixasse. Isto aconteceu com tanta frequência que levou a investigações, que terminaram na condenação dos dois homens."*

Este caso pode ser considerado ou como um exemplo de sonhos acidentalmente síncronos, ou então de uma aparição apresentando-se simultaneamente, ou quase isso, aos sentidos adormecidos de dois homens distantes um do outro.

A primeira é uma explicação concebível. Pode imaginar-se que a consciência perseguirá os pensamentos de homens culpados de tal infâmia. Mas que para ambos, distantes e desconectados um do outro, e após um ano ter passado, os seus lembretes retributivos assumissem a mesmíssima forma ao mesmíssimo tempo, por mero acaso, é uma contingência possível, decerto, mas de ocorrência muito improvável.

E por que razão haveria de ser considerado improvável que alguma agência que não o acaso estivesse aqui a operar? Sabemos que avisos foram dados em sonhos: por que não haveriam os sonhos de corporizar também retribuições?

---

** "Anatomy of Sleep", por Edward Binns, M.D., 2.ª ed., Londres, 1845.*

---

Mas, uma vez que o caso acima apresenta duas fases possíveis, passemos a outro, de caráter menos equívoco.

## O QUE UMA ATRIZ FRANCESA SOFREU

Mademoiselle Claire-Josephe Clairon foi a grande tragediante francesa do século passado. Ocupou, no seu tempo, uma posição semelhante à que Rachel

preencheu recentemente. Marmontel foi um dos seus mais calorosos elogistas; e os seus talentos foram celebrados nos versos de Voltaire.

A sua beleza, a sua graça e o seu génio granjearam-lhe muitos admiradores entusiastas; alguns professando amizade, outros oferecendo amor. Entre os últimos, no ano de 1743, estava um jovem, o Senhor de S—, filho de um mercador da Bretanha, cujo apego parece ter sido do tipo mais devotado.

As circunstâncias ligadas à morte deste jovem, e os eventos que lhe sucederam, são de caráter extraordinário; mas chegam até nós de primeira mão, e notavelmente bem autenticados, sendo detalhados pela própria Mademoiselle Clairon, na sua autobiografia, da qual traduzo a parte essencial da narrativa, como se segue:—

"A linguagem e as maneiras do Senhor de S— davam evidência de uma excelente educação e do hábito da boa sociedade. A sua reserva, a sua timidez, que detinha todos os avanços exceto por pequenas atenções e pela linguagem dos olhos, levaram-me a distingui-lo dos outros. Após tê-lo encontrado frequentemente na sociedade, permiti-lhe finalmente que me visitasse em minha própria casa, e não lhe escondi a amizade que ele me inspirava. Vendo-me em liberdade, e bem inclinada para com ele, ele contentou-se em ser paciente; esperando que o tempo pudesse criar em mim um sentimento mais caloroso.

Eu não sabia dizer — quem o pode? — como resultaria. Mas, quando ele veio a responder candidamente às perguntas que a minha razão e curiosidade instigavam, ele próprio destruiu a hipótese que poderia ter tido. Envergonhado de ser apenas um plebeu, tinha convertido as suas propriedades em fundos líquidos, e viera para Paris para gastar o seu dinheiro, imitando uma posição acima da sua. Isto desagradou-me. Aquele que se envergonha de si mesmo faz com que os outros o desprezem. Além disto, o seu temperamento era melancólico e misantrópico: ele conhecia bem demais a humanidade, dizia ele, para não a desprezar e evitar.

O seu projeto era não ver mais ninguém senão eu, e levar-me para onde eu visse apenas ele. Isso, como se pode supor, não me convinha de todo. Eu estava disposta a ser guiada por um laço de flores, mas não a ser agrilhoada com correntes. A partir daquele momento, vi a necessidade de destruir inteiramente as esperanças que ele nutria, e de mudar as suas assiduidade de todos os dias para visitas ocasionais, poucas e raras. Isto causou-lhe uma doença grave, durante a qual o tratei com todos os cuidados possíveis. Mas as minhas recusas constantes agravaram o caso; e, infelizmente para o pobre rapaz, o seu cunhado, a quem ele tinha confiado o cuidado dos seus fundos, falhou em fazer as remessas, de modo

que ele teve de aceitar a escassa reserva de dinheiro que eu tinha, para lhe fornecer alimento e assistência médica." ...

"Finalmente ele recuperou as suas propriedades, mas não a sua saúde; e, desejando por bem dele próprio mantê-lo à distância de mim, recusei firmemente tanto as suas cartas como as suas visitas.

"Dois anos e meio decorreram entre o momento do nosso primeiro conhecimento e a sua morte. Ele enviou, nos seus últimos momentos, a pedir que eu lhe concedesse a felicidade de o ver mais uma vez; mas os meus amigos impediram-me de o fazer. Ele morreu, não tendo ninguém perto de si senão os seus criados e uma velha senhora, que por algum tempo fora a sua única companhia. Os seus aposentos eram então no Rempart, perto da Chaussée d'Antin; os meus, na Rue de Bussy, perto do mosteiro de Saint-Germain.

"Nessa noite, a minha mãe e vários outros amigos estavam a cear comigo, — entre eles, o Intendente dos *Menus-Plaisirs*, cujo auxílio profissional eu requeria constantemente, aquele excelente sujeito Pipelet, e Rosely, um camarada meu e um jovem de boa família, espirituoso e talentoso. A ceia estava alegre. Eu tinha acabado de cantar para eles, e eles aplaudiam-me, quando, ao bater das onze horas, ouviu-se um grito lancinante. O seu tom pungente e o tempo que durou encheram todos de espanto. Desmaiei e permaneci durante um quarto de hora totalmente inconsciente." ... "Quando recuperei, pedi-lhes que ficassem comigo parte da noite. Raciocinámos muito a respeito deste estranho grito; e concordou-se em colocar espias na rua para que, em caso de repetição, pudéssemos detetar a sua causa e o seu autor.

"Em cada noite seguinte, sempre à mesma hora, o mesmo grito era repetido, soando imediatamente por baixo das minhas janelas, e parecendo sair do ar vazio. A minha gente, os meus convidados, os meus vizinhos, a polícia, todos o ouviam igualmente. Eu não podia duvidar que era destinado a mim. Raramente ceava fora de casa, mas quando o fazia, nada era ouvido lá; e várias vezes, quando eu regressava mais tarde do que as onze, e perguntava à minha mãe, ou aos criados, se algo se tinha ouvido, subitamente ele rebentava no meio de nós.

"Uma noite o Presidente de B—, com quem eu estivera a cear, escoltou-me a casa, e, no momento em que me dava as boas-noites à porta do meu aposento, o grito explodiu entre ele e eu. Ele estava bastante familiarizado com a história, pois toda a Paris a conhecia; contudo, foi levado para a sua carruagem mais morto do que vivo.

"Outro dia, pedi ao meu camarada, Rosely, que me acompanhasse, primeiro à Rue Saint-Honoré, para fazer algumas compras, e depois para visitar a minha amiga Mademoiselle de Saint-P— que residia perto da Porte Saint-Denis. O

nosso único tópico de conversa durante todo o caminho foi o meu fantasma, como eu costumava chamar-lhe. O jovem, espirituoso e descrente, pediu-me para evocar o fantasma, prometendo acreditar nele se ele respondesse. Fosse por fraqueza ou audácia, acedi ao seu pedido. Três vezes, no instante, o grito soou, rápido e terrível na sua repetição. Quando chegámos à casa da minha amiga, Rosely e eu tivemos de ser carregados para dentro. Fomos ambos encontrados deitados sem sentidos na carruagem.

"Após esta cena, permaneci vários meses sem ouvir mais nada; e comecei a esperar que a perturbação tivesse cessado. Estava enganada.

"O teatro tinha sido ordenado para Versalhes, por ocasião do casamento do Delfim. Devíamos permanecer lá três dias. Estávamos insuficientemente providos de aposentos. Madame Grandval não tinha nenhum. Esperámos metade da noite na esperança de que lhe fosse atribuído um. Às três horas da manhã, ofereci-lhe uma das duas camas do meu quarto, que era na Avenue de Saint-Cloud. Ela aceitou. Eu ocupei a outra cama; e enquanto a minha criada se despia, para dormir ao meu lado, disse-lhe: 'Aqui estamos nós no fim do mundo, e com um tempo tão medonho! Creio que seria um quebra-cabeças para o fantasma encontrar-nos aqui fora.' O mesmo grito, no instante! Madame Grandval pensou que o próprio inferno se tinha soltado no quarto. Em trajes de noite, ela precipitou-se escadas abaixo, do topo até ao fundo. Nem uma alma na casa pregou olho o resto da noite. Esta foi, contudo, a última vez que o ouvi.

"Sete ou oito dias depois, enquanto conversava com o meu círculo ordinário de amigos, ao bater das onze horas seguiu-se um tiro de mosquete, como se disparado contra uma das minhas janelas. Cada um de nós ouviu o estoiro; cada um de nós viu o clarão; mas a janela não sofrera dano algum. Concluímos que fora uma tentativa contra a minha vida, que desta vez falhara, mas que precauções deviam ser tomadas para o futuro. O Intendente apressou-se a ir ter com o Sr. de Marville, então Tenente de Polícia, e um seu amigo pessoal.

Foram enviados agentes instantaneamente para examinar as casas em frente à minha. Ao longo dos dias seguintes, elas foram vigiadas de cima a baixo. A minha própria casa, também, foi minuciosamente examinada. A rua estava cheia de espias. Mas, apesar de todas estas precauções, durante três meses inteiros, todas as noites, à mesma hora, o mesmo tiro de mosquete, dirigido contra a mesma vidraça, era ouvido explodir, era visto; e, no entanto, ninguém foi capaz de descobrir de onde procedia. Este facto é atestado pelo seu registo oficial nos arquivos da polícia."

"Aos poucos, tornei-me de certa forma habituada ao meu fantasma, que comecei a considerar um bom sujeito, visto que se contentava com partidas que

não produziam ferimentos graves; e, numa noite quente, não reparando na hora, o Intendente e eu, tendo aberto a janela assombrada, estávamos debruçados na varanda. Bateram as onze horas; a detonação sucedeu-se instantaneamente; e atirou-nos aos dois, meio mortos, para o meio da sala. Quando recuperámos, e vimos que nenhum de nós estava ferido, começámos a comparar notas; e cada um admitiu ao outro ter recebido, ele na face esquerda e eu na direita, uma bofetada, aplicada com bastante força. Ambos desatámos a rir.

"No dia seguinte nada aconteceu. No dia depois, tendo recebido um convite de Mademoiselle Dumesnil para assistir a uma festa noturna em sua casa, perto da Barrière Blanche, entrei num carro de aluguer, com a minha criada, às onze horas. Havia um luar brilhante; e o nosso caminho era ao longo dos Boulevards, que estavam então a começar a ser edificados. Estávamos a olhar para as casas que estavam a construir, quando a minha criada me disse: 'Não foi algures aqui perto que o Senhor de S— morreu?' 'Pelo que me disseram', respondi eu, 'deve ter sido numa destas duas casas à nossa frente', — apontando para elas ao mesmo tempo. Naquele momento, o mesmo tiro de mosquete que me perseguia foi disparado de uma das casas, e atravessou a nossa carruagem.* O cocheiro partiu a galope, pensando estar a ser atacado por ladrões; e nós, quando chegámos ao nosso destino, mal tínhamos recuperado os sentidos. Pela minha parte, confesso um grau de terror do qual levei muito tempo a libertar-me. Mas este feito foi o último do seu género. Nunca mais ouvi qualquer descarga de armas de fogo.

"A estes tiros sucedeu um bater de palmas, dado em tempo compassado e repetido a intervalos. Estes sons, aos quais o favor do público me tinha habituado, davam-me apenas um pequeno aborrecimento, e dei-me a pouco trabalho para rastrear a sua origem. Os meus amigos, contudo, deram-se. 'Vigiámos da maneira mais cuidadosa', diziam-me eles: 'é mesmo por baixo da tua porta que os sons ocorrem. Ouvimo-los; mas não vemos ninguém. É outra fase dos mesmos aborrecimentos que te perseguem há tanto tempo.' Como estes ruídos nada tinham de alarmante, não guardei um registo do período da sua duração.

"Nem tomei nota especial dos sons melodiosos pelos quais, após algum tempo, eles foram sucedidos. Parecia como se uma voz celestial modulasse o prelúdio de alguma ária nobre que estivesse prestes a executar. Uma vez a voz começou no Carrefour de Bussy, e continuou por todo o caminho até eu chegar à minha própria porta. Neste caso, como em todos os precedentes, os meus amigos vigiaram, seguiram os sons, ouviram-nos como eu, mas nunca conseguiram ver nada.

"Finalmente todos os sons cessaram, após terem continuado, com intermissões, pouco mais de dois anos e meio."

---

** Se uma bala atravessou a carruagem, não aparece claramente. A expressão é: "D'une des maisons partit ce même coup de fusil qui me poursuivait; il traversa notre voiture."*

---

Quer o seguimento possa ser considerado como fornecendo uma explicação suficiente ou não, é apropriado dá-lo; conforme fornecido por Mademoiselle Clairon. Desejando aquela senhora mudar de residência, e estando os aposentos que ocupava anunciados para alugar, várias pessoas chamaram para os ver. Entre as restantes, foi anunciada uma senhora de idade avançada. Ela exibiu muita emoção, que se comunicou a Mademoiselle Clairon. Finalmente confessou que não viera para ver os aposentos, mas para conversar com a sua ocupante. Tinha pensado em escrever, disse ela, mas temera que os seus motivos pudessem ser mal interpretados. Mademoiselle Clairon pediu uma explicação; e a conversa que se seguiu é assim relatada por ela própria.

"— Eu era, mademoiselle — disse a senhora —, a melhor amiga do Senhor de S—; na verdade, a única que ele estava disposto a ver durante o último ano da sua vida. As horas, os dias desse ano foram passados por nós a falar de si, ora classificando-a como um anjo, ora como um demónio. Quanto a mim, instava-o constantemente a esforçar-se por esquecê-la, enquanto ele protestava que continuaria a amá-la mesmo para além do túmulo. A senhora chora — continuou ela, após uma pausa —; e talvez me permita perguntar-lhe por que razão o fez tão infeliz, e por que, com o seu caráter íntegro e afetuoso, lhe recusou, nos seus últimos momentos, a consolação de a ver mais uma vez.'

"— As nossas afeições — respondi — não estão sob o nosso próprio controlo. O Senhor de S— tinha muitas qualidades meritórias e estimáveis; mas o seu caráter era sombrio, misantrópico, despótico, de modo que ele me fazia temer igualmente a sua sociedade, a sua amizade e o seu amor. Para o fazer feliz, eu teria tido de renunciar a todo o convívio humano, até mesmo ao talento que exercito. Eu era pobre e orgulhosa. Tem sido o meu desejo e a minha esperança não aceitar favor algum, — dever tudo aos meus próprios esforços. A amizade que eu nutria por ele fez-me tentar todos os meios para o trazer de volta a sentimentos mais calmos e razoáveis. Falhando nisto, e convencida de que a sua resolução obstinada se devia menos à extremidade da sua paixão do que à violência do seu caráter, adotei, e mantive, a resolução de me separar dele para sempre.

Recusei vê-lo no seu leito de morte, porque a visão da sua angústia ter-me-ia tornado miserável, sem nenhum fim proveitoso. Além disso, eu poderia ter sido colocada no dilema de recusar o que ele me pudesse pedir, com aparente barbaridade, ou de aceder a isso com a perspetiva certa de infelicidade futura. Estes, madame, foram os motivos que me moveram. Confio que não os considerará merecedores de censura.'

"— Seria injusto — replicou ela — condená-la. Só podemos ser razoavelmente chamados a fazer sacrifícios para cumprir as nossas promessas ou no cumprimento do nosso dever para com parentes ou benfeitores. Sei que não lhe devia gratidão; ele próprio sentia que toda a obrigação estava do lado dele; mas o estado da sua mente e a paixão que o dominava estavam além do seu controlo; e a sua recusa em vê-lo apressou os seus últimos momentos. Ele contou os minutos até às dez e meia, quando o seu criado regressou com a mensagem de que muito certamente a senhora não viria.

Após um momento de silêncio, ele tomou a minha mão e, num estado de desespero que me aterrou, exclamou: "Criatura bárbara! Mas ela nada ganhará com isso. Eu persegui-la-ei tanto tempo após a minha morte quanto ela me perseguiu durante a minha vida." ... Tentei acalmá-lo. Ele já era um cadáver.'"*

---

** "Mémoires de Mademoiselle Clairon, Actrice du Théâtre Français, écrits par elle-même", 2.ª ed., Paris, 1822, pp. 78 a 90. Os editores declaram que estas Memórias são publicadas "sem a alteração de uma única palavra do manuscrito original". * "Mémoires de Madame la Duchesse d'Abrantès, écrits par elle-même", 2.ª ed., Paris, 1835, vol. ii. p. 59.*

---

Esta é a história como a própria Mademoiselle Clairon a relata. Ela acrescenta: "Não preciso de dizer que efeito estas últimas palavras produziram em mim. A coincidência entre elas e as perturbações que me tinham assombrado encheu-me de terror. ... Não sei o que o acaso realmente é; mas estou bem certa de que aquilo que temos o hábito de assim chamar tem uma vasta influência nos assuntos humanos."

Nas Memórias da Duquesa de Abrantes, escritas por ela própria, e contendo tantos pormenores interessantes da Revolução Francesa e dos eventos agitados que lhe sucederam, ela afirma que, durante o Consulado, quando Mademoiselle Clairon tinha mais de setenta anos de idade, ela (a duquesa) travou conhecimento com ela, e ouviu dos seus próprios lábios a história acima, da qual dá um

compêndio breve e não muito exato. Em relação à impressão que o modo de Mademoiselle Clairon a relatar produziu na duquesa, aquela senhora observa:—

"Não sei se em tudo isto havia um pouco de exagero; mas ela, que habitualmente falava num tom que saboreava a exaltação, quando veio a relatar este incidente, embora falasse com dignidade, pôs de lado toda a afetação e tudo o que pudesse ser interpretado como falar para impressionar. Albert, que acreditava no magnetismo, desejou, após ter ouvido Mademoiselle Clairon, persuadir-me de que a coisa era possível. Ri-me dele então. Ai! desde esse tempo, eu própria aprendi uma terrível lição de credulidade."*

Não sei segundo que princípios sólidos de evidência podemos recusar crédito a uma narrativa tão bem autenticada como esta. Os fenómenos foram observados, não apenas por Mademoiselle Clairon, mas por numerosas outras testemunhas, incluindo os seres de olhos mais aguçados e suspeitosos, — os oficiais de polícia de Paris. O registo deles ainda se encontra nos arquivos dessa polícia. Eles não foram testemunhados uma, duas, cinquenta vezes apenas. Foram observados ao longo de mais de dois anos inteiros. O tiro contra uma certa vidraça da sua janela foi disparado, como Mademoiselle Clairon expressamente nos diz, todas as noites, à mesma hora, durante três meses, — portanto noventa vezes sucessivas. Que teoria, que explicação, dará conta de uma partida de tal caráter que pudesse, por tanto tempo, escapar aos olhos de argos da polícia francesa? Depois o grito no momento em que, por sugestão de Rosely, o fantasma foi evocado; o tiro contra a carruagem a partir da casa onde o Senhor de S— residira: que trapaça imaginável poderia estar na base disto?

Os incidentes ocorreram na juventude de Mademoiselle Clairon; começando quando ela tinha vinte e dois anos e meio e terminando quando tinha vinte e cinco. Quase cinquenta anos depois, perto do fim da sua vida, naquele período de reflexão calma que vem com a velhice, ela ainda preservava aquela convicção profunda da realidade destes prodígios que conferia ao tom e à maneira da sua narrativa a simplicidade atestadora da verdade.

Finalmente, a coincidência a que Mademoiselle Clairon alude é dupla; primeiro quanto aos próprios incidentes, depois quanto ao período da sua continuação. O Senhor de S—, com o seu último fôlego, declarou que a assombraria; e isto ela não soube até que a perseguição, começando meia hora após o seu falecimento, tivesse terminado. Ele disse, além disso, que ela seria seguida pelo seu espírito durante tanto tempo quanto ela o tinha mantido cativo. Mas, desde o período do seu conhecimento com ela até à sua morte, passaram dois anos e meio; enquanto, desde este último evento até ao encerramento das perturbações, decorreram, como a sofredora nos conta, mais dois anos e meio.

Contudo, mesmo que admitamos neste caso a realidade de uma agência ultramundana, não presumo afirmar, como corolário positivamente provado, que foi o espírito do Senhor de S— que cumpriu a ameaça que fizera. Essa é certamente a explicação mais natural que se sugere. E, se não for a verdadeira, o acaso, pelo menos, é insuficiente para dar conta da maneira exata como a declaração do homem moribundo concorda com os sofrimentos daquela que foi o objeto do seu amor infeliz e inútil.

Se aceitarmos esta narrativa, ela traz consigo uma lição adicional. Supondo que a agência das perturbações era espiritual, não podemos considerá-la como comissionada por Deus, tal como não o fazemos com os aborrecimentos que um vizinho, ofendendo-se injustamente, possa infligir, neste mundo, ao seu vizinho ofensor em retaliação. A conduta de Mademoiselle Clairon parece ter sido justificável e prudente; certamente não merecendo perseguição ou castigo.

Por que, então, foram estes aborrecimentos permitidos? Quando pudermos dizer por que razão os aborrecimentos terrenos são frequentemente permitidos alcançar o inocente, será tempo suficiente para insistir numa resposta à questão espiritual.

Os fenómenos naturais ocorrem sob leis gerais, não por dispensação especial. Mas as perturbações acima registadas foram, sem dúvida, fenómenos naturais. Podemos imaginar que tudo no próximo mundo é governado por princípios totalmente diferentes daqueles que vemos em operação aqui. Mas por que deveríamos imaginar isto? Não preside a mesma Providência no lado de lá como no lado de cá do Rio Escuro?

Um exemplo que se assemelha um pouco mais a um castigo realmente merecido e expressamente enviado é o seguinte, — uma narrativa que devo à amabilidade da Sra. S. C. Hall, a autora, e para cuja verdade, como se verá, ela presta testemunho pessoal. Mas, mesmo neste caso, podemos racionalmente afirmar mais do que a agência foi permitida, não comissionada? Dou a história nas próprias palavras da Sra. Hall. As circunstâncias ocorreram em Londres.

## O QUE UM OFICIAL INGLÊS SOFREU

"Todas as raparigas jovens têm amizades umas com as outras; e quando eu tinha dezassete anos a minha amiga, acima de todas as outras, era Kate L—. Ela

era uma jovem senhora irlandesa, três anos mais velha do que eu, — uma criatura gentil, afetuosa e bonita, muito dedicada à sua velha mãe, e exercendo uma paciência constante para com um irmão desagradável que teimava em tocar flauta, embora tocasse fora de tempo e de tom. Este irmão era a minha *bête noire*; e sempre que eu me queixava do seu mau tocar, a Kate dizia: 'Ah, espera até o Robert chegar a casa; ele toca e canta como um anjo, e é tão bonito!'

"Este 'Robert' estivera com o seu regimento durante alguns anos no Canadá; e o seu regresso a casa havia de ser a felicidade de mãe e filha. Durante três meses antes do seu regresso, não se falava de outra coisa. Se eu tivesse tido algum talento para me apaixonar, tê-lo-ia feito, por antecipação, por Robert L—; mas essa não era a minha fraqueza; e eu divertia-me muito com as especulações da minha amiga sobre se o Robert se apaixonaria primeiro por mim, ou eu por ele.

"Quando nos encontrámos, não houve, felizmente, perigo para nenhum dos dois. Ele disse à Kate que a amiga dela estava sempre a rir; e eu achei que nunca tinha olhado para um rosto tão belo nos contornos e, no entanto, tão macilento e sofrido. Os seus grandes olhos azuis eram profundos, mas pareciam estar sempre à procura de algo que não conseguiam encontrar. Olhar para ele deixava-me desconfortável. Mas isto não era tão estranho como a mudança que, passados uns tempos, era evidente na Kate. Ela tornara-se, em menos de uma semana, fria e constrangida. Eu devia ter passado um dia com ela; mas ela apresentou uma desculpa e, ao fazê-lo, desatou a chorar. Algo estava evidentemente errado, o que eu senti estar certa de que o tempo haveria de revelar."

"Cerca de uma semana depois, ela veio ver-me a sós, parecendo dez anos mais velha. Fechou a porta do meu quarto e disse que desejava contar-me algo que sentia que eu dificilmente poderia acreditar, mas que, se eu não tivesse medo, poderia ir e julgar por mim mesma.

"Após o regresso de Robert, disse ela, durante uma semana ou pouco mais, tinham sido deliciosamente felizes. Mas muito em breve — ela pensava que por volta do décimo dia, ou melhor, noite — foram alarmados por fortes pancadas e batidas no quarto de Robert. Era o quarto das traseiras, no mesmo andar em que a Sra. L— e a filha dormiam juntas num grande quarto de dormir à frente. Ouviam-no praguejar contra o ruído, como se fosse com o seu criado; mas o homem não dormia na casa. Por fim, atirou-lhe com as botas; e quanto mais violento ele se tornava, mais violenta parecia tornar-se a perturbação.

"Finalmente, a mãe aventurou-se a bater-lhe à porta e a perguntar o que se passava. Ele disse-lhe para entrar. Ela trouxe uma vela acesa e colocou-a sobre a mesa. Quando ela entrou, o *pointer* favorito do filho saiu disparado do quarto.

'Pois é', disse ele, 'o cão foi-se! Não consigo manter um cão no meu quarto à noite há anos; mas sob o teu teto, mãe, imaginei, esperei, poder escapar a uma perseguição que vejo agora que me persegue até aqui. Lamento pelo canário da Kate que estava pendurado atrás da cortina. Ouvi-o esvoaçar após a primeira ronda. Claro que está morto!'

"A velha senhora levantou-se, toda a tremer, para olhar para o pobre pássaro da Kate. Estava morto, no fundo da gaiola, — com todas as penas eriçadas.

"— Não há nenhuma Bíblia no quarto? — perguntou ela. "— Sim — ele tirou uma de debaixo da almofada: — isso, creio eu, protege-me de golpes. — Ele parecia tão terrivelmente exausto que a mãe quis sair do quarto para lhe ir buscar um pouco de vinho. — Não: fica aqui: não me deixes! — implorou ele. Mal tinha acabado de falar, quando uma substância enorme e pesada pareceu rolar pela chaminé abaixo e caiu pesadamente na lareira; mas a Sra. L— nada viu. No momento seguinte, como por um vento forte, a luz apagou-se, enquanto batidas e pancadas e um som sibilante percorriam o aposento. Robert L— alternadamente rezava e praguejava; e a velha senhora, habitualmente notável pelo seu autocontrolo, teve grande dificuldade em evitar um desmaio. O ruído continuou, parecendo por vezes pancadas violentas, por vezes os sons pareciam escorrer em volta do quarto.

"Finalmente o outro filho, despertado pela perturbação, entrou e encontrou a mãe de joelhos, a rezar.

"Nessa noite ela dormiu no quarto do filho, ou melhor, tentou fazê-lo; pois o sono era impossível, embora a cama dela não fosse tocada ou abanada. Kate permaneceu do lado de fora da porta aberta. Era impossível ver, porque, imediatamente após o primeiro mergulho pela chaminé abaixo, as luzes apagaram-se.

"Na manhã seguinte, Robert contou à família que, durante mais de dez anos, fora vítima desta perseguição de espíritos. Se ele se deitava na sua tenda, ela estava lá, perturbando os seus companheiros oficiais, que gradualmente evitavam a sociedade do 'homem assombrado', como lhe chamavam, — alguém que 'deveria ter feito algo para atrair tal castigo'. Quando estava de licença, ficava geralmente livre da visitação durante três ou quatro noites; depois, ela encontrava-o novamente. Nunca lhe era permitido permanecer num alojamento; sendo regularmente 'avisado para sair' pelos donos das casas, que não suportavam o barulho.

"Depois do pequeno-almoço, os vizinhos do lado mandaram queixar-se dos ruídos da noite anterior. Nas noites seguintes, vários amigos (dois ou três dos

quais eu conhecia) velaram com a Sra. L— e procuraram investigar, segundo meios humanos, a causa. Em vão! Verificaram o facto; a causa permaneceu oculta em mistério.

"Kate desejava que eu ouvisse por mim mesma; mas eu não tive coragem para o fazer, nem a minha querida mãe o teria permitido.

"Nenhum incentivo conseguiu convencer o *pointer* a regressar ao quarto do dono, de dia ou de noite. Era uma compra recente e, até ao primeiro ruído em Londres, tinha apreciado a bondade de Robert. Depois disso, evidentemente detestava o dono. 'É a velha história outra vez', disse Robert. 'Nunca pude manter um cão. Pensei que tentaria de novo; mas nunca terei nada para amar, e nada terá permissão para me amar.' O animal saiu pouco depois; e supuseram que fugiu ou que foi roubado.

"O jovem, vendo a mãe e a irmã definharem sob a ansiedade e a falta de descanso, disse-lhes que poderia suportar melhor a sua aflição sozinho e que, por isso, iria para a Irlanda, o seu país natal, e residiria nalguma casa de campo isolada, onde pudesse pescar e caçar.

"Ele foi. Antes da sua partida, ouvi uma vez o pobre rapaz dizer: 'É duro ser tão castigado; mas talvez eu o tenha merecido.'

"Soube, mais tarde, que havia mais do que uma suspeita de que ele tinha abandonado uma rapariga infeliz que — e que ela morreu na América.

---

** 'A quem amou não sabiamente, mas demasiado bem;'*

---

"Seja como for, na Irlanda, como noutros lugares, a visitação seguiu-o incessantemente.

"Este espírito nunca falou, nunca respondeu a perguntas; e o modo de comunicação agora tão geral não era então conhecido. Se tivesse sido, poderia ter havido um resultado diferente.

"Tal como foi, o modo de vida de Robert L— no seu país natal causou grande ansiedade à sua mãe. Não tive, porém, qualquer pista sobre o seu destino final; pois a irmã não me quis dizer em que parte da Irlanda ele tinha feito o seu miserável lar.

"A minha amiga Kate casou-se imediatamente após a partida do irmão. Foi noiva, mãe e cadáver no espaço de um ano; e a morte dela quebrou verdadeiramente o coração da mãe: de modo que, em dois anos, a família pareceu

ter desvanecido, como se eu nunca os tivesse conhecido. Tenho por vezes pensado, no entanto, que se a querida velha senhora não tivesse recebido tal choque do visitante espiritual do filho, não teria sido esmagada pela perda da filha; mas ela disse-me que não lhe restava nada que a ligasse a este mundo.

"Muitas vezes me arrependi de não ter velado com a minha jovem amiga uma noite; mas os factos que reuni eram conhecidos de certamente vinte pessoas em Londres."*

Raramente se encontra uma narrativa mais bem autenticada, ou que indique mais fortemente a realidade de uma agência ultramundana, do que esta. É atestada pelo nome de uma senhora bem e favoravelmente conhecida no mundo literário. É verdade que, dissuadida pelos seus receios, ela não testemunhou pessoalmente as perturbações. Mas, se o tivesse feito, teria isso acrescentado algo de material ao peso do seu testemunho tal como ele se apresenta? Poderia ela duvidar da realidade destas demonstrações aterradoras?

---

** Extraído da carta da Sra. Hall para mim, datada de Londres, 31 de março de 1859.*

---

Podemos nós duvidar? O testemunho da irmã e da mãe, cujas vidas esta terrível visitação obscureceu, se não encurtou, para não falar da prova corroborante fornecida por amigos que velaram com elas expressamente para procurar alguma explicação, — podemos recusar crédito a tudo isto? O aspeto macilento e desgastado do sofredor, a sua vida arruinada, — poderiam estes ter sido simulados? A confissão à sua família, arrancada pela recorrência, na casa da sua mãe, do tormento que ele já não podia esconder, — poderia isso ser uma mentira? Animais mudos atestaram o contrário. A morte do canário, o terror do cão, — poderia a fantasia causar o primeiro ou criar o segundo? Ou recorreremos à hipótese de agência humana? Durante dez anos os sons vingadores tinham perseguido o infeliz homem. Em tenda ou taberna, no campo ou na cidade, fosse para onde fosse, a terrível Intrusão ainda perseguia os seus passos. O lar materno não era cidade de refúgio contra o perseguidor. Até aos ermos da Irlanda seguiu o culpado no seu retiro. Mesmo que tal vingança humana fosse concebível, não seria a engenhosidade humana impotente para a levar a cabo?

Mas, se concedermos a realidade e o caráter espiritual da demonstração, devemos admitir também a explicação hipoteticamente sugerida pela narradora? Foi Robert L— realmente assim castigado, durante a vida, por um dos piores, porque um dos mais egoístas, cruéis e geradores de miséria, na lista dos pecados

humanos? Ele próprio parecia ser dessa opinião: "Talvez eu o tenha merecido" foi o veredicto da sua consciência. Pode ser temerário, com o nosso atual conhecimento limitado das leis ultramundanas, afirmar qualquer coisa sobre a matéria; sabendo como sabemos que dezenas de milhares de tais transgressores passam pela vida sem serem fustigados pela justiça.*

---

** Não se segue de modo algum, contudo, que porque muitos transgressores semelhantes escapam impunes, não houvesse nada de retributivo nos incidentes aqui relatados. Neste mundo misteriosamente governado, alguns criminosos escapam, enquanto outros, menos culpados talvez, são alcançados. "Aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, pensais que eram mais pecadores do que todos os outros homens que habitavam em Jerusalém?" — Lucas xiii. 4.*

---

Contudo, se rejeitarmos essa hipótese, que outra, mais plausível, resta?

Mesmo que aceitemos essa explicação, porém, não se deve assumir, naturalmente, que foi o espírito da sua pobre vítima que assim seguiu incessantemente o seu desertor, o traidor da sua confiança. O amor pode ser mudado, por um tempo, em aversão veemente: é difícil acreditar que, após o invólucro terreno ter partido, ele devesse endurecer-se em ódio eterno e implacável. E podemos conceber que algum outro espírito desencarnado, de natureza maligna, obtendo poder sobre o infeliz homem com o auxílio de um temperamento impressionável trabalhado por uma consciência assombrada pelo remorso, pudesse ter tido permissão (quem pode dizer sob que lei ou para que propósito?) para visitar, com tal retribuição, a má ação.

Mas aqui entramos nas regiões da conjetura. Estes eventos aconteceram muito antes de o Espiritismo se ter tornado um nome distintivo. Nenhuma tentativa foi feita para comunicar com os sons. Nenhuma explicação, portanto, fidedigna ou apócrifa, foi alcançada. Não houve, então, oportunidade dada para conciliar; nenhuma oportunidade oferecida para propiciação.

Tem sido alegado que, em muitos casos modernos daquilo que assumira o caráter de interferência espiritual, a perturbação cessou quando a comunicação, por batidas, foi procurada e obtida. Assim poderia ter sido, como sugere a Sra. Hall, no caso de Robert L—. E, se assim fosse, a batida espiritual, por muitos tida em pouca conta, poderia ter levado ao arrependimento e salvo de um sofrimento sem esperança — possivelmente de uma morte prematura — um

jovem com uma culpa pesada, de facto, sobre a sua alma, mas não um pecador acima de todos os homens que habitavam em Londres.

## CAPÍTULO II

## TUTELA

Resta uma tarefa mais agradável; falar, nomeadamente, dos indícios que nos chegam de auxílio ultramundano e proteção espiritual.

Chegaram ao meu conhecimento três histórias, em cada uma das quais se alega que o sujeito da narrativa foi salvo da morte por uma aparição que parecia ser a contraparte de si mesmo: uma relatada sobre um clérigo inglês que viajava, tarde da noite, num caminho solitário, a cujo lado a figura subitamente apareceu, e assim (como o clérigo apurou mais tarde) dissuadiu dois homens, decididos ao assassinato e ao roubo, de o atacarem; e ambas as outras — ocorrendo uma a um estudante em Edimburgo, a outra a um jovem elegante em Berlim — sendo exemplos em que se diz que o vidente foi avisado para não ocupar o seu quarto habitual, que, se tivesse ocupado, teria perecido pela queda de uma parte da casa.

Mas estas anedotas, embora para cada uma haja evidência plausível, não entram na regra que estabeleci para mim próprio de autenticação suficiente.

Uma história algo semelhante é relatada e afiançada por Jung Stilling, sobre um certo Professor Böhm, de Marburgo, em cujo caso, contudo, o aviso veio apenas por um pressentimento urgente, não por uma aparição real.*

Tal caso de pressentimento, embora o perigo fosse para outrem e não para o sujeito do mesmo, chegou-me, pela amabilidade de uma senhora, de primeira mão, como se segue:—

* *"Theorie der Geisterkunde".*

## COMO A VIDA DO SENADOR LINN FOI SALVA

Aqueles que estavam familiarizados com a história política do nosso país há vinte anos recordam-se bem do Dr. Linn, do Missouri. Distinto pelos talentos e pela capacidade profissional, mas ainda mais pela excelência do seu coração, recebeu, por uma distinção tão rara quanto honrosa, o voto unânime da Legislatura para o cargo de Senador dos Estados Unidos.

No desempenho dos seus deveres no Congresso, residia com a sua família em Washington, durante a primavera e o verão de 1840, o último ano da administração do Sr. Van Buren.

Um dia, durante o mês de maio desse ano, o Dr. e a Sra. Linn receberam um convite para um grande e formal banquete, oferecido por um funcionário público, e para o qual os membros mais proeminentes do partido da Administração, incluindo o próprio Presidente e o nosso atual Magistrado-Chefe, o Sr. Buchanan, eram convidados. O Dr. Linn estava muito ansioso por estar presente; mas, quando chegou o dia, sentindo-se a sofrer de um ataque de indigestão, pediu à sua esposa que apresentasse a sua desculpa em pessoa e participasse no banquete, deixando-o em casa. Com isto ela concordou com relutância. Foi acompanhada até à porta do anfitrião por um amigo, o General Jones, que prometeu regressar e permanecer com o Dr. Linn durante a noite.

À mesa, a Sra. Linn sentou-se ao lado do General Macomb, que a conduzira ao jantar; e imediatamente em frente dela sentou-se Silas Wright, Senador por Nova Iorque, o amigo mais íntimo do seu marido, e um homem por cuja morte, pouco depois, o país sofreu uma perda irreparável.

Mesmo durante a primeira parte do jantar, a Sra. Linn sentiu-se muito inquieta em relação ao marido. Tentou demover-se disso pelo raciocínio, pois sabia que a indisposição dele não era de todo grave; mas em vão. Mencionou a sua inquietação ao General Macomb; mas ele lembrou-lhe o que ela própria lhe dissera anteriormente, — que o General Jones prometera ficar com o Dr. Linn e que, na contingência muito improvável de qualquer doença súbita, ele certamente a avisaria. Não obstante estas representações, à medida que o jantar se aproximava do fim, esta inquietação inexplicável aumentou para um impulso tão incontrolável de regressar a casa que, como ela mo expressou, sentiu que não

podia ficar ali sentada nem mais um momento. A sua palidez repentina foi notada pelo Senador Wright e excitou o seu alarme. "Tenho a certeza de que está doente, Sra. Linn", disse ele: "o que se passa?"

Ela respondeu que estava muito bem, mas que tinha de regressar para o marido. O Sr. Wright procurou, como o General Macomb fizera, acalmar os seus receios; mas ela respondeu-lhe: "Se me quer fazer um favor pelo qual ficarei grata enquanto viver, arranje uma desculpa ao nosso anfitrião, para que possamos sair da mesa." Vendo-a tão grandemente excitada, ele acedeu ao seu pedido, embora estivessem então apenas a servir a sobremesa; e ele e a Sra. Wright acompanharam a Sra. Linn a casa.

Ao despedirem-se dela à porta do seu alojamento, o Senador Wright disse: "Virei amanhã de manhã e darei umas boas gargalhadas com o doutor e consigo sobre os seus pânicos receios."

Enquanto a Sra. Linn subia apressadamente as escadas, encontrou a senhoria. "Como está o Dr. Linn?", perguntou ansiosamente.

"— Muito bem, creio eu — foi a resposta: — ele tomou um banho há mais de uma hora e atrevo-me a dizer que a esta hora dorme profundamente. O General Jones disse que ele estava extremamente bem."

"— O general está com ele, não está?"

"— Creio que não. Penso que o vi passar para fora há cerca de meia hora."

Em certa medida tranquilizada, a Sra. Linn apressou-se para o quarto de dormir do marido, cuja porta estava fechada. Ao abri-la, uma fumaça densa irrompeu sobre ela, em tal quantidade sufocante que ela cambaleou e caiu no limiar. Recuperando-se após alguns segundos, precipitou-se para dentro do quarto. O travesseiro estava a arder, e as penas queimavam com um brilho vivo e um odor sufocante. Ela atirou-se sobre a cama; mas o fogo, meio sufocado até aquele momento, foi atiçado pela corrente de ar da porta aberta e, acendendo-se em chama súbita, pegou no seu vestido leve, que ficou em chamas num instante. No mesmo momento, o seu olhar caiu sobre a grande banheira que fora usada pelo marido.

Saltou para dentro dela, extinguindo o seu vestido em chamas; depois, regressando à cama, agarrou na almofada e num lençol que estavam a arder, queimando os braços ao fazê-lo, e mergulhou ambos na água. Finalmente, exercendo a sua força máxima, puxou da cama o seu marido insensível. Foi só então que chamou pelas pessoas da casa para ajudarem.

O Dr. Sewell foi instantaneamente convocado. Mas passou-se meia hora completa antes que o sofredor desse qualquer sinal de animação. Não deixou a cama durante quase uma semana; e passaram três meses antes de recuperar inteiramente dos efeitos deste acidente.

"Que sorte foi — disse o Dr. Sewell à Sra. Linn — ter chegado no exato momento em que chegou! Mais cinco minutos, — não, três minutos, — e, com toda a probabilidade humana, nunca mais teria visto o seu marido vivo."

O Sr. Wright apareceu, como prometera, na manhã seguinte.

— Bem, Sra. Linn — disse ele, a sorrir —, já deve ter descoberto a esta hora quão tolo foi esse seu estranho pressentimento.

— Venha lá acima — respondeu ela. E conduziu-o até ao seu amigo, que mal conseguia ainda falar; e depois mostrou-lhe os restos do travesseiro meio consumido e a roupa de cama parcialmente queimada. Se a visão mudou a sua opinião sobre o assunto dos pressentimentos, não sei dizer; mas ele ficou pálido como um cadáver (disse a Sra. Linn) e não proferiu uma palavra.

Obtive todos os pormenores acima da própria Sra. Linn,* juntamente com a permissão para os publicar em ilustração do assunto que estou a tratar, atestada por data e nomes.

Há um ponto em ligação com a narrativa acima que é digno de exame especial. No caso de admitirmos que o impulso irresistível da Sra. Linn para deixar a mesa do jantar foi uma impressão espiritual, a questão permanece: foi um aviso de um mal então existente, ou foi um pressentimento de um mal que ainda estava por surgir? Por outras palavras, foi no seu caráter apenas clarividente, ou foi na sua natureza claramente profético?

A impressão foi distintamente produzida na mente da Sra. Linn, como aquela senhora me contou, pelo menos meia hora antes de se tornar tão urgente a ponto de a compelir a deixar o convívio. Quando ela saiu, como as carruagens não estavam pedidas até às onze horas e não havia nenhum carro de aluguer à mão, ela e o Sr. e a Sra. Wright, como ela me afirmou ainda, regressaram a pé. Sendo a distância de uma milha e meia, levaram uma boa meia hora a percorrê-la. Segue-se que a Sra. Linn foi impressionada a regressar mais de uma hora antes de abrir a porta do quarto de dormir.

Ora, é altamente improvável que o fogo tivesse pegado, ou que qualquer coisa tivesse acontecido que pudesse levar a ele, no quarto de dormir tanto tempo como uma hora, ou mesmo meia hora, antes da chegada da Sra. Linn. Mas, se não foi assim — se, no momento em que a Sra. Linn foi impressionada pela primeira vez, não existia nenhuma condição de coisas que, para as perceções

humanas, pudesse indicar perigo —, então, a menos que refiramos tudo a uma coincidência ocasional, o caso é um que envolve não apenas um pressentimento de aviso, mas um instinto profético.

---

** Em Washington, a 4 de julho de 1859.*

---

Mais distinto ainda, como exemplo do que parece ser uma agência protetora, é o seguinte, extraído de uma obra recente do Rev. Dr. Bushnell.

**AUXÍLIO ENTRE OS MONTES DE NEVE**

"Enquanto eu estava sentado junto à lareira, numa noite tempestuosa de novembro, na sala de um hotel, no Vale de Napa da Califórnia, entrou uma pessoa muito venerável e de aspeto benigno, com a sua esposa, tomando os seus lugares no círculo. O estranho, como soube depois, era o Capitão Yount, um homem que viera para a Califórnia como caçador há mais de quarenta anos. Aqui viveu ele, à parte do grande mundo e das suas questões, adquirindo uma imensa propriedade fundiária e tornando-se uma espécie de patriarca reconhecido no país.

A sua figura alta e varonil, e o seu olhar gracioso e paternal, tão totalmente genuíno na expressão como se nunca tivesse ouvido falar de uma dúvida ou questão filosófica na vida, marcavam-no como o verdadeiro patriarca. A conversa desviou-se, não sei como, para o espiritismo e a moderna necromancia; e ele revelou um certo grau de inclinação para acreditar nos mistérios relatados. A sua esposa, uma pessoa muito mais jovem e aparentemente cristã, insinuou que provavelmente ele estava predisposto para este tipo de fé devido a uma experiência muito peculiar da sua autoria, e desejou evidentemente que ele pudesse ser levado a falar por alguma discussão inteligente das suas dúvidas.

"A meu pedido, ele contou-me a sua história. Cerca de seis ou sete anos antes, numa noite de pleno inverno, ele tivera um sonho no qual vira o que parecia ser uma companhia de emigrantes retidos pelas neves das montanhas e a perecer rapidamente pelo frio e pela fome. Notou o próprio aspeto da paisagem, marcada por uma enorme frente perpendicular de uma falésia de rocha branca; viu os homens a cortar o que pareciam ser o topo das árvores que saíam de profundos abismos de neve; distinguiu as próprias feições das pessoas e o aspeto da sua aflição particular. Acordou profundamente impressionado com a nitidez e a aparente realidade do seu sonho. Por fim, adormeceu e sonhou exatamente o mesmo sonho de novo. De manhã, não conseguia expulsá-lo da mente. Encontrando-se, pouco depois, com um velho camarada caçador, contou-lhe a

história, e ficou apenas mais profundamente impressionado pelo facto de ele reconhecer, sem hesitação, a paisagem do sonho. Este camarada tinha atravessado a Sierra pelo Desfiladeiro de Carson Valley, e declarou que um local no desfiladeiro correspondia exatamente à descrição dele. Por isto o patriarca genuíno decidiu-se.

Reuniu imediatamente uma companhia de homens com mulas e cobertores e todas as provisões necessárias. Os vizinhos riam-se, entretanto, da sua credulidade. 'Não importa', disse ele: 'eu posso fazer isto, e fá-lo-ei; pois creio verdadeiramente que o facto é conforme ao meu sonho.' Os homens foram enviados para as montanhas, a cento e cinquenta milhas de distância, diretamente para o Desfiladeiro de Carson Valley. E lá encontraram a companhia exatamente na condição do sonho, e trouxeram os restantes vivos."*

O Dr. Bushnell acrescenta que um cavalheiro presente lhe disse: "Não precisa de ter dúvidas sobre isto; pois nós, californianos, conhecemos todos os factos e os nomes das famílias trazidas, que olham agora para o nosso venerável amigo como uma espécie de Salvador." Estes nomes deu ele, juntamente com as residências de cada um; e o Dr. Bushnell assevera que encontrou os californianos em toda a parte prontos a secundar o testemunho do velho. "Nada poderia ser mais natural", continua o doutor, "do que o próprio patriarca de bom coração acrescentar que a coisa mais brilhante da sua vida, e aquela que lhe deu a maior alegria, foi a sua fé simples naquele sonho."

---

** "Nature and the Supernatural", por Horace Bushnell, Nova Iorque, 1858, pp. 475, 476.*

---

Eis um facto conhecido e reconhecido por toda uma comunidade. Que ele realmente ocorreu está fora de questão. Mas como poderia ocorrer por acaso? No ilimitado ermo invernal, com os seus cem desfiladeiros e os seus mil emigrantes, como pode uma fantasia puramente acidental supor-se, sem interferência ultramundana, que desse forma à semelhança da realidade de uma cena existindo realmente a cento e cinquenta milhas de distância, embora totalmente desconhecida para o sonhador, — não apenas a paisagem, com as suas falésias brancas e as suas árvores enterradas na neve, mas os viajantes famintos cortando os topos das árvores num esforço vão para evitar o frio e a fome? Aquele que acredita nisto, acredita num prodígio mil vezes maior do que a hipótese da tutela espiritual.

Em apoio a essa hipótese, contudo, existem narrativas bem atestadas, indicando, mais diretamente do que esta história do caçador californiano, o cuidado amoroso da parte dos que partiram. Uma destas encontrar-se-á numa obra sobre o sobrenatural pelo Rev. Dr. Edwards. Ele comunica-a sob a forma de um "extrato de uma carta de um teólogo esclarecido e instruído no norte da Alemanha". O incidente ocorreu, conta-nos ele, em Levin, uma aldeia pertencente ao Ducado de Mecklemburgo, não longe de Demmin, na Pomerânia Prussiana, no domingo anterior ao dia de S. Miguel, no ano de 1759. O extrato referido (apenas com o título acrescentado por mim) é como se segue:—

## CONSOLAÇÃO INESPERADA

"Mencionarei agora, em conclusão, uma história muito edificante de uma aparição, para cuja verdade posso afiançar com tudo o que me é querido. A minha falecida mãe, um modelo de verdadeira piedade e uma mulher que era regular na oração, perdeu, muito inesperadamente, após uma curta doença decorrente de uma dor de garganta, a minha irmã mais nova, uma rapariga de cerca de catorze anos de idade. Ora, como durante a sua doença ela não tinha falado muito com ela sobre assuntos espirituais, não supondo de modo algum que o seu fim estivesse tão próximo (embora o meu pai o tivesse feito), ela recriminava-se e afligia-se profundamente, não só por esta conta, mas também por não a ter cuidado e assistido suficientemente, ou por ter negligenciado algo que pudesse ter provocado a sua morte. Este sentimento apoderou-se tanto dela que não só alterou muito a sua aparência, pela perda de apetite, mas tornou-se tão monossilábica ao falar que nunca se expressava exceto ao ser interrogada. Continuava, no entanto, a orar diligentemente no seu quarto. Já sendo adulto na altura, falei com o meu pai a respeito dela e perguntei-lhe o que se havia de fazer e como a minha boa mãe poderia ser confortada. Ele encolheu os ombros e deu-me a entender que, a menos que Deus interpusesse, temia o pior.

"Ora, aconteceu, alguns dias depois, quando estávamos todos, numa manhã de domingo, na igreja, com exceção da minha mãe, que ficara em casa, que ao levantar-se da oração, no seu gabinete, ela ouviu um ruído como se alguém estivesse com ela no quarto. Ao olhar em volta para verificar de onde provinha o ruído, algo se apoderou dela invisivelmente e apertou-a firmemente contra si, como se tivesse sido abraçada por alguém, e no mesmo momento ouviu, — sem ver coisa alguma —, muito distintamente, a voz da sua filha falecida, dizendo-lhe muito claramente: 'Mamã! Mamã! Sou tão feliz!

Sou tão feliz!' Imediatamente após estas palavras, a pressão cedeu, e a minha mãe não sentiu nem ouviu mais nada. Mas que mudança desejada

percebemos todos na nossa querida mãe ao chegar a casa! Ela recuperara a fala e a antiga alegria; comeu e bebeu, e regozijou-se connosco pela misericórdia que o Senhor lhe concedera; nem durante toda a sua vida voltou sequer a notar, com mágoa, a grande perda que sofrera pelo falecimento desta excelente filha."*

Que este foi um caso de alucinação de dois sentidos, audição e tato, pode ser considerado provável apenas se não puderem ser encontrados exemplos inequívocos de agência semelhante. E se, para algumas pessoas, a fala de um habitante de outro mundo, audível na terra, parecer um fenómeno impossível, que leiam o seguinte, comunicado a mim por um cavalheiro a cuja esposa, como os nossos leitores viram, já estou grato por uma das narrativas mais marcantes em ligação com interferências pessoais.

**GASPAR**

"Em Worcester, há algumas semanas, encontrei acidentalmente, na casa de um banqueiro naquela cidade, uma senhora que eu não conhecia anteriormente; e dos seus lábios ouvi uma história de um caráter tão extraordinário que nenhum aval comum para a veracidade do narrador bastaria, aos olhos da maioria das pessoas, para estabelecer a sua autenticidade.

"Nem foi um testemunho comum aquele que, ao recorrer ao nosso anfitrião, ele me forneceu. Ele conhecia a senhora, disse ele, há mais de trinta anos. 'Tão grande é a sua verdade — acrescentou ele —, tão facilmente provada é a sua integridade, que não posso nutrir uma dúvida de que ela própria acredita em tudo o que diz.' Irrepreensível no seu andar e conversa, ele considerava uma incredibilidade que ela procurasse enganar. De mente forte e inteligente em todos os assuntos, parecia-lhe quase tão difícil imaginar que, na narrativa que ele próprio frequentemente ouvira dos lábios dela — clara e circunstancial como era —, ela tivesse sido uma autoenganada.

---

** "The Doctrine of the Supernatural Established", por Henry Edwards, D.D., LL.D., F.A.S., F.G.S., &c., Londres, 1845, pp. 226 a 228.*

---

"E assim ele estava num dilema. Pois os factos eram de um caráter que ele estava extremamente relutante em admitir; enquanto a evidência era de uma marca que parecia impossível de questionar.

"A minha própria observação da senhora, estranha como me era, confirmou tudo o que o seu amigo banqueiro me tinha dito a seu favor. Havia no seu rosto e maneira, mesmo nos tons da sua voz, aquele algo sem nome, raramente

enganador, que carrega a convicção da verdade. Enquanto ela repetia a história, não pude senão confiar na sua sinceridade; e isto tanto mais porque ela falava com evidente relutância. 'Era raro', disse o banqueiro, 'que ela pudesse ser convencida a relatar as circunstâncias, — sendo os seus ouvintes habitualmente céticos, mais dispostos a rir do que a simpatizar com ela.'

"Acrescente-se a isto que nem a senhora nem o banqueiro eram crentes no Espiritismo, — tendo ouvido, como me disseram, 'quase nada' sobre o assunto.

"Não cometo nenhuma quebra de confiança na seguinte comunicação. 'Se falar deste assunto', disse-me a senhora, 'pedir-lhe-ei que omita o nome da localidade em França onde as ocorrências tiveram lugar.' Assim o fiz, consequentemente. Posso acrescentar que os incidentes aqui relatados tinham sido assunto frequente de conversa e comentário entre a senhora e os seus amigos.

"Assim prefaciado, passo a dar a narrativa o mais próximo que posso nas palavras da senhora.

"— Por volta do ano de 1820 — disse ela —, residíamos na cidade portuária de , em França, tendo-nos mudado para lá da nossa residência em Suffolk. A nossa família consistia no meu pai, mãe, irmã, um irmão jovem de cerca de doze anos, e eu, juntamente com uma criada inglesa. A nossa casa ficava num local solitário, nos arredores da cidade, com uma praia larga e aberta em redor dela, e sem nenhuma outra habitação, nem nenhuns anexos, nas suas proximidades.

"— Certa noite, o meu pai viu, sentado num fragmento de rocha a apenas algumas jardas da sua própria porta, uma figura envolta num grande manto. Aproximando-se dele, o meu pai deu-lhe as 'boas-noites'; mas, não recebendo resposta, voltou-se para entrar em casa. Antes de o fazer, no entanto, olhou para trás e, para sua grande surpresa, não conseguiu ver ninguém. O seu espanto atingiu o auge quando, ao regressar à rocha onde a figura parecera sentada e procurando em volta dela, não conseguiu descobrir vestígio algum da aparição, embora não houvesse o mais pequeno abrigo por perto onde alguém pudesse ter procurado esconder-se.

"— Ao entrar na sala de estar, disse ele: 'Filhos, vi um fantasma!' — ao que, como se pode supor, todos nos rimos cordialmente.

"— Nessa noite, porém, e durante várias noites seguintes, ouvimos ruídos estranhos em várias partes da casa, — por vezes assemelhando-se a gemidos por baixo da nossa janela, por vezes soando como arranhadelas contra os caixilhos das janelas, enquanto noutras alturas parecia que um número de pessoas estava a

gatinhar sobre o telhado. Abrimos a nossa janela repetidas vezes, gritando para saber se alguém lá estava, mas não recebemos resposta.

"— Passados alguns dias, os ruídos abriram caminho até ao nosso quarto, onde a minha irmã e eu (ela com vinte e eu com dezoito anos de idade) dormíamos juntas. Alarmámos a casa, mas recebemos apenas censuras, acreditando os nossos pais que estávamos afetadas por fantasias parvas. Os ruídos no nosso quarto eram habitualmente batidas, — por vezes repetidas vinte ou trinta vezes num minuto, por vezes com o espaço talvez de um minuto entre cada uma.

"— Por fim, os nossos pais também ouviram tanto as batidas no nosso quarto como os ruídos no exterior, e viram-se obrigados a admitir que não era imaginação. Então o incidente do fantasma foi reavivado. Mas nenhum de nós estava seriamente alarmado. Habituámo-nos às perturbações.

"— Certa noite, durante as batidas habituais, ocorreu-me dizer em voz alta: 'Se és um espírito, bate seis vezes.' Imediatamente ouvi seis batidas, dadas muito distintamente, e nada mais.

"— À medida que o tempo passava, os ruídos tornaram-se tão familiares que perderam todo o efeito aterrador, até mesmo todo o efeito desagradável; e assim as coisas passaram-se durante várias semanas.

"— Mas a parte mais notável da minha história resta ser contada. Hesitaria em repeti-la para si, não fossem todos os membros da minha família testemunhas da sua verdade. O meu irmão — então, é verdade, apenas um rapaz, agora um homem de anos, e de alta posição na sua profissão — confirmará cada detalhe.

"— Além das batidas no nosso quarto, começámos a ouvir — habitualmente na sala — o que parecia uma voz humana. A primeira vez que este fenómeno assustador ocorreu, a voz foi ouvida a juntar-se a uma das canções domésticas da família enquanto a minha irmã estava ao piano. Pode imaginar o nosso espanto. Mas não fomos deixados por muito tempo na dúvida sobre se, neste caso, as nossas imaginações nos tinham enganado. Passado algum tempo, a voz começou a falar connosco de forma clara e inteligível, juntando-se de tempos a tempos na conversa. Os tons eram baixos, lentos e solenes, mas perfeitamente distintos: a língua era uniformemente o francês.

"— O espírito — pois era assim que lhe chamávamos — deu o seu nome como Gaspar, mas permanecia em silêncio sempre que fazíamos perguntas tocantes à sua história e condição de vida. Nem nunca atribuiu qualquer motivo para as suas comunicações connosco.

"— Ficámos com a impressão de que ele era espanhol; mas não consigo recordar-me de nenhuma razão certa, sequer, para tal crença. Ele chamava sempre a família pelos seus nomes próprios. Ocasionalmente, repetia-nos versos de poesia. Nunca falava sobre assuntos de natureza ou tendência religiosa, mas inculcava constantemente a moralidade cristã, parecendo desejoso de imprimir em nós a sabedoria da virtude e a beleza da harmonia no lar. Certa vez, quando a minha irmã e eu tivemos uma pequena disputa, ouvimos a voz dizer: 'M. está errada; S. tem razão'. Desde o momento em que se declarou pela primeira vez, ele estava continuamente a dar-nos conselhos, e *sempre para o bem*.*

"— Numa ocasião, o meu pai estava extremamente desejoso de recuperar alguns papéis valiosos que temia terem-se perdido. Gaspar disse-lhe exatamente onde estavam, na nossa antiga casa em Suffolk; e lá, com certeza, no exato lugar que ele designou, foram encontrados.

"— O assunto prosseguiu desta maneira durante mais de três anos. Todos os membros da família, incluindo os criados, tinham ouvido a voz. A presença do espírito — pois não podíamos deixar de o considerar como presente — era sempre um prazer para todos nós. Passámos a considerá-lo como nosso companheiro e protetor. Um dia ele disse: 'Não estarei convosco novamente por alguns meses'. E, consequentemente, durante vários meses as suas visitas interromperam-se. Quando, numa noite ao fim desse tempo, ouvimos novamente a voz bem conhecida: 'Estou convosco de novo!', saudámos o seu regresso com alegria.

"— Nas alturas em que a voz era ouvida, nunca víamos qualquer aparição; mas certa noite o meu irmão disse: 'Gaspar, eu gostaria de te ver'; ao que a voz respondeu: 'Ver-me-ás. Encontrar-me-ei contigo se fores ao lado mais distante da praça'. Ele foi, e regressou logo depois, dizendo: 'Vi o Gaspar. Ele estava com um manto largo, com um chapéu de abas largas. Olhei por baixo do chapéu, e ele sorriu para mim'. 'Sim', disse a voz, juntando-se à conversa, 'era eu'.

"— Mas a maneira da sua partida final foi mais tocante, ainda, do que a sua bondade enquanto ficou.

---

** O itálico está no manuscrito original.*

---

Regressámos a Suffolk; e lá, tal como em França, durante várias semanas após a nossa chegada, Gaspar continuou a conversar connosco, como de costume. Um dia, porém, ele disse: 'Estou prestes a deixar-vos por completo. O

mal viria para vós se eu estivesse convosco aqui neste país, onde as vossas comunicações comigo seriam mal compreendidas e mal interpretadas'.

"— Desde esse tempo — concluiu a senhora, naquele tom de tristeza com que se fala de um querido amigo removido pela morte —, desde esse tempo até hoje, nunca mais ouvimos a voz de Gaspar!"

O que devemos pensar de uma narrativa que nos chega tão diretamente da fonte original, e contada de uma maneira tão franca, como esta? Que hipótese, seja de trapaça, autoengano ou alucinação, nos servirá para a pôr de lado? Um, dois, uma dúzia de incidentes, decorrendo ao longo de uma semana ou duas, poderiam, em caso de extrema necessidade, ser explicados como resultado, talvez, de alguma mistificação, — possivelmente de algum erro dos sentidos. Mas uma série de fenómenos que se estende por três anos, testemunhada, muito antes da era do Espiritismo, no sossego da privacidade doméstica, por cada membro de uma família esclarecida, observada, também, sem o mais pequeno terror para desorientar, ou excitação para desqualificar como testemunha, causando, dia após dia, em todas as testemunhas, a mesma impressão, — sob que argumento racional, que não seja a suspeita de deceção deliberada, podemos nós pôr de lado, como indignas de confiança, observações como estas?

Procuro em vão qualquer meio-termo. Ou uma comunicação oral, aparentemente de uma fonte ultramundana, é possível; ou então uma família cultivada e inteligente, de elevada posição e honra inatacável, combinou para impingir aos seus amigos uma mentira absoluta. Não apenas a narradora: o seu pai, mãe, irmão, irmã, devem ter sido todos cúmplices numa falsidade grosseira e sem motivo, mantida ao longo de uma vida; mais, uma falsidade não apenas sem motivo, mas de prejuízo certo e evidente num sentido mundano. Pois tal história, como todos sabem, não pode, no atual estado preconceituoso da opinião pública, ser contada (seja o narrador tão respeitado quanto for) sem risco de comentários penosos e suposições injuriosas.

Por outro lado, que um espírito desencarnado fale a ouvidos mortais é um desses fenómenos ultramundanos, alegados em várias das narrativas precedentes, que o leitor pode ter considerado o mais difícil de acreditar ou conceber.

Mas a minha tarefa como compilador aproxima-se do seu término. Devo estabelecer um limite ao número das minhas provas narrativas, ou então afastar-me-ia da regra que estabeleci para mim próprio, de estudar a brevidade e de colocar estas provas, tanto quanto me seja possível, ao alcance de todos, restringindo este tratado aos limites de um único volume em duodécimo. Com uma narrativa adicional, portanto, de entre uma multidão que resta nas minhas mãos, encerro aqui, por agora, a lista.

## O PRETENDENTE REJEITADO

Numa bela residência de campo, a não grande distância de Londres, numa das partes mais bonitas de Inglaterra, vivem um cavalheiro e a sua esposa, a quem designarei como Sr. e Sra. W. Estão casados há dezasseis anos, mas não têm filhos.

Há quatro ou cinco anos, veio residir com eles um amigo da família, um cavalheiro idoso que já passara os seus oitenta anos, e cujas forças declinantes e crescentes enfermidades exigiam gradualmente cuidados cada vez mais constantes. A Sra. W. cuidava dele com a afeição ansiosa de uma filha; e quando, ao fim de cerca de quatro anos, ele morreu, ela chorou-o como se tivesse de facto perdido um pai.

A sua dor pela perda dele era tanto mais profunda por causa daquela bela característica do seu sexo, que faz com que uma mulher de coração sincero lamente mais a criança débil, ou o sofredor idoso, cujo desamparo parece tê-los lançado sobre ela como um fardo constante, mas a quem essa mesma dependência tanto a afeiçoou que, quando a morte lhe tira o objeto do seu cuidado, ela sente antes um vazio na sua existência do que uma libertação do trabalho diário ou da vigília noturna.

Em tal estado de espírito, e sentindo-se mais do que habitualmente deprimida, a Sra. W. foi certa manhã, não muito depois da morte do seu velho amigo, para o seu jardim, em busca de alguma distração para a dor que a oprimia. Estava lá apenas há alguns minutos quando sentiu um forte impulso para regressar a casa e escrever.

Deve aqui ser declarado que a Sra. W. não é, nem nunca foi, o que na fraseologia moderna se chama uma espiritista. De facto, o que ouvira sobre o Espiritismo anos antes levara-a a considerá-lo uma ilusão perniciosa; e embora, mais tarde, tivesse começado a duvidar um pouco até que ponto poderia ter sido injustamente preconceituosa, nunca se sentara a uma mesa, nem de outra forma evocara fenómenos espirituais; não podendo considerar-se como tal que, em uma ou duas ocasiões, se tivesse sentado, por curiosidade, para ver se a sua mão escreveria automaticamente; tendo sido o único resultado alguns algarismos ininteligíveis ou palavras sem importância.

Na presente ocasião, contudo, o impulso para escrever, aumentando gradualmente e acompanhado de uma sensação nervosa e inquieta no braço direito, tornou-se tão forte que ela cedeu a ele; e, regressando a casa e pegando numa folha de papel de nota e numa pequena pasta, sentou-se nos degraus da

porta da frente, pôs a pasta no joelho, com a folha de papel de nota sobre ela, e colocou a mão, com um *lápis*, no canto superior esquerdo, como se costuma começar a escrever.

Passado algum tempo, a mão foi gradualmente puxada para o canto inferior direito e começou a escrever de trás para a frente; completando a primeira linha perto da margem esquerda da folha, começando depois uma segunda linha, e finalmente uma terceira, ambas à direita, e completando a escrita perto de onde primeiro colocara o seu lápis. Não só a última letra da frase foi escrita primeiro, e assim sucessivamente até que a letra inicial fosse escrita por último, mas cada letra separada foi escrita invertida, ou inversamente; o lápis percorrendo as linhas que compunham cada letra da direita para a esquerda.

A Sra. W. afirmou-me que (como bem se pode conceber) não tinha a mais pequena perceção do que a sua mão estava a escrever: nenhuma ideia passava pela sua mente na altura. Quando a mão parou, ela leu a frase como teria lido o que qualquer outra pessoa tivesse escrito para ela. A caligrafia era apertada e canhestra, mas, como o fac-símile mostrará,* suficientemente legível. A frase dizia assim:—

"Vós estais a sofrer como quem não tem esperança. Lança o teu fardo sobre Deus, e ele te ajudará."

---

** Parece que deveria ler-se: "Tu estás a sofrer", etc. Se me perguntarem a origem deste erro na construção gramatical da frase, respondo que não sei dar conta dele mais do que da própria escrita. Ninguém poderia escrever de forma mais correta ou gramatical do que a Sra. W. Não foi através dela, portanto, como no caso de um escrivão iletrado poderíamos ter imaginado, que o erro ocorreu. A sua ocorrência é uma prova adicional de que a mente dela não teve agência no assunto; embora fosse provavelmente esticar demasiado a conjetura imaginar que foi assim pretendido.*

---

A Sra. W. disse-me depois que, se um anjo do céu lhe tivesse aparecido subitamente e pronunciado estas palavras, o seu espanto dificilmente poderia ter excedido aquele com que primeiro as leu. Sentiu-se dominada pelo temor, como se na presença de algum poder superior. Sentou-se demoradamente em contemplação silenciosa. Depois leu, repetidas vezes, a frase diante de si, duvidando, entretanto, da evidência dos seus próprios sentidos.

Passado algum tempo, tomou novamente o lápis na mão e tentou escrever algo de trás para a frente. Mas a palavra mais simples, de três ou quatro letras,

era demais para ela. Ficou intrigada com isso sem ser capaz de o traçar de trás para a frente, de modo a ser legível quando terminado.

Então surgiu a questão na sua mente: "De onde vem isto? Quem me fez escrever esta frase?"

Os seus pensamentos reverteram involuntariamente para o amigo idoso que acabara de perder. Poderia o espírito dele, do seu lar noutro mundo, ter ditado aquelas palavras de consolação? Poderia ele ter tido permissão para guiar a mão dela para que ela recebesse assim a garantia de que ele simpatizava com a sua dor e pensava em como poderia aliviá-la?

Essa foi a conclusão para a qual ela finalmente se inclinou. Contudo, desejando mais garantias, orou silenciosamente para que o espírito que escrevera esta frase através da sua mão também tivesse permissão para, através do mesmo meio, assinar o seu nome. E então colocou o seu lápis no fundo do papel, esperando confiantemente que o nome do amigo que perdera fosse ali escrito.

O evento, porém, desmentiu totalmente a sua expectativa. O lápis, novamente puxado quase para a margem direita do papel, escreveu, de trás para a frente como antes, não o nome esperado, mas as iniciais R. G. D.

A Sra. W., ao lê-las, sentiu-se estremecer e empalidecer. O túmulo parecia estar a entregar o seu morto. As iniciais eram as de um jovem que, dezoito anos antes, a pedira em casamento, mas a quem, embora o conhecesse há muito e o estimasse muito, ela rejeitara, — não experimentando por ele nenhum sentimento mais caloroso do que amizade, e talvez tendo outras preferências. Ele recebera a sua recusa sem queixa ou reclamação. "Nunca me deste motivos para esperar", disse ele, suavemente, "que eu fosse aceite. Mas eu estava resolvido a conhecer o meu destino; pois não podia suportar mais o suspense. Agradeço-te por teres lidado tão candidamente comigo. Vejo agora que nunca poderás ser minha esposa; mas mais ninguém o será. Isso, pelo menos, está no meu poder."

E com isso ele a deixara. Doze anos depois ele morreu, solteiro. Quando a Sra. W. soube da sua morte pela primeira vez, sentira uma pontada momentânea, ao surgir o pensamento de que ela talvez, ao cruzar o caminho da vida dele, tivesse obscurecido e tornado solitária a sua existência. Mas, como não tinha nada de que se recriminar no assunto, e como nunca sentira por ele mais do que por qualquer outro amigo merecedor, logo deixou de pensar nele; e ela assegurou-me solenemente que não conseguia recordar que o nome dele, sequer, lhe tivesse ocorrido à lembrança, durante vários anos, até ao momento em que foi assim súbita e inesperadamente evocado.

Isto ocorreu na tarde de terça-feira, 1 de março de 1859. Pouco mais de um mês depois, a saber, na segunda-feira, 4 de abril, por volta das quatro horas da tarde, enquanto a Sra. W. estava sentada na sua sala, a ler, ouviu subitamente, parecendo vir de uma pequena mesa lateral perto dela, três pancadas distintas. Escutou; e novamente vieram os mesmos sons. Ainda incerta se não poderia ser alguma pancada acidental, disse: "Se for um espírito que se anuncia, repetirá o som?" No que os sons foram instantaneamente e ainda mais distintamente repetidos; e a Sra. W. ficou convencida de que procediam da mesa lateral.

Disse então: "Se eu pegar em lápis e papel, poderei ser informada de quem é?" Imediatamente houve três pancadas, como de assentimento; e quando ela se sentou para escrever, a sua mão, escrevendo de trás para a frente, formou as mesmas iniciais de antes, — R. G. D.

Então ela questionou: "Para que fim foram estes sons?" Ao que a resposta, novamente escrita de trás para a frente, foi: "Para te mostrar que estamos a pensar e a trabalhar para ti."

Nem foi tudo. Dez dias após o último incidente, nomeadamente, na tarde de quinta-feira, 14 de abril, a Sra. W., por acaso lembrando-se de que R. G. D. certa vez lhe oferecera um belo cão Terra-Nova preto, pensou consigo mesma: "Como eu gostaria de ter agora um animal exatamente assim!" E, estando uma das suas criadas por perto na altura, disse-lhe: "Gostaria de ter um belo Terra-Nova grande para companheiro de caminhada."

Na manhã seguinte, após o pequeno-almoço, foi anunciado um cavalheiro. Revelou ser um total estranho, que a Sra. W. não se lembrava de alguma vez ter visto antes. Era um agrimensor, de uma cidade vizinha, e trazia com ele um nobre Terra-Nova preto, tão alto como a mesa. Após pedir desculpa pela sua intrusão, disse que tomara a liberdade de chamar para pedir à Sra. W. que aceitasse o cão que trazia consigo.

"— Não me poderia ter oferecido um presente mais aceitável — disse a Sra. W.; — mas permitir-me-ia perguntar o que o levou a pensar em trazê-lo para mim?"

"— Trouxe-o — disse ele — porque não pretendo, para o futuro, manter cães, e porque tive a certeza de que em si ele encontraria uma dona bondosa."

A Sra. W. informou-me que apurou, com absoluta certeza, que a rapariga com quem falara sobre o assunto não mencionara a ninguém o seu desejo de ter um cão e, na verdade, que a observação casual passara da mente da rapariga e ela nunca mais pensara nisso. Poucas horas apenas, observar-se-á, intervieram entre a expressão do desejo e a oferta do animal.

** Para fac-símile, ver Prancha II.*

Aqueles que conhecem tão bem a Sra. W. como eu sabem que a retidão e a conscienciosidade são traços marcantes do seu caráter, e que os incidentes acima podem ser confiavelmente aceites como a verdade exata. Obtive-os diretamente da própria Sra. W., poucos dias após terem ocorrido; e aquela senhora gentilmente cedeu-me o manuscrito original das duas comunicações.

As circunstâncias, tomadas em ligação, estão, no seu género, entre as mais extraordinárias com que travei conhecimento. E para o leitor cândido não será motivo de surpresa saber que a Sra. W., até então uma cética na realidade de quaisquer agências diretas de outro mundo, me tenha confessado que as suas dúvidas foram removidas, que se sentia confortada e tranquilizada, e que aceitava os indícios que lhe foram assim concedidos, sem serem buscados, sem serem esperados, como garantia suficiente de que estava, em certa medida, sob proteção espiritual, — lembrada, cuidada, mesmo para além do túmulo.

Antes de decidirmos que uma fé tão consoladora é infundada, faremos bem em rever os factos deste caso. De onde veio o impulso súbito no jardim? As pessoas não têm o hábito de imaginar que desejam escrever, a menos que tenham algo a dizer. A Sra. W. não era uma espiritista, nem residia entre espiritistas: de modo que nenhuma agência epidémica pode ser invocada como explicação, mesmo que tal sugestão tenha algum peso. O fenómeno que se apresentou foi estritamente espontâneo.

De onde veio, novamente, a escrita de trás para a frente? Nisso a vontade não teve agência. Tão pouco a teve a expectativa. A Sra. W., no seu estado normal, não tinha o poder de escrever assim. Através de prática diligente poderia, sem dúvida, tê-lo adquirido. Mas ela não teve tal prática. Ela não o tinha adquirido. E, não o tendo adquirido, era tanto uma impossibilidade física para ela, por si própria, escrever assim, como para um homem, pegando num violino pela primeira vez, executar nele, à primeira vista, alguma passagem elaborada de Handel ou Beethoven.

De novo, de onde surgiu a intenção de escrever de uma maneira tão sem exemplo e impraticável? Onde há uma intenção, deve haver uma inteligência. Não foi a Sra. W. quem a pretendeu, pois o resultado atingiu-a com pavor, — quase com consternação. Não foi a inteligência dela, portanto, que atuou. Que inteligência foi?

Nem podemos razoavelmente duvidar de qual era a intenção. Tivesse a mão da Sra. W. escrito normalmente, ela teria, com toda a probabilidade, permanecido na incerteza sobre se, talvez meio inconscientemente, as palavras não seriam de sua própria autoria. O expediente da escrita de trás para a frente excluiu qualquer suposição desse género; pois ela não poderia fazer por si mesma, inconscientemente, uma coisa que não conseguia fazer de todo. E este expediente parece ter sido engenhosamente concebido para cortar qualquer suposição do género. Temos aqui, então, a invenção de um expediente, a exibição de engenhosidade. Mas quem é o inventor? Quem exibe a engenhosidade? Confesso a minha incapacidade de responder a estas perguntas.

O incidente do cão, se estivesse isolado, seria menos notável. Uma coisa pode acontecer quando há dez mil probabilidades contra uma. Uma senhora pode hoje expressar o desejo de um cão Terra-Nova e um perfeito estranho, que nada soubesse desse desejo, pode amanhã oferecer-lhe um. E tudo isto pode ocorrer, como costumamos dizer, por acaso. Mas, no caso diante de nós, há as circunstâncias acompanhantes a serem levadas em conta. R. G. D. tinha, em dias passados, dado à Sra. W. exatamente um cão desses. Ela estivera a pensar nele e no seu presente. Tinham-lhe dito, dez dias antes, através de alguma agência que ela considerara impossível interpretar como mundana, que ele estava a pensar e a trabalhar para ela. Estaria ela a ser supersticiosa quando me disse, como disse, que "nada poderia convencê-la de que um espírito não influenciou o dono do cão a trazê-lo para ela"?

Creio que a sua conclusão, dadas as circunstâncias, foi natural. Acredito que poucos, tendo a mesma experiência pessoal que teve a Sra. W., lhe teriam resistido. Seria ela razoável, bem como natural? É difícil dizer por que não o seria, a menos que assumamos, para lá de qualquer dúvida, como uma coisa impossível, que um espírito desencarnado comunique com uma pessoa viva, leia os pensamentos de uma pessoa viva, influencie as ações de uma pessoa viva. Mas é claramente uma perda de tempo examinar sequer uma questão que resolvemos antecipadamente decidir pela negativa.

E, se não o resolvemos, não faremos bem em enfrentar francamente as questões que esta e as narrativas precedentes sugerem? Se fora desta existência material se exerce ocasionalmente um pensamento tutelar pelo bem-estar dos homens; se, por vezes, a consolação nos pode alcançar e agências podem trabalhar por nós, vindas desse mundo para o qual todos caminhamos apressadamente; se existe um amor terreno que é mais forte do que a morte; serão estas influências, se influências reais forem, tão indesejáveis em si mesmas, dotadas de tão pouca consolação, tão incapazes de animar uma alma desanimada, tão impotentes para sustentar um espírito que desfalece, tão desprovidas de força

para vivificar a fé num Porvir, que possamos apropriadamente repulsá-las, no limiar, como aberrações sem graça, ou pô-las de lado, sem escrutínio, como profanas ou incrédulas?

# LIVRO VI

# OS RESULTADOS SUGERIDOS

## CAPÍTULO I

## A MUDANÇA NA MORTE

*"Natura non fecit saltum."* — Lineu.

Não basta que uma teoria seja apoiada por um forte conjunto de provas. Para merecer uma atenção séria ou desafiar uma crença racional, não deve envolver resultados em si mesmos absurdos.

Mas como se apresenta o caso em relação à teoria para a qual, nas páginas precedentes, tenho vindo a aduzir evidências? — a hipótese, nomeadamente, de que quando o espírito do homem, desprendido do corpo, passa para outro estado de existência, os seus pensamentos e afeições podem ainda reverter para a terra; e que, de facto, ele se torna ocasionalmente percetível aos vivos, seja em sonho ou à luz do dia, — por vezes ao sentido da visão, por vezes ao da audição ou do tato, por vezes por uma impressão que detetamos no seu efeito mas não conseguimos rastrear até à sua origem; assumindo estas várias agências espirituais, neste caso, um aspeto frívolo, naquele, um aspeto solene, ora tomando a forma de um pequeno aborrecimento, ora de uma grave retribuição, mas mais frequentemente iluminando-se em indícios de um ministério gentil e de uma tutela amorosa.

Se estas coisas não puderem ser admitidas sem dar entrada no seu rasto a inferências claramente absurdas, de pouco vale quão grande peso de evidência possa ter sido trazido em seu favor: a decisão deve ser contra elas no final.

Assim pensava De Foe.* Discípulo de Lutero, e partilhando as suas aversões, rejeitou, com esse robusto reformador, não apenas o Purgatório da teologia romana, mas a ideia de qualquer estado futuro mediato entre o céu e o inferno. Portanto, argumentava ele, os mortos não podem regressar. Do céu não podem; quem pode imaginar a beatitude dos eternamente abençoados rudemente violada por um propósito tão trivial? E quanto aos condenados no inferno, como suporemos para eles lazer ou permissão para sair, em missão terrena, de uma prisão cujas portas se fecharam sobre eles para sempre?

Concedidas as premissas, estas conclusões seguem-se justamente. Não se pode razoavelmente imaginar que os mortos regressem nem do céu nem do inferno. Então, se não houver um estado mediato após a morte, a teoria da aparência ou agência espiritual na terra, por parte daqueles que nos precederam, é inadmissível.

Isto deve ser concedido tanto mais que as ocasiões de alegado regresso são por vezes de momento muito ligeiro. Uma criada é atraída para a terra pelas cartas e pelo retrato do seu amante. Os proprietários de uma casa antiga regressam para lamentar a sua decadência e sofrer pela sua mudança de dono. Um pai aparece ao seu filho para o impedir de desembolsar desnecessariamente algumas libras. Uma pobre seguidora de acampamento, ao morrer, deixou por satisfazer uma dívida que mal chegava a um dólar, e para efetuar o pagamento dessa ninharia o seu espírito abandona, noite após noite, a sua morada eterna!

Aqui deparamo-nos com outra inferência necessária. Se estas histórias forem verdadeiras, o espírito recentemente partido deve reter, por um período mais ou menos longo, não apenas os seus hábitos gerais de pensamento e motivos de ação, mas até as suas pequenas peculiaridades e predileções favoritas.

---

** Ver página 430.*

---

Não deve haver uma mudança súbita de individualidade no momento da morte, nem para melhor nem para pior. Os homens acordarão noutra vida, com o corpo, de facto, deixado para trás, e, com ele, os seus instintos corpóreos, as suas enfermidades físicas; contudo, cada um acordará o mesmo indivíduo, moral, social e intelectualmente, tal como quando no seu leito de morte terreno se deitou a descansar.

Em tudo isto nada existe que tenda a afetar, seja afirmativa ou negativamente, a doutrina de um Dia de Juízo final. O meu argumento apenas diz respeito ao estado da alma no momento da sua emancipação pela morte, e por um certo período subsequente. Mas até aí ele evidentemente vai. É inútil negá-lo. A teoria de que amigos falecidos nos podem revisitar, e vigiar-nos aqui, envolve claramente dois postulados:—

Primeiro, que, quando a morte prostra o corpo, o espírito não permanece a dormir na sepultura, ao lado da carne e dos ossos em decomposição, mas entra imediatamente numa fase de vida nova e ativa; não um estado de felicidade inefável, nem de miséria sem esperança, mas uma condição em que as

preocupações podem afetar, e os deveres podem ocupar, e as simpatias podem angariar os seus sentimentos e pensamentos.

Segundo, que a mudança da morte atinge apenas o corpo, não o coração ou a mente; descartando o primeiro, não transformando os outros.

Por outras palavras, a Morte não destrói, em sentido algum, nem a vida nem a identidade do homem. Nem permite que o espírito, um anjo subitamente tornado imaculado, aspire imediatamente ao céu. Muito menos condena esse espírito, um demónio instantaneamente aviltado, a afundar-se incontinenti no inferno.

Tudo isto pode soar heterodoxo. A investigação mais importante é saber se será irracional. Nem era heterodoxo, mas sim estritamente canónico, até que muitos séculos tivessem mediado entre os ensinamentos de Cristo e os credos dos seus seguidores. Se o adotamos agora, podemos estar a correr contra o sentimento preponderante do Protestantismo moderno, mas estamos a regressar à fé, universalmente confessada, do Cristianismo primitivo.*

Não apresento isto como um argumento para a sua verdade, mas apenas como um lembrete da sua linhagem. Lutero foi um homem para ser louvado e admirado, — corajoso, de pensamento livre, de vontade de ferro, — um homem para o seu tempo e para a sua tarefa. Mas Lutero, como outros homens, teve os seus pecados e os seus erros pelos quais responder. Tudo nele era forte, incluindo os seus preconceitos. Quando a sua vontade reagia contra uma oposição profundamente enraizada, o poder do seu impulso obstinado levava-o por vezes além da verdade e da razão. Ele sempre manejou a sua vassoura reformadora com um efeito gigantesco, nem sempre com consideração deliberada. Ele considerou o Purgatório um abuso; e, para fazer um trabalho radical, varreu o Hades juntamente com ele.†

---

** "Assim a questão se apresenta historicamente. No último quartel do segundo século, quando as igrejas cristãs emergem claramente para a luz, encontramo-las universalmente na posse da ideia de um lugar mediato das almas, — um que não era nem o céu nem o inferno, mas preliminar a qualquer um deles. Não era uma ideia aventada por heréticos aqui e ali. Era a crença da Igreja universal, que ninguém punha em causa." — "Foregleams of Immortality", por Edward H. Sears, 4.ª edição, Boston, publicado pela American Unitarian Association, 1858, p. 268. Incapaz, por falta de espaço, de entrar nas evidências históricas do acima exposto, remeto o leitor para a obra do Sr. Sears, onde encontrará estas sucintamente expostas. Também para "The Belief of the First Three Centuries concerning Christ's Mission to the Under-World", por*

*Frederick Huidekoper, onde poderá ler a seguinte passagem, com numerosas citações dos Padres em atestação: — "Dificilmente pode ser que, na abertura do segundo século, ou no fecho do primeiro, a doutrina da missão de Cristo ao submundo, pelo menos no que diz respeito à pregação e libertação dos falecidos, não fosse uma opinião amplamente difundida e profundamente enraizada entre os cristãos." ... "Nas características essenciais desta doutrina os católicos e os heréticos eram da mesma opinião. Era um ponto demasiado assente para admitir disputa." — p. 138, citado por Sears, p. 262.*

*† Um homem mais escrupuloso teria sido detido pela consideração de que Pedro, que devia conhecer as opiniões do seu Mestre sobre o assunto, fala do evangelho ser comunicado aos mortos, e do próprio Cristo pregando mesmo aos espíritos daqueles que pereceram no Dilúvio. (1 Pedro iii. 19, 20, e iv. 6.) Mas onde, exceto no Hades, poderia isto ter acontecido?*

*Se se objetar que a palavra Hades nem sequer ocorre no Novo Testamento, a resposta é que Lutero — a quem os nossos tradutores ingleses seguiram — sem cerimónias a excluiu. Ele fez com que as duas palavras Gehenna e Hades fossem igualmente vertidas como Inferno. "Contudo," (cito Sears,) "como o Dr. Campbell demonstrou conclusivamente no seu admirável e luminoso ensaio, essas duas palavras não têm o mesmo significado; e apenas a primeira corresponde à ideia moderna e cristã de inferno. A palavra Hades, ocorrendo dez vezes no Novo Testamento, nunca corresponde a essa ideia, e nunca deveria ter sido assim vertida." — Obra citada, p. 277.*

*Se se argumentar ainda que, pelo menos, não há na Escritura uma exposição deliberada desta doutrina do Hades, a resposta é que um item de fé universalmente admitido como fora de questão tanto por Judeus como por Cristãos não era suscetível de ser desnecessariamente elaborado, mas apenas incidentalmente referido.*

** Os Gregos tinham o seu Hades; embora, com uma reverência chinesa pelos ritos de sepultura, concebessem que ele era preenchido principalmente pelas sombras inquietas e errantes daqueles cujos ossos jaziam expostos, negligenciados e esquecidos; e se finalmente honras fúnebres eram pagas para apaziguar a alma, a sua recompensa não era o céu, mas o descanso eterno. Nem parecem ter tido a ideia de tutela espiritual, exceto como exercida pelos deuses. O herói troiano não antecipa qualquer regresso do reino de Plutão para vigiar a esposa que amou, mas antes uma separação eterna:— "O teu Heitor, envolto em sono eterno, Não te ouvirá suspirar nem te verá chorar."*

*O Sheol dos Judeus — pelo menos, de acordo com os Rabinos posteriores — tinha três regiões: uma esfera superior, de felicidade comparativa, onde*

*estavam os patriarcas, profetas e outros dignos de ser seus associados; uma segunda região, inferior, baça e escura, a morada temporária dos ímpios; e, na parte mais baixa de todas, Gehenna, agora desabitada, e que permaneceria vazia até que o Dia do Juízo tivesse enviado os condenados para a ocupar.*

---

É uma questão de infinita importância saber se, ao erradicar a fé de eras precedentes,* ele cometeu não apenas um grave erro de facto, mas também um prejuízo doloroso na prática.

Quando o grande Reformador negou um estado mediato após a morte, a negação envolveu uma hipótese de caráter extraordinário. Uma vez que sem Hades não pode haver nem esperança, nem reforma, nem preparação para além da sepultura, somos compelidos a supor, no caso do homem, o que Lineu diz não se encontrar em toda a economia da Natureza, — um salto súbito, por assim dizer, através de um grande abismo, — uma mudança transformadora tão instantânea quanto completa. Somos compelidos a imaginar que esta mudança não é precedida por nenhum progresso gradual nem efetuada por qualquer esforço humano.

De acordo com as noções variadas dos crentes nesta metamorfose abrupta, ela pode ocorrer no momento da dissolução, ou então em alguma época indefinidamente distante. Uma parte dos seguidores de Lutero, embaraçados em dispor da alma humana no intervalo entre a sua separação do corpo e a sua convocação em algum período remoto pela última trombeta, adotam parcialmente, na sua dificuldade, a doutrina grega do descanso pacífico. Segundo eles, a alma, vencida pela Morte, como qualquer coisa mortal, mergulhada na inconsciência, sofre uma sepultura virtual, uma suspensão da existência senciente, uma espécie de aniquilação temporária, para perdurar. Só Ele sabe quanto tempo quem fixou o Dia do Juízo. Outros luteranos, porém, chocados com esta aproximação ao dito da filosofia revolucionária promulgada nos Dias de Terror da França, — "A morte é um sono eterno", — procuram evadir o dilema supondo que não há de todo um grande, universal e longínquo Dia do Juízo, mas que o dia da morte é para cada um de nós o dia da retribuição também; que a alma, no momento da emancipação, ascende ao tribunal de Deus, para ali ser instantaneamente preferida para o céu ou consignada ao inferno.

Sob qualquer das hipóteses, a conceção de uma revolução súbita de todo o pensamento e sentimento está claramente envolvida. O homem, por muito brilhantes que sejam as suas virtudes e escuros os seus pecados, não é, enquanto aqui permanece, nem serafim nem demónio. Entre todos os nossos associados, sejam eles amigos queridos ou meros conhecidos distantes, quantos, mesmo dos

melhores, estão aptos a entrar no céu? Quantos, mesmo dos piores, são aptos apenas para o inferno? Que maioria esmagadora é demasiado imperfeita para um, contudo, com alguma virtude redentora, demasiado boa para o outro! Com exceções, se as houver, de todo raras demais para invalidar a regra geral, o homem não atinge, na terra, nem a perfeição da virtude nem a extremidade da degradação.

Mas que futuro poderemos razoavelmente esperar para um ser assim constituído, às mãos de um Deus em cujas obras nenhum princípio brilha mais luminosamente do que o da adaptação universal? Um destino final ou um novo noviciado? — qual?

O segundo, evidentemente, a menos que assumamos que a adaptação deve ser precipitada, como por um milagre sem exemplo; a menos que, num abrir e fechar de olhos, o homem comparativamente bom deva ser aliviado, sem esforço seu, de toda a fragilidade que fosse indigna de uma pertença celestial, enquanto o homem comparativamente mau deve ser despojado, igualmente por uma agência que ele não controla, de cada centelha latente ou escrúpulo persistente que se situe, por pouco que seja, acima do infernal.

Nada digamos da injustiça aparentemente envolvida em tal teoria. Mas onde encontramos, numa única página desse Grande Livro que foi aberto desde a criação do mundo para todas as criaturas racionais de Deus, um indício, ainda que o mais insignificante, que sustente pelas probabilidades da analogia a própria teoria?

Encontramos cada porção da obra de Deus impregnada pelo princípio da progressão. A semente, a planta, a flor, o fruto, — estes são os tipos dos trabalhos graduais da Natureza. Toda a mudança é uma sucessão harmoniosa e ligada. Graduais, acima de tudo, são as influências através das quais, sob a economia visível de Deus, o caráter do homem é formado. O cair constante da circunstância, o endurecimento lento do hábito, o desabrochar, por um inchaço impercetível, das afeições, o alistamento, um a um, dos motivos governantes, a expansão tardia, estendendo-se da infância à maturidade plena, dos poderes intelectuais, — estes são os meios em ação, atuando tão silenciosamente, modificando por graus tão microscopicamente diminutos que, como o movimento do ponteiro das horas sobre o mostrador de um pequeno relógio, o avanço escapa à nossa perceção. Detetamos, quando meses ou anos decorreram, um certo espaço percorrido. Sabemos que a cadeia ininterrupta de influências se estendeu, embora os seus elos sejam invisíveis aos olhos mortais.

Tal é o modo, tão estritamente gradual, tão constantemente a operar através da intervenção de agências de ação lenta, sob o qual apenas, aqui na terra, o

caráter do homem é influenciado. E isto não poderia ter sido de outra forma a menos que o homem tivesse sido criado não o agente livre progressivo que é, mas alguma criatura essencialmente diferente.

Nem no desenvolvimento do ser humano, tal como ele é, descobrimos que Deus alguma vez Se permite (se assim se pode dizer) afastar-se da lei inerente à organização e aos atributos da criatura que Ele criou. Progressiva e mediatamente, pela intervenção do motivo apresentado, pela agência da vontade, pela influência do meio físico e social, — assim, e não de outra forma, Deus permite que o homem se torne gradualmente naquilo que a circunstância, atuando diariamente sobre uma constituição como a sua, determina que ele venha a ser. Assim, e não de outra forma, tanto quanto o podemos acompanhar, é o homem ensinado e guiado.

Finalmente, este ser progressivo atinge um ponto em que o corpo, que durante o seu vigor inicial secundou de certa forma os estímulos do seu associado imortal, desfalece e falha. Serviu o seu propósito, como uma árvore velha e em decadência. Aquilo que outrora era sentido como um conforto e um auxílio torna-se um fardo e um estorvo. O Imortal ultrapassou o seu invólucro perecível. A larva desprende-se. O espírito desmascarado partiu, para além do nosso alcance.

Ao seguir — como no pensamento podemos fazer — o seu progresso invisível, uma vez que os teólogos mais competentes diferem na sua interpretação da autoridade, que guia terreno podemos nós seguir mais fidedigno do que a analogia? Onde, senão na regra do Passado, podemos encontrar uma indicação fiável tocante à regra provável no Futuro?

A conclusão é evidente. Aquele que conduz a alma até à margem do Rio Escuro não a abandona do lado de cá. Nem é esse rio a fronteira do Seu reino. As Suas leis operam para além dele. Mas estas leis, tanto quanto as conhecemos, não exibem variabilidade nem sombra de mudança. E não vejo razão nem probabilidade na suposição de que em qualquer porção da criação elas sejam suspensas ou invertidas. Não vejo razão nem probabilidade na teoria de que, em qualquer porção da criação, o progresso e o esforço deixarão de preceder o melhoramento, ou de que o homem será alguma vez degradado por agência que não a sua.

Não encontro nada de absurdo ou irracional, portanto, nos postulados que a teoria da interferência espiritual envolve. Pelo contrário, parece-me bastante provável que a atenção dos homens tenha sido especialmente chamada, nos nossos dias modernos, para esta mesma teoria, a fim de corrigir um erro importante e, assim, pôr fim ao mal que esse erro possa ter ocasionado.

Se é verdade que o Hades existe, a verdade é importante. Mas em proporção à importância de uma verdade negada estão as consequências nefastas que provavelmente resultarão da negação.

Aplica-se isto ao caso em apreço? Resultam males graves e sérios da rejeição da doutrina de um estado mediato após a morte?

O homem é de tal forma constituído que os incentivos remotos atuam sobre ele com força débil. A experiência prova que o poder da recompensa, como incentivo, está na razão inversa da distância a que é colocado. E nenhuma máxima em jurisprudência está melhor estabelecida do que esta: que o castigo, para ser eficaz, deve pisar os calcanhares da ofensa.

Se, então, assumirmos — como os filósofos mentais costumam fazer — que a crença em futuras recompensas e castigos é um incentivo principal para a verdade e a virtude, é essencial que o seu efeito não seja enfraquecido pela lonjura. Mas foi precisamente isto que Lutero fez no seu desejo ávido de se livrar do Purgatório. Adiou para um Dia de Juízo, que pode não chegar por eras incontáveis, a recompensa e o castigo dos atos terrenos. De pouco vale acrescentar que o intervalo seria passado num sono inconsciente, e ser-nos dito, como por vezes é, que mil anos de sono sem sonhos são para o adormecido apenas como um momento de tempo: uma distinção tão subtil não atinge os sentimentos nem convence a mente comum.

Que admira, então, que o assassino seja dissuadido pelo medo do castigo terreno, incerto como é, em mil casos nos quais o pavor de um Dia de Juízo, mal discernido na distância ilimitada, exerce uma influência demasiado débil para lhe deter o braço? Que admira que o homem do mundo autoindulgente, como uma criança mimada que em vão se procura tentar desviar de algum prazer prejudicial de hoje pela promessa de um prazer maior guardado para amanhã, se apodere temerariamente de cada gozo sensual agora, sem que o detenha o risco de perder a felicidade celestial que começa não sabe ele quando? Que admira que o púlpito decline incessantemente contra a cegueira e a loucura do homem ao preferir as alegrias passageiras de um momento à felicidade da vida eterna, e que a declamação caia tantas vezes em ouvidos moucos e corações fechados?

Quando o filósofo coloca um íman fora da esfera da sua ação habitual, não se admira de não poder detetar as suas manifestações. O teólogo, menos razoável, remove para uma distância, tornada infinda pelo efeito dilatador da incerteza, tudo o que atrai da recompensa futura, tudo o que repele do castigo futuro, e ainda espera que a agência magnética de um Porvir retenha a sua força e conquiste os seus convertidos.

Ao meu argumento, pode objetar-se, não se aplica àqueles que acreditam que Deus se senta num julgamento perpétuo, e que cada momento, ao entregar a sua vítima, presencia também a sua sentença. Em certa medida, a objeção é válida, mas apenas em certa medida. Uma separação pode ser efetuada por outros meios quase tão completamente como pela distância. Na parábola, o abismo entre o Rico e Lázaro não é representado como de vasta largura: a visão através dele é possível, a pergunta é feita e a resposta recebida; contudo, fala-se dele como intransponível.

Mas não teremos nós, ao derrubar a velha doutrina do Hades, — a "ponte" espiritual que liga o Aqui ao Porvir, — deixado aberto um grande abismo, se não intransponível, pelo menos difícil de atravessar para as conceções mortais? Para os sentimentos humanos, não teremos separado, quase tão eficazmente como se um tempo ilimitado interviesse, a existência do homem na terra da sua vida futura no céu?

A questão da identidade — esse tema dos antigos sofistas — é difícil. Num sentido físico, um homem não é, estritamente falando, o indivíduo idêntico hoje que era ontem ou que será amanhã. No entanto, a mudança de um dia para o outro é habitualmente tão impercetível que instintivamente concebemos o indivíduo como o mesmo.

Mas se as mudanças que decorrem ao longo de vinte anos fossem condensadas numa única noite; se um bebé, tal como nos aparece quando apenas doze meses decorreram desde o seu nascimento, posto a dormir esta noite, acordasse amanhã de manhã exatamente o mesmo, em mente e corpo, que será quando tiver atingido a sua maioridade, ele não seria para nós o mesmo indivíduo, mas outro. O caso, de forma modificada, ocorre na realidade. Separamo-nos de um bebé de dois ou três anos para o ver novamente homem de vinte e cinco. Teoricamente, consideramo-lo a mesma pessoa; na prática, ele é um novo conhecido, que nunca encontrámos antes.

Há esta diferença, contudo, entre os dois casos. No último, o indivíduo ausente reteve, nos seus próprios sentimentos, a sua identidade, embora nós tenhamos perdido toda a perceção dela. No primeiro, no qual supusemos a transformação efetuada numa noite, a identidade perder-se-ia tão seguramente para a pessoa transformada como para nós, as testemunhas da transformação.

Mas não podemos supor que a mudança da infância para a maturidade, por maior que seja, possa por um momento ser comparada na sua totalidade àquela transformação radical que apenas poderia preparar o melhor de nós para se juntar às hostes seráficas, ou fazer de um irmão errante ou de uma irmã frágil o associado adequado dos demónios no inferno de Lutero. Menos ainda podemos

imaginar que o Deus de um mundo como este, revelando, a cada passo que nele damos, adaptações infinitas em número e de caráter maravilhoso para além de toda a conceção humana, consignasse qualquer uma das suas criaturas a uma morada para a qual não estivesse estritamente adaptada.

Mas se a mudança que sucede instantaneamente ao sono momentâneo da morte for muito maior do que aquela que imaginámos numa criatura que se deita à noite bebé e acorda na manhã seguinte homem adulto, e se, neste último caso, a identidade se perderia, quanto mais no primeiro!

O corpo partiu: que elos contínuos de identidade restam? A mente, os sentimentos. Transformem-se estes, e cada elo é cortado ligando, para nós, um Aqui a um Porvir. Não somos NÓS, em qualquer sentido prático, que sobrevivemos, mas outros. Um ser humano morre na terra; um serafim, ou um demónio, aparece no céu ou no inferno.*

É inútil dizer que esta é uma distinção teórica subtil, o mero sofisma de um lógico. É precisamente pelo seu caráter prático que sou induzido a apresentá-la aqui.

Não afirmo que os homens confessam a si próprios a sua descrença de que eles, os mesmos indivíduos que agora pensam e sentem, existirão num estado futuro. Não é essa a forma que o mal assume. Os cristãos professos costumam declarar que viverão novamente, como anjos glorificados, no céu. E, num certo sentido teórico, acreditam nisso. Ficariam chocados se alguém sugerisse que não têm fé numa vida posterior para si mesmos. Na medida em que um ser humano se pode identificar com outra criatura essencialmente diferente, eles acreditam de facto que eles, vivendo agora, e os anjos glorificados, que hão de viver futuramente, são as mesmíssimas pessoas.

---

** Uma ideia semelhante foi expressa noutro local: — "Uma mudança instantânea, seja do bem para o mal ou do mal para o bem, se efetuada de modo soberano por um poder estrangeiro, e efetuada independentemente de uma economia de motivos, seria antes a aniquilação de um ser e a criação de outro, do que a mudança do caráter do mesmo ser; pois é da própria natureza de uma mudança de caráter que haja um processo interno, uma concorrência da vontade e uma cedência das faculdades racionais a incentivos racionais, e também o ceder de uma espécie de desejos e de uma classe de hábitos a outra." — "Physical Theory of Another Life", Londres, 1839, cap. xiii. p. 181.*

---

Mas as próprias expressões que empregam correntemente traem o caráter imperfeito desta crença. *Viveremos novamente*, dizem eles. A expressão implica um hiato. E eles sentem-se de facto como se expressam. A sua fé não evoca a ideia de vida contínua. A morte, para eles, não é um arauto, mas um destruidor, — o exterminador cruel, não o libertador bem-vindo.* O salgueiro chorão, o cipreste escuro, são os seus emblemas; não o mirto e o louro.

A sua conceção é a de duas vidas, com um abismo sombrio entre elas. A descida para esse abismo é apropriadamente acompanhada, pensam eles, por lamentações. Os pranteadores andam pelas ruas. Não é um estorvo inútil e obscurecedor atirado fora e deixado para trás na sua terra afim, enquanto um espírito livre se regozija na sua emancipação: somos NÓS que descemos ao túmulo tenebroso, onde não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria; onde a própria esperança está extinta.

*"Na campa fria, para onde nos apressamos, Não há atos de perdão passados; Mas fixo o destino de todos permanece, E o silêncio eterno reina."*

Podem tais conceções obter-se entre nós, e não interpor entre o homem e o seu lar celestial nenhum meio distorcido, nenhum véu obscurecedor?

---

** Se eu tivesse a superintendência de um cemitério pitoresco, as linhas sobre o seu portão de entrada seriam da Sra. Hemans: — "Por que não haveria Aquele cujo toque dissolve a nossa corrente Vestir os seus trajes de beleza, quando vem Como um libertador?"*

---

Mas há outra visão importante a ter deste assunto.

A veneração é um dos sentimentos mais influentes da nossa natureza, — universal, ou quase isso, na sua prevalência; e nenhum legislador, com um conhecimento justo da humanidade, ignora ou negligencia a sua influência. Mas quando a veneração absorve o caráter humano, quando, como no caso do antigo anacoreta ou do monge ascético, a vida humana é inteiramente passada em adoração e em contemplação extasiada de Deus e das coisas celestiais, não só o caráter é atrofiado e prejudicado, como os sentimentos se tornam mórbidos e o juízo são desaparece. Aqui na terra, nenhum sentimento isolado pode ter permissão para ocupar exclusivamente um homem, sem produzir uma condição anormal de mente, grandemente prejudicial tanto ao seu melhoramento como à sua utilidade.

Se a mudança súbita de caráter que o sistema de Lutero pressupõe realmente acontece imediatamente após a morte, ou imediatamente antes de um Dia de Juízo, então tudo isto pode ser mudado; então o homem, não sendo já a criatura que aqui encontramos, pode imediatamente tornar-se adaptado a um estado de ser em que a oração e o louvor são as únicas e eternas ocupações. Entretanto, porém, deste lado da sepultura, o homem não é assim mudado. Enquanto os seres humanos permanecem aqui na terra, portanto, não estão, nem nunca poderão estar, preparados para o céu, na aceção comum dessa palavra.

Mas, de acordo com outra lei da nossa natureza, simpatizamos pouco com aquilo para que não estamos preparados. Se nos pusermos a tentar imaginar como nos sentiríamos se fôssemos inteiramente diferentes do que somos, o resultado é uma perceção baça e fria, que nunca atinge os sentimentos nem aquece o coração. Poderá o jovem audaz, ativo e iletrado, cujo divertimento se centra nos desportos do campo, realizar, por qualquer esforço mental, a felicidade do artista, assombrado por visões de beleza, ou a profunda satisfação do estudante, rodeado pelos seus livros e deleitando-se nos vastos domínios do pensamento que estes revelam? Ouve falar de tais deleites, talvez, e não nega a sua existência; mas o assentimento frio que dá nunca atinge o grau de um motivo governante, nem basta para influenciar a sua vida.

Para os seres humanos, portanto, tais como são na terra, a vida eterna do "serafim extasiado que adora e arde" não tem um encanto vivo. Os homens podem convencer-se pelo raciocínio, e por vezes convencem-se, de um êxtase artificial de entusiasmo, na pendência da influência do qual experimentam um anseio real de se juntarem às hostes angelicais e partilharem a sua ocupação imutável. Mas a menos que se tenham tornado, mais ou menos, isolados dos deveres da vida ativa, ou se tenham abandonado, em algum retiro fechado, a uma rotina constante de exercícios exclusivamente devocionais e contemplativos, é, na maior parte, a razão que friamente argumenta, não o impulso genial dos sentimentos que adota e assente. Na Cristandade Protestante, o coração dos milhões não é atingido pela perspetiva comummente apresentada de vida eterna.

Não há aqui qualquer afirmação de que o céu, tal como nos tem sido descrito, não venha a ser, nalguma época futura, um estado adaptado à raça humana. Não sabemos para onde o progresso ultramundano pode levar. Não podemos dizer no que o homem se pode tornar quando, noutra fase da existência, tiver percorrido outra carreira de aperfeiçoamento. Haverá tempo suficiente para especular sobre isto quando essa carreira futura tiver começado. Mas sabemos que tipo de criatura o homem agora é; e sabemos que, enquanto aqui estiver, deve ser governado pelas leis do seu ser. Ele deve apreciar antes de estar apto para desfrutar. E se aquilo que ele não está apto para desfrutar lhe for prometido

sob certas condições, a antecipação disso não suscitará, como regra geral, nenhum esforço extenuante — porque não despertará nenhum desejo vívido.

Nem se diga que é apenas para o homem de baixos desejos ou instintos rasteiros que o céu, despojado de um Hades preliminar, é demasiado distante no tempo, ou demasiado remoto no sentimento, para ser apreciado ou ansiado. Quão numerosas e distintas são as emoções virtuosas que movem agora o coração do homem! Os estímulos para atos de benevolência e obras de misericórdia, os movimentos de magnanimidade, os esforços de abnegação; a fortaleza, a coragem, a energia, a perseverança, a resignação; a devoção do amor e os anseios da compaixão: — que lista variada aqui está! E naquele homem que confessa as falhas práticas da sua vida, que sente quão melhor era a sua natureza do que foram as suas manifestações, que sabe quão frequentemente neste mundo o impulso nobre foi reprimido, como tantas aspirações generosas aqui mal foram chamadas à ação, — no coração de um tal homem não deve ser forte a esperança de que a vida que agora é possa ter uma sequência e um complemento naquela que há de vir? Aquele que trabalhou longa e pacientemente para controlar e disciplinar uma natureza rebelde, — aquele que se esforçou neste mundo, com empenho e esforço paciente, pela autocultura, moral e intelectual, — não poderá ele apropriadamente desejar e racionalmente esperar que lhe seja permitido prosseguir a tarefa, aqui tão imperfeitamente iniciada, ali, onde não há carne para ser fraca se o espírito estiver pronto?

Deverá o filantropo, cuja vida foi uma longa série de benefícios para a sua raça, ser censurado se não puder entregar-se na morte, sem pesar, ao impulso divino que o manda socorrer o aflito e curar o coração partido? Mesmo aquele cujos dias foram passados a explorar os segredos da natureza, poder-se-á esperar que, indiferente, renuncie com o seu corpo terreno à busca dessa ciência com que o seu coração se casou?* Mas, muito mais, poderá uma natureza amorosa e compassiva antecipar com complacência o período em que a alma, toda consagrada à adoração ou preenchida com a sua própria felicidade suprema, não mais selecionará, entre as suas semelhantes, os seus objetos quer de piedade quer de amor?

Em uma palavra, serão apenas os depravados que provavelmente olharão com frieza para um estado prospetivo que oferece escassos teatros para o exercício das qualidades que costumámos admirar, e das simpatias que até aqui nos ligaram à nossa espécie? Serão apenas os viciosos que poderão encontrar pouco que os atraia num futuro onde um único sentimento universal, por mais santo que seja, deverá substituir todos os outros? — onde uma única virtude, um único dever, deverá instantaneamente suplantar, no caráter e na carreira do homem, as variadas virtudes, os mil deveres, que, aqui em baixo, o seu

Criador exigiu das suas mãos? Os homens podem repreender os seus semelhantes pela indiferença com que tantos encaram um céu para o qual ainda não estão preparados para apreciar nem aptos para desfrutar; Deus, que fez do coração do homem a coisa multiforme e ricamente dotada que é, nunca o fará.

Antecipo a objeção que aqui pode ser feita. As nossas conceções podem não subir à altura daquele céu transcendente que nos foi descrito; os nossos sentimentos podem não aquecer sob a descrição dele; mas, se nada sabemos de um estado mediato de existência exceto que ele é, — se mal temos um vislumbre que revele o seu caráter, ou indique os seus privilégios, ou revele os seus prazeres, — quão melhor ou mais felizes seremos por uma crença tão vaga e sem forma? Antes um céu cujas glórias beatíficas deslumbram sem atrair, do que um Paraíso cujos próprios contornos são indistinguíveis.

---

** Se se duvida que tais pesares visitem alguma vez o leito de morte de um homem de ciência, que o seguinte sirva de prova do facto: — "Berzelius deu-se então conta de que a sua última hora chegara, e de que devia dizer adeus àquela ciência que tanto amara. Chamando ao seu leito um dos seus amigos devotados, que se aproximou dele a chorar, Berzelius também desatou a chorar; e depois, quando a primeira emoção passou, exclamou: 'Não te admires de eu chorar. Não me julgarás um homem fraco, nem pensarás que estou alarmado pelo que o médico tem para me anunciar. Estou preparado para tudo. Mas tenho de dizer adeus à ciência; e não te deves admirar que me custe caro'." ... "Esta foi a despedida de Berzelius da ciência; em verdade, um adeus tocante." — "Siljeström's Minnesfest öfver Berzelius", Estocolmo, 1849, pp. 79, 80.*

---

Como podemos desejar vividamente uma vida desconhecida, ou ser confortados ou influenciados pela antecipação de um estado tão baço e sombrio?

Se aqueles que apresentam esta objeção assumissem apenas factos que devem ser admitidos, a objeção seria fatal. O que eles assumem é que nada podemos saber de um Hades no futuro. Estarão certos nisto?

Além dos escassos e (admita-se) insuficientes indícios a serem colhidos da Escritura, percebo apenas duas fontes de onde tal conhecimento pode ser derivado: primeiro, a analogia; e, segundo, tais revelações que nos possam chegar através de narrativas de caráter semelhante àquelas que reuni neste volume, ou de outra forma de fonte ultramundana.

Estudamos pouco os nossos instintos. Escutamos as suas lições com demasiado descuido. Os instintos vêm de Deus. Nenhum dos instintos que

observamos entre as raças animais que não a nossa é inútil, ou mal adaptado, ou incompleto. O impulso induz uma ação estritamente correspondente a contingências futuras que realmente surgem. Num certo sentido, estes instintos são de caráter profético. Quando a abelha, antes de uma flor ter sido despojada dos seus doces, prepara as células de cera, quando um pássaro, antes da incubação, constrói o seu ninho de penugem, a adaptação é tão perfeita como se cada incidente vindouro tivesse sido expressamente predito.

O homem tem razão e instintos. Por vezes esquece isto. É seu direito e dever, no exercício da sua natureza humana e da sua situação, julgar os seus instintos; contudo reverentemente, como algo em que pode haver uma sabedoria oculta. Os homens, por vezes devido a um erro religioso, mais frequentemente devido a um erro mundano, costumam cair no pensamento de que é conveniente descartá-los ou reprimi-los.

Há um estranho mistério que impregna a sociedade humana. É a anomalia aparente apresentada pelo caráter do homem tomado em ligação com a sua posição aqui. Falemos da melhor porção da humanidade, — o tipo verdadeiro e digno da raça. Qual é, numa palavra, a história das suas vidas? Uma visão brilhante e um desencanto. Uma luta entre duas influências: uma, nativa, inerente; a outra, estrangeira, estranha, terrena; uma guerra entre a natureza do homem e a sua situação.

Não que se possa dizer que o mundo em que ele entra não esteja adaptado para o receber. Pois nele há conhecimento para transmitir, experiência para conceder, esforço para fazer, progresso para atingir; há provações para testar a coragem e a firmeza; há seres semelhantes para amar; há criaturas desamparadas para ajudar; há criaturas sofredoras para apiedar. Há muito para interessar, e não pouco para melhorar. O presente é, sem dúvida, uma etapa apropriada e necessária na jornada da vida. Não menos por isso é um mundo cujas influências nunca desenvolvem totalmente o caráter do seu habitante mais nobre. É um mundo cujas combinações mais afortunadas, cujos prazeres mais elevados, deixam desapontados e insatisfeitos alguns dos instintos mais elevados do homem. Todas as religiões, mais ou menos distintamente, admitem isto.

Falamos da nossa *melhor natureza*, como se houvesse duas. Há apenas uma, — uma e a mesma na infância, na juventude, na maturidade, até à morte. A mesma, pois o Imortal não perece; nunca obliterada, mas quão frequentemente, no decurso desta vida terrena, embotada, escurecida, obscurecida! Como o invólucro carnal pesa sobre ela! E que treino ela tem, ao atravessar o corredor da sociedade! Calorosa, impulsiva, encontra o cálculo frio; generosa, depara-se com

máximas de egoísmo; sem dolo, é instruída no engano; crente, é sobrecarregada com dúvidas, é enganada com mentiras.

E quanto às imagens do seu culto, — como são quebradas e despojadas! Tinha-as colocado em pedestal terreno, e tinha-as vestido, embora indignas, nos trajes da sua própria e rica conceção. Os seus impulsos criativos tinham assumido, talvez, a sua fase mais elevada e sagrada, — a fase do amor; e então tinha corporizado, numa existência material, aquilo que era apenas uma porção etérea de si mesma; investindo — ai, quão frequentemente! — algum ídolo de chumbo com os adornos de um herói ou as vestes de um deus. Amargo o despertar! Caramente arrependido o autoengano! Contudo, a veste era do céu, embora o ídolo despedaçado fosse da terra.

Assim, por cada encorajamento às suas aspirações mais sagradas, recebe vinte lições sórdidas dos filhos deste mundo, tornados sábios na sua geração; tão sábios que, no seu conceito, desprezam e censuram um filho da luz. Derivam o seu desinteresse; mofam do seu entusiasmo. Assumindo o tom de mentores, leem-lhe avisos prudentes contra a loucura da filantropia e a imbecilidade do romance.*

E assim, em dez mil casos, os instintos de Deus caem, como semente à beira do caminho, em solo duro e pedregoso. Não prosperam. O seu crescimento é atrofiado. Feliz se o germe divino penetrar de todo a superfície incrustada!

Ou isto é um exemplo de falha na adaptação, ou estamos a olhar apenas para uma parte de um grande todo. Suporemos que é uma falha? Imaginaremos que Aquele que, no inferior, cuidou que o impulso inato correspondesse exatamente à ocasião futura, falhou em exercer cuidado semelhante no superior? — que os instintos da abelha e do pássaro hão de encontrar teatros de ação perfeitamente adequados ao seu exercício, enquanto os de uma criatura muito acima deles hão de ser atrofiados no desenvolvimento e desapontados na fruição?

---

** Uma palavra de excelente etimologia, se de reputação indiferente, — derivada do galês rhamanta, subir sobre, pairar, chegar a uma distância.*

---

Ultrajamos toda a analogia ao adotar tal hipótese. Devemos aceitar esta anomalia, se a aceitarmos de todo, como uma exceção — a única que nos é conhecida em toda a economia de Deus — a uma regra tão extensa quanto o universo. Mas se, incapazes de acreditar na existência de uma anomalia tão marcante, recuarmos para a hipótese restante, — de que aqui estamos apenas a olhar para uma fração da vida humana, — então dessa fração poderemos obter

alguma ideia do resto. Então poderemos predicar de uma forma geral, e com fortes probabilidades, algo do caráter e das ocupações do Hades.

Há momentos favorecidos, — pelo menos, na vida de cada homem bom, — momentos em que o que é duro, egoísta e mundano é mantido em suspensão, — momentos em que a alma salta para fora, como um pássaro liberto do cativeiro, igual a cada esforço, capaz de cada sacrifício; quando nada parece demasiado alto para alcançar, nada demasiado distante para abranger, — momentos em que o espírito exultante reconhece o seu semelhante brotando na confissão sagrada de algum outro coração, ou brilhando através de verdadeira poesia como esta: —

*"Para além das altas nuvens que flutuam, Onde a águia não é encontrada, Para além do coro de milhões de estrelas... Através do meio de opiniões vis, Paixões flamejantes, lama sensual, Para os domínios serenos da Mente, Eu aspiro!"**

Estes são os momentos em que a voz mansa e delicada — a Imortal — afirma a sua supremacia. Estes são os momentos em que o homem sente que, se a vida fosse feita apenas de tais instantes, não precisaria de outro céu. E estes são os momentos em que o espírito do homem, qual Sibila, pode ser interrogado sobre o futuro; pois a fúria divina está sobre ela, e os seus instintos de presságio são o penhor do que há de ser.

Este argumento da analogia, ocorrerá ao leitor, é semelhante àquele que tantas vezes tem sido feito em prova da imortalidade da alma. Um desejo universal deve ter uma correspondência final. Mas, se olharmos de perto para ele, o argumento ver-se-á provar muito mais do que a existência contínua. O desejo tem uma certa definição. No seu tipo mais puro, não é um pavor vago e cobarde da aniquilação; não é um mero anseio egoísta de ser. O instinto é de alvo muito mais nobre e âmbito mais amplo do que este: é a voz do Ideal no homem; e não ensina uma lição, mas muitas.

Evoca diante dele mil imagens variadas do Grandioso, do Bom e do Belo, e diz-lhe: "Estas são para ti". Apela à divindade dentro dele e declara: "Isto tu podes ser". Mas tal como é para o homem, assim é do homem que fala, — das capacidades do homem, da carreira do homem, da excelência que ele pode atingir, — ele, a criatura humana, e não outra. Os desejos que desperta são de caráter correspondente.

Mas, se havemos de tomar um desejo presente como prova de uma condição futura, esclareçamos para nós mesmos o que esse desejo exige. Anseia ele, nesta fase do seu progresso, por outra natureza ou por sonhos mais sublimes? Não; mas apenas que esta natureza pudesse manter a elevação que as suas aspirações por vezes atingiram, — apenas que os seus vislumbres de sonho de

certos momentos pudessem ter realidade e permanência numa atmosfera mais pura e sob um céu mais brilhante.

É um palco para o exercício sem entraves das virtudes terrenas, para o qual, ainda, aponta o íman do coração. O bem que queríamos, e não fizemos, esse queremos ainda fazer. As virtudes humanas que mais amámos do que praticámos, estas queremos ainda acalentar e exemplificar. As afeições humanas que sofreram naufrágio e ansiaram por algum porto tranquilo, elas, também, ainda esperam pelo exercício, ainda anseiam pela satisfação. Os nossos impulsos devocionais, também, são abundantes e aspirantes, implorando melhor conhecimento e uma luz mais clara. Contudo, constituem apenas uma emoção entre muitas. Interessam profundamente, elevam; mas não absorvem.

A voz profética, então, — o presságio divino, — não fala de uma vida concluída e de outra a começar. Não indica, como fase seguinte da existência, um Dia de Juízo no qual a esperança deve morrer, e depois (mas apenas para os abençoados) um céu demasiado imaculado para o progresso, demasiado sagrado para a ocupação humana ou o esforço humano. Os seus pressentimentos são de um mundo melhor, mas de um mundo ainda, — a morada de espíritos emancipados, mas de espíritos humanos, — um mundo onde há trabalho a fazer, uma corrida a correr, um objetivo a atingir, — um mundo onde encontraremos, transplantados da terra para uma terra mais acolhedora, energia, coragem, perseverança, altos propósitos, ações benevolentes; a Esperança para encorajar, a Misericórdia para interceder, e o Amor — sacudido o peso terreno que lhe turvava a pureza — ainda selecionando os seus escolhidos, mas para não mais ser separado deles.

Tais são os proferimentos da voz pressagiadora. Um estado, então, subitamente atingido, no qual apenas uma classe dos nossos impulsos emocionais encontrasse âmbito para o desenvolvimento ou oportunidade para a ação, deixaria o instinto do homem, exceto numa única fase, sem resposta e insatisfeito. Haveria uma iniciativa e nenhuma correspondência; uma promessa e nenhum cumprimento; uma preparação e nenhum resultado. A nossa vida terrena seria, de facto, sucedida por outra; contudo em si mesma permaneceria para sempre fragmentária e incompleta.

Se, então, aceitámos o desejo universal do homem pela imortalidade como prova de que o seu espírito é imortal, aceitemos também as tendências desse desejo como prenúncios do Paraíso para o qual esse espírito caminha. Assim, apenas pela luz da analogia, encontramos todas as probabilidades a favor da conclusão de que, na fase seguinte da sua existência, o homem não deixa de ser a criatura humana que é, e que as virtudes, as ocupações e os prazeres que o

esperam no Hades são tão numerosos e variados como os que o rodeiam aqui, — melhores, de facto, mais brilhantes, de tipo mais nobre e âmbito mais estendido, mas ainda apenas suplementares, como pertencentes a uma segunda fase de progressão, — a um teatro mais belo do que este, contudo não totalmente desligado dele, — a uma terra ainda não divina, mas na qual podem ser realizadas as aspirações mais sagradas da terra.

Um passo além deste é ainda, talvez, permitido dar. Se houver passos no limiar de outro mundo, escutemos os seus ecos e tomemos nota das indicações que estes possam oferecer. Não pretendo que se encontre nos exemplos aduzidos neste volume o suficiente para marcar total e distintamente o caráter da nossa próxima fase de vida; e não irei no presente para além destes. Contudo, embora poucos em número, os indícios tocam em influências mestras.

Eminente entre estas é uma claramente derivada de muitas das narrativas precedentes,* — um penhor de progresso social no futuro, que podemos saudar com alegria e devemos aceitar com gratidão.

---

** Como no caso de Mary Goffe, e da Sra. E. (ver "A Mãe Moribunda e o seu Bebé"); também no de Mr. Wynyard, do Capitão G. (ver "O Catorze de Novembro") e, de facto, em todos os casos em que se alega que o espírito apareceu logo após a morte a algum sobrevivente amado.*

---

Se alguma confiança pode ser depositada nalguns dos incidentes mais bem autenticados registados nas páginas anteriores, eles não só provam (o que, de facto, poderíamos racionalmente assumir) que é apenas o corpo que impõe as grilhetas da distância, mas fornecem também evidência de que o espírito libertado procura instintivamente os seus escolhidos, e atinge num momento o local onde se agrupam as suas afeições.

Mas se, além de um corpo são, uma consciência limpa e a ausência do medo da carência, olharmos em redor de nós, neste mundo, em busca daquela circunstância que acima de todas as outras marca a nossa sorte na vida como afortunada ou o contrário, onde a encontraremos? Quando imaginamos para nós próprios alguma perspetiva feliz no futuro, algum retiro tranquilo de onde a preocupação será excluída e onde o contentamento habitará, qual é o essencial para esse paraíso terreno? Quem que mereça tal bênção não tem a resposta nos lábios?

Nos arrependimentos mais profundos do Passado, quão legivelmente está escrita essa resposta! Encontramos, entre os nossos semelhantes, alguns quanto

aos quais sentimos quão poderoso para o bem, sobre as nossas mentes e corações, é o seu poder; temos vislumbres de outros, cuja própria atmosfera derrama sobre nós um brilho de felicidade. A corrente afasta-nos, e não encontramos mais a mesma influência na terra.

Mas se, futuramente, o princípio de insulamento que prevalece ao longo desta peregrinação terrena der lugar ao espírito de comunhão não impedido pelo espaço; se, noutra fase de vida, o desejo corresponder à locomoção; se, ali, ansiar por associação for obtê-la; se amar for misturar-se na sociedade dos amados; que elemento, não de sentimento passivo mas de organização ativa, está a Simpatia destinada a tornar-se! E quanto daquilo que tornaria este mundo demasiado abençoado para deixar está reservado para nós noutro!

Se nos sentarmos, nos nossos momentos mais calmos e desapaixonados, para considerar quanto dos nossos prazeres mais elevados e menos egoístas, morais, sociais, intelectuais, se deveu a um intercâmbio diário de pensamento e sentimento entre mentes e corações afins, e se refletirmos que todas as outras perdas e contrariedades da vida foram como nada quando comparadas com aquelas que, pela distância e pela morte, as nossas simpatias e afeições cortadas sofreram, poderemos ser levados a concluir que a única mudança acima indicada como pertencente à nossa próxima fase de vida bastará ali para assegurar uma existência feliz a mentes puras e corações geniais; àqueles que neste mundo, errantes e frágeis como possam ter sido, não extinguiram totalmente o espírito de luz; com quem a voz interior foi ainda mais potente do que o fragor exterior; que acalentaram, se muitas vezes em silêncio e segredo, os instintos sagrados de Deus, as flores que ainda hão de florescer; e que podem esperar naquele Porvir, onde o semelhante atrairá o seu semelhante, encontrar um lar onde nunca entrará o Anjo Convocador para anunciar a separação dos seus habitantes, — um lar de afeições não cortadas entre os justos e bons.

Poderia prosseguir mencionando outros indícios dificilmente menos importantes ou menos encorajadores do que os precedentes, mas que, nos exemplos *fornecidos nesta obra*,* estão menos palpavelmente marcados; como o de que quando, na morte, a máscara terrena cai, a mente e o coração são desvendados, e os pensamentos são discernidos sem a intervenção de palavras; de modo que, na terra dos espíritos, "conheceremos assim como somos conhecidos". Será, então, uma terra de Verdade, onde o engano não encontrará lugar para se esconder, e onde a palavra "falsidade" não designará nenhum pecado possível. Podemos imaginar uma influência mais salutar, mais nobremente regeneradora, mais satisfatória para o coração, do que esta?

Mas faço uma pausa e contenho o impulso de ampliar o quadro. No futuro, talvez, de posse de materiais mais copiosos, poderei estar mais capacitado para levar a cabo tal tarefa.

Entretanto, na prossecução do meu objetivo imediato, não há necessidade, talvez, de maior elaboração. Posso ter aduzido argumentos suficientes em prova de que a hipótese da visitação espiritual não envolve nenhum postulado absurdo. Posso também, talvez, ter provado para a satisfação de uma parte dos meus leitores que as conceções comuns sobre a morte são falsas, — que a morte não é, como Platão argumentou e como milhões acreditam, o oposto da vida, mas apenas a agência pela qual a vida muda de fase.

Contudo, sei quão profundamente enraizadas estão as opiniões há muito acalentadas. Mesmo enquanto escrevia, fui ocasionalmente forçado a tolerar frases correntes de sentido defeituoso. Embora nas páginas precedentes, por uma questão de ser inteligível, tenha empregado as expressões "deste lado da sepultura", "além do túmulo", e semelhantes, estas, aplicadas aos seres humanos, são, estritamente falando, inexatas. Nada temos a ver com a sepultura. Não descemos ao túmulo. É a uma veste descartada, metida num caixão, que são prestados os ritos de sepultura.

---

** A oração feita pela Sra. W. (ver narrativa intitulada "O Pretendente Rejeitado") foi silenciosa; e aqueles que obtiveram comunicações semelhantes sabem bem que uma pergunta mental habitualmente basta para obter uma resposta pertinente. Este fenómeno de leitura de pensamento eu próprio o verifiquei repetidas vezes.*

---

## CAPÍTULO II

## CONCLUSÃO

*"Ao completar este desígnio, não ignoro nem a grandeza da obra, nem a minha própria incapacidade. A minha esperança, contudo, é que, se o amor pelo meu tema me levar longe demais, eu possa, pelo menos, obter a desculpa da afeição. Não é concedido ao homem amar e ser sábio."* — Bacon.

Antes de me separar do leitor, ele poderá desejar perguntar-me se concebo que a realidade da interferência espiritual ocasional está aqui conclusivamente demonstrada. Prefiro que ele receba a resposta do seu próprio juízo deliberado. Num aspeto, ele está, provavelmente, melhor qualificado para julgar do que eu.

Não faz parte da natureza humana ponderar longa e profundamente qualquer teoria, — passar anos em busca das suas provas e no exame das suas probabilidades, — e manter ainda aquela equanimidade precisa que aceita ou rejeita sem um único viés estranho. Quem simplesmente inspeciona pode discriminar mais justamente do que aquele cujos sentimentos foram alistados na recolha e na colação.

Contudo, não ocultarei a admissão de que, após colocar a guarda mais estrita sobre o favoritismo da paternidade, sou incapaz de explicar muito do que a minha razão me diz que devo aqui receber como verdadeiro, sob qualquer outra hipótese que não a ultramundana.

Onde existem evidências claras e palpáveis de pensamento, de intenção, de previsão, não vejo como se possa fazer outra coisa senão referir estas a um pensador, a um intencionador, a um previsor. Tal referência parece-me não só racional, mas necessária. Se me recuso a aceitar tais manifestações de inteligência como indicativas do funcionamento de uma mente racional, — se começo a duvidar se alguma combinação mecânica ou química de elementos físicos não poderá assumir a aparência de razão e falsificar a expressão do pensamento, — então deixo de perceber a base do meu próprio direito de assumir que as formas humanas que me rodeiam têm mentes para pensar ou corações para sentir. Se as nossas perceções da floresta, e do oceano, e da planície, devem ser aceites como provas de que existe realmente um mundo material em redor de nós, recusaremos receber as nossas perceções de pensamentos e sentimentos outros que não os nossos como evidência de que existe algum ser, outro que não nós mesmos, de onde estes emanam?* E se esse ser não pertence ao mundo visível, não estamos justificados em concluir que tem existência no invisível?

O facto de o ser racional de que assim detetamos a agência ser invisível não invalida de todo a evidência que recebemos. É apenas uma lógica de criança a que infere que, onde nada se vê, nada existe.

Quanto ao modo e lugar de existência destes seres invisíveis, a conjetura de Taylor poderá ser a correta, quando supõe:—

*"Que dentro do campo ocupado pelo universo visível e ponderável, e em todos os lados de nós, existe e move-se outro elemento, dotado de outra espécie de vida, corpórea, de facto, e variada nas suas ordens, mas não aberta ao conhecimento daqueles que estão confinados às condições da organização animal, — para não ser vista, não ser ouvida, não ser sentida pelo homem.*

** Assim argumenta uma mente elegante e lógica: — "Sobre a mesa diante de nós uma agulha, bem equilibrada, treme e vira-se, como que com a constância do amor, para um certo ponto nas regiões árticas; mas uma massa de ferro, colocada perto dela, perturba esta tendência e dá-lhe uma nova direção. Assumimos, então, a presença de um elemento universalmente difundido, do qual não temos qualquer perceção direta. Agora, imagine-se que as folhas de um manuscrito, espalhadas confusamente sobre a mesa e o chão, são vistas a ajustar-se lentamente de acordo com a ordem das páginas, e que finalmente cada folha e cada fragmento solto chegou ao seu devido lugar e está pronto para o compositor. Num caso destes, assumiríamos, sem qualquer escrúpulo, a presença de um agente racional invisível, tal como no caso das oscilações da agulha tínhamos assumido a presença de um poder elementar invisível." — Taylor's "Physical Theory of Another Life", Londres, 1839, p. 244.*

---

*Aqui"* — continua ele — *"assumimos a probabilidade abstrata de que os nossos cinco modos de perceção são meios parciais, não universais, de conhecer o que pode estar em redor de nós, e que, tal como as ciências físicas fornecem provas da presença e agência de certos poderes que escapam inteiramente aos sentidos, exceto nalguns dos seus efeitos remotos, assim nos é negado o direito de concluir que temos consciência de todas as existências reais dentro da nossa esfera."†* Ou, como ele expressa noutro local, *"Dentro de qualquer fronteira dada pode estar corporealmente presente a multidão humana e a multidão extra-humana, e esta última tão natural e simplesmente presente como a primeira."‡*

Para estes seres, habitualmente invisíveis e inaudíveis para nós, nós também poderemos ser habitualmente invisíveis e inaudíveis.§ Parece que existem certas condições, ocorrendo ocasionalmente, que causam exceções de ambos os lados a esta regra geral. Se os seres humanos devem simplesmente aguardar por estas condições, ou procurar criá-las, é uma investigação que não entra no plano desta obra.

Quanto às provas da agência na terra destes Invisíveis, não as baseio em nenhuma classe isolada de observações expostas neste volume, nem especialmente nos fenómenos do sonho, ou das perturbações inexplicadas, ou das aparições, sejam dos vivos ou dos mortos, ou do que parecem exemplos de retribuição ultramundana ou indícios de tutela espiritual, mas sim na evidência agregada e concorrente de todos estes.

---

** "Não habitualmente aberta", "não habitualmente para ser vista", etc., teria sido aqui a expressão correta. † "Physical Theory of Another Life", pp. 232,*

*233. ‡ Obra citada, p. 274. § Ver a opinião de Oberlin sobre este assunto, na página 364; ver, também, uma curiosa insinuação sugerida por uma alegada observação da Madame Hauffe, nas páginas 399, 400.*

---

É uma forte confirmação de qualquer teoria o facto de provas convergentes de muitas e variadas classes de fenómenos se unirem para a estabelecer.

Estas provas estão espalhadas por toda a sociedade. A atenção do público civilizado foi atraída para elas nos nossos dias como não o fora durante séculos, pelo menos. Se as ilustrações narrativas aqui publicadas, escassas e imperfeitas como são, obtiverem, como talvez possam, uma ampla circulação, provocarão novas investigações; suscitarão, em apoio ou em negação, factos adicionais; e, em qualquer caso, a verdade sairá ganhando no final.

Se se provar finalmente que através dos fenómenos referidos podemos alcançar algum conhecimento da nossa próxima fase de vida, será impossível continuar a negar a importância prática de os estudar. Contudo, talvez, como resultado desse estudo, devamos esperar antes contornos, discernidos como que através de um vidro obscurecido, do que qualquer preenchimento distinto do quadro do nosso lar futuro. Podemos razoavelmente imaginar que interferiria prejudicialmente nos assuntos deste mundo se informação a mais ou demasiado certa nos chegasse de outro.

Os deveres do presente poderiam ser negligenciados na contemplação extasiada do futuro. O sentimento dentro de nós de que morrer é ganho poderia assumir a ascendência, poderia desgostar-nos desta vida terrena atribulada, e até tentar-nos a antecipar temerariamente a convocação designada; assim, talvez, cortando prematuramente os anos de um noviciado, do qual Deus, e não o homem, pode designar o termo apropriado.

Contudo, o suficiente pode ser revelado para produzir, na conduta humana, uma influência muito salutar, e para animar os dias mais negros da nossa peregrinação aqui pela garantia confiante de que nem uma aspiração ao bem que se desvanece, nem um sonho do belo que se esvanece, durante a fase terrena da vida, deixarão de encontrar campo nobre e realização justa quando o peregrino tiver sacudido o seu fardo e atingido o fim da sua jornada.

Entretanto, que motivo para o esforço na autocultura pode ser proposto ao homem mais poderoso do que a garantia de que nem um esforço para treinar os nossos corações ou enriquecer as nossas mentes feito aqui, no tempo, deixa de ter o seu resultado e a sua recompensa, futuramente, na eternidade? Somos os arquitetos do nosso próprio destino: infligimos os nossos próprios castigos; selecionamos as nossas próprias recompensas. A nossa retidão é um prémio a ser

ganho pacientemente, não concedido miraculosamente ou misteriosamente imputado.

A nossa maldade, também, e o destino inerente que ela acarreta, são autoimpostos. Nós escolhemos: e a nossa Escolha assume o lugar de juiz inexorável. Sobe ao tribunal e profere a sentença sobre nós; e a sua jurisdição não se limita à terra. A operação dos seus decretos, sejam penais ou benéficos, estende-se tão seguramente a outra fase de existência como a esta. Quando a morte chama, não nos priva das virtudes, nem nos alivia dos vícios, de que nos encontra possuidores. Ambos devem ir connosco. Aquelas qualidades, morais, sociais, intelectuais, que nos possam ter distinguido neste mundo serão nossas também noutro, constituindo ali a nossa identidade e determinando a nossa posição.

E tal como o bem, assim o mal. Aquela veste escura do pecado com a qual, no progresso de um homem através da vida, ele se pode ter gradualmente revestido, aderir-lhe-á, tão próxima como a túnica de Nesso, através da mudança da morte. Ele, também, continua a ser o ser que era. Retém a sua identidade maligna e decide a sua categoria degradada. Acorda entre o tormento dos mesmos pensamentos vis e paixões brutais que o controlaram aqui, e que atrairão para ele, nos associados da sua nova vida, pensamentos tão vis e paixões tão brutais. Haverá na antecipação de um Inferno material, cercado de chamas, influência mais forte para dissuadir do vício do que no terrível surgir de um destino inevitável como esse?

Inevitável, mas não eterno. Enquanto há vida, há esperança; e há vida para além do véu.

Mas eu estaria a começar outro volume, em vez de terminar o presente, se me alargasse sobre os benefícios que podem advir da agência espiritual. A tarefa que propus a mim próprio foi a de tratar de uma investigação antecedente; uma investigação sobre a realidade, não sobre as vantagens, da intervenção ultramundana. Com uma única observação adicional, então, tocante aos alcances dessa investigação sobre a crença do mundo cristão, encerro aqui a minha tarefa.

Não é possível erguer-se da leitura das Escrituras, Antigas ou Novas, sem sentir que a veracidade da comunicação com o Mundo Invisível é o alicerce de tudo o que lemos. Isto não é um assunto deixado à inferência ou construção, — nada que se pareça com um caso de variante cronológica ou narrativa, que os comentadores possam reconciliar ou os filólogos possam explicar. É uma questão essencial, inerente, fundamental. Admita-se que muito é alegoria, dê-se margem para a fraseologia das línguas orientais, para a linguagem da parábola e a licença da poesia, resta ainda, vasto, calmo e impossível de confundir, a fé firme desse

Mundo Antigo na realidade, e na influência ocasional exercida diretamente, do mundo dos espíritos. Essa fé minada, os alicerces de toda a superestrutura bíblica são abalados.

Falo de um grande facto declarado, não de pormenores minuciosos fornecidos. A pneumatologia da Bíblia é geral, não específica, no seu caráter. Não entra no modo, ou nas condições, sob as quais os habitantes de outra esfera se podem tornar agentes para modificar o caráter ou influenciar o destino da humanidade. Deixa o homem encontrar o seu caminho ao longo desse caminho interessante pela luz da analogia, — talvez com o auxílio de revelações tais como as que esta obra regista. A luz pode ser imperfeita, as revelações insuficientes para apaziguar uma curiosidade ávida. Na penumbra do presente, os nossos anseios por esclarecimento podem nunca atingir satisfação. Podemos estar destinados a esperar. Aquilo que o engenho e a indústria humanos não podem abranger neste mundo de crepúsculo, poderá ser uma descoberta adiada apenas até que sejamos admitidos, além da fronteira, no sol matinal de outro mundo.

## APÊNDICE

## NOTA A

## CIRCULAR DE UMA SOCIEDADE, INSTITUÍDA POR MEMBROS DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE, INGLATERRA, COM O PROPÓSITO DE INVESTIGAR FENÓMENOS

## POPULARMENTE CHAMADOS SOBRENATURAIS

O interesse e a importância de um inquérito sério e zeloso sobre a natureza dos fenómenos que são vagamente chamados "sobrenaturais" dificilmente serão questionados.

Muitas pessoas acreditam que todas essas ocorrências aparentemente misteriosas se devem ou a causas puramente naturais, ou a delírios da mente ou dos sentidos, ou a uma deceção deliberada. Mas há muitas outras que acreditam ser possível que os seres do mundo invisível se manifestem a nós de formas extraordinárias, e são também incapazes de explicar de outra forma muitos factos, cujas provas não podem ser contestadas. Ambas as partes têm obviamente um interesse comum em desejar que os casos de suposta agência "sobrenatural" sejam minuciosamente examinados.

Se a crença da última classe for ultimamente confirmada, os limites que o conhecimento humano respeitante ao mundo espiritual até agora alcançou poderiam ser apurados com algum grau de precisão. Mas, em qualquer caso, mesmo que pareça que o funcionamento mórbido ou irregular da mente ou dos sentidos explicará satisfatoriamente cada um desses prodígios, ainda assim,

algum progresso seria feito no sentido de apurar as leis que regulam o nosso ser, e assim aumentar o nosso escasso conhecimento de uma província obscura mas importante da ciência.

O principal impedimento a investigações deste tipo é a dificuldade de obter um número suficiente de casos claros e bem atestados. Muitas das histórias correntes na tradição, ou espalhadas em livros, podem ser exatamente verdadeiras; outras devem ser puramente fictícias; outras, ainda, — provavelmente o maior número —, consistem numa mistura de verdade e falsidade. Mas é inútil examinar o significado de um alegado facto desta natureza até que a fiabilidade, e também a extensão, das provas para o mesmo sejam apuradas.

Impedidos por esta convicção, alguns membros da Universidade de Cambridge estão ansiosos por, se possível, formar uma vasta coleção de casos autenticados de suposta agência "sobrenatural". Uma vez iniciado o inquérito, será evidentemente necessário procurar informação para além dos limites do seu próprio círculo imediato. A todos aqueles, então, que possam estar inclinados a ajudá-los, solicitam comunicações escritas, com detalhes completos de pessoas, tempos e lugares; mas não será exigido que os nomes sejam inseridos sem permissão especial, a menos que já se tenham tornado propriedade pública: é, contudo, indispensável que a pessoa que faça qualquer comunicação conheça os nomes e se comprometa com a verdade da narrativa pelo seu próprio conhecimento ou convicção.

O primeiro objetivo, então, será a acumulação de um corpo de factos disponível: o uso a ser feito deles deverá ser assunto para consideração futura; mas, em qualquer caso, a mera coleção de informação fidedigna será de valor. E é manifesto que uma grande ajuda no inquérito poderá ser derivada de relatos de circunstâncias que tenham sido em qualquer momento consideradas "sobrenaturais" e posteriormente provadas como devidas a delírios da mente ou dos sentidos, ou a causas naturais; (tais como, por exemplo, a operação daquelas forças estranhas e subtis que foram descobertas e imperfeitamente investigadas em tempos recentes;) e, de facto, geralmente, de quaisquer pormenores que possam lançar luz indiretamente, por analogia ou de outra forma, sobre os assuntos com os quais a presente investigação está mais expressamente preocupada.

A seguinte classificação temporária dos fenómenos sobre os quais se procura informação pode servir para mostrar a extensão e o caráter do inquérito proposto.

I. Aparições de anjos. (1.) Bons. (2.) Maus.

II. Aparições espetrais de (1.) O próprio observador (ex.: "*Fetches*" ou "*Doubles*"). (2.) Outros homens, reconhecidos ou não. (i.) Antes da sua morte (ex.: "Segunda Visão"). (a.) A uma pessoa. (b.) A várias pessoas. (ii.) No momento da sua morte. (a.) A uma pessoa. (b.) A várias pessoas.

1. No mesmo lugar.

2. Em vários lugares. i. Simultaneamente. ii. Sucessivamente. (iii.) Após a sua morte. Em ligação com (a.) Lugares particulares, notáveis por

3. Boas ações.

4. Más ações. (b.) Tempos particulares (ex.: no aniversário de qualquer evento, ou em épocas fixas). (c.) Eventos particulares (ex.: antes de uma calamidade ou morte). (d.) Pessoas particulares (ex.: assassinos assombrados).

III. "Formas" que não se enquadram em nenhuma das classes anteriores. (1.) Recorrentes. Em ligação com (i.) Famílias particulares (ex.: a "*Banshee*"). (ii.) Lugares particulares (ex.: o "*Mawth Dog*"). (2.) Ocasionais. (i.) Visões significando eventos, passados, presentes ou futuros. (a.) Por representação real (ex.: "Segunda Visão"). (b.) Por símbolo. (ii.) Visões de natureza fantástica.

IV. Sonhos notáveis por coincidências (1.) Na sua ocorrência. (i.) À mesma pessoa várias vezes. (ii.) Na mesma forma a várias pessoas. (a.) Simultaneamente. (b.) Sucessivamente. (2.) Com factos (i.) Passados. (a.) Anteriormente desconhecidos. (b.) Anteriormente conhecidos, mas esquecidos. (ii.) Presentes, mas desconhecidos. (iii.) Futuros.

V. Sentimentos. Uma consciência definida de um facto (1.) Passado, — uma impressão de que um evento aconteceu. (2.) Presente, — simpatia com uma pessoa sofrendo ou agindo à distância. (3.) Futuro, — pressentimento.

VI. Efeitos físicos. (1.) Sons. (i.) Com o uso de meios comuns (ex.: toque de sinos). (ii.) Sem o uso de quaisquer meios aparentes (ex.: vozes). (2.) Impressões de tato (ex.: sopros sobre a pessoa).

Cada narrativa de agência "sobrenatural" que possa ser comunicada será tornada muito mais instrutiva se acompanhada por quaisquer pormenores quanto ao temperamento natural do observador (ex.: sanguíneo, nervoso, etc.), constituição (ex.: sujeito a febre, sonambulismo, etc.) e estado no momento (ex.: excitado em mente ou corpo, etc.).

As comunicações podem ser endereçadas ao *Rev. B. F. Westcott, Harrow, Middlesex,* ou a

## NOTA B

## TESTEMUNHO:

## VISÃO ADOTADA POR DUAS ESCOLAS OPOSTAS

Desde que as páginas precedentes foram para a tipografia, recebi e li com muito prazer um panfleto, acabado de publicar em Londres e Edimburgo, intitulado "*Testimony: its Posture in the Scientific World*", por Robert Chambers, F.R.S.E., F.A.S., etc., sendo o primeiro de uma série de "*Edinburgh papers*", a serem emitidos por esse pensador vigoroso, — um homem que contribuiu tanto, talvez, como qualquer outro agora vivo, para a disseminação de informação útil entre as massas por todo o mundo civilizado. Não é a contribuição menos valiosa este mesmo panfleto.

O Sr. Chambers analisa a postura de duas escolas de filosofia em relação à força do testemunho: os físicos, de quem o Sr. Faraday é o tipo; e os filósofos mentais e morais, representados por Abercrombie e Chalmers.

A primeira, recorda-nos ele, tendo em conta "a extrema falibilidade dos sentidos humanos", não admitirá qualquer prova de qualquer facto natural extraordinário que não seja "absolutamente incapaz de ser explicado". Se o físico puder presumir qualquer erro na afirmação, é obrigado a rejeitá-la. "Praticamente" (acrescenta Chambers), "todos esses factos são rejeitados; pois não existe, decerto, nenhum facto extraordinário assente apenas no testemunho, do qual não seja possível presumir algum erro na observação ou no relato, se nos dispusermos a encontrar um." (p. 2.)

Assim, o Sr. Faraday, "defendendo o ceticismo da sua classe", argumenta que "não há confiança nos nossos sentidos, a menos que o juízo tenha sido largamente cultivado para a sua orientação". Ele fala como se houvesse uma mera possibilidade de que um homem não regularmente treinado na observação científica visse factos verdadeiramente de todo.

Não é assim com Abercrombie ou Chalmers. O grande teólogo escocês "professa caminhar pela filosofia baconiana. Ele reconhece que o conhecimento só pode fundar-se na observação, e que aprendemos 'descendo ao trabalho sóbrio de ver e sentir e experimentar'. Prefere o que 'foi visto por um par de olhos' a todo o raciocínio e adivinhação. ... Ele não propõe que apenas recebamos os factos maravilhosos da Escritura se não os pudermos explicar. ... Ele não nos pede para começar com uma compreensão clara do que é possível ou impossível. ... O que ele exige de nós 'ao entrar em qualquer departamento de inquérito', como a melhor preparação, é uma coisa muito diferente: nomeadamente, '*aquela*

*docilidade de espírito que se funda num sentido da nossa total ignorância do assunto*'."*

"Nenhum contraste", continua Chambers, "poderia ser mais completo. Num caso, o testemunho relativo a factos e ocorrências assumidamente naturais, embora novos, é tratado com um rigor que nos permitiria afastar qualquer coisa que não desejássemos receber, se não pudesse ser prontamente submetida a experiência ou imediatamente demonstrada num novo caso, — e talvez mesmo assim. No outro, o poder e a inclinação dos homens para observar corretamente qualquer facto palpável, e relatá-lo verdadeiramente, é afirmado sem exceção ou reserva. ... É claro que uma ou outra destas duas visões do testemunho deve ser inteiramente, ou em grande grau, errada, pois estão em total desacordo uma com a outra. Torna-se de importância, tanto em relação ao nosso progresso na filosofia como ao nosso código de crenças religiosas, apurar qual delas é a que envolve a maior quantidade de verdade." (p. 6.)

Quanto ao efeito, na vida quotidiana, de adotar a visão científica do testemunho, diz ele: "Suponha-se apenas, por um momento, que cada facto que nos fosse relatado por outros fosse visto à luz do sistema cético, quanto à falibilidade dos sentidos e à tendência para o autoengano. Não estaríamos a partir desse momento estagnados em todos os principais movimentos das nossas vidas? Poderia um banqueiro alguma vez descontar uma letra? Poderia um comerciante acreditar num relatório de mercado? Poderia o político depositar qualquer confiança na genealogia do monarca?

Poderíamos descansar com segurança sobre qualquer escritura ou documento legal até aqui pensado essencial para a manutenção da propriedade? Poderiam obter-se provas para a condenação do criminoso mais audaz e perigoso? Cada geólogo desconfiando do seu vizinho quanto à realidade da descoberta de fósseis em certas camadas, qual seria o progresso dessa ciência? Poderíamos, com algum rosto, pedir aos jovens que acreditassem num único facto da história, ou geografia, ou qualquer ciência envolvida na educação?

---

** Panfleto citado, p. 6. Os itálicos, em tudo, são como Chambers os tem.*

---

O que poderia ser mais seriamente inconveniente para os mortais, a menos que fosse a retirada do sol do firmamento, do que a abstração deste simples princípio do aparelho da vida social, de que todos podemos captar toleravelmente bem a natureza de um evento ou facto apresentado aos nossos sentidos, e dar uma representação justa dele em palavras posteriormente?

"Devo também atrever-me a dizer que a visão cética me parece em desarmonia com a filosofia indutiva. Bacon dá-nos muitos avisos contra opiniões preconcebidas e preconceitos; mas não nos manda desesperar de apurar factos através dos nossos próprios sentidos e do testemunho. Lamenta que haja um impedimento na aquisição de conhecimento pelo facto de o sentido da visão ser incapaz de penetrar 'a operação espiritual em corpos tangíveis';* mas em lado nenhum nos diz que a visão é tão falível que requeiramos um poder corretivo para nos assegurar de que realmente vimos alguma coisa." (p. 8.)

Referindo-se ao axioma de Faraday, de que devemos partir com ideias claras do possível e do impossível, Chambers observa astutamente: "Este método cético consiste muito em círculos viciosos. Não se pode saber se um facto é um facto até se terem apurado as leis da natureza no caso; e não se podem saber as leis da natureza até se terem apurado os factos. Não se deve professar ter aprendido nada até se ter apurado se é possível; e isto não se pode apurar até se ter aprendido tudo." (p. 9.)

Todo o panfleto é singularmente lógico, bem como prático na tendência, e compensará bem uma leitura. Incapaz, por falta de espaço, de estender muito mais os meus extratos dele, não devo omitir citar na íntegra o parágrafo final, incidindo estritamente, como incide, sobre o respeito que deve ser mostrado, e o crédito que pode apropriadamente ser concedido, àquelas classes de factos que é o objetivo desta obra colocar diante do público. Chambers diz:

"Se dei aqui uma visão verdadeira do testemunho humano, seguir-se-á que, entre a vasta multidão de coisas alegadas frequentemente ouvidas e habitualmente rejeitadas, existem muitas com direito a mais respeito do que aquele que ordinariamente recebem. É um pensamento estranho, mas possivelmente algumas verdades têm estado a bater à porta da fé humana por milhares de anos, e não estão destinadas a ser aceites por muitos que hão de vir, — ou, no máximo, podem receber por muito tempo apenas uma sanção desonrosa dos vulgares e obscuros, tudo devido a este princípio de ceticismo, de que os factos não têm valor sem uma relação óbvia com a lei apurada.

---

** Novum Organum, Livro I. aforismo 50.*

---

Caso o princípio contrário e (como penso) mais indutivo seja alguma vez adotado, de que os factos devidamente testemunhados são dignos de audição, com vista ao apuramento de alguma lei sob a qual possam ser classificados, um retrospeto liberal ao longo da história do conhecimento mostrará provavelmente

que mesmo entre o que tem sido considerado como as superstições da humanidade existem algumas realidades valiosas. Onde quer que haja uma perseverança e uniformidade de relato sobre quase qualquer assunto, por mais heterodoxo que possa ter parecido, ali podemos olhar com alguma esperança de que um princípio ou lei será encontrado, se devidamente procurado.

Há toda uma classe de alegados fenómenos, de um caráter misticamente psíquico, misturando-se com as crónicas de falsas religiões e da hagiologia, na qual parece não improvável que possamos descobrir alguns grãos de ouro. Talvez, aliás, provavelmente, alguma lei mística, centrada profundamente na nossa natureza, e tocando esferas distantes de 'existência não provada', percorra estes fenómenos indefinidos, — a qual, se alguma vez for apurada, lançará não pouca luz sobre as crenças e ações passadas da humanidade, — talvez aumentando a nossa garantia de que existe uma parte imaterial e imortal dentro de nós, e um mundo de relação para além daquele que agora pressiona os nossos sentidos."*

---

** Panfleto citado, p. 24.*

---